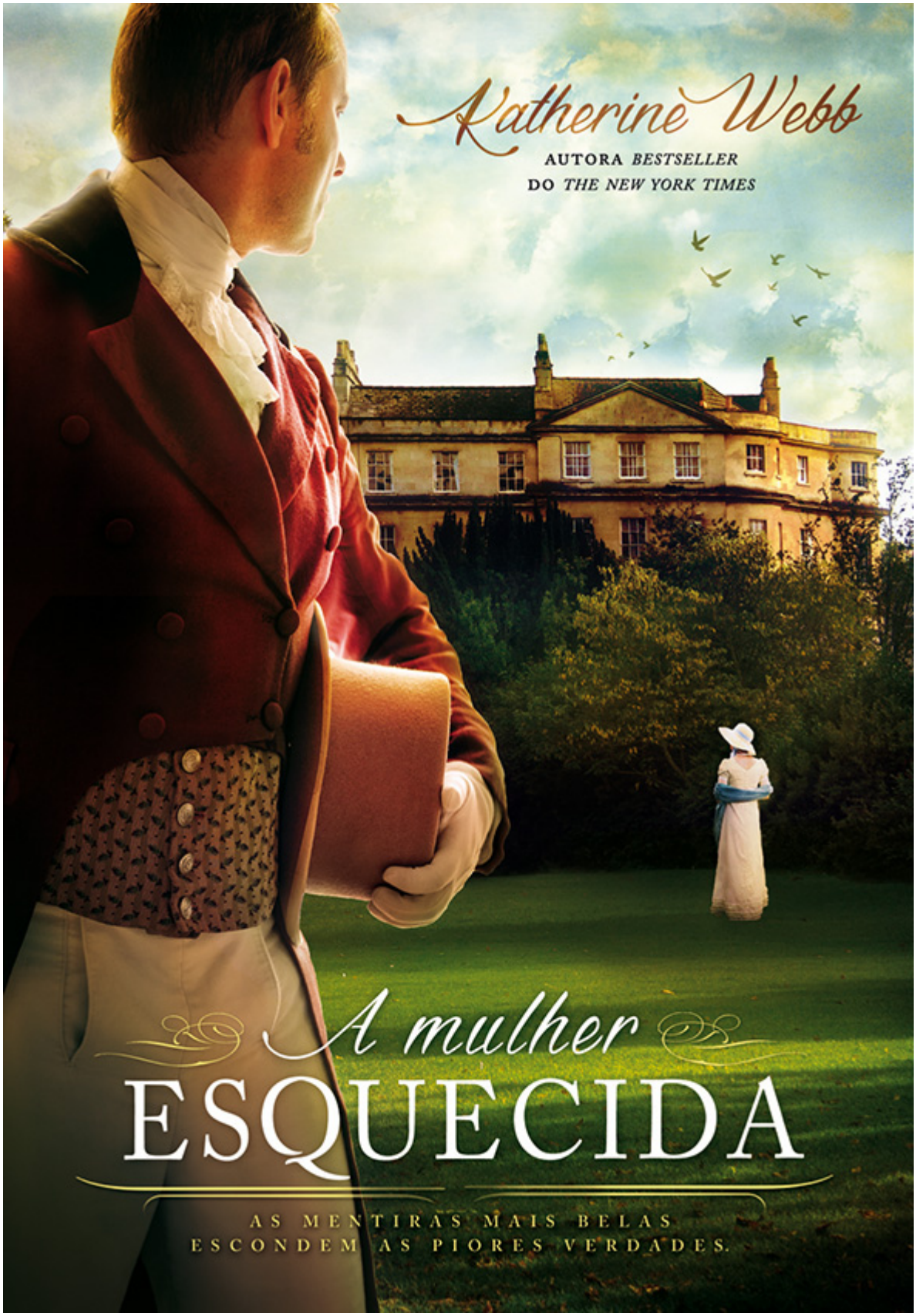

Katherine Webb
AUTORA BESTSELLER
DO THE NEW YORK TIMES
A mulher
ESQUECIDA
AS MENTIRAS MAIS BELAS
ESCONDEM AS PIORES VERDADES.


Katherine Webb
AUTORA BESTSELLER
DO THE NEW YORK TIMES
A mulher
ESQUECIDA
AS MENTIRAS MAIS BELAS
ESCONDEM AS PIORES VERDADES.

Epígrafe

Como é dura a sorte das mulheres todas,

Eternamente sujeitadas, eternamente confinadas, O pai controla-nos até sermos esposas,

O marido escraviza-nos o resto das nossas vidas.

(«The Ladies' Case», canção tradicional inglesa do século XVIII) *O teu coração está atado a um outro,*

Bem apertado, como a árvore dos amantes;

Ambos podem cair, mas não um, ou o outro;

No meio dos dois não encontra lugar para mim.

Deixa-me então ser como a aurora —

E crescer em redor de vós ambos.

1803

Odia em que a criança chegou, vinda do pântano, foi um dia de frio mortal. Soprara uma nortada constante durante todo o dia, fazendo doer os ouvidos, o peito e os ossos; os pés descalços da criança faziam estalar a crosta de gelo sobre o solo cheio de água. Foi lentamente em direção à casa da quinta, indo de oeste, com o rio engrossado a deslizar silenciosamente a seu lado e o Sol baixo suspenso sobre o seu ombro, maligno e leitoso como um olho cego. Uma mulher ainda jovem deixou a casa da quinta e atravessou o pátio em direção ao galinheiro. A princípio, não viu a criança, ocupada a aconchegar o xaile sobre os ombros, e virou o rosto para o céu para ver a murmurante multidão de estorninhos que vinham empoleirar-se no castanheiro-da-

índia. Os pássaros tagarelavam e guinchavam uns para os outros, modulando o voo como um único ser amorfo, como fumo, antes de

desaparecerem como tal nos ramos despidos. A criança continuou a andar a direito e pelo portão para o interior do pátio. Vacilou quando a jovem reparou nela e a chamou — não ouvindo as palavras, apenas o som, que a sobressaltou. Parou e balançou-se sobre os pés. A casa da quinta era grande, feita de pedra clara. Das suas chaminés evolava-se fumo e, atrás das janelas do piso mais baixo, uma cálida luz amarela iluminava com o seu brilho o solo lamacento. Essa luz atraiu a criança irresistivelmente, como faria a uma traça. Significava calor, abrigo; a possibilidade de alimento. Com pequenos passos irregulares, continuou em direção a ela. O pátio subia ligeiramente a encosta na direção da casa e o esforço de subir fazia-a andar aos ziguezagues, tropeçando a torto e a direito. Estava tão perto, tão próxima de ser capaz de estender a mão e encharcá-la daquele resplendor dourado. Mas depois caiu, e não voltou a erguer-se. Ouviu a mulher gritar com alarme, e sentiu-se manuseada, recolhida. A seguir, não sentiu mais nada durante algum tempo.

A criança acordou depois por causa das dores nas mãos e pés. O estranho calor do sangue causava-lhes comichão e sentia-os latejarem e formigarem de forma insuportável. Tentou agitar-se, mas estava segura com demasiada firmeza. Abriu os olhos. A jovem do pátio tinha-a agora no seu colo, embrulhada num cobertor. Ao lado delas, o lume crepitava numa lareira cavernosa. O calor e a luz eram assombrosos. Havia um teto com vigas sobre a sua cabeça e velas cintilantes numa prateleira próxima, e tudo parecia um outro mundo.

— Não podes estar a falar a sério com pô-la na rua… não com tanto frio! — disse a mulher jovem. A sua voz era suave, mas ardente. A criança levantou os olhos para ela e viu um rosto de tal modo encantador que achou poder estar nos braços de um anjo. Os cabelos do anjo eram muito, muito claros, da cor da nata fresca. Os seus olhos eram enormes e suaves, e muito azuis, orlados por longas pestanas que eram como minúsculas penas douradas; tinha maçãs do rosto salientes, um maxilar anguloso e um queixo pontiagudo suavizado pela sugestão de uma covinha.

— É uma vadia, não haja dúvidas sobre isso. — Esta era uma voz mais velha, de tom mais severo.

— Que interessa? É uma criança, e certamente morrerá se passar outra noite ao desabrigo e sem comida. Olha, olha para ela! Não tem mais que ossos, como uma cria desgraçada expulsa do ninho. — A jovem baixou os olhos, viu que a criança estava acordada e sorriu.

— Ela vai destrancar a porta para a gente dela entrar durante a noite, ouça o que lhe digo. Vai deixá-los entrar, e levarão tudo o que temos, incluindo a sua virtude!

— Oh, Bridget! Não fiques sempre tão assustada! És uma escrava das tuas suspeitas. Ela não vai fazer tal coisa, é apenas uma criança!

Uma inocente.

— Não há ninguém mais inocente nesta casa do que a Menina Alice

— murmurou Bridget entre dentes. — Falo por prudência, não por medo.

De que lado veio ela?

— Não sei. Apareceu de um momento para o outro. — A jovem puxou uma pena dos cabelos da criança com a ponta dos dedos. — Foi como se os estorninhos a tivessem trazido.

— Isso não é senão uma fantasia. Ela deve estar infestada de piolhos e vermes, não a ponha tão perto de si! Não consegue cheirar a podridão que há nela?

— Como podes falar assim de uma criança, Bridget? Não tens coração? — Alice aconchegou a criança mais para si, protetoramente. A criança encostou o ouvido ao peito de Alice, e ouviu a forma como o seu coração batia com força, apesar de

parecer calma. Batia com força e vacilava e tropeçava em si próprio. Sentiu o rápido subir e descer da respiração sob as costelas do salvador. — Pô-la fora seria a mesma coisa que matá-la. Infanticídio! Não o farei. E tu também não.

Por um momento as duas mulheres fitaram-se. Depois, Bridget

levantou-se da cadeira e cruzou os braços descarnados.

— Assim seja, e que as consequências caiam sobre a sua cabeça, menina — disse ela.

— Ótimo. Obrigada, Bridget. Vais buscar-lhe uma sopa, se fazes favor? Deve estar com fome. — Apenas quando a mulher mais velha deixou a sala é que Alice relaxou um pouco, e levou a mão livre ao peito.

Baixou os olhos para a criança e sorriu novamente. — Discutir com Bridget deixa-me sempre com o coração aos pulos — disse ela sem fôlego. — Como te chamas, pequenina? — Mas a criança não conseguia responder. A língua parecia paralisada no interior da sua boca e a sua mente estava demasiado cheia com as sensações de calor e formigueiro.

— Agora, não precisas de ter medo. Aqui estarás a salvo e quente, e terás comida. Oh, olha… aqui está outra! — disse Alice, desentranhando uma segunda pena dos cabelos da criança. — Chamar-te-emos Starling[1] por agora. — Starling fitou o anjo e nesse instante esqueceu tudo — onde estivera, a quem pertencia, qual o seu nome anterior, e a fome que lhe remexia as entranhas. Esqueceu tudo, exceto que amava Alice, que ficaria com ela para sempre e que faria tudo para lhe agradar. Depois adormeceu.

[1] *Starling* — Estorninho, em português. [N. do T.]

Odia do casamento foi um dia de sinais e prodígios. Rachel tentou não os ver, uma vez que a metade mais elevada do seu espírito sabia que não podia acreditar neles, mas eles continuaram a surgir. Ela conseguia perfeitamente imaginar a sua mãe a troçar de uma tal fragilidade do pensamento, mas com um sorriso para suavizar as palavras. *Nervos, minha querida. Isso não é mais do que um toque de nervos.* Apesar disso, Rachel continuou a vê-los, e os sinais pareciam avisos, todos eles. Uma pega solitária pisando com jactância o relvado; uma tordeira a cantar no poste do portão. Pisou a combinação enquanto a vestia, e rasgou-a ao longo da cintura; quando desenrolou os trapos dos cabelos, todos os caracóis ficaram de imediato pendentes. Mas era o primeiro dia seco em mais de uma semana — isso era seguramente um bom sinal. Era o princípio de setembro, e o tempo ficara tempestuoso durante os últimos dias de agosto, com chuva pesada e ventos fortes que destruíram as folhas ainda verdes. Rachel tivera esperança de que ainda fosse verão quando se casasse, mas era já definitivamente outono. Outro sinal. Com os braços doridos, desistiu de arranjar os cabelos e foi até à janela. Havia sol, mas era baixo e inseguro — o tipo de sol que nos apanha os olhos e cega em vez de aquecer. *Esta será a última vez que estou a uma janela de Hartford Hall, desejando estar noutro sítio qualquer,* recordou a si mesma, e esta ideia superou todos os sinais de aviso. De manhã, iria acordar para uma nova vida, numa nova casa, como uma nova pessoa. Uma esposa; não mais uma solteirona, uma ninguém.

A mãe de Rachel certamente teria afastado estes supostos sinais, e reafirmado à filha que a correspondência era justa, dadas as circunstâncias. Anne Crofton fora uma mulher prática; boa e afetuosa, mas inteiramente pragmática. Não casara com o pai de Rachel por amor, mas por bom senso; embora o amor tivesse mais tarde crescido entre eles. Ela teria aprovado a forma cautelosa como Rachel considerara a proposta de Richard Weekes antes de a aceitar. Ele era, por nascimento, de condição inferior, mas as suas perspetivas eram boas e o negócio florescente. O seu rendimento era mais do que suficiente para manter uma esposa modestamente confortável. Os modos eram um tanto grosseiros, mas não havia

dúvidas de que tinha encanto; e com encanto inato, Rachel poderia modelar o resto. Um diamante em bruto a que ela

poderia dar algum brilho. E por muito mais etéreo que o nascimento dela tivesse sido, continuava a ser verdade que o seu estatuto atual era inferior. Todas estas coisas ela poderia ouvir a mãe dizer-lhe, quando fechasse os olhos à noite e sentisse a falta dos pais com uma sensação de terrível dor nos ossos. E na voz do pai… bem, ele teria dito menos. Em vez disso, ela teria visto apreensão nos seus olhos, porque John Crofton tinha casado por amor, e sempre disse que isso o tornara o mais feliz dos homens vivos.

Mas Rachel também tinha um argumento preparado para ele: ela sabia que Richard Weekes a amava. Assim, ela entrava em jogo no mesmo pé em que os seus pais tinham entrado, e esperava ser tão feliz como eles tinham sido. Rachel não acreditara no amor à primeira vista

— não até ter encontrado Richard a primeira vez, em junho, e observado o encontro atingi-lo como um raio. Ele fora a Hartford Hall com uma seleção de vinhos de Bordéus para *Sir* Arthur Trevelyan provar, e esperava por ele na salinha quando Rachel entrou no compartimento à procura de um baralho de cartas. Lá fora, formara-se uma tempestade de verão, trazida por uma semana de calor entorpecedor; o céu escurecera e estranhas cintilações de relâmpago apareciam e desapareciam como pirilampos. Presas dentro de casa, as duas miúdas mais novas sob a sua guarda estavam inquietas e de mau humor, e ela esperava distraí-las com whist. Não tinha sabido que havia alguém na salinha, por isso entrou com uma pressa pouco própria de uma senhora, e de cenho franzido.

Richard saltou da cadeira e endireitou o casaco, e Rachel imobilizou-se abruptamente. Encararam-se por um momento silencioso de suspensão e, em seguida, Rachel viu como tudo aconteceu.

Os olhos de Richard arregalaram-se e as palavras que se tinham formado na sua boca nunca chegaram a ser articuladas. Inicialmente, empalideceu bastante, depois ficou intensamente corado. Fitou-a com uma intensidade que parecia ser vizinha do assombro. Pela sua parte, Rachel ficou demasiado abalada para dizer o que fosse, e as suas desculpas murmuradas pela intrusão morreram-lhe também nos lábios.

Mesmo à luz evanescente do exterior, que lhe fazia o rosto ardente parecer um pouco adoentado, Richard era cativantemente bonito: alto e largo de ombros, ainda que não se perfilasse tão direito como deveria.

Tinha cabelos castanhos-claros, em tons de terra, olhos azuis e o maxilar quadrado. Apesar de si própria, perante um tal escrutínio, Rachel corou.

Sabia que não era suficientemente bela para ter causado tal perturbação

apenas pelo seu rosto ou pela sua figura — era demasiado alta, o corpo demasiado liso e estreito. O seu cabelo era de um louro claríssimo, mas era muito fino e não encaracolava; os seus olhos eram grandes, de pálpebras grossas, mas a boca era demasiado pequena. Então, o que poderia ter sido aquilo senão compreensão? A compreensão de que ali estava a pessoa de quem andava à procura, sem sequer o saber; ali estava o contraponto da sua alma, aquele que haveria de trazer harmonia.

Havia uma névoa de transpiração no lábio superior de Richard quando, por fim, se ouviram os passos de *Sir* Arthur, e ambos foram libertados do encantamento. Rachel mergulhou numa vénia desgraciosa e virou-se para sair, sem o baralho de cartas, e Richard bradou-lhe:

«Menina… peço que me perdoe», enquanto ela se afastava. A voz dele era profunda e macia, e intrigou-a. Ela voltou a subir aos quartos das crianças sentindo-se estranhamente sem fôlego e

distraída. Eliza, a filha mais velha da casa, estava enrolada num lugar à janela, a ler um livro.

Levantou os olhos, carrancuda.

— O que se passa contigo? — disse ela, carregando a pergunta de desprezo. Era uma sorte para Eliza ser morena, delicada e bonita. Uma rapariga mais vulgar não conseguiria levar a melhor com uma personalidade tão irascível, mas aos quinze anos Eliza tinha um grande número de admiradores.

— Nada que lhe diga respeito — replicou friamente Rachel. Houvera momentos, durante os seis anos em que Rachel fora governanta em Hartford Hall, mais momentos do que deveria ter havido, em que os dedos lhe arderam com vontade de fechar a boca de Eliza com a palma da mão.

Durante algumas semanas depois disso, Richard Weekes surgiu aqui e ali, inesperadamente, afirmando que tinha assuntos a tratar na zona. No lado de fora da igreja; junto da mercearia da aldeia; no relvado ao domingo à tarde, onde as pessoas se juntavam para mexericar e intrigar.

Foi a Hartford umas quantas vezes, para perguntar ostensivamente pelos últimos vinhos que entregara, e como se estavam a beber. Foi com tanta frequência que *Sir* Arthur ficava cada dia mais irritável, tratando-o com brusquidão. Mas Richard Weekes continuou a ir, e demorava-se, e quando vislumbrava Rachel, arranjava sempre maneira de lhe falar. E

depois pediu-lhe autorização para lhe escrever, e Rachel sentiu um peculiar sobressalto no estômago, porque, a partir desse momento, não havia dúvidas sobre as suas intenções. Escreveu-lhe numa caligrafia

difícil em que cada letra se recusava teimosamente a ligar-se à seguinte.

A prosa era colorida por particularidades de soletração e de gramática, mas as mensagens que transportava eram doces e ardentes.

Ela só tivera uma única proposta de casamento antes, apesar de, nos tempos antes do seu descrédito, a sua família ter sido rica e respeitada.

Rachel nunca fora bela, mas atraente e suficientemente bem-falante para despertar interesse em mais de um jovem cavalheiro. Mas nunca lhes dera razões para terem esperança, nem os encorajara, por isso apenas um jamais reunira coragem para pedir a sua mão — James Beale, filho de um vizinho próximo, a caminho de Oxford para estudar Filosofia. Ela recusara o mais amavelmente que pôde, sentindo que deveria esperar —

esperar o quê, ela não conseguia dizer. Havia já perda na sua família, nessa altura, mas não foi a dor que a impediu; apenas o desejo de qualquer coisa que dificilmente conseguia apontar — talvez um certo grau de convicção. Ela não tinha uma natureza romântica; não estava à espera que a sua alma levantasse voo quando encontrasse o homem com quem se casaria. Mas esperava sentir *qualquer coisa;* qualquer coisa mais. Uma sensação de completude, e de certeza.

Richard Weekes debateu-se com a sua proposta quando chegou o momento, tropeçando nas palavras, com as maçãs do rosto em brasa; e poderá ter sido essa súbita exibição de vulnerabilidade que convenceu Rachel, no momento, a aceitar. Tinham andado a passear, com as crianças a fazerem de vela, numa tarde quente dos finais de julho. Os campos em redor de Hartford Hall, nas imediações da aldeia de Marshfield, a norte de Bath, estavam mais dourados do que verdes, sonolentos com o calor e a luz. Fora um ano quente, o trigo amadurecido cedo e os campos de feno cheios de flores selvagens — papoilas, centáureas-azuis e tufos de ervilhaca. Chegaram ao canto superior de uma pastagem íngreme, onde o ar se impregnava do cheiro a terra e a excrementos recentes, e pararam à sombra de uma faia, enquanto as crianças

corriam adiante através da erva alta, como pequenos navios num mar sem água — todas menos Eliza, que se sentou no muro baixo de pedra, a alguma distância, abrindo um livro e virando-lhes as costas ostensivamente.

— Este é um belo sítio, não é? — disse Richard, de pé ao lado dela, com as mãos cruzadas atrás das costas. Despira o casaco e arregaçara as mangas da camisa, e Rachel reparara na compleição sólida dos seus braços, no aspeto avermelhado e rude das suas mãos. As mãos de um

trabalhador, não de um cavalheiro. Calçava botas altas de couro, muito usadas, sobre calções cor de rapé e um casaco curto azul ligeiramente grande de mais para ele. *Comprado em segunda mão e nunca emendado.*

Isso não torna o homem menos digno, pensou Rachel.

— É uma das minhas vistas preferidas — concordou Rachel. Para lá de uma linha de bétulas e salgueiros podados ao fundo do declive, a terra elevava-se de novo, tomando tudo, formando um xadrez de campos.

Muito acima deles um urubu jovem chamava o seu par através do céu sem nuvens, de voz ainda assobiada e juvenil, embora se elevasse a centena e meia de metros sobre as suas cabeças. Rachel sentia a pele do nariz presa e esperou que não fosse queimada do sol. O seu chapéu de palha estava a fazer-lhe comichão na testa.

— Deve nunca querer sair de Hartford — disse Richard.

— Tenho a certeza que há imensos sítios que poderei vir a amar do mesmo modo. E os sítios que se deixam podem sempre ser visitados de novo — disse Rachel.

— Sim. Poderá sempre voltar para o visitar. — Depois disto, Richard Weekes pareceu sentir que assumira demasiado. Olhou para os

pés, deslocando-os ligeiramente. — Cresceu aqui perto, não foi o que disse?

— Sim. A minha família vivia no vale By Brook, nem a dez quilómetros daqui. E passei três temporadas em Bath, antes… antes de a minha mãe nos ter sido tirada. — *Antes de tudo ter sido feito em pedaços,* foi o que ela não disse.

— Perdoe-me, não tive qualquer intenção de suscitar recordações tristes.

— Não, eu sei que não teve… são recordações felizes, Sr. Weekes.

Após uma pausa, Richard aclarou a garganta, baixinho, e continuou:

— Imagino então que tenha alguns conhecimentos, em Bath e nos arredores? Pessoas que conheceu durante as temporadas em que esteve lá?

— Alguns, suponho — disse Rachel com embaraço. Ele parecia não compreender que toda aquela sociedade terminara com a desgraça do seu pai; deu-se conta de que não tinha um particular desejo de o esclarecer.

Ela falara sobre perder os pais, e ele parecera aceitar como razão suficiente para ela ter aceitado um lugar como governanta, sem quaisquer conotações de vergonha ou penúria. — Mas passaram muitos anos desde que estive lá.

— Oh, não terá sido esquecida, Menina Crofton. Estou inteiramente convencido disso. Não seria possível esquecerem-se de si — disse ele, apressadamente.

— Muito boa gente entra e sai da cidade — objetou ela. — Cresceu lá, também?

— Na verdade, não. Cresci pelas aldeias, como a menina. O meu pai era moço de estrebaria. Mas a vida da cidade é-me mais

favorável.

Bath serve-me muito bem, não quereria viver noutro sítio qualquer.

Apesar de haver lá pecado e misérias, claro, e é mais visível, talvez, onde as pessoas vivem mais em cima umas das outras.

— A vida pode ser cruel — murmurou Rachel, incerta quanto à razão pela qual ele haveria de referir tais coisas.

— A vida, mas também os homens. Uma vez vi um homem a espancar uma criança pequena; um rapaz, esfarrapado e cheio de fome com não mais de seis anos de idade. Quando o impedi, o homem contou-me que caíra uma maçã do seu carrinho e que a criança a tinha surripiado da sarjeta. E por isto, ele bateu no desgraçado com a bengala. — Richard abanou a cabeça, fitando o dia ensolarado, e Rachel esperou. — No fim, acabámos ao murro. Receio ter-lhe partido os queixos. — Virou-se para a fitar de novo. — Isso choca-a? Está estarrecida, Menina Crofton?

— O que me deverá chocar? Que um homem cruel espanque uma criança por causa de uma maçã, ou que tenha intervindo e punido o homem? — disse ela severamente. *Ele tenta com tanto afinco que eu saiba que ele é corajoso, justo e sensível.* Richard parecia ansioso, pelo que ela sorriu. — A crueldade com a criança foi de longe um mal pior, Sr. Weekes.

Richard então tomou-lhe a mão, e subitamente Rachel teve uma consciência demasiado nítida das costas rígidas de Eliza e dos seus ouvidos à escuta, e do riso distante das outras crianças. Uma brisa fez estremecer as folhas da faia e uma faixa de ar agitou-se contra a sua face.

É agora.

— Já lhe disse quanto eu… a admiro, Menina Crofton. Quanto a amo, como nunca amei outra. Tem de casar comigo. — A voz de Richard era tão tensa que a proposta lhe saiu como uma ordem

cortante, e as suas faces arderam-lhe, vermelhas. Baixou de novo os olhos para os pés, embora continuasse a pegar-lhe na mão. Era quase como uma vénia, como uma súplica. — Creio que seria uma aliança vantajosa, para ambos. A sua gentileza e os seus modos são… tão admiráveis, Menina

Crofton. Os seus conhecimentos em Bath… os nossos recursos combinados, quero dizer… apenas podem… apenas podem conduzir à partilha de um futuro de muito maior… o que eu quero dizer é que, por favor, case comigo, suplico-lhe. — Tossiu, recompôs-se. — Se me desse a grande honra de ser minha esposa, eu juro que devotarei a minha vida ao seu conforto e cuidado. — Respirava profundamente, levantando os olhos como se mal ousasse fazê-lo. — *Duas propostas, quase com uma década de permeio; esta de algum modo a menos graciosa, mas seria sem dúvida a última.* Rachel não se sentia confiante, mas o céu estava pintado do mais brilhante azul, e a mão dele estava tão quente quanto a face ruborizada, e os seus olhos estavam inquietos enquanto esperava a resposta dela às suas palavras desajeitadas. O sol assomava das linhas íngremes das suas maçãs do rosto e do maxilar. *Um rosto belo, e todo corado por amor de mim.* Sentiu inchar o coração, e abriu-se nele uma pequena fenda; um vislumbre de sentimento que era inesperado, ausente há muito, e lhe levou lágrimas aos olhos.

— Sim. Eu casarei consigo, Sr. Weekes — disse ela.

Rachel e Richard casariam na capela junto a Hartford Hall e depois viajariam de imediato para Bath, para a casa de Richard, onde iriam viver.

— Em que rua fica a casa? — atacou Eliza quando ouvir falar deste plano.

— Esqueci-me. Kingsgate, talvez? — disse Rachel, inventando o nome de forma evasiva. A casa ficava de facto em Abbeygate Street, e o seu coração afundara-se quando tinha contado isto à enfermeira-chefe, Mina Cooper, e observara a boa mulher a tentar

encontrar alguma coisa boa para dizer acerca da morada. *Ouso dizer que tem muitos melhoramentos desde que lá estive a última vez.*

— Kingsgate? Não conheço nenhuma Kingsgate. Não pode ser perto de nenhuma das ruas melhores, se nunca ouvi falar dela.

— É possível que haja coisas neste mundo sobre as quais ainda não saiba nada, Eliza. — Havia coisas, por exemplo, que Rachel agora sabia acerca de Richard que poucas outras pessoas sabiam. Que, apesar do seu aspeto jovial, já tinha ultrapassado os trinta anos. Que a coisa que mais gostava de comer era pão mergulhado na manteiga quente onde tinham sido salteados cogumelos. Que tinha medo de montar, pois fora violentamente derrubado em criança. Que, embora o pai tivesse sido um moço de estrebaria, Richard se elevara pelo trabalho duro, pelo bom

gosto e autodidatismo, tornando-se um dos negociantes de vinhos e aguardentes mais bem-sucedidos de Bath.

Ele contou-lhe todas estas coisas, sem ela lho pedir; como um homem que se desnudasse — deixando-a saber ao mesmo tempo sobre o bom e o mau, para que ela o conhecesse completamente, e isso fizesse com que confiasse nele. Ele não pareceu reparar que lhe fizera poucas perguntas em troca, ou que ela dera escassa informação sobre si própria de forma voluntária. E por cada coisa que ele lhe contou, uma dúzia de outras questões eram formuladas num recesso distante da sua mente.

Esta curiosa observadora era subtil como uma sombra; era como o eco de uma voz, vinda de um lugar profundo; uma parte de si que de algum modo se separara, nos anos de perda e de dor que se tinham seguido à sua infância feliz. Mas era uma voz que ela acalentava; a qual, quando ouvida, lhe dava uma guinada de perda que ia para além da carne, e de alegria ao ouvi-la de novo, por mais baixinho que fosse. Em relação ao tema Richard Weekes, era quase infantil, cheia de fascínio, prazer envergonhado e dúvida fugaz.

Sir Arthur e *Lady* Trevelyan declararam como lhes competia que sentiriam a falta da Menina Rachel, quando ela lhes disse que se iria embora. Ela suspeitava que aquilo de que eles mais lamentavam era ter de pôr um anúncio para uma nova governanta. Apenas Frederick, a criança mais nova, parecia sofrer genuinamente com a ideia de a perder.

Quando ele lhe lançou os braços à volta da cintura e enterrou o rosto na sua saia para esconder as lágrimas, Rachel foi trespassada pelo remorso.

— És um bom menino, Freddie, e eu vou ter muitas saudades tuas.

Espero que façamos visitas frequentes um ao outro — disse-lhe ela.

— Duvido — interveio Eliza. — Bath é tão aborrecida e…

reduzida, nestes tempos. Viajaremos mais vezes para Lyme daqui para a frente, acho eu. E mesmo que fôssemos a Bath, ouso dizer que frequentaríamos círculos bastante diferentes. — Na sua acrescida falta de simpatia, Rachel leu um toque de tristeza também em Eliza. Receava que Eliza fosse uma daquelas pessoas que apenas conseguiriam ser capazes de se expressar através da ira, pelo que reuniu forças para ir junto da rapariga e beijar-lhe a face.

— Seja feliz, Eliza. E tente ser bondosa — disse ela. Eliza olhou-a furiosamente, virando depois a cara. Ficou resolutamente a olhar pela janela, parecendo como se a coisa de que mais gostaria de fazer fosse abrir o caixilho e voar através dela para o mundo vasto, para longe de

sua casa, com todas as suas paredes e portas, as suas linhas retas e regras ainda mais a direito.

Um batimento na porta fez Rachel afastar o olhar da janela. O seu vestido de casamento — na verdade o seu único vestido bom, de algodão bege, de mangas curtas e apanhado abaixo do busto — agitou-se à volta dos tornozelos. Sentiu os caracóis caídos do

cabelo rasparem-lhe o pescoço, e perguntou-se se não era demasiado tarde para fazer alguma coisa deles. Foi Eliza quem entrou no quarto, sem esperar que o seu toque fosse respondido.

— Se estás pronta para casar com o lojista, o pai trouxe-te a carruagem para a frente. Eu disse que eram cinquenta metros até à capela e fáceis de ir a pé, mas ele insiste que uma carruagem é adequada para um casamento — disse ela, com ar de tédio. Usava um belo vestido de cetim creme, debruado com um bordado complicado, muito melhor do que qualquer coisa que Rachel possuísse. Rachel pensou que aquele era um derradeiro exemplo de falta de tato da sua antiga pupila.

— Obrigada, Eliza. Estou pronta.

— Mas… o teu cabelo…

— O meu cabelo tem de servir. Está vento lá fora, de qualquer modo. E, além disso, o Sr. Weekes não se importará.

— Ele talvez não se importe, mas talvez tu devesses importar-te.

Senta-te aqui um momento. — Eliza apanhou ganchos perdidos sobre o toucador e começou a colocar alguns nas tranças soltas. — Devias ter deixado a Bessie vir ajudar-te — murmurou ela entre dentes.

— Como tantas vezes me disse, a Bessie tem coisas suficientes para fazer sem ter de me pentear.

— É o dia do teu *casamento*, Menina Crofton. E a razão de te recusares a usar uma frente falsa de caracóis como deve ser, é coisa que nunca saberei. Menina Crofton, Menina Crofton… pensei que gostasses de ouvir isto mais umas vezes antes de te tornares na Senhora Weekes.

— É bondade sua ir a um casamento que tanto desaprova — disse Rachel, divertida.

— Nunca disse que desaprovava. O Sr. Weekes está… bem. Mesmo certo para ti, suponho eu. — Eliza encolheu os ombros.

— Um homem bom e honesto, e que me ama. Sim, eu chamaria a isso mesmo certo — disse Rachel, e ao espelho viu Eliza corar ligeiramente, lábios finos ao apertarem-se. Uma ideia ocorreu-lhe então

— de que Eliza pudesse de algum modo invejá-la. Ela apanhara a

rapariga, mais de uma vez, a espiar Richard Weekes pela janela. Ele encarnava uma figura romântica, e era bonito — mais do que bonito que chegasse para encantar uma miúda de quinze anos. Rachel sabia que não deveria deixar que isto lhe agradasse, porque Eliza era realmente apenas uma criança; mas, ainda assim, quando ela por fim se ergueu do toucador, foi com uma boa dose de maior determinação.

Desceu pela larga escadaria com a sua extensa balaustrada, caminhando ao longo do rico tapete turco do corredor, em direção às altas portas da frente. O reflexo de Rachel acompanhou-a, esvoaçando de vasto espelho em vasto espelho como um fantasma sociável, e havia qualquer coisa de profundamente reconfortante nesta dualidade. A tentação de ver o seu reflexo como uma pessoa distinta era forte. Não ousou virar a cabeça para olhar, porque sabia o que veria — apenas ela própria; nenhum companheiro a seu lado, afinal. Provavelmente, nunca mais entraria numa casa tão grandiosa, mas Hartford Hall era também fria, e inflexível. Houvera pouco riso, apesar das crianças, e poucos convidados. Rachel sempre a considerara um local triste e silencioso, depois do calor e da alegria da casa da sua infância e da constante tagarelice feminina da escola interna. Viu mentalmente a forma como o seu pai e o seu irmão mais novo, Christopher, tinham lutado — rolando no tapete diante da lareira, lançando-se às costelas um do outro até que o riso os deixasse impotentes; tentou imaginar *Sir* Arthur a comportar-se do mesmo modo com Freddie, e não conseguiu. Mas talvez tivesse sido ela que trouxera alguma daquela calmaria para

Hartford, com o luto pela perda dos seus pais; porque alguma parte de si mesma morrera com eles, ou assim parecia.

A mãe fora primeiro, de um ataque; o pai, três anos depois, quando a dor o conduzira à ruína, ao escândalo, e a casa e toda a mobília foram vendidas para fazer frente à insolvência. Os médicos tinham ficado confundidos quando ao que na verdade causara a sua morte, mas Rachel, que vira a expressão do seu rosto e lhe dera um beijo para, pela última vez, lhe desejar boa-noite, tinha a certeza que o seu bom e gentil pai morrera de vergonha. A ideia era demasiado dolorosa, pelo que ela tentou não a pensar. Havia a pega, empoleirada no poste do portão quando a carruagem a levou para longe das portas da frente. *Uma por tristeza.* Rachel ergueu dois dedos para o saudar, apesar de tudo o que seria mais razoável.

Nervos. Nada mais. A vida estava prestes a mudar para sempre,

afinal. Ela poderia ser perdoada por se sentir ansiosa, em especial porque estava sozinha em todas as suas decisões, sem recurso ao conselho de um pai ou parente mais velho. *Talvez eu esteja apenas com necessidade de uma segunda opinião.* Ela passara a conhecer e a confiar em Richard, mas o namoro fora rápido. Por vezes, quando ele sorria, parecia que outros pensamentos, mais sérios, lhe pairavam atrás dos olhos; e, por vezes, quando ele estava sério, os seus olhos dançavam em silencioso folguedo. Por vezes, ela erguia os olhos para descobrir que ele a observava com uma expressão que ela não reconhecia e não conseguia decifrar. Tais coisas aprendem-se ao longo do tempo. *Aprenderei a lê-lo, e ele aprenderá a ler-me.* Mas ele dizia-lhe que a amava, vezes sem conta, e jurava-lhe a sua devoção. E ela vira o efeito que tivera sobre ele quando se encontraram pela primeira vez. Ainda assim, o seu coração batia com força enquanto fazia a sua caminhada solitária ao longo da nave para se lhe juntar em frente do altar. Ela não tinha nenhum parente homem que a acompanhasse — muito antes de a sua mãe morrer, o seu irmão Christopher tinha sido levado por uma febre, aos nove anos; *Sir* Arthur estabelecera os limites ao não tomar sobre si este dever familiar.

O lado da noiva, na capela, estava povoada quase exclusivamente por pessoas ausentes, mas ela imaginava-as lá à medida que avançava, e imaginava-as contentes e aprovadoras da sua escolha. Mantinha-se muito direita e caminhava a passo comedido.

Richard vestia o seu melhor casaco azul e uma gravata branca, com o cabelo penteado para trás e o queixo escanhoado. Era impressionantemente encantador; os seus olhos eram límpidos e apreensivos enquanto a observava a aproximar-se. Ficou suficientemente perto dela para que os seus braços se encostassem enquanto o pastor dava as boas-vindas. Parecia existir uma promessa naquele toque — de que em breve não haveria nada, nem mesmo pano, entre a pele de ambos.

Rachel sentiu-se ansiosa com essa ideia. A luz do Sol através da janela da capela era quente. Ela conseguia cheirar o sabão de barbear de Richard, um leve aroma a cânfora do casaco, e o cheiro vital, masculino, da transpiração recente. Lançou o olhar para o lado enquanto o clérigo falava e viu Richard a olhar fixamente para a efígie de Cristo na cruz que pairava acima do altar. Pequenos nódulos formavam-se nos cantos do maxilar, mas quando foi chamado a falar e fazer os seus votos, virou-se para ela e não se pôde impedir de sorrir. Tentando ficar calma, como devia, enquanto dizia a sua parte, a voz de Rachel era tão baixa e

estrangulada que o pastor lutou para a ouvir. Quando tudo terminou, Richard levou-lhe a mão aos lábios e fechou os olhos, inclinando-se diante dela.

— Senhora Weekes. Fez de mim o homem mais feliz do mundo —

sussurrou ele, e depois riu-se deliciadamente, como se conseguisse manter o riso dentro de si.

Starling soprou, zangada, uma madeixa dos seus cabelos avermelhados que lhe caía insistentemente para os olhos. As suas mãos estavam pegajosas com o suco de cebola, por isso ela não a queria pôr para trás; o cheiro da comida e dos cozinhados já se

impregnavam nela por tempo suficientemente longo sem isso. Apesar do pedaço de pão bolorento espetado na ponta da sua faca — uma salvaguarda na qual Bridget depositara toda a confiança —, os seus olhos ardiam com os fumos, e nesse momento também começou a sentir comichão no nariz, pelo que já cerrara os dentes com irritação antes de Dorcas vir furtivamente para cima dela. Dorcas alisou-lhe o avental repetidamente com a palma das suas mãos, e fez um rápido e fino sorriso. Pairou por ali, ao canto do olho da Starling, como um inseto à procura de um lugar para pousar.

Starling respirou fundo, baixou a faca e ergueu os sobrolhos. O sorriso de Dorcas transformou-se numa expressão carregada, e Starling viu o quanto ela detestava pedir um favor a uma criada da cozinha.

O Sol acabara de se pôr e as lanternas ainda não tinham sido acesas, pelo que o lume projetava sombras que dançavam nas paredes como demónios.

— É hoje que o vais fazer, Starling? Sabes como ele ontem foi mau

— irrompeu Dorcas. A criada esquelética, com os seus dentes de cavalo e os olhos estreitos, sem pestanas, estava a transpirar, embora Starling não conseguisse dizer se era do desconforto ou do calor dos lumes da cozinha.

— E isso é modo de falar acerca do senhor? — Starling estava demasiado ofendida para tornar as coisas fáceis a Dorcas. *Deixemos que ela me implore*, pensou.

— Não te armes em importante comigo, Starling. Sabes do que estou a falar — disse Dorcas. Starling estudou-a, e viu um medo real nos olhos da rapariga. Couraçou o coração contra isso.

— O que eu não *sei* é porque estás à espera que eu faça o teu trabalho por ti, Dorcas Winthorp. Não te vejo cá em baixo a picar cebolas sem fim para a sopa. — As narinas de Dorcas alargaram-se com

desagrado.

— Sou criada de quartos. Não faço o trabalho da cozinha.

— És a única criada, por isso vai fazer o teu trabalho e deixa-me estar sossegada. — Starling voltou para as cebolas, sentindo a raiva impotente da outra rapariga à medida que se afastava.

A cozinha da casa de Lansdown Crescent, em Bath, tinha um teto abobadado e janelas altas para compensar estar abaixo do nível da rua.

As janelas davam para um pátio estreito e sombrio, e deixavam entrar pouca luz. Era um espaço aninhado entre as fundações do edifício, escavado no solo, apoiando de várias formas a casa que se erguia por cima. Starling por vezes pensava nela como a toca de um animal, um cercado através do qual os criados se moviam, dia sim, dia não, com sujidade sob as unhas e suor seco nas roupas, pestanejando com a luz do dia. A cozinheira, Sol Bradbury, riu-se baixinho quando por fim Dorcas se esgueirou pelas escadas acima.

— És má, Starling, olá se és. Vais acabar por seres mandada para cima, e tu sabes disso.

— Talvez. Mas ela morde-me como uma pulga, essa aí. Não consigo arranjar disposição para lhe tornar a vida mais fácil — replicou Starling.

O cavalheiro da casa, o Sr. Jonathan Alleyn, tinha na verdade sido pior do que o costume nos últimos dias, facto pelo qual Starling se sentia grata. Era, afinal, obra sua. Ele era governado pelos seus humores e sonhos e dores na cabeça; a desarrumação dos seus aposentos escuros e apinhados refletia a desordem da sua mente. Starling tinha muitas formas de o picar. No início da semana, ela ficara a saber, por um velho soldado que bebia na Moor’s Head, a batida exata dos tambores franceses em marcha. Ela bateu esse ritmo na lareira enquanto a varria, para ostensivamente derrubar as cinzas da pá e da escova. Quando terminara, Jonathan Alleyn

estava sentado com os olhos bem fechados e as narinas brancas, todo o seu corpo fortemente martelado, tão comprimido que tremia. *Não mais do que tu mereces,* pensara Starling, contente com o resultado, e com o facto de ele piorar o resto da semana. No dia anterior, Dorcas tinha ficado lívida e de olhos arregalados quando acabou o serviço nos aposentos dele. Starling esboçava um sorriso ao lembrar-se.

A rapariga era cobarde como um coelho. Enfiou os tufos rebeldes de cabelo mais firmemente sob a touca e regressou às cebolas. Sol batia a mistura para um bolo de ameixa, cantando baixinho uma canção

obscena.

Poucos minutos depois, Dorcas estava de volta, lágrimas a formarem riscos sobre as manchas de fuligem nas suas bochechas.

— Ele enlouqueceu! Desta vez enlouqueceu mesmo! — gritava ela, entre a estridência e o *staccato*. Starling não conseguia fazer mais nada senão rir-se.

— Não te atrevas a rir de mim, Starling! Nenhuma pessoa decente deveria ter de entrar naqueles quartos! É pior do que qualquer coisa que o diabo pudesse magicar! E ele próprio é como se fosse um demónio…

Acho que a sua alma deve ser negra como breu! Negra como breu! —

protestava Dorcas.

— Sobre o que é tudo isto agora? — Quem falou foi a Sra. Hatton, a governanta; uma mulher baixa e enérgica de cabelos grisalhos e um rosto consumido pelos cuidados. As três mulheres na cozinha endireitaram-se, e selaram os lábios. — Bem? Isso cá para fora, uma de vocês.

— É o Sr. Alleyn, minha senhora. Ele… ele… fui arranjar o quarto para a noite e ele… — Dorcas desfez-se em lágrimas novamente, esticando a boca num largo crescente voltado para cima.

— Que os santos nos preservem. Então, Dorcas! Tenho a certeza que não teve intenção de te fazer mal. — A governanta puxou do seu lenço e estendeu-o à criada.

— Mas tenho a certeza que sim, minha senhora! Acho que desta vez ele enlouqueceu! Agarrou no balde do carvão e *atirou-mo*! Se eu não me tenho abaixado, tinha-me partido os dentes todos…

— Talvez não tivesse sido mau de todo — murmurou Starling entre dentes. Dorcas disparou um olhar de puro veneno em direção a ela.

— Starling, ninguém te pediu para falar — disse a Sra. Hatton, exasperada. Dorcas continuou a chorar.

— E… ele chamou-me aqueles *nomes*! Não deveria ter de ouvir essas coisas. E não fiz nada para o merecer!

— Basta. Agora, acalma-te. Tens trabalho para fazer, e…

— Não! Não quero mais voltar lá acima! Nem agora, nem amanhã!

Não é *normal* o que ele faz. *Ele* não está no seu juízo, e não se deveria esperar que alguma pessoa decente… tivesse de o ver, ou de o servir! E

eu não quero ir, mesmo que isso signifique ser despedida! — Com isto, Dorcas saiu da cozinha a correr. Sol Bradbury e Starling trocaram um olhar, e Starling esforçou-se arduamente para não sorrir.

— Senhor, mais uma a sair daqui a correr, não — murmurou a Sra.

Hatton; por um segundo, os seus ombros sucumbiram de exaustão. —

Starling, para de sorrir. Vai lá acima ao Sr. Alleyn, por favor, e arranja-lhe o quarto. Vais precisar de alimentar a lareira também, esta noite há uma frieza cortante no ar. Ele vai pedir vinho, mas disse-me a senhora que ele não pode beber nenhum; as dores na cabeça têm sido fortes esta semana, pobre alma. Nenhuma de nós seria tão instável, tivéssemos nós de viver com um tal sofrimento. Agora, por favor, Starling, não quero ouvir qualquer argumento. — Ela ergueu um dedo avisador, e depois saiu em perseguição de Dorcas.

Starling sorriu em direção à figura que desaparecia. Convinha-lhe deixar que a Sra. Hatton acreditasse que ela tinha relutância em ir aos aposentos de Jonathan Alleyn. Poderia ter levantado suspeitas, afinal, se parecesse demasiado ansiosa por ir, embora estivesse ansiosa. Uma estranha espécie de ansiedade, porque o seu pulso acelerava sempre e a sua respiração tornava-se mais rápida, e, em certo ponto, sabia que tinha medo dele. Não medo do aspeto dele, ou do que havia nos seus aposentos, ou das suas fúrias, como as outras raparigas; tinha medo do que ela pudesse fazer, e do que ele pudesse fazer. Porque ela conhecera Jonathan Alleyn desde menina, e sabia coisas acerca dele que os outros criados não sabiam. Coisas que mais ninguém sabia.

Encontrou o tabuleiro do jantar que Dorcas abandonara numa mesa do corredor, fora dos seus aposentos. Ele tinha duas câmaras adjacentes no segundo andar da casa, do lado oeste, partilhando uma parede com a casa seguinte ao longo da meia-lua. O quarto onde ele dormia dava para a traseira da casa, simplesmente mobilado, mas dominado por uma enorme cama de cabeceira alta e dossel, com postes de madeira dourados, e cortinas pesadas de damasco carmesim. Ligado a ele através de portas duplas, o quarto da frente da casa era supostamente o seu escritório, e tinha uma enorme janela panorâmica cujo arco era sobranceiro à rua, oferecendo um vasto panorama da cidade e das colinas à sua volta. Um panorama quase sempre ocultado por portadas fechadas.

Este quarto enchera de horror uma sucessão de criadas. Starling fez uma pausa e contraiu-se para ver se ouvia o som dos passos da Sra. Hatton ou de mais alguém que pudesse estar por perto, antes de adicionar uma garrafa de vinho ao tabuleiro do jantar. Uma garrafa que ela obtivera especialmente de Richard Weekes; misturado em segredo com uma bebida espirituosa para o tornar mais forte. O Sr. Alleyn bebê-lo-ia, ela

sabia, mesmo que percebesse que fora preparado. Ela não parecia saber como parar. Talvez — ela quase sorriu para si mesmo com a ideia —, talvez ele até pensasse que ela o fazia para lhe agradar.

Starling escutou com toda a atenção durante um momento. Firmou-se. Lá dentro havia silêncio; nenhum som ou movimento, ou fala, ou violência. Ele estaria à espera no escuro, mas Starling não tinha medo do escuro. Jonathan Alleyn nunca acendia as suas lanternas; gostava de se sentar enquanto a obscuridade crescia à sua volta. Ela ouvira-lhe dizer uma vez que as sombras o acalmavam. Bem, ela bani-las-ia. Porque deveria ele ser acalmado? Por trás dela, a lanterna na parede fazia um suave som dilacerante à medida que tremeluzia na corrente de ar. Essa mesma corrente de ar acariciou a nuca de Starling, fazendo-lhe arrepiar a pele. *É apenas isto*, tranquilizou-se ela. *Apenas um zéfiro frio onde uma porta foi deixada aberta.* Não era medo. Ela recusava-se a ter medo de Jonathan Alleyn, apesar de a pior e a maior coisa que ela sabia acerca dele, que mais ninguém sabia, era que ele era um assassino.

Ele estaria à espera lá dentro, nada que traísse o seu paradeiro, a não ser o resplendor rubro do fogo a refletir-se nos seus olhos. *Para ti, Alice*, brindou ela em silêncio, enquanto batia expeditamente à porta, e entrava.

A generosidade de Sir Arthur estendeu-se ao empréstimo da carruagem a Rachel e ao seu novo marido para a viagem até Bath para o pequeno-almoço do casamento. Assim que desceram em frente da porta da estalagem Moor’s Head, o veículo afastou-se, e a ligação dela com Hartford terminou ao som de cascos ferrados a

ressoarem nas pedras da calçada. O vento que se escoava através de Walcot Street era ríspido.

Richard deu gorjeta a dois rapazes fortes para levarem o baú de Rachel para sul, até à casa de Abbeygate Street, depois estendeu-lhe a mão.

— Venha, minha querida. Vamos sair desta corrente de ar — disse ele, fazendo-a passar a mão pelo interior do seu cotovelo. Mesmo nesse momento, os sinos da igreja começaram a bater as horas, e Rachel interrompeu-se.

— Espere — disse ela. — Há muitos anos que não ouço estes sinos.

— Ela olhou pela rua para o centro da cidade, onde os edifícios de pedra clara se aglomeravam em volta, e as ruas empedradas se enchiam de carroças e carruagens, carretas puxadas por burros, criados que se apressavam a tratar dos assuntos dos seus amos. Havia criadas deselegantes com trouxas de roupa suja, arrastando os pés dentro de socas que lhes mantinham os sapatos fora da lama. Havia governantas e

cozinheiras com cestos cheios de carne fresca e vegetais; carregadores suados que transportavam os ricos pela colina em luxuosas cadeirinhas; vendedores ambulantes e garotos diabretes e senhoras à moda, com as suas peliças bem apertadas para se protegerem do tempo. Rachel respirou fundo e cheirou a humidade do rio; o fedor adocicado da imundície nas sarjetas; pão acabado de cozer e carne assada; uma nuvem de vapores cervejeiros e fumo de tabaco vindo da estalagem. Uma mistura de odores de que ela se desabituara, vivendo na calmaria estéril de Hartford Hall. — Desde que cá vim com os meus pais, numa temporada. O meu irmão pequeno, também, antes de o perdermos. —

Era uma recordação carinhosa, mas Richard não a entendeu e achou-a triste.

— Esqueça tudo isso, Senhora Weekes. — Apertou-lhe a mão, puxando-a em direção à porta da estalagem. — Agora sou a sua família, e isto é um novo começo. Certamente, Bath está muito mudada desde que esteve cá pela última vez; há novos prédios a serem terminados a todo o momento; e entra gente nova. Gente excelente também, do tipo certo — disse Richard, e Rachel sorriu-lhe, não se dando ao trabalho de se explicar.

Moor's Head tinha tetos baixos, pesado com vigas e um chão de tijolo vermelho que o uso alisara ao longo dos anos. Havia já uma algazarra de vozes e risos, apesar de serem apenas cinco da tarde, e a animação irrompeu quando Richard apareceu. Ele sorriu e apertou a mão de diversos homens que já estavam bem bebidos, a julgar pelas bochechas vermelhas e olhos pesados. Rachel sorriu com desconforto enquanto eles brindavam com canecas de cerveja e lhe apertavam a mão mais rudemente do que ela estava habituada. O fumo fazia-lhe arder os olhos, pelo que pestanejava com frequência. Richard exibia um sorriso de orelha a orelha até ter olhado para Rachel e visto o seu desconforto. O

sorriso desfez-se.

— Sadie, a nossa mesa está pronta? — gritou ele à rapariga que estava no bar, com rosto de Lua, fartos caracóis castanhos, seios abundantes e maçãs na face.

— *Aye*, Sr. Weekes, tal como pediu. Suba quando quiser — disse Sadie. Nesse momento, um homem colocou-se à frente deles; corpulento, com um rosto sulcado e uma cabeleira cinzenta de sujidade que deslizara sobre uma orelha. Deu palmadinhas desajeitadamente na mão de Rachel.

— Bem, jovem senhor, declaro que tratou muitíssimo bem de si.

Disse-nos que ela era uma beleza, mas nenhum de nós esperava que conseguisse caçar uma tão excelente criatura como esta, hmm? — disse o homem, encavalitando ligeiramente as palavras umas nas outras. O seu bafo era acre do *brandy*, mas o rosto era bondoso, e

Rachel inclinou graciosamente a cabeça ao cumprimento. O seu novo marido fez um ar carrancudo.

— Claro que ela é excelente. Mais do que eu, certamente. Mas espero elevar-me e merecê-la — disse ele, rigidamente.

— É bondoso de mais comigo, e faz um mau serviço a si próprio, Sr. Weekes — disse-lhe Rachel.

— Bem, nunca vi uma noiva mais radiante. Realmente, não. É a coisa mais adorável a honrar este pobre lugar desde que me consigo lembrar — continuou o homem. — Deixe-me…

— Que consiga até lembrar-se da altura do ano seria uma surpresa para mim. Venha, minha querida. Por aqui. — Richard levou Rachel enquanto o homem idoso ganhava fôlego para se apresentar. Pareceu cabisbaixo quando se afastaram, e Rachel virou-se para fazer um sorriso de despedida.

— Quem era aquele homem? — disse ela enquanto Richard a conduzia até ao fundo de uma retorcida escadaria de madeira.

— Aquele? Oh, não é ninguém. Chama-se Duncan Weekes. É meu pai, se a verdade for dita — murmurou Richard entre dentes, mantendo a sua mão no fundo das costas dela para a apressar para diante.

— O seu pai? — Rachel estava chocada. Richard introduziu-a num compartimento acolhedor do andar de cima, onde o chão de madeira se arqueava e ondulava, e as janelas estavam enevoadas com a fuligem da cidade. Mas a mesa que fora posta para eles estava bem esfregada, e tinha louça da China e copos de vinho. Rachel tomou o seu lugar e reparou que a louça estava lascada nalguns pontos e os talheres manchados. Estava orgulhosa de não ficar tão desencorajada com este tipo de coisas como poderia ter esperado. — Julguei ter percebido que tinha pouco contacto com o seu pai?

— Tão pouco quanto possível, verdade seja dita — disse Richard.

— E apesar disso… tinha de o convidar hoje para vir aqui, para a festa do casamento?

— Convidá-lo? Não, não convidei. Mas… temos talvez os mesmos conhecimentos. Ele deve ter ouvido dizer que viríamos aqui.

— Adivinho que vem aqui com frequência. Parece ter muitos

amigos aqui.

— Amigos, alguns. Clientes, outros; e uns quantos conhecidos, de cuja companhia talvez um dia tenha desfrutado, mas de que agora não me consigo ver livre. Mas deixemos esses; o dia de hoje tem a ver connosco. Aqui, prove o vinho. Chama-se *Constantia*, despachado da colónia holandesa no Cabo da Boa Esperança. Um tesouro raro, e eu já há uns anos que ando a guardar esta garrafa para a minha noiva. Não consigo exprimir quão feliz estou por poder finalmente erguer um copo com ele num brinde a si, meu amor. — Encheu dois copos, estendeu-lhe um a ela e entrelaçaram os braços.

— Feliz por ter encontrado uma noiva ou por poder provar o vinho finalmente? — provocou Rachel.

— Por ambas as coisas. — Richard sorriu. — Mas a minha mulher é sem dúvida o prazer maior. A si, Sra. Richard Weekes.

O vinho desceu ardentemente para o estômago vazio de Rachel.

— É delicioso — disse ela, e tentou não se demorar no facto de o seu novo nome a tornar uma estranha aos seus próprios ouvidos. Desde a infância que ela imaginara a sua festa de casamento como uma coisa bastante diferente. Imaginara os pais com ela, e outra família, e uma toalha branca bordada por baixo de um banquete servido em pratos de prata e porcelana fina; ela própria muito mais nova, não passada já a flor da idade, aos vinte e nove anos, como

agora ela se dava conta, e tendo aguentado durante anos olhares piedosos dirigidos a uma solteirona. Mas ela jamais poderia ter esperado por um noivo mais bonito, nem tão devotado a si. — Sr. Weekes, não deveríamos pedir ao seu pai para se juntar a nós? O que quer que se tenha passado entre vós, não parece certo que ele deva estar tão perto e, apesar disso, excluído da nossa celebração

— disse ela. Richard não respondeu logo. Tomou um longo trago de vinho e depois virou o copo pelo pé sobre o tampo da mesa.

— Preferiria tê-la só para mim — disse ele, por fim, fitando-a com um sorriso que não correspondia realmente à expressão do seu olhar.

— Temo que tenha vergonha dele, e não quer que eu o conheça. Por favor, garanto-lhe, não precisa de se preocupar. Duncan Weekes agora também é meu pai, afinal, e eu gostaria muito de vir a conhecê-lo…

— Diz isso apenas por não saber como ele é.

— Talvez. Mas um casamento é uma ocasião para a família, não lhe parece? Ele pareceu bondoso… um nadinha desalinhado, talvez, mas…

— Não — disse Richard, e havia um tal tom perentório na sua voz

que Rachel não ousou insistir no assunto, por receio de lhe azedar o humor.

Desse modo, banquetearam-se sozinhos, e uma vez o *Constantia* acabado, foi trazido mais vinho pela rapariga de servir, Sadie, juntamente com um enorme prato de costeletas de cordeiro assadas, uma truta inteira em molho de manteiga e salsa e um prato de vegetais com caril. Richard esvaziou o seu copo três vezes por cada vez que Rachel esvaziou o seu, e em breve tinha rosetas na face e os olhos brilhantes, e a voz ia ficando indistinta à medida que falava. Falou-lhe acerca do seu negócio, e como esperava fazê-lo

crescer; como isso aconteceria em breve, antes mesmo de serem capazes de mudar para instalações melhores; como o filho deles haveria de se lhe juntar no comércio do vinho e das bebidas espirituosas, e como a filha casaria com um baronete.

— Receio que possa achar os nossos aposentos de algum modo…

inferiores ao que está acostumada — disse ele a certa altura. — Espero que não fique desapontada.

— Que direito tenho eu de ficar desapontada? — disse Rachel. —

Eu, que não tenho quase nada, exceto a roupa que trago no corpo?

Hartford não era o meu lar, e o lar da minha família perdeu-se para mim há anos. Tudo o que tem, trabalhou para o ter e obteve-o para si, e isso é muito mais do que posso reclamar. E partilhará tudo isso comigo… não ficarei desapontada.

— Ainda assim, na verdade, está acostumada a estar bem rodeada, a boa comida e à companhia de pessoas com boas maneiras…

— Estou acostumada à companhia de crianças mal-humoradas —

disse ela, tomando-lhe a mão e apertando-lha. — Essa não era a vida que eu queria. Esta é. — Sorriu. *Amor,* sussurrou o eco na sua cabeça. *Amor é o que é necessário, e aquilo a que deverás acostumar-te. Por isso, ama-o.*

Richard beijou-lhe a mão, totalmente agradado e aliviado, e Rachel espantou-se com a estranha sensação de distanciamento que cresceu nela à medida que a noite progredia.

Sentia-se um tanto como se estivesse a observar uma cena na qual não participava; a observar coisas que estavam a acontecer a outra pessoa completamente diferente. Uma parte importante de si tinha-se evaporado e ido em busca de outras coisas. Era o mesmo torpor estranho que se iniciara com a primeira morte na sua família e

crescera por cada uma que depois se seguiu, e ela esperara que a forma como Richard

tocara o seu coração quando a pedira em casamento tivesse assinalado o princípio do seu fim. Rachel empurrou o copo para longe de si, e colocou uma mão sobre ele quando a rapariga veio para o encher. Algumas gotas de vinho espirraram do jarro para os seus dedos, e ela ergueu os olhos para reclamar com Sadie, mas descobriu que não era a rapariga de cabelos negros que o vertera, mas sim uma ruiva. Uma bonita rapariga com olhos oblongos e grandes, que tinham um ar inteligente e muito sabedor. Tinha um nariz curto, arrebitado na ponta; olhos castanhos e uma boca larga moldada por uma curva indolente. Os cabelos eram da cor do cobre, como folhas de outono, e longas madeixas suspendiam-se da sua touca. Interrompera o ato de verter o vinho, e permaneceu imóvel, olhando muito peculiarmente; o seu olhar parecia passar através de Rachel e pousar nalgum outro lugar ou tempo.

— Que se passa? — disse Rachel, de língua também solta pelo vinho que bebera. A empregada pestanejou; fechou a boca com um audível estalido dos dentes.

— Peço desculpa, m'nha senhora — disse ela, em voz baixa.

— Um pano, por favor, para limpar a mão. — Rachel estendeu a mão para o trapo que a rapariga trazia pendurado ao ombro.

— Eu tomo um pouco mais. — Richard empurrou o copo na direção da rapariga e ergueu os olhos. Também ele pareceu dar-se conta de que aquela não era a criada normal, mas não disse nada. Apenas observou a rapariga cautelosamente, e por um momento os três estiveram bloqueados numa imobilidade muda.

— O pano, por favor — disse Rachel novamente.

— Peço desculpa — repetiu a rapariga. Pousou o jarro com um baque, virou-se abruptamente e saiu do compartimento.

— Bem! Que bicho lhe mordeu, pergunto-me eu? — disse Rachel, mas Richard não lhe respondeu. Pegou no seu copo para beber, achou-o vazio e voltou a pousá-lo com irritação.

— Sadie! — gritou ele na direção da porta aberta, e, alguns momentos depois, Sadie reapareceu para levar o jarro de vinho. Rachel manteve-se atenta, mas a curiosa ruiva não voltou.

A casa de Abbeygate Street estava na escuridão quando eles entraram.

Richard acendeu uma única vela para os orientar nas escadas para o quarto de dormir, pelo que Rachel não poderia formar outra impressão sobre a sua nova casa que não a de uma frialdade pegajosa no andar inferior; escadas de madeira, estreitas e rangentes, e um quarto de cima

espaçoso, mas de teto baixo, com uma cama de cabeceira alta, amarrotada, no centro. O ar cheirava como se as janelas tivessem estado fechadas durante muito tempo; a cama como se os lençóis tivessem sido pouco mudados. *Tudo isto é apenas a falta do toque de uma mulher,* tranquilizou Rachel a si mesma. Richard colocou a vela sobre a sua base à cabeceira e foi perfilar-se do outro lado, aos pés da cama. Entrelaçou os dedos dela nos seus, cambaleando ligeiramente; ao brilho da vela, o seu rosto era suave e sorridente. O sorriso de Rachel era mais incerto, e desejou nesse momento ter bebido mais vinho ao jantar. Ela queria ter uma consciência plena desta noite, deste momento crucial da sua vida.

Afinal, só existiam ela e Richard para a recordar, mas agora que a hora chegava, ela estava com receio e não sabia o que fazer, e desejava estar menos consciente. Richard beijou-a suavemente, abrindo-lhe a boca com a sua, e Rachel esperava sentir algo mais que não fosse o impulso para se esquivar do vinho que azedara no seu bafo, e do gosto da gordura do cordeiro nos seus lábios. *A mãe não amou o pai, a princípio. E o pai era um homem bom.* Os beijos de Richard tornaram-se mais rudes, e mais insistentes, e em breve estava a puxar-lhe as roupas.

— Rachel, minha doce esposa — murmurou ele, beijando-lhe o pescoço. Não sabendo bem como proceder, Rachel ergueu os braços e começou a desprender os cabelos, como faria normalmente antes de ir para a cama. Os ganchos tilintaram pelo chão quando Richard a desequilibrou e dobrou sobre a cama, ficando por cima dela.

Ela gostaria de ter tido mais tempo de tomar contacto com o corpo dele. As diferenças com o seu próprio corpo intrigavam-na — o peso dele, a largura dos ombros, a brancura da pele salpicada de sardas, que ela mal conseguia distinguir à luz da vela. Ele era tão sólido, tão quente.

Enterrou os dedos na carne da parte superior dos seus braços, e imaginou ossos grossos e macios como os braços de uma cadeira de mogno. O

peso dele comprimia-lhe o peito e dificultava-lhe a respiração. Gostaria de ver a coisa entre as pernas dele, para saber como se comportava, para a sentir com os dedos antes de tocar noutro sítio, mas não teve oportunidade. Sem fôlego e ainda murmurando entre dentes carinhos desarticulados, Richard forçou o caminho para dentro dela, lembrando-se de ser gentil demasiado tarde. Gemia ao mover-se, para trás e para a frente, e Rachel agarrou-lhe firmemente os ombros, apertando os olhos com força pelo desconforto e a estranheza da sensação. *Ele é o meu marido. Isto é apropriado*. Ela estudou a sensação, que no final era

meramente desconfortável, e tentou sentir-se satisfeita por aquele ser um dever cumprido, um marco alcançado. Um pacto selado, irrevogavelmente. *Agora sou dele,* pensou ela, e apenas então percebeu como era estranho e limitado o género de liberdade que o casamento poderia ser.

1803

Quando o Sol estava bem alto, no segundo dia, Starling foi alimentada com um pequeno-almoço de papa de aveia com leite,

adoçada com mel. Comeu até o estômago estar a ponto de rebentar. Lá fora, um Sol fraco e gelado iluminava o mundo. Os estorninhos tinham voado do castanheiro-da-índia e um pequeno bando de galinhas brancas pintalgadas arranhavam as patas no quintal.

Tomaram o pequeno-almoço na cozinha, onde um lume recente crepitava no fogão, sentadas a uma mesa de carvalho esfregada e esburacada, em bancos que balouçavam sobre o chão irregular. Alice usava um vestido azul com uma grande gola bordada, um pouco puído nos punhos, mas ainda assim melhor do que qualquer coisa que Starling vira alguma vez de perto. A mulher mais velha, Bridget, vestia lã castanha, e um avental.

Starling não conseguia perceber bem o laço entre as duas. Pareciam ser uma senhora jovem e a criada mais velha, mas, depois, nem sempre falavam uma com a outra dessa forma.

— Que idade tens, Starling? — perguntou-lhe Alice. Starling fitou-a, de olhos arregalados. Não sabia a resposta, pelo que permaneceu em silêncio.

— Ela não vai saber. Como poderia ela saber? De onde ela vem não festejam aniversários. O mais provável é a mãe dela tê-la parido no campo onde estava a trabalhar, e não tomou nota do dia nem do mês. Ou do ano — disse Bridget.

— Então agora a gente dela trabalha no campo? Bem, Starling, sê feliz. Apareceste no mundo de um dia para o outro. Ontem eras uma vadia e uma ladra, agora és filha de trabalhadores do campo — disse Alice, sorrindo. Tinha cabelo claro entrançado de cada um dos lados de uma risca ao meio, e as tranças atadas na nuca. Starling achava-a irremediavelmente encantadora. Bridget resmungou de forma desgraciosa.

— Troce o que quiser. Tanto quanto sabe, esse seu novo cordeirinho de estimação poderia ser um enviado das fadas.

— Uma fada! Agradar-te-ia? — disse Alice a Starling. — Quando eu era uma menina pequena, deveria ter adorado ser uma fada!

— Pois bem. Vejo que não lhe arranco nada de sensato até esta novidade do animalzinho de estimação não se gastar — disse Bridget.

Starling permaneceu silenciosa, mas escutava e observava Bridget

atentamente. Enquanto a atenção das mulheres se concentrava noutro ponto, ela alcançou a colher do mel e colocou-a, a gotejar, na boca. O

sabor explodiu-lhe na língua, doce, pesado e aromático.

— Oh! Animalzinho nojento! — gritou Bridget, estendendo a mão.

A serrilha de madeira matraqueou nos dentes de Starling quando Bridget puxou a colher.

— Oh, deixa-a comer, Bridget! Não vês que está esfaimada? —

disse Alice.

— Se ela vai ficar, tem de aprender a ser útil, e tem de aprender alguns modos, e não vai aprendê-los se lhe tolerar tudo, menina —

declarou Bridget. — Criei-a bastante bem, não criei? E nunca lhe foi permitido chupar a colher do mel, Menina Alice. Não na minha cozinha.

— Nunca estive a morrer de fome, nem negligenciada como ela foi.

Mas, muito bem, Bridget. — A sua voz adquiriu um tom adequadamente calmo. — Starling, deves pôr o mel na tua taça, se quiseres mais. —

Starling espetou a sua língua pegajosa e lambeu um empastado de mel no queixo, e Alice desvaneceu-se numa gargalhada.

As duas mulheres instalaram uma banheira de latão diante do lume e encheram metade com água da bomba e a outra metade com água quente de uma enorme chaleira de cobre. Starling observou-as com curiosidade, e não fazia ideia do propósito da banheira até Alice arregaçar as mangas e lhe estender os braços. Starling foi até junto dela obedientemente, e apenas resistiu um bocadinho quando Alice começou a desapertar-lhe as roupas gastas e imundas. Ela entesou os braços para mostrar descontentamento quando o ar frio da cozinha lhe alcançou a pele.

— Oh, eu sei que isto parece estranho, pequena. Mas é absolutamente necessário, e sentir-te-ás muito melhor sem toda essa fuligem na tua pele. Vi de imediato que havia três coisas de que precisavas: de dormir, do ambiente da cozinha e de um banho. Bem, já tivemos a primeira e a segunda, por isso agora vem o número três —

disse ela. Starling enroscou-se e contorceu-se, fugindo. Nada de bom alguma vez lhe acontecera que começasse por lhe tirarem a roupa. —

Para — disse Alice suavemente. Pôs uma mão de cada lado do rosto de Starling e olhou-a nos olhos. — Não vai doer e não te virá disto nenhum mal. Confias em mim? — Starling pensou durante um instante, depois acenou em assentimento. — Boa menina — disse Alice.

Alice despojou-a de todos as imundas peças de roupa. Bridget

trouxe um pedaço de sabão e um pente, roupa interior e uma escova com cerdas de aspeto maligno. Starling mirou a escova com suspicácia. A sua roupa consistia num vestido de mangas compridas, que fora cosido a partir de um sortido de retalhos de pano e atado ao meio com um pedaço de cordão, depois duas camadas de peças de roupa de baixo de lã grosseira — meias que lhe chegavam ao joelho e uma túnica larga. Era tudo imundo e a tresandar, e tão manchado que a cor original fora praticamente esquecida. Havia piolhos em todas as bainhas e Alice esmagou com

a unha uma pulga que aterrara no seu braço. As roupas velhas foram atiradas para o lume e as duas mulheres fitaram mudamente, por um minuto, o corpo nu de Starling.

— Que os santos nos defendam — murmurou Bridget, e, pela primeira vez, Starling viu piedade nos olhos da mulher mais velha.

Olhavam para as cicatrizes e as nódoas negras que ela tinha pelo corpo todo. Alice estendeu suaves dedos e percorreu todo o comprimento de um ferimento, que deixara um vivo vergão vermelho desde o ossudo ombro esquerdo de Starling até ao fundo das costelas. De cenho franzido, Alice virou-a. As suas costas exibiam os rasgões em diagonal de ter sido espancada com uma bengala ou correia. Cicatrizes antigas por baixo de outras mais recentes, cruzando-se; uma teia de ferimentos que assombrariam a sua pele para sempre. A parte anterior das suas coxas tinha marcas que pareciam manchas, elevadas e brilhantes. — Isto são queimaduras, por certo — disse Bridget, e Starling sentiu os dedos rudes da mulher a examinarem-na. O toque fê-la estremecer, e todo o seu corpo ofendido ficou com pele de galinha.

Após um momento, Alice virou-a de modo a que ficasse de frente para elas outra vez; havia lágrimas nos seus olhos, mas sorria. Bridget pôs um ar estrondosamente carrancudo e Starling retraiu-se.

— Bem — disse Alice, ofegante. — Aqui estás a salvo de quem te tratou deste modo, Starling. Quem quer que seja a tua gente, agora somos nós a tua gente. Não é verdade, Bridget? — Bridget mordeu o lábio inferior como se estivesse relutante para responder, mas depois disse:

— Nunca houve criança tão malvada que merecesse tais castigos.

Tenho um bálsamo de rosas e maçã que ajudará a acalmar essas cicatrizes. Assim que ela esteja lavada. — Saiu da cozinha em direção à despensa, e Alice sorriu para Starling, limpando-lhe as lágrimas com a parte de trás da sua mão.

— Vês? Pronto. Bridget tem uma língua afiada e uns modos duros, mas por baixo de tudo isso tem um coração de manteiga, e bastante fácil de derreter. Entra lá.

A água da banheira em breve ficou escura com sujidade. Alice ensaboou-lhe o corpo todo e esfregou-a com as toalhas, ignorando a escova dura, para grande alívio de Starling. O cabelo foi o que levou mais tempo. Estava emaranhado, cheio de nós e fiapos soltos, empastado com lama e imundície. Havia cardos presos nele, e rebentos e pedaços de feno. Alice trabalhou nele com os dedos, ensaboou-o, penteou-o o mais suavemente que conseguiu, até por fim ficar limpo. Soltaram-se grandes tufos dele, que ficaram a flutuar na água de sabão, como aranhas. O Sol de inverno brilhou através da janela, e quando Bridget regressou à cozinha, parou.

— Que cor! Quem diria, debaixo de toda aquela porcaria?

— De que cor é? — perguntou Alice, empinando a cabeça nesta e naquela direção como se fosse para ver melhor.

— Quase da mesma cor daquela chaleira de cobre, e o seu fogo ainda está a assentar.

— Oh, que encantador! Ai de mim, aos meus olhos é apenas castanho — disse Alice. Starling ergueu a cabeça na direção de Alice, com curiosidade.

— Bem, ela parece agora muito mais uma menina, e um pouco menos um verme da terra — disse Bridget, acenando em aprovação.

À medida que secava, o cabelo de Starling cresceu em soltos caracóis que pareciam deliciar Alice ainda mais. Sentaram-se na sala de estar, uma sala maior como Starling nunca vira, embora o mobiliário fosse simples e desbotado, e o chão de pedra nua. Usava um vestido antigo de Alice, que lhe estava demasiado grande e arrastava no chão por trás dela. As meias de lã eram igualmente demasiado grandes e caíam-lhe, amarfanhadas, em redor dos

tornozelos. Os pés estavam enfiados em chinelos de couro, atados com cordel.

— E agora temos de novo um espantalho — disse Bridget, e Alice deu uma risada.

— Apenas por pouco tempo. Apenas até lhe podermos arranjar umas roupas. Iremos ao mercado na quinta-feira, e lá encontraremos alguma coisa. Bridget pode coser-te alguns vestidos, e quando fores maior, caberás lindamente nas minhas coisas antigas.

— Os vestidos que lhe deixaram de servir ficar-lhe-ão bons em

devido tempo, mas são bons de mais para uma criada. Ela terá de ter outros.

— Uma criada? Starling não é uma criada. Ela agora é da minha família. Sempre quis ter uma irmãzinha — disse Alice, puxando-lhe os caracóis vermelhos para trás dos ombros, e alisando-os.

— Sua irmã? Ora, Alice… — começou Bridget a dizer, mas viu a expressão do rosto de Alice, e pareceu perder a coragem para a discussão. — Ela tem de aprender a ser útil. É essencial. Pode nem sempre ser capaz de a manter.

— Ela será útil! Claro que será. Ensinar-lhe-ei a ler e a escrever, e a ser uma senhora…

— E eu ensinar-lhe-ei a cozinhar e a limpar, e a ter um sustento. —

A voz de Bridget era permeada por um humor seco, e Alice sorriu.

— Muito bem, então.

— Se ela for muda, as coisas serão mais complicadas — disse Bridget.

— Não, não é muda — disse Alice. Tomou-lhe o queixo na cova da mão e fitou-a. — O medo comeu-lhe a voz, é tudo. Voltará quando ela estiver preparada.

— Há outro problema, claro. Talvez o maior de todos, que ainda não foi considerado. — O coração de Starling caiu-lhe aos pés. Queria ficar. Ansiava por ficar. Alice olhou ansiosamente para Bridget, como se receasse o que ela iria dizer a seguir. — O seu benfeitor. Ele vem este sábado. E quem sabe quão feliz vai ficar ao descobrir que tem outra boca para alimentar? E nada menos do que uma boca de jovem miserável. —

Alice respirou fundo, e Starling sentiu-se trespassada por um tremor. —

Deve preparar-se para fazer o que ele disser — disse Bridget, mais suavemente do que de costume. Alice pareceu subitamente tão triste que Starling sentiu uma pontada de desespero. Abriu a boca, mas um silvo de ar foi tudo o que lhe saiu. Engoliu, tossiu um pouco, e tentou de novo.

— Eu vou portar-me bem — disse ela, e Alice gritou de deleite.

1821

Era bastante fácil sair de casa em Lansdown Crescent fora de horas. O quarto de Starling pouco mais era do que um cubículo adjacente ao quarto da cozinheira, num corredor sombrio que saía da cozinha. Tinha uma cama estreita de madeira e uma frágil mesa de cabeceira para o penico; não havia janelas, mas um tapete esfiapado no chão para lhe guardar os pés do frio. Se Sol Bradbury estava já na cama, ela dormia como uma morta, ressonando suavemente com o queixo aninhado no almofadado da pele dela. Se estava acordada, desde que Starling fosse razoavelmente discreta, a mulher não dizia nada.

Tinham um entendimento — Sol Bradbury não via Starling sair quando deveria ficar dentro de casa, nem fazia comentários quando

pequenos artigos de comida e restos desapareciam da despensa; e Starling não via Sol Bradbury beber *brandy* de manhã, ou dar ao rapaz da mercearia moedas que não lhe pertenciam em troca de mexericos sobre as suas amigas e os vizinhos. A governanta, a Sra. Hatton, mantinha-se no piso de cima assim que a Sra. Alleyn se retirasse para passar a noite; ela e Dorcas tinham quartos no piso superior.

Starling tomou o caminho de Moor's Head para ver a sua amiga Sadie e ter um encontro com Dick Weekes. Ela precisaria muito em breve de mais do seu vinho preparado, mas estava ansiosa por o ver, de qualquer modo, por mais que ocultasse ciosamente todas as provas da sua afeição. Não convinha que Dick soubesse que ela gostava tanto dele.

Ele era diabolicamente perspicaz e nunca lhe faltavam seguidoras; raparigas de olhar entorpecido, sem um único pensamento que partilhar, que gargalhavam e lhe faziam beicinho aonde quer que ele fosse, todas excessivamente ansiosas por abrir os lábios a tudo o que ele quisesse pôr-lhes na boca. Mas Dick Weekes era do tipo que precisava do agreste para temperar o doce; que precisava de alguma coisa não convencional para manter a sua atenção. *E eu sou precisamente a porção certa de agreste e de não convencional,* pensou Starling, com um sorriso. A estalagem estava apinhada de bebedores e de jogadores, de viajantes e de concubinas. O calor, o odor intenso e o comprimir dos corpos sempre animavam Starling depois da monotonia de um dia de trabalho, e dirigiu a Sadie um sorriso torcido enquanto alcançava os barris e torneiras.

— Todos os do costume para te manter ocupada — disse ela à amiga, enquanto Sadie lhe servia um copo de cerveja espumosa.

— E alguns que não são do costume. Vês aquele homem ali, o alto com um olho só? Alguma vez o viste antes? — Ela apontou para um homem pouco favorecido com um rosto descarnado e azedo, e uma pala de couro sobre o olho que lhe faltava. Os cabelos oleosos eram grisalhos e há muito tempo que não viam pente.

— Não, nunca o vi. Embora tenha um excelente par de botas calçado. Porque o apontaste?

— Diz que me amou durante muito tempo e me observou de longe.

Diz que se depois me encontrar com ele no pátio, far-me-á uma oferta que eu não posso recusar. — Sadie riu-se baixinho, e Starling revirou os olhos.

— Vai fazer de ti a sua puta, e malhar-te se recusares.

— *Aye*, é o mais provável. Embora talvez me encontre com ele. —

A rapariga rechonchuda encolheu os ombros. — Pode cumprir a palavra.

Aquelas botas são excelentes… talvez seja rico, e de coração mole, e se case comigo e me dê uma vida de ociosidade.

— Talvez. E talvez eu case com o Rei George na próxima quarta-feira ao meio-dia. Se te encontrares com ele, põe Jonah a vigiar-te, por amor de Deus. E não faças loucuras. — Jonah era um jovem da estrebaria de Moor's Head, um rapaz pesadão de dezasseis anos, bastante apaixonado por Sadie. — Dick está por cá?

— Dick Weekes? Ainda não. Fica e conversa um pouco, até que ele chegue.

Richard Weekes chegou não muito depois, elegante como sempre, todo ele cabelo solto e sorrisos. Sadie deu uma cotovelada em Starling e acenou em direção a ele, e esta foi-se embora, plantando um beijo na face gorda de Sadie. Esperou que Richard se tivesse desembaraçado do casaco no calor da estalagem, depois meteu-lhe uma caneca transbordante na mão direita enquanto lhe agarrava a esquerda e lha comprimia contra o seu peito. Fez-lhe um sorriso malicioso, da maneira que ele gostava.

— Como tem passado, Sr. Weekes? — disse ela.

— A morrer de sede, mas, tirando isso, bem. Deixa-me por um momento, então, e deixa-me beber. — Ele sorriu.

— Deixa-me, diz ele! Ora, vais partir-me o coração, a falar dessa maneira — disse ela, em tom trocista.

— O teu coração? — Richard riu-se. — Um milhar de homens com um milhar de clavas não te conseguiriam partir o coração, Starling sem

nome. — Starling inclinou-se mais para o seu ouvido, ficando na ponta dos pés.

— Não um milhar, mas apenas um, e também apenas uma clava. —

Ele deixou que a sua mão lhe passasse entre as pernas e sentiu que o pau se agitasse em reação.

— Estás ansiosa esta noite, não estás?

— Não posso ficar fora muito tempo. Dorcas desatou a levantar-se depois da meia-noite para beber leite. Diz que tem pesadelos; bate em todo o lado pela despensa como uma novilha cega. Adoraria descobrir que estou fora, e correr a contar à Sra. Hatton. Como o meu desaparecimento escandalizaria. — Starling abanou a cabeça com irritação. — Por isso, venha, Sr. Weekes. Leve-me para algum sítio mais calmo, se fizer favor.

— O prazer será meu. Deixa-me, pelo menos, beber isto. Falava verdade quando disse que estava a morrer de sede.

— Não podemos ir para os teus aposentos? — sugeriu Starling. Dick levara-a pela porta das traseiras para o pátio por trás do bar, e estava a tentar conduzi-la pelas escadas até ao armazém do feno por cima dos estábulos.

— Não. Nunca mais. — Dick pôs-lhe um braço em volta dos ombros, e apertou-lhe o seio esquerdo com demasiada força.

Starling libertou-se com uma torção e deu-lhe uma estalada na cara.
— Estava a brincar — repreendeu-a ele.

— Labrego desajeitado — retorquiu ela. — Isso dói. O que queres dizer com nunca mais?

— Daqui a dois dias, estarei casado. Não posso levar a minha noiva para uma cama que tresanda a ti, pois não? — disse ele, alegremente.

— Fico admirada por ouvir que vais ter uma esposa tão enjoada —

disse Starling. Engoliu em seco, lutando com um súbito aperto na garganta. De certo modo, pensara que toda aquela conversa de Dick sobre o casamento não daria em nada, desta vez, como acontecera diversas vezes anteriormente. Ele habitualmente recuava no fim, descobrindo algum defeito na rapariga; cansando-se dela, ou declarando que poderia fazer melhor. — Não achas que ela poderá cheirar-me noutro sítio, na tua pele, talvez?

— Rachel Crofton é doce e inocente. Não suspeita de nada do género.

— Ainda não, talvez…

— Nem nunca. E se ela descobrir alguma coisa por ti, arrancar-te-ei os dentes. Estás a ouvir? — A voz de Dick era dura; agarrou-lhe a parte de cima do braço com uma força brutal. Starling sorriu na semiobscuridade.

— Queres dizer que ela também acredita que és doce e inocente? —

disse ela. Dick abrandou o aperto e esfregou-lhe suavemente as marcas dos seus dedos.

— Sim, é mesmo isso. As minhas desculpas, Starling. Estou nervoso. Quero… quero que corra tudo bem. Com o casamento, e

com a minha nova mulher. Ela é uma criatura excelente, esperta, e completa…

com ela ao meu lado, a minha fortuna e posição só podem melhorar —

disse ele. *Não suficientemente esperta para topar Dick Weekes pelo gatarrão que ele é,* pensou Starling, com desprezo.

— A minha alma está consumida por um ataque de ciúmes. Porque isso soa como se amasses mesmo essa doce e inocente e esperta e educada Menina Rachel.

— *Aye.* — Ele sorriu, de forma um pouco tonta. — Acredito que amo. — Starling fitou-o e, por um minuto, não achou nada que dizer. Ele era uma forma escura, o rosto delineado por uma luz indireta, vinda do bar. Starling retrocedeu para as sombras mais profundas para o caso de o seu desalento ser evidente.

— Talvez então, depois de ela estar em casa, não venhas mais ter comigo? — Ela tentou dizer isto alegremente, como se não se importasse muito. Dick hesitou, como se a ideia não lhe tivesse ocorrido.

— Talvez não, Starling. Talvez não. — As suas palavras, tão despreocupadas, atingiram Starling como uma facada. Teve uma sensação de queda, como se as coisas tivessem escapado ao seu controlo.

Sorriu, como sempre fazia para esconder tais sensações.

— Veremos. Talvez esse teu anjo imaculado te mantenha a fome saciada durante um tempo, mas a variedade é o sal da vida, como Sol Bradbury gosta de dizer. Vem então, deixa-me dar-te alguma para te recordares de mim.

Ela conduziu-o pelas escadas para o armazém do feno, e lá provocou-o, aliciou-o e troçou dele até o seu rosto ficar corado e os

seus dentes cerrados num ataque de puro desejo e frustração, e depois escarranchou-se e montou-o, sentindo o seu próprio prazer espraiar-se-lhe pela coluna como uma maré de calor. Depois, ela voltou a prender os seus pequenos seios no corpete e observou Dick com ar furioso enquanto

ele recuperava o fôlego. Os seus sentidos sempre pareciam intensificados nestas alturas, e de súbito ela sentiu o cheiro a mijo de cavalo subir dos estábulos, e o odor enjoativo do suor e do sémen de Dick. Franziu o nariz e limpou-se com um molho de feno. Dick colocou os dedos nos olhos, onde a poeira do feno lhes provocava irritação, depois pestanejou em direção a ela e sorriu.

— Oh, vou sentir a tua falta, Starling — disse ele.

— Veremos — respondeu ela, laconicamente.

— Que queres dizer?

— O que disse. Agora, peço um privilégio da tua parte, uma vez que nos devemos separar.

— O quê? — Ele ficou instantaneamente suspeitoso. — Já disse que não vou pôr o vinho mais forte. Se o Sr. Alleyn deve tombar morto…

— Não tem nada a ver com ele. Quero conhecer a tua noiva. Quero conhecer a Sra. Richard Weekes e entender a razão de eu ser posta de lado tão subitamente. — *E talvez entorne algum vinho vermelho como sangue sobre o seu vestido branco e puro enquanto estou nisso.*

— Não podes — disse ele de imediato. — Eu quero… traçar uma linha. Entre esta antiga vida e a vida nova que agora começa.

— Não sejas ridículo! — disse Starling, entediada. — Uma nova mulher não consegue fazer de ti um novo homem. Continuarás a ser Dick Weekes, filho de Duncan Weekes… nada alterará isso.

— Cala a boca, Starling. Quero começar de novo, a sério, e não me vais impedir. Não deixarei que me impeças. — Prendeu-lhe o pulso e segurou-o com muita força, sem o soltar quando ela se debateu.

— Larga-me!

— Não até prometeres ser discreta.

— Se me deixares conhecê-la, prometerei. — Lutaram durante mais alguns segundos, depois Dick soltou-lhe o braço.

— Muito bem. Daqui a duas noites, irei trazê-la aqui para o nosso jantar de casamento. Podes fazer de criada uma ou outra vez, ou alguma coisa assim. Ou apenas observar de algum sítio sossegado. Mas não lhe falarás. Compreendes?

— Um jantar de casamento no Moor's Head? Ah, que sortuda, a Menina Rachel. Sinceramente, ela está a apresentar-te ao mundo…

— *Compreendes?* — pressionou ele.

— Não te denunciarei. Dou-te a minha palavra. — *Tu próprio o farás,* pensou ela, em desafio, *quando voltares a correr para mim.*

Para alívio de Rachel, a casa de Abbeygate Street tinha mais do que ela inicialmente percebera. Havia degraus que subiam desde o nível da rua até à área principal da loja, que tinha a sua própria porta e, por cima, uma tabuleta pintada na parede: *Richard Weekes & Cia. Comerciantes de Vinhos e Aguardentes de Qualidade.* O compartimento, neste piso inferior, era frio e pegajoso, o chão de tijolo ligeiramente húmido. Havia barris empilhados em suportes de madeira, do chão até ao teto sombrio, e garrafas de vidro de todos os tamanhos e feitios enchiam as prateleiras que ocupavam uma parede. Era um espaço escuro e atulhado, e o ar tinha um ressaibo a maduro, uma mistura acre de madeira e fruta, bolor e álcool. Por uma porta na parede do fundo entrava-se para o minúsculo gabinete de Richard, que continha uma secretária com um simples banco encostado, e uma prateleira carregada com livros de deve e haver e

recibos. A secretária estava cheia de aparas de lápis, cotos gastos de velas e manchas de tinta.

Por trás da casa havia um pequeno pátio, encerrado entre paredes altas forradas de musgo e limos. O pátio tinha uma pia de pedra construída contra uma parede, a casa principal colada ao estabelecimento, e um escoadouro baixo que dava para o esgoto. Era pouco arejado e cheirava de acordo com isso. Rachel espreitou em volta, e o coração caiu-lhe aos pés. Quando Richard lhe dissera que havia um quintal, ela imaginara um pequeno jardim onde poderia plantar algumas ervas ou flores, e sentar-se a ler ao sol da manhã ou do entardecer, dependendo da orientação da casa. Este pátio era mais como a humidade no interior de uma gruta. Em poucos instantes, Rachel sentiu as paredes começarem a inclinar-se sobre ela, e apressou-se a voltar para dentro, ansiosa por ocultar o seu desânimo.

— Mando sempre lavar a roupa suja fora, e provavelmente é melhor continuar a fazer assim, em vez de tentar secá-la aqui fora — disse Richard, com ar de quem pedia desculpa.

Em cima, no piso elevado do chão, havia uma cozinha com sala de estar, um compartimento de bom tamanho e melhor iluminação dividido em duas metades — uma de utilidade simples: o fogão, uma mesa de trabalho, prateleiras com alguns artigos de estanho, castiçais e tachos. A outra metade era mais formal, com uma poltrona estofada, uma cadeira de braços e uma otomana com pernas finamente trabalhadas, apesar de desgastadas pelo uso. Tinham sido colocadas de costas para a cozinha, como se não quisessem ser associadas a ela.

— A mobília da sala de estar veio da viúva do Almirante Stanton, quando foi obrigada a vender. Comprei-a por um preço razoável no leilão

— disse-lhe Richard, orgulhosamente. — Gosta? — Correu a mão ao longo das costas da cadeira. Rachel assentiu com um aceno, sentindo uma ponta de simpatia em relação à anónima Viúva

Stanton, pelo seu triste declínio na vida. Sabia exatamente como era ver pessoas a examinar e regatear as coisas que são nossas e que amamos. Richard estava a observá-la, na expectativa.

— Servirão muito bem, Sr. Weekes — asseverou-lhe ela.

— Da mesma forma, tenho intenção de trabalhar gradualmente para mobilar este lugar da melhor forma para si, minha querida. — Pegou-lhe na mão e beijou-lhe os dedos.

A sala tinha duas janelas grandes, uma dava para o pátio e a outra, virada a norte, para a parada de lojas, estalagens e alojamentos do lado oposto da Abbeygate Street. Olhando desta para nordeste, Rachel conseguia ver o telhado da igreja. No andar de cima da casa ficava o quarto de cama, onde, na noite anterior, Rachel deixara de ser donzela. O

seu teto vigado inclinava-se para cada um dos lados da cama, e a sua janela era mais pequena, enfiada nos beirais do telhado. Rachel percebeu que o corpo da casa era centenas de anos mais antiga do que a sua fachada modernizada esperava insinuar. Ignorou o cheiro húmido do estuque e virou-se para sorrir ao seu marido.

— Ficarei muito confortável aqui. E ajudarei a torná-la ainda mais acolhedora para nós — disse ela.

Para lá da confusão do cimo dos telhados e das coberturas das chaminés dos vizinhos mais próximos, as curvas apertadas das ruas e pracetas mais elegantes de Bath eram visíveis, nas colinas para norte.

Rachel conseguia distinguir o elegante limite de Camden Crescent, muito elevado em relação ao resto da cidade; as suas altas fachadas uniformes, claras e imaculadas. Ali, quando tinha quinze anos, passara três meses, um outono e um inverno, com os seus pais e o irmão mais novo, Christopher. As suas recordações eram uma névoa indistinta de convites para o chá, partidas de cartas, saídas e bailes nos salões. Agora, Rachel desejava ter tomado mais

atenção, e cimentado mais firmemente uma tal felicidade no seu espírito— como se pudesse ter convertido isso nalguma coisa que pudesse guardar para sempre. Mas lembrava-se de estar a uma das janelas da frente do apartamento e olhar para o emaranhado de ruas mais antigas e mais pobres em volta da igreja e dos cais e de se perguntar

acerca de todas aquelas vidas que ali palpitavam, das quais ela não teria nenhum conhecimento e nas quais não faria parte. Sorriu ao pensar nisto, com uma estranha mistura de nostálgica ironia e de determinação.

— O que é? O que a faz sorrir? — perguntou-lhe Richard, afastando-lhe uma madeixa de cabelos do rosto.

— Estou já a começar a sentir-me em casa — disse ela, decidindo tornar isso verdade. Sentiu os braços de Richard envolverem-na, e, na verdade, a sensação era já menos peculiar, menos alarmante.

Não havia qualquer comida em casa, pelo que Richard foi buscar pão fresco, queijo e uma fatia de tarte de presunto para o pequeno-almoço. Depois, levou-a a passear pela rua, apresentando-lhe os vizinhos que ela precisava de conhecer — a Sra. Digweed, que lavava a roupa, uma mulher imensamente gorda e surpreendentemente feia, com mãos que pareciam as de um homem e um largo sorriso para o mundo; Thomas Snook, que era dono dos estábulos ao virar da esquina, em Amery Lane, e que alugava a Richard um cavalo com carroça para as entregas. O cavalo era uma coisa atarracada e malhada, com cascos peludos e olhos sonolentos; Rachel lembrava-se dele do tempo que Richard entregava barris em Hartford Hall. Richard afagou alegremente a testa do cavalo e disse:

— Este é o *Bom Soldado*, e nunca houve cavalo com nome menos apropriado. “Preguiçoso” estaria mais de acordo, mas é um tipo serviçal.

Dentro de mais ou menos um ano, espero ser capaz de comprar uma carroça melhor do que a do Tom, com a minha marca pintada de lado, em vez de a transportar comigo numa tábua. E, *Bom Soldado*, receio que para essa carroça vá precisar de um animal melhor. Algo com menos pelo e mais ânimo. — Afagou o pescoço robusto do animal, e este suspirou, como só um cavalo entediado consegue suspirar.

Havia uma pequena praça empedrada chamada Abbey Green, mesmo junto a Abbeygate Street, e as folhas do plátano solitário que ali crescia tinham uma viva orla de bronze. O céu estava carregado, e Rachel desejou subitamente que fosse primavera, não outono. A primavera teria feito tudo parecer mais prometedor, mais como um novo início. Mais tarde, assim que Richard foi tratar do seu negócio, Rachel ficou um momento na sua nova casa e perguntou-se sobre o que fazer.

Sabia que Richard tinha uma governanta, a Sra. Linton, que vinha em certos dias, mas a mulher ainda não deixara que lhe pusesse a vista em cima. Olhou em redor para as teias de aranha, no alto das escadas, e a

terra entranhada nas tábuas do soalho, e pensou que Richard vivera demasiado tempo sozinho, e que a Sra. Linton era incompetente ou fora demasiadamente deixada entregue a si própria e tornara-se indolente. No súbito silêncio, Rachel respirou fundo para manter o equilíbrio. Nunca se importara com uma sala vazia, mas subitamente o vazio parecia cercá-la; parecia espelhar e amplificar a estranha sensação de vazio dentro de si.

Fechou os olhos e tentou convocar pensamentos que o preenchessem, que pudessem reprimir o estranho e repentino pânico que sentia. Nesse momento, teria mesmo desejado Eliza Trevelyan de volta à sua vida, com toda a sua arrogância e troça.

Rachel subiu as escadas e pôs-se a arranjar uma espécie de toucador para si, em cima da pequena cómoda onde estavam guardadas as roupas e afins de Richard. Abriu uma gaveta de cada

vez, esperando encontrar uma vazia que pudesse utilizar, mas todas continham peças avulsas de vestuário e adereços — luvas usadas e meias, fivelas de botas e caixas de tabaco e pentes com os dentes partidos. No final, mudou tudo para a gaveta de cima de um dos lados, e arrumou alguns dos seus próprios pertences. Não tinha muita coisa — lenços e luvas, a caixa da costura, ganchos de cabelo e uns poucos artigos de beleza que usava: um pequeno frasco de *rouge* com uma escova minúscula com cabo em forma de concha para o aplicar; um creme, com perfume de rosas, para as mãos; um frasco de coloração líquida *Lady Molyneux*, que fora um presente de Eliza no último Natal. *Porque às vezes apareces tão pálida ao pequeno-almoço, que é como se tivesses morrido durante a noite e não tivesses dado conta*. Mas o presente, cuja intenção tinha constituído uma espécie de crítica, fora um tiro que saíra pela culatra a Eliza, porque umas poucas gotas do material esfregado na face dera, com efeito, um ar encantador a Rachel. Estendeu um lenço velho sobre o tampo da cómoda e colocou sobre ele as suas escovas de cabelo, e depois tirou da mala o seu pertence mais querido — uma caixa de música prateada.

Os seus pais tinham-lha dado quando fez dezasseis anos, antes de qualquer sombra de escândalo ou de dificuldade ter tocado a família, e a dor de perder Christopher; de algum modo abrandara a punhalada que fora a sua morte súbita. Fora da sua mãe e da sua avó antes de lhe pertencer; uma peça do tamanho de uma das suas mãos, pousada em pequenas patas de leão. O cimo estava ornado por um padrão de vinhas e de flores, formando uma vinheta em redor de um brilhante pavão esmaltado; quando a tampa era levantada, desde que o parafuso que

havia debaixo estivesse bem apertado, tocava uma música de embalar. O

interior da caixa estava forrado de veludo azul-escuro, e uma madeixa dos cabelos fulvos da sua mãe, atados com uma fita, tinha sido cuidadosamente preso a um dos lados. Rachel tocou-lhe suavemente com a ponta dos dedos. Fechou os olhos e tentou

recordar o rosto de Anne Crofton com todo o pormenor, apesar de saber que era uma coisa cruel para fazer a si própria, e que apenas reiterava a ausência da mãe.

Também dentro da caixa de música estava a única outra coisa valiosa que lhe pertencia, que também tinha sido da mãe — um par de brincos de pérolas com pequeníssimos diamantes no encaixe. Escondera-os no corpete quando os oficiais de justiça tinham levado tudo para a carruagem deles, passando pelo seu pai, sentado nos degraus da frente com as botas desapertadas e o rosto flácido do choque. Os meirinhos ter-lhe-iam levado também as botas, se Rachel não tivesse saído e ficado junto dele, com a ferocidade de uma leoa, fazendo-os retroceder com vergonha. Queria manter a caixa à vista, mas hesitou. Parecia de alguma forma atrevimento, como uma tentativa deliberada para mostrar a simplicidade do quarto. Com relutância, embrulhou-a no pano de linho e voltou a colocá-la na gaveta. Depois ergueu-se e foi pôr-se de pé junto da cama para ver pela janela. Havia um pequeno espelho manchado na parede; colocou-se de tal modo que o seu reflexo pairasse ao canto do olho, e de imediato sentiu-se um pouco menos só.

Richard estava fora de casa ou escondido entre os barris, na cave, durante a maior parte do dia, mas durante as primeiras duas semanas do casamento, jantaram juntos todas as noites, na pequena mesa da cozinha, com a comida e os rostos iluminados pelo brilho amarelado de uma lanterna de óleo, discutindo a limpeza da casa, o negócio, as esperanças em relação ao futuro. Uma noite, quando Rachel estivera a falar acerca dos seus pais, levantou os olhos para Richard para descobrir que ele a observava com uma expressão de compaixão.

— Tem muitas saudades deles, não tem? — disse ele.

— Sim. Na verdade, tenho. A minha mãe estava há muitos anos junto de Deus, mas ainda sinto a sua ausência, e a falta dos seus conselhos, do seu… bom senso e da sua bondade. E a mesma coisa do meu pai, claro. Mas não posso fazer mais nada senão tentar aceitar, e não me queixar da perda. Lembro-me dos tempos

felizes que passámos juntos, quando Christopher estava ainda entre nós, e eu era muito novinha. — *Nova e cheia de sentimentos, não entorpecida e silenciosa,*

como agora, disse a sombra dentro da sua cabeça; mas tais observações não eram para ser partilhadas.

— Rachel. — Richard cobriu-lhe as mãos com a sua, e sorriu. —

Quero muito que volte a ser de novo feliz. Para sermos uma família —

disse ele.

— Eu sou feliz — disse Rachel, e de novo sentiu alguma coisa agitar-se dentro de si, o calor da gratidão para com ele. *Ele deseja sinceramente fazer-me feliz.* Mas havia também uma fugaz farpa de dúvida, de ilusão, ao falar. *Serei feliz em breve,* corrigiu ela, em silêncio.

Quando ele for capaz de me preencher o coração.

— Nós somos parecidos, os dois. Nas nossas experiências…

perdemos ambos as nossas famílias, as pessoas que nos criaram e nos amaram. Eu… é difícil, não viver no passado. A tentação de o fazer é muito forte. — Ele apertou os dedos, e havia um desespero nos seus olhos que ela ainda não compreendia. — Mas todos precisamos de alguém com quem partilhar a vida. Que nos compreenda, e molde um futuro connosco. Estou muito feliz por tê-la encontrado, Rachel.

— E eu a si. Mas… o seu pai…

— O meu pai é como se não existisse para mim — disse Richard, secamente.

— Lamento ouvir isso, Sr. Weekes.

Como prenda de casamento, Richard presenteara Rachel com um novo livro de John Keats, uma vez que conhecia o amor dela pela leitura. Uma noite, ela pediu para ele lho ler, e ele pegou no livro com uma expressão de desagrado e de angústia. Fez o melhor que foi capaz, mas era claro que não gostara da experiência. Os versos dos poemas foram empolados, o ritmo perdido; o sentido difícil de seguir quando lidos como ele leu —

como palavras numa página, não como os pensamentos profundos de um homem, tornados belos pela linguagem. Pelo tempo que conseguiu, Rachel escutou o poema “Véspera de Santa Inês” tornado embotado e desconcertante, mas a interpretação de Richard foi como ouvir uma melodia tocada num piano mal afinado, e descobriu após algum tempo que tinha os maxilares firmemente cerrados, e também os olhos, e ansiava por que o ruído acabasse. Quando o silêncio caiu, ela ergueu os olhos e viu que Richard a observava como uma expressão de derrota.

— Receio que não seja muito bom leitor — disse ele baixinho.

Rachel ficou ruborizada com o sentimento de culpa.

— Oh, não! Esteve muito bem, Richard. É apenas uma certa forma

de falar, e isso vem facilmente com a prática — disse ela.

— Bem. — Ele fechou o livro e pôs-lho nas mãos. — É difícil mudar a forma como se fala.

— Oh, eu não quis dizer… só quis dizer que ler poesia é mais como… representar numa peça do que ler simplesmente, como se lê um jornal — disse ela, tentando desfazer qualquer desconsideração que ele pudesse ter sentido.

— Uma capacidade que nunca fui chamado a adquirir — disse ele, um tudo-nada zangado.

— Não tem de ser chamado nunca mais, se não o desejar. Posso ler eu um pouco, em vez disso?

— Como quiser, Rachel. Estou muito cansado. — Assim, Rachel abriu o livro e submergiu-se durante alguns minutos nas imagens maravilhosas, na estranha beleza do poema. Concentrou-se e modelou cada verso o melhor que conseguiu, procurando encantar o marido, para mostrar como o seu amor da poesia era bem fundado. Mas quando terminou, o queixo dele afundara-se no peito com o torpor do sono. Ela perguntou-se se haveria de o acordar e levá-lo para a cama, mas pareceu-lhe ainda uma coisa demasiado avançada para fazer. Assim, sentou-se em silêncio durante longo tempo, tendo apenas por única companhia o som da cinza a depositar-se na grade.

Embora isso pudesse fazê-la sentir-se estranha e conspícua, Rachel começou a andar pelas ruas de Bath sozinha, sem acompanhante. Mas quer fosse um sintoma da sua idade, o seu aspeto desvanecido, ou a natureza antiquada do seu vestido, em breve começou a reparar nas expressões de reprovação, de exame, e mesmo de divertimento de que era alvo enquanto caminhava ao longo de Milsom Street. Perguntou-se se era tomada por uma criada a fazer algum recado à sua senhora.

Milsom Street era larga e arejada, uma sucessão de lojas e negócios que se orientava de sul para norte através do meio da cidade, o empedrado do chão mais bem limpo do que o resto. Carruagens e carroças e gente apressada para trás e para diante, provocando um constante ressoar de cascos, rodas e conversas; miúdos com carrinhos de mão e vendedores ambulantes que gritavam os seus pregões por cima de todos em vozes entrecortadas. Algumas das lojas de que Rachel se recordava de anos antes ainda funcionavam — como a modista onde a sua mãe lhe comprara um chapéu novo, orlado de rosas de seda e uma fita de veludo verde. Uma tarde, parou na praça da igreja. Claro que a grande igreja, os

salões onde as pessoas se reuniam e os banhos quentes eram tal como ela se lembrava deles, e foi assaltada pela ideia de que, embora eles não tivessem mudado, ela tinha. Ela não lhes pertencia da mesma forma que antes.

A sua família nunca tinha sido rica, mas viviam melhor do que a maioria. O seu pai, John Crofton, era senhor de uma pequena propriedade com quatro quintas, e possuíra várias centenas de hectares de campos onde pastavam ovelhas e vacas. O solar onde Rachel crescera era comprido e baixo — construído no reinado da Rainha Isabel — com grossas paredes de pedra, janelas de batente e um telhado que se inclinava entre as vigas. Uma velha glicínia serpenteava por toda a fachada, produzindo cachos de flores lilases suspensas nos meses de maio e junho. Era um lar confortável, bastante desgastado por séculos de uso como habitação. No quarto de Rachel, o soalho inclinava-se tão pronunciadamente que ela e Christopher muitas vezes o usavam em jogos — colocando os seus berlindes de maneira a rolarem por ele em direção a um alvo em particular. Era uma casa em que o riso das crianças era encorajado a soar, e a ecoar pelas escadas de madeira, sem nunca ser silenciado ou censurado.

John Crofton era completamente feliz na corrente do rio onde nadava. Não se preocupava com iludir os seus superiores, ou perdia tempo a tentar cair nas graças daqueles que tinham uma posição superior e distante. Ao invés, John e Anne conviviam com amigos de quem genuinamente gostavam, pelo que os jantares, os chás e os serões musicais eram ocasiões alegres e joviais. Numa ocasião, foram convidados para jantar por *Sir* Paul Methuen na inacreditavelmente grandiosa Corsham Court, que parecia o género de sítio de onde os pais de Rachel poderiam emergir mudados para sempre, de algum modo temperados ou magnetizados. Mas os Crofton regressaram daquela noite rindo de como *Sir* Paul fora enfadonho e como os outros hóspedes tinham caído no ridículo ao tentarem agradar-lhe.

Não voltaram a ser convidados, e não se importaram nem um pouco com isso. Nos dois anos em que Rachel esteve longe numa escola interna para jovens, morria de saudades do solar e visitava a família tão frequentemente quanto lhe permitiam. As três temporadas que os Crofton passaram em Bath apresentaram a Rachel uma sociedade em maior escala, e diversos caprichos e fraquezas da vida citadina, mas aplicavam-se as mesmas regras dos Crofton — nenhuma tentativa de benefício

social, apenas a procura da satisfação e da diversão com pessoas afins.

Se acontecia Rachel ou os seus pais encontrarem um jovem que poderia ser um partido apropriado para ela, então ele seria avaliado em relação ao temperamento, aos seus interesses e à sua inclinação para a indústria, não apenas pelo seu nome. Ela, porém, nunca conheceu ninguém ali que admirasse dessa forma. Rostos bonitos quase sempre se revelavam associados a rapazes convencidos e patetas. Preferia passear com a mãe e as amigas, comprar adereços com os quais poderia melhorar um vestido ou um par de sapatos, ou que pudesse enviar como presentes; e ver Christopher, que detestava ser deixado para trás, vir aos pulos pelas escadas quando regressavam.

Ao deixar a praça da igreja e retomar o seu passeio, o rosto de Christopher surgiu tão nitidamente diante dos seus olhos que o seu andar vacilou. Um rosto magro e ávido por baixo de uma espessa camada de cabelos cor de areia, muito mais escuros do que os seus. Tinha olhos cor de mel escuros e um nariz afilado e direito que o sol do verão pintalgava de sardas. A febre que o levara fora brutalmente rápida. Queixara-se de se sentir tonto à hora de deitar numa segunda-feira, e ao pôr do sol da quarta-feira seguinte estava morto. Fora tão vibrante, tão cheio de vida e de travessuras, ninguém podia acreditar que aquilo tinha acontecido.

Velaram o seu pequeno corpo durante horas, os três, pura e simplesmente olhando e tentando compreender o que viam.

Com um arquejo, Rachel parou abruptamente no meio da rua, de repente incapaz de respirar. As pessoas rodeavam-na ao passarem, acotovelando-se, mas nenhuma parou para lhe oferecer auxílio. Ouviu uma exclamação de reprovação, e ergueu os olhos para uma elegante senhora de idade, que de imediato virou a cara, desviando altivamente o olhar. *Quem é esta gente?* Rachel saiu então de Milsom Street, e nunca mais lá voltou.

O seu trajeto levou-a a passar pela Moor's Head, onde as gaivotas voavam em volta de um raro jorro de sol, gritando a sua cacofonia trocista. O pavimento estava apinhado de gente e enredado com as suas vozes, mas então Rachel percebeu, com um sobressalto, que uma voz a chamava pelo nome — um nome a que não estava ainda acostumada.

— Sra. Weekes! Não quer parar por um momento? — Rachel voltou-se e viu Duncan Weekes, agora seu sogro, a atravessar a rua na sua direção num passo pouco firme. Quase virou as costas, fingindo não o ver, lembrando-se da breve declaração de Richard de que o pai não

existia para ele. *Mas, então, deverei eu ignorar o homem no meio da rua, quando ele também é agora da minha família?* E, após duas horas de passeio, não conseguia deixar de sentir algum alívio por ver uma cara conhecida. O casaco castanho de Duncan Weekes poderia um dia ter sido decente, mas estava puído nos cotovelos, perdera três botões e tinha nódoas de gordura nos punhos. A sua cabeleira estava torta como estivera da primeira vez que ela o vira, tinha o rosto corado, o nariz era uma ruína esburacada de vasos sanguíneos rompidos, nodoso e arroxeado.

— Sr. Weekes, como está? — disse ela. Um sorriso encheu os olhos dele com pregas e papos de pele.

— Sra. Weekes! Estou muito melhor por ver a sua cara encantadora, minha querida. Como está? E como passa o meu filho?

— Estamos ambos muito bem, obrigada. Eu andava por aqui a passear…

— Muito bem, muito bem. Estou feliz por a ver de novo. E que acha da nossa bela cidade de Bath? É do seu agrado? — Enquanto falava, Duncan Weekes oscilava, apenas um pouco. Espiava-a atentamente, os olhos esquadrinhando-lhe o rosto com uma espécie de exame sinuoso, mas implacável, que Rachel achou quase intrusivo. O

seu bafo era acre, e falava com um forte sotaque do Sudoeste.

— Oh, muito mesmo — disse ela. — Já cá tinha estado antes, diversas vezes, com a minha família. É maravilhoso voltar a familiarizar-me com ela.

— E onde está agora a sua família, minha querida?

— Eles… faleceram, lamento dizer-lhe — disse ela. O rosto de Duncan Weekes tombou, e acenou com a cabeça.

— Uma coisa triste, como eu bem sei. As minhas condolências, minha querida. A mãe de Richard, a minha querida Susanne, foi-me levada demasiado cedo, quando Dick era ainda apenas um garoto.

— Sim, ele contou-me que mal conheceu a mãe.

— Oh, ele conheceu-a bem, e amou-a mais ainda. Mas ele tinha apenas oito anos quando ela morreu, por isso talvez as suas recordações tenham esmorecido — disse o velho, com tristeza.

— Como era ela?

— Bem, a cara bonita que o meu filho possui não vem de mim, ouso dizer que consegue adivinhar. — Sorriu. — Para mim, era encantadora como um dia de verão, embora tivesse um génio que

conseguiria assustar os pássaros, lançando-os em voo para dez quilómetros de distância, e uma voz correspondente. Talvez não

uma senhora tão requintada como a minha querida, mas uma senhora tão querida para mim como a minha própria respiração.

— Não sou assim tão requintada — objetou Rachel.

— Oh, disparate. Disparate. — O velho fez uma pausa, e os seus olhos exploraram outra vez o rosto de Rachel, repletos daquele estranho escrutínio.

— Diga-me… onde é que ele a descobriu?

— Ele… nós… — gaguejou Rachel, aproveitando a pausa oferecida pela estranha reviravolta da frase. — Eu era governanta de um cliente dele, fora de Bath. Foi lá que nos conhecemos.

— Fora de Bath, diz? Bem, bem.

Duncan Weekes interrompeu-se, assentindo aos seus próprios pensamentos.

— Não poderia estar mais feliz pelo meu filho, por ter tomado para esposa uma pessoa como a senhora. Tenho-o visto esforçar-se para se elevar acima da situação inferior do seu nascimento… E fê-lo, isso é certo. Como é que, se assim não fosse, conquistaria ele uma senhora assim, se não se tivesse tornado digno disso? — Duncan sorriu novamente, mas os seus olhos estavam cheios de perguntas.

Rachel refletiu por um momento, e pensou no longo e solitário caminho que a levara a aceitar o pedido de Richard. Gostaria que fosse um assunto tão simples e verdadeiro como o seu rosto bonito, o seu autoaperfeiçoamento, e a admiração dela por ambas as coisas.

— Quero pedir-lhe desculpa pela… forma abrupta pela qual o meu marido o tratou no dia do nosso jantar de casamento. Eu teria gostado que se tivesse juntado a nós, uma vez que somos família — disse ela, um pouco embaraçadamente. Duncan Weekes hesitou

antes de responder, e os seus olhos cansados toldaram-se um pouco.

— Ah, mas é uma rapariga bondosa, bem como excelente. O meu filho acolhe uma constante má vontade contra mim, desde há muitos anos. Ele está zangado comigo. Sim, e continua zangado. — Abanou a cabeça.

— Mas porquê?

— Questões do passado distante. A lista é longa, e há indubitavelmente coisas nela de que nem mesmo eu me recordo… — A voz de Duncan esmoreceu até ficar em silêncio, e desviou o olhar como

se não quisesse olhá-la nos olhos. Rachel teve a certeza que não lhe estava a ser contada toda a verdade.

— Perdoe-me, não é da minha conta o que se passou entre vós. Mas consigo ver que o entristece, e lamento isso. Talvez se eu falar com o meu marido… poderia ser capaz de o persuadir de que o que lá vai, lá vai? — sugeriu ela.

— Não arrisque descontentá-lo por minha causa, Sra. Weekes —

disse ele. Rachel ponderou por um momento, depois pegou-lhe na mão e segurou-a entre as suas. Os seus dedos eram grossos, os nós rugosos com velhas cicatrizes e artrite. Parecia muito cansado e tão tristemente desalinhado; mas sentiu a conspicuidade da sua mão nas dela, e sentiu-se desconfortável pelo seu próprio gesto.

— Não posso prometer ter êxito — disse ela. — Mas compreendo a importância da família; detesto ver uma coisa tão valiosa posta de parte, por isso vou tentar.

Duncan Weekes pareceu subitamente pouco à-vontade. Aclarou a garganta e as palavras que a seguir proferiu foram cautelosas.

— Tenha cuidado, minha querida; é mais prudente não falar de mim ao meu filho. As feridas antigas não saram facilmente, e ele tem alguma coisa do mau génio da mãe, bem como o seu bom aspeto.

— Nunca o vi mostrar mau génio — disse Rachel, soltando-lhe a mão. Reprimiu o impulso de limpar a mão à saia.

— A sério? — Duncan franziu o cenho, mas depois a sua expressão suavizou-se. — E, na verdade, quem poderia mostrar mau génio a alguém tão doce e bondosa como a senhora, minha querida? Talvez pudesse ir visitar-me um dia destes? Ficaria honrado de a receber…

poderíamos tomar um *brandy* juntos, para brindar ao seu casamento, uma vez que não estive presente na festa.

— Terei de pedir ao meu marido, claro, mas gostaria…

— Se lhe pedir, ele vai recusar — interrompeu Duncan, de novo ansioso. — Ficaria zangado consigo e comigo, minha querida, se lhe pedir francamente. Poderia até procurar-me para me dar uma reprimenda.

— Estou certo de que não o faria… e eu tenho de lhe pedir, claro que tenho.

— Então, é uma grande pena, porque esperava que pudesse realmente ir. — Ducan Weekes enfiou os dedos nos bolsos do colete e olhou para o fundo da rua, o rosto perdendo toda a animação. Rachel não estava seguro sobre que resposta lhe dar. O velho tremia ligeiramente.

— Tem de continuar o seu caminho, e não ficar aqui na rua a gelar.

Mas dê-me o seu cartão de visita para que eu saiba onde ir — disse ela.

— O meu cartão? O meu cartão… — disse ele entre dentes, apalpando os bolsos com ar ausente. — O meu cartão. Sim. Receio

que não tenha nenhum, minha querida. Mas eu dir-lhe-ei onde é o sítio, se conseguir não se esquecer. — Rachel confiou-o à memória, e, ao despedir-se, Duncan Weekes tomou-lhe novamente a mão. — Mas tenha cuidado, doçura — disse ele sinceramente. — Tenha cuidado.

Nessa noite ela permaneceu deitada junto de Richard, após terem feito amor. Ela tentara, como fazia sempre, encontrar o prazer físico que a sua mãe insinuara, nas raras ocasiões em que tinham falado de casamento e do que Rachel poderia esperar. Mas ao mesmo tempo que já não sentia dor, também não havia qualquer prazer real. Nada mais do que um desejo sumido que tinha curiosidade de explorar; uma sensação de que poderia ser gratificante perseguir, como premir uma nódoa negra. Mas Richard sempre chegara ao clímax, arquejando sobre a base do seu pescoço, antes de ela ter oportunidade de examinar adequadamente a sensação. Disse a si mesma que ficava feliz por dar satisfação, sem necessitar de ter alguma para si própria, mas ao mesmo tempo não podia deixar de ficar um pouco desapontada.

Mas o calor do corpo de Richard, entrelaçado no dela, era reconfortante. Era sólido e real; qualquer coisa como uma âncora quando ela começara a sentir-se estranhamente à deriva. Apertou com força a carne densa dos seus ombros, e encostou a face ao topo da sua cabeça.

— Está tudo bem, Rachel? — sussurrou ele.

— Sim, meu amor — disse ela. Sentiu-o sorrir.

— É a primeira vez que me chama assim. Que me chama o seu amor — disse ele.

— Gosta que eu o faça?

— Muito. Gosto… muito. — A voz de Richard era abafada, mas ela conseguiu perceber que ele estava emocionado. Ela beijou-lhe o cabelo, e fechou os olhos com força, subitamente com receio de

começar a chorar. — É… é feliz aqui? Comigo? Não tem remorsos? — perguntou ele. Rachel não respondeu imediatamente, e Richard puxou-se para cima e elevou-se sobre os cotovelos para que ela lhe pudesse ver as feições à fraca luz que vinha lá de fora, da rua. — Rachel? — disse ele com ansiedade. Ela ergueu a mão e rodeou-lhe o queixo com ela.

— Não tenho qualquer remorso — disse ela, na esperança de que

esta resposta, a apenas uma parte da sua pergunta, fosse suficiente.

Richard sorriu novamente, e beijou-lhe a mão.

— É um anjo, meu amor — disse ele, com a voz a espessar-se com a sonolência. Voltou a colocar a cabeça no ombro dela, com o queixo sobre a clavícula, e adormeceu ao fim de poucos instantes.

Rachel ficou acordada um longo período de tempo. Sentia o vago odor da gordura do cabelo de Richard e o cheiro acre da fuligem na grelha. *Quando ele plantar uma criança dentro de mim, o meu amor crescerá com ela. Seremos, então, verdadeiramente uma família, e tudo estará bem.* Através das paredes, chegavam sons de movimento e de palavras; o atroar grave da voz de um homem, elevando-se em fúria. O

esqueleto de madeira do edifício rangia com passadas. Uma corrente de ar frio esgueirava-se pela moldura da janela, e tocou o rosto de Rachel com uma promessa do inverno que estava a chegar. Quando ela adormeceu, sonhou com um rio espumante, veloz e animado pela luz do Sol. No seu sonho, ela simultaneamente amava e temia este rio com um pressentimento que se avolumava como as nuvens de uma tempestade.

Ela parecia pairar sobre a superfície das águas, suspensa de alguma forma; ouviu um grito de medo, e não era a sua voz. Havia um odor verde a verão em redor, e a noção de que o belo rio queria alguma coisa dela.

Na manhã seguinte, Rachel esperou até que Richard tivesse comido e bebido alguma coisa antes de levantar a questão do seu pai. Ele estava muitas vezes taciturno e infeliz logo a seguir a ter acordado, e ela rapidamente aprendera a não falar de mais ou demasiado alto até que ele tivesse tomado o pequeno-almoço. Foi-lhe buscar fatias de pão barradas com mel, e uns ovos cozidos, pousando tudo à sua volta enquanto ele fitava o tampo da mesa e bebia tragos de uma caneca de cerveja.

— Não adivinha quem é que eu encontrei ontem, por acaso — disse ela, alegremente, quando o momento lhe pareceu certo.

— Oh? — A palavra foi dita em voz baixa, e com pouco interesse.

— O seu pai, Duncan Weekes. — Rachel estava sentada do outro lado de Richard, e o seu sorriso esmoreceu perante a sua expressão gelada. — Deparámos um com o outro na rua, e… — A voz desvaneceu-se-lhe. — Ele perguntou por si. Perguntou como estava — decidiu dizer.

— Como eu estou não é assunto da conta dele, e não é da sua conta falar com ele. Sobre mim, ou sobre qualquer outro assunto, já agora. —

A voz de Richard era baixa, mas as suas palavras chocaram Rachel.

— Mas, meu querido, é o seu *pai*! E uma vez que eu não tenho pai, ele agora também é meu pai…

— Não, Rachel! Ele *não* é seu pai! Nem um bocadinho!

— Não falámos sobre a dor de perder a família, Sr. Weekes? Não falámos de como essas pessoas são importantes, e como desejamos ser família entre nós?

— Eu reneguei esse homem. Ele deixou de ser meu pai!

Compreende? — Richard deu um murro em cima da mesa, fazendo saltar os talheres e a sua mulher. O coração de Rachel bateu com força, mas ela persistiu; estava certa de que estava no seu direito; de que conseguiria persuadi-lo. *Tenha cuidado.* Ela lembrou-se das palavras de Duncan Weekes, mas rejeitou-as.

— Não, não compreendo. O que pode ele ter feito para que se afastasse assim dele? E… mesmo que se sinta ofendido… ele não passa de um velho, e claramente pobre e necessitado da nossa caridade…

— *Se me sinto ofendido?* Duvida, então, de mim? Acha que eu me afastaria do meu pai por capricho? — A voz de Richard estava rouca de raiva; espetou um dedo em direção a ela, ao falar. — Como se atreve?

Esse homem não seria assim tão pobre se não bebesse o seu salário um dia depois de ter recebido! É um bêbedo, e um louco, e estragou-me a vida de formas que não consegue sequer imaginar! Matou a minha mãe… ele contou-lhe isso? Então não pretenda dar-me lições sobre como eu deveria ou não tratá-lo! Não terá nada a ver com ele, ou, por Deus, eu ouvirei falar disso!

Rachel esquivou-se, afastando-se dele, da sua voz elevada e do seu dedo apontado, e da ira que lhe fazia estremecer o corpo tão tensamente como uma corda de piano. Ficou sem fala com o choque; nunca ninguém lhe falara daquela maneira, nunca ouvira até uma tal ira. Richard fitou-a, depois pegou na caneca para beber mais um trago de cerveja, enquanto Rachel pura e simplesmente ficou sentada a olhar fixamente, o rosto em brasa e a boca e a mente vazias de palavras. Ela estava ainda a tentar, em vão, encontrar alguma coisa que dizer quando Richard se ergueu, esvaziando a caneca.

— Tenho de me ir embora — disse ele, calma, mas friamente. —

Que não ouçamos mais nada sobre isto. — Saiu a passos largos da sala, de rosto carrancudo, e Rachel ficou para trás sentindo-se

como se tivesse sido despojada da sua roupa em público — ultrajada e envergonhada.

Levou muito tempo para que o seu coração voltasse a bater

normalmente, e para que os seus dedos parassem de tremer.

…

T

D

Weekes e

Starling ainda não conseguia dormir. Ficava estendida na sua cama estreita na impecável obscuridade do seu quarto, e ouvia Sol Bradbury ressonar e balbuciar durante o sono. Havia um odor rançoso, penetrante e agreste, que emanava do seu próprio corpo, e percebeu que se esquecera de se lavar. Cerrou os punhos com força, zangada consigo própria.

Andara como uma sonâmbula ao longo dos dias desde que pusera os olhos na nova esposa de Dick — naquele rosto — apenas com uma pequena porção da mente sintonizada com as tarefas que tinha de fazer e o resto apanhado pelo que tinha visto, e no que isso poderia significar.

Um dia não tinha reparado que o espeto estava perro e que um pernil de porco ficara carbonizado de um lado. Estragou três galões de cerveja de gengibre ao deitar-lhe demasiada levedura, de modo que as garrafas que não tinham explodido, sabiam mal. Até a animada Sol começara a resmungar e a suspirar com a sua expressão vazia e distraída.

Quando Starling imaginava a noiva de Dick Weekes, a sua respiração involuntariamente acelerava. Via grandes olhos azuis, com grandes pálpebras, maçãs do rosto salientes e um queixo

pontiagudo com apenas uma sugestão de covinha, boca pequena e bem desenhada, pele macia de uma lividez pétrea, e cabelo claros da cor de leite-creme. Não podia ser coincidência. Tinha de haver algum significado no súbito aparecimento desta mulher em Bath, e certamente tinha de haver alguma forma pela qual Starling a pudesse usar. Isto era a oportunidade por que esperara, a oportunidade por que ansiara. Ainda não estava segura do que aconteceria, mas o primeiro passo, decidiu ela quando o negrume opaco da noite começou a empalidecer, era que Dick Weekes tinha de apresentar a sua mulher à Sra. Josephine Alleyn, a senhora da casa de Lansdown Crescent.

Não havia qualquer outra forma desta nova Sra. Weekes ser levada para a casa, nenhuma outra forma de Jonathan Alleyn poder ser confrontado com o seu rosto alarmante, senão ser vista primeiro pela sua mãe, Josephine.

No dia seguinte, Starling estava ainda a matutar em como tornaria isto uma realidade quando uma oportunidade fortuita se apresentou. Dorcas continuava a recusar-se a estar perto de Jonathan Alleyn, por isso Starling continuava a tratar dos seus aposentos. O dia nascera carregado,

e com chuviscos. Visto do andar de cima da casa, a cidade e o vale do rio estavam cobertos de névoa e negrume. Mesmo assim, Starling viu Jonathan retrair-se quando abriu as portadas. Ele era alto e magro; ossos malares compridos num rosto de raposa com um nariz pontiagudo e um maxilar angular; dedos longos, sulcos na testa. Tinha sobrolhos escuros por cima de uns olhos vigilantes, e o seu cabelo, oleoso e embaraçado, crescia-lhe em ondas descuidadas até aos ombros. Dormira de novo na cadeira, completamente vestido, e não se barbeava há dias. Tinha uma carta na mão. Uma das cartas de Alice, adivinhou Starling imediatamente. O seu coração deu um pequeno e curioso salto no peito.

O papel era velho e amarfanhado, rasgado nas pontas. Dormira com ele apertado junto do peito, como para se confortar. *Implora tudo o que quiseres,* pensou Starling. *É demasiado tarde. Ela agora não te*

pode perdoar, e eu também não te perdoarei. Jonathan fitou-a por um minuto, aparentemente confuso, e ela firmou-se, mas depois a cabeça dele tombou para trás contra a cadeira, e os seus olhos desviaram-se, fixados no vidro da janela.

— Sai. Deixa-me estar — murmurou ele.

— O seu pequeno-almoço está na mesa atrás de si — disse Starling, sabendo que ele não lhe tocaria. Raramente comia alguma coisa antes do meio-dia, por vezes não comia nada até estar escuro. Por vezes não comia mesmo nada o dia todo.

— Deixa-me estar, disse eu. — A sua voz era estalada e oca.

Starling afastou-se dele em direção à lareira. Varreu as cinzas frias, colocou gravetos e novos pedaços de carvão, e reacendeu-a. Havia um copo esmigalhado no chão junto à secretária, e ela varreu isso também, e só deu conta de como estava a ser calma e boa para ele quando se preparou para deixar o compartimento. *É a carta*, pensou ela de imediato. Quando ele tirava as cartas de Alice do local secreto onde as guardava, era como se algum vestígio dela entrasse no quarto; um qualquer fantasma dela entrava no coração de Starling, pousava os dedos suaves na dor e na raiva, e pacificava-a. *Não. Não serei pacificada.*

Rilhou os dentes e invocou a razão pela qual Alice não estava ali, para tornar todos mais pacificados: o facto de que Alice desaparecera. O

pensamento desferiu-lhe um golpe e reabriu a ferida da qual jorrava o seu azedume. Virou-se e olhou para o topo da cabeça de Jonathan, apenas visível sobre as costas da sua cadeira. O braço descaíra-lhe agora para um lado; a carta de Alice suspendeu-se precariamente da ponta dos

seus dedos. *Se ele a deixa cair, como uma coisa sem importância, matá-*

lo-ei aqui e agora. Mas Jonathan não deixou cair a carta.

Starling deu vários passos em direção a ele. Poderia dizer, pela sua respiração, que estava de novo a dormitar, e ela pôs-se à escuta por uns momentos porque havia alguma coisa de agradável no som — o seu ritmo simples; a sua vulnerabilidade. Murmurou no sono, a voz profunda e indistinta a princípio, depois elevando-se até soar digna de pena, assustada, quase infantil. Cautelosamente, Starling moveu-se até ficar ao lado dele. A sua cabeça pendera para a frente, de queixo contra o peito.

Ela ajoelhou-se para lhe observar o rosto, e viu-lhe os globos oculares rodarem de um lado para o outro por trás das pálpebras. Tinha uma prega entre os sobrolhos e a sua respiração era agora mais rápida, menos regular. *Ele sonha. Sonha com medo.* Ela deu por si a debruçar-se cada vez mais para o rosto dele, fascinada. Os lábios mexeram-se, sem dar forma aos sons formados na garganta. *O que vê, Sr. Alleyn? O que vê que tanto o assusta?* Ele gemeu baixinho, então, e as suas mãos estremeceram, cerrando os punhos. A carta de Alice estava amarfanhada entre os seus dedos, e Starling fixou-a, perguntando-se se a conseguiria soltar sem ele dar por isso. Tentou alcançá-la, pegar-lhe e puxá-la suavemente, mas Jonathan prendeu-a mais firmemente. Suspendendo a respiração, puxou com mais força, mas o papel não se soltaria.

— Não! — gritou Jonathan, e Starling pôs-se de pé, retrocedendo para longe dele num instante. Mas ele continuava a dormir. — Não —

disse ele outra vez, naquela voz alta e queixosa. — Não, não, não…

nunca tive intenção disso. Tenho… tenho… — Os seus olhos estremeceram e abriram-se uma fração, mostrando um sinistro fragmento branco. A sua boca mexia-se constantemente. — Há sangue! Há sangue… — murmurou ele, entre dentes, e depois gemeu novamente, um som de angústia intensa.

— Sim — sussurrou Starling, repentinamente fria até aos ossos. —

Sim, eu sei. Tens sangue nas mãos. — Ao som da sua voz, Jonathan retraiu-se, e mexeu-se na cadeira. Os olhos imobilizaram-se, e não disse mais nada. *Dorme bem enquanto podes, porque eu hei de achar uma forma de provar que és culpado.*

Não era a primeira vez que ouvia Jonathan falar daquela forma. Por vezes, quando tinha estado a beber ou estava com uma das suas dores de cabeça, parecia cair numa espécie de transe acordado, e falava a pessoas que não estavam na sala, como se ouvisse perguntas no ar. Muito do que

ele dizia — a maior parte — não fazia qualquer sentido. Mas, às vezes, dizia qualquer coisa de arrepiar, qualquer coisa repassada de culpa e violência; e quando ele o fazia, Starling era recordada do momento em que as suas suspeitas se tornaram certezas, depois de Jonathan ter voltado da guerra pela última vez, em 1812. Isso fora três anos depois do desaparecimento de Alice, e ninguém na casa de Box tinha autorização para dizer o seu nome. Jonathan ficou de cama durante várias semanas com a perna cheia de ligaduras e a tresandar, e não via ninguém.

Starling era criada nessa casa, nada mais; teve de se ajustar — os sentimentos e o comportamento. Não podia simplesmente falar a Jonathan, como antes fazia. Quando pensava no rosto macio e vivo que vislumbrara quando o vira pela primeira vez, dificilmente poderia acreditar que esta criatura devastada e descarnada era o mesmo homem.

Acabou por arranjar uma maneira de ir ao seu quarto, e era imprudente e ainda não aprendera a ter cuidado com as fúrias dele. Correu diretamente para ele, pegou-lhe na mão e implorou para saber se ele tivera alguma notícia de Alice, ou se planeava ir à procura dela agora que a sua perna estava curada. Jonathan puxou a mão atrás e deu-lhe uma tal estalada na cara que ela ficou estendida de costas, no chão, aturdida e estúpida. Ele estava calmo quando o fez, de olhos vazios e ausentes. A partir daí, ela ficou a saber que teria de ser mais subtil se queria extrair-lhe alguma coisa;

sabia que ele não era o mesmo homem que tinha conhecido e começou a temer aquilo de que ele era capaz.

E, então, um dia não muito tempo depois, levou um jarro de leite temperado e aquecido ao seu quarto e encontrou-o a ofegar e a suar com dores na cabeça, andando de um lado para o outro no quarto, agarrando o crânio com ambas as mãos e murmurando um fluxo regular de coisas sem sentido. E ela ouviu-o dizer aquilo. Ouviu-o pela primeira vez, e ficou fria e insensível como gelo dos pés à cabeça. O embate do jarro de leite quando tombou no chão fez outro criado vir a correr, e trouxe Jonathan a rolar na direção dela, dentes arreganhados pela fúria incoerente do seu sofrimento, e por algum tempo tudo se dissolveu em caos e contenda. Mas ela tinha ouvido, claro como o dia. Tinha-o ouvido dizer aquilo. *Ela está morta. Oh, meu Deus, ela está morta*. Starling não dormiu nessa noite — nem sequer fechou os olhos. As longas horas vazias refinaram todos os seus medos e confusão numa fria e dura convicção. Sabia que Jonathan Alleyn era seu inimigo.

Daí em diante, ela atormentou-o sempre que podia. Descobriu mil

maneiras de o fazer sofrer, de o enlouquecer, de impedir o seu descanso.

Por que razão haveria de descansar, se ela não podia? Por que razão haveria ele de descansar, se Alice fora roubada e desaparecera?

Trabalhava para o fazer trair-se: trabalhava para o fazer confessar e desmascarar-se perante o mundo. E quando ele não fez nenhuma destas coisas, continuou a trabalhar, sempre, forçando-o e provocando-o. Anos depois, quando ele atentou contra a sua própria vida, ela teve oportunidade de o deixar morrer. Poderia ter posto um fim a tudo, mas quando o momento chegou, salvou-o. Impediu-o. Afinal, a morte seria um alívio — traria repouso. E ela não o iria deixar repousar.

No corredor que levava aos aposentos de Jonathan, em Lansdown Crescent, enquanto ele dormia ainda com a carta de Alice apertada na mão, Starling encontrou a Sra. Alleyn à sua espera, alta e serena. A mãe de Jonathan passava dos cinquenta anos de idade, mas era ainda muito encantadora. No seu tempo, dizia-se, fora uma das belezas mais celebradas do West Country. Starling conhecera-a quando ela tinha quarenta, nas primeiras e horríveis semanas depois de Alice desaparecer, e ela era realmente bela, então. Agora, os seus olhos azuis estavam rodeados por finas rugas, e tinha pregas profundas em volta dos cantos da boca, que começara a perder a curva no lábio superior. Mas os ossos malares eram ainda altos e macios, os sobrolhos delicadamente arqueados e o maxilar ainda firme. Os cabelos tinham um dia sido de um profundo castanho-escuro, da cor do melaço; agora, era cinzento, penteado para trás ao longo do crânio, exceto alguns caracóis selecionados para lhe emoldurar o rosto. Muitas mulheres com metade da sua idade não tinham metade da sua beleza. Starling fez de imediato uma reverência.

— Starling! Que fazes aqui em cima? Não me digas que o meu filho fez com que outra criada se fosse embora?

— Acho que ela ainda não se foi embora. A Sra. Hatton espera persuadi-la a ficar.

— Mas não entrará nos aposentos do meu filho?

— Não, minha senhora. Não entrará.

— Criatura pateta. — Josephine Alleyn suspirou. — Ele é doente do coração e não está bem. Não constitui perigo para ninguém. —

Starling não disse nada, e a Sra. Alleyn examinou-a atentamente. — Que se passa, rapariga? Parece que tens alguma coisa para dizer.

— Não, minha senhora — disse Starling.

— Não te importas, então, de ajudar o meu filho quando outras não o fazem?

— Não, minha senhora. Só que…

— Fala.

— Torna-se muito difícil fazer todo o meu trabalho lá de baixo, quando também tenho deveres cá em cima.

— Estou a ver. Que sugeres? Que te eleve a criada de quarto e empregue uma nova empregada da cozinha para te substituir?

— Se isso lhe agradar, minha senhora. Poderá não haver outra rapariga tão adequada para servir o Sr. Alleyn como eu.

— Ah, mas a razão pela qual ele não te choca é a mesma que te mantém lá em baixo, Starling. — A Sra. Alleyn sorriu, com simpatia. —

Receio que sejas mais adequada para a cozinha e para a copa. — Starling ouviu a muda implicação disto muito claramente: *és uma ratazana das sebes. E pertencias a Alice*. — Mas talvez, se continuares com este trabalho extra cá em cima, de vez em quando, isso dever-se-á refletir no teu salário. Falarei à Sra. Hatton acerca disso.

— Obrigada, minha senhora.

— Bom. Agora diz-me, como está Jonathan esta manhã?

— Está calmo, minha senhora. Não come, e a cama não está desfeita — disse Starling. A Sra. Alleyn respirou fundo; os seus olhos refletiam uma profunda angústia.

— Ele… treme? Achas que são de novo as dores de cabeça?

— Acho que não, minha senhora. Hoje, ele parece apenas cansado.

— Pois bem, visitá-lo-ei agora. — A senhora idosa compôs-se, cheia de determinação. — Fica por perto do teu trabalho, Starling. — Ela própria quase o receava, pensou Starling. Virou-se para se ir embora, mas após dar alguns passos, interrompeu-se, olhando para trás. A sua oportunidade era agora. A mão da Sra. Alleyn imobilizara-se a meio caminho de bater à porta do filho. — Que é? — disse ela.

— Vi o Sr. Weekes, o homem do vinho, no outro dia. Pediu-me para lhe enviar as lembranças dele. Casou recentemente e pede licença para lhe apresentar a nova esposa, se lhe agradar, minha senhora.

— O jovem Richard Weekes, finalmente casado? — A Sra. Alleyn sorriu levemente.

— Sim, minha senhora.

— E a noiva é apresentável?

— De todos os pontos de vista, é muito refinada. Talvez… um bom

bocado mais refinada do que o próprio Sr. Weekes. Ela chamou a minha atenção por ser… uma senhora um tanto singular.

— A sério? Em que aspeto?

— Talvez a senhora pudesse avaliar por si mesma.

— Muito bem, então, estarei interessada em conhecê-la. É curioso que ele próprio não tenha vindo fazer essa solicitação. Mas podes passar a mensagem para ele vir na quinta-feira, às quatro, se lhe agradar.

— Como a senhora disser, Sra. Alleyn. — Starling fez uma mesura e afastou-se, de coração aos saltos.

Sabia que a Sra. Alleyn esperaria que ela estivesse longe antes de entrar no quarto do filho, mas ainda ouviu os gritos quando ela realmente entrou, e o baque de alguma coisa atirada pelo ar.

Starling continuou até ao piso inferior, verificou que a costa estava livre, depois pegou num frasco de ovos em conserva da despensa e adicionou-o ao saco de artigos semelhantes que mantinha debaixo da cama. *Quinta-feira, às quatro.*

Tinha de se certificar de que poderia observar, se possível, o momento exato em que Josephine Alleyn pusesse os olhos em Rachel Weekes.

Ao pensar nisso, foi tomada por uma incerteza inquietante, que tornou impossível manter-se imóvel. De súbito, percebeu que não fazia ideia de como a Sra. Alleyn reagiria a uma pessoa que se parecia tanto com Alice, a rapariga que ela culpava pela doença e declínio do filho. E

percebeu que ela própria ansiava por ver outra vez a nova Sra. Weekes

— por mais doloroso que tivesse sido da primeira vez, ao sentir aquela louca vaga de alegria, frustrada no instante seguinte quando percebeu que aquela não era Alice, regressada. Mesmo assim, a novidade de uma parecença tão misteriosa era fascinante. Starling ansiava por olhar de novo e comparar — verificar a sua primeira impressão de que o rosto daquela mulher era o espelho daquele que assombrava as suas recordações. *E se Josephine Alleyn ficar furiosa com a visão dela, a expulsar e recusar tê-la de volta… então tudo termina antes de ter começado*. Andou de um lado para o outro sobre o estreito chão do quarto, virando tantas vezes que ficou tonta. Mas, agora, a coisa fora posta em movimento, e não poderia ser parada.

1803

Odia em que o benfeitor de Alice a deveria visitar foi um dia de chuva forte. Caía em bátegas, a direito, de um céu de chumbo, esburacando o solo e escorregando pelas chaminés, fazendo efervescer as lareiras. Alice correu repetidamente à janela da cozinha para ver da sua chegada, com todo o nervoso da excitação,

parecendo muito mais nova do que os seus dezassete anos. Starling reparou que Bridget vestira as suas melhores roupas, usando um avental imaculado, e que Alice tivera, nessa manhã, um cuidado particular com os seus cabelos claros. A luz pálida do dia refletia-se nos seus caracóis. Bridget escolhera um vestido simples de lã cinzenta, de mangas compridas, para Starling; ela adorava a sensação de o sentir roçar-lhe os tornozelos, e do calor que produzia. Elas tinham também comprado uns sapatos em segunda mão a um vendedor ambulante que lhes tocou à porta, e embora fossem de bom tamanho, pareciam intoleravelmente apertados a Starling, e ela descalçava-os sempre que Alice estava concentrada noutras coisas.

— Fique quieta, Menina Alice! Não fique tão excitada —

admoestou-a Bridget. Alice suspirou e voltou a sentar-se. Mas quando se ouviu um chocalhar da cancela, ela voltou de imediato à janela. Os seus olhos arregalaram-se e bateu com a mão na boca.

— Aí vem ele… e… e Jonathan Alleyn está com ele! — arfou ela através dos dedos. Bridget estava numa azáfama. Tirou o avental e meteu-o rapidamente, dobrado, numa gaveta, e ajustou alguns cabelos soltos dentro da touca.

— Alice, para a sala. Pegue na sua costura e não se mexa até eu os trazer para dentro. Starling, filha, vai lá para cima e não venhas para baixo enquanto eu não te for buscar. Estás a entender?

— Sim, Bridget — disse Starling. A sua voz era ainda uma coisa ténue, um sibilar tão baixinho que quase se perdia no bramido da chuva lá de fora.

Starling quase fez o que lhe mandaram, mas não inteiramente.

Parou no cimo das escadas, onde a balaustrada de madeira fazia uma curva, e acocorou-se aí com os joelhos magricelas enfiados debaixo do queixo. Estava na obscuridade; ninguém a veria, a menos que levantassem os olhos mesmo para ela. Era o sítio

perfeito para ficar à escuta, e para ver quem quer que fosse que entrasse no átrio; viu dois cavalheiros, um velho e outro jovem. Estavam bem vestidos como

lordes, embora os casacos estivessem encharcados e a pingar das bainhas, e as suas botas salpicadas de lama. O homem mais velho era forte e corado, embora não fosse feio. Tinha mãos grandes, da largura de pratos de jantar, e usava uma cabeleira cinzenta encaracolada sob o chapéu preto. Quando sorriu, as bochechas subiram e quase lhe submergiram os olhos. Cumprimentou Bridget muito animadamente, e muito mais cortesmente do que uma criada poderia esperar, com um largo sorriso e um *como é que está?* Mas Starling viu que a resposta de Bridget, e a sua reverência, foram rígidas e reservadas. O cavalheiro não pareceu reparar, nem importar-se.

— E onde está a minha jovem protegida? — disse ele, numa voz assustadoramente alta e profunda. Atroou pelas escadas até ao esconderijo de Starling, e esta retraiu-se. Não teria conseguido dizer onde ou quando aprendera a recear o tom elevado de vozes masculinas.

— Eu levá-lo-ei até ela — disse Bridget, e conduziu ambos os homens até à sala.

O mais novo, que Starling tinha ainda de examinar adequadamente, parecia apenas crescido, talvez até ligeiramente mais novo do que Alice.

Olhou para cima ao passar pelo fundo das escadas, olhando diretamente para ela como se soubesse que estaria ali, e, quando os seus olhares se cruzaram, ele pestanejou uma vez, mas não mostrou qualquer outro tipo de surpresa. Starling susteve a respiração, mas ele não se deteve, nem a denunciou quando seguiu o homem mais velho até ficar fora do campo de visão. Ficou com a impressão de ser uma figura alta, magra, angular, porém graciosa; olhos castanhos e vívidos num rosto comprido como o de uma

raposa; maçãs pronunciadas e cabelo escuro às ondas. Parecera-lhe que sorrira, apenas um pouco, quando desviou o olhar.

A porta da sala abriu-se e Starling ouviu Alice falar.

— Lorde Faukes! Que maravilhoso vê-lo! Que amável da sua parte ter vindo. E o senhor também, Sr. Alleyn… — A voz esvaiu-se-lhe, incapaz de impedir o favoritismo de transparecer na sua voz. — Como está? Por favor, entrem e sentem-se. Bridget, quer fazer o favor de nos fazer chá? Ou talvez prefiram chocolate quente depois da vossa fatigante viagem com este tempo?

— Isso seria muito bem-vindo, Menina Beckwith — disse o homem mais jovem, Jonathan. Depois a porta da sala fechou-se, Bridget regressou à cozinha e Starling não ouviu mais. Fechou os olhos e esperou para descobrir o seu destino. *Beckwith.* Era a primeira vez que

ouvia o nome todo de Alice, e isso fê-la sentir-se ao mesmo tempo ansiosa e ciumenta. Dois dias antes, ficara à escuta quando Bridget e Alice pensaram que estava a dormir. Bridget avisara que este homem, estes homens, a poderiam levar e entregar no asilo, e apesar de Alice ter declarado que não os deixaria, o tremor da sua voz dissera que poderiam, e que Alice não seria capaz de os impedir. *Não, não, não,* rezou ela silenciosamente.

A sua espera ao cimo das escadas pareceu durar para sempre. Um horror frio e escorregadio fez-lhe remoer as entranhas; as pernas ficaram inteiriçadas da posição acocorada. Quando, por fim, Bridget a foi buscar, a velha estendeu-lhe uma mão e levou-a pelas escadas sem dizer uma palavra. Starling tremia da cabeça aos pés. À porta da sala, lutou contra o impulso de fugir. Uma recordação surgiu-lhe então, das mãos de um homem a agarrá-la, de dor e medo, de morder e arranhar e lutar para se libertar. Lembrava-se do que fazer se estes homens tentassem agarrá-la.

Os três viraram-se para a fitar quando entraram na sala, mas apenas Alice sorriu.

— Starling — disse Alice, fazendo um aceno. Starling foi até junto dela obedientemente, pegou-lhe na mão e prendeu-lha firmemente. —

Este é Lorde Faukes, o meu guardião e benfeitor. E este é o seu neto, Jonathan Alleyn. O que dizes?

— Como estão os senhores? — sussurrou Starling, fazendo uma reverência. Jonathan Alleyn sorriu; o sorriso iluminou um rosto que de outro modo tinha um ar bastante sério. Os seus olhos eram escuros, mas cintilantes, e estudaram-na com uma espécie de confiança serena que a fez enroscar-se e querer esconder-se atrás das saias de Alice. Mas não o fez. Encarou-os francamente, embora isso lhe tivesse custado um grande esforço de vontade. — Por favor não me levem daqui — acrescentou ela, e Alice apressou-se a silenciá-la, sorrindo.

Houve uma pausa, depois Lorde Faukes deu uma súbita gargalhada que a fez saltar.

— Que idade tens, minha menina? — perguntou ele.

— Achamos que poderei ter sete anos — respondeu Starling, o que fez com que o homem se risse outra vez.

— Pobre criatura, sem raízes. Não admira que gostes de aqui estar, e que queiras ficar, se tens até agora vivido ao ar livre, e espancada. A questão é, tens algum direito a ficar? Hmm? — Ele inclinou-se para a frente na cadeira, e Starling ficou fascinada e horrorizada pela forma

como a sua barriga se avolumou por trás da camisa e do colete, e lhe tombou sobre as calças.

— Lorde Faukes, Starling é… — começou Alice a dizer, mas o velho interrompeu-a.

— Então, então, Alice. Já disse a sua parte.

— Estou a aprender a cozinhar e limpar, e a ler e escrever — sibilou Starling com desespero.

— A sério?

— A criança não é claramente uma idiota, apesar da sua origem inferior. Parece-me óbvio que é suficientemente esperta para adquirir as aptidões de que poderá precisar… — disse Jonathan, mas o avô acenou-lhe para que se calasse. O jovem lançou um olhar de desculpas a Alice, cujos olhos estavam muito abertos. Houve outra pausa enquanto o velho parecia pensar. Os seus olhos não largaram Starling nem uma única vez; ela não pestanejou, nem desviou o olhar. Pouco depois, ele resmungou.

— Ela é bastante corajosa, concedo-lhe isso. Mas não é um dos seus pintainhos órfãos ou um coelho de perna partida, Alice. É uma criança, e tornar-se-á uma mulher. E depois? Responsabilizar-se-á por ela, durante todos esses anos até ser crescida? Pense, antes de responder.

— Sim, senhor — disse Alice imediatamente, colocando as mãos sobre os ombros de Starling. O velho abanou a cabeça com exaspero.

— E você, Bridget? Habitualmente, pode-se confiar que a senhora pensa mais com a cabeça do que com o coração. O que diz? — Bridget estava ainda de pé junto à porta, as mãos entrelaçadas à sua frente. Todos os olhos se viraram para ela, e ela remexeu-se desconfortavelmente.

— Bridget? — disse Alice, implorando em silêncio.

— Eu acho… eu acho que a rapariga pode sair-se bem. Se lhe for permitido ficar. Aprende rapidamente, e faz o que lhe mandam, a maioria das vezes.

— O que não nos dá uma resposta num ou noutro sentido; mas posso perceber o que preferiria. — Lorde Faukes recostou-se na

cadeira, e tamborilou por um momento os dedos sobre os braços entalhados. —

Muito bem, então — disse ele, com um aceno de cabeça. Alice arquejou.

— Ela pode ficar?

— Ela pode ficar. Mas… — Foi interrompido por Alice que voou pela sala e lhe lançou exuberantemente os braços em volta.

— Oh, muito obrigada! Obrigada, é o melhor e mais bondoso homem do mundo! Obrigada, senhor! — gritou ela, cobrindo-lhe o rosto

de beijos até que ele não teve outro remédio senão rir-se e dar-lhe palmadinhas nos ombros.

— Então, então. Um pouco mais de recato, Alice! Ela pode ficar, mas será criada da casa, não uma irmã. — Ele levantou um dedo em aviso. — Uma coisa que nasceu torta nunca se endireita, e não se pode nunca confiar nela inteiramente. Pode ajudar Bridget até estar preparada para sair para o mundo e encontrar o seu lugar. Terá mais algum dinheiro destinado a mantê-la, e esse será o único salário que deverá ter. Não fará qualquer esforço para a transformar numa senhora, pois nunca o será.

Faço-me entender?

— Sim, senhor — disse Alice. Ela acabara por vir ajoelhar-se ao lado dele, com a cabeça encostada às suas coxas e os braços apertados à sua volta. Na pausa que se seguiu, Lorde Faukes baixou os olhos para ela com uma expressão que era perdidamente afeiçoada e afetuosa. Um rubor mais intenso espalhou-se-lhe pela face, e quando Starling olhou para Bridget, viu que a mulher idosa exibia uma expressão de expectativa e reserva, pairando na ponta dos pés, combatendo o ímpeto de avançar e puxar Alice.

Durante o tempo que levara a decidir o curso da vida de Starling, a chuva parara.

— Vamos até lá fora por um bocado, antes de jantarmos? Podíamos ir até Bathampton, ou só até à ponte — disse Alice, quando os dois homens se levantaram das cadeiras.

— Infelizmente, hoje não podemos ficar para comer consigo.

Temos outros assuntos a tratar. Além disso, o seu vestido e os sapatos ficariam arruinados, minha querida! O terreno parece um pudim daqui até ao caminho — disse Lorde Faukes. Jonathan olhou para o avô e depois para Alice com um ar levemente desesperado.

— A cavalo, talvez? Podíamos cavalgar ao longo do rio um bocado? — disse ele.

— Oh, sim! Vamos — concordou Alice imediatamente. — É

sempre tanto tempo entre as vossas visitas. Temos de encurtar esta tão cedo?

— Pura e simplesmente, não há tempo, menina. — Alice e Jonathan ficaram visivelmente cabisbaixos com estas notícias. — Vem, Jonathan, temos de estar de volta a Box à hora do jantar.

— Mas, ao menos, poderia mostrar-lhes a nossa nova porca? Não vou estragar os sapatos; posso pedir emprestado as socas de Bridget.

Venham vê-la, é a criatura mais gorda em que jamais puseram os olhos!

— pressionou Alice.

— Venham ver a porca? Por que raio…

— Eu gostaria de a ver — interrompeu Jonathan o avô. Tinha os olhos em Alice, e brilhavam. — Muito. Quer dizer, se ela é assim tão

gorda como diz — acrescentou ele, desajeitamente.

— Oh, muito bem. — Lorde Faukes suspirou. — Alice, por favor leve o meu neto a ver a porca. Espero que a sua corpulência não vos detenha por muito tempo. Eu vou ficar aqui, no quentinho, e comer mais um dos excelentes bolinhos de Bridget. — O velho abanou a cabeça e voltou a sentar-se, entrelaçando as mãos sobre a cintura.

Bridget entregou um prato de bolinhos a Starling para esta levar a Lorde Faukes, mas Starling não estava a prestar atenção. Estava a observar Jonathan a ajudar Alice a vestir a capa; a ver como Alice se segurou colocando levemente uma mão no ombro dele enquanto ela enfiava os pés nas socas, apesar de Starling já a ter visto realizar a mesma ação, sem auxílio, uma dúzia de vezes ou mais. Não olharam para ela, nem lhe pediram para ir com eles à pocilga. Saíram para o pátio, lado a lado, enfronhados na conversa, caminhando tão juntos que, de vez em quando, as mangas de ambos se roçavam. Parecia existir um círculo em redor deles, uma parede que ninguém mais poderia escalar ou penetrar; e, do lado de fora desse círculo, o mundo pareceu subitamente um pouco mais frio.

— Como um par de vitelos alucinados — murmurou Bridget, franzindo os lábios enquanto fechava a porta atrás deles. — Corre com esse prato, menina. Não deixes Lorde Faukes à espera. Agora, ele é o teu patrão. — Starling fez o que lhe mandaram, depois subiu à janela do piso de cima, da qual a pocilga era visível, por trás da casa. Lá estavam Jonathan e Alice, sem prestarem qualquer atenção à porca de raça inglesa, que se aproximara da cerca para ver se havia comida. Toda a atenção deles estava concentrada um no outro. Starling observou-os firmemente, sem pestanejar, tentando decidir se haveria de amar ou odiar este Jonathan Alleyn pela forma como mantinha Alice enfeitiçada.

1821

Depois da discussão acerca de Duncan Weekes, Rachel sentiu-se estranha e constrangida em presença do marido. Começara a

compreender quanto azedume existia entre eles, mas se Duncan Weekes tinha sido responsável pela morte da mãe de Richard, certamente teria sido punido por lei? Imaginou o velho, com os seus passos titubeantes e os seus cumprimentos quase desesperadamente simpáticos, e uma tristeza sem fundo nos olhos. Seria possível que fosse verdade?

Ela ansiava por saber. Ali estava uma coisa que ela e o marido tinham, afinal, em comum — a perda de uma mãe muito amada. Ela sabia muito bem como essa dor poderia permanecer. Queria que ele soubesse que compreendia o seu sofrimento, que partilhá-lo poderia atenuá-lo. Que ele devesse perder o pai ao mesmo tempo parecia demasiadamente duro, mas tinha ela qualquer direito a tentar reconciliá-los, se a culpa estivesse do lado do velho?

Assim, Rachel quase poderia compreender a razão por que Richard ficara tão zangado com ela por ter falado com Duncan Weekes. Quase, mas o bastante, uma vez que ela não poderia ter conhecimento do seu agravo. *Ele tem o temperamento da mãe, disse o pai. Esses maus génios não se consomem tão rapidamente quanto se incendeiam?* Mas com os seus olhos a estoirar e o rosto contraído pela ira, ela mal o reconhecera; pensar nisso fazia-a morder a língua, quando o seu instinto era levantar a questão e falar sobre ela calmamente, como marido e mulher. Richard parecia pressentir os seus pensamentos e estava atento, vigilante; tenso como se estivesse pronto para a repreender novamente. Isto, mais do que qualquer outra coisa, mantinha-a em silêncio. Mas, depois, quando ele regressara a casa com um convite para ambos, e uma expressão encantada no rosto, todas as recordações do problema entre eles pareceu esquecido. Rachel sentira afrouxar os nós de preocupação no estômago.

Tens a vida toda para vir a compreender a dor dele. Não precisas de o apressar.

Na quinta-feira, após a refeição do meio do dia, aprontaram-se.

— Apresse-se, Rachel. Temos de estar lá às quatro em ponto, e não nos podemos atrever a chegar tarde. — Richard estava agitado enquanto repuxava a gravata de molde a ficar mais volumosa, e escovou vivamente os vestígios de pó das mangas do casaco.

— Meu querido, ainda nem passam dez minutos das três, e uma

questão de vinte minutos para ir daqui para ali…

— Tenciona galopar até lá? Não pode chegar lá esbaforida e sem fôlego, com os cabelos soltos como uma mulher destemperada, Rachel.

— Não tenho qualquer intenção de ir a galope, garanto — disse ela, friamente. Detetando o seu tom, Richard parou de ajeitar o seu atavio e aproximou-se dela. Pôs-lhe as mãos sobre os braços e apertou-lhos suavemente. A sua expressão era doce, quase infantil. Um rubor de excitação impregnou-lhe o rosto.

— Claro que não tem. Só estou a tentar fazê-la perceber a…

importância deste meu conhecimento. A Sra. Alleyn é uma grande senhora, muito estimada nos círculos mais elevados da sociedade de Bath. Tem sido para mim uma espécie de benfeitora; uma cliente fiel de gosto requintado, desde os primeiros tempos do meu negócio…

— Sim, já me contou tudo isso, e eu estou encantada por ser convidada a conhecê-la.

— Também eu estou encantado. Não tinha notícias dela há algum tempo… dela pessoalmente, embora o pessoal da casa continue a comprar Porto e vinho apenas a mim. É você, Rachel. — Ele sacudiu-a gentilmente, e abriu-se num sorriso. — Foi você que propiciou este convite. E agora somos convidados como visitas numa casa tão fina como nunca alguma vez viu… Bem — corrigiu-se ele, talvez lembrando-se da educação dela e do seu emprego em

Hartford Hall. — Pelo menos em Bath, em qualquer caso. Espero bem que ela aprove.

— A mim?

— Claro — disse Richard, regressando ao espelho e recomeçando a ajeitar a gravata.

— Como eu também espero — murmurou Rachel, subitamente mais nervosa do que já estivera. *E se não aprovar, o que acontece?,* perguntou o eco dentro da sua cabeça, maliciosamente. Rachel silenciou-o.

Por mais excitado que o marido parecesse, ela, que sabia um pouco mais sobre a alta sociedade e o seu funcionamento, não tinha dúvidas de que o convite era uma forma de prolongamento de uma proteção. Eram convidados mais como vassalos do que como visitas estimadas, mas ela decidiu causar tão boa impressão quanto possível. *Ele espera impressionar esta Sra. Alleyn comigo, por isso vou representar a minha parte o melhor que puder.* Vestiu de novo o seu vestido de algodão cor de antílope, embora ele fosse demasiado leve para o tempo, e colocou sobre

os ombros um xaile de borlas — cinza-claro, com um padrão de ramos de rosas. Tirou da caixa os brincos de pérolas da sua mãe e enroscou-os apertadamente nas orelhas.

— Então acha que ela poderá não aprovar? — Rachel não conseguiu deixar de perguntar, quando por fim saíram de casa. Para sua infelicidade, Richard pareceu ponderar a questão por um instante. Vendo a expressão dela, sorriu.

— Por favor, não se preocupe, minha querida. É só que… a senhora teve de passar por grandes dificuldades, apesar da sua elevada condição.

Ela pode ser um pouco… hesitante quanto a ser calorosa com as pessoas.

Mas tenho a certeza que a vai receber calorosamente, querida Sra.

Weekes.

— Por que dificuldades teve ela de passar? — perguntou Rachel.

Viu uma pequeníssima centelha de impaciência atravessar o rosto de Richard, mas depois ele respirou fundo.

— Os rumores abundam, por isso será melhor que eu lhe conte toda a verdade, tal como a entendo. Há dez ou doze anos, esqueci exatamente quando, veio a saber-se que o filho — o único filho — tivera um compromisso secreto com uma rapariga inapropriada, apesar de estar destinado a outra desde o berço…

— Oh, pobres crianças… — disse Rachel.

— Nem por isso… Jonathan Alleyn era já um adulto nessa altura, e deveria ter agido melhor do que infligir um tal escândalo à família.

— O que tornava a rapariga tão inadequada? Ele não tinha fortuna suficiente para ambos, se ela fosse pobre?

— Não foi tanto a falta de dote como a sua falta de educação e de modos, tanto quanto entendo. Mas não sei ao certo, nunca vi a criatura.

Apenas sei o que os criados mexericaram: que a família pôs fortíssimas objeções à união.

— E então ele casou com ela? Com essa rapariga inadequada?

— Nada disso. Ela mostrou a sua verdadeira natureza antes de chegarem a isso: abandonou-o, e envolveu-se com outro homem, e assim demonstrou que era tão boa como qualquer bosta de vaca coberta de primaveras. A sua baixa condição no fim veio ao de cima. Fez do homem um idiota completo, e deixou-o de coração partido.

— Fraca mulher! — Rachel suspirou, de algum modo abalada pela linguagem de Richard.

— Nem mais. Não mais se soube dela depois de fugir, o que deveria

ter sido o fim da história.

— E não foi?

— Não. A traição pareceu levar o Sr. Alleyn a uma espécie de…

colapso. Uma qualquer espécie de loucura, da qual nunca recuperou. O

seu comportamento louco significou que muitos dos velhos conhecimentos da Sra. Alleyn cortassem todos os laços com ela. Hoje em dia, ele mantém-se a maior parte do tempo nos seus aposentos, o que é talvez uma mercê. Mas o dano está feito. O seu sofrimento pesa muito sobre a senhora, constantemente.

— Quer dizer que ele não melhorou, ao longo de todo este tempo?

— É difícil dizer. — Richard encolheu os ombros. — Ninguém o viu, durante anos. Por isso, não posso dizer. Mas toda esta experiência feriu muito profundamente a Sra. Alleyn. Ela está… um tanto frágil, agora; não confia facilmente.

— Pobre senhora, realmente. — Caminharam em silêncio por algum tempo. Rachel levantava as saias cuidadosamente sobre as poças do pavimento, nem todas apenas de água. *Pobre filho,* sussurrava o eco dentro da sua cabeça, suave e tristemente. — O coração do pobre homem deve ter ficado despedaçado, para a traição da rapariga provocar danos tão duradouros — refletiu ela em voz alta.

— Talvez, mas eu acho que a cabeça devia ser fraca desde o início, não acha? Para ficar tão desfeito? — Rachel considerou isto, mas não disse nada. Após um minuto, Richard acrescentou: — Não diga nada do que lhe contei à Sra. Alleyn.

— Claro que não direi — garantiu-lhe Rachel.

Caminharam lentamente através da cidade, subindo a encosta íngreme de Lansdown Road a um ritmo que se aproximava a quase não se moverem, tal era o medo de Richard de chegarem em desalinho.

Rachel ergueu os olhos para o bonito rosto do marido quando se aproximaram do cimo, sorrindo com apreensão, apertando a mão em volta do braço dele. O sorriso que suscitou em Richard foi distraído, e ela afrouxou os dedos abstraindo-se.

— Vai amarrotar a manga, minha querida — disse ele.

O número um de Lansdown Crescent ficava na extremidade leste da rua curva. A casa erguia-se por quatro andares acima do nível da rua e fitava imperiosamente o sueste. Nessa manhã, a chuva deixara na pedra marcas de água, escuras e pesarosas, como se as janelas tivessem estado a chorar. A casa tinha uma frente côncava de modo a corresponder ao

número oposto na extremidade mais distante da meia-lua, e estava rodeada por um gradeamento de ferro pintado de azul-prussiano. Havia um elegante candeeiro filigranado à esquina, do lado de fora, e a porta principal abria-se sobre a lateral da casa, a partir de uma alameda que levava à parte de trás da meia-lua. A porta estava protegida por um pórtico com colunas, e alcançava-se por um leque de degraus de pedra. À

esquerda, um conjunto de degraus mais estreitos e íngremes descia pelo gradeamento para um pátio no piso mais abaixo, na frente do edifício, e para a entrada dos criados. Em frente da meia-lua, o terreno descia abruptamente, de modo a que mesmo as árvores do fundo do declive não obstruíssem aos residentes a vista para sul. Por trás e para lá da meia-lua, estendia-se o elevado terreno comum, uma porção de pastagens salpicadas por ovelhas, bordejando os limites da cidade. Estavam bem acima do rio e o ar era sensivelmente mais límpido e menos húmido.

Havia uma ténue alacridade de fumo de chaminé na brisa, mas também uma frescura, uma pureza que sugeria que as zonas mais baixas da cidade se comprimiam sob o véu do seu próprio fedor.

Quando pararam para absorver a situação grandiosa da casa, um cabriolé puxado por dois bonitos cavalos cinzentos virou para a meia-lua, e Richard avançou apressadamente.

— Venha, minha querida. Não devemos ser vistos especados como um casal de simples recém-afortunados — disse ele, e automaticamente começou a descer pelas pequenas escadas para a entrada de serviço.

Rachel puxou-lhe o braço para o deter. Com uma ponta de simpatia, ela viu que ele se sentia tão pouco à-vontade no ambiente que o rodeava, tão conspícuo, como ela a princípio se sentira em Abbeygate Street.

— Sr. Weekes, se somos convidados como visitas, não devíamos usar a porta principal? — disse ela, serenamente. Richard pestanejou e um pequeno rubor inflamou-lhe a face.

— Sim. Claro — disse ele entre dentes, um pouco envergonhado.

Aclarou a garganta enquanto subiam os degraus da frente, limpou as botas o melhor que pôde no raspador, e repuxou a bainha do colete enquanto tocava à campainha.

A porta foi aberta por um criado fardado, alto e monolítico, que lhes franqueou a entrada apesar do seu óbvio desdém. Do átrio interior ascendia uma larga escadaria de pedra, que girava sobre si mesma até ao cimo da casa. Ostentava uma bela passadeira, cor de sangue, e a borda de cada degrau tinha sido esfregada até ficar macia como pele. O ar

cheirava a cera de abelhas e a flores; e a laranjas, de uma taça cheia de difusores aromáticos sobre uma mesa lateral. O teto, muito acima das suas cabeças, era ornamentado por um elaborado

trabalho de estuque e iluminado por um cintilante candelabro de vidro. As paredes estavam cobertas com papel pintado, exibindo um intrincado padrão de aves rabilongas e flores orientais em dourado, verde-água e carmesim. Dois enormes espelhos estavam colocados frente a frente, de cada um dos lados do átrio, pelo que fileiras de Richards e Rachels erguiam-se lado a lado em ambos, estendendo-se até ao infinito. *Aqui está um exército constituído por nós, pronto para conquistar a Sra. Alleyn,* disse a voz dentro da cabeça de Rachel, e ela sorriu intimamente.

O mordomo conduziu-os até uma enorme entrada à esquerda do átrio. Os saltos de Rachel soavam baixinho no chão de pedra, e ela teve a fortíssima sensação de estar a ser observada. Sentiu um formigueiro nos cabelos da nuca e olhou sobre o ombro, não vendo nada nem ninguém atrás de si. Havia, porém, qualquer coisa de inesperado, e um tanto inquietante, em relação à casa. Estava demasiado silenciosa, decidiu ela.

Não se ouvia música, não se ouviam vozes. Não se ouviam passos na escadaria ou nas passagens destinadas aos criados, por trás dos painéis; nenhum som abafado de labor vindo de baixo, nenhum crepitar de chamas em lareiras. Até mesmo os ruídos da rua se tornaram remotos até desaparecerem assim que a porta foi fechada. Rachel engoliu em seco e debateu-se com um súbito e inexplicável impulso para fugir dali. Parecia como se o tempo se tivesse suspendido, como se a casa estivesse adormecida, ou talvez tivesse sustido a sua respiração. O peito ardia-lhe, e percebeu que estava a fazer o mesmo. O rosto de Richard estava crispado dos nervos; contorcia os dedos e os olhos tinham uma expressão inquieta.

— O Sr. e a Sra. Weekes, minha senhora — anunciou o mordomo, curvando-se para a ocupante da sala quando Richard e Rachel passaram por ele.

— Obrigada, Falmouth. — A senhora que falou usava uma túnica antiquada de seda brocada verde, excessivamente decorada com laços e fitas. Estava de pé ao fundo da sala, junto à janela, a

alimentar um canário através das grades delicadas da sua gaiola dourada. Se estivesse estado ali há dois minutos ou mais, teria visto Richard começar a descer pelas escadas de serviço, percebeu Rachel. Esperou que Richard não pensasse nisso. A sala estava abafada com cortinados e mobiliário, as

paredes escuras com grandes pinturas, e as suas molduras douradas tinham um resplendor baço. O canário piou e a sua voz soou alto no ar imóvel. Com a luz atrás dela, era difícil distinguir com clareza as feições da senhora. — Como está, Sr. Weekes? Há meses que não o via — disse ela, escovando fragmentos de sementes dos dedos.

— Sra. Alleyn. — Richard fez uma vénia profunda, tão profunda que Rachel o fitou, surpreendida. Fechara os olhos e pareceu juntar forças. *Do que tem ele medo?* — Por favor, permita-me a honra de apresentar a minha esposa, a Sra. Rachel Weekes — disse ele, quando por fim se endireitou. A Sra. Alleyn deu alguns passos na direção deles, sorrindo graciosamente. De imediato, Rachel reparou na sua grande beleza, e estava prestes a fazer uma reverência quando a senhora mais velha estacou, e o seu sorriso se desfez.

— Céus! — murmurou ela indistintamente, premindo as costas da mão contra os lábios. Os olhos arregalaram-se.

— A senhora não se sente bem? — perguntou Richard, dando um passo em frente para lhe oferecer o braço. A Sra. Alleyn recusou com um gesto.

— Estou muito bem. — Fitou Rachel durante mais alguns segundos, em silêncio, até que Rachel, desorientada, fez a sua adiada reverência e disse:

— É uma honra conhecê-la, Sra. Alleyn. — *Será que, de alguma forma, a choco? Será que ela pensa que me conhece?*

— Bem — disse a senhora mais idosa. — Bem. Um prazer, Sra.

Weekes. Por favor, aceite a minha bênção pelo vosso recente casamento.

— É muita bondade sua, Sra. Alleyn.

— Entrem e sentem-se — disse a Sra. Alleyn, e a cada momento ela reconquistou a compostura, até Rachel ficar insegura acerca da sua intuição inicial — de que fora alguma coisa relacionada com a sua própria aparência que detivera a senhora.

A conversa moveu-se educadamente da mudança do tempo para o negócio de Richard e quem viria passar a temporada em Bath. A Sra.

Alleyn deu todos os nomes e endereços em que conseguiu pensar, fornecendo a Richard uma lista de potenciais clientes.

— Farei referência a si, quando escrever — disse ela.

— Fico-lhe muito grato, como sempre, Sra. Alleyn. Tenho um carregamento recentemente chegado a Bristol de um excelente vinho de Bordéus, um dos melhores que alguma vez provei.

— Ah! Que maravilha. Jonathan não ficará contente, mas não consigo alterar os meus gostos em relação a isto: é o vinho de mais excelente sabor para se tomar.

— Jonathan deve ser o seu filho, Sra. Alleyn? Ele não gosta do vinho de Bordéus? — disse Rachel. Houve uma pequeníssima pausa, e Richard fez-lhe um apelo mudo com os olhos que a fez saber que, de alguma forma, tinha errado.

— O meu filho combateu os Franceses em Espanha e Portugal, Sra.

Weekes. E embora aceite que a guerra já tenha terminado, não consegue reconciliar-se com o antigo inimigo. Preferiria que eu comprasse vinho de Espanha, ou da Alemanha.

— E o Rei concordaria com ele, pois as taxas da Coroa sobre o vinho francês ainda limitam fortemente as nossas importações.

— Não consigo perceber o que se ganha em sustentar tais má-

vontades — disse a Sra. Alleyn com um suspiro. — Mas estou em minoria, tenho bem consciência disso. Um conhecido escreveu-me recentemente para me punir pela minha falta de tato! Mas não consigo ver porque deveríamos ter de beber uma indescritível zurrapa espanhola, e permitir que os Franceses guardem todo o *Bordeaux* para si próprios!

Parece-me uma forma curiosamente invertida de os punir, na minha opinião.

— Tem toda a razão, Sra. Alleyn — concordou Richard, prontamente. — E isso também me entristece.

— Mas mantém os preços altos — disse ela, sorrindo intencionalmente. Richard remexeu-se, com desconforto. — Oh, eu compreendo como é que os negócios funcionam, não precisa de ficar envergonhado. E confio que não cobre um preço excessivamente inflacionado. A mim, pelo menos; embora eu tenha de comprar em pequenas quantidades, e escondê-las de Jonathan. — Ela sorriu de novo, mas desta vez a expressão era mais fria.

— Então, o seu filho vive aqui consigo, Sra. Alleyn? Não tinha percebido — disse Rachel. De novo se seguiu uma pausa e um olhar significativo de Richard. — Deve ser reconfortante para si… tê-lo tão perto — continuou ela a pisar em falso.

— Na verdade — disse a Sra. Alleyn, laconicamente. — Deixei a nossa casa de Box depois de o meu pai morrer. Era demasiado grande para uma mulher sozinha, e achei que a cidade ofereceria mais oportunidades de vida social e de companhia. Quando recuperámos da

guerra, o meu filho juntou-se-me aqui. — As palavras soaram num tom tão gélido, que Rachel não encontrou forma de responder. O silêncio estendeu-se e a Sra. Alleyn fitou-a sem pestanejar. Quando Rachel tentou descobrir alguma coisa ligeira e inócua para dizer, encontrou a sua mente completamente vazia.

A Sra. Alleyn acabou por voltar o seu olhar perturbante para Richard, e inquiriu sobre o seu progresso com alguém que ela lhe apresentara. Rachel respirou mais livremente, e decidiu não voltar a falar, por mais que Richard se virasse, e sorrisse e instasse para que ela fizesse qualquer comentário. Conteve a língua, e sorriu educadamente, e tentou não reparar na forma como a Sra. Alleyn continuava a fixá-la, quase com relutância, como se não conseguisse resistir. Rachel viu nos seus olhos uma mistura inexplicável de cálculo e de curiosidade, e isso aumentou a sensação que já tinha de a casa estar à espreita. Ficou contente quando, após mais ou menos quarenta minutos, a Sra. Alleyn os dispensou com requintes de educação. Quando atravessaram o átrio de novo, um clarão de movimento e cor chamou a atenção de Rachel.

Através de uma porta estreita por trás da escadaria principal, onde as escadas das traseiras levavam às caves, uma criada estava a observá-los

— uma rapariga ruiva com olhos grandes e uma expressão ansiosa. Com um sobressalto, Rachel reconheceu-a como a rapariga que os servira, apenas daquela vez, durante o jantar de casamento. A rapariga que também ficara parada a fitá-la de forma peculiar, tal como a Sra. Alleyn fizera.

— Eu avisei para não perguntar pelo filho, não avisei? — disse Richard, enquanto se afastavam por Lansdown Road.

— Não. Não avisou — disse Rachel. — Disse apenas para não mencionar o infortúnio que lhe aconteceu com a rapariga com quem estava comprometido… Achei que a Sra. Alleyn pudesse gostar de

falar dele, uma vez que percebi que tem poucas oportunidades de o fazer.

— Toda essa questão acerca do filho é algo que ela sente muito agudamente. Talvez agudamente de mais para discutir com um novo conhecimento.

— Bem, como poderia eu saber se não me avisou? — disse Rachel, irritada. Sentia-se apreensiva de uma forma que não conseguia explicar.

A senhora achou que conhecia a sua cara. Alguma coisa relacionada com esta perceção deu-lhe um entusiasmo peculiar, expectante. — Sr.

Weekes… acho que acabei de ver aquela rapariga que serve em Moor's

Head a trabalhar aqui como criada.

— Sadie? — Abanou a cabeça. — Tenho a certeza que não.

— Não, a outra. A que serviu o vinho apenas uma vez e mo entornou sobre a mão. Deve lembrar-se… a rapariga de cabelos ruivos?

— Não. Só Sadie trabalha na estalagem, e porque haveria ela de estar em casa dos Alleyn, em Lansdown Crescent?

— Não estou a dizer que vi Sadie, digo que vi a outra rapariga…

tenho a certeza — insistiu Rachel.

— Bom. Estou certo de que deve estar enganada. Não vi ninguém.

Creio que se saiu bem, minha querida. Tenho a certeza que mereceu a aprovação da Sra. Alleyn.

— Não tenho tanta certeza. Ela fitou-me de uma forma muito peculiar, e deve ter reparado, quando me apresentou, como ela pareceu sobressaltada. Acha que ela pensou que me reconhecia de qualquer lado?

— Como poderia ela reconhecê-la, minha querida? Eu disse-lhe que ela nem sempre é uma companhia fácil. Tenho a certeza que não a estava a observar com outra intenção que não fosse a curiosidade acerca de um novo conhecimento…

— Assustou-me saber que o filho estava ali, por cima de nós o tempo todo, escondido.

— Sim… perdoe-me. Pensei que tinha compreendido. A sua enfermidade vai para além de um mero obscurecimento dos humores, ele também foi ferido na guerra. Tem uma perna inutilizada, e dizem-me que sofre de dores de cabeça horríveis. Dores que duram ao longo de dias, e obliteram todo o pensamento.

— Pobre homem — murmurou Rachel.

— Tal como eu disse, apenas o vi uma vez ou duas em anos, desde a sua queda. É um homem estranho e difícil, impossível de conhecer.

— Um tal sofrimento poderia tornar qualquer um de nós em estranhos e difíceis.

— Tem um coração tão bondoso, minha querida — disse Richard, apertando-lhe a mão que repousava sobre o seu braço. Parecia ter relaxado na curta distância que tinham andado desde a casa dos Alleyn, os nervos ao dissiparem-se deixando-o alegre, quase jubiloso. — É uma senhora como deve ser, não é? — disse ele, sorrindo. — E bela, embora não com tanto encanto como o seu.

Rachel correspondeu ao cumprimento com um sorriso, mas continuava a interrogar-se acerca da estranha exclamação da Sra. Alleyn,

e dos olhares repetidos; e interrogava-se acerca da rapariga de servir, ruiva, que ela vislumbrara ao cimo das escadas. E ao mesmo tempo que não poderia dizer o que tudo isso significava, ou se tinha algum significado, apenas se somava à sua inusitada suspeita de que fora observada, e isso era dizer pouco.

Da encosta onde se situava Lansdown Crescent, afastado, o resto da cidade era um emaranhado confuso. À medida que desciam na sua direção, parecia até haver menos luz natural; o ar adensava-se com o fedor do esforço humano. Rachel caminhava por entre pilhas de esterco de cavalo e poças gordurosas, mas não conseguia evitar que os sapatos ficassem salpicados. *Socas*, anotou ela mentalmente. *Tenho de adquirir um par de socas*. Richard deixou-a perto da igreja, para se encontrar com um homem para tratar de negócios, e Rachel fez um trajeto intrincado de regresso a casa, por cima da loja. Começava a gostar do ruído e da azáfama das estreitas ruas empedradas, que nalguns pontos mal tinham largura para permitir que duas pessoas passassem sem os ombros colidirem. O que um dia lhe parecera uma multidão passara a ser sentido como uma comunidade.

Desde que saíra de Milsom Street, resolvera explorar as ruas mais estreitas que havia por trás e entre elas, onde as traseiras dos edifícios se amontoavam umas em cima das outras, à medida que subiam e desciam pelas íngremes colinas da cidade. Tudo era um emaranhado de algerozes e empenas e ásperas paredes de pedra; proteções de chaminés como fiadas de dentes partidos, portas de estábulos e fossas, escadas exteriores e barracões tortos; tudo constituindo um simulacro das fachadas austeras e serenas que davam para a frente. Aqui, ninguém reparava em Rachel, não era digna de nota. Deslizava através da confusão, conhecendo os seus caminhos e locais ocultos; os degraus íngremes e cheios de musgo que se destacavam inesperadamente por baixo de uma plataforma de casas; o talho, entranhado nos arcos por baixo de uma rua, onde cozinheiras e governantas faziam fila para os melhores cortes de Bath.

Ali não havia pasteleiros a vender massapão ou frutas cristalizadas, não havia luveiros com produtos de seda ou pele de vitela. Ali, havia tanoeiros a vender barris e cestas, e sapateiros a martelarem solas novas em botas de trabalho. Ali, havia lojas de trapos e retrosarias, e fornos comuns para os que eram demasiado pobres para terem os seus próprios.

Rachel começara a sentir que conhecia melhor a cidade agora do que antes.

Ao comprar um cartucho de castanhas quentes a um rapaz vendedor ambulante, olhou sobre o ombro um par de vezes, para se assegurar de que Richard não estava nas imediações, antes de virar para a rua que levava à casa onde estava alojado Duncan Weekes. Não tivera a certeza que o iria visitar até esse preciso momento, mas a curiosidade convenceu-a a fazê-lo. Tinham passado vários dias desde que ela falara com o sogro, no exterior de Moor's Head, e compreendia, agora, que Richard não consentiria nunca que ela o visitasse. Tal como o velho previra. *Ele avisou-me para não pedir, mas mentiu acerca do azedume entre eles, e da sua razão de ser,* pensou ela, com inquietação. *Como se poderia ele referir à morte da sua mulher como "questões do passado distante"?* Richard dissera tais coisas malignas acerca do pai e Rachel estava com dificuldade em conciliar esse retrato com o velho triste que ela conhecera, e que lhe louvara a bondade e a gentileza. *Sob a censura e a raiva, tem de existir amor. Não existe sempre amor entre pais e filhos?*

Pensou na Sra. Alleyn, cuja vida fora tão destruída pelas infelicidades do filho e pelo seu sofrimento persistente. *Mas ela não o abandona, e eu não devo abandonar Duncan Weekes tão facilmente. Não até ter a versão dele sobre esses acontecimentos.*

Ela tinha a sensação preocupante de que poderia vir a arrepender-se da sua decisão; porque se o que Richard lhe contara era verdade, talvez qualquer amor existente entre ele e o pai tivesse realmente morrido, e a reconciliação por que Rachel esperava fosse impossível. Era inquietante que ela devesse sentir-se demasiado

nervosa em relação ao seu próprio marido para lhe perguntar o que acontecera exatamente à sua mãe.

Mantém essa curiosidade secreta, instou a suave voz no interior da sua mente. Apesar disso, a tristeza nos olhos de Duncan afligia-lhe a memória, e ele elogiara Richard com inequívoco orgulho. *Ele ama o filho, pelo menos isso é claro. E parece restar-lhe pouca coisa que lhe seja querida.* Duncan Weekes era a única espécie de pai que lhe restava, mas, à medida que ia ao seu encontro, Rachel preparou-se para cortar todos os laços com ele, caso a condenação de Richard se revelasse bem fundada.

O edifício a que chegou era alto e estreito, desajeitadamente entalado entre armazéns e oficinas, nos limites a sudoeste da cidade, perto da margem do rio, com toda a sua lama e cheiro desagradável. As paredes estavam manchadas de fuligem, as janelas opacas. Tinham sido esticadas cordas nos pisos superiores e roupas puídas suspendiam-se

flacidamente no ar parado. Nos degraus da frente estava sentada uma rapariguinha com não mais de três anos de idade, vestida com um bibe de lona e uma touca andrajosa. Emanava um cheiro estranho e insalubre, qualquer coisa como peixe e leite. Rachel baixou-se com um sorriso.

— Olá, pequenina. Vives aqui? Como te chamas? — disse ela.

Rastos húmidos e brilhantes corriam-lhe por ambos os lados da boca, desde o nariz até ao queixo. Olhou para Rachel com olhos calmos e bem abertos, e não disse nada. Rachel tirou o seu lenço e tentou limpar o rosto da criança, mas ela encolheu-se, levantou-se e desceu os degraus a correr. Nesse preciso momento, a porta abriu-se e uma mulher de rosto fechado saiu com uma cesta na anca. Lançou um olhar enviesado e suspicaz a Rachel quando ela se esgueirou pela porta aberta.

Lá dentro estava frio e húmido. Havia um corredor sombrio com um soalho nu, onde o ruído dos passos, das vozes e do choro de

crianças chegava através das paredes. Tresandava a sebo e a amoníaco. O

alojamento de Duncan Weekes era no piso mais inferior da casa, pelo que Rachel foi até às escadas ao fundo do corredor, descendo para uma escuridão estagnada. Pequena como era, a cave tinha duas divisões, e Rachel virou para a da direita, como lhe fora dito. A mão tremia-lhe ligeiramente quando a ergueu para bater à porta. Pensou nos aposentos de Abbeygate Street, e como inicialmente os achara pobres. Agora, o sítio onde vivia o sogro atava-lhe um nó de vergonha e tristeza no estômago, e lutou fortemente para sorrir quando ouviu os ferrolhos a deslizarem lá dentro. Duncan Weekes pareceu quase assustado quando espreitou, de olhos aguados e raiados de sangue. Estava sem cabeleira, revelando escassos fiapos grisalhos do cabelo que lhe restava, e sem ela parecia mais baixo, despido. Sorriu e fez-lhe uma ligeira vénia, irradiando sempre uma espécie de vergonha ansiosa.

— Minha querida Sra. Weekes… é muita bondade sua visitar-me, muita bondade… tinha pensado que não viria. Receio que o estado do meu alojamento muito a repugne…

— Tolice, Sr. Weekes — murmurou Rachel, mas não conseguiu ser convincente. Sorriu para se enganar a si mesma, e estendeu-lhe o cartucho de castanhas quando entrou. — Aqui tem… ainda estão quentes.

— Obrigado. Muita bondade sua. Entre… entre e sente-se ao pé do lume. — Duncan Weekes atarefou-se desastradamente, tirando um copo e uma garrafa de vinho meio vazia da cornija, e as páginas caídas de um

jornal da única poltrona que havia junto da lareira. Apenas tinha uma sala, e esta era apertada e escura. Uma cama estreita estava encostada à parede do fundo, com um baú aos pés; por baixo da única janela, muito subida na parede, a deixar entrar pouca luz, estava uma secretária simples e uma cadeira de madeira dobrada, e junto da porta havia uma cómoda. A lareira era pobre — apenas

uma pequena grade para o carvão, uma placa ferrugenta para a chaleira, e mais nada. Emanava um ténue círculo de luz e calor. Duncan Weekes foi buscar a cadeira de madeira dobrada e sentou-se do outro lado, de frente para ela, embaraçadamente, com as mãos sobre os joelhos.

— E como está a minha querida? Como está o meu filho? — disse ele, ansiosamente. O seu bafo cheirava a vinho, e ela viu o seu olhar flutuar em direção à garrafa que retirara da cornija. Tirou de lá os olhos com ar de culpa, o rosto exprimindo um constante pedido de desculpa.

Ele está envergonhado. De si próprio, tanto quanto da sua pobreza.

E tão ansioso por ser meu amigo. Rachel sentiu uma determinação renovada — ainda que estivesse errada por desobedecer ao marido, não fora errado vir a este pobre alojamento, dar este primeiro passo.

— Estou bem, tal como Richard, obrigada… Eu… eu falei-lhe acerca de si, mas…

— Ele não quis ouvir? — disse o velho, com tristeza.

— Ainda não. O seu… sofrimento acerca da separação entre vós ainda é forte, e persuasivo. Talvez com o tempo…

— Passou já muito tempo, minha querida, e nada durante a sua passagem abrandou a sua ira. Ele falou-lhe com rispidez quando me mencionou? — Os olhos aguados de Duncan Weekes fixaram-se nela, cheios de preocupação.

— Eu… um… um pouco, sim. Tenho a certeza que ele não queria dizer…

— Pobre menina. É demasiado boa e generosa para receber reprimendas por causa de um tipo como eu. Não passo de uma ruína do que fui um dia. Não é de admirar que o meu rapaz não queira ter nada a ver comigo.

Rachel sentiu borboletas a levantarem voo no interior do seu estômago. Ela engoliu antes de voltar a falar, e descobriu que tinha a garganta seca.

— Perdoe-me, mas tenho de o ouvir de si. O meu marido… o meu marido disse-me que o senhor matou a mãe dele. É verdade o que ele

diz? — A voz tremia-lhe audivelmente; seguiu-se um longo silêncio ensurdecedor. Duncan Weekes fitava-a de olhos arregalados e vazios.

Rachel percebeu, de súbito, que não fazia ideia de como ele reagiria à sua terrível pergunta. *Louca! Vir aqui, e estar a sós com ele, e dizer uma coisa destas!* Rachel começou a pôr-se de pé e a dirigir-se para a porta.

— Espere! Não vá ainda, suplico-lhe! — bradou-lhe Duncan.

Rachel parou e olhou para trás. Os olhos do velho já não estavam sem expressão ou alarmados. Todo o seu corpo se desfizera em angústia, encolhendo-se dentro de si mesmo como se ela lhe tivesse batido. —

Perdoe o meu silêncio, só… só que foi um grande choque. Chocou-me realmente ouvi-la dizer isso — disse ele.

— Então… não é verdade? — sussurrou Rachel.

— Eu… não posso dizer que seja totalmente mentira. Ai de mim, não posso dizer tal coisa. — Limpou os olhos com a mão tremente. —

Mas tem de acreditar em mim, por favor, quando digo que não tive nunca intenção de fazer mal à minha Susanne. Amei-a mais do que algum homem jamais amou uma esposa, e nunca lhe pus um dedo em cima por raiva… Pois ela de facto repreendia-me com frequência, e apontava-me as minhas muitas faltas. — Um

fragmento de sorriso desolado atravessou-lhe o rosto. — Amava-a sinceramente, e não lhe queria nenhum mal. — Rachel ficou onde estava durante mais um momento, depois deu um passo atrás na direção da cadeira. A tristeza de Duncan Weekes era como uma coisa física, como uma coisa que ela pudesse tocar.

— O senhor… o senhor jura-o diante de mim?

— Juro-o diante da minha própria alma, Sra. Weekes.

Hesitantemente, Rachel voltou a sentar-se. Descobriu que não lhe custava acreditar nele; o seu instinto dizia-lhe que ele não era um homem violento.

— Pode… o senhor pode dizer-me de que mal ela padeceu? —

disse-lhe.

O velho abanou a cabeça. Uma lágrima única saltou-lhe da face, salpicando as brasas com um pequeníssimo silvo. — Se tem de o ouvir, então tenho de o contar. Mas, suplico-lhe, não me obrigue. É uma vergonha constante para mim; é como uma ferida que me atravessa, e falar dela faz girar a lâmina nessa ferida. É insuportável, minha querida menina. É insuportável.

— Então não fale disso — disse Rachel, resolutamente. — Apenas

importa que a sua morte foi… acidental. E que o senhor a lamenta.

— Seria difícil encontrar outra criatura que mais a lamentasse —

disse Duncan, baixinho. Rachel pensou por um momento.

— E… depois, criou Richard sozinho? Desde que ele tinha oito anos de idade? E… esta zanga entre vós dura há esse tempo todo?

— Não, não durante esse tempo todo. Eu… eu agravei o meu pecado, está a ver, menti-lhe. Mentiras por omissão, talvez, mas mentiras na mesma. Ele era um jovem na altura em que descobriu

que destino se abatera sobre ela, por que fonte não sei dizer. E a ofensa foi agravada por saber que eu lhe omitira a verdade.

— Creio que o senhor era moço de estrebaria, nessa altura?

— É verdade, Sra. Weekes. E cocheiro, também. Estive toda a minha vida empregado num desses serviços. Tenho um dom com cavalos, percebe… consigo acalmá-los, e levá-los a bem. Eles só querem que os tratem bem, percebe; apenas querem sentir-se seguros e de um pouco de carinho. Mas depois de ter perdido Susanne, eu… eu bebi ainda mais, para esquecer as tristezas. Sou o arquiteto do meu próprio declínio, e não mereço nenhuma piedade da sua parte.

— Não é verdade que a nossa fé nos ensina a perdoar perante o arrependimento dos erros? Creio que isso inclui… perdoar a si mesmo.

— Como pode uma pessoa perdoar a si mesma uma tal coisa?

Como é que me perdoo a mim mesmo, quando arruinei a vida do meu rapaz de forma tão terrível? Tenho muito tempo para pensar, agora, nestes meus dias de crepúsculo, e os meus pensamentos são amargos, de arrependimento por todas as escolhas erradas que fiz e de todas as formas pelas quais falhei.

— É duro consigo próprio, Sr. Weekes. A mim, parece-me ser um…

homem bondoso. Estou certa de que tentou fazer as coisas bem, e qualquer um de nós pode falhar. Deus não pode esperar mais de qualquer homem que se apercebe das suas próprias faltas, que as lamenta e que com elas se esforça por melhorar…

Rachel pensou no seu próprio pai, na vergonha que o devorou; que o devastou, como um cancro. Estendeu o braço e pegou na mão nodosa de Duncan. Estava encardida com sujidade, uma sujidade de origem incerta que se lhe tinha introduzido nas gretas e debaixo das unhas.

— Esses pensamentos irão atormentá-lo — disse ela, suavemente.

— Tem de haver alguma alegria na vida, não tem? Tem de se permitir alguma felicidade, ou tudo se reduz a nada. Fiquei triste durante muitos

anos, depois de ter perdido a minha própria família. Mas agora tenho Richard, e com ele uma nova vida, e sinto que chegou a altura de voltar a ser alegre.

— Deve haver felicidade para aqueles que a merecem, sim. Para aqueles de bom coração e boas ações como a menina — disse o Sr.

Weekes. — Para um velho idiota como eu, a oportunidade chegou e foi-se. — Aclarou a garganta, e o seu olhar traiçoeiro vagueou de novo até à garrafa, antes que pudesse voltar a desviá-lo. — Mas que tenha vindo visitar-me… e ficado a ouvir-me… isso deixa-me muito feliz.

— Receio que não lhe tenha trazido hoje nenhuma alegria — disse Rachel. — É melhor ir agora, a noite aproxima-se e devo estar em casa antes do meu marido. — Pôs-se de pé, alisando a saia com ambas as mãos.

— Mas virá outra vez, minha querida? — A expressão de Duncan Weekes estava tão cheia de esperança que a fez sofrer.

— Eu… não tenho a certeza. Teria de ocultar do meu marido uma visita dessas, e… perturba-me bastante fazê-lo. Mentir é uma coisa horrível.

— Mas está nas suas mãos fazer aquilo por que ansiei durante tantos anos, minha querida. — Ele levantou-se e prendeu-lhe a mão nas suas, encontrando forma de sorrir tremulamente. — Está nas suas mãos fazer com que o meu rapaz pense bem de mim outra vez. Ou pelo menos trazer-me notícias dele, e de como passa.

— Eu… — Rachel hesitou, abanando a cabeça.

— Por favor! Por favor, querida menina. Venha outra vez visitar-me. Nem sabe o bem que faria.

Por um momento, Rachel fixou os seus olhos nos dele, aninhados como estavam nas rugas da idade e do desespero. *Faria um velho implorar-lhe?*

— Talvez fosse maior pecado deixar um membro da família definhar, sem ninguém dar conta… — Ela interrompeu-se antes de dizer *na pobreza*. — Deixar o azedume e o mal-entendido continuar, quando talvez pudesse endireitar as coisas…

— Abençoada seja, Sra. Weekes. E obrigado. — Duncan soltou-lhe a mão, acompanhando-a com um passo pouco firme até à porta.

— Posso trazer-lhe qualquer coisa da próxima vez? Um pouco de comida, talvez? — perguntou ela. Duncan abanou a cabeça.

— Só o seu bom coração, e notícias do meu rapaz. Mas… tem de

ser *cautelosa*, querida menina. Tem de ser cautelosa para não… não arranjar problemas para si por minha causa — disse ele, de novo ansioso.

Rachel tentou descartar o aviso, mas ele vinha muito pouco tempo após o choque da ira de Richard, e, ao sair do edifício, fê-lo prisioneira de uma sensação parecida com um princípio de medo. *Não. Não tenho medo do meu marido, que me ama.*

O Sol punha-se mais cedo todos os dias e, à medida que a escuridão caía, incontáveis lanternas e tochas eram acesas nas janelas e sobre as portas, inundando as ruas de uma irregular luz amarela que se refletia na água imunda dos escoadouros e quase a tornava bela. Rachel inspirou profundamente o ar gelado para libertar os pulmões da humidade da sala de Duncan Weekes. Caminhou vivamente até estar em melhores ruas, parando para comprar uma tarte para o jantar, e, assim que chegou a casa, alimentou o fogão para aquecer a cozinha e a saleta, e olhou em

redor, apreciando com novos olhos a sua casa. Bateu as almofadas da cama para lhes aumentar o volume, sacudiu as aranhas das cortinas, limpou o bule e fez chá, com uma súbita necessidade de estar ocupada, e não ter tempo de parar para pensar acerca de Duncan Weekes. Porque se pensasse de mais naqueles seus olhos tristes e na imundície em que vivia, poderia voltar a falar involuntariamente; e, tentando, como devia, ficar calma e ser corajosa, a ideia de uma nova confrontação enchia-a de horror. Estava tão consciente sobre a reserva das palavras que disse pouca coisa de monta quando Richard chegou a casa, sorrindo apenas e levando-lhe as coisas que ele queria. Mas ele estava cansado, e cheirava à estalagem, e não pareceu importar-se com o silêncio dela.

No dia seguinte, entregaram um cartão em casa, e Rachel descobriu que, ao mesmo tempo que deveria ter ficado surpreendida, não o estava nada. Era um convite para ir ao número um de Lansdown Crescent nessa tarde; um convite que lhe era dirigido apenas a si. Rachel correu os dedos ao longo da aresta dura do cartão, e perguntou-se sobre o que aquilo poderia significar. A sala pareceu-lhe, subitamente, tão quieta e vigilante como a casa de Lansdown Crescent, e sentiu a pele formigar-lhe. Esperou que o marido voltasse, e ensaiou o que diria quando isso acontecesse. Estava quase certa de que Richard ficaria feliz por ouvir a notícia, mas, depois, pensou que a sua exclusão do convite poderia temperar esse sentimento. Afinal, adormeceu antes de ele vir para casa.

Acordou-a quando chegou à cama, desastrado e confundido na escuridão, e ela fingiu estar a dormir, até as mãos dele, que tinham

vagueado sobre o seu corpo, se imobilizarem e ele ter começado a ressonar. Cuidadosamente, Rachel empurrou-lhe as mãos de cima dela e virou-se de lado, para que nenhuma parte deles se tocasse.

— A senhora mandou-me chamar? — disse Starling. A Sra. Alleyn fitou-a do sofá de seda onde estava sentada, e ergueu as sobrancelhas. Os seus olhos faiscavam.

— Sabes muito bem porquê.

— Senhora? — disse Starling.

— Basta! — irrompeu a Sra. Alleyn, erguendo-se abruptamente para andar de um lado para o outro sobre o tapete. O estômago de Starling deu uma guinada, mas apagou qualquer expressão do rosto, e ficou à espera. — Tu própria me disseste que ela era uma mulher singular, a nova Sra. Weekes. Manobraste para que me encontrasse com ela sem me avisar como ela se parecia tanto com aquela rapariga desgraçada! Deverias saber como iria ficar chocada. — A Sra. Alleyn fitou furiosamente a criada da cozinha. Embora Starling exibisse ressentimento pelas palavras sobre a rapariga desgraçada, e pelo tom ácido de repugnância com que foram pronunciadas, sabia que não devia argumentar. — Bem? O que dizes?

— Só pensei que estaria interessada em conhecê-la, minha senhora.

— Realmente. Tem cuidado, Starling; foste criada dela, antes de ser minha, eu sei, mas tens sido minha nestes últimos doze anos. Não deveria ter razão para questionar sobre a quem dedicas a tua lealdade.

— A minha lealdade é para consigo, minha senhora. Sempre —

mentiu Starling.

— Espero bem que sim. Ela abandonou-te tão insensivelmente como abandonou o meu filho, não esqueçamos também. O teu lugar nesta casa é uma dádiva que pode ser retirada, não esqueçamos. Poucos teriam ficado contigo, dadas as circunstâncias.

— Estou-lhe grata, minha senhora.

— Bem… — Josephine Alleyn ficou mais calma. Voltou a sentar-se no sofá. — A semelhança é verdadeiramente extraordinária. Logo à

primeira vista — disse ela.

Era bem verdade, pensou Starling. Ela observara das escadas quando a Sra. Weekes estava a sair, e desta vez fora capaz de se aperceber de umas quantas formas subtis pelas quais a mulher não era parecida com Alice. Não tinha sido exatamente a mesma coisa do que o sobressalto do primeiro momento, quando lhe parecera como se os

mortos caminhassem.

— É um estranho mundo, quando duas pessoas podem ter nascido tão parecidas e, ainda assim, tão sem ligação uma com a outra — disse a Sra. Alleyn.

— Não completamente sem ligação, minha senhora. Porque agora elas têm a senhora em comum — disse Starling, muito cautelosamente.

Este era o momento crucial, o instante crucial, porque se ela não conseguisse convencer a sua senhora de que a Sra. Weekes lhes podia ser útil, desvanecer-se-ia qualquer hipótese de utilizar a mulher para espicaçar Jonathan, e fazer com que se traísse. Por sobre o ombro, Starling podia sentir os olhos pintados do Lorde Faukes, o pai de Josephine Alleyn, a fitá-la da grande tela por cima da lareira. Sentiu a pele arrepanhar-se. Starling não gostava de olhar para o retrato; não gostava de ver a pesada pança que o seu estômago era, ou as suas grandes mãos disformes, ou a forma como o seu sorriso lhe enrugava os olhos daquela maneira bondosa, traiçoeira. A Sra. Alleyn olhava para Starling de um modo estranho, e um estremeção de nervos fizeram-na falar de novo, imprudentemente. — A minha ideia era que poderia ser benéfico para o seu filho, minha senhora, conhecer esta mulher que se parece tanto com Alice…

— Não ouvirei esse nome! — As palavras estalaram, tão acutilantes como um chicote, e Starling amaldiçoou-se intimamente por se ter esquecido.

— Peço desculpa, minha senhora — disse ela apressadamente.

Esperou em silêncio. A Sra. Alleyn virou a cabeça para olhar pela janela e não voltou a falar por algum tempo. À luz evanescente da tarde, estava pálida e encantadora; olhos assombrados pela tristeza, rosto assombrado pela beleza.

— De que modo achas que poderia ser benéfico o meu filho pôr os olhos nesta criatura que, embora não seja por culpa dela, é a exata imagem da pessoa que está na raiz da sua aflição? A pessoa que eu mais gostaria que ele esquecesse? — Ela falava sem olhar para Starling.

Ele não a esquecerá nunca. Eu não vou deixar. Starling lutou para manter um tom neutro.

— Bem, minha senhora… parece-me a mim que o Sr. Alleyn beneficiaria de ter companhia. A própria senhora o disse, vezes sem conta, que lhe faria bem sair mais e conviver, e permitir que o visitassem…

— Não quer ouvir falar disso, como sabes. Tentei todos os argumentos. — A Sra. Alleyn curvou a cabeça e, subitamente, exprimiu o seu desespero muito visivelmente. Inspirou profundamente e, quando ergueu o rosto outra vez, este estava marcado pela dor. —

Ocasionalmente, nem mesmo me quer ver a mim. A sua própria mãe.

— Sim, minha senhora. Eu achei que… talvez a cara familiar dela pudesse convencê-lo a tolerá-la — disse Starling. A Sra. Alleyn franziu o cenho, por isso ela apressou-se a continuar. — Alic… a rapariga que ele em tempos conheceu era-lhe muito querida. Em tempos. E eu sei que ele ainda pensa nela…

— Como sabes?

— Ele… — Starling hesitou. Se a Sra. Alleyn soubesse das cartas de Alice, viraria os aposentos de Jonathan do avesso para as encontrar e destruir. — Ele menciona-a às vezes, quando estou por perto.

— Continua.

— Ela era-lhe querida, e há uma hipótese, não acha que há, de que pudesse permitir que a Sra. Weekes o visitasse, por essa razão? Ela parece ser do género bondoso e piedoso. Não poderia ela de alguma forma fazê-lo voltar a si? Não… não pode ter escapado à sua atenção que o Sr. Alleyn ultimamente tem declinado. O seu estado de espírito, quero eu dizer. — *Tenho de ter muito cuidado*. — Declinado como aconteceu na altura do… acidente. — Não fora nenhum acidente que abrira as veias de Jonathan Alleyn com o gargalo partido de uma garrafa de vidro, cinco anos antes. Ambas sabiam o que ele tentara fazer. Josephine empalideceu.

— Achas que ele está assim *tão* doente outra vez? Achas que ele fará… que poderia… fazer mal a si próprio outra vez? — O medo gritava por trás das suas palavras.

— Ultimamente, o seu declínio tem sido rápido, minha senhora, e continua.

— Mas… eu quero que ele a *esqueça*! Essa é a única forma… Ela *envenenou-o*! Bani todos os vestígios dela desta casa, e apesar disso, apesar disso… ele *ainda* a menciona? Depois da forma como ela o traiu?

E dos anos todos que passaram? — Havia lágrimas nos olhos daquela mulher mais velha; cintilavam, por derramar, cheias de incrédulo desespero.

— Menciona sim, minha senhora.

— Bom, não *posso* tolerar isso; não posso tolerá-la. Não desejo ver

a cara dessa mulher novamente. A culpa não é dela, mas o facto permanece: ela é a memória andante dessa desgraça nas nossas vidas, e não a voltarei a ver. — A voz da mulher idosa estremeceu ligeiramente.

Starling sentiu o desespero apoderar-se-lhe outra vez da língua.

— Mas pense só no que ele pode fazer, se o seu declínio se acentuar, minha senhora… Certamente, se vê-la pudesse dar-lhe ânimo, mesmo que só um pouco…

— Não me pressiones, rapariga! Esqueces quem és! Podes conhecer o meu filho desde criança, mas continuas a ser criada nesta casa e eu não preciso dos teus conselhos! Achas-te insubstituível porque não receias servi-lo?

— Não, minha senhora. — Starling sabia quando ser dócil.

As duas mulheres encararam-se em silêncio. Starling manteve os olhos nos pés, onde os seus sapatos de pele surrada pareciam tão deslocados em contraste com o glorioso desenho do tapete, todo ele roxo, verde e dourado.

— Isto é alguma artimanha tua? — acabou a Sra. Alleyn por perguntar. A sua ira desaparecera; a sua voz soava pequena e receosa.

Ainda lhe cintilavam lágrimas nos olhos.

— Não, minha senhora. Apenas quero o que é melhor.

— E… achas sinceramente que vê-la poderia ajudá-lo? Ser recordado?

— Uma vez que o tempo e… o esquecimento não funcionaram, minha senhora, talvez então a Sra. Weekes… isto é, em vez disso talvez uma pequena amostra do que foi perdido pudesse dar-lhe

alívio. — As lágrimas da Sra. Alleyn nunca caíram. Pestanejou para as fazer desaparecer, e recompôs-se.

— Se não tiveres razão… se ele piorar por causa dela…

— Tenho a certeza que não, minha senhora — mentiu Starling outra vez, sem hesitar um segundo. Olhou para a sua senhora, e o seu rosto era uma perfeita reprodução da sinceridade. A Sra. Alleyn pensou por mais um segundo.

— Muito bem, então. Talvez não faça mal tentar. Vou convidá-la —

disse ela, e o coração de Starling planou nas alturas. *Oh, mas faz. Pode fazer mal tentar*.

Starling fechou a porta da sala de estar sem ruído, atrapalhando-se com o puxador. As mãos tremiam-lhe. Todo o seu corpo tremia; a pulsação latejava-lhe ruidosamente nas têmporas. Engoliu em seco, e

sentiu a pele da garganta apertar-se. *Ela envenenou-o!* As palavras retiniam-lhe nos ouvidos. Como se alguém que tivesse conhecido Alice pudesse sinceramente acreditar nisso. Desconcertava-a que alguém como a Sra. Alleyn pudesse estar tão iludida. No silêncio do corredor, ela observou as suas mãos trementes, pontas dos dedos e unhas partidas confundidas pelo movimento. Então, a mão de Alice pegou nas suas, e prendeu-as firmemente. Starling fechou os olhos e viu claríssimos cabelos de ouro iluminados pela luz do Sol, e olhos azuis sorridentes com pestanas que eram como minúsculas penas. *Encontra-me umas papoilas, minha linda, e far-te-ei uma coroa escarlate.*

Alice não conseguia ver as pétalas vermelhas em contraste com as ervas verdes que cresciam ao longo das largas margens do rio. De mãos dadas, as duas raparigas corriam, abrandavam para recuperar o fôlego, depois recomeçavam a correr. O terreno estava alagado, e parecia saltar-lhes debaixo dos pés. Havia bostas de vaca aqui e ali, ornamentadas de moscas ambarinas. Elas guinchavam e saltavam

e evitavam-nas. *Ali! Ali estão umas papoilas!* Starling ouviu a sua própria voz, ouviu Alice a rir quando se sentavam abruptamente, aspirando o odor quente da terra húmida e da erva pisada. Os pés das papoilas eram duros e peludos; ela apanhou-as e deu-as a Alice, que as entrelaçou numa grinalda. *Tenho de ter uma coroa de flores como esta quando Jonathan casar comigo, disse Alice. E tu também. Quaisquer que sejam as flores que desejares, tê-las-*

ás; e pegarás no meu véu o caminho todo até à igreja.

— *Starling!* — Um sussurro zangado sobressaltou-a. Starling abriu os olhos na luz ténue do corredor; os cabelos dourados e os olhos iluminados pela luz do Sol sumiram-se como espectros. Dorcas fitava-a furiosamente da porta de serviço. — Não fiques aí a secar! Em que estás a pensar? — sibilou ela. Starling não ficou ali para responder.

A Sra. Alleyn iria certamente convidar outra vez a Sra. Weekes, em breve. Ela não tinha muito tempo para se preparar; para preparar Jonathan Alleyn. Tencionava que ele estivesse no seu pior quando pela primeira vez pusesse os olhos na mulher que não era Alice. Tencionava que ele estivesse pronto para quebrar, e ela tencionava estar lá quando isso acontecesse.

Rachel sentia o peso de coisas não ditas a pairar entre si e a Sra. Alleyn.

Não tinha a certeza por quanto tempo conseguiria continuar a ignorá-lo.

Estava tempestuoso lá fora, e os seus ombros mantinham-se húmidos da chuva, devido à caminhada até Lansdown Crescent. Quando o vento

soprava, fazia tremer as chamas no gradeamento; uma corrente de ar enrolava-se por baixo da porta, gelando-lhe os tornozelos. Tentou não tremer enquanto beberricava o chá. As pausas entre as frases

afetadas que trocavam aumentavam cada vez mais. A Sra. Alleyn aclarou a garganta delicadamente.

— Diga-me, que compromissos sociais estão nos seus planos, Sra.

Weekes? — disse ela.

— Não tenho… nada digno de nota proximamente, confesso —

disse Rachel.

— Mas frequentará, certamente, os salões sociais?

— Eu… não sei, Sra. Alleyn. O Sr. Weekes não fez qualquer referência a essa intenção…

— Bem, claro que não fez, minha querida Sra. Weekes. Ele é homem, e os homens casados não sentem muita necessidade de dançar.

Mas uma mulher deve ter coisas assim em que pensar, e para as quais se vestir. Não deve? Ele tem de a levar, diga-lhe que fui eu que disse —

declarou ela. Rachel sorriu educadamente.

— Vou dizer-lhe, sim, Sra. Alleyn. E a senhora, gosta de dançar?

— Sim, eu… bem. Costumava, há muitos anos. — O rosto encantador da Sra. Alleyn entristeceu-se. — Passou muito tempo desde que costumava dançar. O meu marido adorava, mesmo depois de sermos casados. Era uma alma feliz, tão cheio de alegria. — Desviou o olhar para o outro lado da sala, e suspirou lentamente. — A última vez que dancei foi com Jonathan, pouco tempo antes de ele ir para a guerra.

— E nunca mais voltou a dançar, desde aí? — disse Rachel, estimando que tinham passado uns bons dez anos desde essa dança. A Sra. Alleyn engoliu em seco e olhou de novo para Rachel.

— Desde aí, nunca mais — disse ela, pausadamente.

Houve mais um silêncio ansioso. A Sra. Alleyn acomodou e desacomodou as mãos sobre o colo, e fez menção de servir chá do bule quando as chávenas já estavam cheias.

— E aquele excelente cavalheiro ali… — Rachel indicou com um gesto o grande retrato a óleo pendurado sobre a lareira. — Diz-me, por favor, quem é ele?

— Aquele é o meu pai, *Sir* Benjamin Faukes. Foi um grande homem… foi um grande, grande homem. Teve uma carreira muito distinta na marinha. Voltei a viver com ele quando o meu marido morreu, quando Jonathan era ainda muito jovem. Ele… ele era um homem bom e

muito afetuoso. — A Sra. Alleyn fez uma pausa. — Acho que ele esperaria que eu me casasse outra vez, um dia, e fosse feliz, mas não estava destinado assim. — Rachel examinou a pintura, que mostrava um homem corpulento, mas respeitável, com olhos joviais profundamente aninhados por cima de umas bochechas vermelhas.

— É uma figura de belo recorte — murmurou ela. — Eu também fui abençoada com um pai bom e gentil. Era um cavalheiro… dono de uma pequena propriedade a norte da cidade. Cresci lá, e o meu irmão mais novo também. Durante algum tempo.

— Perdeu-o? — A Sra. Alleyn inclinou-se ligeiramente para a frente, de olhos ansiosos.

— Quando ele era ainda uma criança. Um rapaz tão querido. Foi…

foi muito difícil para a minha mãe e o meu pai.

— E para si, atrevo-me a dizer.

— Sim. E para mim — disse Rachel, baixinho. A Sra. Alleyn assentiu com um aceno de simpatia.

— O mundo consegue ser cruel ao infligir perdas assim, não consegue?

— Estou certa de que Deus tem um plano para todos nós, Sra.

Alleyn.

— Está, na verdade? Bem dito, Sra. Weekes — murmurou a Sra.

Alleyn, num tom que era difícil de decifrar.

O silêncio instalou-se de novo; lá fora, o vento soava lugubremente.

— Deve estar a perguntar-se porque lhe pedi para me visitar de novo — disse finalmente a Sra. Weekes. — Quer dizer, tão cedo após o nosso primeiro encontro — acrescentou ela apressadamente. Rachel sorriu perante a involuntária descortesia.

— Estou certa de que fiquei apenas encantada por ter sido convidada — objetou, e a Sra. Alleyn lançou-lhe um olhar cúmplice, matizado de desculpas.

— Perdoe-me. Na verdade… — Hesitou, rodando a chávena sobre o pires. — Na verdade, desejo apresentá-la ao meu filho.

— Percebo — disse Rachel, apreensivamente. Teve a sensação de que a Sra. Alleyn estava a tentar encontrar uma forma de abordar o tema do estado do seu filho. — O meu marido disse-me que o seu filho sofre de… uma doença, provocada pela guerra — disse ela, para aplanar o caminho. A senhora de idade inspirou profundamente.

— Sra. Weekes, tenho de ser sincera consigo. O meu filho é

considerado por muitas pessoas como sendo… inapto para a vida social cortês. As dores de cabeça e os pesadelos que tem de suportar… podem originar-lhe humores negros. Ele tem… algumas obsessões estranhas, desde que voltou dos combates. Exprime o que lhe vai na cabeça com demasiada liberdade. E as coisas que

diz podem ser… ele nem sempre é… — Interrompeu-se, e os olhos cintilaram-lhe.

— Sra. Alleyn — disse Rachel com suavidade. — Perdoe-me, mas fico a magicar na razão pela qual deseja apresentar-me, em particular, ao seu filho.

— Bem pode magicar. — A Sra. Alleyn suspirou, e voltou os olhos para o céu, por um momento. — Restam-lhe poucos amigos. Não tem quem o visite. Sei que ele é… em parte culpado disso. Mas não deveria um amigo verdadeiro… fazer concessões? — Ela abanou a cabeça. —

Mas, um a um, todos deixaram de o visitar e de lhe escrever. Vejo bem que casou abaixo da sua condição. Perdoe-me a minha franqueza, e não é minha intenção desconsiderar o seu marido. Conheço Richard Weekes há muitos e bons anos, e sei que tentará fazer o melhor por si. Mas tem melhor educação que a dele, e um coração mais piedoso. Vê-se.

Rachel corou. Não estava ainda preparada para ouvir da boca de outra pessoa o que ela sabia ser verdade. Não disse nada, sentindo o calor abrasar-lhe a pele.

— Bem — disse ela, rigidamente, e não conseguiu pensar no que acrescentar. — Bem — disse ela novamente.

— Ofendi-a. Peço desculpa por isso. Talvez eu também me tenha tornado inapta para a vida social cortês. Já não tenho estômago para a santimónia e hipocrisia dos modos ingleses. — A Sra. Alleyn comprimiu os lábios e esperou, e Rachel sentiu-se como se estivesse a ser testada.

Descobriu que queria agradar àquela mulher estranha e bela, e não apenas por Richard a ter em tão alta estima.

— A senhora apenas me surpreendeu, Sra. Alleyn — disse ela.

— Ótimo. Há força em si, Sra. Weekes. Não consigo percebê-la bem, mas… é o tipo de força de que o meu filho necessita.

Ou de que eu vou precisar quando o conhecer?, perguntou-se Rachel.

— Ele virá juntar-se a nós, hoje?

— Sim. Isto é… tive esperança de… — Interrompeu-se, pois nesse momento um leve toque na porta anunciou uma criada. Rachel ergueu os olhos rapidamente, mas não era a rapariga ruiva. Esta tinha uns olhos

pequenos e uma cara afilada de furão.

— Peço desculpa, minha senhora. O senhor diz que não irá descer hoje. Está… indisposto — disse a rapariga, oscilando a cabeça para elas.

— Obrigada, Dorcas. — A voz da Sra. Alleyn pareceu fatigada, e desapontada. O silêncio voltou a cair, e Rachel perguntou-se sobre a natureza do que se ocultava sob a conveniente palavra *indisposto*. A atmosfera na sala estava a tornar-se insuportável. Rachel remexeu-se na cadeira.

— Bem, fica para outra altura, talvez… — murmurou ela.

— Será que pode ir vê-lo lá acima? — disse subitamente a Sra.

Alleyn. Rachel permaneceu em choque por um momento, mas foi impelida pela súplica instante da senhora de idade.

— Se assim o desejar — disse ela.

Os aposentos de Jonathan Alleyn eram no segundo andar da casa. As duas mulheres subiram a sinuosa escadaria em silêncio; a Sra. Alleyn ostentava uma expressão tensa e fechada. Pararam à porta, e a senhora mais velha alisou as mãos ao longo do corpete. Rachel

teve subitamente medo do que poderia estar lá dentro — do que poderia causar uma tal angústia à própria mãe do homem.

— Por favor… — disse a Sra. Alleyn. — Por favor, tente não… —

mas não continuou. Fechou a boca, com tristeza, bateu à porta e abriu-a sem esperar por uma resposta. — Jonathan — disse ela, um pouco estridentemente, ao mesmo tempo que irrompia na sala. Rachel seguiu na sua peugada, como uma criança ansiosa. — Há alguém que eu gostaria de…

— Mãe — interrompeu uma voz de homem. — Disse-lhe que não desejo conhecer mais nenhum dos seus inúteis charlatães. — A Sra.

Alleyn parou tão bruscamente que Rachel quase embateu nela. — Disse-lhe que não a queria ver. Hoje não — acrescentou ele.

— Esta é a Sra. Weekes. Pensei que tu…

— Pensou em si, não duvido. Como geralmente faz. Deixe-me.

Estou a avisá-la.

A Sra. Alleyn contraiu-se visivelmente. Rachel debateu-se para ver de onde vinha a voz do homem. As portadas estavam fechadas, e não havia lanternas acesas. À luz ténue das brasas, captou o contorno de uma figura, afundada numa cadeira por trás de uma grande secretária atravancada.

Subitamente, ela sentiu um estranho pressentimento, uma sensação

de aprisionamento. A sua respiração ficou presa por trás das costelas como uma bolha.

— Talvez noutra altura — disse ela novamente, com voz fraca, e virou-se para sair. A Sra. Alleyn prendeu-lhe o braço.

— Eu disse para saírem! — gritou subitamente Jonathan Alleyn, e só o aperto da mãe no seu braço impediu Rachel de obedecer. O homem parecia perturbado. A Sra. Alleyn virou-se e inclinou-se para o ouvido de Rachel.

— Por favor — sussurrou ela. — Por favor, tente. — E depois desapareceu, fechando a porta atrás de si.

Por um momento, Rachel não se atreveu a mexer-se. Não se atreveu a fazer qualquer ruído, para o caso de o homem perceber que ela ainda ali estava. *O que é isto? Porque estou aqui?* Lançou o olhar em volta, e conseguiu ver um pouco mais à medida que os olhos se habituavam à escuridão, e quanto mais via, mais a sua apreensão aumentava. O

compartimento estava montado como um escritório, com muitas estantes grandes e armários, todos carregados de livros e objetos estranhos que ela não conseguiu identificar. Alguns pareciam instrumentos científicos, com lentes de vidro e rodas ajustáveis, rodas dentadas e caixas de ébano que continham sabe-se lá o quê. Outros pareciam brinquedos para crianças. Havia mapas de estrelas afixados nas paredes, e um globo pintado que exibia o mapa do mundo. Na estante mais próxima do seu ombro, ela recuou perante os olhos mortos e o focinho arreganhado de uma raposa, empalhada e colocada numa posição de extrema agressividade. Sobre a secretária estavam espalhados papéis e canetas, mais instrumentos estranhos e três grandes frascos de vidro, cada um deles cheio de um líquido e de coisas bulbosas e cinzentas que Rachel decidiu não olhar com muita atenção. Havia um cheiro estranho a carne podre, ténue mas repugnante. Fez a transpiração brotar-lhe da testa. Na parede, por cima da lareira, estava uma pintura que representava uma cena do Inferno — figuras humanas a serem despedaçadas, membro a membro, e consumidas por demónios triunfantes, de rostos alongados por um terror inimaginável.

— Gosta da pintura? — perguntou o homem. A sua voz era agora áspera e baixa. Sobressaltada, Rachel olhou de novo para ele.

— Não — disse ela, sinceramente, e ele deu uma gargalhada oca.

— Foi feita por um homem de nome Bosch. Um homem que tinha sonhos similares aos meus. Pensava que estava invisível, aí de pé, quieta

como um rato? Os meus olhos veem um bom bocado mais do que os seus a esta luz. Estou habituado a ela.

— Ambos veríamos bastante melhor se as portadas estivessem abertas — disse Rachel, no mesmo tom ríspido que teria usado com Eliza. Virou-se ligeiramente como se para ir até à janela, mas parou quando ele falou de novo.

— Não toque nas portadas. — A sua voz era fria, e dura. Não era nenhuma criança com uma birra. — Quem é você? Porque está a minha mãe tão ansiosa para que eu a conheça?

— Eu… na verdade, não tenho a certeza — disse Rachel. Diante de toda a estranheza do homem, daquela sala, da sua situação, a sua mente abandonou o decoro e apenas produziu a verdade. — A sua mãe insinuou que eu poderia fazer-lhe algum bem, através da minha companhia.

— Porquê? É uma curandeira?

— Não.

— É alguma… freira? Uma santa, talvez? Ou uma rameira? —

perguntou ele. A língua de Rachel ficou imobilizada pelo choque, pelo que não conseguiu responder. — Uma dessas três hipóteses, então.

Pergunto-me qual. — O seu tom era de escárnio. — Freira, santa ou rameira.

— Nenhuma delas — conseguiu ela dizer finalmente.

— Que pena. Poderia ter usufruído da companhia de uma rameira.

Embora, ela não as deixe entrar em casa. A minha mãe. Uma grande ironia, dado que todas as mulheres são prostitutas; seja por dinheiro, pelo estatuto ou pela segurança que elas se vendam. Aproxime-se mais, à luz.

Não vejo bem a sua cara.

Rachel moveu-se rigidamente, sentindo-se como se tivesse caído num sonho estranho e inquietante. Nunca estivera numa situação tão fora do normal, nem mesmo quando ficara com o seu pai enquanto todos os pertences lhe eram levados para o meio da rua. Rodeou o lado mais distante da secretária e ficou defronte da cadeira de Jonathan Alleyn.

Sentiu o débil calor das brasas no rosto e, quando o fitou, quase retrocedeu. Estava descarnado e mortalmente pálido, encovado sob as maçãs do rosto. Distinguiu rugas na testa e ao canto dos olhos, e manchas grisalhas no cabelo despenteado. Era alto, mas demasiado magro, os seus ombros sobressaíam-lhe por baixo da camisa, as pernas eram compridas e finas. Uma mão, enclavinhada num punho e colocada contra a boca, era sulcada por tendões, e os seus olhos

perturbadoramente brilhantes. Ele tomou fôlego para falar outra vez, mas quando Rachel cruzou o seu olhar com o dele, a voz faltou-lhe, apesar de os seus lábios continuarem a mexer-se. A mão tombou-lhe e a boca suspendeu-se ligeiramente aberta. *Então é isto*, compreendeu Rachel.

Isto era a razão por que ela fora enviada.

— *Alice?* — sussurrou ele, e na sua voz havia um coração partido, um oceano de esperança, dor e perda. Rachel engoliu em seco e não se atreveu a falar. *Então é Alice que eles veem quando olham para mim.*

Este homem e a mãe dele. A rapariga que o deixou, deve ser isso, seguramente. Corriam lágrimas dos cantos dos olhos de Jonathan, reluzindo com a luz do lume. O seu rosto foi inundado por uma tal mágoa, uma tal miséria, que, por um segundo, Rachel quis estender a mão e limpar-lhe as lágrimas. As mãos ergueram-se-lhe e erraram na direção dele, e ele arrebatou-lhas com rudeza, puxando-a e fazendo-a ajoelhar-se diante dele. Tentou escapar, mas ele segurou-a com força, numa prisão inescapável. — Porquê? — sussurrou ele. O seu hálito fedia penetrantemente a álcool. — Oh, porque me fizeste isto a mim? Porque me deixaste?

Rachel fitou os seus olhos devastados, paralisada. Mal conseguia pensar decentemente; o coração pulava-lhe na garganta.

— Sr. Alleyn — arquejou ela, por fim. — Eu… — Ele pestanejou ao ouvir o som da sua voz, e o rosto endureceu-se-lhe. A expressão de dor e esperança dos seus olhos desapareceu, substituída pela ira. Uma mão agarrou-lhe o queixo, e virou-lhe a cara para a luz laranja da fogueira.

— Que truque é este? Não és ela. Responde-me! — rouquejou ele.

— Sou Rachel Weekes, e…

— Quem? *Quem?* — Ele sacudiu-a, e ela tentou de novo contorcer-se para se libertar do aperto. Num instante, ele soltou-lhe o queixo, e, em vez disso, a sua mão fechou-se-lhe em volta do pescoço. — Responde-me, ou, por Deus, aperto-te o pescoço até morreres! Juro! — Reforçou a mão com a outra, e Rachel arranhou-as, tentando pôr os dedos por baixo dos dele, sem resultado. O pânico tomou-lhe o corpo, tornando-a desastrada.

— Sou Rachel Weekes! Não conheço nenhuma Alice! Eu… eu fui convidada pela sua mãe! — gritou ela. — Solte-me!

— A minha mãe? Então isto é um dos joguinhos dela, não é? Devia ter suspeitado disso mesmo. Mas como se atreve, minha senhora? Como

se atreve a vir aqui e fingir ser quem não é?

— Não fiz tal coisa… — Ela tentava argumentar, mas não conseguia ter ar suficiente. As mãos dele em volta do seu pescoço eram como ferro, e começou a ver pontos brancos rodopiarem ao canto dos olhos. Ele era a única coisa que ela conseguia ver; o seu rosto ameaçador e terrível, erguendo-se sobre ela, dentes cerrados numa fúria assassina.

Por trás dele, a sala rodopiava na escuridão. Ela bateu-lhe nas mãos, nos braços e na cara, como se uns golpes tão débeis pudessem fazê-lo afrouxar o aperto; sentiu uma dor lancinante onde a sua traqueia estava a ser esmagada. Sentiu-se fraca, sem substância; todos os seus esforços eram inúteis. *Ele vai matar-me;* a perceção surgiu-lhe no fundo da mente, estranhamente calma, mesmo se o seu coração pulava de terror e os pulmões lhe ardiam com falta de ar.

— Solte-a! — gritou uma mulher. Rachel sentiu outras mãos a puxarem os dedos de Jonathan. — Pare, estou a dizer-lhe! — Houve uma agitação, movimento, uma luta, e Rachel olhou a tempo de ver a vassoura da lareira atingir a cabeça do seu atacante com um sonoro retinir. Choveu-lhe fuligem em cima e ele cambaleou para trás, a tossir.

Liberta do aperto, Rachel caiu para o chão, arquejando em busca de ar.

Tentou ver quem a salvara, mas a mulher correra para fora do alcance da ira de Jonathan Alleyn, ocultando-se nas sombras. Ele pôs-se de pé, esfregando os olhos, rosnando de fúria.

— Starling, sua cabra traiçoeira! — gritou ele. Rachel debateu-se para se erguer, e fugiu. Desceu as escadas a correr, passando pela Sra.

Alleyn que a esperava lá em baixo.

— Sra. Weekes? Está bem? — interpelou ela com consternação, ao mesmo tempo que Rachel fugia. Não parou para falar, nem para recolher a sua capa. Saiu, irrompendo no ar rarefeito da meia-lua, sem se interessar por mais nada que não fosse a necessidade de escapar.

Starling dissecou o encontro, vezes sem conta — Jonathan Alleyn e Rachel Weekes. Reviu-o na imaginação enquanto cozinhava um pernil, enquanto escamava um linguado, enquanto escaldava os frascos para as conservas e descascava maçãs para uma tarte. Enquanto a azáfama da preparação e envio para cima do jantar continuava à sua volta; a troca regular de pratos quentes por frios, a voltarem intocados da mesa da Sra.

Alleyn. A dona da casa jantava sozinha a maior parte das noites, com um lugar posto para o filho, sempre vazio, sempre a seu lado. Starling sentia-se como se se tivesse afastado de tudo aquilo, como se houvesse um

muro à sua volta que abafasse tudo. Pensava no que acontecera e perguntava-se porque não sentia nenhuma satisfação. Talvez não fosse bem nenhuma satisfação. Não quisera ela que ele se revelasse? Para mostrar que era um assassino? E não correspondera ele, ao quase estrangular a nova mulher de Dick? Mas ela sabia que havia violência dentro dele, não era nenhuma novidade. *Foi, então, assim que ele o fez?*

Com as próprias mãos à volta do pescoço dela?

O fino pescoço de Alice, frágil como o de uma ave; pele macia e cabelos escorridos, a refletirem a luz. As fortes mãos de Jonathan, com os seus longos e elegantes dedos. Uma vez sentara Starling no joelho, diante do velho piano na casa da quinta, em Bathampton, que achou estar desafinado devido à humidade, e tentara ensinar-lhe uma música para tocar. Ela observara-lhe as mãos de perto. As suas unhas eram tão limpas, e tão perfeitamente moldadas; os nós e as articulações destacavam-se orgulhosamente ao longo dos dedos. Enquanto ele tocara, ela tinha ficado magnetizada pelo

movimento dos tendões sob a sua pele, de tal modo que não tomara qualquer atenção às notas que ele tocava.

Quando ele dissera *é a tua vez*, e ela não soubera como começar, o olhar de desapontamento do seu rosto tinha-a de algum modo aferroado. Para o distrair, agarrara-lhe a mão com as suas e mordiscara-lhe um dos dedos, rindo quando ele arquejou um queixume, e depois afastara-se a correr em busca de Alice. *A tua pequena megera mordeu-me,* disse ele, quando a encontraram no pátio, mas sorria ao dizer isto.

Ainda assim. Ainda assim. *Porque me deixaste?* Fora isso que ele lhe perguntara. Starling parou ao cimo das escadas de serviço e encostou-se à parede, virando a cara para a pequena janela e erguendo os olhos para o céu noturno. A luz estava brilhante, as estrelas límpidas e nítidas. Sentia o frio que vinha através do vidro, flutuando até lhe pousar no rosto. Fora um outono frio até agora, e prometia ser um inverno frio.

O ar cheirava a saibro e a velho. Starling fechou os olhos, furiosa consigo mesma. *Que esperavas? Que ele gritasse: Não pode ser! Eu assassinei-te! Idiota.* Ela preparara-o o melhor que pudera, no curto tempo disponível. Levara-lhe mais vinho fortificado, e fizera tantos ruídos estridentes quanto era possível enquanto lhe limpava os aposentos. Raspara a comida dele para um saco, de que se veria livre depois, para que o seu estômago não tivesse nada lá dentro senão álcool.

A ratazana morta que deixara debaixo da sua secretária três dias antes estava realmente a começar a tresandar, enchendo o ar com o odor da sua

decomposição. Esperava que isso o fizesse sentir como se a própria morte o perseguisse.

Porque me deixaste? Era essa frase que a incomodava. Isso não era, certamente, o que um assassino perguntaria à sua vítima. Isso fazia parecer que ele realmente acreditava nas mentiras que eram

contadas acerca de Alice ter outro amante, acerca de ela ter fugido dele, e de os ter deixado a todos para trás. A menos… a menos que essa fosse a razão por que Jonathan a matara? O motivo dele intrigava há muito Starling. Ela sabia mais sobre os homens agora do que soubera então, bastante mais, mas continuava a ter a certeza que ele tinha amado Alice. Amara-a durante anos. Ele e Alice tinham crescido lado a lado, embora tivessem passado mais tempo separados do que juntos. Mas se Jonathan achara, por alguma razão, que Alice planeava deixá-lo… isso poderia bem ter sido o suficiente para fazer com que ele lhe fizesse mal. Não o Jonathan de antes da guerra, mas o Jonathan de depois. O Jonathan que regressou de Espanha, muito diferente do rapaz que partira para lutar, tão cheio de ideias acerca da honra e da glória. Mas Alice nunca o teria deixado.

Alice amava-o mais do que o ar. Starling deixou descair a cabeça contra a parede de pedra com um baque.

Não havia forma de ela poder descansar. Terminou o serviço, atirou um xaile por sobre os ombros e saiu silenciosamente da casa. Os saltos das suas botas ressoaram nas pedras varridas do pavimento. Para além da luz dos candeeiros gotejantes da rua, e para além deles, para sul e este, o resto da cidade — um sombrio labirinto na escuridão. Os pontinhos cintilantes das lanternas pareciam um vago eco das estrelas que havia em cima. Alice teria suspirado perante a beleza deles, mas saber isso apenas lhe deixava um gosto amargo na boca, e desviou o olhar, recusando-se a ser seduzida. Caminhou tão vivamente até Moor’s Head que estava sem fôlego quando chegou, e húmida por baixo das roupas. Estava abafado como sempre no interior da estalagem, impregnado do fedor das pessoas, de suor e dissolução. Dick Weekes estava lá com alguns dos clientes habituais, e Starling ficou mais contente por vê-lo do que alguma vez admitiria. Sadie serviu-lhe uma bebida e ela deambulou até à sua mesa.

Ele estava a rir-se de qualquer piada, mas ficou sério quando levantou os olhos e a viu. Todo ele tinha um tom castanho-

avermelhado e estava bonito; a curva dos lábios formava uma subtil protuberância.

Starling detestava a sensação que se produzia ao vê-lo — uma pontada de profunda saudade. Do toque das suas mãos, talvez, ou de como ele a

desejava. Da forma como ele a deixava falar, sem parar, apoiada num cotovelo, sobre ele, depois de terem feito amor.

— Não demoraste muito a encontrar outra vez o caminho para aqui

— disse ela em voz alta, por cima da algazarra. — Surpreende-me que a tua senhora te deixe sair, esta noite entre todas as noites.

— Que tem esta noite de especial? — disse Dick, franzindo o sobrolho.

— Oh, nada. Apenas imaginei que ela tivesse ficado um tanto abalada depois da visita de hoje aos Alleyn.

— Assenta aqui o rabo, minha putéfia — disse o velho Peter Hawkes, que, como sempre, não conseguia tirar os olhos dos seus cabelos ruivos e do seu corpete apertado. Starling encolheu os ombros e fez espaço para si no banco, ao lado de Dick. Os outros homens na mesa viraram-se para outro lado, desinteressados, e Dick parecia não ter expressão.

— Quer dizer que não sabias? — disse Starling. — Não te disse que ia lá? Ou que tinha ido? — Abanou a cabeça lentamente, arqueando as sobrancelhas. — Tantos segredos num casamento tão recente. — As narinas de Dick alargaram-se. Como ele odiava ser picado.

— Ainda não vi a minha mulher esta noite. Mas tenho a certeza que me contará, ela própria, quando a vir — disse ele, secamente.

— Talvez. Talvez eu não devesse ter dito o segredo dela. Mas o facto é que suponho que sou mais tua aliada do que dela. —

Starling deixou que a sua mão lhe pousasse na coxa, e inclinou-se mais para ele para lhe falar ao ouvido. — Vou precisar de mais vinho forte. O mais forte que conseguires fazer.

— Não o terás. Não de mim. — Dick deu um longo trago, depois fitou o copo como se para se fechar em relação a ela. — Deixa-te disso, Starling. Deixa o pobre diabo descansar, não queres? De qualquer modo, que te fez ele? O que é que todos os teus esquemas trouxeram ao de cima? Nada de nada, foi o que foi.

— É um assassino. Matou a sua prometida, a minha irmã…

— Quem mais o diz a não ser tu? Quem, em toda a Inglaterra, o diz, a não ser *tu*? — As suas palavras eram duras, como ferrões. — Quem acha que Alice está morta, a não ser tu? Provavelmente, vive nalgum condado do Norte, feliz como uma cotovia, com um marido e filhos, e durante todo este tempo tu consomes-te como uma bruxa junto ao caldeirão, magicando vingar um assassínio que nunca teve lugar! — Ele

apontou-lhe um dedo irado. Durante apenas um segundo, um pequenino verme de dúvida remexeu-se nas entranhas de Starling.

— Alice *nunca* teria partido assim, do nada… Eu conheço a verdade sobre o assunto — disse ela.

— É o que tu dizes. Mas não seria a primeira vez que uma mulher estivesse errada, pois não? Achas que eras uma irmã para ela, mas não eras. És uma fedelha vagabunda, adotada como passatempo. Claro que ela te deixaria, se isso lhe conviesse. Tens ideia de como pareces ridícula, continuando sempre às voltas com ela? Faz um favor a ti própria e desiste disso. Não é apenas a ele que magoas, sabes. Eu próprio estive lá no outro dia. A Sra. Alleyn… ela fica doente juntamente com o filho. Por tua causa.

— É a sua própria culpa que o torna doente; já o ouvi confessar, pois ouvi! Apenas quero que a verdade seja conhecida.

— Não, não queres. Não queres ouvir a verdade, é esse o teu problema. Alice Beckwith ficou caída por outro homem, e preferiu fugir do que enfrentar o seu benfeitor. Vais passar a tua vida toda a tentar fingir que não foi assim?

O choque de Starling remeteu-a por um momento a um silêncio irado.

— Não tens razão — disse ela, por fim, mas Richard ignorou-a. Eu teria sabido se ela tivesse outro amante. — Bebeu um longo gole de cerveja, embora o seu estômago estivesse arrepanhado e lhe fosse difícil engolir. Richard continuou de olhos postos para a frente, e Starling apenas conseguia olhar para ele de perfil. Subitamente, ela sentiu-se assustada, sem conseguir perceber porquê. Um caracol de cabelo castanho suspendia-se diante da orelha dele, e quase sem dar por isso, ela estendeu a mão e voltou a pôr-lho no lugar. Dick remexeu-se, e afastou-lhe a mão.

— O que te disse foi a sério, Starling — disse ele friamente. — Não haverá mais disso, entre tu e eu. — Ela fitou-o, boquiaberta. — Leva o Sr. Hawkes lá para trás, se estás com cio. Ele sempre quis dançar contigo a música do cobertor, não é, Hawkes? — Peter Hawkes mirou-a e assentou o seu queixo grisalho.

— És diabolicamente boa como o milho. Gostaria de ver se tens pelos tão ruivos por baixo como tens por cima — disse ele.

— Os meus agradecimentos pela oferta. — Starling levantou-se do banco. — Mas preferiria acasalar com o velho cavalo do estábulo do que

deixá-lo tocar-me. — Afastou-se de cabeça bem empinada, para que Dick não visse a faca que lhe enterrara, bem encaixada entre as costelas.

Sentiu aumentar a profundidade da ferida; isso fê-la ficar sem fôlego.

— *Aye*, putéfia, mas dá uma olhadela e vais ver que estou tão teso como esse cavalo que te chamou a atenção! — bradou Peter Hawkes por trás dela, e os homens desfizeram-se em gargalhadas. Ela escolheu um soldado, pouco mais do que um miúdo, já bêbedo e meio enterrado num banco entre os seus camaradas. Os botões de metal do seu casaco estavam bem polidos, mas as calças estavam manchadas aqui e ali de vinho entornado. Tinha cabelos louros e macios, como os de um bebé, e suaves olhos castanhos, estonteados pela bebida. A sua voz oscilava entre o falsete infantil e o tenor de homem adulto. Ela bebeu com ele e os amigos, e pendurou-se nele, cada vez mais perto, até que, por fim, ficou sentada ao seu colo. Deixou que as mãos hesitantes e inseguras dele se aventurassem acima das suas ancas até ao estreito espaço da cintura, e depois mais para cima. Quando considerou que ele fora suficientemente longe, sussurrou-lhe ao ouvido e ajudou-o a pôr-se de pé. Enquanto o levava em direção à porta das traseiras, olhou para Dick e viu-o a observá-la, carrancudo, de olhos sombrios e zangados. Tal como ela esperara. Disparou-lhe um sorriso rancoroso ao levantar o braço do rapaz para o colocar sobre os seus ombros.

No pátio, Starling beijou o rapaz rapidamente, na cara toda, virando-o nesta e naquela direção até ele de repente se afastar, de olhos desfocados. Ela deu um passo decidido para um dos lados ao mesmo tempo que ele vomitava para a sarjeta; um fio aguado de vinho coalhado.

Enquanto ele estava dobrado, a tossir e a cuspir, ela mergulhou os dedos em cada um dos seus bolsos, aliviando-o até à última moeda. O fedor do vomitado fê-la retroceder e oscilou, sentindo uma fraqueza percorrer-lhe o corpo.

— Que isto te sirva de lição, doce menino — disse-lhe ela, com simpatia. — Amanhã terás perdido o teu dinheiro, a tua dignidade e a boa disposição, e, no entanto, terás mantido a virgindade que estavas tão ansioso por perder. Não acordarás um homem de sucesso. Nunca bebas mais do que consegues aguentar. — Ele

resmungou tristemente, e ela deu-lhe uma palmada no ombro, certa de que ele não fazia a menor ideia de quem ela era, ou onde estava e porquê. — Pronto, pronto. Os teus amigos em breve virão à tua procura. — Com isto, ela deixou-o e esgueirou-se para fora do pátio e para as ruas escuras de Bath, com

lágrimas, que não tivera noção de verter, a gelar-lhe a face.

Durante muito tempo após ter fugido a correr de Lansdown Crescent, Rachel não conseguia manter-se quieta. As mãos tremiam-lhe, as pernas tremiam-lhe, e sentia o impulso ridículo de se desfazer em lágrimas, apesar de a ameaça de perigo ter desaparecido há muito. Aqueceu um pouco de vinho aromático, mas não conseguiu bebê-lo, e fez um jantar frio que não conseguiu comer. Queria que Richard voltasse para casa para poder sentir-se reconfortada, mas a escuridão adensou-se na rua estreita até ela já não ser capaz de ver se ele vinha. Quando ficou tarde e ele ainda não chegara, pegou numa vela, subiu as escadas e foi buscar o caracol de cabelos da mãe à sua caixa de joias. Premiu a madeixa escorregadia e fria contra os lábios e inspirou, tentando encontrar nela algum vestígio do perfume de Anne Crofton. Não havia nenhum, mas reconfortou-se na mesma, e o tremor que sentia nela e que ameaçava transformar-se em soluços abrandou. *Cabelos macios, mãos macias.*

Toda ela era maciez e suavidade, mesmo quando se zangava, murmurou a voz, rememorando. Rachel estendeu-se na cama, à espera. O pescoço doía-lhe, os músculos estavam tensos da aflição de tentar afastar-se de Jonathan Alleyn. Quando fechou os olhos, viu o rosto dele, a maré de infelicidade e de esperança que o inundara, seguida por aquele clarão de ira, tão terrível, como nada que tivesse visto até esse dia nos olhos de alguém.

Ela flutuava à deriva, os olhos ainda abertos e tão secos que lhe ardiam, quando a porta bateu, por fim, em baixo, e ouviu as passadas de Richard nas escadas. Sentou-se, cheia de dores de cabeça, e tentou ajeitar o cabelo para que tomasse alguma forma. A vela tinha ardido até quase ao fim. Richard vinha soturno quando

entrou, e os seus passos eram pesados, deselegantes; as botas raspavam no chão, apanhando o esquinado dos móveis.

— Richard! Estou tão contente por ter chegado a casa. Hoje aconteceu-me uma coisa… muito perturbadora…

— Foi ver a Sra. Alleyn hoje outra vez — interrompeu-a Richard, erguendo-se sobre a cama com o rosto meio iluminado, meio ocultado pela escuridão.

— Sim… como soube?

— Não foi por si, isso é claro. Não foi pela minha mulher, que deveria não esconder coisas de mim! — A sua voz elevou-se, e ela sentiu nele os odores da estalagem.

— Eu… eu ia contar. Mas era tão tarde quando chegou a casa ontem à noite, e parecia tão ausente, não quis… incomodá-lo com isso.

— E esta manhã, antes de eu sair? — disse ele. Rachel hesitou.

— Achei que não era importante — disse ela, baixinho. Na verdade, ela não conseguiria dizer com certeza porque lhe ocultara o convite, apenas que ficara com uma irritante dúvida acerca da sua reação à novidade.

— Achou que não era importante — ecoou Richard, sarcasticamente.

— Tinha intenção de contar, claro que sim. E estou a tentar dizer agora. Oh, Richard, foi horrível! A Sra. Alleyn insistiu em me apresentar ao filho, até ao ponto de eu ter de subir até aos seus aposentos, porque ele não desceria para se juntar a nós. E depois… depois… ele voou para mim! Não sei bem por que razão, apenas pareceu ter-me tomado por outra pessoa… Saltou para cima de mim e quase me matou, Richard!

Tive tanto medo… acho que ele é completamente louco!

Ela fez uma pausa para recuperar o fôlego, e se acalmar. Esperava que ele se aproximasse e a tranquilizasse, mas em vez disso sentou-se pesadamente na beira da cama e manteve-se de costas voltadas.

— Richard? Não ouviu o que eu disse? — disse Rachel, pondo-lhe uma mão sobre o ombro. Ele saltou como se se tivesse esquecido de que ela estava ali.

— Que disparate é este? — disse ele entre dentes. — Claro que ele não é louco, apenas… perturbado. Claro que não a atacou.

— Mas… fê-lo! Juro! — gritou Rachel. — Olhe! Olhe para o meu pescoço, se duvida de mim. Veja as marcas que os dedos dele me deixaram! — Afastou o xaile e virou o pescoço para a luz, onde havia fundas marcas vermelhas de dedos na pele. — Olhe! — Relutantemente, Richard olhou de relance para o pescoço dela, e o franzido dos sobrolhos acentuou-se. Permaneceu em silêncio. — Mas… não tem qualquer palavra de consolo para me dar? Não o comove que eu tenha sido atacada? — disse ela, confundida.

— Claro que sim. Claro… tenho a certeza que ele não teve intenção de a magoar. É um cavalheiro. A sua mãe é…

— A mãe dele deixou-me sozinha nos aposentos dele! Deixou-me sozinha para ele fazer o que lhe apetecesse! E que género de cavalheiro trataria com violência uma… uma pessoa inocente que respondeu a um pedido? Digo-lhe, nenhum deles é gente de bem! — Rachel começou a

soluçar, tanto pela exaustão e o desapontamento, como pelo seu medo inicial.

— Não a vou ouvir dizer mal dos Alleyn. Não fosse pela bondade da Sra. Alleyn, e pela sua proteção, eu não estaria aqui agora. Teria

uma vida inferior, a servir os outros para ganhar a vida, em vez de ser um homem de negócios de boa reputação, sempre a subir…

— Não compreendo, Richard. Temos… temos de lhe ficar tão gratos pelo seu progresso que o filho dela pode estrangular-me e não ser censurado?

— Só digo que… têm de se fazer concessões. Jonathan Alleyn não é um homem sadio… é uma infelicidade que ele… tivesse reagido mal a si. Mas não deveria ter ido aos aposentos dele!

— Infelicidade? E se aquela criada não tivesse estado lá para o fazer parar, e ele me tivesse matado, também seria uma infelicidade? Ou isso seria apenas lamentável?

— Que criada?

— A ruiva. Aquela de quem já falei, que eu pensei que vi…

— Basta disto, agora. Está em casa, sã e salva. Não aconteceu nada de mal… — Richard estava agora voltado para ela e estendeu uma mão para pegar numa das suas. Rachel olhou para ele, atónita. — Foi uma coisa excelente que a Sra. Alleyn tenha pedido para voltar a vê-la. Talvez da próxima vez seja um convite para uma festa, ou para o chá.

Esperemos que sim, pois ela deve ter simpatizado consigo, hmm? —

Apertou-lhe a mão e sorriu, mas os seus olhos permaneceram inquietos, quase receosos.

— Da próxima vez? Richard… não posso voltar lá. Não voltarei!

Não percebe como aquilo foi…

— Agora, chega. Apanhou um susto, e está a dizer coisas sem sentido. Claro que vai voltar lá, se for convidada. Esperemos que seja. —

O aperto da mão aumentou e quase a magoou.

— Richard, eu…

— Vai voltar lá. — Ele pronunciou cada uma das palavras lenta e claramente, e nas mãos dele a sua era apenas uma coisa pequena e fraca que não se conseguiria libertar.

Rachel não disse nada. Não compreendia a lealdade de Richard para com os Alleyn, tão profunda que o seu próprio bem-estar poderia ser tão facilmente posto de parte. Não compreendia a sua insistência para que ela voltasse lá, mesmo que não quisesse. Não compreendia a razão de ele

não a ter amparado com um abraço, mas apenas ter começado a desabotoar as calças ao mesmo tempo que a estendia de novo na cama.

Não compreendia a razão de, quando ela lhe dissera que estava demasiado cansada e perturbada para fazer amor, ele ter continuado e tê-

lo feito de qualquer modo.

1805

Jonathan e Alice escreviam um ao outro constantemente, cada carta começada assim que a anterior tinha sido recebida e devorada, pelo que as missivas passavam entre eles como uma golfada de ar, inspirada e expirada, sem descanso. Sempre que o portador da carta chegava com alguma coisa, Alice precipitava-se para ser a primeira pessoa cujos dedos tocavam no envelope; como se alguma substância vital de Jonathan tivesse permanecido nele, e passasse para ela através da pele. Depois, escapulia-se para algum local secreto onde a lesse — o seu quarto, ou enfiada no banco à janela da sala das traseiras, ou no celeiro

— com um rosto de total concentração e um sorriso a surgir-lhe aos cantos da boca, aumentando e diminuindo de acordo com o conteúdo da carta. Cada carta era lida duas vezes, três vezes, até quatro. Depois, Alice colocá-la-ia numa caixa de pau-rosa polida, e sentava-se munida de papel e caneta para começar a escrever a resposta. Por mais de uma vez, Starling abriu a caixa de pau-rosa e tentou ler uma das cartas. Sabia que não o deveria fazer, mas isso não tornava mais fácil resistir à tentação.

Sob a tutela de Alice, a sua leitura estava a melhorar, mas, mesmo assim, apenas conseguia perceber uma ou duas palavras da caligrafia impossível de Jonathan, com as suas curvaturas, floreados e oblíquos entrelaçados.

Era como se ele a desenhasse deliberadamente para que ninguém senão Alice a pudesse ler. E, claro, ela nunca viu o que Alice lhe escrevia em resposta. Se lhe perguntasse, Alice diria qualquer coisa como: *Estou a dizer-lhe como vais bem com as tuas lições e como tens sido uma boa ajuda para Bridget. E acerca das corujas que fazem o ninho na velha árvore, e a perguntar quando é que ele e o avô nos vêm visitar.* Depois, faria um aceno de assentimento e sorriria, como se para dizer, *aí tens, contenta-te com isto*. Starling morria por saber o que mais escrevia ela.

As poucas palavras que conseguia entender no escrito de Jonathan eram habitualmente coisas enfadonhas como clemente, mãe, cidade e temporada; apenas ocasionalmente via coisas mais excitantes, como acalento, cativo e adoro.

Starling sabia sempe quando Alice guardava segredos — não era difícil de perceber, porque Alice não era lá muito boa a guardá-los. Não que os divulgasse, a menos que fossem tontices suas ou coisas sem importância, que não fazia mal divulgar: um bolo que deveriam comer à hora do chá, ou um pequeno presente que ela lhe comprara e que deveria

ser guardado para o dia que tinham escolhido como seu aniversário, mas que sempre lhe era entregue mais cedo. Quando ela tinha um

segredo que não era dela, ou era importante, guardava-o, mas a tensão provocada por isso lia-se-lhe no rosto. Surgia-lhe uma pequena ruga entre os sobrolhos, e uma expressão distraída nos olhos, como se aquilo que não podia dizer passasse continuamente diante deles. O lábio inferior permanecia aberto, sem se unir ao superior; sempre pronta para falar.

Assim ficou durante cinco dias depois de ter chegado uma carta de Jonathan, e Starling impacientava-se para saber o que ela sabia. Então, num dia fresco e ventoso, Alice vagueou até à cozinha com uma calma estudada, levando com ela um livro de poemas com lombada de pano e o seu xaile. Foi postar-se junto à janela, e Starling, que estava a ajudar Bridget a esfregar uma peça de bacon com sal, reparou como os seus ombros estavam salientes e tensos. Alice acabou por se voltar para elas com um ar de tremenda indiferença.

— Acho que hoje poderia levar Starling a dar um passeio até Bathampton. O tempo parece estar razoável — disse ela.

Bridget olhou para as nuvens uivantes e para as árvores curvadas pelo vento, e franziu duvidosamente os lábios.

— Se é ar fresco que quer, pode ir lá fora e ver se já há algumas groselhas boas para apanhar — disse ela.

— Oh, não há. Já fui ver — disse Alice apressadamente. —

Gostavas de uma viagem até à aldeia, não gostavas, Starling? — Estava levemente sem fôlego, a voz um pouco estridente.

— Oh, sim. Posso, Bridget?

— E este bacon, que lhe acontece?

— Está quase terminado… deixe-o aí e eu garanto que o acabo depois. Por favor!

— Vão lá, então, vocês as duas. Não se importem de me deixar com o trabalho todo — disse Bridget. Starling saltou do banco onde estava de pé, e desatou o avental.

— Corre e vai buscar o teu chapéu, minha menina. — O sorriso de Alice era irreprimível.

A quinta situava-se na larga faixa de terra entre o rio e o novo canal que ligava o rio Kennet a leste ao rio Avon, em Bath. O Avon, rio largo e de corrente rápida, passava a norte da casa; e para sul, um caminho levava a uma ponte corcovada que atravessava o canal e depois seguia a direito em direção à rua principal. Mas, nesse dia, Alice escolheu ir pelo

caminho de gravilha destinado a rebocar as barcaças, que se estendia ao longo do canal.

— Hoje vamos por este caminho — disse ela, vivamente. Virando para oeste, teriam de fazer três quilómetros até chegar a Bath; virando para leste, levava-as ao longo da orla sul de Bathampton. O vento rasava a superfície plana do canal, repuxando-a e enrugando-a; fazia-lhes esvoaçar as saias e as fitas dos chapéus. Ao mesmo tempo que evitavam os amontoados de esterco deixados pelos cavalos que rebocavam as barcaças, Starling continuava fascinada ao ver água no canal. Durante muito tempo, tinha sido uma vala lamacenta onde grupos de trabalhadores tinham cavado e trabalhado para fortalecer a terra, reforçando a cicatriz que tinham sulcado para que não voltasse a fechar quando acordassem. Agora, barcos e barcaças eram livres de viajar por ele, transportando carregamentos com muito mais facilidade e economia do que por estrada. A água estivera transparente e límpida durante um mês depois de o canal ter enchido. Agora, era verde e turva como uma sopa de agriões e tinha um cheiro pegajoso e húmido a chuva e folhas podres.

Ao fim de uns quinhentos metros de caminho, uma grande estalagem chamada O George erguia-se ao lado do canal, e uma outra ponte atravessava as águas, ligando Bathampton a uma

estrada que ia até Batheaston, na margem norte do rio. Alice parou junto à base desta segunda ponte, e olhou em redor.

— Não íamos à aldeia? — disse Starling, confusa.

— Já vamos. Ou talvez hoje pudéssemos entrar na estalagem? E

comermos qualquer coisa? — Starling estava sempre com fome e anuiu de imediato, mas Alice olhava ao longo da estrada para Batheaston, com um rosto animado pela expectativa. A mão que segurava a de Starling apertou-a firmemente. Durante algum tempo não aconteceu nada, e Starling observou uma barcaça aproximar-se e passar a deslizar com a carga escondida debaixo de telas. O barqueiro estalou a língua para o cavalo quando este hesitou diante das sombras por baixo da ponte. Era curtido pelo tempo e esguio, e tinha um cachimbo apertado entre dentes da cor do mogno.

— Aonde vai? — gritou-lhe Starling, tímida mas fascinada. Ele semicerrou os olhos na direção dela e pegou no cachimbo com a mão.

— Vou para Newbury, pirralha — disse ele.

— Quanto tempo vai demorar? — Starling desenlaçou a sua mão da

de Alice para trotar ao longo do caminho, atrás do cavalo.

— Quatro dias, talvez um pouco menos… Não corras junto à traseira do cavalo ou ele dá-te um coice que vais parar ao céu. Depende de quanto houver já à espera em Foxhangers.

— Onde é isso? Porque é que tem de se esperar?

— Fazes muitas perguntas, amorzinho. Há uma grande colina, deste lado de Devizes. Ainda não vislumbraram como fazer o canal subir por ele acima. Temos de descarregar tudo e levá-lo numa carruagem de comboio antes de podermos continuar ao longo da água outra vez. — Por esta altura, Starling seguira a barcaça um

bom bocado longe da ponte, pelo que parou, e ele em breve se adiantou.

— Como é que a água deveria subir uma encosta? — gritou-lhe ela, mas o barqueiro apenas lhe fez um aceno, e voltou-lhe as costas.

Apanhou umas quantas mãos-cheias de malmequeres quando voltou para junto de Alice, que parecera não dar conta da sua ausência. Um pouco depois, estendeu o braço e agarrou Starling para se apoiar.

— Oh! Olha! — exclamou Alice, olhando fixamente para a estrada.

— Olha, Starling… O Sr. Alleyn veio! — Starling seguiu-lhe o olhar, e viu, na distância, um cavalheiro que poderia ser o Sr. Alleyn, sobre um cavalo cinzento.

— É ele? Não estava previsto — disse ela, perplexa. Agarrou o braço de Alice no sítio onde este a apertava. Sentiu sob a pele do pulso da rapariga mais velha o bater com força e desordenadamente. Alarmada, puxou para obter a atenção de Alice. — Acalme-se Alice. Por favor, acalme-se — murmurou ela. Alice baixou os olhos e sorriu-lhe, e inspirou profundamente.

— Estou bem, queridinha. — Mas Starling tinha visto o que por vezes acontecia quando o coração de Alice gaguejava daquela maneira

— tinha-a visto ficar pálida da cor do leite, e os pés fraquejarem-lhe; tinha-a visto desfalecer por completo em três ocasiões, ataques que a deixavam fraca e atordoada durante dias, e confinada à cama. *O coração da Menina Alice é uma coisa frágil,* contou Bridget a Starling, num tom grave. *Faz tudo o que puderes para que tudo lhe seja leve.* — Olha… vê!

É o Sr. Alleyn. — Starling olhou de novo e, à medida que a figura se aproximava cada vez mais, reconheceu claramente Jonathan Alleyn, montando sozinho.

Quando Jonathan as viu à espera, incitou o cavalo para um trote e desmontou desgraciosamente à pressa para ficar tão perto de Alice que,

se algum deles se tivesse movido, ter-se-iam tocado. Nenhum deles falou e Starling observou, atónita, até que Jonathan pareceu finalmente recompor-se, dar um passo atrás e levar os dedos de Alice aos lábios. As suas maçãs do rosto inclinadas estavam coradas, e sorriu como se não conseguisse evitá-lo.

— Menina Beckwith, que felicidade encontrá-la assim, por acaso.

— Starling perguntou-se para quem estava ele a representar, uma vez que ela soube logo que este era o segredo que Alice andara a guardar. — E

Starling… que crescida tu estás! Quase chegas já ao ombro da Menina Beckwith.

— Bridget diz que, a este ritmo, vou estar tão alta como ela dentro de um ano — disse-lhe Starling orgulhosamente. — Porque está por aqui, Sr. Alleyn? Vinha visitar a quinta?

— Bem… tenho uns negócios em Batheaston, e aconteceu passar por aqui e pensei que poderia lá ir… mas agora encontro-vos aqui, talvez pudéssemos ir à estalagem por um bocado? — disse ele, como se apenas então tivesse pensado nisso. Starling sorriu. Não se passava por Bathampton na estrada de Box para Batheaston.

— Por acaso, tínhamos acabado de decidir a mesma coisa — disse ela.

— Vamos, então — disse Jonathan. Alice ainda estava sem fôlego, e Starling manteve a mão dela bem apertada enquanto se encaminhavam para a porta.

A estalagem O George ocupava um edifício antigo de pedra, desordenado e gasto, com minúsculas janelas de malha de chumbo

e proteções de chaminé rachadas. Tinha muitos quartos no interior, todos com chão de pedra encovada pelo uso, e paredes com manchas de fuligem, sob tetos baixos e opressivos. Jonathan conduziu-as até um banco longe das janelas, junto a uma lareira que fora limpa para o verão que aí vinha. Os outros clientes do local eram cavalheiros agricultores que falavam dos seus assuntos, viajantes a caminho de Bath e uns quantos barqueiros, que estavam mais rude e pobremente vestidos.

Risadas sonoras e devassas irromperam por perto, e Jonathan franziu o sobrolho.

— Pergunto-me se este é, realmente, um local indicado para si, Menina Beckwith — disse ele, mas ela apenas se riu.

— Não sou tão sensível como pensa, Sr. Alleyn. Gosto disto aqui.

Starling e eu já aqui viemos antes, e às vezes com Bridget, em dias

feriados.

— Comi rins com pimenta da última vez, mas não gostei nada —

acrescentou Starling.

— Muito bem, então. Ficaremos bastante confortáveis aqui por um bocado. — Jonathan sorriu. Pediram cerveja, e um prato de costeletas de cordeiro para dividirem, e Starling sentou-se, um pouco aborrecida, enquanto os dois falavam.

Falaram da família de Jonathan, e de sua casa, que era uma grande mansão em Box, mais para oeste. Ele vivia com a mãe e o avô, uma vez que o pai morrera quando ele era muito jovem. Falaram da sua educação, e do seu desejo de obter uma missão como oficial do exército, o que fez brilhar os olhos de Alice de admiração e temor de que ele se interpusesse no caminho do mal.

— A minha mãe não está apaixonada pela ideia. Ela preferiria que eu fosse para a marinha, onde há melhores perspetivas de promoção e de riqueza…

— Mas não é isso que deseja? — disse Alice.

— Eu… eu fico bastante envergonhado de o dizer, mas o mar deixa-me terrivelmente doente. As poucas vezes que estive a bordo de um barco fizeram-me ter a certeza de não querer fazê-lo outra vez, se o puder evitar. Muito menos empenhar-me numa carreira sobre ele!

— Mas assim seguiria os passos do próprio Lorde Nelson; li que ele sofre do mesmo. E li que esse tipo de doença pode passar, assim que a pessoa se habitue.

— É o que me dizem. Mas se estiverem errados e eu ficar condenado a sentir-me miserável de cada vez que levantemos vela… oh, Alice, sinto-me tremer só de pensar nisso! — disse ele, com uma gargalhada pesarosa. Starling olhou-o de olhos arregalados do choque, mas nenhum deles pareceu reparar que ele usara o nome de batismo de Alice num local público. — Tenciono alistar-me no colégio Le Marchant, em Marlow, e tornar-me oficial de cavalaria.

— Marlow? Mas… é tão longe… — disse Alice, baixinho.

— Virei a casa com frequência, prometo. Com muita frequência. —

Ele falou com sinceridade, e durante bastante tempo os olhos de um fixaram-se nos do outro, e alguma mensagem muda, que Starling não podia ler, passou entre eles. — Tenciono… tenciono visitar a Menina Fallonbrooke, antes de ir — disse Jonathan suavemente. Alice abriu muito os olhos.

— Quem é a Menina Fallonbrooke? — perguntou Starling, mas ambos a ignoraram. Cruzou os braços, zangada, e deu um pontapé na perna da mesa, mas eles também ignoraram isso.

— Oh? — disse Alice, e foi mais um sopro do que uma palavra.

— Escrevi-lhe…

— Escreveu-lhe? — O rosto de Alice desanimou.

— Apenas para lhe pedir um encontro, Alice. Apenas para isso. E

tornei claro que… isto é, à minha maneira, procurei transmitir… —

Interrompeu-se, frustrado. — Tenciono falar com ela sobre… libertarmo-nos das intenções que os nossos pais nos impuseram. Tenho razões para crer que ela as acha tão… onerosas como eu.

— Que razões, Sr. Alleyn? — Alice parecia estar sob uma pressão que mal podia suportar.

— Tenho notícia de que… também ela ama outra pessoa — disse Jonathan, lançando um olhar suplicante a Alice. Por um segundo, Alice irradiou uma alegria simples, sem complicação. Mas, depois, o rosto nublou-se de novo.

— Farei dezanove anos no meu próximo aniversário — murmurou ela, com uma voz inexplicavelmente triste. — Rezo para que o que ouviu dizer esteja certo, pois só ela o pode libertar. Apenas dessa forma se pode conduzir como um cavalheiro deve fazer. — Jonathan parecia distraído, pelo que Starling se impacientou, remexendo as pernas, e meteu conversa:

— Quantos anos tem, Sr. Alleyn?

— Ainda não fiz dezoito, Menina Starling. Mas farei em breve —

disse ele, virando-se para ela, parecendo aliviado pela interrupção.

— Eu estou quase a fazer nove. Achamos nós.

— Nove! Não admira que esteja alta como um olmo. E demasiado crescida para ter medo de fantasmas, estou certo.

— Fantasmas? Que fantasmas?

— Este edifício foi um mosteiro, em tempos antigos. Antes de o velho Rei Henrique o mandar desmantelar. Ouvi dizer que os fantasmas dos monges que um dia aqui viveram ainda andam pelos pátios e corredores.

— A sério, Sr. Alleyn? — Starling estava curiosa.

— A sério. De facto, creio que vi um deles nem há um minuto, a espreitar por cima do seu ombro para ver se tinha deixado uma costeleta de cordeiro para ele. — Jonathan sorriu, e Starling arquejou, rodando a

cabeça à procura de monges espectrais.

— Não deve arreliá-la desta forma! — admoestou Alice, a rir.

— Se um fantasma vier atrás de mim, Alice, posso atirar-lhe qualquer coisa?

— Claro que sim, queridinha. Mantém-te atenta — disse Alice, afetuosamente.

Quando se separaram, cerca de uma hora depois, Alice esperou junto da ponte até o Sr. Alleyn ter cavalgado e desaparecer por completo. Ficou a ver, com ar desamparado, de baços cruzados; e quando, finalmente, ele desapareceu, suspirou.

— Vamos lá, então, Starling. Regressemos para ver como Bridget se está a desenvencilhar.

— Então não vamos mesmo a Bathampton? — Starling estava desapontada.

— Bem, já viemos há um bom bocado de tempo… talvez ela possa estar a perguntar-se por onde andamos.

— E como vai ficar surpreendida quando lhe contarmos que o Sr.

Alleyn nos encontrou quando andava a cavalo! — disse Starling. Disse-o deliberadamente, para descobrir o que deveria ou não deveria dizer a Bridget, que de algum modo era ao mesmo tempo criada de Alice e sua patroa. Uma parte dela sabia que apenas fora convidada para tornar decente o almoço de Jonathan e Alice. Ficou de imediato orgulhosa deste importante papel, mas teve também a sensação incómoda de algo nele lhe ser devido. Alice parou.

— Talvez ela não gostasse de ouvir isso. Talvez ficasse zangada por não o trazermos à quinta, onde ela também o poderia ver — disse ela.

Starling pensou por um momento.

— Se voltássemos para trás pela rua principal em vez de seguirmos pelo canal, poderíamos encontrar alguma coisa para lhe levar, assim não se iria sentir tão abandonada. E nesse caso saberia também que tínhamos estado ocupadas durante este tempo todo — sugeriu ela. Alice lançou-lhe um olhar entre a desaprovação e a gratidão.

— Um pequeno presente para ela, para a compensar de hoje a termos deixado sozinha — concordou Alice.

Assim, passaram a ponte e atravessaram por completo Bathampton, e compraram um lenço bordado com papoilas e molhos de trigo a um vendedor, que pareceu poder agradar bastante a Bridget. E, enquanto Alice estava demasiado luminosa e agitada, exibindo a sua ansiedade

como uma flâmula durante as primeiras horas depois de terem regressado, Starling descobriu que não tinha nenhum problema em guardar um segredo. Virou e revirou a recordação da visita de Jonathan, como se fosse uma pedra preciosa no bolso, e descobriu que não contar a Bridget era quase tão divertido como a própria visita fora.

— Quem é a Menina Fallonbrooke? — perguntou ela novamente, quando nessa noite Alice a aconchegou entre os cobertores.

— Beatrice Fallonbrooke é apenas uma rapariga que nunca fez nada para magoar quem quer que fosse. — Alice suspirou, e desviou o olhar.

— É filha de um homem muito rico e está destinada a Jonathan.

— Mas… é a Alice que vai casar com Jonathan! — A isto, Alice sorriu.

— Sim, vou, queridinha. Mas o caminho do amor verdadeiro nunca é a direito. Não é culpa da Menina Fallonbrooke que ela represente um obstáculo. — Sorriu novamente, embora os seus olhos estivessem tristes.

— Não deves mencioná-la, Starling. É um segredo que Jonathan partilhou comigo, e agora eu partilhei contigo. Temos de o manter secreto. Consegues fazer isso?

— Sim, Alice.

— Boa menina. — Alice selou a promessa com um beijo na testa, e Starling adormeceu profundamente, bem nutrida de segredos que lhe competia agora guardar.

1821

Minha Querida Sra. Weekes,

Espero que esta nota a encontre bem e recuperada de qualquer aflição que possa ter sentido recentemente após ter conhecido o meu filho, o Sr. Jonathan Alleyn. Estou-lhe mais grata do que pode saber por ter concordado em falar com ele, em circunstâncias que lhe devem ter parecido muito peculiares. Não posso pedir senão desculpa se o comportamento dele consigo lhe pareceu de alguma forma grosseiro. Ele sofre muito e tem estado há tanto tempo privado de companhia educada que, temo, ocasionalmente se esqueça de quem é, e da sua educação. Rezo para que lhe seja

possível encontrar forças para lhe perdoar isso, e ver apenas a alma perturbada que o aflige.

Compreendo perfeitamente que o encontro não tenha sido agradável para si, mas deu-me razão para ter esperança. A minha relação com o meu filho tem sido muito condicionada tanto por acontecimentos passados como pela sua atual indisposição, e lamento dizer que ele raramente confia em mim. Isso causa-me uma enorme angústia. Perdoe-me a sinceridade desta carta —

achei melhor falar francamente: Jonathan pediu para a ver de novo. Já passaram muitos e muitos anos desde que fez uma tal solicitação relativamente a um qualquer visitante, e enche o meu coração de alegria que ele o faça agora. Assim, tenho de lhe perguntar, embora não tenha o direito de o fazer: virá visitar esta casa de novo o mais cedo que lhe for possível? Seja o que for que se tenha passado entre si e o meu filho durante a sua última visita, deve ter tido algum efeito benéfico, e por isso tenho muito que lhe agradecer. Mas agora suplico-lhe, por favor, venha outra vez.

Sua, cordialmente,

Sra. Josephine Alleyn

Durante vários dias, Rachel andou com a nota de Josephine Alleyn no bolso, e não falou dela a ninguém. Tirou-a e releu-a muitas vezes, e pensou em atirá-la para o lume e esquecer que alguma vez a vira.

Certamente, se o fizesse, não voltaria a ser convidada para Lansdown Crescent, e tudo terminaria aí. Não teria de os voltar a ver — o homem

que tentara esganá-la e a sua bela e ilegível mãe, tida em tão alta conta por Richard. Quando pensava na casa, e em Jonathan Alleyn, à espera como um monstro nos seus aposentos obscurecidos, sentia calafrios. Até a sua mãe, que era a própria imagem da gentileza, e tão graciosa, tinha um ar perdido e pesaroso. Fazia

lembrar a Rachel uma boneca de porcelana — encantadora, mas insensível, e passível de se quebrar. Mas, depois, quando Rachel pensava o que a vida devia ser para Josephine, presa com um filho louco e inválido que metia medo a todos os visitantes da casa, sentia uma ponta de piedade, e de culpa. Assim, guardou a carta, e não conseguiu nunca atirá-la para o lume, por mais certa que estivesse de que não voltaria a ver Jonathan Alleyn, mesmo se tê-la atacado tivesse realmente sido benéfico para ele.

Embora Richard Weekes se inflamasse com o custo da governanta suplementar que Rachel arranjara, inflamava-se ainda mais com o desejo de alargar o círculo social, e com a obediência a Josephine Alleyn, e assim foi persuadido a financiar uma noite para ambos no baile público no Salão Social Superior. Rachel colocou o seu vestido novo, recentemente regressado da costureira — corte simples, largo nos ombros e descido no pescoço, mas de um cetim maravilhosamente macio e pesado, prateado na cor, com mangas compridas e com um revestimento fino de musselina. Apesar disso, e do casaco que vestiu por cima, sentiu frio quando saíram de Abbeygate Street em busca de um par de liteiras para os transportar — uma vez que nem o sentido de parcimónia de Richard Weekes lhe permitiria chegar a um baile a pé. Era o início de outubro, e de manhã o frio vidro da janela do quarto estava enevoado com a respiração noturna. O ar era cortante, mesmo nos dias de sol; as folhas do plátano de Abbey Green endureceram e ficaram castanhas e amarelas, e chocalhavam quando o vento as sacudia. Rachel envolveu o braço apertadamente no de Richard, e sentiu a brisa soltar-lhe o cabelo preso pelos ganchos.

Chegaram por volta das sete horas a uma confusão de carruagens e liteiras; cavalos e pessoas sacudiam a cabeça e batiam os pés. A cena era iluminada por candeias a óleo, no alto do pórtico por cima da entrada, e pelo brilho que irradiava das janelas altas, e Rachel sentiu um estremecimento de excitação. O local e a balbúrdia de passos, cascos e vozes não tinham mudado nada desde a sua última reunião social, quando tinha dezasseis anos; apenas as

modas e toda a sua vida eram diferentes. Olhou para Richard, com o seu melhor casaco e gravata, que

parecia tão tenso como um aluno da escola chamado a comparecer diante do diretor. Estava preocupado porque não teriam pessoas conhecidas lá dentro, e andariam à deriva a noite toda sem causar qualquer impressão

— o que era totalmente provável, Rachel sabia, uma vez que aquelas reuniões estavam sempre tão cheias que, mesmo conhecendo vinte pessoas na sala, poder-se-ia não conseguir encontrar nenhuma delas. Mas nessa noite ela não sentiu qualquer impulso para tranquilizar Richard, pelo que esboçou apenas um magro sorriso, incompleto, e não disse nada enquanto entravam.

Uma onda de calor transbordou pelas portas, o que, após o frio da noite, pareceu sufocante. Do bengaleiro atravessaram o salão de baile principal, onde a cacofonia era quase alta de mais para se poder conversar, e a compressão dos corpos tornava difícil o movimento. Por cima de tudo aquilo, num varandim central, a orquestra tocava uma melodia animada, e o chão já se enchera de pares dançantes, que acrescentavam um bater de pés e um restolhar de panos ao ruído sempre crescente. O salão era um mar de rostos, tanto corados e felizes como carrancudos e atormentados; por toda a parte se sentia o cheiro a suor, a perfume e ao pó aromático usado nas perucas. Cinco grandes candelabros suspendiam-se do teto distante, reluzindo com centenas de chamas de velas, removendo as sombras do elaborado trabalho do estuque e das colunas das paredes. Rachel sabia que não devia permanecer diretamente por baixo de uma das luzes. Uma vez, quando ali fora ainda uma menina, o calor emanado dos foliões fizera com que algumas velas amolecessem e se inclinassem, pingando cera quente sobre cabelos cuidadosamente penteados e no apoio dos decotes. Rachel sentiu o rubor espalhar-se-lhe na face, e as axilas formigaram com a transpiração. O seu vestido simples estava fora de moda, mas pelo menos a voga de usar poucos adereços servia bem à sua situação. O ar festivo era contagiante. Rachel relaxou e

começou a olhar para os companheiros de diversão. Sentia a expectativa de Richard.

— Então? Vê alguns conhecidos, Sra. Weekes? Entendi que tinha alguns, aqui em Bath? — perguntou ele, com impaciência.

— Tive, em tempos, é verdade. Mas não vejo nenhum deles, por enquanto. Aproveitamos para ir ao recinto para a próxima dança, Sr.

Weekes? — disse ela, elevando a voz para ser ouvida. Richard parecia estar com calor e pouco feliz, e respondeu à pergunta dela com um aceno de cabeça.

— Vou precisar de alguma coisa para beber, antes de mais.

— Muito bem. Não vê nenhuns conhecidos seus, Sr. Weekes?

Algum dos seus clientes, talvez?

— Estou à procura, estou à procura — disse ele entre dentes, e retomaram a lenta procissão à volta da sala. Então, contra todas as expectativas, Rachel viu realmente algumas caras conhecidas. Um casal mais velho, um Sr. e Sra. Brommel, que tinham sido seus vizinhos no ano em que a sua família alugara o apartamento em Camden Crescent. O

Sr. Brommel usava uma cabeleira densamente empoeirada, e a Sra.

Brommel uma túnica de veludo bordô talhado à moda de vinte anos antes, e o seu estado não melhorara ao fim de treze anos. Foi necessária muita insistência para que ela soubesse quem Rachel era, e quando finalmente exclamou: — Rachel Crofton, sim, claro, agora me lembro da sua família —, Rachel continuou a suspeitar de que não se lembrava.

Rachel pensou que Richard ficaria contente quando as apresentações foram feitas, mas não pareceu ficar. Talvez os

Brommel fossem demasiado velhos, o seu vestuário demasiado datado e a sua conversa demasiado lenta.

Continuaram para diante, entrando na Sala Octagonal, onde homens e mulheres jogavam às cartas e apostavam no meio de um apertado labirinto de mesas e cadeiras. O ruído das vozes era mais ténue, e por baixo havia o suave bater e raspar das cartas, o chocalhar de moedas e dados, e algumas exclamações ocasionais de prazer, ou descontentamento manifestado entre dentes. Um fluxo regular de foliões atravessava a Octagonal, vindos do átrio e do salão de baile para a sala de chá, e vice-versa, e eram olhados com rancor pelos jogadores, devido à distração que originavam. Ao fundo, havia a passagem para mais uma sala de jogo, mais silenciosa e privativa, onde as apostas eram mais altas e o clima mais sombrio. Richard e Rachel pararam junto às portas do recinto para desfrutarem de uma golfada de ar mais fresco, e, então, Richard perfilou-se, e sorriu.

— Ali! Capitão Sutton! — gritou ele, e partiu de imediato na direção de um homem de cabelos espetados vestido com uma farda militar. — Capitão Sutton, que grande prazer encontrá-lo aqui — disse ele, sorrindo e fazendo uma curta vénia. — E, Sra. Sutton, a senhora parece estar muito bem. — Isto foi dito a uma mulher muito baixa com cabelo de rato e vívidos olhos azuis. Ela e o marido pareciam ambos ter passado os quarenta, com toques grisalhos no cabelo; tinham um ar de

franca felicidade e vitalidade que imediatamente deixaram Rachel à vontade.

— Sr. Weekes! Um bom encontro; e quem é esta jovem encantadora?

— Capitão Sutton, posso apresentar-lhe a minha esposa, a Sra.

Rachel Weekes? Sra. Weekes, este é o Capitão Sutton, um estimado cliente e meu conhecido, e a sua esposa, a Sra. Harriet Sutton.

— Como estão? — disse Rachel, fazendo uma mesura.

— Como está? E posso apresentar-lhe as minhas felicitações pelo seu recente casamento? — disse Harriet Sutton; uma voz suave e macia, que combinava perfeitamente com a sua aparência. O Capitão Sutton erguia-se sobre a sua mulher, embora não fosse excessivamente alto. A Sra. Sutton dava-lhe apenas pelo ombro, e a sua figura estreita e mãos pequeninas pareciam as de uma criança. O capitão não era um homem bonito — o nariz era demasiado grande e demasiado curvo, e as orelhas destacavam-se-lhe do crânio — mas como as da sua mulher, a sua voz e expressão eram tão cordiais que era impossível não simpatizar com ele.

Com as apresentações feitas e mantida uma conversa cortês sobre a saúde, a família e acontecimentos recentes, os homens vaguearam em direção ao jogo do vinte-e-um enquanto as mulheres encontravam lugares sentados contra a parede. A Sra. Sutton tinha um leque pintado, que usava constantemente, e colocou-o num certo ângulo para que Rachel pudesse também beneficiar da sua ação.

— Vem muitas vezes às reuniões, Sra. Weekes? — perguntou ela.

— Esta é a primeira vez depois de casada, e a primeira vez em treze anos, valha a verdade — disse Rachel. — Vim quando era rapariga, com a minha família. Mas depois deixámos Bath e não voltei desde então, até ter casado com o Sr. Weekes.

— Ah! Então a nossa encantadora cidade não lhe é estranha. — A Sra. Sutton sorriu. — Ouvi pessoas dizerem que Bath agora está fora de moda, um antro de inválidos, viúvas e solteironas! Deixemos esses pessimistas ficarem longe, é o que eu digo. Tem sido a nossa casa nos últimos vinte anos, e não viveria noutro sítio. A minha filha não conhece nenhum outro lar.

— E que idade tem a sua filha?

— Tem nove anos, agora. Chama-se Cassandra, e é uma fonte de constante alegria para o pai e para mim. — A Sra. Sutton riu-se da sua própria efusividade, e Rachel escamoteou a sua surpresa pelo facto de a

rapariga não ser mais velha, uma vez que a própria Sra. Sutton já não era nova.

— É um bonito nome.

— Ela é uma rapariga muito bonita. Felizmente, herdou apenas uma parte da minha estatura, e absolutamente nada da beleza do meu marido.

— Sorriu. — Tem a alegria da maternidade toda à sua frente, Sra.

Weekes, e eu invejo-a.

— Bem, sim. — Rachel procurou alguma coisa que dizer. — Claro que anseio por esse estado. — Não devia dizer que não poderia pensar em criar uma criança nas pequenas e escuras instalações de Abbeygate Street, onde ele ou ela não teria outra hipótese senão partilhar o único quarto de dormir com eles; porém, alguma coisa na Sra. Sutton encorajava a confiança. — O negócio do Sr. Weekes está sempre a aumentar. Esperamos não demorar muito tempo a mudar para instalações mais amplas, para que a nossa família tenha mais espaço para crescer.

— Ah, podem ser duros, os primeiros tempos de um casamento.

Quando casei com o Capitão Sutton, apenas tínhamos um quarto para viver, numa pensão perto do seu regimento. Dormíamos numa cama feita com as nossas próprias roupas, uma vez que o colchão era delgadíssimo!

A minha família estava tudo menos contente com a minha escolha, confesso. Não casei por dinheiro! Felizmente, as coisas melhoraram

desde essa altura. Agora temos um apartamento em Guinea Lane. E tem de ir visitar-nos! Sabe onde é?

— Acho que sim… perto dos Paragon Buildings?

— Precisamente. Então, retomou alguns dos seus antigos conhecimentos em Bath desde que voltou?

— Não, eu… eu era apenas uma miúda quando cá estive, e não um grande êxito socialmente. Encontrei o Sr. e a Sra. Brommel mesmo agora

— disse ela, mas a Sra. Sutton não os conhecia. — Ultimamente, fiz um outro conhecimento. Uma cliente e protetora do meu marido, uma Sra.

Alleyn, que tem uma casa excelente em Lansdown Crescent.

A Sra. Sutton levou uma mão à boca com a surpresa.

— Oh! Mas eu conheço a Sra. Alleyn, claro — disse ela. — O meu marido lutou ao lado de Jonathan Alleyn contra os Franceses de Napoleão. — Enquanto falava, o seu tom encheu-se de uma gravidade nova, e Rachel compreendeu que ela estava a par do declínio de Jonathan Alleyn. — A mãe dele foi, um dia, uma das belezas mais celebradas de Bath. Creio saber que continua bela, embora não a veja há uns bons anos.

— Ela nunca sai para conviver socialmente?

— Ouso dizer que sim, mas apenas raramente. E, agora, nunca a um baile público. Acho que prefere reuniões mais calmas, de amigos próximos.

— Encontrei-me com ela em duas ocasiões, até agora.

— Então… compreende que ela tem enormes problemas — disse cuidadosamente a Sra. Sutton.

— Desta última vez, conheci também o filho, o Sr. Jonathan Alleyn

— disse Rachel. A Sra. Sutton arregalou os olhos a isto, e agarrou a mão de Rachel.

— A sério? Viu-o? Como estava ele?

— Estava… nitidamente muito indisposto — disse ela. Para sua surpresa, os olhos da Sra. Sutton cintilaram com lágrimas, e ela removeu-as com os dedos enluvados antes de dar uma pequena sacudidela.

— Perdoe-me. Choro à mínima coisa… pergunte a qualquer pessoa.

É só que… é difícil imaginar uma história mais trágica.

— Compreende então o que o aflige? — perguntou Rachel, curiosa apesar de si mesma.

— Sem dúvida. Graças à proximidade do meu marido com ele durante a guerra… Talvez não devesse dizer. Na verdade, não me compete a mim, e talvez a Sra. Alleyn não me agradeça, se continuar a dar-se com ela.

— A minha sensação é que o seu estado atual não pode apenas ser atribuído ao modo como Alice o tratou — disse Rachel, com hesitação.

No fundo da sua mente, o seu companheiro na sombra ergueu-se e chamou a sua atenção.

— Mas então já sabe uma parte? Sabe acerca de Alice Beckwith?

— Sei um pouco. Apenas o que o meu marido me contou, e depois o Sr. Alleyn… fez-lhe menção. Acho que ele amava bastante a Menina Beckwith.

— Verdadeiramente. Tanto quanto um homem alguma vez amou uma mulher. Havia algum impedimento ao casamento deles, não sei

qual era. Ainda assim, ficaram noivos e determinados a casarem-se. Jonathan foi para o exército, e foi com o meu marido lutar contra os Franceses em Portugal e Espanha, no ano de 1808. No início de 1809, regressaram a Inglaterra, e foram alojados em Brighton, quando ele recebeu carta da Menina Beckwith a dizer que rompia o compromisso. O Capitão Sutton

contou-me… ele contou-me quão penosamente o Sr. Alleyn se inteirou desta notícia. Deixou o seu regimento e correu imediatamente para casa, apenas para descobrir que ela partira já com um novo pretendente, e presumivelmente casara sem demora. O Sr. Alleyn nunca mais a viu, e não tem notícias dela desde aquela última carta que lhe enviou para Brighton.

— Mas… para onde foi ela? Que lhe aconteceu?

— Ninguém sabe. Ela e o novo companheiro planearam bem a fuga.

Alice Beckwith estava sob a custódia do avô do Sr. Alleyn, compreende, do pai da Sra. Alleyn. Por isso, a desgraça dela foi a desgraça de todos eles.

— E então foi apenas isto que conduziu o Sr. Alleyn a… que lhe deixou a saúde tão arruinada?

— Em parte. Está na raiz disso, sem dúvida. Ele esperou notícias da Menina Beckwith o mais tempo que pôde, mas sem resultado. Depois, voltou para a guerra, e não pôs os pés em solo inglês até depois do cerco da fortaleza de Badajoz, em 1812. Foi ferido em combate, e depois disso não voltou a combater. E, após o seu regresso, ele… estava muito alterado. Aqueles de nós que o conhecemos antes, mal podíamos acreditar em como estava alterado. — A Sra. Sutton abanou tristemente a cabeça. — Estou a falar de mais, sei que estou. Mas tem de saber, se os for visitar, quanto sofreu aquela família. E que Jonathan Alleyn era uma das almas mais delicadas que jamais encontrei. Antes da guerra.

— Delicado? A sério? — Rachel voltou a pensar na fúria violenta dos seus olhos, e levou involuntariamente a mão à garganta, onde as marcas dos dedos dele tinham desaparecido há pouco. Engoliu em seco e não conseguiu que as duas versões do homem encaixassem.

— Oh, sim. Era um querido e bom rapaz. Um jovem adulto, deveria eu dizer. Pensativo e inclinado à introspeção, talvez, mas inteligente e afetuoso e cheio de alegria. Lembrar-me dele como o vi pela última vez… oh, enche-me de tristeza!

— Quando foi isso?

— Deve fazer já quatro anos. Levámos a minha filha para o ver.

Achei… achei que uma criança poderia ajudar a lembrá-lo de que o bem existe ainda neste mundo. Mas mandou-nos sair, e ordenou que não voltássemos. — Suspirou. — Para minha vergonha, temos atendido ao seu desejo. Cassandra ficou tão perturbada, tão assustada pela forma como ele falou connosco. Perdoo-lhe, claro, mas não a voltarei a colocar

naquela posição novamente. Tive esperança… tive esperança de que ele percebesse… há ainda tempo para refazer a vida, para começar de novo.

Encontrar uma esposa e constituir família. Não é demasiado tarde.

Embora ele pareça mais velho do que a idade que tem, é suficientemente novo para começar de novo.

— Não parece querer tentar — murmurou Rachel. A Sra. Sutton poderia ver ainda o doce rapaz que sabia haver dentro dele, mas Rachel apenas vira um homem, sombrio, louco e violento.

— Não. Receio que tenha razão. Espero que não tenha sido má educação da minha parte, falar tanto acerca deles? Mas sinto que

também é uma alma gentil, e compreenderá que apenas espero mitigar quaisquer… impressões extremas que possa ter formado.

— É uma triste história, realmente. — *E eu pareço-me com ela.*

Pareço-me bastante com esta desleal Alice para fazer com que ambos me tomassem por ela. Mas eu sei de outra. Sei de outra que também tinha esta cara. Engoliu para combater um súbito vazio sob as costelas, uma estranha bolha de expectativa. *Poderia ser?*

— Sabe dizer-me de onde veio esta Menina Beckwith? Quem eram os pais dela? — perguntou.

— Não sei dizer-lhe. — Harriet encolheu os ombros. — Mas tem de ir visitar-me, Sra. Weekes. Prometa que irá — disse ela, impulsivamente.

— Prometo, teria muito prazer nisso, e gostaria muito de conhecer a sua filha. Antes de me casar, era governanta numa família. Acho que sinto muito a falta das crianças.

— Ficaria encantada de lha apresentar. Oh, veja… são quase nove.

Vamos entrar e tomar um chá antes que comece uma correria louca.

Havia já uma aglomeração de pessoas em volta das mesas com comidas e bebidas que tinham sido colocadas debaixo das arcadas numa das extremidades da sala de chá. As pessoas acotovelavam-se, esticavam-se e ardiam de impaciência, como um bando de pombos à volta de milho entornado. Rachel e a esposa do capitão conseguiram, cada uma, arrebatar algumas compotas e um copo de ponche antes de se afastarem do tumulto e se sentarem num local mais calmo da sala.

Falaram de coisas simples, e a Sra. Sutton partilhou mexericos inofensivos sobre pessoas que viam, apresentando Rachel a algumas delas. Estavam a conversar com um médico e a sua esposa quando Richard e o Capitão Sutton emergiram do jogo de

cartas. Richard estava corado, de olhos raiados de sangue, de um modo a que Rachel estava

rapidamente a habituar-se a reconhecer, e respirou fundo para se acalmar.

Parecia zangado, e abatido, e mal foi capaz de ser educado quando foi apresentado ao médico e à mulher.

— Chegamos tarde de mais para o chá? — disse o Capitão Sutton.

— Não, acho que não… mas apresse-se, ou já terá sido tudo comido

— disse a sua esposa.

— Sr. Weekes… posso trazer-lhe alguma coisa? — ofereceu-se Rachel, uma vez que Richard não parecia ter energia suficiente para furar a multidão até à comida.

— Agradeço, mas na verdade não. A menos que seja um copo de ponche — disse ele, em voz baixa e carrancudo.

— Permitam-me — disse o Capitão Sutton, começando a dirigir-se para as mesas.

— Está tudo bem, Sr. Weekes? — perguntou Rachel, em voz baixa e ao ouvido de Richard.

— Sim. Eu… tive pouca sorte no jogo, é tudo. — Richard encontrou forças para lhe dirigir um vago sorriso. Os seus lábios estavam sem cor e destacavam-se em contraste com a face avermelhada.

— Não perdeu demasiado, espero? — perguntou Rachel, cautelosamente.

— Nada que não possa repor, um pouco mais à frente.

— Pronto, tome isto para combater o calor que está aqui! — O

Capitão Sutton estendeu um copo a Richard, que deu alguns tragos, agradecido.

— E foi divertida a sua noite, Sra. Weekes?

— Oh, muitíssimo, obrigada, Capitão Sutton. Isto é, exceto numa coisa.

— E que coisa é?

— Não dancei uma única vez — disse ela.

— Ora bem, isso não é nada bom, e se não a ofender ter a seu lado um par tão velho, ficaria contente por a acompanhar até ao salão. Com a sua licença? — perguntou ele a Richard, ao mesmo tempo que estendia a mão para Rachel. Richard fez sinal para prosseguirem com um sorriso amarelo e afundou-se numa cadeira que estava por perto. Eles juntaram-se a outro par numa quadrilha bem conhecida, que Rachel aprendera com a professora de dança de Eliza, alguns anos antes. O Capitão Sutton era um par muito animado, mais airoso do que a sua aparência sugeria, e quando a música parou, Rachel sorria, sem fôlego. — Ora bem… será

que isto basta? — perguntou ele, alegremente.

A caminho de casa, Rachel olhava pela pequena janela da liteira para as ruas escuras e paredes manchadas pela chuva que passavam, e pensava. Ouvir a história da queda de Jonathan na loucura tornou-a mais complacente, quer em relação ao seu estado, quer em relação ao sofrimento que devia causar à Sra. Alleyn; mas se ele banira um bom e chegado amigo como o Capitão Sutton, por que diabo desejaria vê-la novamente? Só poderia ser pelo facto de ela se parecer com a sua noiva perdida, Alice Beckwith, mas, aparentemente, o seu impulso foi fazer-lhe mal por isso, não amá-la por isso. Mas Rachel estava curiosa, de uma forma que antes não estivera. Curiosa de saber o que lhe diria ele se se encontrassem outra vez; curiosa de saber mais acerca da rapariga com que se parecia tanto. *A minha imagem no espelho. O meu eco.* As palavras

de Harriet Sutton deram-lhe coragem, e a noite tinha sido a mais animadora desde o dia do casamento. Quando ajudou Richard a sair da liteira e subir até à cama, ela sabia que iria de novo a casa dos Alleyn, à descoberta.

Na sexta-feira o carvoeiro veio com o seu vagão imundo e sacos, o cavalo arquejante e alquebrado, e o seu rosto encarquilhado coberto de rugas fuliginosas. O depósito do carvão era debaixo do pavimento, diante da casa, cujo acesso se fazia por uma porta que dava para o pátio, abaixo do nível da rua. Essa porta tinha um ferrolho fraco, e Starling ocupou a sua posição habitual, mantendo-a fechada com as costas enquanto o carvão era despejado através de um pequeno alçapão no pavimento. Com cada saco que era virado, sentia um estrondo nas costas, um ruído de tamborilar e uma nuvem de poeira negra que espiralava à volta da porta e se acumulava no seu cabelo e roupa. Sentia pequenas partículas afiadas nas pestanas quando piscava os olhos. Firmou os pés contra as lajes, sentindo-os escorregar nos sítios onde estavam húmidas e viscosas *. Sou um travão de portas,* pensou ela com pesar. *Alice criou-me como irmã, Bridget preparou-me como criada doméstica, e agora tornei-me num travão de portas*. No silêncio que se seguiu à última descarga, o cavalo tossiu, e o carvoeiro despediu-se com um grito lá para baixo. Starling ficou um pouco mais no pátio sombrio, em silêncio com os seus pensamentos. Ouviu a voz do Lorde Faukes, desagradável como era: *Mas tu eras uma fedelha esfomeada, por isso dá-te por satisfeita*.

Sempre com um sorriso na voz para disfarçar as farpas que as suas palavras continham.

Starling lavou a cara e as mãos debaixo da bomba, encolhendo-se com a ferroada da água, depois, com uma escova de cerdas duras, limpou a fuligem das roupas e do cabelo. Através da janela da cozinha ouviu Sol Bradbury cantar “Proper Fanny” enquanto aderia a cobertura numa tarte de enguias, e pela janela do corredor a Sra. Hatton repreendia Dorcas por qualquer coisa. Intrigada, Starling aproximou-se mais da janela para ouvir.

— Oh, minha senhora, por favor não me obrigue! — amedontrava-se Dorcas, naquela sua voz estridente e hesitante.

— Dorcas, isto não pode continuar! Compreendo que o Sr. Alleyn não é um homem fácil a quem servir, mas servi-lo é o teu trabalho, e aqueles quartos têm de ser limpos algum dia. O fedor lá de dentro está a começar a sair por baixo da porta, por amor de Deus. Tem de haver lá algum prato esquecido com um jantar ou qualquer outra coisa a apodrecer. Pelo menos, sobe e descobre o que é, e deita-o fora. Abre as janelas pelo máximo tempo que conseguires…

— Mas ele tem coisas diabólicas lá dentro, Sra. Hatton… coisas erradas!

— Não há nada lá dentro que te possa fazer mal. Sabes tão bem como eu como é raro o Sr. Alleyn vir cá abaixo. Podemos não ter esta oportunidade de novo por algum tempo…

Starling pestanejou, sem a certeza de ter ouvido corretamente, depois correu para dentro, para onde as duas mulheres estavam.

— Eu faço isso, Sra. Hatton — disse ela apressadamente.

— Obrigada, Starling, mas, na verdade, Dorcas é a criada de casa, e ela tem…

— Ele veio mesmo cá abaixo? — interrompeu ela.

— Veio mesmo. Tem uma visita. — Havia interesse na voz da Sra.

Hatton, por mais que ela tentasse escondê-lo. Por um momento, as três mulheres entreolharam-se interrogativamente sobre esta improvável mudança no curso dos acontecimentos.

— Eu vou tratar dos aposentos dele — disse Starling, e dirigiu-se agilmente para as escadas.

Deslizou até à porta da sala e pôs-se à escuta por um momento para verificar se era verdade. Com suficiente certeza, Starling ouviu

três vozes lá dentro — Jonathan Alleyn, a sua mãe, e outra voz de mulher que ela não reconheceu. Não desperdiçou tempo a magicar, mas despachou-se, subindo dois a dois os degraus das escadas. A visita

poderia ser curta, e, mesmo que não fosse, Jonathan poderia terminar a sua parte a qualquer momento. Irrompeu nos seus aposentos, sustendo a respiração, e correu a abrir as portadas e as janelas. O cheiro era bastante nauseabundo. Com relutância, retirou com o atiçador os restos da ratazana de debaixo da secretária e lançou-os para o fogo. Poderia estar ainda a limpar os quartos quando ele voltasse para cima, isso não causaria nenhuma estranheza; contudo, não poderia ser apanhada a revistá-los. Oportunidades para o fazer eram raríssimas, uma vez que ele passava tanto tempo enfronhado neles. Mesmo quando a bebida o fazia perder a consciência, ela não se atrevia. Ele acordava com a facilidade de um soldado, tão prontamente como um cão de guarda. Por diversas vezes, tinha estado silenciosamente a folhear documentos sobre a secretária, quando, ao erguer a cabeça, deparava com os olhos dele sobre ela, alerta e sem pestanejarem. Arrepiava-se só de se lembrar. O seu silencioso escrutínio era, de alguma forma, pior do que as suas fúrias.

Starling não fazia ideia nenhuma de onde ele guardava as cartas. Ele tinha todas as cartas de Alice, estava certa disso — tanto as que ela lhe escrevera, como as que ele lhe escrevera a ela; as que ela guardara na sua caixa de pau-rosa, que tinham desaparecido do seu quarto logo depois de ela ter desaparecido. *Logo depois de ele a ter matado.*

Abriu as gavetas da secretária, uma de cada vez, passando os dedos pelo que continham. Jornais e revistas; contas, recibos e missivas militares; pequenos instrumentos, como lupas e pinças, e outras coisas que ela não supunha para que serviam. Uma gaveta estava cheia com pequeníssimas peças de metal — engrenagens, rodas, parafusos e hastes.

Chocalhou, como se estivesse cheia de dinheiro, quando ela a abriu, franzindo o cenho e parando para ouvir qualquer ruído de aproximação.

Sentia o coração a bater com toda a força nos ouvidos, confundindo-se com o ruído de passos. Continuou a procurar até ter passado a secretária a pente fino, mas não havia sinal da caixa de pau-rosa, ou de um maço de cartas. Praguejando, em seguida Starling foi às estantes, que estavam carregadas de livros e instrumentos mais estranhos, e dos frascos de vidro com espécimes que tanto aterrorizavam Dorcas.

Jonathan adquirira-os havia alguns anos. Fora assistir à dissecação de diversos cadáveres humanos, no hospital, embora a mãe declarasse tais coisas abomináveis; travara amizade, durante algum tempo, com um dos médicos que ela enviava para o verem, que tinha obscuras teorias sobre abrir o crânio de pacientes vivos. Depois os frascos tinham

começado a aparecer — formas sem cor preservadas em soluções alcoólicas. Um leitão com duas cabeças, todo enrugado e branco; uma coisa cinzenta com sulcos contorcidos e intrincados, com duas metades e um tronco, que faziam lembrar a Starling os enormes fungos que por vezes crescem nos terrenos de alagamento em Bathampton; uma criatura minúscula, que quase se assemelhava a um bebé humano, embora a cabeça fosse demasiado grande e o corpo demasiado pequeno, e os olhos não passassem de grandes sombras escuras de ambos os lados de uma espécie de nariz translúcido. O líquido dentro dos frascos marulhava quando Starling buscava com as suas mãos curiosas por trás deles, e se afastava, sentindo a pele arrepanhar-se. Não gostava de pensar sobre de onde eles vinham, e como cheirariam se lhes tirasse a tampa.

Então, sob os seus pés, ouviu o som inconfundível da porta da sala a abrir-se, e de passos no átrio. Desesperadamente, voltou à secretária e revolveu os papéis desordenados e detritos que estavam sobre ela.

Cortou um dedo num escalpelo, e deixou uma gota de sangue na lâmina.

Ouviu o bater de tacões de bota nas escadas de pedra. Depois viu uma carta, apenas uma; aberta, de papel amarrotado e dobrado num canto.

Enfiou-a no bolso e correu para o quarto de dormir, onde estava a sacudir o edredão quando Jonathan Alleyn voltou aos seus aposentos. Starling susteve a respiração. Ele parou assim que passou pela porta, como se tentasse perceber o que estava diferente, depois virou a cabeça na direção das portadas abertas e das janelas levantadas. Ela esperou pela ordem áspera para as fechar, mas, para sua surpresa, Jonathan caminhou lentamente até à curvatura da janela panorâmica e ficou diante dela, olhando para o dia outonal, húmido e fresco.

Starling retirou do quarto todos os pratos e copos sujos, todas as garrafas vazias e roupas imundas. Esvaziou os excrementos noturnos do bacio, varreu o chão e passou os móveis a pano, reacendeu o lume e substituiu todas as velas. E, durante esse tempo todo, sentia a carta no bolso, a balançar-lhe dentro da saia, ameaçando denunciá-la pelo som.

Ardia por conseguir fugir, descobrir um sítio recatado e lê-la. Quando terminou, pensou em desaparecer sem mais, mas, à porta, interrompeu-se. A curiosidade roía-a, quase tão forte quanto o impulso para ler a carta que roubara. Cautelosamente, Starling deslizou para trás de Jonathan. Ele não se movera do lugar, junto da janela aberta, e permanecia com os braços caídos, sem energia, ao longo do corpo.

— Meu senhor, devo fechá-las, agora? — perguntou ela. Jonathan não

respondeu. Ela deu mais um passo e espiou-lhe o rosto. Tinha os olhos fechados e respirava tão lenta e profundamente como se estivesse a dormir. Era possível dormir de pé? Starling não tinha a

certeza. Uma brisa húmida entrava lá de fora e remexia-lhe o cabelo e o laço desmazelado da gravata. Cheirava a erva molhada, a pedra húmida e a cogumelos — ao outono profundo que assentara sobre Inglaterra. Estava frio suficiente para deixar os braços de Starling em pele de galinha, mas Jonathan parecia quase sereno. De imediato, ela pensou em dez maneiras diferentes de o despertar, de o enfurecer, de o aborrecer. Mas não usou nenhuma delas; tinha a carta para ler, por isso esgueirou-se sorrateiramente do quarto e foi procurar a privacidade do depósito de carvão.

Rachel estacou assim que a porta da frente dos Alleyn se fechou atrás dela, e encheu profundamente os pulmões de ar puro e frio. Ouvia o balir longínquo das ovelhas nos terrenos comuns, o ressoar do chocalho do carneiro castrado a conduzir o rebanho. Se fechasse os olhos, era quase como se estivesse completamente fora da cidade, talvez como se estivesse em Hartford Hall, ao fundo da longa alameda de carvalhos que atravessava, direita como uma seta, os terrenos do parque. Por um momento, desejou lá estar, de caminhar com a ilusão de não ter nunca de regressar a nada — ao seu antigo emprego em Hartford, ou ao seu novo emprego como Sra. Weekes. A ideia perturbou-a. Abriu os olhos para a realidade, com uma sensação de naufrágio dentro de si. O segundo encontro com Jonathan Alleyn fora quase tão inquietante como o primeiro, especialmente quanto ao seu resultado; pois, embora não tivesse havido nenhuma da violência e do perigo anteriores, daquela vez ela saíra convencida de que nunca regressaria, ao passo que agora saía tendo prometido fazê-lo. A sua garganta estava seca como papel e teve de fazer um esforço para conseguir engolir; sentia-se estranhamente tonta, e os seus pensamentos recusavam juntar-se. Entrar na casa que agora deixava para trás pareceu-lhe sair do tempo e do espaço; entrar num mundo onde as regras que lhe eram tão familiares já não se aplicavam, e tudo poderia acontecer. Era extenuante. Apoiou-se com uma mão na balaustrada enquanto descia por fim os degraus.

Um movimento no pátio inferior chamou-lhe a atenção, e olhou para ver a criada ruiva a atravessar o caminho entre o depósito de carvão

e a porta da cozinha.

— Tu aí! — gritou-lhe Rachel. A rapariga estacou e olhou por cima

do ombro, com uma expressão de inquestionável culpa. Quando viu Rachel, arregalou os olhos de surpresa.

— O que está… — começou ela a dizer, depois fechou a boca e avançou para entrar em casa.

— Espera! — gritou Rachel. Debruçou-se na balaustrada para ver melhor a rapariga, e estava mais certa do que nunca de que fora ela quem estivera em Moor's Head no dia do casamento. — Tenho de te agradecer

— disse ela. A isto, a rapariga virou-se novamente.

— Agradecer-me, minha senhora? — disse ela.

— Sim. Foste tu quem… persuadiu o Sr. Alleyn a soltar-me, quando o vi pela primeira vez, na semana passada. Não foste? — A criada pareceu apreensiva, e hesitou antes de responder.

— Sim, minha senhora.

— Estavas a observar-nos? E a escutar? — disse Rachel, ao que não houve qualquer resposta. — Não importa. Estou contente por teres estado. Estou contente por teres estado lá. E obrigada por me teres ajudado.

— Muito bem, minha senhora — disse a rapariga laconicamente.

Virou-se para partir novamente.

— Espera… não te vi em Moor's Head? Há poucas semanas, no dia em que me casei. Não nos serviste vinho nesse dia? — A criada virou-se de novo, e pareceu tão furiosa que Rachel ficou a saber que estava certa.

— Deve estar enganada, Sra. Weekes — disse ela, sombriamente.

Rachel não a pressionou mais; já tinha a certeza de ter razão, embora não conseguisse dizer porque a incomodava tanto sabê-lo.

— Dizes-me como te chamas? — De novo, a criada pareceu procurar uma forma de não responder antes de aceder a isso.

— Starling — disse ela. — Tenho de ir, minha senhora. Há muito trabalho para fazer.

— Bom, tens os meus agradecimentos, Starling — gritou Rachel enquanto a rapariga desaparecia através da porta. *Sra. Weekes, chamou-me ela. Nesse caso, também sabe exatamente quem eu sou.*

Encontrou Richard nas caves de Abbeygate Street. Com o início do outono, ele começara a acender um pequeno braseiro no meio da sala para conservar os barris e garrafas a uma temperatura regular. O

compartimento cheirava vagamente a cinza e a fumo por entre os odores a madeira e vinho do fornecimento. Era um sítio estranhamente repousante, apenas suavemente iluminado. Richard estava a retirar vinho

branco de um barril para um balde. O cheiro era penetrante e avinagrado, e ele franzia o nariz. Arregaçara as mangas e, àquela luz pálida, o seu cabelo brilhava suavemente, e a pele das costas das suas largas mãos era macia e bronzeada. Rachel observou-o durante algum tempo, tranquilizada pelos movimentos metódicos com que trabalhava, e pela expressão suave que se lhe espalhava no rosto. Nesse momento, conseguiu ver o que havia nele que ela estava a tentar amar. Inspirou longa e lentamente, e procurou animar essa pequeníssima chama.

— Ora então, Sr. Weekes! — saudou-o ela. Richard levantou os olhos com um sorriso.

— Minha querida. Há alguma coisa de errado?

— Não. Apenas quis contar-lhe acerca da minha última visita a Lansdown Crescent.

— Ah, sim? — Ele adicionou ao barril de vinho aberto um balde cheio de leite fresco, depois uma mancheia de sal e outra de arroz seco.

Depois começou a mexer a mistura com um grande pau. Rachel observou, fascinada.

— O que está a fazer a esse vinho?

— Está azedo. — Richard fez uma careta. — Todo este carregamento vindo de Espanha sabe a mijo de cavalo. Este tratamento vai melhorá-lo muito, se lhe dermos uns dias para trabalhar.

— O leite não vai azedar? E estragá-lo ainda mais? — perguntou ela. Richard abanou a cabeça.

— Vai funcionar. Verá. Agora, fale-me sobre a visita.

Os sons de esparrinhar e o suave bater do pau contra o barril enchiam a adega. Rachel sentou-se no canto de um dos suportes e fez um desenho na serradura com a ponta do sapato.

— Desta vez, o Sr. Jonathan Alleyn desceu para falar comigo e com a mãe — disse ela.

— A sério? Isso é bom, muito bom. Então não está assim tão mal?

— Talvez não. Ou talvez não o tempo todo. Mas coxeia imenso. —

Não disse que ele lhe parecera um morto ainda de pé, dada a palidez da pele e o brilho doentio que esta ostentava; e a forma como os olhos brilhavam como vidro, e os ossos do rosto e das

mãos a sobressaírem debaixo da pele. Não disse que se encolhera ao vê-lo.

— E o que disse ele desta vez?

— Pediu desculpa… pelo seu comportamento da outra vez. Disse que nesse dia tivera grandes dores de cabeça, e que não tinha sido a

melhor altura para o visitar. — Nesse momento, olhara para a mãe com bastante frieza, e houvera uma ira nos seus olhos que era mais antiga e profunda do que esta educada reprimenda. Quando voltou a olhar para Rachel, o seu rosto mostrara… qualquer coisa. Qualquer coisa de que não estivera à espera, e de que não estava certa. Um ligeiro embaraço, quase timidez. Ele dissera que pouco recordava do que tinham falado nesse dia, mas tinha um galo na cabeça que não sabia a que atribuir, e lembrava-se de ela fugir do quarto à pressa. A isto, fez uma careta, um canto da boca repuxado com descontentamento.

— E que mais? A Sra. Alleyn disse alguma coisa digna de nota? —

perguntou Richard continuando a remexer o barril. O ar enchera-se com o cheiro esquisito e pouco agradável do vinho e do leite misturados.

— Por quanto tempo tem de mexer essa infusão? — perguntou Rachel.

— Meia hora ou mais, para garantir que foi tudo assimilado.

Continue, conte-me sobre a Sra. Alleyn.

— Ela estava obviamente encantada pelo facto de o filho ter descido e estar disposto a conviver e tomar chá connosco. — Um frágil encantamento, a todo o momento à beira de regressar aos nervos, aos protestos, às desculpas. — Falámos dos nossos interesses, e contei-lhes o meu amor pela poesia e pela leitura… o Sr. Alleyn

concordou em que a leitura pode ser um bálsamo muito eficaz para uma mente inquieta.

Declarou também interesse pela filosofia, e exprimiu pesar pelo facto de já não ser capaz de ler muito.

— Oh? E porque não é capaz?

— Diz que é um esforço demasiado grande para os olhos, e faz-lhe dores de cabeça. Diz que não se consegue concentrar para ler mais do que uma página de um texto impresso. — Fez uma pausa na narração da conversa, tal como os três tinham feito uma pausa, e Rachel vira uma ideia, uma esperança bruxuleante, apoderar-se da Sra. Alleyn. *Talvez*…

começara ela a dizer, e Rachel soubera de imediato o que iria sugerir.

Talvez pudesse vir e ler para o meu filho, Sra. Weekes? De vez em quando? Tem uma voz agradável, e uma dicção clara… Rachel engolira em seco, mas com os dois a olharem para ela, a mãe iluminada de esperança e o filho desconcertante, insondável, a sua recusa instintiva morrera-lhe nos lábios. Por um momento ficara maravilhada por isto, ser acolhida tão depressa no círculo íntimo de uma tão grande família. Ela, a mulher de um comerciante de vinho. Mas depois, com um piscar de

olhos, a Sra. Alleyn acrescentara: *Claro que será compensada pelo seu tempo, Sra. Weekes.* Uma empregada, então — a criada de um homem adulto; uma companhia para o inválido. Rachel sentira-se desconsiderada, até um pouco magoada, de ser recordada tão abruptamente de que não era igual a eles, e não se esperar que desse o seu tempo gratuitamente, por amizade. — Foi-me pedido que voltasse e lesse para ele. Como hábito… regular. A Sra. Alleyn ofereceu-se para me remunerar pelo meu tempo. Pensei… pensei que talvez fosse mais conveniente recusar.

— Recusar o pedido dela?

— Recusar o pagamento, Sr. Weekes. Uma pessoa não se eleva na sociedade estando ao serviço daqueles que, afinal, estão mais altos do que nós — disse ela. — É melhor não ser paga, e ser por conseguinte beneficente. É melhor ir lá como… amiga e conhecida, do que como empregada.

Por um momento tudo esteve silencioso, exceto o bater e o esparrinhar no barril.

— Percebo o sentido do que diz, Rachel — disse finalmente Richard. — Mas… que seja sozinha a ser convidada, e não nós os dois juntos, em mais do que uma ocasião, diz-me que é assim que já somos vistos. Que é isto que a Sra. Alleyn tinha em mente para si desde o princípio, que poderia ser empregada ao serviço do filho. Porque se era uma coisa meramente social, porque não fui eu convidado para voltar lá consigo? — Rachel nada respondeu. Não supusera que Richard visse tão claramente a posição deles. Parecera sempre tão pronto a subir, mais do que a admitir que os Alleyn estavam demasiado alto e fora do alcance.

— E, na verdade… um rendimento suplementar seria muito bem-vindo

— acrescentou ele.

— Verdade? Mas pensei que o seu negócio era…

— O meu negócio aumenta, mas acontece o mesmo às nossas…

despesas correntes.

— Que despesas, Sr. Weekes? — perguntou Rachel, cautelosamente. Richard teve o bom senso de desviar os olhos, e encolheu-se com desconforto. — A criada suplementar que metemos. A comida… a mais, as suas roupas novas, e… miudezas — disse ele entre dentes, sem a olhar nos olhos. *O dinheiro que gasta em bebida e perde à mesa de jogo*, pensou Rachel, e um

rubor irado coloriu-lhe o rosto, por apenas ela ser responsabilizada pela escassez dos seus fundos.

— Bom, então, suponho que terei de aceitar. Não tenho qualquer desejo de me tornar um fardo financeiro para si, marido. — Pôs-se de pé, alisando a parte de trás da saia e virando-se para subir as escadas.

— Rachel — chamou Richard. Ela voltou-se, à espera de um pedido de desculpas, ou de umas palavras de agradecimento. — Certifique-se de que me informa, quando o descobrir, quanto é que ela tenciona pagar-lhe.

Rachel encheu a chaleira da bomba, depois subiu para a cozinha e pousou-a sobre o fogão com movimentos rápidos e zangados. Era perfeitamente razoável que a mulher de um homem trabalhador fosse paga por prestar um serviço a uma família rica, e, até agora, na verdade, ela pensara em deixar de ter emprego e dedicar-se a ser uma esposa, nada mais, nada menos. Verdadeiramente, não era com Richard que ela estava zangada, era mais consigo própria — por ter sido suficientemente tola para pensar que seria convidada como igual, embora a mais inferior dos iguais. E ela tinha medo. A ideia de ficar sozinha com Jonathan Alleyn, de ir talvez aos seus aposentos de novo, acelerava-lhe o pulso e dispersava-lhe as ideias. A recordação das mãos dele à volta do seu pescoço, e a força inquebrável delas, estava demasiado fresca. Não estava segura de o conseguir fazer, apesar da sua conduta mais calma desta vez. E quando eles olhavam para ela, os dois viam o seu eco; viam nela a recordação de outra. *É a leitura que eles querem, ou é o rosto de Alice?* Sob o olhar de Jonathan, sentira-se insegura sobre o que fazer com a sua expressão, ou a sua voz. Parecia que qualquer coisa que ela dissesse soaria como uma mentira; como se ela tivesse alguma coisa que devesse esconder, quando não tinha. Já nada parecia natural, nem mesmo respirar. O ar simplesmente se amontoava sobre o seu peito, e fazia-a sentir-se estúpida. *Ele amava Alice Beckwith, que tinha esta cara. Pode falar-me dela.* Era isso, mais do que tudo, o que a impelia a regressar a ele.

Rachel fez uma infusão de chá no bule, depois foi até à janela e olhou para a cidade. Para norte, na encosta, podia ver Lansdown Crescent. Conseguia ver a fachada arredondada da casa dos Alleyn.

Conseguia ver, precisamente, as janelas do quarto de Jonathan. Ao contrário, seria impossível distinguir a casa de Abbeygate Street — a selva de edifícios era demasiado confusa. Como também isto refletia bem as suas vidas, pensou ela: a dos Alleyn, grandiosa mas separada, facilmente reconhecível e, no entanto, demasiado isolada; depois, ela e Richard, parte da misturada sopa da humanidade depositada no vale do

rio, no coração da cidade. Perguntou-se se um homem poderia realmente chorar uma traição durante tanto tempo — durante doze longos anos.

Perguntou-se se perder Alice poderia verdadeiramente ser a única coisa que afetava Jonathan Alleyn.

Involuntariamente, a criada ruiva com nome de ave veio-lhe à cabeça.

Sra. Weekes, chamou-me ela. Sabe quem eu sou, e era ela na estalagem, no jantar de casamento. Rachel tentou perceber o que incomodava a sua memória em relação a isso, e depois entendeu — a rapariga ficara tão estupefacta com a sua aparência como a Sra. Alleyn e o filho tinham ficado. *Também viu Alice quando olhou para mim. Ela conhecia bem esta Alice.* Rachel perguntou-se como poderia falar à criada acerca desta rapariga que tivera a mesma cara que ela, e se desgraçara por amor; porque a sombra no seu espírito avivara-se cada vez mais na sua mente desde que ouvira falar a primeira vez de Alice. Essa voz distante, esse eco, aumentou cada vez mais, e pediu a sua atenção, até Rachel por vezes captar o seu movimento como uma tremulação ao canto do olho.

Tal como nos espelhos, não ousava virar-se para olhar porque sabia que se desvaneceria, e ela ansiava por tê-la perto. *Poderia ser?*

11

, 1809, C

, E

Minha queridinha Alice

Mal sei como lhe escrever, meu amor. Na verdade, mal consigo escrever-lhe, o frio tolheu-me as mãos e torna isso quase impossível. Atingimos finalmente a costa, estamos na Corunha, mas não há quaisquer navios. Os navios deveriam esperar por nós aqui, mas não há nada senão o vasto horizonte do oceano —

como parece inimaginavelmente vasto depois de tanto tempo passado a ver os meus próprios pés a marchar. Os franceses estão perto, mesmo atrás de nós. Enfrentamos a perspetiva de ter de lutar com eles aqui, quando estamos esfomeados há semanas, e meio mortos de frio. O meu coração está tão pesado, meu amor, que apenas pensar em si faz com que continue a bater. Suleiman morreu. Que bravo, que criatura mais nobre e valente. Oh, como isso me faz sofrer! Não suporto relatar-lhe o modo como morreu

— basta dizer que é uma amarga injustiça, uma terrível injustiça, que tenha conseguido atravessar as montanhas, fazer todo o caminho, quando tantos outros caíram ou desistiram. Era

inabalável, a criatura mais corajosa que jamais conheci, e um amigo mais verdadeiro como nunca tive outro, exceto a Alice.

Sei que estou num desespero cobarde. Alcançámos a costa, afinal, quando pareceu durante semanas que não iríamos conseguir. Os homens estão num estado lastimável. Estão magríssimos, e exaustos, e muito assolados por queimaduras da neve e pela doença. Perdemos milhares na marcha através das montanhas.

Vi… oh, mas não devo escrever sobre o que vi porque não desejaria fazê-la sofrer. Mas tenho visto coisas, e feito coisas, que me

assombrarão para sempre. Fiz coisas, minha querida. Coisas que nunca lhe poderei contar. Há uma tal mancha de vergonha sobre o meu coração, temo que se venha a aperceber dela e deixe de me amar. E, então, morrerei, Alice. Morrerei. Uma sombra de horror paira sobre mim, que é saber com certeza que deixei de ser digno de si. Mas não serei eu a falar disso, e só posso esperar que me perdoe. A sua é a alma melhor e mais doce que alguma vez conheci. Pode perdoar-me por ter uma mais fraca? Uma mais corrompida? Os Espanhóis chamam-nos "Caracho". Significa uma falta qualquer. É uma palavra que se usa para amaldiçoar. É

um nome que merecemos. Espero os meios de lhe enviar esta carta. Anseio por vê-la, ou por receber algumas palavras suas.

O seu sempre fiel

Jonathan Alleyn

Post script, 13 de janeiro. Os navios estão a chegar, Alice. Esta carta vai viajar comigo durante a primeira parte da viagem.

Enviá-la-ei quando desembarcar; creio que vamos dirigidos a Brighton. Estaremos duas semanas no mar, se tudo correr bem.

Vê-la-ei em breve. Por escrever estas palavras o meu ânimo eleva-se.

O papel da carta estava dobrado e manchado como as mãos de um ferreiro; uma pequena folha, de escrita apertada e a preencher as margens, e a caligrafia de Jonathan tão difícil de ler como sempre.

Havia, no canto direito, uma dedada suja de uma substância vermelho-acastanhada que Starling não gostou de tocar. Em breve teria de a devolver. Nessa mesma noite, de facto, quando levasse para cima a bandeja com o jantar. Se acontecesse ele reparar que desaparecera, ou

adivinhar que ela a tinha levado, poderia despedi-la, conhecida de longa data ou não, e depois ela ficaria sem nada, e sem lugar para ficar. Mas a data da carta fez-lhe tremer as mãos, e fez-lhe doer a garganta.

Estaremos duas semanas no mar, escrevera ele, a treze de janeiro.

Alice desaparecera no dia oito de fevereiro de 1809. Esse foi o último dia em que Starling estivera feliz, de todos os longos dias que vieram depois disso. O último dia em que tudo fora como deveria ser; e tudo o que veio depois foi humilhação e medo, e um caos de dor e fúria. Oito de fevereiro de 1809. E no dia seguinte, Jonathan chegou à porta da quinta, totalmente desesperado e intratável, como se uma parte de si tivesse morrido. O fantasma demente de si mesmo, de olhos loucos de alguma coisa parecida com fúria, alguma coisa parecida com desespero, alguma coisa parecida com culpa. *Um belo álibi, exigir ver a pessoa que se assassinou.* A oito de fevereiro, Alice saíra sozinha logo de manhã cedo.

Fora encontrar-se com Jonathan, Starling sabia. Sabia disso como sabia que o céu existia por cima da sua cabeça e a terra por baixo dos seus pés.

Alice fora encontrar-se com Jonathan, e não conseguira perdoar a sua alma obscurecida, ou aquelas coisas sobre que escrevera, que tanto o envergonhavam. E, então, matara-a. Starling fechou os olhos, sentindo uma raiva e um desapontamento amargos subirem dentro de si, quase insuportáveis. Em si mesma, esta carta não lhe dizia nada de novo, e não poderia provar a culpa dele. Cerrou os dentes firmemente enquanto a enfiava de novo no bolso.

Suleiman. A palavra sussurrava-lhe na memória; recordava-se de a ouvir pela primeira vez — rolando-a na boca até a ter confiado à memória. Poucas outras palavras tinham uma proveniência tão nítida no seu dicionário pessoal. *Suleiman* era o cavalo de Jonathan, e vira-o pela primeira vez, e aprendera o seu nome, num dia dos finais do verão de 1807, o ano antes de Jonathan ter embarcado para Portugal para combater os Franceses. Lembrava-se de estar

sentada na erva do prado, junto ao rio, com Alice, a contar zangãos e libelinhas com corpos que pareciam agulhas de cerzir de esmalte azul. Depois, ouviram o gado mexer-se, perturbado do seu pastoreio, quando Jonathan se aproximou a trote. Sorriu para elas ao mesmo tempo que manobrou as rédeas para parar, e o cavalo soprou com força através das largas narinas. Starling ergueu-se atrapalhadamente e afastou-se, e o cavalo recuou sobre as pernas anteriores, surpreendido. O rosto de Alice iluminou-se de admiração; foi sem medo colocar uma mão tranquilizadora sobre a

espádua do cavalo. O seu pescoço era um arco de músculo e vasos sanguíneos coberto por uma pelagem que brilhava como madeira polida.

— Calma, rapaz. É só a Starling e ela não te vai fazer mal —

murmurou Alice. — Oh, Jonathan! É magnífico! Como se chama?

— Chama-se *Suleiman* — disse-lhe Jonathan, e riram-se ambos.

— Qual é a graça? — perguntou Starling, zangada por ter tido medo do cavalo.

— Suleiman, o Magnífico — disse Alice, como se isso explicasse tudo. Starling amuou.

Jonathan desmontou e começou a falar a Alice sobre a linhagem do cavalo, e Starling parou de ouvir. Foi até tão perto do animal quanto se atreveu. Não era como o cavalo da quinta ou os cavalos das barcaças que se arrastavam por ali todos os dias, ou mesmo como a égua cinzenta que Jonathan habitualmente montava. *Suleiman* era um baio brilhante, de pelo castanho-gengibre, exceto as pernas e o nariz, que eram de um negro lustroso. A crina e a cauda também eram negras — o que sobrava da sua cauda, de qualquer modo. Tal como a dos cavalos que rebocavam as barcaças, fora reduzida a quinze centímetros. *Suleiman* sacudiu desajeitadamente as moscas que lhe tinham pousado nos flancos, e o facto de não as conseguir alcançar fê-lo ficar ainda mais inquieto.

Starling estendeu os dedos, hesitante, e tocou-lhe o nariz, que parecia feito da mais fina camurça. O cavalo bufou ar húmido na sua mão, e Starling olhou-o nos olhos, e ficou rendida.

— Posso montá-lo? — perguntou ela, interrompendo Jonathan.

— Bem… não tenho a certeza de que seria prudente, Starling. Ele é muito sensível, e forte — disse Jonathan. Mostrou as mãos a Starling; havia bolhas e pedaços de pele arrancados entre os dedos de se debater com as rédeas.

— Oh, por favor! Por favor, deixe! Só aqui no prado. Só anda a passo… e prometo não cair. — Jonathan ainda argumentou que ela se poderia magoar, mas Alice persuadiu-o, corando quando Starling lhe prendeu a saia e a combinação, deixando à vista as longas ceroulas, quando Jonathan a impulsionou para a sela.

— Já estás muito crescida para isso, Starling — disse Alice. — Se voltares a montar, tem de ser à amazona.

Jonathan manteve presa uma das rédeas, e *Suleiman* chocalhou os dentes contra o freio e puxou para se libertar. Parecia perplexo com um jóquei tão pequeno, e rodou para um lado e para o outro, lançando

olhares sobre a espádua como para perguntar qual o significado daquilo.

Com a pulsação acelerada, Starling enlaçou os dedos no áspero pelo negro da sua crina, e segurou-se. O aroma de erva pisada emanou à volta deles, esmagada sob os cascos de *Suleiman*. O seu mais pequeno movimento fazia-a oscilar na sela, e lutar pelo equilíbrio, mas por alguns momentos celestiais ela montou o magnífico cavalo, e adorou, e adorou Jonathan por tê-la deixado. No fim, *Suleiman* perdeu a paciência de andar em pequenos círculos, e rodou para entrar num trote. Starling deu um pequeno grito e descaiu para um lado, aterrando com um baque sobre as ervas

compridas. Alice correu para ela, mas Starling estava a rir-se, encantada.

— Ensina-me a montar, Sr. Alleyn? — disse ela sem fôlego. — Oh, ensina? Por favor, por favor? — Jonathan olhou para Alice, a sorrir.

— Não vejo porque não — disse ele, e Starling adorou-o ainda mais. — Mas não hoje. Hoje fazemos um piquenique. — Meteu a mão no alforge e tirou de lá uma grande tarte de carne de porco, embrulhada num lenço, e uma garrafa de cerveja.

Depois de terem comido, estenderam-se lado a lado sobre a relva. A luz do Sol estava forte, ofuscante; lançava um halo brilhante em volta de tudo, pelo que os seus rostos ficaram demasiado brilhantes para serem distinguidos, e as caras tinham de se adivinhar a partir dos risos e palavras, a partir do contorno de um sorriso. Estavam num local onde o rio se encaracolava ao longo de um arco indolente através do prado, e se formara uma praia de águas pouco profundas e seixos enlameados, onde elas redemoinhavam suavemente ao passar. Starling estava deitada de costas e soprava dentes-de-leão, observando as levíssimas sementes a flutuarem para longe em direção ao azul. Alice e Jonathan liam sonetos à vez, ora um ora outro. As suas vozes eram sussurradas e íntimas, transmitindo mensagens que apenas eles poderiam desenredar; o ritmo das palavras embalou Starling, aquietando-a durante algum tempo.

Quando o silêncio caiu, ela rolou a cabeça para um lado e observou Jonathan. Ele fitava a distância, perdido nos seus pensamentos. Uma gota de suor escorreu-lhe pela orla do cabelo, e ela coçou com a comichão.

— Posso chapinhar na água, Alice? Estou a ferver. Por favor? —

disse ela, sentando-se e olhando-a de olhos semicerrados.

— Se tiveres cuidado e não fores para a corrente. — Starling sorriu enquanto se contorcia para tirar o vestido e as botas. — O que estava a

pensar, mesmo agora? — perguntou Alice a Jonathan. Ele encolheu os ombros.

— Nada. Tudo — disse ele, e depois sorriu. — Por vezes, os meus pensamentos afastam-se comigo, e fico preso nas voltas e reviravoltas deles. — Empinou a cabeça para o rio. — E que tal irmos?

— Não pode querer dizer…

— Também estou a assar, e também deve estar. — Sorriu.

— Não tomo banho no rio desde os treze anos! Não é… apropriado

— protestou a sorrir Alice.

— Não está ninguém aqui para ver. Eu sei quanto é recatada, Alice Beckwith. Um banho não vai alterar isso.

— Hurra! — festejou Starling quando ambos se puseram de pé e começaram a tirar as meias. Alice baixou o rosto enquanto desapertava o vestido, erguendo os olhos para Jonathan através das pestanas. O ar entre eles pareceu zumbir. À medida que as raparigas entravam a espadanar na água, as combinações brancas levantavam-se à volta delas, inchadas de ar. — Parecemos sementes de dentes-de-leão — disse Starling.

O frio da água do rio tirou-lhes a respiração. Alice foi quem levou mais tempo a mergulhar. Manteve-se nas partes baixas, sorrindo incertamente e fazendo exclamações com a sensação da lama entre os dedos dos pés. Sombras marcavam-lhe as costelas sobre o peito, e as finas saliências das suas clavículas. Fiapos de cabelo louro suspendiam-se-lhe em redor do pescoço, e gotículas de água assentavam como joias na sua pele. Starling deixou-se compenetrar de tudo isto, com admiração, e quando olhou para Jonathan, também ele estava a observar, com uma expressão de completa rendição.

— Aposto que consigo nadar até ao outro lado e voltar — disse ele, agitando os braços como remos abaixo da superfície.

— Não! Não pode! — A voz de Alice ficou de imediato tomada de alarme. — Nem pensar! A corrente é muito forte, mesmo no verão.

Jonathan, não, por favor! — gritou ela, quando ele estendeu um olhar especulativo para a água. Parecia estar quase a entrar em pânico.

— Muito bem, não tento — disse ele, bastante calmamente. Bateu com os pés mais junto da margem, depois arrancou um punhado de ervas verdes e foi atrás de Starling com elas, sorrindo como um demónio; ela guinchou e tentou fugir através da corrente. Alice riu-se, esquecido já o momento de medo.

Passado pouco tempo, veio um pequeno barco de madeira,

transportando dois homens; um, mais novo, que remava, e outro, mais velho, que tratava das redes, linhas e armadilhas para enguias.

— Conhece-os? — perguntou Jonathan, enquanto o barco se aproximava. Alice pareceu ansiosa por um segundo, depois relaxou e abanou a cabeça.

— Não. Nunca os vi antes. Viste, Starling? — Starling abanou a cabeça.

— Então é melhor fingir que somos simples labregos do campo e dizer que não percebemos nada — declarou Jonathan. — Bem, Starling, achas que consegues? Consegues falar como um campónio da vila? —

Sorriu-lhe.

— Sissenhor — replicou Starling com o seu melhor sotaque de Bathampton.

Alice fez caretas. Em breve, o mergulhar dos remos levou o barco para mais perto deles, e eles saudaram os pescadores bastante alegremente. O mais novo sorriu envergonhadamente a Alice e acenou-lhes, mas o mais velho exclamou em desaprovação e carregou o rosto.

— Nã' têm vergonha nenhuma, vosmecês? — disse ele entre dentes. — Nã' é decente, porem-se nus p'ra toda a gente ver.

— Nã 'stamos todos nus, meu senhor — replicou Starling. — Ora,

'stá a ver, estas m'nhas ciroilas vão até bem aba'xo do osso do joelho. —

Deitou-se de costas na água e acenou os pés para os homens do rio, e Jonathan escangalhou-se a rir. Tinha um riso grave e agradável; ficava a ressaltar, como uma bola deixada cair sobre uma superfície dura.

— Miúda desavergonhada — murmurou o pescador mais velho, e virou resolutamente o rosto quando o barco passou por eles.

Starling dava risadinhas quando sentiu as mãos de Alice agarrarem-na em volta das costelas.

— Estas m'nhas ciroilas? — repetiu Alice como um eco. — Onde aprendeste a falar assim? — A pergunta permaneceu suspensa no ar durante um momento, e ambas se recordaram dos primeiros sete anos perdidos na vida de Starling, antes de ela ter encontrado Alice.

— Foste brilhante, Starling — afirmou Jonathan, ainda a rir-se. — A mais excelente miúda badalhoca de que alguma vez ouvi falar. —

Permaneciam juntos uns dos outros, com água pela cintura e os reflexos dela a bailar-lhes nos olhos e sob o queixo. Starling resplandeceu com o elogio de Jonathan, e sentiu uma emoção dentro de si como se o coração tivesse inchado e fosse rebentar. Ficaram assim durante um momento, e

quando Starling olhou para baixo, viu que Jonathan estava a agarrar com feroz determinação a mão de Alice, debaixo de água; os seus dedos estavam mais firmemente entrelaçados do que as canas da margem do rio. Olharam-se longamente, e Starling deu conta de quão depressa o peito de Alice subia e descia. Embaraçada, agradavelmente escandalizada, atirou-se novamente de costas para a água, lançando sobre eles uma enorme massa de água.

Quando nessa tarde Alice e Starling regressaram à quinta, mais tarde, de mãos dadas, Bridget deitou um olhar para o desalinho dos seus cabelos sujos e para as manchas húmidas das suas roupas, e arregalou os olhos com escândalo.

— Nunca antes foi para o rio, Alice! — exclamou ela. Alice riu-se baixinho.

— Mas estava o dia perfeito para isso, Bridget. Devias vir connosco da próxima vez.

— Não me apanharão a meter-me assim toda debaixo de água; não é prudente, menina, nada prudente. E se apanhasse uma constipação? E

olhe para a javardice que fez com as roupas!

— Bridget!

— Peço perdão pela linguagem, menina, mas, *realmente*! — As repreensões de Bridget seguiram-nas até casa, e continuaram enquanto encheu a banheira para lhes tirar o rio de cima; mas as invetivas em breve perderam veemência, perante a infatigável boa disposição das raparigas. Starling teve o cuidado de não se lavar demasiado bem porque gostava do perfume mineral do rio na sua pele, e na cama pôs as mãos em concha junto da cara para o inspirar, sentindo um eco maravilhoso daquela sensação de inchar que tivera, embalando-a até adormecer.

O pouco tempo que Starling montara *Suleiman*, nesse dia, veio a revelar-se como a sua primeira e última lição de equitação. Depois disso, Jonathan foi-se embora com o exército, em treino e preparação, reunindo o material de campanha, e depois partiu para Portugal, no verão de 1808.

As vezes em que ele foi à quinta sem o avô, quis passar o tempo com Alice, não a ensiná-la a montar. Nunca parara um pouco para pensar acerca do que acontecera a *Suleiman*, pois Alice desaparecera e tudo ficara virado de pernas para o ar e destruído. *Não suporto relatar-lhe o modo como morreu.* Starling engoliu em seco. E de cada vez que lia ou pensava nas palavras que Jonathan escrevera, sentia uma guinada de profunda tristeza, de raivoso afrontamento, pelo facto de o mundo se ter

tornado tão feio, e tão cruel, quando Alice a ensinara a pensar que ele era justo e encantador. Era um sentimento frio e pesado.

Fora esta carta que convencera Alice a separar-se de Jonathan? Ter-lhe-á causado alguma espécie de crise? Ela tinha ficado mais difícil de ler, cheia de medo e nervos e súbitas tormentas de choro, depois de Jonathan embarcar, e, pior ainda, nos últimos três meses antes de desaparecer, no seguimento da sua fatídica decisão de visitar o Lorde Faukes em Box. Os últimos três meses antes de Jonathan ter voltado para casa, enegrecido por dentro, meio enlouquecido pela dor e pela violência; um estranho de rosto familiar. *Não admira que ela tivesse deixado de o amar, não admira que ele a tenha matado por isso.* Starling imaginou este cenário vezes sem conta, até ele ter começado a parecer um facto. Talvez, para começar, tivessem sido cartas como aquela que mataram o amor de Alice — *fiz coisas… coisas que não poderei contar nunca. Há uma tal mancha de vergonha sobre o meu coração… deixei de ser digno de si* — e, depois, quando ela o vira de novo, confirmara tudo. Alguma coisa acontecera a Alice naqueles últimos três meses. Uma centelha dentro dela que se apagou, e, embora ela fosse claramente cheia de segredos, eles tinham deixado de a iluminar e de a fazer voar como um pirilampo. Pesavam-lhe sobre os ombros,

e esgotavam-na; e quando Starling lhe perguntava, noite dentro, o que se passava, Alice apenas fechava os olhos e dizia *não consigo suportar dizer-to*. Starling fora deixada a magicar o que poderia ter sido tão mau. Ser mantida na ignorância fora, então, uma tortura, e continuava a sê-lo.

Nessa noite, Starling fez deslizar a carta de volta à confusão que havia sobre a secretária de Jonathan Alleyn, enquanto ele estava deitado na cama, com as cortinas fechadas, de modo que nem ela o poderia ver. Os aposentos estavam de novo obscurecidos, as portadas travadas. Não se ouvia o mais pequeno ruído, e ao mais ténue restolhar de papéis, quando ela devolveu a carta, a sua voz incorpórea soou, como um fantasma:

— Não toques em nada sobre a minha secretária. Deixa-me estar. —

Refreando-se, Starling desrolhou uma garrafa de vinho para ele com ruído. Era um vinho comum — acabara-se o material fortificado que Dick um dia tinha misturado para lhe dar. Apenas poderia esperar que Jonathan bebesse o suficiente para lhe cair mal. Havia uma fatia de tarte de galinha na travessa que ela também trouxera para cima; pegou no prato e empurrou a tarte para o lume. Ao atravessar a sala em direção à porta, parou, e voltou-se de frente para as cortinas fechadas.

— O que aconteceu a *Suleiman*? O seu cavalo? — perguntou ela.

Seguiu-se um longo silêncio, carregado, e ela começou a pensar que ele não iria responder.

— *Suleiman*, meu bom amigo. Eu… nós, comemo-lo. — A voz de Jonathan engrossara-se-lhe de repulsa, de tristeza. Starling engoliu convulsivamente; as palavras dele fizeram disparar um raio de horror e raiva que lhe desceu pela coluna.

— *Assassino!* — sibilou ela. — Arderá por isso! — Fugiu da sala com lágrimas a brotarem-lhe dos olhos.

Os alojamentos do Capitão e da Sra. Sutton ficavam numa casa alta e estreita, na parte nordeste da cidade. Enquanto Rachel atravessava a cidade, o ar gélido parecia espetar-lhe agulhas no crânio, mesmo entre os seus olhos. A névoa na parte de dentro da janela do quarto transformara-se numa fina camada de cristais de gelo, minúsculos, perfeitos e mortos.

Em dias como aquele, em Hartford Hall, no coração do inverno, a criada teria estado no quarto de Rachel a atiçar o lume uma hora antes da altura de se levantar. Os ruídos suaves do que ela estava a fazer chegariam a Rachel, reconfortantes e familiares, enquanto jazia aninhada debaixo dos grossos edredões e cobertores sobre a cama.

Rachel foi introduzida na sala de estar dos Sutton por uma criada idosa de olhos cansados e um vestido desbotado. Era um pequeno compartimento, mas bem mobilado. Harriet Sutton estivera a costurar, mas pousou o trabalho e ergueu-se com um sorriso.

— Sra. Weekes, que bom vê-la de novo. Chá, por favor, Maggie. A não ser que prefira café, ou chocolate, Sra. Weekes?

— Na verdade, chocolate seria ótimo — disse Rachel.

— Concordo. Alguma coisa que afaste este desgraçado vento frio.

Chocolate para as duas, então, Maggie.

— Muito bem, minha senhora. — A velha fez uma reverência, lentamente, como se não estivesse segura dos seus joelhos.

— Agora, venha e sente-se perto do lume, Sra. Weekes, está azul!

— A Sra. Sutton tomou as mãos frias de Rachel nas suas, e puxou-a para diante a fim de que sentasse na cadeira ao lado do lume.

— Nunca soube que fazia tanto frio tão no início da estação —

disse Rachel.

— *Aye*. Isto pressagia um inverno difícil. Tenho piedade dos pobres pelo que está para vir — disse Harriet, com gravidade. Depois sorriu. —

E teremos de ir aos salões de reunião com mais frequência, apenas pelo

calor.

— Não tenho a certeza de ir muito. Acho que o Sr. Weekes não se divertiu muito da última vez — disse Rachel, cautelosamente. Depois do que perdera no último baile, dificilmente se poderiam dar ao luxo de em breve lá voltarem.

— Mas o Sr. Weekes que eu conheço não adora outra coisa senão uma dança, e boa pândega!

— Bem. — Rachel encolheu os ombros. — Talvez ele fique mais sóbrio com o passar do tempo — disse ela. Recordou-se da rigidez do braço de Richard por baixo do seu; a expressão fixa e distraída do seu rosto. Tinha uma sensação interior de afundamento. De forma geral, ele ficara cada vez menos jovial, cada vez menos animado, a cada dia que passara desde o casamento. — Há quanto tempo conhece o meu marido?

— perguntou ela.

— Oh, já lá vão uns bons anos. Quando o Capitão Sutton foi para o exército, e fez amizade com Jonathan Alleyn, foi nessa altura que conhecemos o Sr. Weekes.

— Oh? Talvez quando o Sr. Weekes estava em casa deles? Em negócios?

— Bem — disse Harriet Sutton, com um ar ligeiramente desconfortável. — Não, não exatamente em negócios. O Sr. Duncan Weekes, que estou certa que deve conhecer, era cocheiro do Lorde Faukes, o pai da Sra. Josephine Alleyn. Durante anos e anos.

Depois de a sua mulher ter morrido, Duncan Weekes e o seu marido ficaram alojados por cima da casa das carruagens. Isto não foi em Lansdown Crescent, bem vê, mas na grande casa do Lorde Faukes, em Box. O seu Sr. Weekes cresceu e fez-se homem ao longo desse tempo. Mas estou certa de que ele deve ter-lhe contado isso?

Nessa altura, a criada entrou com um tabuleiro e as chávenas com chocolate, e Rachel ficou grata pela oportunidade para se recompor. *Não admira então que Josephine Alleyn pense em mim como empregada, uma vez que na verdade estou casada com um dos seus empregados. Moço de estrebaria, disse ele que o pai era.* Pensou retrospetivamente nas histórias de Richard, no que ele lhe confessou durante o curto namoro, quando ele parecera pôr-se totalmente a nu. Porém, quão cuidadosa e completamente ele lhe ocultara esta verdade sobre si próprio. Com um sobressalto, compreendeu quão pouco ela conhecia realmente o marido.

— Na verdade, não. Não mencionou isso. Existe algum… azedume

entre o meu marido e o pai dele. O Sr. Weekes não me fala sobre Duncan Weekes. Espero poder reconciliá-los. Talvez consiga, com o passar do tempo — disse ela, numa voz constrangida.

— Oh! Perdoe-me, minha querida Sra. Weekes, se fui inconveniente! Não tive a intenção de falar sobre a sua própria família como se eu soubesse mais sobre o assunto. — Harriet pegou na mão de Rachel e apertou-a, para tornar real o seu pedido de desculpa. A sua expressão era aberta e expressiva, e uma vez mais isso deixou Rachel à vontade. Sentia que estava ali uma pessoa com quem poderia falar livremente, sem qualquer medo de ser mal-entendida. Confiança. *Ela inspira confiança, e como eu estou necessitada de uma pessoa assim perto de mim.*

— Mas neste caso a senhora sabe realmente mais, isso é muito claro. Não é preciso pedir desculpa — disse Rachel. — Tenho a impressão de que o Sr. Weekes preferiria esquecer este… início de vida, e concentrar-se no seu futuro.

— Um homem sábio, então, e uma filosofia que deveríamos todos adotar. Seguramente que o nosso nascimento não nos deveria definir tanto como aquilo que fazemos depois — disse Harriet.

— Mas a sociedade funciona exatamente ao contrário dessa ideia, embora ela seja agradável. — *Mas eu já não sou fidalga, embora tenha nascido como tal.* — Neste país, parece que quem nasce humilde deve permanecer na inferioridade, não importa quanto se esforce ou realize; e alguns que nascem fidalgos assim ficam, apesar das suas ações ignóbeis e do seu deboche — disse ela. A apreensão aumentou no rosto de Harriet Sutton.

— Vivemos numa sociedade injusta, realmente, para se ser tão deliberadamente cego — murmurou ela. — Penso que está a falar do Sr.

Jonathan Alleyn, quando fala de ações ignóbeis.

— Na verdade, a família tem uma grande importância, no meu espírito. Devo regressar para ler e fazer companhia ao Sr. Alleyn — disse Rachel, e sorriu levemente perante a expressão de incredulidade que inundou o rosto da sua amiga.

— Mas… estou espantada, minha querida! Nunca pensei que…

— Nem eu, depois do meu primeiro encontro com o homem!

Porém, o segredo é este; parece que eu apresento uma grande semelhança com Alice Beckwith.

Houve um silêncio, e Harriet sorveu delicadamente a sua bebida.

— Não compreendo — confessou ela, por fim.

— Nem eu, Sra. Sutton. Mas tanto o Sr. Alleyn como a sua mãe reagiram fortemente ao… reconhecimento, quando me viram a primeira vez. E a criada, que deve ter conhecido a Menina Beckwith, também. E, por alguma razão, ele consegue tolerar a minha

presença. A mãe pensa que lhe faria bem ouvir ler. Acha que isso o acalmaria, e… ajudaria à sua recuperação.

— Mas… isto é muito estranho, Sra. Weekes! Estou encantada, claro… com este sinal de melhoria no Sr. Alleyn. Mas não consigo pensar como é que alguém que recorde, perdoe-me, uma pessoa que o traiu e enganou tão horrivelmente seria uma ajuda.

— Nem eu, Sra. Sutton, nem eu. Mas aí tem, devo regressar lá amanhã e ler para ele — disse Rachel, sentindo aumentar a tensão perante a ideia. *E, desta vez, se ele se enfurecer de repente outra vez e me matar, pelo menos serei paga pelo incómodo,* pensou ela *. Mas ele sabe. Ele sabe tudo acerca de Alice,* sussurrou-lhe o eco, ansiosamente.

— Minha querida, espero… espero que o possa ajudar. Poucos homens se encontram num tão negro lugar como o dele. Como alegraria os nossos corações saber que pode ser despertado do seu pesadelo. — O

pequenino rosto de Harriet Sutton estava sério e sombrio, mas a sua voz traía pouca esperança, e Rachel sentiu o nó da tensão nas suas entranhas apertar-se ainda mais.

— Vejamos, agora, a razão principal da minha visita, além de a tornar a ver, claro, Sra. Sutton. Mas prometeu apresentar-me à sua filha

— disse Rachel. Harriet Sutton irradiou alegria e foi até à porta para a chamar. Cassandra Sutton era uma rapariguinha magra, delicada, alta para a idade de oito anos. Tinha uma pele macia, com uma tonalidade azeitona e olhos verdes, e cabelo tão negro como as penas de um corvo.

— Como está, Sra. Weekes? — disse ela, timidamente, e Rachel ficou encantada.

— Ora bem, esta deve ser a rapariga mais bonita que alguma vez vi

— disse ela calorosamente, e Cassandra ficou nervosa, agradada e embaraçada. — Como está, Menina Sutton?

— Muito bem, obrigada, minha senhora — retorquiu a criança com imaculada educação.

— Vem, Cassandra. Vem e senta-te um pouco connosco. — Harriet Sutton estendeu a mão à filha e a rapariga pulou para o sofá ao lado dela.

O seu pequeno rosto regular era dominado por um nariz fino e

pontiagudo, e pelas sobrancelhas escuras; havia alguma coisa de fantástico e de cativante na sua aparência, e nem um pouco do orgulho ou do temperamento intratável de Eliza Trevelyan.

— Gostaria muito de ter uma filha como tu. Mas o meu marido preferiria ter um filho grande e robusto, para trabalhar com ele — disse Rachel.

— Talvez pudessem ter os dois? — sugeriu Cassandra. — Eu gostaria muito de ter um irmão.

— Bem — disse Harriet, e o seu sorriso tornou-se um pouco triste.

— Poderás ter, um dia. Vamos ter de esperar para ver o que Deus tem reservado para nós, não vamos? — O olhar que lançou a Rachel estava cheio de calma resignação, e Rachel compreendeu que não haveria mais filhos para o Capitão e a Sra. Sutton. Pela idade que a sua nova amiga e o capitão pareciam ter, supôs que o casamento deles aguentara uns bons anos de aridez antes de Cassandra nascer.

— Eu tive um irmão — disse Rachel, e desejou de imediato não o ter feito. Engoliu a tristeza que a sufocava sempre que pensava em Christopher. — Chamava-se Christopher — acrescentou, porque se fez um silêncio depois de ela ter falado, e ambas, mãe e filha,

pareceram saber instintivamente que não deveriam fazer perguntas sobre onde estava o irmão dela agora.

— Christopher é um bom nome. Nós temos um urso chamado Christopher, não temos? — Harriet pôs um braço à volta da filha e apertou-a. — Agora, porque não vamos até à sala de música, e podes mostrar à Sra. Weekes quão bem tens aprendido a tocar guitarra?

Após a visita, Rachel foi ao alojamento de Duncan Weekes, batendo os seus frios nós dos dedos na porta gretada e a desfazer-se em lascas, e chamando através da pequena janela. Prometera uma nova visita, apesar de ter poucas novidades para dar, e ardia também de curiosidade —

queria perguntar ao seu sogro sobre os tempos em que estivera ao serviço dos Alleyn, e acerca de Richard ter crescido com eles. Depois de algum tempo, pareceu claro que o velho não estava em casa, e mais ninguém foi abrir-lhe a porta de fora. Continuou a andar, em direção a Abbeygate Street, embrenhada nos seus pensamentos, tentando adivinhar por que razão o seu marido lhe teria omitido a natureza do seu longo conhecimento com os Alleyn. Poderia ser tão simples como não querer admitir, por orgulho, que fora empregado deles? Ou filho do empregado deles? Mas contara-lhe acerca da profissão humilde do pai, e até se

gabara de como se tinha elevado acima dela. Talvez preferisse que Rachel pensasse que tinha construído o seu próprio sucesso, e não fora içado para ele por um antigo patrão caridoso. Ele dissera-lhe que a Sra.

Alleyn tinha sido uma benfeitora, uma cliente fiel… agora era bastante mais claro por que razão tão importante senhora se haveria de preocupar com o negócio de um jovem comerciante de vinho.

Rachel caminhava apressadamente, agitada. A sua respiração fluíalhe para trás, um rasto no ar frio. Tencionava confrontar Richard,

e insistir para que lhe contasse tudo sobre o seu relacionamento com os Alleyn. Mas ele não estava na adega, nem no primeiro andar, pelo que não pôde fazer outra coisa senão esperar. Ele voltou depois de escurecer, a tresandar a vinho, embora ela não pudesse dizer com segurança se isso era devido à quantidade que bebera ou aos salpicos que o seu trabalho deixava na roupa. Ele sorriu e beijou-lhe a face, mas o rosto tornou-se sombrio quando ela lhe perguntou acerca dos Alleyn e do emprego do pai como cocheiro.

— Já contei tudo — disse ele entre dentes, sentando-se numa cadeira para tirar as botas e aquecer os pés húmidos junto à lareira. O

cheiro repulsivo das meias flutuou até Rachel.

— Não, não contou, Sr. Weekes. Contou-me apenas que o seu pai tinha sido moço de estrebaria e a Sra. Alleyn uma importante protetora do seu negócio.

— Tal e qual. Se me tivesse perguntado mais, eu teria dito mais.

Mas já lhe contaram a história toda, ao que parece. Algumas pessoas considerariam isso uma deslealdade, perguntar a outros mexericos acerca do próprio marido. — Ele encostou a cabeça para trás e fitou-a, de olhos pesados pela fadiga, mas alerta.

— Não perguntei acerca de si, perguntei acerca dos Alleyn. Uma vez que, em breve, também eu vou trabalhar para eles. A Sra. Sutton assumiu, compreensivelmente, que eu sabia da sua associação à família.

— Bem, que importa não ter sabido a história toda? Não muda nada.

— Sr. Weekes, eu…

— Você o quê? — interrompeu-a Richard com estas três palavras curtas e duras. Rachel corou.

— Não compreendo porque sentiu que tinha de me ocultar isto. É só isso. — *E porque é tão leal aos Alleyn e, contudo, fica tão sensível com qualquer menção a eles.* Richard encolheu os ombros, e fechou os olhos.

— Foi um dia longo e fatigante, minha querida. Não falemos mais disto. Não há comida nesta casa, para o senhor dela? — Rachel esperou, caso ele dissesse alguma coisa mais ou ela encontrasse forças para continuar a falar. Não ocorrendo nenhuma das duas hipóteses, ela ergueu-se, frustrada, e foi preparar-lhe o prato com o jantar.

O dia seguinte foi tempestuoso. Um vento forte soprou de um céu cinzento-ardósia, afastando o véu de fumo de carvão e névoa, e transportando manchas de neve e chuva que Rachel sentia como estilhaços cortantes no rosto enquanto se dirigia a Lansdown Crescent.

Caminhou o mais lentamente que conseguiu, para adiar a chegada à bela casa dos Alleyn, com o seu ar fechado e vigilante, os seus estranhos e tristes ocupantes. Respirou fundo várias vezes e recordou a si mesma o seu dever para com o marido; o seu sentido de caridade em relação a Josephine Alleyn; o seu desejo de saber mais acerca de Alice. Não fazia ideia por quanto tempo se esperava que ela lesse para Jonathan Alleyn, ou estivesse com ele, mas esperou que não fosse mais de uma hora, duas no máximo. Não havia qualquer compromisso que a vinculasse; poderia sair a qualquer altura. Era empregada lá, mas não era uma criada. Todas estas coisas ela lembrou a si mesma, enquanto subia até à porta da frente.

Josephine Alleyn foi quem a viu primeiro. Estava de novo junto à gaiola do canário, pronunciando suaves palavras de súplica ao pássaro. O

canário empinava a cabeça diante dela, de olhos penetrantes e fixos, mas não dizia nada.

— Ah, Sra. Weekes. É muita bondade sua ter vindo. O meu pequeno pássaro está silencioso e triste. Nada que lhe dê de comer ou lhe diga parece animá-lo — disse ela melancolicamente. Passou ao pássaro outra semente de girassol, mas este apenas olhou para ela e não a comeu.

— Julgo que assobiar-lhes por vezes os encoraja a cantarem —

disse Rachel. Ficou à porta, sem saber bem se haveria de avançar mais ou não.

— Oh? Uma pena. Uma senhora não deveria assobiar nunca. É um hábito grosseiro, e enruga a boca. Talvez Falmouth pudesse ser persuadido a tentar. Porém, nunca ouvi um som alegre sair daquele homem, em mais de vinte anos de serviço. Temo que a sua companhia pudesse tornar o meu pobre canário ainda mais triste. — Josephine olhou para Rachel com um ténue sorriso.

— Talvez outro tipo de música? Toca, Sra. Alleyn? — *Qualquer coisa menos o manto de silêncio desta casa.*

— Costumava. O meu pai adorava música, e eu tocava muitas vezes piano para ele, antes de casar, e depois de o meu marido ter morrido, quando voltei a viver com ele. O meu marido morreu quando Jonathan apenas tinha cinco anos. Sabia disso? Pobre garoto, nunca o conheceu realmente. O Lorde Faukes foi mais como um pai para Jonathan do que um avô.

— Teve sorte, então, por ter um tal avô.

— Sorte? Sim… — Josephine suspirou, e mergulhou nos seus pensamentos, e Rachel ficou desconfortavelmente à espera.

— Vou ficar a fazer companhia ao seu filho nesta sala, Sra. Alleyn, ou nalguma outra? — perguntou ela por fim.

— O quê? Oh, não. Ele não descerá. Eu levá-la-ei lá acima até ele.

— A velha senhora virou-se e caminhou lentamente para a porta, de rosto imóvel, sem trair qualquer pensamento. O coração de Rachel afundou-se. *De volta, então, aos seus aposentos, à escuridão e ao cheiro torpe e à sensação de estar encarcerada, exatamente como aquele pobre canário.*

Tentou permanecer calma, enquanto subiam as escadas de pedra em silêncio. Josephine Alleyn acompanhou-a durante o caminho todo até à porta do filho e, quando lá chegaram, ela exibia uma porção igual de esperança e de dúvida no seu rosto encantador. Rachel tentou desesperadamente pensar em Jonathan Alleyn mais como ele parecera na última visita — contrito, desconfortável, e até nervoso — do que quando estivera com ele a primeira vez: violento e embriagado. Quase pareciam duas pessoas diferentes. *Oh, pelo menos que esteja sóbrio.* Ela não ficaria se estivesse bêbedo, decidiu ela ali e agora. Pouco adiantaria ler para ele se a sua mente estava oca. Josephine Alleyn bateu à porta e depois abriu-a, afastando-se então e impelindo Rachel para o seu interior, sozinha.

— Talvez a *Bíblia*, se tudo o resto falhar — sussurrou a Sra. Alleyn, antes de fechar a porta. — Talvez a *Bíblia* o ajude a regressar à luz.

O quarto estava de novo numa obscuridade quase total, e de imediato Rachel ficou com os nervos em franja. O fedor a morte e decomposição desaparecera, contudo, pelo que foi capaz de respirar mais facilmente. Virou-se e viu Jonathan Alleyn sentado numa cadeira de braços, junto à janela. As suas longas pernas estavam estiradas para diante, o cotovelo pousado no braço da cadeira, os dedos comprimindo ligeiramente o lado do rosto.

— Sr. Alleyn… — disse Rachel, os nervos fazendo-lhe a voz retumbar abruptamente. Jonathan ergueu rapidamente os dedos em protesto.

— Por favor, não tão alto. Entre e sente-se, Sra. Weekes. — Indicou com um gesto uma cadeira de madeira que fora colocada do lado

oposto, perto o suficiente para a sua bainha raspar nas pontas das botas dele quando se sentou nela. Estava frio junto da janela; uma corrente de ar infiltrava-se pela cercadura das portadas e Rachel sentiu um arrepio.

— Ser-me-á muito difícil ler com tão pouca luz — disse ela, em voz mais baixa.

— Ler? — disse ele. Uma faixa de luz iluminou um dos seus vigilantes olhos castanhos, e escavou-lhe as linhas do rosto — as covas da face e por baixo dos sobrolhos. O seu escrutínio transmitia, de novo, aquela ideia conspícua, aquela sensação de que todas as palavras e expressões dela eram falsas. *É a ela que ele vê.* Como se lhe lesse os pensamentos, Jonathan Alleyn franziu o cenho. — Na verdade, não é assim tão parecida com ela. Com Alice. É apenas uma… uma semelhança inicial. É mais alta, e mais estreita, os seus olhos são mais cinzentos do que azuis. O seu cabelo é… o seu cabelo é tão claro como o dela; o seu rosto… extraordinariamente parecido. Mas muita da semelhança desaparece assim que a fala e a expressão animam as suas feições — disse ele. Rachel sentiu-se absurdamente desapontada, quase insultada. Mas passara muito tempo; os anos alteram as coisas. —

Quando a vi pela primeira vez, a minha visão estava desfocada… as dores de cabeça provocam isso por vezes.

— Bem, eu nunca reclamei qualquer relação com Alice Beckwith…

— Não o fez. Veio na ignorância. Eu… devo pedir-lhe novamente desculpa pela minha reação. Por ter posto as mãos em cima de si. Foi imperdoável. — Falou numa voz neutra, sem qualquer emoção ou expressão assinaláveis, e apenas um ligeiro franzir do cenho para dar crédito às suas palavras. Rachel começou a formular uma aceitação das suas desculpas, mas ela não lhe saía. Entrelaçou os dedos no regaço e examinou-os.

— Pôr-me as mãos em cima? Quase me estrangulou. — As palavras irromperam-lhe, involuntariamente. Chocada pela sua

própria franqueza, viu uma expressão de surpresa e, depois, de desespero inundar o rosto de Jonathan.

— Mal me consigo lembrar — murmurou. — Tudo isso se

desvaneceu em intervalos de sombra.

— Bem — disse Rachel, sem o compreender muito bem. Mudou a posição das mãos. — Como está hoje? Não está com dor de cabeça neste momento?

— Não, minha senhora. Embora o termo “dor” dificilmente dê uma ideia real da sensação. É mais como uma faca, a remexer-me lentamente no crânio. Como uma trovoada, apanhada entre as minhas têmporas.

— Consultou algum médico em relação a isso?

— A minha mãe enviou-me todos os médicos, charlatães e curandeiros que há em Inglaterra, numa altura ou noutra — ripostou ele.

— A única coisa que fazem é sangrar-me, o que me deixa mais fraco, depois dizem-me para repousar. Nada disso me faz qualquer bem.

Apenas o vinho… apenas o vinho me apazigua. Durante algum tempo.

— Fechou os olhos por um momento, depois inclinou-se para a frente de súbito, com um movimento tão rápido que Rachel deu um salto. — São as coisas que eu vi, compreende? São as coisas que eu vi e as coisas que eu fiz que me roem a mente como ratazanas.

— As coisas… coisas que viu na guerra com os Franceses? —

arriscou Rachel dizer, cautelosamente.

— Oh, como sabe tanto, sobre a guerra e sobre o que lá aconteceu, e sobre Alice… Como toda a gente sabe tanto e como todas as vozes tagarelam sem cessar e como toda a gente está tão bem informada sobre a minha enfermidade! Sobre os meus próprios *pensamentos*! —

vociferou ele, recostando-se de novo, irritado.

— Na verdade, sei muito pouco. Apenas estava a tentar…

— Não sabe nada — declarou ele terminantemente.

Atingida, Rachel ficou em silêncio por um momento. Houve um ligeiro ruído vindo do outro lado da sala, onde uma porta levava ao quarto de dormir. Pensou imediatamente na criada ruiva. *Starling*. Estava de novo a vigiá-los? A montar guarda?

— Não foi nada. Apenas a casa a abanar com a ventania — disse Jonathan.

— Da última vez… da última vez que estive aqui, havia uma rapariga — disse Rachel. Jonathan resmungou.

— Sim, essa. Anda por todo o lado. Esgueira-se pela casa como um gato, mais atrevida do que lhe convém. — Fechou os olhos e pressionou outra vez os dedos contra a têmpora.

— Tem um nome curioso. Não tem outro?

— Não. É uma rapariga curiosa, a quem o seu curioso nome foi dado por outra rapariga, a mais doce que alguma vez existiu.

— Quer dizer… a Menina Beckwith? Starling pertencia-lhe, então?

— disse Rachel, intrigada.

— Não está aqui para me interrogar sobre Alice Beckwith.

Ele falou de novo naquele tom neutro e firme, frio e duro como um diamante. Rachel engoliu para humedecer a garganta seca.

— Porque estou aqui? — acabou ela por perguntar, com calma.

— Está aqui porque a minha mãe não vai parar de tentar consertar o que não tem conserto. Está aqui porque ostenta uma grande parecença com uma mulher que eu amei, uma mulher com quem teria casado, uma mulher que… — Interrompeu-se, inspirando profundamente. — Não sei porque está aqui. Não tem necessidade de estar. Pode ir-se embora.

— Percebi que estava aqui com o objetivo de ler para si. Para o ajudar por isso não estar ao seu alcance hoje em dia?

— Para me ajudar?

— Sim. O que gostaria que eu lhe lesse?

— Não trouxe nada consigo? Algo salutar e terapêutico, algo que seja bom para a minha alma? Salmos? Um livro de sermões? — A pergunta era ácida. *Ele quer que me vá embora.* Por um segundo, Rachel quase se ergueu para sair, mas alguma coisa a manteve sentada. Saber-lhe-ia a fracasso, percebeu ela, se tivesse de partir tão cedo, tendo conseguido tão pouco. *Entrega-te a todos os teus propósitos com o maior empenho,* dissera-lhe o pai, vezes sem conta, referindo-se habitualmente a uma página de latim por conjugar. *Mas qual é o meu propósito aqui?*

Ajudar este homem, ou saber o que o aflige? Conhecer Alice, que mudou tudo.

— Escolherei alguma coisa da sua estante, posso? — disse ela, no tom mais ligeiro que conseguiu.

Jonathan não disse nada quando ela foi até às prateleiras de madeira que enchiam uma parede da sala. Ela correu os olhos pelas lombadas dos livros, muitos do quais estavam cheios de pó e tinham

títulos que ela mal conseguia compreender, ou estavam escritos em línguas estrangeiras.

Também havia outras coisas nas prateleiras — utensílios estranhos, brinquedos mecânicos e figuras de madeira articuladas, como as que a sua mãe por vezes utilizava para fazer os seus esboços. Havia os três frascos de vidro com os seus descolorados e carnudos ocupantes que pareciam devolver o olhar de Rachel. Ela retrocedeu perante tão

monstruoso e mortal exame. Por um momento, ficou tão intrigada com a sua exploração das estantes que se esqueceu da sua intenção original.

Correu os dedos ao longo de um macio tubo de madeira, com cerca de vinte centímetros de comprimento com duas secções enroscadas uma na outra e alargando-se numa extremidade como um funil.

— É para escutar o peito das pessoas. O seu coração e a sua respiração, e todos os estranhos mecanismos do corpo. — Jonathan falou em voz baixa, quase por trás dela. Rachel não o ouvira aproximar-se e tentou não mostrar ansiedade.

— Oh — disse ela.

— Foi inventado recentemente por um francês; um homem chamado Laennec. Posso mostrar-lho? O som é incrível. Como se a pele, os ossos e a carne tivessem sido arrancados, e o coração deixado nu para ser examinado.

— Não, não quero tal — disse Rachel, alarmada. — A sua mãe disse-me que odiava os Franceses, e todas as coisas francesas. Que nem sequer queria beber vinho francês.

A expressão de Jonathan tornou-se mais sombria.

— Ela não sabe nada do que eu penso, nem como me sinto. É

realmente espantoso, quanto ela se equivoca…

— Creio que a atormenta muito que…

— Pare. A senhora não sabe de nada, Sra. Weekes, e isso fá-la parecer tola. — Rachel mordeu o lábio furiosamente, e não disse nada.

Deu um passo, ao longo da estante, para se afastar dele, até que os seus olhos caíram sobre um minúsculo rato de brincadeira.

Era em tamanho natural — um pouco mais de oito centímetros de comprimento, com uma delicada cauda como um chicote. O seu corpo era feito de camadas de cobre sobrepostas, com os contornos dentados para imitar o aspeto de pele. A cauda era um pedaço de couro, suficientemente rígido para ficar levantado, tudo o resto era feito do mesmo cobre brilhante, exceto os olhos, que eram grandes e lustrosas contas negras. Estava colado a um pedaço de madeira de ébano, como se estivesse a passar por cima dele quando ficara imobilizado, e transformado em metal. Rachel pegou-lhe com cuidado e examinou-o.

Os detalhes eram preciosos. Tinham-lhe sido colados pelos de cavalo para fazerem de bigodes; tinha pequeníssimas garras de cobre, e as orelhas eram pequeníssimos círculos perfeitos.

— Gosta? — perguntou Jonathan, suavizando o tom.

— É um encanto — disse Rachel.

— Veja… veja o que ele faz. — Tirou-lhe o rato de cobre, virou-o ao contrário e enroscou uma chave que encaixava na base de madeira, e depois ergueu-o na palma da mão. À medida que a chave se desenroscava, o pequeno rato mexia-se. As suas patas moviam-se mecanicamente como se estivesse a correr, depois parou, como se para farejar o ar. A cauda encaracolada ergueu-se mais e sentou-se sobre os membros posteriores, ficando com as patas da frente a balouçarem-lhe debaixo do queixo. Depois voltou a colocar-se sobre

as quatro patas e continuou a correr. Voltou a realizar o mesmo ciclo, enquanto Rachel olhava, encantada; depois de cerca de um minuto, a mola desenrolou-se e o rato ficou imóvel.

— Já tinha visto uma coisa parecida — disse ela. — Uma amiga da escola tinha uma caixa, e quando a chave estava enrolada, a cena sobre a tampa animava-se, e pequenos patinadores escorregavam sobre um lago gelado. Mas era apenas uma cena plana, não uma criatura real como esta.

É uma maravilha… como o encontrou?

— Fi-lo eu — disse Jonathan.

— A sério, Sr. Alleyn? Como adquiriu uma tal aptidão?

— Tentei ler… li um tratado sobre estes mecanismos escrito por um suíço, fabricante de relógios. E desmontei diversos outros brinquedos para ficar a saber como funcionavam. A maioria das minhas tentativas foram fracassos, mas depois este pequeno rato… continua a correr. — O

seu tom era estranho, quase de embaraço.

— Está primoroso, Sr. Alleyn. Uma bela aptidão para adquirir por si mesmo, como passatempo, claro — disse ela, encorajadoramente, mas as suas palavras tiveram o efeito contrário. Jonathan carregou o sobrolho e virou-se, ainda com o rato de cobre nas mãos.

— Passatempo? — Ele abanou a cabeça e pensou um pouco. — Os filósofos dizem que os animais não têm alma. Que, sem alma, o corpo é apenas uma máquina, como esta. Ela desempenha funções musicais sem qualquer pensamento, sem uma mente que a governe. Houve um autómato construído por um francês, o *Canard Digérateur*, ouviu falar?

O pato digestor? Ele consegue comer cereais e digeri-los, tal como um pato verdadeiro. Isso não prova que os animais são meras

máquinas? —

Ele fez uma pausa, e Rachel abanou a cabeça, perplexa. — Mas se não têm alma, por que razão o sangue deles é quente, como o nosso? Porque mostram medo? Porque têm fome? Porque lutam pela vida? Porque se

erguerá uma vaca firme para enfrentar um lobo em vez de deixar a sua cria ser comida?

— Eu não… mas os animais não podem ter almas. Está escrito…

— Na *Bíblia*? Sim. Estão escritas muitas coisas na *Bíblia*.

— Certamente não duvida da palavra de Deus?

— Duvido de Deus e muito, Sra. Weekes, tal como a senhora duvidaria se tivesse visto e feito o que eu vi e fiz. E se os animais não têm alma, talvez o homem também não tenha. Talvez todos não sejamos outra coisa senão máquinas.

— Não pode sinceramente pensar assim.

— Ai não posso? O que pode a senhora compreender o que eu penso? Não tem qualquer conhecimento do que um homem pode fazer ao seu próximo. Digo-lhe, se existe uma alma, então existe também uma besta em todos os homens, que dominaria o pensamento e os atos se pudesse, e causaria destruição.

— Não existe uma besta em todos os homens — protestou Rachel, em voz baixa. Jonathan elevara a sua voz quando falou, e ela receava provocá-lo. As suas palavras assustaram-na; soaram como um aviso.

— Está enganada — disse Jonathan abruptamente. Olhou para o rato de cobre, e depois lançou-o nas mãos dela. — Mas guarde esta bagatela, se isso lhe dá gosto. Deixemos que ela a recorde do que eu lhe disse hoje. — Regressou a passos largos para a sua cadeira

junto da janela e atirou-se para cima dela. Cuidadosamente, Rachel colocou o brinquedo de corda de novo na prateleira onde o encontrara.

Desesperadamente, perscrutou os livros à procura de algo adequado para ler, e ficou aliviada quando finalmente avistou um pequeno volume de poesia de Dryden. Tirou-o da estante e voltou a sentar-se do lado oposto a Jonathan Alleyn. Tinha a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados. Quando Rachel começou a ler, perguntou-se se ele iria adormecer, mas interrompeu-a de imediato.

— Prefere poesia à filosofia, à ciência e à razão? É mesmo coisa de mulher.

— Sou mais competente para ler poesia do que as brochuras mais…

esotéricas que tem ao dispor.

— "Porém, quando a doença da alma desesperados encontramos, os Poetas velhos médicos famosos são, Que para os hábitos doentios da mente, Exemplos como cura antiga preparam". É isso que espera? Que a minha doença de alma possa ser curada com poesia?

— Curada, talvez não. Apenas animada. Quem escreveu os versos que disse?

— *Sir* William Davenant.

— Então, deve conhecer alguma poesia, e tirar prazer dela? Ou tirou, em tempos? — disse Rachel.

— Conheci uma outra pessoa que tirava — disse Jonathan. Fechou os olhos com cansaço e por isso Rachel recomeçou a ler. Manteve a voz baixa, e o seu tom suave, e leu durante meia hora sem nenhuma reação de Jonathan Alleyn, exceto num verso. Quando ela

leu: — “Alimento uma chama dentro de mim, a qual muito me atormenta, Que tanto me dói no coração, como porém me contenta: Isto é uma dor tão agradável, e de tal maneira a amo, Que preferia morrer a algum dia removê-la” —, sentiu indistintamente um movimento, e, levantando os olhos, viu-o a observá-la de olhos quase fechados. A voz sumiu-se-lhe e perdeu-se no texto, e sentiu-se tola e desajeitada. Depois continuou a ler, e Jonathan fechou os olhos uma vez mais e, quando ela se ergueu para sair, estava certa de que ele estava a dormir.

Fechou a porta atrás de si, e com o clique silencioso do ferrolho sentiu-se afundar. Sentia a cabeça leve e a latejar suavemente, o estômago roncava. Não comera nada ao pequeno-almoço, tantos tinham sido os nervos em relação àquele encontro, mas o que a afligia era mais do que isso. Era ele, o seu tormento; as coisas obscuras que se moviam por trás dos seus olhos; a forma como exibia a sua ira para todos verem.

Para impedir o mundo de ver mais alguma coisa acerca dele? Ele parecia fazer as forças abandonarem-na com um olhar tão cheio de coisas que ela não compreendia, que era quase como se estivesse vazio, e a sua forma dura e inflexível de falar. Ele fazia a sua educação, o seu equilíbrio e o seu decoro parecerem coisas de papel recortado, pintadas e irreais; e sem elas para a cobrirem, sentia-se desnudada. Rachel desceu as escadas e bateu suavemente à porta da sala, mas não houve resposta.

Tentou as outras salas de visitas, mas estavam identicamente vazias.

Ficou de pé, sozinha no átrio cavernoso, por um momento, indecisa sobre o que fazer. Parecia rude ir-se embora, sair sem uma palavra. No fim, virou-se na direção das traseiras da casa, e encontrou as escadas de serviço que a conduziram à cave.

Ao fundo das escadas havia um corredor largo e nu que virava à esquerda e à direita, iluminado por velas, colocadas em arandelas

na parede, que gotejaram à sua chegada. Da sua direita vinha o cheiro

vegetal e fumado da cozinha, conjuntamente com ruídos de azáfama. O

estômago de Rachel grunhiu de novo, e ela virou nessa direção. Era uma vasta sala abobadada, dominada num dos lados por uma vasta lareira e chaminé contendo o fogão e o forno do pão, e uma grelha sobre o fogo.

Ouviu os estouros e os silvos da gordura quente, o estalar do espeto a girar na chaminé. Uma mulher atarracada com braços carnudos partia ovos para uma tigela, trauteando para si própria e sem dar pela presença de Rachel. Quando Rachel inspirou para começar a falar, a mulher levantou os olhos.

— E quem poderá ser a senhora, sem saber o que fazer na minha cozinha? — perguntou ela. Rachel avançou.

— Estive de visita ao Sr. Alleyn, e… não consegui encontrar ninguém lá em cima… — A cozinheira limpou as mãos ao avental e fez uma reverência pouco graciosa, com um ar desorientado e aborrecido.

— Perdão, minha senhora, não sabia… Mas não deveria estar cá em baixo, sendo visita…

— Não… Eu sei. As minhas desculpas. Mas, talvez… eu não sou bem uma visita, compreenda. Estou ao serviço da casa, para fazer as minhas visitas. — Rachel avançou mais um passo no interior da cozinha e olhou para o lume onde um joelho de porco girava.

— Bem, não deve vir mais cá abaixo por causa de tudo isso, minha senhora. Suba, se quiser fazer o favor, e eu vou chamar o Falmouth para ele a acompanhar à porta…

— Estava aqui a pensar se poderia dar uma palavra a Starling? E

talvez… — Rachel não conseguia arranjar coragem suficiente para pedir alguma coisa que comer; a mulher estava nitidamente irritada pela intrusão nos seus domínios. Havia um cesto de peras sobre a mesa.

Rachel fitou-o avidamente e teve a certeza que a cozinheira reparou no seu olhar, mas não lhe ofereceu nenhuma. Comprimindo os lábios num rolo, de modo a ficar de queixo franzido, a mulher foi até à porta de entrada para chamar pelo corredor.

— Starling! Alguém quer dar-te uma palavra! — Houve uma pausa de silêncio, durante a qual Starling não apareceu, e a cozinheira resmungou uma praga entre dentes. — Ela vive no seu próprio mundo de atrasos, esta aqui. Volte para cima, minha senhora. Por favor. Eu mando-a ir ter consigo — disse ela.

— Não, está bem assim. Não há necessidade de a ir buscar, eu vou andando e descubro-a — disse Rachel, regressando ao corredor. A

cozinheira ficou calada e depois encolheu os ombros.

— Última porta ao fundo, à direita.

Rachel alcançou e bateu à última porta a que chegou; uma vez que estava aberta, entrou por ela. O quarto estava dividido em dois, e através da porta mais interior, viu a rapariga ruiva, ajoelhada, a meter uma garrafa de cerveja num saco de serapilheira. Deu um salto quando ouviu Rachel entrar, pontapeando rapidamente o saco para debaixo da cama e depois virando-se de rosto esbraseado e olhos furiosos. Rachel deu um passo atrás e esqueceu-se do que estivera prestes a dizer.

— Aqui é o meu quarto — vociferou a rapariga.

— Eu sei. Eu… peço desculpa. — Rachel juntou as mãos com embaraço, e depois lembrou-se de que tinha um estatuto superior ao da rapariga. Endireitou-se, vários centímetros mais alta do que Starling. —

Quero fazer-te algumas perguntas. Não vai demorar. Estou certa de que tens… deveres para fazer. — Rachel baixou os olhos para a ponta ainda visível do saco, que espreitava por debaixo da cama. Starling lançou-lhe um olhar furioso, mas também havia medo nos seus olhos. Um fiapo solto de cabelos cor de gengibre suspendia-se-lhe diante do rosto, e mexia-se regularmente com a sua respiração.

— Perguntas sobre o quê?, minha senhora — disse a rapariga, secamente.

— Sobre o Sr. Alleyn… sei que, de todos os criados, és a que o conhece há mais tempo. E sobre a Menina Beckwith.

— Alice? — Starling vacilou. Os olhos arregalaram-se-lhe e uma parte da sua ira abandonou-a. — Sabe acerca de Alice?

— Muito pouco. Apenas que tratou mal o Sr. Alleyn, e é em parte culpada do seu mal-estar. Ou é isso que sou levada a crer.

— Ela nunca o tratou mal! Ela nunca tratou nada nem ninguém mal em toda a sua vida!

— Conhecia-la bem?

— Eu… ela criou-me. Como uma irmã.

— Uma *irmã*?

— Sim senhora, uma irmã! Em parte. Como criada também, talvez… conheci-a desde que eu era uma criança.

— E… eu sou muito parecida com ela? — perguntou Rachel, quase timidamente. *Como a rapariga que um homem amasse tanto, que perdê-*

la o tinha arruinado. Starling fitou-a com uma expressão que Rachel não soube interpretar.

— É sim, Sra. Weekes. A princípio. Claro que é mais velha do que ela era quando desapareceu. E… as suas expressões são diferentes. A sua voz. É uma semelhança passageira, nada mais.

— Foi exatamente isso que o Sr. Alleyn disse — murmurou Rachel.

A isto, Starling piscou os olhos, e a incredulidade inundou-lhe o rosto.

— Ele falou-lhe sobre ela? Sobre Alice?

— Só um pouco. Talvez com o tempo fale mais.

— Então… virá visitá-lo outra vez?

— Sim. — Rachel pôs os ombros para trás e tentou parecer decidida.

— E… ele não a assusta?

— Porque o deveria fazer? — disse Rachel, e depois sentiu-se tola, uma vez que fora aquela rapariga que impedira Jonathan de a estrangular, há pouco mais de uma semana. — A ti não assusta, pelo menos isso eu sei. — Recordou a vassoura da lareira a atingir Jonathan na cabeça. Como poderia uma criada agir daquela forma, e contudo não ser dispensada?

— Conheço-o há muito tempo, realmente — disse Starling, em tom neutro.

— Como era ela? Alice Beckwith?

Fez-se um longo silêncio, e, embora os olhos de Starling estivessem fixados em Rachel, pareciam olhar através dela para a sombra que dançava na parede por trás. Durante algum tempo, Rachel pensou que ela não ia responder, mas depois respirou rápida e profundamente.

— Um dia, fomos tomar chá com o vigário e a mulher em Bathampton… O local fora construído recentemente, e foi com orgulho que o vigário quis mostrar-lhe a casa toda, descendo mesmo ao piso dos criados e à cozinha. Alice estava bastante satisfeita e não viu nenhum mal em ir lá abaixo. Não se dava falsos ares. — A isto, Starling piscou os olhos para Rachel. — Ela não via criados ou senhor e senhoras, pessoas pobres ou pessoas ricas. Apenas via *pessoas*. Na cozinha, Alice reparou na roda de exercitar cães, colocada de forma a fazer girar o espeto, com uma pequena cadela branca que tinha de correr e correr para o fazer girar, hora após hora. Se ficasse cansada, a cozinheira punha-lhe um carvão em brasa por trás, pelo que tinha de correr para não se queimar.

Alice chorou quando viu tal coisa. Ela não deixaria aquilo continuar nem mais um segundo. — Starling sorriu, mas com uma expressão triste. —

Armou tal rebuliço com o seu choro e as suas acusações, que a cadela foi

imediatamente libertada; o vigário não teve outra hipótese. Trouxe-a para a quinta e cuidou dela, e a criada da cozinha do vigário teve de girar a carne até terem instalado um mecanismo. Alice era assim. Não suportava ver crueldade, e não havia qualquer crueldade nela. Nem um pingo. Era boa de mais para este mundo, e as pessoas que dizem mal dela estão muito enganadas. — Starling interrompeu a história e limpou as mãos desnecessariamente ao avental. Respirou fundo outra vez e olhou para o chão, de sobrancelhas unidas. *E esta rapariga ainda sente a falta dela,* pensou Rachel.

— Agora tenho de ir trabalhar, Sra. Weekes — disse Starling por fim.

— Talvez pudéssemos falar outra vez? — disse Rachel, segurando-a pelo braço quando ela passou por si.

— Suponho que sim — murmurou Starling, e soltou o braço; desapareceu rapidamente pelas escadas. Rachel esperou um pouco

e depois regressou à cozinha e chamou a atenção da cozinheira.

— Conseguiu o que queria, minha senhora? — perguntou a mulher, ainda claramente desconcertada pela sua presença.

— Sim, creio que sim. Não completamente. — Fez uma pausa, e sentiu a consciência aguilhoá-la. — Acho que devo dizer-lhe… quando fui ao quarto da rapariga, tenho a certeza que a vi esconder alguma coisa debaixo da cama. Uma garrafa de cerveja da despensa, pareceu-me —

disse ela.

— Starling? Tenho a certeza que está enganada, minha senhora. Vá para cima, que eu vou chamar Falmouth…

— Não, não estou enganada. Ela estava a roubar, tenho a certeza —

insistiu Rachel. A cozinheira olhou-a fixamente com uma expressão vazia.

— Tenho a certeza que está enganada, minha senhora — disse ela, sem expressão. A face de Rachel ficou a arder-lhe.

— Muito bem, então — disse ela, perturbada. A cozinheira não disse mais nada, e apenas a olhou, pelo que Rachel se virou e voltou às escadas, fugindo à falta de respeito da mulher.

1807

Acadela resgatada fora um pequeno terrier de pelo eriçado com pernas curtas e a que lhe faltavam as pontas de ambas as orelhas, provavelmente queimadas. Chamava-se *Flint*. Perdera bocados de pelo aqui e ali, vendo-se pele rosada nesses pontos.

Tresandava, tremia constantemente e a sua respiração era pesada.

Quando Starling lhe pegou no focinho e não o afagou, Alice lançou-lhe um olhar de desapontamento que a magoou.

— Tem vergonha, Starling. Não é culpa da cadela ter sido tratada tão mal. Onde está a tua piedade? — disse ela, fazendo Starling afagar a cabeça da cadela, que lhe lambeu a ponta dos dedos. — Estás a ver? —

Alice sorriu. — Ela gosta de ti.

— Tu fedias como um furão quando vieste para cá — salientou Bridget. Tinha um fraquinho por cães. Fizeram uma cama para *Flint* num sítio quente, e durante três semanas ficou estendida sobre ela, a arquejar, levantando-se de vez em quando para dar uma volta pela cozinha e alçar a perna contra os móveis. Alice cuidou dela o melhor que pôde, mas ainda assim morreu, e, quando isso aconteceu, chorou até à exaustão, e teve de ir para cima estender-se na cama.

— Alice deve ter gostado muito de *Flint* — disse Starling a Bridget enquanto raspavam nabos para o almoço. Bridget resmungou.

— Às vezes, ela só precisa de um pretexto para soltar o que tem dentro. Só precisa de uma razão para libertar isso, e restabelecer o equilíbrio. O melhor é deixá-la em paz.

— O que quer dizer? O que existe dentro dela? — disse Starling.

Bridget ignorou-a e continuou a raspar.

Mais tarde, Starling tomou chá com Alice, ficando algum tempo estendida com ela, desenhando figuras nas costas das suas mãos, o que Alice achava calmante. Starling pensou acerca do que Bridget dissera, mas não conseguiu penetrar o seu significado.

— *Flint* agora foi para o Céu, não foi, Alice? Os animais vão para o Céu? — disse ela, cuidadosamente.

— Não, minha querida. — A voz de Alice era mole e vagarosa.

— Porque não?

— Porque a *Bíblia* diz que é assim. Apenas os humanos têm almas, e elas é que podem ir para o Céu. — Starling pensou acerca disto durante algum tempo.

— Não é justo — concluiu ela, por fim, e Alice desfez-se de novo em lágrimas.

— Não, não é justo. É injusto de mais que tivesse de morrer agora, quando tinha encontrado bondade e descanso. É *demasiado* injusto! Se eu tivesse sabido mais cedo que uma tal crueldade estava a acontecer quando eu tinha o poder de o impedir… — Starling tentou desesperadamente pensar numa forma de mudar de assunto, de distrair Alice do seu sofrimento.

— Alice, depois de eu ter vindo para cá, veio alguém tentar descobrir-me? Veio cá alguém à minha procura? — Mas esta pergunta, para ela uma simples questão de curiosidade, fez Alice chorar novamente.

— Não, queridinha — disse ela, tremendo de dor. — Ninguém veio procurar-te.

— Estou contente por não terem vindo — disse Starling rapidamente.

— Estás mesmo?

— Não me interessa quem eles eram, realmente não. Às vezes gosto de os imaginar, mas… só quero ficar aqui contigo, não preciso de saber nada acerca deles.

— Só queres ficar aqui? Para sempre? — Alice virou a cabeça para encarar Starling, e abriu os olhos raiados de sangue. — Só queres

viver na ignorância da tua verdadeira ascendência, da tua verdadeira família?

Só queres continuar ao sabor do capricho de um homem, que tem o poder de determinar a tua vida, embora não saibas porquê?

— Quem, Lorde Faukes? Ele não determina a minha vida… — A voz de Starling esvaiu-se. *Será que determina?,* perguntou-se ela. — Tu é que determinas a minha vida, Alice. Afinal, és a minha irmã mais velha.

— Tu não és mais livre do que eu, Starling. — Alice fungou e fitou-a com toda a atenção. — Tu e eu estamos presas e somos usadas exatamente com a pobre *Flint* na sua roda. Não vês? — Starling estava perplexa. A vida na quinta tinha tudo o que ela pensava que precisava.

Não conseguia pensar em muitas maneiras pelas quais pudesse ser melhorada. — Mas vou encontrar uma forma — sussurrou Alice então, e uma centelha ateou-se-lhe nos olhos. — Vou encontrar uma forma de mudar isso, e Jonathan ajudar-me-á.

— O que vai Jonathan fazer?

— Vai casar comigo — murmurou Alice, e voltou a fechar os olhos, parecendo ficar mais serena. Starling estava ainda a tentar decifrar o que ela queria dizer, quando percebeu que Alice adormecera. Observou o rosto pálido e encantador da irmã, sentindo subitamente que havia muitas coisas que ela não sabia.

O mês seguinte era junho, e Bridget empacotou algumas roupas e diversos frascos de compotas caseiras para servirem de presente, e preparou-se para fazer uma visita em atraso à sobrinha, em Oxford.

— Vai ficar bem? Há imensa comida na despensa… Deixei-lhe uma tarte de carneiro, e as ervilhas estão a dar constantemente, continue a apanhá-las. Há…

— Querida Bridget, só vais por uma semana! Não vamos morrer de fome, nem a casa vai ruir — interrompeu-a Alice. — Além disso, instruíste Starling ao longo destes últimos quatro anos; que espécie de professora serias tu se ela não conseguisse lidar com umas quantas refeições simples durante a tua ausência?

— Hmm. — Bridget comprimiu os lábios por um momento e depois assentiu. — Muito bem, então — disse ela, atando a fita do chapéu de palha sob o queixo e içando a cesta. — Portem-se bem. —

Com isto saiu e subiu para o lado do jardineiro na pequena carroça; ele levá-la-ia até à estrada para Bath, onde ela apanharia a diligência. Alice e Starling ficaram lado a lado a dizer-lhe adeus, e assim que ela desapareceu da vista, Alice virou-se para Starling e sorriu.

— Bom — disse ela. — Que vamos fazer hoje? Uma vez que estamos de férias, não tens de ter as tuas lições. Não até Bridget voltar.

— E podemos tomar chocolate esta noite?

— Podemos. Todas as noites!

— Vivaa! — gritou Starling, correndo pelo pátio ao sol, e fazendo as galinhas dispersarem. Mais tarde, nesse dia, Alice foi dar um dos seus passeios solitários, apenas por meia hora, enquanto Starling punha um naco de barriga de porto no forno a assar, e descascou ervilhas para acompanhar. Quando Alice regressou, estava muito calada — Starling ficou ciente disso num instante; uma ervilha falhou o alvo e ressaltou no tampo da bancada e rolou para o chão.

— O que foi, Alice? O Sr. Alleyn vem? Viu-o?

— Não o vi. Mas… um passarinho disse-me que nos devíamos arranjar e ficar à espera do outro lado da ponte do moinho, amanhã a meio da manhã. — Os olhos bailavam-lhe de excitação, um semblante

mais feliz do que qualquer outro que ela exibira desde a morte de *Flint*.

Starling saltou de um pé para o outro, agitada.

— Quem diz? Que passarinho? É Jonathan? Onde vamos? — exigiu ela saber.

— Não sei, queridinha. Mas acho que vai ser divertido.

— Acha que vamos mais longe do que Bathampton? — Isto era uma coisa por que Starling ansiava. O mundo, de que apenas ouvira falar ou sobre o qual lera, parecia impossivelmente imenso e entusiasmante para quem não tinha quaisquer recordações anteriores à quinta.

— Teremos de esperar para ver, meu doce — disse Alice.

Starling demorou muito tempo a sucumbir ao sono, nessa noite; a antecipação do dia seguinte manteve-lhe a mente acordada e a zumbir, e fê-la sair da cama de madrugada. Já estava pronta mesmo antes do jardineiro, quando o ar ainda estava frio e puro como a água da chuva, e o orvalho ensopava as ervas estivais. O céu era de um azul pálido e primordial, tão alto e distante que olhar para cima dava a sensação de queda. Andorinhas e andorinhões cruzavam-no como setas, adicionando as suas vozes rolantes ao coro da madrugada. Starling sentia o cheiro das flores da ervilheira e da lavanda no jardim da cozinha; a pedra húmida da casa da quinta; o doce verdejar do prado; o odor familiar, tranquilizador, do monte de estrume. As galinhas resmungaram quando ela procurou ovos debaixo delas, mas era tão cedo que ainda não tinham posto.

Despejou os restos do dia anterior para as porcas e ficou por ali a afagar os leitões, que tinham uma pele tão macia e rosada como a das suas próprias orelhas. Mas, depois de tudo isso, as portadas continuavam fechadas sobre a janela do quarto, e, por conseguinte, Alice estava ainda na cama, pelo que Starling foi incomodar o cavalo no estábulo. Não conseguia estar quieta.

Após o pequeno-almoço, Starling impacientou-se ainda mais, enquanto Alice lhe lavava o cabelo e o penteava até ficar seco, aconchegando e ajeitando-lhe os caracóis ruivos. Vestiu-lhe o seu melhor vestido de algodão branco, cuspiu num trapo e esfregou-lhe os sapatos de couro até que ficassem com um ar limpo. Apenas então, depois de muito se enfeitarem e ajeitarem fitas e laços, saíram de casa e partiram em direção à ponte. Pagaram a portagem para a atravessar e subiram até à estrada para Batheaston, e ali esperaram à sombra de um freixo porque o Sol, ao ascender, ficara quente. Ao som de cascos a aproximarem-se, Alice apertou o ombro de Starling; esta levantou os olhos, a sorrir,

enquanto Jonathan Alleyn se tornava visível, conduzindo uma pequena carruagem puxada por um bonito pónei.

— Bom-dia, belas primas — bradou-lhes ele, com um sorriso largo.

O seu cabelo escuro fora repuxado para trás pela brisa; tinha a pele levemente bronzeada pela vivacidade do clima.

— E para vós também, primo — replicou Alice, vincadamente.

— Porque se estão a tratar por… — começou a dizer Starling, mas apanhou uma cotovelada de Alice nas costelas. — Ui! Não tinha de fazer isso! Aonde vamos? — perguntou quando Jonathan estendeu a mão para as ajudar a subir, uma de cada vez.

— Vamos a um sítio onde ninguém reconhecerá nenhum de nós, ou saberá que não somos três primos que decidiram passear juntos. E…

vamos a uma feira — disse Jonathan.

Starling arquejou, e arregalou os olhos com incredulidade a Alice, que irradiava felicidade. Bathampton tinha uma feira do Primeiro de Maio; era um pequeno acontecimento, onde as crianças da aldeia passavam faixas em volta de um mastro e dançavam, se bebia chá e cerveja e havia corridas de furões, e isso era o que bastava para

ser um dia de gala para Starling. Jonathan estalou a ponta da língua ao pónei, e começaram a andar.

— Então, Bridget partiu em visita como previsto? — disse ele.

— Sim, e não estará de volta antes da próxima terça-feira. E… o Lorde Faukes?

— Ele e a minha mãe estão em Londres este mês e eu estou bastante recuperado da leve constipação que me impediu de os acompanhar.

Alice e Jonathan tagarelaram e riram enquanto o pónei pintalgado subia e descia colinas, e trotava ao longo das partes planas, cobrindo os treze quilómetros para nordeste em direção a Corsham. Starling prestou pouca atenção ao que eles diziam, demasiado ocupada a olhar em volta das colinas, cobertas de um vivo verde primaveril; para as quintas e aldeolas por que passavam; para a aldeia de Box, com as suas casas de pedra e bonitos jardins. Bastante afastada da estrada para Box, viu as janelas das mansardas, as extremidades dos telhados de duas águas e as chaminés altas de uma casa imponente, oculta por uma cortina de ciprestes.

— Veja, ali — disse Jonathan apontando-a. — Ali está a casa do meu avô, onde eu vivo.

— Mas mal a consigo ver… não podemos subir mais um pouco até

lá, apenas por um segundo? — disse Alice, avidamente. Jonathan abanou a cabeça.

— Não me atrevo… peço desculpa, Alice, quero dizer, prima. Os criados certamente nos veriam, e se poriam a magicar. E não se pode confiar que não venham mais tarde a dizer alguma coisa.

— Oh. — O desapontamento de Alice durou uns segundos; em breve estava contente e a rir-se outra vez. Starling olhou para trás

para o telhado maciço, e teve a sensação peculiar de que a casa estava, por sua vez, a observá-la.

Corsham era a maior cidade que Starling alguma vez vira. Tinha uma rua principal antiga entre ondeantes casas de pedra, pavimentada com lajes e pedras lustrosas. Havia bandeiras e flores suspensas de todas as fachadas de loja e candeeiros públicos, e cheirava a comida por todo o lado —

tartes quentes, morangos, doce de leite fresco e pão de canela. Inspirar estes aromas fez a água crescer na boca de Starling: o estômago roncou audivelmente e Jonathan riu-se.

— Já com fome, priminha? Não receies, trago um punhado de moedas exatamente para isto. Podes comer o que te apetecer.

— O que me apetecer? A sério? — arfou Starling.

— Não mais do que um cone de caramelo e outro de favo de mel, senão vais ficar maldisposta — especificou Alice. O meio da rua e a praça junto à igreja estavam apinhados de gente e de tendas; havia de tudo à venda, desde luvas a utensílios de jardinagem e bonecas de vime; desde marmelada a orelhas de porco e pastilhas para o fígado.

Da praça da igreja, uma longa faixa para carruagens levava aos muros altos e intrincados de Corsham Court, uma casa tão grande e elaborada que, diante dela, Starling apenas poderia ficar especada de espanto.

— Quem vive ali? — perguntou ela.

— Um homem chamado Methuen. Jantamos lá, por vezes — disse Jonathan. Ao ouvir isto, tanto Starling como Alice se viraram para ele, quase incrédulas. De repente, pareceu inapropriado que estivessem na sua companhia.

— Foi convidado a jantar… naquela casa? — murmurou Alice.

Ficara um pouco pálida, e Jonathan pareceu confuso por um momento.

— Oh… mas nada receie, Menina Beckwith. Quero dizer, prima Alice. — Sorriu de forma tranquilizadora. — A família não está em casa.

Não há qualquer hipótese de eu ser reconhecido. — Continuaram o

caminho, e nenhuma das raparigas falou. Por um momento, o Jonathan delas pareceu uma criatura inteiramente diferente e ficaram cheias de temor, até que ele olhou para elas, sorrindo daquela sua forma ligeiramente tímida, e assim voltando a ser o homem que conheciam.

— Como é por dentro? — não pôde deixar de perguntar Starling.

Jonathan encolheu os ombros.

— Opulenta. Feia, na sua maior parte. Da forma mais rica possível.

Como seria de esperar pelo que tem sido feito na parte de fora da casa.

Contudo, tem algumas pinturas excelentes. — O silêncio voltou, tanto Starling como Alice esperando que Jonathan não se apercebesse de que nenhuma delas tinha qualquer ideia do que esperar do interior de um tal lugar. Uma banda com gaita de foles, violino e tambor tocava na praça, e as pessoas tinham começado a dançar; danças simples do campo que envolviam uma grande quantidade de rodopios, passos e galopes. Os rostos de quem dançava ficaram afogueados e suados do calor do dia, mas isso não lhes abrandava o ritmo, e os espetadores batiam palmas e marcavam o ritmo, sem parar. Deambularam os três de um lado ao outro da feira, vendo tudo o que havia para ver, petiscando nas tendas da comida, admirando as louças dos vendedores ambulantes. Starling corria nesta e naquela direção, arquejando sem fôlego, querendo ver e fazer tudo ao mesmo tempo. Estava

confundida e entusiasmada pela miríade de rostos estranhos, a aglomeração apertada de pessoas, o ruído e o caos.

Fazia-lhe o coração bater mais depressa e punha-lhe a cabeça a andar à roda. Sentia-se, pela primeira vez na sua vida, como uma cidadã do vasto mundo, e adorava. Apenas abrandou por uma coisa — uma canção de perfeita beleza. Num canto mais calmo à beira de tudo aquilo, uma rapariga irlandesa cantava acompanhada por um velho que tocava violino; tinham posto um sujo chapéu de feltro no chão diante deles, com algumas moedas lá dentro. Estavam um pouco amarfanhados e batidos pelo tempo, as suas roupas estavam gastas, mas o violino tinha um timbre rouco, agridoce, e a voz da rapariga era pura e bela como nenhum deles alguma vez ouvira.

— *A minha jovem amante disse que minha mãe não se importará*

— cantou ela, e todos o que a ouviram pararam à escuta. — *Colocou uma mão em cima de mim, e isto foi o que ela disse: não tardará muito, amor, até ao dia do nosso casamento…* — Alice olhou de relance para Jonathan, e apanhou-o a observá-la. Um rubor incendiou-se-lhe ao longo das maçãs do rosto, e ele desviou o olhar, embaraçado. Quando a canção

da rapariga irlandesa terminou, e o encanto foi quebrado, Jonathan rebuscou no bolso e encontrou uma moeda para o chapéu.

— Venham — disse ele. — Vamos voltar para trás e comer outra daquelas deliciosas tartes de groselha.

Acalmada pela canção, Starling sossegou um pouco. Compôs as saias e tentou caminhar com maior decoro, como uma jovem dama —

andando pelo meio da feira, caminhando claramente entre e à volta dos outros passeantes. Quando olhou para trás, Alice tinha dado o braço a Jonathan; caminhavam de olhos um no outro, sem verem por onde iam

— seguiam Starling cegamente. Naquele momento, ela era condutor e capitão, por isso mudou de rumo, trauteando a canção que acabara de aprender, e conduziu-os de volta à senhora que vendia *marshmallows* e doce de leite com sabor de alcaçuz. Mais tarde andaram algum tempo pelo parque de Corsham Court, aberto nesse dia ao público, e descansaram à sombra de um velho carvalho. Estavam cheios de comida e risos e de sol, e sonolentos devido a tudo isso; afastando com indolência as moscas que zumbiam em volta, olhando para o tremular brilhante da luz que descia por entre as árvores. Ouviu-se um clamor vindo de uma das extremidades do parque, quando os vencedores do concurso de forças puxaram os vencidos para uma poça de lama; um súbito e progressivo ruído de aplauso rítmico que ecoava contra as paredes das traseiras das casas.

— Gostava que todos os dias fossem como hoje — disse Starling.

Jonathan deitara-se com a cabeça entre os braços, e fechara os olhos; Alice sentou-se tão junto dele quanto era possível sem se tocarem.

Pararam de se tratarem por “primos” tão ostensivamente, uma vez que ninguém estava a ouvir. Não havia lá ninguém para lhes dizer que não deveriam ali estar; estavam livres e entregues a si próprios, por uma vez, e sem preocupações.

— Também eu — concordou Alice.

— Só que ficaríamos todos tão gordos como a tua porca velha se assim fosse — disse Jonathan.

— Nada disso. — Alice riu-se. — Perderíamos tudo isso a dançar.

— *Não tardará muito, amor, até ao dia do nosso casamento* —

cantou suavemente Starling. — Adorei aquela canção, vocês não adoraram? — Apanhou as sementes penugentas de um pé de erva e espalhou-as pelo ar perfumado.

— Eu sim. Muito — disse Alice.

O Sol foi ficando mais volumoso e começava a baixar para oeste antes de regressarem ao cercado junto da estalagem, para onde o pónei pintalgado fora levado para passar o dia. Ele estava a dormitar com um casco traseiro assente na ponta, sacudindo ocasionalmente a cauda aos mosquitos; pareceu um tudo-nada confundido de mais para ser chamado a mexer-se. Starling deu-lhe um pedaço de doce para o animar. Atrás deles, a banda e o baile continuavam, embora muitas das tendas tivessem já sido arrumadas.

— Não podemos ficar um pouco mais? — disse Starling, enquanto Jonathan erguia a cabeçada sobre a cabeça do pónei; mas bocejou ao mesmo tempo que falava, e Alice sorriu.

— Acho que já tiveste excitação que chegue para um dia só, querida

— disse ela. Starling não discutiu. Embora não o admitisse, a sua cabeça latejava devido ao sol e ao açúcar; parecia-lhe ser demasiado pesada para o pescoço, e ansiava por pousá-la sobre alguma coisa. Os ruídos da feira ficaram cada vez mais para trás à medida que se afastavam, à luz enfraquecida do crepúsculo, com morcegos a voarem-lhes silenciosamente sobre a cabeça. Starling aninhou-se ao lado de Alice, e sentiu o braço da irmã passar-lhe sobre os ombros; fechou os olhos e soube que estava em segurança. O matraquear e o oscilar da carruagem e o ranger das suas rodas; o suave, suave ar, e o braço de Alice em volta dela, como uma armadura. Apenas levantou os olhos uma vez e viu a cabeça de Alice pousada no ombro de Jonathan. Acima deles, umas quantas estrelas indistintas tinham surgido e Starling desejou que o dia não acabasse nunca. Desejou não chegar de novo a Bathampton, porque naquele momento tudo era exatamente como deveria ser; tudo era perfeito.

1821

–Mantém essa debaixo de olho — disse Sol Bradbury, besuntando, com gestos largos e irregulares, ovo batido sobre a cobertura de uma tarte. — Entrou por aqui cheia de confiança e disse-me que te tinha visto a roubar.

— Ela não disse uma coisa dessas! — replicou Starling, chocada.

— Ai não que não disse. Precisas de ter mais cuidado. Se Dorcas ou a Sra. Hatton alguma vez veem, é o teu fim, e eu não posso dizer nada para te salvar. Mandei a Sra. Weekes à vida dela, mas é melhor esperares que ela não diga nada à senhora.

— É melhor que não diga, ou eu ponho-a fora.

— Oh? E como é que vais fazer isso, se ser quase esganada pelo Sr.

Alleyn não a assustou nada? — disse a cozinheira. Starling franziu o cenho e não disse nada durante algum tempo. Esmagou grãos de pimentos com um pilão num almofariz, fazendo tanta força que as superfícies de pedra rangeram, deixando-lhe os dentes num frenesim.

Como se atreve ela? Mal podia acreditar na temeridade da mulher.

Parecia uma coisinha tão fininha, tão sem cor, tão empertigada e afetada, com uns modos acima do seu patamar. Falava numa voz tão baixa, tão modulada, que Starling não conseguia imaginá-la a gritar, ou praguejar, ou discutir. E, porém, ela era persistente e determinada, e continuava a voltar. Starling não ponderara isso, quando maquinara o encontro dela com Jonathan. Apenas pensara no plano do momento, em avaliar a reação dele, em esperar poder capturar alguma revelação. Agora, parecia estar entalada, com a mulher de Dick Weekes a aparecer quando já não era requerida. Starling tinha quase a certeza que a Sra. Weekes saíra logo após a visita à cozinha. Tinha quase a certeza que não parara para falar a mais ninguém acerca do que vira lá em baixo. Porém, pareceu-lhe melhor ver-se livre da prova.

Após o breve serviço de jantar estar terminado, e ainda a ferver numa espécie de raiva angustiada, Starling tirou o saco de serapilheira de debaixo da cama e fez um rápido inventário. Havia a cerveja que ela roubara nessa manhã, para acompanhar os frascos de ovos em conserva, uma grossa fatia de toucinho seco, alguns figos, amêndoas e meio queijo duro quase até à casca mas ainda comestível nalguns pontos. Starling foi com pezinhos de lã à cozinha e pegou nos restos de pão, já cortado em fatias lá para cima e a ficar velho, depois partiu com o seu carregamento,

baixando a cabeça rapidamente ao sair da cave mesmo quando ouviu os passos arrastados de Dorcas nas escadas. Não era a melhor altura para ir, não era o dia certo. Não era esperada. *Como se atrevia ela?* Starling amaldiçoou a mulher de Dick Weekes com acrimónia enquanto descia a encosta para a cidade.

Rachel vagueava do lado de fora dos Banhos Romanos. A noite, ainda no princípio, estava já fria e escura, e uma brisa muito viva esquinava-se pelas ruas húmidas, mas Rachel ficara cansada de estar sentada na casa silenciosa, à espera do regresso de Richard. Assim, em vez disso, vagueou pelas ruas próximas, observando as pessoas, os cavalos e as carruagens; os cavalheiros a emergirem dos banhos com o cabelo húmido a fumegar; as crianças a brincarem na valeta, atentas a tudo o que lá caísse ou que pudesse ser fácil de roubar. Brincavam no fluxo de folhas mortas por baixo do plátano de Abbey Green, atirando-as ao ar e rindo quando elas caíam como chuva à sua volta. Rachel sorriu ao observá-las, e desejou ter uma criança sua. Algo a que se devotar.

Escutou pedaços de conversas, e levava consigo um cesto no braço, no fingimento de andar a fazer algum recado, mas, apesar de tudo isto a animar um pouco, sentia-se a transformar-se numa parasita, metendo-se na vida dos outros. Estava à procura de moedas na sua bolsa para comprar uma maçã assada a um homem com um carrinho de mão cheio de brasas, quando viu Starling a caminhar à pressa, inconfundível com os seus cabelos vermelhos a refulgirem à luz da tocha; bonita apesar da sua expressão azeda.

Semanas depois de ter mudado para Bath, Rachel ainda via muito poucas caras conhecidas. A criada dos Alleyn descia Stall Street, rumando para sul numa passada ligeira que lhe fazia subir e bater as orlas de lã do seu vestido. Enfiado debaixo do braço estava um volumoso saco de sarapilheira, que Rachel reconheceu imediatamente. O coração bateu-lhe mais depressa com uma excitação inominável, e, sem pensar, virou costas ao vendedor de maçãs e pôs-se atrás de Starling tão depressa quanto podia. Aquela rapariga dissera as únicas boas palavras acerca de Alice Beckwith que Rachel tinha ouvido até então, e deu por si a querer ouvir mais. Depois recordou a forma humilhante como a cozinheira de Lansdown Crescent a tratara, e deu por si igualmente ansiosa por saber a finalidade do saco com comida roubada. A rapariga era fácil de localizar entre a massa entrançada de gente, mas caminhava depressa, de costas direitas e com o queixo empinado à sua frente, como se estivesse a

desafiar o mundo; Rachel quase teve de correr para a conseguir acompanhar. As socas tornavam-na desajeitada sobre as pedras da calçada, e resvalava ao apressar-se.

No final de Stall Street, Starling não descansou, continuando para Horse Street e depois sobre o rio pela velha ponte. Aí, abrandou e virou para leste, para onde o rio encaracolava para norte e se ramificava pelo canal. Pareceu procurar entre os barcos e barcaças que ali se encontravam. Rachel esperou na sombra da ponte, e depois prosseguiu a uma distância segura. O lado do molhe estava coberto de lama e imundície; os pés enterravam-se tão profundamente que, apesar das socas, sentia a humidade infiltrar-se pelas costuras dos sapatos. O cheiro do rio era acre, mesmo com o tempo frio como estivera; um fedor húmido e duvidoso, tendo a putrefação no centro. Rachel inspirava rápida e pouco profundamente, seguindo tão discretamente como podia enquanto Starling seguia ao longo do molhe, falando com cada um dos barqueiros. *Ela tenciona vender, então, o material roubado?*

Eram sobretudo homens ali nos molhes; homens a trabalhar, a falar e a fazer negócios; a cuspirem, a comer pão embrulhado em lenços imundos e a emborcar garrafas. Umas quantas jovens garridas pairavam por ali, despenteadas e com a cara borrada de *rouge*. Sorriam e chamavam os que trabalhavam, e, com um sobressalto, Rachel percebeu que eram prostitutas. Subitamente, reparou que alguns homens lhe lançavam olhares curiosos, de avaliação, e um deles arreganhou-lhe um sorriso cheio de dentes estragados e castanhos. Rachel ajeitou o xaile, apertando-o mais em volta do pescoço, e manteve os olhos em baixo.

Quase se virou para fugir e atravessar de novo a ponte, de volta à segurança, mas a sua inominável e insistente curiosidade foi mais forte.

Starling parara para falar com um homem a bordo de uma barcaça. Um cavalo malhado de pernas grossas esperava, pacientemente, preso à embarcação, e Rachel arrastou-se para mais perto, aguçando os ouvidos para perceber o que estavam a dizer. Os vapores da respiração envolviam-nos, esbranquiçados à luz da tocha.

— Isso é demasiado… vá lá, é uma distância bem pequena — disse Starling ao barqueiro, encarquilhado e sujo. Na escuridão era difícil distinguir o que transportava o barco, mas, pelo aspeto do homem, Rachel supôs que era carvão.

— Não preciso sequer de te levar, se for isso que eu decidir —

salientou o homem, mas com um meio sorriso estampado na cara.

— És um patife, Dan Smithers. Um *penny*, então, e uma cantiga pelo caminho.

— Um *penny*, e o sabor dos teus lábios.

— Uma cantiga é tudo o que vais ter dos meus lábios, ou esventro-te com o teu próprio gancho. É pegar ou largar. — Starling pôs a

mão na anca, e o barqueiro deu uma gargalhada.

— Aposto que o farias, e mais ainda. Salta para bordo, então, porque já estou mais do que atrasado. — Starling enfiou o saco debaixo do braço e saltou com ligeireza para o convés. Dan Smithers chamou o condutor do cavalo, e o animal arremessou o seu peso contra os arreios.

A barcaça afastou-se a deslizar em direção à boca do canal, de onde passaria por baixo das bonitas pontes de ferro de Sydney Gardens, e depois para fora da cidade. Starling instalou-se sobre a carga e, à medida que o barco se desvanecia na escuridão, Rachel ouviu-lhe a voz, surpreendentemente doce, a flutuar acima das águas, a cantar uma canção triste sobre um amor perdido.

Então não vai vender a comida, mas sim levá-la para algum sítio —

para alguém? Resignando-se a ficar sem saber, Rachel apressou-se a afastar-se da beira da água, a atravessar a ponte e a distanciar-se dos olhares descarados e penosos dos homens do rio. Em contraste com o pálido amarelo do horizonte, os negros esqueletos das árvores erguiam-se nitidamente nas colinas distantes, e Rachel ficou de súbito entristecida pela sua própria curiosidade acerca da rapariga ruiva, pelo impulso que sentira de tomar parte na sua vida, quando não tinha nada com isso.

Regressou a passo rápido para Abbeygate Street, e apenas quando se encontrou diante da porta da loja, a olhar para a janela iluminada da sala que a fez saber que Richard chegara a casa, é que percebeu que não queria entrar. Ficou na rua, a olhar estupidamente, como se não tivesse qualquer outra opção. Richard poderia não estar necessariamente bêbedo, recordou a si mesma. Poderia, por uma vez, estar cansado e ser doce e terno. Mas iria querer deitar-se com ela, como fazia sempre, e a perspetiva deixou-a gelada. *De que outra maneira esperas, então, conseguir obter um filho?,* ralhou a voz em eco suavemente.

Ficou na rua por um minuto ou dois, e desejou, absurdamente, estar a bordo da barcaça com Starling, a deslizar firmemente para fora da cidade, em vez de ir para casa e, depois, para a cama do seu marido. A criada era sempre movida por um propósito; tinha sempre um brilho acerado nos olhos. Não ficava intimidada, mesmo quando Rachel a

apanhou a roubar. *Ao passo que eu sou constantemente intimidada*. *Pelo meu marido, por Josephine Alleyn, e pelo seu filho. E pela sua cozinheira.* Os ombros de Rachel descaíram ao pensar nisto. E, enquanto permaneceu ali, recordou-se de uma coisa que Starling lhe dissera antes, nesse mesmo dia. *Ela era boa de mais para este mundo.* Recordou a óbvia dor da criada, e o significado das palavras tornou-se-lhe claro.

Starling acredita que Alice Beckwith está morta. Rachel teve uma súbita e estranha sensação na boca do estômago, como que um aviso, e esperou um pouco mais na rua, tentando decifrá-lo. Mas sentiu nos dedos o frio da brisa da noite, e as ruas estavam agora mais vazias, e não poderia continuar ali para sempre. Assim, endireitou os ombros e levantou o queixo como Starling fazia, entrando em casa ao encontro de Richard.

Ele estava com uma disposição alegre e afetuosa, e Rachel sentiu dissipar-se alguma da sua ansiedade. Quando ela entrou, Richard pegou-lhe na mão e sorriu, e levou-a consigo para se sentar no sofá. Fechara as portadas, e tratara do lume; a sala estava envolvente e confortável com o calor e a luz reduzida.

— Como está, minha querida Sra. Weekes? — disse ele, inclinando a cabeça para trás para a fitar. Estava com um ar angélico, com a luz do lume a refulgir-lhe na pele e no cabelo, arredondando-lhe o contorno do rosto. Era difícil imaginar a forma irada como ele por vezes lhe falava.

Existia uma besta dentro de todos os homens; fora o que Jonathan Alleyn dissera. Mas estava a falar de si próprio, e Rachel recusara-se a acreditar.

— Estou bem, Sr. Weekes. Como foi hoje o negócio?

— Foi animado, e isso é bom. Cada vez mais famílias estão diariamente a chegar, para a estação, e graças ao boca-a-boca, o meu novo *Bordeaux* é muito procurado, tal como um Porto doce rosado, que chegou recentemente de Lisboa.

— São excelentes notícias, na verdade.

— Está tudo a acontecer, Rachel. Tal como esperei… tenho-a a si, a melhor esposa que poderia desejar, e o negócio cresce… A casa está transformada, ganhou vida, graças a si. E em breve teremos um sítio melhor, sem ser por cima da loja… uma casa que possamos encher de crianças. — Sorriu, e pôs-lhe uma mão sobre a face. Os dedos cheiravam a serradura e a cortiça embebida em vinho, e Rachel fechou os olhos e encostou-se a ele.

— Sim. Vou gostar muito disso.

A outra mão de Richard, quente e pesada, veio pousar-lhe sobre a

barriga. O seu toque era um tanto proprietário e reverente, ao mesmo tempo, e desta vez foi bem-vindo.

— E consigo? Como correu a sua visita aos Alleyn, hoje? Menos perturbadora do que da última vez, espero? — disse ele.

— Sim, muito menos. — Rachel pensou nas coisas horríveis que Jonathan Alleyn lhe dissera, e na forma como falara bruscamente; a forma como os seus olhos se encheram de fúria e dor de um momento para o outro. E pensou no rato de cobre, e como ele adormecera ao som da sua voz. Não estava certa sobre o que queria dizer a Richard acerca disso — ele era tão estranho e volátil quando se tratava da Sra. Alleyn e do filho. — Ele pareceu satisfeito por me ouvir ler. Fiquei talvez uma hora com ele… e não houve contratempos, pelo menos como antes.

— Isso é excelente. Excelente, Rachel. E… foi paga?

— Não fui. A Sra. Alleyn não fez qualquer referência a isso antes de eu subir, e depois… depois não a consegui encontrar. Vi apenas as criadas. Por falar nisso, vi uma delas mesmo agora, a fazer uma coisa bastante peculiar.

— Oh? Qual delas viu?

— A criada de cozinha dos Alleyn, a ruiva, a que vi também na estalagem no dia do nosso casamento. Ela ajudou-me da primeira vez que vi Jonathan Alleyn… ajudou-me quando fui atacada. Mas vi-a ainda agora, a apanhar uma barcaça para fora da cidade com comida que tirou da casa.

— Como é que é possível saber isso? — Richard afastou as mãos de cima dela, inclinando-se ligeiramente para a frente.

— Eu vi-a. Vi-a na casa, a tirar uma coisa… uma garrafa de cerveja.

Estava a pô-la dentro de um saco, e mesmo agora a vi com o saco e a entrar numa barcaça no canal… tenho a certeza do que vi, e contudo…

— O quê?

— Quando tentei falar à cozinheira sobre isso, a mulher não quis ouvir nada. Acha que deveria contar à Sra. Alleyn?

— Não. — Richard ergueu-se abruptamente e foi até à janela, apesar de as portadas estarem fechadas. Virou-se completamente de costas, de braços cruzados.

— O quê? Como não? Certamente…

— Não é da sua conta! — Richard manteve-se de costas viradas para ela, falando para a tinta lascada e buracos do caruncho das portadas.

— E dificilmente é uma forma de recompensar a rapariga, se ela

realmente a ajudou.

— Eu sei. Mas, certamente, se a rapariga está a roubar… Se ela está a ser roubada, a Sra. Alleyn…

— Contou à cozinheira, e fez o seu dever. Não precisa de fazer mais nada. Não é próprio para si envolver-se em coisas dessas. — A sua voz era dura, cortante. — E como sucedeu estar lá em baixo no rio, para ver essa rapariga tomar um barco?

— Eu… bem, vi-a na rua, então… segui-a — disse Rachel relutantemente.

Houve um silêncio. Richard virou a cara, e, com um sobressalto de medo, ela viu de novo a ira inundar-lhe o rosto como uma maré a encher.

— Tenho a certeza que há coisas melhores com que poderia ocupar o seu tempo do que andar por aí atrás de criadas de servir que andam a tratar de assuntos que lhes dizem respeito e que não são da sua conta.

Não está de acordo? — disse ele suavemente.

— Sim, Richard. — Rachel pestanejou, e desviou o olhar. Mas depois de outra pausa, não conseguiu evitar falar novamente, não conseguiu evitar tentar explicar-se. — Só quis…confirmar, para mim própria, se a rapariga estava ou não a tramar alguma…

— Não quero ouvir mais nada acerca disso! Não deve ter nada a ver com gente como Starling! Está a ouvir, Rachel? Não deve ter *nada* a ver com ela! — Ele marcou bem as palavras, e ela nem conseguiu sondar a causa da sua ira, nem pensar numa forma de a amenizar. Quando abriu a boca, não lhe saiu nada, e foi obrigada a tentar uma segunda vez.

— Sim, Sr. Weekes. Compreendo. — Foi pouco mais do que um sussurro. Richard fez um único aceno de assentimento com a

cabeça, e foi a passos largos até ao fundo das escadas.

— Vou para a cama. Também vem? — Ele estendeu-lhe uma mão, que lhe tremia muito levemente. *Isto é apenas ira, ou alguma coisa mais?*

Rachel ergueu-se sem uma palavra, sentindo-se como uma tola que errara e não sabia porquê. Enquanto ele se lançava sobre ela com carícias impacientes, Rachel percebeu que ele nomeara a rapariga. *Starling*. Ele soubera exatamente de quem ela andara a falar, embora sempre tivesse declarado ignorância quando Rachel mencionara a rapariga anteriormente. *Ele conhece-a.* Por alguma razão, esta compreensão fez os seus olhos encherem-se do que ela não conseguiria dizer se eram lágrimas de confusão, de dor, ou de raiva. *Há uma besta em cada homem.* Fechou os olhos com força e pensou no rato de cobre: nos seus

pequeninos pés a correrem, nos seus olhos redondos e brilhantes. Pensou nisto o tempo todo, até que Richard adormeceu e ela pôde respirar de novo.

Jonathan Alleyn esteve tão calmo nos dias que se seguiram à visita da Sra. Weekes que Starling começou a ficar preocupada. A sua disposição lúgubre, o seu estado de desalinho, eram como uma espiral descendente que, uma vez parada, seria difícil de voltar a pôr em movimento. Ela queria-o fraco, vulnerável, inquieto. *Precisava* dele assim porque isso era tudo o que lhe interessava. Era a única coisa que podia fazer. Assim, passou o dia a magicar como atormentá-lo, e decidiu que precisava de começar, como sempre fizera, a forçá-lo a beber. Vinho comum não era suficientemente forte; precisava de alguma outra coisa. Uma vez que ele começasse a beber, voltaria a cair no desespero. Pensou em Dick Weekes e na forma como ele a pusera de parte. *Por aquela vaca descorada, que não ajudou nem um pouco*. Starling rilhou os dentes e recusou-se a ser contrariada. Estivera a descascar batatas; quando terminou, varreu as cascas para o avental e levou-as para o monte de estrume, depois desceu as escadas, mesmo até às

fundações da casa, onde a humidade penetrante fazia as paredes de pedra desfazerem-se em pó e verterem bolor verde.

Antes, Dick adulterara o vinho para Jonathan com uma bebida alcoólica transparente e sem sabor que ele recebia da Rússia; ela não sabia como se chamava, ou onde poderia arranjar mais. Os restos do abastecimento de vinho da casa eram colocados na cave, baixa e estreita, sob a cozinha. Os suportes da frente tinham algumas garrafas mais recentes, fornecidas por Dick, mas mais afastados da base das escadas havia suportes com relíquias singulares — garrafas deixadas pelos residentes de uma época anterior. De quando a casa estava viva e ocupada; quando poderia haver convidados para jantar, e jogos de cartas, e, por vezes, pequenos bailes na sala da frente. O pó do chão apodrecera, formando um tapete duro que cheirava a fungos e fazia arder os olhos a Starling. Ela procurava qualquer coisa que pudesse adicionar ao vinho dele sem lhe alterar o gosto, mas havia apenas um *brandy* antigo, cujo fedor se espalhou até aos céus quando lhe tirou a rolha. Pô-lo onde estava com repugnância, e subiu até à despensa. Aí havia álcool para licores, que ela e Sol utilizavam para fazer limonada e licor de menta.

Desrolhou a garrafa, mas hesitou *. Se ele tombasse morto…* Fora o que Dick tinha dito. *Não vai tombar, de certeza?* Starling ficou imóvel mais um instante, presa na agonia da indecisão. Depois, experimentou dar um

pequeníssimo sorvo da garrafa. Queimou-lhe a língua, fê-la tossir e cuspir. Voltou a tapar a garrafa e deixou pender a cabeça, derrotada.

Foi até Moor’s Head, mas Sadie estava aborrecida e cansada, e não tinha tempo para a ouvir. Starling olhou em volta em busca de caras conhecidas, mas as únicas que viu pertenciam a gente com quem ela não tinha qualquer vontade de falar. Por isso, voltou a sair e caminhou lentamente ao longo da rua até chegar ao pé da igreja, uma vasta massa de arquitetura medieval que encolhia as casas novas que a rodeavam, como um urso a dormir entre gatos. Olhou para as esculturas que ladeavam o pórtico; a imensa janela gótica

sobre ele. Havia uma escada de pedra do lado direito da fachada, com pequenos anjos a subirem os seus inúmeros degraus. *Isto é como a vida*, pensou Starling. *Uma escada sem fim, que por vezes é difícil continuar a subir.* Sentiu-se, subitamente, muito pequena. Sentiu-se pequena, e perdida, incrivelmente cansada, ali de pé, no escuro, junto da base do edifício imenso. Oscilou um pouco, e por um segundo teve de novo sete anos de idade, esfomeada e espancada, parada do lado de fora da quinta em Bathampton. A cidade azafamava-se à sua volta num tumulto vertiginoso e ela cambaleou, e teria caído se uns braços fortes não a tivessem amparado, surgidos do nada, segurando-a pelas axilas.

Desorientada, Starling girou e descobriu Richard Weekes a olhar para ela com uma estranha expressão no rosto. O céu estrelado rodopiou por trás dele, os edifícios e a rua eram uma mancha confusa, e por um momento o rosto dele foi a única coisa que conseguiu ver, a única coisa que fazia sentido. Com um grito, lançou-lhe os braços à volta do pescoço, e apertou-se contra ele. Um soluço inexplicável contraiu-lhe dolorosamente o peito. Um momento depois, Dick desenlaçou-lhe os braços, apertando-os firmemente com os dedos quando ela tentou pendurar-se nele.

— Larga, Starling! — disse ele, com um empurrão que a fez tropeçar novamente.

— Dick, eu… — Starling interrompeu-se e sacudiu a cabeça para tudo ficar mais claro. Por um horrível instante, ela estivera quase a declarar que precisava dele.

— O que estás a fazer aqui, a sonhar acordada ao pé da igreja, a esta hora da noite?

— Estava só… estava a voltar para casa. O que eu faço não é da tua conta, pois não? — Respirou fundo para se acalmar, endireitou os

ombros e ignorou a vozinha traiçoeira que dentro da sua cabeça dizia: *Deixa que ele me queira outra vez. Deixa.* Mas, embora Dick

tenha de facto estendido a mão para ela, era para lhe pegar no braço, apertando-lho dolorosamente e torcendo-o com fúria.

— É da minha conta se isso envolver a minha *mulher*.

— De que estás a falar? Larga-me! — Starling deu-lhe um encontrão, mas isso apenas fez com que ele a agarrasse com mais força.

— Estou a falar sobre a forma como a minha mulher tem sempre uma razão para se referir a ti. Viu-te aqui, viu-te ali; ajudaste-a com o Sr.

Alleyn, viu-te a roubar, e a apanhar uma barcaça para fora da cidade…

que raio de jogo é este? *Disse-te* para te afastares dela!

— O quê? Viu-me a fazer o quê? — Starling franziu os sobrolhos, confusa. — Não teria nada a ver com ela, se fosse eu a decidir! Não é culpa minha que ela ande à volta da casa dos Alleyn! E que espie, e me siga! Como é que posso evitar isso? Foste *tu* quem a levou lá para os conhecer, foste tu quem a pôs no meu caminho!

Richard ficou em silêncio, e pareceu pensar, mas não a soltou. O

braço de Starling estava a ficar dormente no sítio em que ele o agarrava; uma lágrima escorreu-lhe pela face e ela esperou que ele não visse na escuridão.

— Porque a estavas a vigiar? Porque estavas no quarto quando ela conheceu o Sr. Alleyn? — disse ele por fim.

— Foi um bom trabalho o que eu fiz, ou ele poderia tê-la matado!

Não te disse sempre como ele é? É um *assassino*, tal como ela quase descobriu em primeira mão…

— Estás a tramar alguma, Starling, e eu quero saber o que é. Fala.

— Estás com os copos? Larga-me! — Starling tentou contorcer-se e soltar-se, mas Richard prendeu-lhe também o outro braço, e abanou-a.

— Fala! Andas a tentar virá-la contra mim? Falaste-lhe sobre mim, sobre nós? Se falaste, juro que vou…

— Não disse nada! O menos que posso! É *ela* quem me procura!

— Não acredito em ti. Sabias da visita dela a Jonathan Alleyn, a primeira visita. Sabias como espiá-los… qual é o significado disso?

Quero ouvir, Starling, ou arranco-te os dentes… — Falava com veemência, arremessando o rosto contra o dela; salpicos de saliva voavam-lhe dos lábios e aterravam sobre ela. *Agora cospe-me em cima, assim, quando há apenas umas semanas eram só beijos que me deixavam marca na pele.*

— Há uma coisa… há uma coisa acerca dela que tu não sabes. Isso não podes saber… — disse Starling relutantemente. Ele sacudiu-a de novo.

— O quê? — A palavra soou dura, como um soco.

— Ela é parecida… ela parece-se imenso com Alice. Alice Beckwith.

— De que estás a falar?

— A tua Rachel Weekes é muito parecida com Alice Beckwith! A minha ama, assassinada por Jonathan Alleyn! — Starling engoliu em seco, respirando com dificuldade. — Foi por isso que ele quase a matou.

Houve então um momento de quietude. Starling esperou, tentando ignorar a dor nos braços; Richard fixou-lhe o rosto e, por um segundo, uma expressão indecifrável sufocou-lhe a ira. Mas apenas por um segundo. Soltou Starling, empurrando-a com tanta força que

ela cambaleou. Depois deu uma gargalhada amarga, sem alegria, que ecoou pela praça.

— Alice Beckwith! — gritou ele, e depois riu-se novamente, atirando a cabeça para trás e apelando aos descuidados céus. — Não vou ouvir mais nada acerca dessa maldita Alice Beckwith! Santo Deus, Starling, tens-me chateado tanto com ela, que só o seu nome me põe os nervos em franja!

— Querias saber a razão por que a voltaram a convidar, e a razão de ele se ter lançado sobre ela, e a razão que arranjaram para ela continuar as visitas… bem, aí está a razão. Queria-la e eu dei-ta. Alice Beckwith.

A Sra. Weekes é a cara chapada do seu amor perdido. Agora, aí tens a verdade e não me chateies se não gostares dela — disse Starling. Dick passou as mãos pelos cabelos e depois pela cara, depois cruzou os braços e fitou-a.

— Eu sei qual é o sentimento da Sra. Alleyn acerca dessa rapariga, essa Beckwith… Que razão poderia ela ter para encorajar a obsessão do filho?

— Ela acha que isso o vai ajudar, a longo prazo. Porque, pelo menos, tem uma visita, uma ligação ao mundo exterior. Se ela tiver de aguentar a cara da Sra. Weekes para obter isso, então parece estar disposta a fazê-lo. — Richard parou novamente para pensar.

— E tu sabias disto… sabias desta parecença desde que viste a minha mulher pela primeira vez.

— Claro. Foi como ver os mortos a andarem. Fiquei com o sangue

gelado, verdade seja dita; embora a tua mulher seja mais velha, claro, e não tão loura.

— Viste-a a primeira vez no nosso jantar de casamento. Tiveste…

tiveste alguma coisa a ver com o convite para irmos a Lansdown Crescent? Com o facto de me ter sido pedido para apresentar a minha mulher à Sra. Alleyn?

— Bem, não pensaste que foi pelos teus lindos olhos, ou pensaste?

— disse Starling, impiedosamente. Richard apertou os maxilares e desviou o olhar. No escuro, ela não conseguia ver o rubor que com certeza estaria a manchar-lhe a pele. Ela engoliu em seco, e sentiu ternura em relação a ele, disfarçada de remorso e vergonha de ter feito pouco dele. Ergueu uma mão para lhe tocar no braço, mas pensou duas vezes. — Dick, desculpa. Não tinha intenção…

— Não tinhas intenção de quê? — A sua voz era fria.

— Não tinha intenção de… te ocultar isto. Mas rompeste comigo, e disseste-me para não voltar a falar sobre Alice… Só quis ver se… se vê-

la lhe provocaria alguma confissão. Ao Sr. Alleyn. Pensei que se ele a visse, poderia…

— Então, estás por detrás disto tudo? Isto é tudo um plano teu? E

que plano é esse? Estás a tentar que ele se apaixone pela minha mulher?

Que ela me traia com esse aleijado louco? É assim que planeias voltares para mim?

— O quê? És pateta? Não, como disse, eu só…

O golpe apanhou-a desprevenida; bateu-lhe com as costas da mão na face direita, e atirou-a ao chão. De novo, o mundo girou à sua volta; a boca soube-lhe a sangue. Raspou as palmas das mãos contra as lajes imundas da praça da igreja e sentiu o ferrão da gravilha dentro das feridas. A fúria fê-la esquecer o medo e olhou

intensamente para Richard, mostrando os dentes enquanto se debatia para se levantar.

— Fica aí, senão dou-te outra vez. — Richard mostrou-lhe os nós dos dedos diante do rosto, em aviso, pelo que Starling voltou a afundar-se sobre os joelhos, de peito a arfar, os olhos a faiscarem de raiva. —

Agora ouve isto: não te vais aproximar da minha mulher. Não vais falar com a minha mulher. Vais meter-te na tua vida e ter tento na língua, e não lhe dirás *nada* sobre Alice Beckwith. Se ela ficar a saber coisas sobre o assunto, eu ficarei a saber de onde veio a informação. Não te vou deixar que a infetes com a tua doidice, Starling. — Recuou um passo e olhou-a friamente. Por um segundo, Starling pensou que ele iria

pontapeá-la. Firmou-se para se esquivar, mas ele apenas se virou e se afastou, com os tacões das botas a baterem com força nas pedras.

Nesse preciso momento um grupo de jovens entrou na praça, a conversar e a rir. E Starling agradeceu-lhes, em silêncio, o facto de o terem afastado dali. Começou a erguer-se, mas sentiu as pernas vacilantes e fracas. Assim, ficou ali e abraçou os joelhos, sentindo o chão gelado entorpecer-lhe a pele através das saias. A cabeça pulsava-lhe da pancada que ele lhe dera, e descobriu que um dos seus dentes de trás estava solto, a oscilar-lhe na gengiva, que sangrava. Pousou a face esquerda nas mãos e fixou as sombras da base da igreja. *Mas Rachel Weekes já sabe de Alice.* Decidiu evitar Richard Weekes daí por diante.

Isso significaria não voltar a visitar Moor's Head, ou Sadie. *Onde irei, então?* Silenciosos rostos de pedra observaram-na das paredes da igreja e não lhe deram qualquer resposta. A sua respiração fumegava à luz da Lua. *Esta escada é demasiado alta para mim.* Ficou ali muito tempo, perdida em devaneios. Pensou em luz do Sol e em mãos macias; pensou na árvore dos amantes.

1808

Foi durante o último verão da vida de Alice que Starling descobriu a árvore dos amantes. Andava por fora, com Bridget, a fazer recados em Bathampton, num dia quente e ocioso de julho; nuvens brancas, macias, pontuavam tranquilamente o céu azul-claro. A governanta estava cada vez mais magra e seca a cada estação que passava; levava um cesto num braço que não era mais do que tendões sob uma pele manchada e envelhecida. Havia mais cinzento do que castanho no seu cabelo, e o seu rosto começara a afundar-se, encovando-se entre os ossos da face e o maxilar. Mas esta secura apenas parecia tornar Bridget mais resistente e mais rápida. Caminhava com passos lestos, e era abrupta com todos os lojistas e artífices com quem tratava, sem parar para mexericar quando Starling queria demorar-se e olhar em volta.

Ela queria demorar-se, especialmente em volta do talho, apesar do cheiro férreo a sangue e miudezas, porque Pip Blayton, o filho do carniceiro, aos treze era apenas um ano mais velho do que ela, e ela sentiu-se curiosa acerca dele. Pip era alto para a idade, e os seus ombros começavam a alargar. Parecia que tinha sido esticado; o seu corpo era comprido e desajeitado, mas tinha uma cara bonita, apesar das borbulhas espalhadas pela testa. Tinha cabelo castanho-claro, atrás do qual se escondia sempre que Starling olhava para ele, mergulhando o queixo de forma que ele lhe caísse sobre a testa ao mesmo tempo que as bochechas lhe ardiam. Apesar de Starling ser ainda miúda, tinha uns pequenos seios em flor e uma ligeira curva nas ancas que não houvera lá anteriormente.

O rosto era ainda o seu, mas estava diferente de uma forma subtil, mudando em pequeníssimos aspetos que o tornava mais um rosto de mulher e menos o de uma criança. Starling gostava de ver Pip corar; gostava de o observar a tentar ignorá-la. E quando ela lhe sorria, Bridget lançava-lhe um olhar de tal censura que lhe alargava o sorriso ainda mais.

— Quem és tu, Grinagog, o tio do gato? Vê lá para quem disparas esse teu sorriso vadio, Starling. Vais meter-te em sarilhos, não tarda

—

disse Bridget, à medida que se afastavam do talho e seguiam o seu caminho.

— Que género de sarilhos? — Starling estava profundamente curiosa acerca disso.

— Nem queiras saber.

— Se eu soubesse de que género, talvez pudesse saber como ficar fora deles? — salientou ela.

— Se soubesses de que género, irias a correr meter-te neles mais depressa. Conheço-te de ginjeira, minha menina — disse Bridget, o que apenas tornou Starling ainda mais curiosa.

Após cinco anos com Alice e Bridget, havia uma boa porção de coisas sobre as quais Starling tinha curiosidade. A quinta e a aldeia de Bathampton eram todo o seu mundo, e por mais que ela adorasse esse mundo, ele começara a parecer um pouco pequeno. Pensava muitas vezes em Corsham com nostalgia, e na feira a que Jonathan as levara no ano anterior. Queria sentir de novo aquela excitação, aquela sensação de pertencer a um tropel de gente ruidosa e colorida. Por vezes, Starling ia pelo outro caminho ao longo do canal — para oeste, em direção a Bath.

Eram pouco mais de três quilómetros até ao limite da cidade. Caminhava por ele até conseguir ver o cimo dos telhados e as meias-luas, e aí ficava a olhar, vendo faixas de fumo a elevarem-se de mil chaminés; gaivotas voavam em volta de mercados e estrumeiras; aqui e ali, pináculos de igreja lançavam-se para o alto em direção aos céus; e fitava as torres imensas da igreja. Nos dias em que soprava um vento suave de oeste, trazia o vago matraquear de cascos e carroças sobre o empedrado das ruas e os brados dos homens no molhe. A cidade parecia uma enorme e maravilhosa refrega depois do ritmo tranquilo e ordenado das coisas em Bathampton. Era quase assustador, mas ao mesmo tempo

profundamente atrativo. Mas quando Starling perguntava a Alice se podiam ir de visita a Bath, o rosto de Alice ficava sempre abatido. Tentou de novo, um dia de primavera quando tinham ambas caminhado bastante para oeste, ao longo do rio, e fitavam juntas o aglomerado de edifícios da cidade.

— Eu gostaria de ir, Starling. Mas o Lorde Faukes diz que não devemos — disse Alice.

— Mas… porque não?

— Não sei dizer, queridinha. Ele diz que seria uma grande pressão para mim. Para o meu coração. — Alice baixou os olhos para as suas mãos, para os dedos, que estavam a atar lentamente um ramalhete de jacintos. — E que a cidade não é lugar para meninas inocentes. E por isso talvez ainda mais por não termos ninguém que nos acompanhe, nem conhecidos…

— Mas… ele não nos poderia levar com ele um dia? Ou o Sr.

Alleyn?

— Já perguntei. — Por um instante, a impaciência entrecortou-lhe as palavras, mas depois a cabeça pendeu-lhe e a voz ficou tão baixa que mal se ouvia. — Mas receio que a resposta seja não. — Pegou na mão de Starling e apertou-a como se pedisse desculpa, e Starling não compreendeu de que poderia Alice ter vergonha. Ficaram em silêncio durante um momento e Starling pensou bastante sobre o que iria dizer a seguir.

— Bem, não precisamos de lhes dizer. É uma distância suficientemente pequena para ir a pé, não demoraríamos muito tempo.

Poderíamos ir, as duas, e explorar, e não dizer nada ao Lorde Faukes, nem a Jonathan, embora tenha a certeza que Jonathan não nos trairia. —

Alice fez um ligeiro sorriso, mas depois o seu rosto ficou sério.

— Claro que Jonathan não nos trairia. Mas farias com que desobedecêssemos ao homem que nos mantém? O homem que me deixou ficar contigo aqui, quando não tinha nenhuma outra razão para o fazer a não ser por bondosa indulgência?

— Mas… fomos à feira de Corsham o ano passado, e mantivemos isso secreto. Isso não foi também desobediência?

— Sim, talvez tenha sido, mas ele nunca me disse especificamente que não deveria ir a Corsham, como fez em relação a Bath.

— Mas ele nunca iria saber, Alice…

— Mas, apesar disso, nós tê-lo-íamos feito. Seríamos os traidores, não percebes? E sabê-lo-íamos sempre. E, além disso… as galinhas voltam sempre para o seu poleiro, como diria a nossa boa Bridget. Uma mentira regressa sempre para nos assombrar. Se alguém nos visse, e alguma notícia da nossa desobediência chegasse ao Lorde Faukes…

nessa altura, que bondade achas que ele teria em relação a nós? A nós, que lhe devemos o nosso lar, a nossa comida e o nosso bem-estar? —

Sorriu tenuemente perante a expressão carrancuda de desapontamento do rosto de Starling; inclinou-se para lhe beijar a testa. — Não ponhas essa cara de ofendida, Starling! O que há em Bath que não temos aqui, em Bathampton?

— Não sei! É por isso que quero ir! Porque tem de ser sempre tão obediente em relação a ele? Como pode não querer explorar…

— Sou obediente porque prefiro ter um telhado sobre as nossas cabeças, a tua e a minha! — disse Alice com irritação. Starling pestanejou, estupefacta. Era a primeira vez que Alice lhe levantava a

voz. — Claro que quero explorar. Claro que quero andar lá por fora, e ir a bailes, e fazer novos amigos! Mas dizem-me que não posso, e não tenho outra opção senão obedecer. Não compreendes isso?

— Ele não ficaria assim tão zangado, pois não? — balbuciou Starling.

— Queres arriscar? — disse Alice, fixando-a com um olhar de aviso.

— Talvez. — Starling encolheu os ombros, meio revoltada, meio intimidada.

— Bom, quando fores mais velha, e independente de nós, podes ir onde te apetecer — disse Alice terminantemente, e Starling interrompeu de imediato o seu argumento, porque isto falava de um tempo em que não estaria sempre junto de Alice, e ela não queria ouvir falar desse tempo.

Starling decapitou com um chuto uns quantos dentes-de-leão inocentes que estavam junto dos seus pés, e não conseguiu olhar para a irmã. Sentia uma horrível espécie de embaraço por ser repreendida daquele modo, e procurou alguma forma de fazer as coisas voltarem ao normal.

— Alice… por que razão o Lorde Faukes é o seu benfeitor? —

perguntou ela, tão ligeiramente quanto pôde. — Quer dizer, o que aconteceu aos seus verdadeiros pais? Quem eram eles? — Alice virou a cabeça para norte, para o outro lado do rio, na direção de Box e Batheaston. Uma brisa suave soprava-lhe alguns fiapos de cabelo em volta do queixo, e fazia flutuar a fita azul do seu chapéu.

— Não sei, Starling — disse ela, numa voz suave e triste.

— Não lhe perguntou?

— Claro que lhe perguntei — disse ela, exasperada, e Starling pressentiu pela primeira vez um caroço duro sob o decoro de Alice;

uma ansiedade ignorada há demasiado tempo. — Ele diz que o meu pai era um velho amigo dele, um homem que ele amava. A minha mãe morreu e… na sua dor, o meu pai ter-me-ia dado a estranhos, e então o Lorde Faukes ficou comigo e manteve-me a salvo, e encontrou Bridget para cuidar de mim. E, depois, o meu pai também morreu… — Virou-se para olhar para Starling, saudosamente. — Quem quer que fossem, estão mortos. Disso pelo menos tenho a certeza. E devo ter sido uma fonte de vergonha para a minha família, não achas?, para ser mantida na ignorância até dos nomes dos meus pais, para jamais poder tentar

descobrir a sua família? A minha família.

— Então, a Alice é um segredo? — disse Starling, franzindo o cenho em pensamento.

— Claro que sou. Só agora deste por isso? — Alice sorriu com amargura. — Jonathan nem sequer tem autorização de falar de mim à sua mãe. O Lorde Faukes proibiu-o.

— Mas porque faria ele uma coisa dessas, Alice?

— Não percebes, Starling? A única pessoa que me poderia dizer é o Lorde Faukes, e ele não contará. E se eu exigir saber, arrisco a que ele fique aborrecido. Por isso estou presa numa armadilha. Não saberei nunca, e tenho de me esforçar por ficar contente com isso.

— Talvez… talvez, quando for maior, alguma herança deixada em testamento pelo seu pai lhe seja entregue, e descubra tudo, e tenha uma fortuna e uma grande casa.

— É uma história encantadora, queridinha. Mas não depositemos tão alto as nossas esperanças.

— Mas quando fizer vinte e um anos, será livre de deixar a proteção dele, não é?

— Se optar por isso, sim. Mas para onde iria eu, Starling? O que faria? Não tenho nada. Não conheço ninguém fora de Bathampton.

— Tem Jonathan — notou Starling, com obstinação.

— Sim. Tenho Jonathan. Só tenho Jonathan — disse Alice em voz baixa, e depois regressaram à quinta em silêncio.

Mais tarde, na escuridão dessa mesma noite, vieram passos e o brilho de uma vela em volta da porta do quarto, e Starling estava acordada, e foi descalça, silenciosamente, até ela para escutar. As tábuas do soalho estavam frias por baixo dos seus pés quentes do calor da cama; aconchegou-se mais na camisa de dormir. No patamar, estavam Bridget, de touca de dormir, e Alice, com o cabelo atado com fitas. A vela estava na mão de Alice, suspensa entre as duas, iluminando-lhes o rosto por baixo, pelo que os seus olhos pareciam vazios e fantasmagóricos.

— Por que razão ele me mantém aqui, Bridget? Quem sou eu para ele? — disse Alice. A boca de Bridget era uma linha reta e tensa; ao longo do seu corpo, os braços pendiam-lhe, tensos e pouco à vontade.

— É a protegida dele, menina. É mantida aqui confortável, a salvo, e tem muita sorte por isso.

— A salvo do quê? E porque sou sua protegida e mantida secreta?

Quem eram os meus pais?

— Isso não lhe posso dizer.

— Não pode? Ou não quer? — pressionou Alice. Bridget não disse nada, e Alice fitou-a quase sem esperança, nem expectativa.

— De onde vem o nome Beckwith? Do meu pai ou da minha mãe?

Ou é uma ficção, como tudo o resto? Tenho perguntado na aldeia, tenho perguntado a pessoas de passagem por aqui, durante anos e

anos.

Ninguém ouviu falar desse nome, aqui ou em qualquer outro lugar.

— É o seu nome. Contente-se com ele.

— Contentar-me? — Houve uma pausa de incredulidade. — A quem pertences, a ele, ou a mim? — sussurrou Alice.

— Sou de ambos — disse Bridget, e na sua voz havia uma emoção reprimida, alguma coisa que se contorcia como um peixe no anzol.

— Acho que sou um pássaro preso numa gaiola de prata. Algo encantador que ele possa admirar, e até amar. Mas uma coisa possuída, que nunca terá o seu próprio destino, ou a liberdade com que nasceu.

— Nem todos nascem em liberdade, Alice. Talvez seja melhor apreciar a gaiola de prata, quando outros têm uma gaiola de lama e paus.

— Uma gaiola é sempre uma gaiola, Bridget — disse Alice friamente. Starling susteve a respiração, mas elas não disseram mais nada. Alice voltou a descer as escadas, embora fossem horas de dormir, e Bridget ficou por mais tempo, sem saber que estava a ser observada. A sua boca permaneceu uma linha reta e tensa, e o seu olhar atravessou a parede da casa, fitando a distância. O seu rosto ficou vazio como um coração despedaçado e, embora Starling quisesse abraçá-la, ao mesmo tempo sentiu que nunca devia deixar saber que vira aquela mulher mais velha num momento de tão profunda e terrível nudez.

O vigésimo primeiro aniversário acabou por chegar e passar, sem qualquer visita de advogados, tios ou executores de testamentos ocultos.

Apenas o Lorde Faukes apareceu, com presentes, luvas brancas de vitela e um belo vestido de noite de seda turquesa, revestido das

mais belas rendas prateadas que jamais as três mulheres tinham visto. Um vestido de baile que Alice não teria qualquer ocasião de usar. O Lorde Faukes ordenou-lhe que o vestisse e posasse para ele, e ela, rodopiando obedientemente, posou para ele, e até dançou um pouco com ele na sala, embora não houvesse música e ele parecesse grotesco como par dela —

demasiado velho, demasiado gordo. Nas suas mãos carnudas, Alice parecia uma boneca, tão frágil que ele a poderia destruir por um capricho. O rosto do Lorde Faukes brilhava com prazer ao vê-la com o

vestido. Alice sorria e disse outra vez, e outra vez ainda, como ela o adorava, mas Starling reparou na expressão amarga de desencanto no fundo dos seus olhos, e na forma como o seu sorriso lhe desaparecia do rosto quando o seu benfeitor estava de costas voltadas para ela.

— Talvez não saibam como a hão de encontrar, e cheguem mais tarde com a notícia? — sussurrou Starling na escuridão do quarto, nessa noite, sabendo que Alice não estava a dormir.

— Não há ninguém a tentar encontrar-me, Starling — retorquiu Alice, e Starling não discutiu porque achou que, provavelmente, era verdade.

— Então, somos irmãs mais do que nunca, Alice, porque estamos ambas separadas das pessoas que nos tiveram enquanto bebés, e os nossos passados são segredos que nunca conheceremos. Mas somos a nossa própria família, não somos?

— Somos a nossa própria família — concordou Alice, mas Starling não conseguiria dizer, pela sua voz, o que Alice sentia.

Num soalheiro dia de julho, um ano depois, assim que Bridget empurrara Starling para longe de Pip Blayton no talho, as duas passaram pela estalagem O George e seguiram pelo caminho que acabava por atravessar o rio e continuava para Batheaston.

— Temos de pagar ao moleiro aquela farinha que entregou na segunda-feira. Não tinha moedas comigo quando ele lá foi — disse Bridget quando Starling perguntou.

— Posso fazer isso, se quiser. Não precisa de ir o caminho todo comigo — disse Starling, que adorava ter liberdade para passear. Bridget estava corada e a respirar fundo, pelo que parou e lançou um olhar astuto a Starling, com olhos transviados.

— Vais dar o dinheiro ao moleiro Harris, e a mais ninguém, e não voltar para trás e fazer olhinhos de carneiro mal morto ao Pip Blayton?

— Claro! — disse Starling, com uma cara quase séria. Bridget revirou os olhos e ergueu o cesto mais acima do braço. Pescou algumas moedas do bolso, entregando-as a Starling.

— Aqui tens, então. Vai e leva-lho a ele, e vê se voltas depressa.

Boa menina. — Fez um aceno de assentimento a Starling e franziu os lábios, o que era a coisa mais próxima de um sorriso a que Bridget geralmente chegava. Com ligeireza, Starling continuou sozinha. A ponte atravessava o rio Avon sobre fortes arcadas de pedra. A água era profunda e transparente; o leito estava coberto de vibrantes ervas verdes

que boiavam na corrente, abrigo de trutas, percas e outros peixes. Do outro lado, do lado de quem vinha de Batheaston, havia uma portagem onde um homem com o rosto vermelhusco da bebida se sentava a beberricar *brandy* durante o dia inteiro, recolhendo moedas de quem queria atravessar. Starling pendurou-se sobre o parapeito e observou a enorme roda da azenha a girar, atirando cristais de água iluminada pelo Sol e um cheiro denso a madeira, minerais e vida lamacenta, que vinha do fundo do rio. O seu espadanar e esparrinhar era hipnótico. Starling olhava fixamente, o sol quente a bater-lhe na nuca, até que o moleiro Harris pôs a cabeça de fora e a chamou. Ela pagou-lhe com as moedas de Bridget, parando do lado da casa, virada a oeste, à procura de peixe

e atirou alguns seixos apanhados da estrada poeirenta. Quase não viu Alice contra o brilho ofuscante do Sol refletido na água. Starling fez sombra com uma mão, e olhou novamente. A figura estava talvez a uns cem metros da ponte, junto à beira de água, onde a margem caía abruptamente depois do prado. Nas manchas ao longo da margem era difícil vê-la, mas Starling teve a certeza que era Alice. Mais ninguém era tão alto e esguio, tinha cabelos tão extraordinariamente claros, ou usava um vestido da cor da lavanda. Alice escolhia cuidadosamente o caminho ao longo da linha de água, utilizando as raízes nodosas das árvores como pedras para pôr os pés e os ramos baixos como suporte para as mãos.

Parou quando alcançou uma árvore, um chorão que importunava a água reluzente com as suas gavinhas prateadas. Quando passou debaixo dos seus ramos, Starling perdeu-a de vista. Adiantou-se um pouco mais na ponte para encontrar um melhor ponto de vista, mas de nenhum ângulo conseguia ver por entre a cortina de folhas. Então, pouco depois, viu Alice emergir de novo, a voltar ao longo do rio até ao lugar onde conseguiria trepar para o prado. Quando atingiu terreno aberto, Alice olhou em volta, como se à procura de observadores. Starling pensou em acenar-lhe, mas alguma coisa a impediu, e, em vez disso, afundou-se um pouco mais por trás do parapeito de pedra.

Starling sabia que deveria voltar para a quinta. Bridget iria saber que ela andava a deambular, e haveria de querer ajuda com a limpeza e o almoço delas. Alice dirigia-se nessa direção; Starling poderia perguntar-lhe o que andara a fazer na margem do rio. Uma carroça puxada por cavalos possantes atroou em cima da ponte nesse preciso momento, pelo que Starling teve de se pôr em movimento. Mas não foi diretamente para casa; passou sobre a cerca e foi caminhando através das árvores até à

parte inundada do prado. A margem caía mais de um metro a direito sobre a beira da água, mas Starling era mais ousada e mais ágil do que Alice. Desceu com esforço pelas raízes do chorão, agarrando

com as mãos os ramos serpenteantes, como chicotes, até os pés esparrinharem na lama onde a água se imbricava na terra.

O tronco da árvore dividira-se em dois no início da sua vida; a divisão começava apenas a cerca de trinta centímetros do solo. As duas partes tinham-se envolvido uma na outra, contorcendo-se apertadamente.

A casca era rugosa, mas parecia flexível como pele; os troncos entrelaçavam-se como poderosos braços num tortuoso e perpétuo amplexo. Os ramos pendentes protegiam Starling por todos os lados, e transformavam a luz numa frescura verde; parecia íntimo, mágico, como um esconderijo de fadas. Mesmo acima da sua cabeça, Starling viu uma fenda escura entre os dois troncos. Algum animal ou doença originara uma abertura estreita, um ligeiro espaço entre os braços amorosos.

Então, Starling viu as letras gravadas, mesmo por baixo da abertura. Não eram recentes; a casca regenerara e inchara à volta dos cortes, pelo que eles se apresentavam bem vincados na madeira. Seis ou sete anos de crescimento, pelo menos, calculou Starling, desde que os entalhes foram feitos. *Antes mesmo de eu ter estado aqui. Quando eu ainda era… o que quer que eu era antes.* Era uma gravação simples: duas iniciais, *J & A*. O

símbolo intermédio tinha sido desenhado com floreados recurvos, de modo a tocar ambas as letras, ligando-as. O coração de Starling começou a bater mais depressa com estranha emoção. Estendeu o braço, e fez deslizar a mão através da concavidade. Tateou o interior, recuando quando sentiu um inseto fugir apressadamente da intrusão dos seus dedos. Havia um quadrado de papel dobrado lá dentro. Nele, na clara caligrafia de Alice, estavam as palavras: *Domingo, depois da missa, antes do meio-dia. Meu amor.* Starling sentiu uma volta no estômago, e pareceu-lhe haver uma pequena interrupção no mundo, um momento em que ele deixou de girar. Tentou engolir, mas a garganta estava seca.

Voltou a dobrar a mensagem, com dedos trementes, e depois hesitou.

Estivera prestes a pô-la de novo no lugar, mas o mesmo impulso que a impedira de acenar a Alice detinha-a de novo, agora. Havia vezes, não muitas, em que Jonathan vinha visitar a quinta com o avô; outras vezes em que vinha encontrar-se com Alice e Starling algures, e Starling sempre soubera que esses encontros eram para ser mantidos em segredo, escondidos de Bridget e do Lorde Faukes. Agora pareciam existir outras

visitas, outros encontros, de um género ainda mais secreto. Tão secreto que nem mesmo Starling podia saber deles. Ela sentou-se numa enorme raiz que emergia da margem, reparando, ao fazê-lo, que a raiz estava lisa e limpa por se terem sentado sobre ela muitas vezes. Starling mordeu o lábio com consternação, e com um pequeno ruído de ira começou a chorar.

Odiava chorar; quase nunca o fazia. Havia nela alguma recordação latente, algum soterrado conhecimento da dor e do medo, tão grande que parecia não haver nada que depois dele fosse digno de ser chorado. Mas esta traição cortava com uma lâmina envenenada. Limpou o rosto, engoliu e obrigou-se a parar. Ela fora incluída na relação entre eles de tantas formas — na sua amizade, nas suas cartas, embora Alice não se desse conta de nada disso; descobrir-se excluída de tanto era intolerável.

Pequenas fendas surgiam nas fundações do mundo de Starling, e, subitamente, tinha medo, um medo terrível; como se as fendas pudessem alargar-se como abismos e engoli-la e lançá-la de novo para aquele tempo antes da quinta, antes de Alice. Medo, raiva, mágoa; tudo isso se avolumou num crescendo nos breves minutos em que Starling ficou sentada debaixo do chorão. Quando tudo começou a ficar para trás, sentiu-se mais calma, e com uma dureza nova, estranha, no coração. Pôs-se de pé, e lançou a mensagem ao rio. A água levou-a rapidamente para longe, fazendo-a revolver-se e girar. Starling ficou a olhar até ela ter deslizado para fora de vista,

depois voltou a subir até à luz do Sol e caminhou até casa sem que qualquer ideia lhe viesse com clareza à cabeça.

Na quinta, Bridget estava a pôr maçãs recheadas no forno e não perdeu muito tempo a repreender Starling por ter demorado tanto. Um olhar bastou, fatigado e carregado de um sofrimento antigo.

— Vou colher angélica para o creme — disse Starling. Alice estava no horto da cozinha, sentada num banco de metal e rodeada de alecrim e lavanda, tomilho e louro. Tinha as pernas enfiadas debaixo de si e estava a ler um livro de poemas com encadernação de pano. Levantou os olhos e sorriu quando Starling entrou para se sentar com ela.

— E como está a minha irmãzinha? — disse ela com um sorriso. O

sol fazia os olhos brilharem-lhe como o rio. Starling fez um aceno de assentimento, e permaneceu muda. Parecia não conseguir encontrar quaisquer palavras para dizer. Sentou-se sobre as mãos na ponta do banco, fazendo oscilar as pernas para a frente e para trás, e não

conseguiu olhar para Alice. — Starling, o que é? O que se passa? —

Alice pousou o livro e estendeu uma mão para tocar no braço de Starling.

Por um segundo, Starling estremeceu e sentiu de novo lágrimas traiçoeiras aferroarem-lhe a ponta do nariz. Queria exigir saber porque a tinham excluído, porque não tinham confiado nela, porque lhe tinham mentido. Mas, depois, aquela sua dureza nova pareceu intrometer-se.

Assentou-lhe sobre o peito, como um tampão, e impediu que as palavras e as lágrimas brotassem. Olhou e viu que Alice deixara um dedo na página que estivera a ler. A marcá-la, pronta a abrir o livro e

retomar a leitura, assim que Starling tivesse terminado de a incomodar.

— Nada. — Ela saltou, levantando-se do banco. Curvou-se, arrancou um punhado de flores de angélica e virou-se para a porta da cozinha. —

A Bridget precisa de mim.

Chegado domingo, o tempo mudou, trazendo uma chuva cinzenta e quente, ligando céu e horizonte como se as nuvens simplesmente tivessem baixado até ao nível da terra. As três residentes da quinta juntaram-se aos aldeões de Bathampton na missa de domingo, na velha igreja de S. Nicolau, e, enquanto regressavam ao longo do canal, Starling observou Alice atentamente. Tinha o rosto rosado e os olhos inquietos; parecia mais animada do que deveria estar alguém que acabava de passar hora e meia na igreja, mas nada mais a denunciava. Se Starling não soubesse, nunca teria adivinhado que a sua irmã tinha um segredo, e isto era mais uma traição. Esta Alice parecia uma pessoa completamente diferente daquela em que os segredos efervesciam incontrolavelmente, como bolhas na cerveja.

— Ouviram a Sra. Littlewood chamar-nos *as três aves da capoeira*?

— perguntou ela.

— Não lhe prestes atenção, Starling. É a rabugenta do costume, essa aí — disse Bridget.

— Mas o que significa? — insistiu Starling.

— Significa que que não temos nenhum homem em casa, e significa que tem inveja de nós, pois ela tem de lidar com o Sr. Littlewood e todas sabemos o tipo de homem que *ele* é — disse Bridget entre dentes. Alice não fez nenhum comentário. A humidade do dia fizera com que os cabelos e as roupas lhes pendessem flacidamente. Alice escolhera o momento em que Starling e Bridget estariam

ocupadas a preparar a refeição dominical. Um momento em que se poderia esgueirar sem que ninguém desse por isso, para ir passear ou ler, como quase sempre fazia.

Em quantos momentos desses, no passado, pensava agora Starling, tinha Alice tido encontros marcados com Jonathan?

Quando regressaram a casa, na altura de desabotoar os casacos e desatar os chapéus, Alice ficara parada.

— Se calhar, não o dispo e vou passear um pouco — disse ela casualmente.

— Oh, posso ir? Preciso de esticar as pernas depois de estar tanto tempo sentada durante aquela missa chata — disse Starling.

— Tem vergonha na cara e mostra mais respeito — admoestou-a Bridget. — Acho que o vigário fez um admirável sermão, hoje… vê como falas no dia do Senhor.

— Sim, Bridget. Então, posso ir, Alice? Por favor?

Starling olhou-lhe diretamente nos olhos, até Alice ter de desviar o olhar.

— Oh, mas tu odeias a chuva, queridinha — disse ela com um ar vago. — E Bridget não deveria ficar sozinha com tanto trabalho para fazer.

— Não está realmente a chover… e a Alice disse que não ia para muito longe.

— Acho… — Alice parou, remexendo no cós do casaco. — Acho que deverias ser simpática e ficar para ajudar Bridget. Eu não devo demorar. — Sorriu docemente a ambas e depois virou-se e afastou-se sem mais palavras, parando para acenar do portão.

— Veja se não fica encharcada, se a chuva piorar — gritou-lhe Bridget.

— Ou, se piorar, se se abriga debaixo de uma árvore! — acrescentou Starling, e teve a infeliz satisfação de ver tremular um sorriso em Alice.

Alice voltou uma hora depois, húmida, enlameada e desamparada. A orla da saia estava cheia de lama e o rosto ostentava um claro desapontamento, e Starling sentiu-se imediatamente culpada por lhe ter causado tristeza. Pensou na pequena mensagem, boiando sem destino pela corrente em direção a Bath.

— Gostou do passeio? — perguntou ela, e embora tivesse tentado parecer casual, a sua voz soou tensa e ligeiramente hesitante. Alice fitou-a de um modo estranho.

— Gostei bastante. O tempo não está talvez… o melhor —

retorquiu Alice. Bridget resmungou.

— Bem, já não era o melhor quando saiu, por isso não vejo

qualquer surpresa no facto — disse ela, com um leve revirar de olhos.

— Realmente — disse Alice, com uma pequena gargalhada constrangida.

— Teve de se abrigar debaixo de uma árvore? — perguntou Starling, e de novo havia tensão na sua voz. Alice foi até ao outro lado da sala e chamou Starling com um gesto enquanto os olhos de Bridget estavam no fogão.

— Deixaste as tuas pegadas na lama, queridinha — sussurrou ela, e o coração culpado de Starling saltou-lhe na garganta.

— O que quer dizer? Que lama? Eu nunca… — Interrompeu-se perante o firme e triste escrutínio de Alice.

— Ele não veio. Agora não o vou ver durante semanas; em breve irá para a guerra e tem de ficar com a companhia — disse ela. Starling

contorceu-se, fugindo aos seus olhos azuis, à mágoa que havia neles. —

Starling, tiraste a minha mensagem? — sussurrou ela. Starling não disse nada; apenas deixou pender a cabeça, envergonhada. Trémula, Alice respirou fundo. — Eu sei… eu sei que devias estar zangada comigo —

continuou ela. — Posso explicar porque tivemos de manter tudo secreto, mas não aqui, nem agora…

— Eu… eu não sei nada acerca de uma mensagem.

— Starling, por favor. Não mintas. — Alice falou tão suavemente, tão docemente, que Starling mal conseguia suportar. Pensou nas mentiras que Alice lhe dissera — mentiras por omissão, mentiras por sigilo; os anos todos que tinham passado desde que ela e Jonathan tinham gravado as iniciais na árvore; as vezes todas que se tinham encontrado, sem ela lhe dizer nada. Tinham mantido o amor — um amor especial, melhor —

apenas um para o outro. Estava tão zangada, tão envergonhada, que isso lhe fez crescer a pressão no duro cerne que havia dentro de si, como se o tampão não fosse aguentar, e alguma coisa forçasse a saída.

— A mentirosa não sou eu! — gritou ela e Alice pestanejou com o choque. Bridget levantou os olhos do outro lado do compartimento.

— O que é isso? O que estão vocês as duas a conspirar, ein? —

bradou ela. Starling rodou para a encarar, desequilibrando-se, frenética.

Sentiu a mão de Alice no seu braço.

— Por favor, não digas nada! — sibilou Alice. Os seus olhos estavam cheios de medo e, embora Starling titubeasse, não

conseguiu ter mão em si.

— Alice tem andado a encontrar-se com Jonathan em segredo! São

amantes! Mas ele está noivo de Beatrice Fallonbrooke! — deixou ela escapar. Pelo canto do olho, viu as mãos de Bridget voarem até à sua boca, os seus olhos arregalarem-se de horror. Bridget deixou cair a colher de pau ruidosamente, e fitou Alice com uma expressão terrível. O

silêncio caiu sobre a cozinha e, nele, Starling estava certa de poder ouvir as fendas sob os seus pés, as fendas do mundo, a abrirem-se ainda mais.

1821

Rachel foi conduzida ao seu novo encontro com Jonathan Alleyn tão depressa que estava ainda sem fôlego da longa subida até Lansdown Crescent. O declive relvado diante dos edifícios estava ainda estaladiço e cinzento da geada no local onde se afundava numa cavidade sombria; o céu estava todo branco com nuvens, não deixando adivinhar onde o Sol poderia estar. Não se sentia um sopro de brisa. A Sra. Alleyn cumprimentou Rachel ao fundo das escadas, enquanto o mordomo lhe pegava no chapéu, luvas e peliça e ela alisava a parte da frente do vestido. Havia o mesmo embaraço entre elas, que Rachel tinha a certeza de ambas sentirem — o facto de não ser bem uma visita, nem bem uma empregada. Nem a senhora mais velha sabia exatamente como agir, nem Rachel estava sempre segura de como seria recebida. A Sra. Alleyn era umas vezes calorosa e outras fria, umas vezes rígida e outras acessível, umas vezes penetrante e outras distante.

Impossível saber.

— Virá ter comigo para falarmos por um momento, quando tiver terminado a sua leitura? — disse a Sra. Alleyn, quando viraram para subir as escadas.

— Será um prazer — replicou Rachel. *E durante esse tempo, tenho de arranjar maneira de pedir o meu pagamento, ou o Sr. Weekes vai querer saber porque não o fiz.*

— Tive esperança de que Jonathan descesse hoje, mas… — A voz da Sra. Alleyn esmoreceu, como se a pedir desculpa.

— Os homens sempre foram muito teimosos, e habituados a fazer as coisas à sua maneira. — Rachel sorriu, para afastar qualquer crítica implícita, mas o rosto da Sra. Alleyn endureceu.

— Como tem razão, Sra. Weekes — murmurou ela.

Jonathan Alleyn não se levantou quando ela entrou na sala — não o fizera antes, e esta simples omissão deixava-lhe os nervos em franja.

Nunca conhecera um cavalheiro que não se levantasse quando entrava uma senhora; não sabia se o facto de ele não o fazer o tornava a ele menos cavalheiro, ou a ela menos senhora. Jonathan abrira uma portada, apenas uma fração da janela, pelo que o ar frígido da manhã entrava. Ele estava vestido apenas com umas calças azuis-escuras e uma camisa branca de linho. O lume morrera na lareira e a sala estava pesada do frio, rescendendo a madeira à erva húmida da meia-lua. Rachel endireitou os

ombros e avançou para ele. Viu-lhe os braços nus em pele de galinha, mas o rosto tinha um leve brilho de transpiração, onde não estava coberto com barba por fazer de vários dias. Uma garrafa de vinho vazia e um copo manchado jaziam no chão ao seu lado; o cheiro ressesso a corpo não lavado pairava em seu redor.

— Sr. Alleyn… — Rachel calou-se quando ele se virou abruptamente para a fitar. Parecia estar com problemas para focar o olhar. — Está bem? Está com um ar febril… Está muito frio aqui. Deixe-me chamar uma criada para acender o lume…

— Não, deixe estar assim. Estou demasiado quente… só este frio me mantém vivo, acho eu — disse ele, com voz rude.

— Mas se tem febre, temos de chamar um médico…

— Para me sangrar? Já sangrei que chegue, Sra. Weekes. Sente-se, por favor, e não diga mais nada. Estou bastante bem. — Tremendo levemente, Rachel aquiesceu. Os olhos de Jonathan seguiram todos os seus movimentos; eram a única coisa com vida no seu rosto descarnado.

— Desta vez, trouxe um livro de casa. São os novos poemas de Keats… um presente de casamento do meu marido — disse ela. — E um presente nada egoísta, uma vez que acho que ele não se interessa minimamente por poesia — acrescentou mais suavemente. *Talvez o meu marido preferisse Byron.*

— E porque haveria de se interessar, Sra. Weekes?

— Perdão?

— Porque haveria Richard Weekes de se interessar por poesia? É

um imbecil iletrado, e um tolo ambicioso, pese o bonito palmo de cara que tem. Ou, pelo menos, era assim quando o conhecia. — Jonathan respirou fundo e endireitou-se na cadeira. Apoiou os cotovelos nos braços desta, entrelaçando os seus longos dedos à frente da boca. As suas unhas estavam roídas e em frangalhos.

— Bem, eu… eu suponho que uma pessoa pode mudar, e melhorar

— murmurou Rachel. Apenas umas semanas antes, ela teria saltado em defesa de Richard. Agora parecia-lhe que era lealdade suficiente dizer o menos possível acerca dele.

— Podem. Mas essas melhorias tendem a ser apenas superficiais, pela minha experiência. Diga-me, como aconteceu ter casado com ele?

— Como imagina que foi? — disse Rachel, com alguma aspereza.

— Conhecemo-nos em casa dos meus antigos empregadores. Eu era governanta em casa de *Sir* Arthur Trevelyan, em Hartford Court. O Sr.

Weekes e eu conhecemo-nos quando ele ia discutir vinhos com *Sir* Arthur… — Ela pensou nesse momento em retrospetiva, o momento em que vira o amor assolar Richard como um exército invasor. Isso fê-la sentir uma guinada estranha, quase uma nostalgia, ou talvez arrependimento.

— E pareceu-lhe ser um bom par para si? Você é claramente uma pessoa educada, e foi criada como uma fidalga…

— Sim, senhor, pareceu-me um bom par. Dificilmente teria consentido em casar se não fosse esse o caso.

— Estou curioso, é tudo. Compreenderia melhor as formas como as mulheres pensam, se pudesse. As razões por que agem da forma como agem. — Ele dirigiu-lhe um pequeníssimo sorriso glacial.

— Nem todas as mulheres agem da mesma forma — salientou Rachel, cuidadosamente.

— É verdade que não, embora tudo o que façam tenha uma coisa em comum, aquilo que é para mim insondável.

— O que é difícil para si entender na situação, Sr. Alleyn? —

Rachel sentiu a tensão entrecortar as suas palavras.

— Bem, você não pode amá-lo. Pergunto-me, pois, o que o fez parecer-lhe um bom par, quando ele é… o que é, e você tem toda a aparência de uma senhora. Foi meramente a sua cara bonita?

— Não sou uma criança, Sr. Alleyn, para ficar assim tão confundida pela boa aparência. Talvez muitas coisas tenham mudado desde

que o senhor está… fora da sociedade. Talvez muitas coisas tenham mudado desde então. E ele ama-me…

— Ama? A sério? — Jonathan inclinou-se para a frente, na cadeira, com súbita intensidade.

— Sim! — Ela pensou na fúria de Richard, na forma como por vezes falava com ela; no seu toque indesejado, e na forma como o seu corpo começara a esquivar-se ao dele. Ela esperou que nada disto transparecesse no seu rosto.

— E você ama-o?

A pergunta pairou no ar entre eles, e Rachel sentiu um rubor subir-lhe pelo pescoço. A escolha era entre verdade e lealdade, entre integridade e propriedade, e era um tipo de escolha que ela não sabia como fazer.

— Não me pode perguntar coisas dessas — disse ela por fim, baixinho. De novo surgiu nele o sorriso fugaz, frio como os cristais de

gelo no vidro da janela.

— A sua reticência é resposta suficiente. E aqui estou despedaçado, pois não a poderia ter admirado por amar um homem desses, mas também não a posso admirar por ter casado abaixo de si, quando não o ama… — A humilhação enfureceu Rachel.

— Porque haveria de ser importante o facto de me admirar ou não me admirar, Sr. Alleyn? — disse ela. — Quando nos encontrámos pela primeira vez, o senhor disse-me que todas as mulheres são rameiras, seja por dinheiro, estatuto ou segurança que nos vendamos.

— Eu disse isso? — Jonathan recostou-se, desviando os olhos com desconforto. — Não me consigo lembrar.

— Mas talvez defenda o princípio? Bem, pergunte a si mesmo se isto é verdade: que outra *opção* tem uma mulher senão de algum modo acomodar-se por uma destas três coisas?

— E qual delas a fez acomodar-se, Sra. Weekes?

— Não é da sua conta. A sua mãe paga-me para vir ler para si, e é isso que farei.

— Quer eu queira, quer não?

— Quer que me vá embora?

— Longe de mim querer frustrar mais um dos grandes planos da minha mãe. — Recostou-se, fazendo um gesto mordaz com a mão.

— É muita bondade sua — disse Rachel, picada, apesar de si mesma. Jonathan observou-a firmemente por um momento com os olhos semicerrados. Depois pestanejou e o seu olhar suavizou-se.

— Perdoe-me — disse ele secamente.

No silêncio incómodo que se seguiu, o ruído de risos de crianças, na rua, flutuou pelo ar até à janela. Aclarando a garganta, Rachel começou a ler. Como muitas vezes acontecia, em breve se deixou ir nas palavras, na beleza e intensidade das imagens que elas convocavam, e o tempo passou rapidamente sem ela se dar conta. Sentiu uma funda sensação de calma, de estar fora de si mesma, e do mundo. O coração bateu-lhe lenta e regularmente até Jonathan a interromper, quando estava a meio de “La Belle Dame Sans Merci”.

— Basta. Por favor. Leia qualquer outra coisa — disse ele, roucamente. Rachel regressou à fria obscuridade do compartimento com um sobressalto, e à figura magra e assombrada que se sentava à sua frente.

— Não gosta do poema?

— Fala de coisas de que não desejo ouvir falar. Encantamento, e traição…

— Mas ainda não li até ao fim, verá que…

— Ele fica só, pois não fica, e meio enlouquecido pelo seu amor?

— Bem… sim. É verdade — reconheceu Rachel.

— Chega disso, então. É mentira que a desgraça anseie por companhia. O sofrimento dos outros não faz nada para apaziguar a minha.

— E pelo que anseia o senhor? — perguntou ela. Jonathan fitou-a por um momento, como se tivesse ficado confundido pela pergunta.

— Quero o que não posso ter. Quero deixar de ver as coisas que vi, e desfazer as coisas que fiz.

— E certamente sabe que isso não pode jamais realizar-se? Por isso tem de descobrir outra forma.

— Outra forma?

— Outra forma de ficar em paz com o passado, e… voltar-lhe as costas.

— A sério? Outra forma? — Jonathan riu-se então, mas o tom era amargo. — E se essas coisas tiverem levado o próprio coração e a alma da pessoa, e deixado apenas as partes embrutecidas? Que outra forma existe, então?

— Ninguém a não ser Deus lhe pode levar a alma — disse Rachel.

— *Aye*, minha senhora… Deus, ou o Diabo.

— Não deveria dizer essas coisas. Estou certa que…

— Não, não está certa. É ingénua, e inexperiente. Vá-se embora e deixe-me em paz. Não fiz promessa de ouvir um sermão. — Fechou os olhos e apertou a ponte do nariz com os dedos. Vermelha de fúria apesar do frio, Rachel ergueu-se e encaminhou-se apressadamente para a porta, onde parou.

— Não sou uma criança, nem uma criada para ser mandada *ficar* ou *ir embora* — disse ela, com a voz tensa de emoção. — Talvez eu não saiba nada acerca de si, e sobre o que viu, mas não se esqueça de que o contrário também é verdade. — Fechou a porta atrás de si com mais força do que o necessário.

Josephine Alleyn estava no jardim. O Sol rompera as nuvens baixas e a névoa e estava a inclinar-se, tocando as plantas agonizantes com uma luz cor de limão, um fantasma do calor estival. O jardim era tão grande quanto a casa, e com o dobro do comprimento; rodeado por muros altos e

implantado num estilo italianizante, com caminhos a curvarem para a esquerda e para a direita, entre buxos de tamanho reduzido e despidos caramanchões de rosas. No centro de tudo isso havia um lago ornamental, com uma fonte quieta e muda, a sua água negra coberta por uma fina camada de gelo. A Sra. Alleyn estava sentada num canto distante, onde a luz do Sol era mais forte, e perfilava-se como uma figura tão solitária que Rachel sentiu uma pontada de piedade por ela. Estava bem envolvida em peles e xailes de lã, mas não estava a ler ou a escrever, nem mesmo a desenhar; estava pura e simplesmente sentada, com o rosto virado para o Sol e os olhos fechados. Rachel aclarou a garganta, baixinho, para não a assustar.

— Perdoe-me, Sra. Alleyn — disse ela. — Terminei com o Sr.

Alleyn, por hoje. — A Sra. Alleyn abriu os olhos e piscou os olhos com a luz. A luz do Sol era tão brilhante que lhe abrandava os anos no rosto, e Rachel ficou de novo surpreendida pela sua beleza, que na sua juventude devia ter sido verdadeiramente excecional. Durante algum tempo, a Sra.

Alleyn não falou e Rachel esperou desconfortavelmente, com os dedos a ficarem entorpecidos dentro dos sapatos.

— Sra. Weekes. Obrigada — disse ela por fim, e a sua voz era fina e frágil.

— Está bem, Sra. Alleyn? Quer que chame alguém? — disse Rachel. A senhora idosa fez um gesto com a mão, e pareceu regressar a si mesma.

— Não, não. Estava apenas… perdida nos meus pensamentos, por um momento. Acho que quanto mais velho se fica, mais a memória tem o poder de encantar. Por favor, sente-se um pouco comigo, Sra. Weekes.

— Puxou a capa de modo a abrir espaço para Rachel se sentar ao seu lado. O banco de pedra estava tão frio que fazia doer os ossos. — Como o achou hoje?

— Estava… calmo. Parece ter um nada de febre, contudo. Seria prudente, talvez, observá-lo durante os próximos dias, para o caso de piorar.

— Sim. — A Sra. Alleyn pestanejou. — Sim, vou fazer como diz.

Assegurar-me-ei de que é observado — disse ela.

— Perdoe-me, Sra. Alleyn… — começou Rachel a dizer. — Não posso deixar de reparar que o seu filho parece estar… ressentido consigo, por alguma razão. Quando a mim me parece que a senhora apenas o apoiou sempre na sua enfermidade…

— Ressentido? — A velha senhora sorriu tristemente. — É um eufemismo suave, minha querida. — Virou de novo a cara para o Sol, e respirou fundo para se acalmar. — Na verdade, mal me tolera.

— Mas porque tem de ser assim? Não a pode culpar da guerra, ou por Alice Beckwith o ter abandonado. — A Sra. Alleyn retraiu-se à

menção do nome de Alice.

— Claro que me culpa, Sra. Weekes. Os filhos culpam sempre as mães, mais cedo ou mais tarde. Mesmo se não consegue dizer por palavras o que o angustia tanto… Criamo-los rodeados de amor, entende? Criamo-los rodeados de amor, e ensinamo-los a achar que o mundo é um lugar maravilhoso. E quando não é, sentem-se traídos.

Sentem-se como se os tivéssemos traído. Então, por mais que os amemos, por mais que tentemos fazer o melhor por eles, mais cedo ou mais tarde culpam-nos, e ficam zangados connosco.

— Esse é um pensamento bem triste, Sra. Alleyn — murmurou Rachel.

— Certamente. Somos uma pequena e triste família hoje em dia, Jonathan e eu. — A Sra. Alleyn virou-se para Rachel com um toque de urgência, como se necessitasse de mitigar. — Tentei avisá-lo, entende?

Quando descobri acerca desta… ligação com essa rapariga, tentei avisá-

lo de que ela estava abaixo dele. De que ela não era digna do seu coração e não era de confiança. Não quis ouvir, é claro. Os jovens nunca o fazem.

— Tinha objeções em relação ao par?

— Objeções? Alice era pouco mais do que filha de um agricultor! O

meu pai era seu tutor; um ato de bondade da sua parte em relação a um velho conhecimento quando a rapariga nasceu em… circunstâncias infelizes. Ela era ilegítima, entende?, filha de ninguém. Não tinha nome, não tinha ligações, não tinha fortuna. Jonathan estava prometido a outra, desde o nascimento… Rapaz tolo; deitou fora o seu par por uma meretriz que apenas o bom

coração do meu pai salvara da ruína. — A Sra. Alleyn abanou a cabeça com ira. — Oh, chorámos o facto, ele lamentou fazer-nos sofrer, mas não desistiria dela. Graças aos céus, a guerra levou-o antes de conseguir fazer qualquer coisa tão louca como casar com ela.

Rachel absorveu estas palavras, e estava perplexa. *Graças aos céus a guerra levou-o? A guerra que quase o destruiu?* Viu, então, que havia um toque de aço em Josephine Alleyn; o toque do indómito.

— Então, quando a Menina Beckwith o abandonou na sua ausência… — aventurou-se ela a dizer.

— Culpou-me a mim, claro; embora eu não tivesse qualquer contacto com essa desgraçada. Ainda me culpa, como aquela que sempre lhe disse que ela não era digna dele. — *Mas ele amava-a. Amava-a o suficiente para não se importar.* Rachel não disse nada por um momento, sentindo uma estranha sensação de indignação favorável a Alice Beckwith. *Ela era filha de ninguém.* Aquelas palavras davam a Rachel uma leve pontada de alegria. Elas falavam de origens misteriosas, de uma criança abandonada. *Sim,* sussurrou o eco na sua mente. *Uma criança que se perdeu.*

— Posso falar francamente, Sra. Alleyn? — disse ela.

— Pode sim, Sra. Weekes. Maneiras e propriedade já não têm lugar nesta casa, como já deve ter percebido.

— Fosse causado pela guerra, ou pela forma como foi tratado por Alice Beckwith… ou fosse pelas duas coisas ao mesmo tempo, parece-me a mim que o seu filho perdeu a fé no mundo, e na humanidade. Como a senhora própria disse, parece sentir-se traído, e já não deseja tomar parte na sua própria vida.

— Acha… acha que ele deseja morrer? — sussurrou a Sra. Alleyn, contraída.

— Não, minha senhora! De modo nenhum. Acho que ele deseja…

não ter mais nada a temer. Não correr nunca mais o risco de voltar a sofrer. Mas, fugindo como ele faz, fica preso das suas recordações e pesadelos. Na verdade, creio que a maior, talvez mesmo a única, barreira ao seu regresso à saúde, e a uma vida normal, é que… ele não tem qualquer vontade de regressar a isso.

O silêncio caiu sobre o jardim, e Rachel esperou cheia de receio, preocupada com o facto de poder ter falado de mais. Um pisco voou para cima de uma pérgula ali perto, inchando as penas para se aquecer, e obsequiou-os com uma cascata de canto fluído. O ar estava tão imóvel que Rachel via o minúsculo rasto da sua respiração enquanto cantava.

— A senhora vê as coisas muito claramente, Sra. Weekes — disse a Sra. Alleyn por fim. Na sua voz havia uma nota de desespero, uma nota de derrota. — Suponho que a minha próxima pergunta tenha de ser, consegue pensar numa forma qualquer de mudar a sua mente?

— Na verdade, não consigo. — Nunca Rachel se sentira menos qualificada para uma tarefa. — Mas a senhora disse-me que era pouco habitual nele, e um progresso, o facto de consentir em ver-me, e em ouvir-me ler. Assim, continuarei a fazê-lo, se o desejar. Desafiarei o seu

desespero como puder, embora não possa fazer qualquer promessa de sucesso.

— Desejo sim, obrigada, Sra. Weekes. — Para surpresa de Rachel, Josephine pegou-lhe na mão. Os dedos da mulher estavam profundamente gelados, e o seu aperto começou por ser com força, depois afrouxou, como se inseguro. *Quanto tempo tinha passado desde que pegara na mão de alguém?* Rachel engoliu em seco, relutante em dizer o que estava prestes a dizer.

— Peço perdão, Sra. Alleyn; desejaria não ter de o mencionar, mas… o meu marido vai interrogar-me depois, acerca… da sua oferta para me reembolsar pelo meu tempo com o seu filho… — Rachel deixou pender a cabeça, embaraçada.

— Pobre menina. É demasiado boa para um sujeito como Richard Weekes — murmurou a Sra. Alleyn. Retirou a mão de cima da de Rachel e virou-se levemente, como para se distanciar outra vez. A cabeça de Rachel voltou a erguer-se instantaneamente e foi a vez de a Sra. Alleyn parecer desconfortável.

— Entendi que a senhora tinha o meu marido em grande consideração, como seu antigo empregado. Que tinha feito muito para o ajudar a elevar-se como homem de negócios… — disse Rachel, com demasiada pressa, sentindo qualquer coisa parecida com pânico. A Sra.

Alleyn franziu os lábios e, quando falou, foi friamente.

— Falei fora de tempo. Não tinha em mente qualquer desconsideração em relação a Richard, apenas quis fazer-lhe um cumprimento a si, minha querida. Pelo que ele é, Richard tem sido bem-sucedido. Trabalhou duramente e merece as recompensas. Mas você é uma esposa melhor do que ele jamais poderia ter esperado, e eu sei que ele concordaria comigo. Perdoe-me. Conheço-o a ele há muito mais tempo do que a si, mas esqueci a minha posição para falar dele tão livremente na sua presença. Falei com demasiada sinceridade quando disse que as maneiras e a propriedade nos tinham abandonado.

— Porque o ajudou tanto? Porque mantém ainda laços com ele, quando já deixou de estar ao seu serviço há tanto tempo? — disse Rachel. A boca da Sra. Alleyn torceu-se para um lado, mas não foi um sorriso. Foi uma curiosa expressão, um misto de calor — até de afeto, ou os restos dele — conjugado com aversão.

— Richard Weekes… foi-me sempre profundamente leal. Serviu-me fielmente durante tempos turbulentos em casa do meu pai. Aprecio

a

lealdade, e sempre a recompenso. Dito isto, muito do seu sucesso se deve à sua própria diligência, e isso não tem a ver comigo. — O seu tom não admitia qualquer discussão.

— Claro. — Rachel pensou nos nervos de Richard quando tinham vindo pela primeira vez visitar Lansdown Crescent; recordou como a sua vénia fora tão profunda, e como tremera. A sua mente ardia com perguntas.

— E terá dinheiro para mostrar ao seu marido. Venha, vamos para dentro, e entregar-lho-ei.

— É muita bondade sua, Sra. Alleyn — disse Rachel.

Josephine ficara inteiriçada do frio, pelo que Rachel a ajudou a levantar-se e voltaram para dentro de casa de braço dado. Um clarão vermelho chamou a atenção de Rachel quando estavam a chegar aos degraus, e levantou os olhos pensando que o pisco tinha regressado. Mas foi Starling que ela vislumbrou, a afastar-se apressadamente de uma pequena janela a meio da parede da casa. Rachel sentiu a pele arrepiar-se. *Ela estava a vigiar-me outra vez. Esta rapariga desagrada de tal maneira ao meu marido que ele não confessará que a conhece.*

Recordou-se da ordem de Richard para que se afastasse de Starling.

Recordou-se da sua ira a faiscar, da sua voz a elevar-se, e, depois, da forma rude como ele a tratara na cama, sem a olhar nos olhos. Ficou tensa ao ponderar no que ele poderia fazer ou dizer se descobrisse o que ela estava prestes a fazer, mas, no fim, isso não a fez hesitar.

Quando a porta da frente da casa se fechou atrás de si, Rachel disparou rapidamente através da pequena cancela da balaustrada e desceu pelas escadas de serviço. Ajoelhou-se junto à porta do pátio

e sacou a mensagem que trouxera de casa nessa manhã, escrita depois de Richard ter saído. Com os dedos a tremerem com os nervos, ela empurrou o papel por debaixo da porta e subiu de novo as escadas com tanta pressa que os pés escorregaram nas pedras gastas — por um momento o coração quase lhe parou ao pensar que iria cair. Parou para recuperar o fôlego, depois atravessou a rua e desceu a colina até Bath com mais decoro, perguntando-se se Jonathan Alleyn estaria ou não a observá-la da janela.

Resistiu ao poderoso impulso de se virar e ver.

Starling foi à igreja, presa de emoções contraditórias. Estava excitada, e curiosa, mas também receosa; contente, e por alguma razão também zangada. Não que a ira tivesse alguma coisa a ver com o tom da missiva.

Gostaria de falar contigo outra vez. Encontra-te comigo… Starling

estava sempre pronta a ficar ressentida por lhe darem ordens.

Aconchegou o xaile ao corpo, enfiando as pontas debaixo dos braços. O

interior do enorme edifício era sempre fresco, mesmo no verão. O calor de um dia de sol não conseguiria penetrar a grossura daquelas paredes; paredes tão antigas que as pedras pareciam uma amálgama de pó e idade, e da lenta trituração da gravidade, de modo que a igreja já não parecia uma coisa feita pelo homem, mas uma estrutura empurrada para o alto desde as profundezas da terra. No inverno, o frio parecia irradiar do chão e do teto, e de todos os cantos do espaço ecoante que ficava entre tudo isso. Um sacristão andava de sítio em sítio, a acender velas; alguns bancos estavam ocupados por gente piedosa e por vagabundos, e um homem magro, que tresandava a estrume, varria o chão. O arranhar da sua vassoura parecia apenas tornar mais profundo o silêncio que havia à sua volta. Nas sombras por baixo da galeria do órgão, Starling viu a pessoa com quem se fora encontrar.

Rachel Weekes estava de pé, junto de um pilar maciço, apoiando-se ora num pé ora noutro e com o rosto arrepanhado de preocupação.

Starling sentiu a sua aversão aumentar. A mulher não poderia parecer mais conspícua, com mais ar de quem tinha um segredo. Tinha os braços cruzados apertadamente contra o corpo alto e estreito; o seu rosto estava branco em contraste com o chapéu verde desbotado que condizia com a peliça esmaecida. Starling avançou para ela com tal determinação que teve a satisfação de ver a Sra. Weekes retrair-se e recuar. *Por esta criatura sem mamas, Richard começou a bater-me em vez de me amar.*

— Obrigada por ter vindo — disse a Sra. Weekes, baixinho. —

Depois de ter deixado a mensagem, não tinha a certeza que… — Não terminou a frase, com desconforto.

— Não tinha a certeza que eu soubesse ler? — adivinhou Starling.

Sentiu a boca repuxar-se para um lado, com repugnância. — Bem, sei.

Melhor do que a maioria. E também tenho uma boa caligrafia —

acrescentou ela.

— Tenho a certeza que sim — disse Rachel, e Starling sentiu crescer a irritação, ser apanhada a vangloriar-se.

— Bem, estou aqui. O que quer? — disse ela. Rachel Weekes estava a fitá-la de forma estranha, e Starling lembrou-se da nódoa negra na cara.

Uma floração rosada onde Dick a atingira, que lhe inchara a maçã do rosto e lhe raiara de sangue o olho daquele lado.

— Alguém te espancou? — deixou escapar a mulher, com súbita

consternação. Starling demorou algum tempo para decidir o que dizer e o que não dizer.

— Sim, alguém me bateu; um soco, não um espancamento. Por ter falado, minha senhora. Por isso, vamos lá tornar clara a razão deste encontro, para me poder ir embora e ninguém se armar em esperto.

— Alguém te bateu por falares comigo? — A expressão de Rachel Weekes era de incredulidade. — Quem?

— Não consegue adivinhar? — disse Starling. Olhou furiosamente para a Sra. Weekes, e teve a satisfação de ver, pelos seus olhos, que na verdade conseguia adivinhar.

— Não acredito em ti — sussurrou ela.

— Oh, acho que acredita, sim. — Starling observou a mulher a remexer-se com inquietação. Respirou fundo. — O que quer de mim?

Ele disse-me para nunca mais falar consigo, nem a abordar. Não acho que lhe tenha ocorrido que a senhora me iria abordar a mim.

— Tu e o meu marido são… vocês são… — Não conseguiu forçar-se a dizer a palavra.

— Fomos amantes. Sim. Mas não desde que casaram. — Starling lançou um breve olhar ao crucifixo por cima do altar, no caso de Jesus a poder ouvir.

— Quanto tempo antes de casarmos é que vocês… vocês…

acabaram…? — A voz da mulher estrangulou-se num sussurro, tremendo de emoção. Starling não se retraiu.

— Dois dias antes. Ele casou consigo ainda com o meu odor, acho eu.

O coração de Starling contraiu-se perante a crueldade das suas próprias palavras, com a emoção de ser capaz de ferir assim a sua rival.

Também eu fui ferida. Mas, no instante seguinte, sentiu-se esvaziada. A Sra. Weekes estendeu uma mão para se equilibrar contra a parede; o seu rosto ficara cinzento, e tão cheio de horror que Starling sentiu de imediato necessidade de fazer as pazes. Tentou resistir. *Alice abraçá-la-ia, e chamar-lhe-ia sua irmã, e confortá-la-ia. Mas eu não sou Alice.*

Ainda assim, sentiu fraquejar a sua determinação e escoar-se a sua raiva.

A mulher pareceu-lhe abjeta na sua miséria. Starling quase lhe estendeu a mão, mas não conseguiu fazê-lo.

— Sra. Weekes… — disse ela, mas não estava certa do que poderia acrescentar. A mulher levantou os olhos, na expectativa. — Não está furiosa? — acabou por dizer. — Não está furiosa comigo? Com ele?

— Apenas estou furiosa comigo mesma — disse Rachel Weekes com voz tensa e trémula. — Fui uma idiota. Uma completa idiota. E isso não pode ser desfeito, pois não? Não pode! — Dissolveu-se numa tormenta de lágrimas. O sacristão olhou para elas com curiosidade, e Starling fê-la calar-se, conduzindo-a mais para o fundo das sombras.

— Chhiu! Baixinho, as pessoas estão a olhar. O que é que não pode ser desfeito?

— O casamento! — arquejou Rachel Weekes, entre soluços que lhe sacudiam o peito.

— Bem, não. Isso é verdade. Fui idiota suficiente para o amar, mas, pelo menos, não idiota suficiente para casar com ele — disse Starling, quase para si própria. *Mas teria sido, se ele tivesse pedido.*

Nesse caso, teria sido suficientemente idiota. Perante isto, Rachel acalmou-se mais e parou de chorar.

— Amava-lo? — disse ela. Starling fitou-a em silêncio. — Então, tratou-te muito mal… — Olhou para o ferimento no rosto de Starling, e pareceu disposta a começar a chorar outra vez. Starling tentou distraí-la, e ficou surpreendida por ouvir palavras de Bridget saírem da sua boca.

Tive duas mães, uma macia, outra dura.

— Bem, não vale a pena chorar sobre leite derramado — disse ela ironicamente.

Para sua surpresa, Rachel Weekes riu-se; um rebate de riso assustado.

— A minha mãe costumava dizer isso — disse ela.

— Todas as mães o dizem mais cedo ou mais tarde, calculo eu —

disse Starling. — O que está feito, está feito; agora não há nada entre eu e ele. Tanto quanto sei, tem-lhe sido fiel, desde que casaram.

— Não. — Rachel abanou a cabeça. — Fui muito enganada. Mas, talvez me tenha sobretudo enganado a mim mesma — murmurou ela.

Pareceu mais calma, abatida. Starling sentiu uma pontada de preocupação.

— Não o confronte acerca disto, está bem? Não lhe diga que nos encontrámos, por amor da santidade! Iria correr mal para ambas. Tem de jurar que não conta!

— Não vou dizer. Não… o confrontarei — disse Rachel Weekes.

— Não posso ficar aqui o dia todo, tenho de voltar para casa. O que queria de mim? Saber que casou com um patife? — disse Starling.

— Não, não era isso… — A Sra. Weekes limpou o rosto com os

dedos enluvados, e respirou fundo. — Queria conversar contigo acerca de Jonathan Alleyn. E acerca de Alice Beckwith.

Starling ficou paralisada quando ouviu a menção dos dois nomes em conjunto. Não se conseguiu lembrar da última vez que ouvira falar deles na mesma frase. *Jonathan e Alice. J & A; gravados para sempre no tronco da árvore dos amantes.* Engoliu em seco.

— Sim? Que têm eles?

— Quando falámos anteriormente, na casa, disseste-me que a Menina Beckwith tinha sido demasiado boa para este mundo.

— Disse a verdade. E depois?

— Pensas que ela… está morta, então? — Rachel Weekes parara de chorar, e agora havia uma estranha luz nos seus olhos, uma avidez estranha de que Starling desconfiou.

— Sei que ela está morta.

— Como sabes? Continuaste em contacto com ela depois de ela se escapulir?

— Depois de ela…? Não, não percebe nada! Ela nunca se escapuliu. Nunca teve outro amante, e nunca deixou a casa dela com outro… Ela foi morta! Essa é a verdade! — Sempre que falava disso, o pulso de Starling acelerava com desespero; a terrível frustração de saber a verdade, mas não ser acreditada por ninguém. Mas os olhos de Rachel Weekes tinham-se arregalado com o choque.

— Foi morta? Queres dizer… assassinada?

— Sim, assassinada! Por Jonathan Alleyn!

— Por… meu Deus, não podes estar a falar a sério! — disse Rachel Weekes sem fôlego.

— Não diria uma coisa destas de ânimo leve.

— Mas… o que aconteceu? Vais contar-me? — disse ela.

Starling fitou-a por um momento e percebeu que nunca ninguém lhe pedira para descrever aquele dia anterior.

A última vez que Starling a vira, Alice estivera a enrolar a parte da frente do cabelo em trapos antes de ir para a cama; a envolver pacientemente cada madeixa em volta de uma faixa de pano, e depois enrolando-a para cima e atando-a junto do couro cabeludo. A parte de trás, deixou-a solta, suspensa entre as omoplatas. Quando ela desenrolava os trapos de manhã, os caracóis nunca ficavam tão esmerados como ela os queria —

o seu cabelo era demasiado fino, teimosamente liso. Na maior parte das noites, Starling não acordava quando Alice subia, mas naquela noite,

naquela última noite, acordou de um sonho em que corria incansavelmente, para ver a irmã no toucador, arranjando o cabelo desta forma. De imediato, Starling sentiu-se a salvo. O sonho, embora quase tivesse sido maravilhoso, deixara-a com a sensação incómoda de que ela não era muito normal, nem muito real. Mas lá estava a palidez macia da pele de Alice no espelho, e a forma como encolhia os dedos dos pés e atravessava os pés para um lado do banco, e de novo tudo era real e estava certo.

O Sol matinal acordou Starling, lançando-lhe um dardo de luz sobre o rosto, através de uma abertura entre as portadas. Um Sol invernal, baixo e frio, que lhe disse que dormira de mais. Era o início de fevereiro, do ano 1809. A cama de Alice estava já vazia, pelo que Starling se apressou a sair de debaixo dos cobertores, retraindo-se

com o frio que estava no quarto, enfiou o vestido de lã de todos os dias e meias, e desceu as escadas para ajudar. Bridget estava no fogão, a fazer panquecas para o pequeno-almoço numa frigideira preta de ferro.

— Olá, Bridget — disse Starling a bocejar. — Onde está a Alice?

— Já a pé e por fora, desde manhãzinha cedo — disse Bridget, sempre ríspida e maldisposta àquela hora do dia; as costas doíam-lhe durante uma ou duas horas depois de se levantar. — Ouvi-a ir. Não deixou sair as galinhas, nem lhes deu de comer — resmungou ela.

— Eu faço isso. — Starling lançou o xaile sobre os ombros, atou os cabelos num nó na nuca e enfiou os pés nas socas. Havia gelo no solo e nas árvores, gelo a refulgir em todas as gavinhas das clematites bravias que cresciam ao longo do muro da frente do pátio. A sua respiração fazia nuvens em miniatura contra o azul brilhante do céu. Alice adorava manhãs assim — frescas, sossegadas e belas; ela não sentia o frio tanto como parecia que deveria sentir. Starling procurou, mas Alice não estava em nenhum dos celeiros, no chiqueiro ou no estábulo com o cavalo.

Protegeu os olhos e perscrutou o rio, à procura do clarão de cor denunciador que assinalaria a aproximação de Alice — o seu cabelo brilhante, o vestido azul, o quente xaile rosa-pálido de lã, que ela por vezes enrolava na cabeça quando estava aquele frio, rindo e dizendo que daria uma bela pastora. Não havia quaisquer sinais. Com um arrepio, Starling deu de comer às galinhas e soltou-as, recolhendo rapidamente os ovos e apressando-se a voltar para dentro.

Alice não regressou a tempo do pequeno-almoço. Bridget e Starling tomaram-no sem ela, nenhuma delas admitindo qualquer preocupação.

Starling não queria trair-se, não queria ser a primeira a dizê-lo; como se quem primeiro exprimisse medo fosse a responsável pela sua

causa. Mas, à hora do almoço, as duas mulheres, Bridget, com mais de cinquenta anos, e Starling, apenas com treze, desistiram de fingir que tudo estava bem. Gradualmente, pararam os seus afazeres para irem até à janela da cozinha olhar, esperançosamente. Nessa altura, sol já derretera o gelo; o mundo era verde e castanho e de novo cinzento, sem graça e desinteressante. Incapaz de conter a língua durante mais tempo, Starling respirou fundo e virou-se para encarar a mais velha.

— Bridget, onde está ela? — disse com uma voz sussurrante. Por um momento, Bridget não respondeu. Trocaram um olhar de comum mal-estar. Depois, Bridget aclarou a garganta.

— Vai até à aldeia e pergunta a uns quantos.

— Estava um gelo esta manhã… e devia estar escuro quando ela saiu. E se caiu? E se lhe aconteceu alguma coisa má?

— Nesse caso, iremos encontrá-la e ralhar com ela pela sua falta de bom senso — disse Bridget, secamente. — Vai lá à aldeia.

Assim, Starling correu as lojas, do talho ao padeiro, detendo toda a gente que encontrou pelo caminho. Caminhou ao longo do rio e do canal uma boa distância em ambas as direções, perguntando a pescadores, barqueiros e vagabundos. Atravessou a ponte e perguntou ao moleiro e ao portageiro; bateu à porta do presbitério, e foi espreitar à igreja.

Retesou-se e entrou na estalagem, o que nunca anteriormente fizera sozinha. Perguntou às raparigas que serviam, ao gerente, aos viajantes que comiam guisado com batatas. Ao pôr do sol não conseguia pensar onde mais poderia ir, a quem mais poderia perguntar. *Ela vai estar em casa quando eu voltar. Um contratempo qualquer atrasou-a, nada mais.*

Imaginou Alice sentada junto ao lume, com uma chávena de chá quente nas mãos e um tornozelo torcido apoiado diante de si. Imaginou-o tão claramente que, quando correu, com a sua pressa,

de volta à quinta, irrompeu na cozinha completamente sem fôlego, e não conseguiu compreender a razão de o compartimento estar às escuras, o lume apagado, e Bridget ainda de pé à janela, com a cara arrepanhada de medo. Nesse preciso momento, o chão pareceu tremer debaixo dos seus pés, e, subitamente, tudo lhe pareceu frágil. Sentiu-se enjoada e desamparada, e um pânico de dedos afiados arranhou-lhe as entranhas.

— Temos de enviar mensagem ao Lorde Faukes de manhã, se ainda não houver sinal dela. Ele saberá o que fazer — disse Bridget, num tom

vazio.

Nenhuma delas conseguiria ir para a cama, pelo que ficaram sentadas na cozinha durante a noite, geladas e sem sono, até o Sol despontar de novo. Continuava a não haver sinal de Alice. Bridget deu três moedas ao jardineiro para levar uma mensagem diretamente ao Lorde Faukes, em Box, e meia hora depois o chocalhar do portão da frente fez erguer as duas da cadeira, com a esperança a invadi-las. A porta foi aberta antes de terem conseguido chegar até ela, e a pessoa que a atravessou deteve-lhes os passos.

— O que significa… — começou Bridget a dizer, interrompendo-se logo, espantada.

— *Sr. Alleyn?* — soprou Starling, não querendo acreditar que era ele.

— Onde está ela? Onde está ela? — arquejou Jonathan Alleyn, com dificuldade em respirar. Entrou pela cozinha adentro a cambalear, olhando loucamente em redor como se Alice pudesse estar escondida atrás da mesa. Tinha arranhões e cortes nas costas das mãos, cobertos de porcaria. — *Alice!* — gritou ele. E depois o seu cheiro chegou até elas, e ficaram ainda mais chocadas. Starling bateu as palmas das mãos diante do nariz e da boca.

— Os santos nos protejam! Tresanda a matadouro — gritou Bridget.

Na verdade, o cheiro que emanava dele era pior que o do sangue.

Cheirava a sangue e a podre; a excremento, putrefação e imundície. As suas roupas — a casaca vermelha do exército e calças — estavam tão manchadas e amarfanhadas que era difícil reconhecê-las. O seu cabelo estava comprido e empeçado, a barba por fazer. Por baixo das roupas, o seu corpo parecia feito de varas e cacos; não havia maciez, não havia carne. A pele que conseguiam ver por trás da sujidade e dos ferimentos era sinistramente branca-acinzentada. Tinha um longo rasgão no ombro da casaca, e, debaixo dele, uma escuridão confusa que deitava o cheiro pior.

Engasgada, Starling seguiu-o quando ele irrompeu pela sala adentro.

— Alice! — gritou ele para a sala vazia. Starling pôs-se no caminho, obrigando-o a parar.

— Sr. Alleyn! Como é que está aqui… aqui e não na guerra? Onde está Alice? Esteve com ela? — perguntou-lhe com desespero. Jonathan baixou os olhos para ela e pareceu não a reconhecer de todo. Os seus

olhos estavam febris e loucos; as mãos que a agarraram pelos ombros tremiam violentamente, mas tinham uma força inumana.

— Onde está ela? A carta que escreveu… não pode ser. Não acredito! Onde está ela? — A sua voz elevou-se, passando do sussurro ao grito, fazendo voar saliva dos lábios. Cravou-lhe as unhas.

— Não sabemos onde ela está! Sabe? Viu-a? O que aconteceu? —

disse Starling, com palavras distorcidas pelas lágrimas que surgiram subitamente, quase lhe sufocando a garganta. — O senhor não está bem, Sr. Alleyn… *por favor*… — Mas Jonathan empurrou-a para o

lado, deixando um rasto de fedor atrás de si até que ele se entranhou em todos os cantos da casa. Quando, por fim, regressou à cozinha, Starling estava colada a Bridget, assustada e confundida.

— Tenho de a encontrar. Tenho de lhe dizer… — disse Jonathan indistintamente. Parecia estar a perder o controlo da língua; os sons que fazia eram estranhos e desarticulados.

— Está a arder com febre — disse Bridget baixinho. — Não podemos deixá-lo partir neste estado. — Ao ouvir isto, a cabeça de Jonathan saltou e fitou-as com uma expressão selvagem.

— Quem são vocês? O que fizeram a Alice? *O que fizeram?* —

vociferou ele. Isto pareceu tirar-lhe as últimas energias. Tinha a mão sobre o sabre, tentando soltá-lo da bainha, quando se afundou sobre os joelhos. — Não me podem manter aqui — sussurrou ele. E depois tombou.

Algumas semanas depois, quando o medo de ter sucedido alguma coisa de mal a Alice evoluíra para um sofrimento agónico, o doloroso tormento de não saber, Starling arranjou forma de ver Jonathan novamente. Ela e Bridget tinham-se visto forçadas a abandonar a quinta em Bathampton, e Starling estava ao serviço do Lorde Faukes, na casa de Box. Ela precisava de estar perto de Jonathan, uma vez que ele era o seu melhor elo de ligação a Alice. Precisava de estar perto dele, porque ele poderia começar a procurá-la. Ele poderia erguer-se e negar as histórias que andavam a contar acerca dela, e ser acreditado. Poderia fazer *alguma coisa.* E quando Alice voltasse, e encontrasse a quinta em Bathampton entregue a estranhos, Starling tinha a certeza que viria a Box em segundo lugar. Viria procurar Jonathan e o Lorde Faukes. Ela viria pela sua irmã.

Jonathan esteve inconsciente durante dias, e os médicos entravam e saíam do seu quarto. Durante dias, depois disso, ele não veria ninguém.

Starling foi obrigada a esperar, procurando distrair-se com impaciência.

Quando por fim se esgueirou para o seu quarto, estava muito mudado. O

cheiro desaparecera; estava limpo, os ferimentos ligados. Podia levantar-se, e andar — ela vira-o. Mas não andava; não montava. Não fazia nada.

Quando Starling lhe apareceu no quarto, ele não pareceu pensar que era errado. Se ficou surpreendido ao vê-la passar da sua vida secreta em Bathampton para a sua vida quotidiana em Box, não mostrou qualquer sinal disso.

— Sr. Alleyn, porque não a procura? — sussurrou ela.

Desde que perdera Alice, Starling estava menos segura de si, era menos valente. Estava menos segura de tudo à sua volta, exceto do facto de Alice não a ter abandonado de livre vontade. E estava terrivelmente, terrivelmente sozinha.

— Não vale a pena — disse ele com rudeza, sem olhar para ela. Por um momento, a sua boca continuou a mexer-se, como se fosse dizer mais alguma coisa. Encolheu-se; os olhos estavam inchados, e tinham perdido a chama. — Foi-se embora — acabou ele por dizer.

— Não pode acreditar no que andam a dizer acerca dela. Não pode acreditar que tinha um amante, e que fugiu com ele. Não pode!

— Não posso? — disse ele, marcando bem as palavras. Abanou a cabeça. — A carta que ela me escreveu — disse ele. — Quem dera que me pudesse recordar! E o senhor meu avô, e a minha mãe. Todos contam a mesma história. E até Bridget a confirmou…

— O quê? Recordar o quê? O que é que Bridget confirmou? —

Starling sentia o coração fraco e danificado. Quando ele bateu como costumava bater, temeu que se fosse partir em dois. A cabeça doía-lhe insuportavelmente, da incredulidade, do choque e do desespero.

— Ela partiu com outro. Foi-se embora.

— *Nunca* o faria! Sabe disso. Sr. Alleyn, ela ama-o! Quer casar-se consigo, é tudo o que ela sempre quis! E ela fez de mim a sua irmã…

nunca nos abandonaria assim! Porque não anda à procura dela? Como pode acreditar neles? O senhor sabe que não é verdade! O senhor sabe!

— Ela agarrou-lhe o braço para o fazer ver. — Alguém a levou! Ou lhe fez mal! Faça qualquer coisa!

— O que queres que eu faça, Starling? — Com uma torção, Jonathan libertou o braço do aperto dela. Duas das suas unhas dobraram-se para trás e partiram-se, mas ela não sentiu nada. — Chamas mentiroso ao meu avô? E à minha mãe? Pões em dúvida o que Bridget viu? Pões em dúvida a carta que Alice me escreveu? Pões em dúvida todos os

elementos que provam que ela fugiu? — O rosto dele era um emaranhado, e as lágrimas corriam-lhe por ele.

— Sim, ponho em dúvida. Como pode não pôr?

— És uma idiota, rapariga. Ela amava-me tanto quanto era tua irmã.

As duas coisas eram um mentira! Era tudo uma ficção — disse ele, e Starling recuou, atingida.

— Que carta foi essa que ela lhe escreveu? Onde está? Deixe-me lê-

la — exigiu ela.

— Eu… — Ele hesitou, franzindo o cenho. — Perdi-a.

— Perdeu-a? O que dizia ela?

— Não… não me consigo lembrar. Eu não estava… eu não estava em mim…

— Mas agora está bem. Por favor. Tem de fazer alguma coisa. Tem de tentar encontrá-la. Pode ter-lhe acontecido qualquer coisa, pode ter sido levada pelos ciganos… ou pode ter sido ferida por ladrões, algures… Tem de procurar, Sr. Alleyn! Não é possível que acredite no que está a dizer!

— Basta! Não vou ouvir mais nada. Ela foi-se embora! Ouviste?

Foi-se embora.

— Não! Não, não foi. Ela não iria — gemeu Starling, cega pelas lágrimas.

— Sim. Foi-se embora. — Nesse momento, Jonathan fitou-a nos olhos com tal convicção e desespero que Starling sentiu germinar as sementes de uma suspeita terrível.

E, à medida que os meses passaram, e Jonathan regressou à guerra em Espanha, e nunca chegou qualquer mensagem, a sua suspeita cresceu e voltou a crescer, florescendo como as ervas no chão devastado da sua dor. Pois, mesmo que Starling se permitisse pensar que Alice a pudesse abandonar, não acreditava que ela se fosse tão completamente, que nunca enviasse uma palavra. Nunca enviasse uma mensagem de despedida, ou a explicar porque agira em segredo. Mas nenhuma mensagem jamais chegou, e ninguém na casa de Box voltaria sequer a falar de Alice Beckwith, e Starling não conseguia compreender a razão por que Jonathan, que amara Alice, podia acreditar no que era dito sobre ela. Não *acreditava* que ele acreditasse. Assim, quando voltava a pensar nos seus olhos arruinados e no modo frio e acre como dissera *ela foi-se embora*,

pareceu-lhe que ele tinha de saber mais. Que tinha de saber coisas que não diria.

Houvera sangue nas suas mãos quando fora à quinta naquele dia, muito sangue. Salpicos e manchas de sangue cobriam-lhe a roupa toda. E

entrara num delírio, demente; falara numa carta que ninguém, a não ser ele, vira ou lera, cujo conteúdo o perturbara terrivelmente, mas do qual, agora, afirmava não se recordar. Porém, uma parte de si continuava ainda a confiar nele; manteve essa confiança durante mais três anos até ele regressar de novo, quando o ferimento na perna fez com que a guerra terminasse para ele. Uma parte de Starling não acreditava que Jonathan poderia fazer mal a Alice. Até que aquele homem, que ela já não conhecia, lhe bateu ao ouvi-la mencionar o nome de Alice. Até que ela o ouviu dizer aquilo em voz alta, clara como o dia. *Ela morreu.* Então, toda a confiança se desvaneceu e, com ela, toda a esperança.

Houve uma pausa depois de Starling terminar a sua história, e ela olhou sobre o ombro para se certificar de que o sacristão e o guarda não estavam a ouvir. Rachel Weekes parecia estupefacta. Abanou a cabeça lenta e meticulosamente.

— Como pode isso ser? A Sra. Alleyn diz que o filho teve conhecimento da desgraça de Alice quando estava a combater além-mar… Nem sequer estava no país. Ou estás a dizer que ele a matou depois de ela ter fugido?

— Não, não. — Starling sacudiu a cabeça com frustração. — A Sra.

Alleyn mente para encobrir o filho… não quer que isto seja verdade, claro que não quer. É uma nobre senhora, mas, como mãe, a sua lealdade é, em primeiro lugar, para com o filho… Ele já cá estava! Alice teve notícia de que os homens tinham regressado, e que ficavam em Brighton para recuperar da luta. Ela escreveu-lhe para lá… não sei o que ela disse.

Mas ele foi a Bathampton no dia a seguir a ela ter desaparecido. Logo no dia a seguir!

— Espera — disse Rachel Weekes, abanando a cabeça. — Não consigo perceber-te… ele matou-a porque ela amava outro?

— Não! — disse Starling, mais alto do que tencionava. Várias cabeças se viraram na direção delas. — Não, ela não tinha nenhum outro amante. Nunca teve, eu saberia disso se ela tivesse. — Starling sentiu uma pequeníssima pontada de dúvida ao dizer isto. Recordou-se do que Bridget dissera — o que ela afirmara ter visto. Pensou na forma como denunciara Alice a Bridget depois de ter descoberto a árvore dos amantes, e a vergonha queimou-lhe as entranhas. Poderia Alice ter-lhe ocultado coisas, depois de ela se ter revelado tão indigna de confiança?

— Então, porque haveria ele de a matar?

— Eu… acho que ela poderia ter tentado romper com ele. O

noivado, que era secreto. Sei que a família não aprovava o casamento.

— Não, de facto.

— Depois de o Sr. Alleyn ter partido para a guerra, Alice foi, um dia, à casa do Lorde Faukes em Box. Onde vivia a Sra. Alleyn, bem como Jonathan. Nunca mais foi a mesma depois de ter regressado de lá, naquele dia. Acho que o Lorde Faukes lhe disse redondamente que não poderia casar com Jonathan. — *E o que o Lorde Faukes queria, o Lorde Faukes tinha.* Starling afastou a recordação, com um nó a formar-se na garganta. — Deve ter havido alguma razão grave, alguma ameaça terrível… ou talvez fosse alguma coisa que Jonathan tenha dito ou feito, talvez fosse ele o traidor! Mas fosse qual fosse a razão, creio que ela escreveu a Jonathan a romper.

— Isso foi o que o Capitão Sutton me disse. Que o Sr. Alleyn recebeu uma carta dela em Brighton, e partiu imediatamente para Bathampton.

— Quem é o Capitão Sutton?

— É um amigo do Sr. Alleyn, ou era. Estiveram no exército juntos, e o meu marido conhece-os. Eu… eu e a mulher dele tornámo-nos amigas.

À menção de Richard Weekes, ambas ficaram em silêncio por um momento. Starling sentiu crescer-lhe um rubor na face. Sentiu-se absurdamente embaraçada, e ciumenta, por Rachel Weekes partilhar um conhecimento com Jonathan sobre o qual ela não sabia nada. *Louca. Ele não é teu animal de estimação, nem teu prisioneiro.* Mas, na verdade, era assim que ela acabara por pensar nele — como sua propriedade. Ele estava no centro de todos os seus pensamentos; ele, e o que ele tinha feito.

— Aí tem a prova — disse ela, meio sufocada. *Porquê, Alice?*

Porquê?

— Ela disse que, na verdade, Jonathan recebeu as notícias muito mal.

— Sim. Suficientemente mal para a matar.

— Mas certamente… se ele tivesse feito alguma coisa tão terrível, o seu crime não teria sido descoberto? O corpo dela teria sido descoberto algures…

— Não necessariamente. — Starling engoliu contra um súbito nó na

garganta. — Se ele a tivesse lançado ao rio, e se ela tivesse sido levada para longe antes de ser encontrada… se fosse encontrada… ninguém saberia quem ela era. E ninguém andava à procura de um

corpo… todos pensaram que ela tinha fugido com outro, porque essa foi a história que puseram a circular.

— Posta a circular por quem?

— Por Jonathan Alleyn, e a mãe. Pelo Lorde Faukes. Pelas mexeriqueiras de Bathampton, que sempre se perguntaram acerca da pobre Alice, e saltaram à possibilidade de a diabolizar. — *Por Bridget.*

Oh, como pudeste tu, Bridget?

— Continuo a não compreender porque pensas que não foi assim —

disse Rachel Weekes. Ainda aquela estranha urgência nos olhos, mais feroz que nunca.

— Eu *sei* que não foi assim, porque eu conhecia Alice. Ela *nunca* teria traído Jonathan. Ela nunca teria traído ninguém. Ela amava-o, e foi-lhe fiel toda a sua vida. Ela amava o seu lar, e amava… amava-me a mim, e amava Bridget. Nunca se teria ido embora, nunca nos teria deixado a todos. *Nunca*.

— Estás muito segura. — Não era uma pergunta, e uma calma repentina apoderou-se de Starling. *Ela não troça; ouve.*

— Sei isto como sei que o Sol nasce a leste — disse ela.

Rachel Weekes estava a observar Starling com uma espécie de continuado assombro. As lágrimas tinham-lhe deixado o rosto com manchas, mas os olhos tinham secado; pareceu considerar várias coisas diferentes para dizer antes de escolher uma.

— Jonathan Alleyn é uma alma torturada… ele disse-me que desejava desfazer coisas que tinha feito. E há nele muita violência, já a vi. Mas fazer uma coisa tão horrível… Acreditas sinceramente nisso?

Afirmarias que a Sra. Alleyn mente para encobrir o crime dele? Que tem feito isso todos estes anos?

— Sim, ela mente. Claro, que outra coisa faria uma mãe? Jonathan é tudo o que ela tem neste mundo, afinal, especialmente agora que o pai morreu. — *Nisso somos parecidas; embora os nossos corações sejam mundos separados.*

— Quando morreu o Lorde Faukes?

— Faz sete anos que foi enterrado. — *Sete anos que peço a Deus ele tenha passado a assar.* Starling lutou contra o impulso de cuspir à menção do seu nome. — Jonathan Alleyn amou Alice um dia. Mas ficou

diferente depois da guerra; não era o mesmo homem, e nunca mais foi desde então. Notou como ele se comportou quando a viu pela primeira vez! Também a poderia ter matado.

— Pois poderia — murmurou Rachel. O seu olhar era distante, mas os pensamentos voavam por trás dos seus olhos. — Mas porque não o denunciaste, se tens a certeza do seu crime?

— Uma acusação pública? — disse Starling, num tom desgostoso.

— Quem acreditaria na palavra de uma criada contra pessoas como eles?

Ninguém. E eu perderia a minha posição, e qualquer acesso ao homem.

Porque me está a perguntar tudo isto? Para conhecer o homem a quem deve confortar? — inquiriu Starling, subitamente suspeitosa. Rachel Weekes remexeu os pés, com um ar quase envergonhado.

— Sim, para o conhecer… para saber com o que estou a lidar. Mas também para conhecer… para conhecer Alice. Aquela com quem

partilho o rosto. Aquela a quem ele amou tanto. Diz-me, quem eram os pais dela? A Sra. Alleyn disse-me que ela era filha de ninguém.

— Ela disse isso? — Starling mordeu o lábio por um momento. —

A própria Alice também muitas vezes se perguntava acerca disso, mas nenhuma de nós sabia quem eram os pais dela. O Lorde Faukes nunca o revelaria.

— E era a única pessoa que teria sabido, suponho.

— Ele e os próprios pais, quem quer que fossem. Mas para conhecer Alice, precisa de saber apenas isto: que toda ela era bondade, toda ela era decência; toda generosidade e uma alma gentil. — Starling respirou fundo, balançando na beira escorregadia do abismo de dor dentro dela. Temia que, se caísse nele, nunca mais conseguiria subir.

Recompôs-se. — Alice teria perdoado Jonathan por a ter matado. Era assim que ela era. Perdoava as pessoas… não havia nela qualquer maldade. Nem rancor ou despeito. Para conhecer Jonathan Alleyn, apenas precisa de saber isto, que entre o amor e o ódio existe somente uma linha ténue.

— Então estou casada com um mentiroso, isso nós sabemos, e sou provavelmente empregada de um assassino — disse Rachel Weekes, assimilando estas palavras. A sua voz era pesada e infeliz, mas nela não havia medo. Starling fitou-a com curiosidade.

— Então, acredita no que lhe disse? Que ele a matou?

— Nós… não temos ainda a história completa do que se passou entre eles, tenho a certeza, e rezo para que não seja assim. Mas acredito

que ele o poderia ter feito.

Durante um longo momento, as duas ficaram ali, nas sombras da igreja, a olharem-se. Starling não estava certa do que deveria dizer mais, e parecia que Rachel Weekes também estava confusa.

— Não seria prudente encontrarmo-nos de novo — disse Starling baixinho.

— Mas vou estar na casa muitas vezes. Estarei lá na próxima quarta-feira… se quiseres falar comigo outra vez.

— Foi a senhora que quis falar comigo, lembra-se? — salientou Starling, e viu Rachel Weekes retrair-se, atingida.

— Mas estou bem colocada para tentar descobrir a verdade das coisas, não estou? — ousou ela dizer.

— Porque haveria eu de querer fazer isso? — A suspeita cintilou de novo em Starling.

— Porque… — A Sra. Weekes interrompeu-se. Os seus olhos perscrutaram o rosto de Starling, como se a resposta estivesse lá, e Starling sentiu qualquer coisa tremer-lhe na boca do estômago, como faíscas de alegria que desapareciam assim que se iluminavam. *Oh, deuses, mas ela é a imagem igual da minha irmã.* — Achei, desde que entrei pela primeira vez naquela casa, que ela parecia congelada; adormecida, ou talvez apenas à espera — disse Rachel Weekes. — Agora compreendo o que fez o tempo parar. Foi Alice, e a forma como desapareceu. Ela assombra aquela casa… assombra Jonathan Alleyn e a sua mãe. Tais segredos… — Fez uma pausa, abanando a cabeça ligeiramente. — Dizem-me… dizem-me que tenho de continuar a ir lá, mas eu… não *consigo* fazê-lo e não saber a verdade — disse ela veementemente. — A verdade libertar-nos-á — murmurou ela. — Talvez ela me consiga libertar.

— Não creio que a *Bíblia* se referisse a verdades tão negras como estas — disse Starling. Rachel Weekes franziu o sobrolho, obviamente a pensar.

— Mas passaram doze anos desde que Alice foi vista… Em doze anos não descobriste nada de novo? — disse ela.

— Doze anos difíceis, garanto-lhe — disse Starling com uma expressão carrancuda, à defesa. — Fiquei ao serviço apenas com essa finalidade… apenas para manter por perto o meu inimigo. Passaram nove anos desde que o Sr. Alleyn regressou da guerra de vez, e estava mais do que meio louco quando isso aconteceu. Tive conversas com ele,

nessa altura, de que ele afirma agora não se lembrar… não se lembrar de todo. Depois, durante anos, esteve quase insensível devido ao ópio…

Esteve a sonhar durante quatro anos, e bebeu o resto…

— Ele não se recorda desse tempo? Então… não é possível…

— Que não se lembre de a ter matado? — Starling abanou a cabeça.

— Não acredito nisso. Talvez deseje esquecer, mas não acredito que tenha esquecido. Que *pudesse* ter-se esquecido!

— Então acreditas que é esse conhecimento o que o atormenta tanto?

— Não deveria atormentá-lo saber que matou a pessoa que mais o amava no mundo?

— Mas ele sabe que suspeitas dele? Então… como podes estar a salvo lá? Como podes não temer o que ele te possa fazer?

— Não precisa de recear por mim. Eu consigo lidar com Jonathan Alleyn.

— Passou tanto tempo desde a perda de Alice — disse Rachel Weekes. Estudou atentamente Starling com os olhos cheios de misericórdia, e Starling retraiu-se. Ninguém a fitava assim havia

anos; Alice tinha sido a última pessoa a fazê-lo. Tornava-a vulnerável, de algum modo mais fraca, como se pudesse estalar. — Como conseguiste aguentar? — perguntou a mulher.

— Que escolha tinha? — replicou Starling, secamente. *Em que me tornei nestes anos, que não suporto ser consolada?* — Se a Sra. Alleyn soubesse ao que eu andava… Mas ela mente por ele, eu sei. Ela sabe mais sobre a verdade do que aparenta.

— Talvez também minta a si própria — disse Rachel, com suavidade. — Um amor de mãe é sempre uma coisa poderosa. Tenho…

tenho de começar a conhecer a senhora, um pouco. Talvez, com o tempo, ela venha a falar.

— Não pode dizer nada do que eu lhe contei! Não a eles… eles não podem saber que eu sei, ou ver-se-iam livres de mim num instante! — O

pânico fez Starling elevar a voz. *Se me mandarem embora, se fazem isso, o que tenho eu então?* Teve subitamente a sensação assustadora de perder o controlo.

— Não vou falar com eles sobre isto. Eu… não sei o que vou fazer.

Starling pensou rapidamente. Tinha sido um alívio dizer a verdade e transmitir as suas suspeitas; não estivera interessada em recrutar uma aliada — uma pessoa com as suas próprias ideias e planos. Uma pessoa

facilmente impressionável, e com toda a probabilidade de se poder trair a si própria. Poderia deitar tudo por terra.

— Não faça nada — disse Starling. — Seria melhor se não o visse mais. Se não voltasse a Lansdown Crescent. Seria mais seguro para si, e mais fácil para mim.

— Tenho de ir. O meu marido ordena-o, e eu sentir-me-ia…

obrigada perante a Sra. Alleyn a fazê-lo, mesmo que ele não se sentisse.

O que devo fazer? — disse a Sra. Weekes. Starling ponderou durante um momento, mastigando o lado de dentro da boca. A sua incomodidade continuava, o medo súbito de mudanças não antecipadas.

— Se a senhora quisesse ser minha amiga, então eu… o Sr. Alleyn tem cartas de Alice. Todas as cartas dela, bem como as cartas dele para ela. Guarda-as numa caixa de pau-rosa do tamanho do meu antebraço, e com todo aquele caos dos dias que se seguiram ao desaparecimento dela… só quando me recompus o suficiente para a procurar, descobri que tinha desaparecido. Ninguém mais a teria tirado, e, ocasionalmente, vi-o a lê-las. Agarra-se a elas como se pudessem aliviar a culpa. Poderia haver nelas alguma pista em relação ao que a fez romper com ele. Porque se foi suficientemente grave para que ela o fizesse, então é suficientemente grave para ele a poder ter matado pelo mesmo. Por tê-lo insultado.

— Os homens matam por causa de insultos? — perguntou a Sra.

Weekes, suavemente.

— Só todos os dias. Veja se consegue descobrir onde ele esconde a caixa, e, dentro dela, as outras cartas. Todas as vezes que revistei os seus aposentos, não a encontrei… deve estar nalgum lugar secreto. Se conseguir descobrir, diga-me. Preciso de saber o que ela lhe escreveu para Brighton.

— Muito bem, vou tentar. — A expressão de Rachel Weekes traía escassas esperanças de sucesso.

— Não conte nada disto! A ninguém — sussurrou Starling ferozmente. Rachel Weekes fez um rápido e ansioso gesto de

assentimento, mas não se mexeu. *Ela não sabe aonde ir a seguir, nem o que fazer.* Starling deixou-a ali.

la carregada com uma nova e diferente mistura de emoções quando mergulhou na praça apinhada de gente. O medo ainda permanecia, mas a fúria desaparecera; agora tinha um enervante pressentimento, e uma excitação ainda mais forte, e por baixo disso tudo a incomodidade que

vinha de não ter confiado em ninguém durante tanto tempo, e subitamente descobrir a confiança assumida por outra. *Porque haveria ela de confiar em mim, mais do que eu nela? E, no entanto, confia. Não escarneceu das coisas que eu lhe contei. Não alinha cegamente com os Alleyn, como poderia fazer.* Como se o mundo tivesse dado um ligeiro solavanco e saído da sua velha rota, parecia subitamente como se o futuro pudesse ser diferente; que a vida pudesse mudar. Se para melhor ou para pior, Starling não conseguiria dizer. *Não foi isto que tive em mente quando a levei para dentro da casa? Durante doze anos, eles teceram tantas mentiras que eu não consegui penetrar. Poderia ser ela a fazê-lo?* Starling não confiava na mulher, nem a compreendia, nem um pouco, mas sentia-se menos sozinha do que se sentira antes; menos sozinha do que se sentira desde que tinha sido separada de Alice.

Rachel caminhou sem fazer ideia de para onde ia. Estava distraída; deixou que os pés a levassem e eles pararam numa calma esquina de uma rua suja, onde o lixo e o esterco se amontoavam nas valas e apenas o gelo que ocupava as poças lhe conservava os pés secos. Um gato esfomeado foi farejar-lhe as canelas, na esperança de haver comida, mas quando Rachel baixou a mão para o afagar, ele fugiu. Ela encostou-se à parede e fechou os olhos por um momento, tentando pôr os pensamentos em ordem. Ela soubera, mesmo antes de a rapariga ter falado. Soubera logo que lhe vira a nódoa negra na cara, e pensara no modo como Richard, na sua fúria, a nomeara. *Starling*. Nomeara-a apesar de, até então, ter feito todos os esforços para desviar o interesse de Rachel pela rapariga, e ter fingido

ignorar a sua existência. E ela era bastante bonita, embora o seu rosto fosse petulante e o seu cabelo ruivo desgrenhado.

Havia nela uma agudeza; a vivacidade da expressão revelava inteligência, e perspicácia. Mas Starling também tinha medo de Richard; era claro pela forma como ela fizera Rachel jurar que não revelaria o encontro. *Iria correr mal para ambas!* Rachel respirou fundo por diversas vezes para se acalmar. *E ele esteve com ela mesmo até nos casarmos. Tal como quando namorávamos e ele dizia que não poderia viver sem mim. E ela amava-o. E ele, amá-la-ia? Poderia amar, uma vez que agora lhe bate?*

Longos minutos depois, o frio começou a tomar conta dela, endurecendo-lhe os dedos, fazendo doer-lhe as articulações. Para evitar pensar em Richard, pensou, em vez disso, em Jonathan Alleyn. Durante as visitas que se seguiram à primeira, ela tinha de algum modo

descontado a violência dele para com ela como uma aberração; desde então, ele estivera muito mais calmo, mais sóbrio. De temperamento sombrio e assustador, mas nunca violento de novo; no entanto, ela não poderia negar que testemunhara nele essa tendência, mesmo que a história de Starling não tivesse o tom da pura convicção. E todas as conversas com ele transmitiram-lhe sobretudo uma coisa — que ele era torturado pelo remorso e pela autoaversão. *Poderia ele ter matado Alice?*

É isso que o atormenta tanto? A ideia fez-lhe secar a boca, e a inquietação palpitou-lhe no estômago. *Que não seja assim.* Porém, ficou confusa por descobrir que não o temia mais agora do que já temera; embora a ideia de como começaria a descobrir onde é que ele guardava as cartas de Alice Beckwith a começasse já a perturbar. A única vez que ela mencionara o nome de Alice, ele interrompera-a abruptamente. *Pelo menos, ele não é pior do que parecia ser quando o conheci, ao contrário de outra pessoa.* Desencostou-se da parede e partiu com maior determinação em direção à casa de Duncan Weekes.

O velho estivera a dormir, embora a noite estivesse no princípio; abriu a porta com uma expressão confundida e chapéu ainda na cabeça, piscando os olhos como uma coruja. A sua cara estava áspera com a barba por fazer; cheirava a pele suada, a sebo e a *brandy*.

— Sra. Weekes… querida menina… não estava à sua espera —

balbuciou ele. Endireitou-se, mas isso fê-lo fazer uma careta.

— Perdoe-me, eu… queria falar com alguém. Não deveria ter vindo a esta hora… — gaguejou Rachel. Duncan pareceu concentrar-se no rosto dela; nos seus olhos papudos e vermelhos.

— Entre, entre. — Introduziu-a na sala gelada. — Está bem?

Aconteceu alguma coisa?

— Não, isto é… sim… — Rachel levou as mãos à cara e tentou manter a compostura.

— Sente-se, por favor, Sra. Weekes — disse Duncan com gentileza.

— Esteja à vontade, aqui está segura. — Rachel levantou os olhos ao ouvir isto; pareceu-lhe uma estranha coisa para ele dizer. Como se esperasse que ela não estivesse segura noutro lado. — Tem ar de estar gelada até aos ossos. Posso servir-lhe um nada de *brandy*, para a aquecer?

— Sim, por favor. — Rachel reparou que ele também se serviu de um, bebendo-o de um trago antes de lhe passar o seu. Ela sorveu um pouco, sentiu o fogo na garganta e tossiu. Duncan fez um breve sorriso e

atarefou-se a reacender o lume, que se consumira totalmente enquanto ele dormia. Os poucos gravetos e carvões que deitou para lá eram os últimos do balde.

— Ah — murmurou Duncan, indistintamente.

— Eu vou buscar mais, se me disser onde é o depósito.

— Não, não. Não se incomode — disse ele, e pareceu tão desconfortável que Rachel depressa adivinhou a verdade.

— Há mais carvão, não há? Tem mais?

— Hoje não, hoje não — disse ele, com ânimo débil. — Tenho estado apenas a pão, ultimamente. Mas amanhã tenho algum trabalho, lá em baixo no molhe. Comprarei carvão ao final do dia e, quando a noite cair, vou estar quente como pão torrado.

— Mas, então, e hoje?

— Bem, tenho a sua companhia para me aquecer o coração, pois não tenho? — Sorriu com cansaço ao mesmo tempo que se afundava na cadeira em frente dela, e Rachel sentiu as lágrimas de novo a subirem-lhe aos olhos.

— Sr. Weekes…

— Ora, ora, nada disso. Conte-me os seus problemas, minha querida, e não se aflija comigo. Sou um pássaro velho duro de roer, vai ver.

— É… é Richard. O meu marido. — *E seu filho.* Rachel ficou subitamente indecisa sobre se haveria de continuar, mas Duncan olhou para ela com tal simpatia que as palavras lhe saíram antes de ela as poder ter impedido. — Descobri que ele… que ele andou com mulheres.

Mesmo até ao momento de casarmos! — Deixou pender a cabeça, envergonhada, e chorou de novo, tanto por embaraço como por tristeza.

Desajeitadamente, Duncan Weekes estendeu uma mão nodosa e afagou as dela, dando-lhes palmadinhas.

— Oh, minha pobre rapariga. E meu rapaz idiota! — Abanou a cabeça.

— Que devo fazer? — disse Rachel, desesperadamente.

— Fazer? — Duncan Weekes sorriu tristemente. — Bem, não pode fazer nada, minha querida.

— Não fazer nada? Mas… mas ele… mas ele…

— Diz que ele tem cumprido os votos matrimoniais?

— Tanto quanto posso saber, sim.

— Então isso é uma coisa pela qual pode estar agradecida, não é?

— disse o velho, suavemente.

— *Agradecida?*

— Minha querida menina, rapazes novos com caras bonitas, e mesmo os que não as têm, saberão sempre mais acerca… do mundo, do que as jovens senhoras. Foi sempre assim. O mundo está cheio de raparigas esgrouviadas que aceitarão uma promessa, ou até um cumprimento, como compromisso suficiente para consumar. Claro que está chocada, foi criada num ambiente bom e virtuoso. Mas uma boa porção de jovens senhoras não tem essa vantagem, e muitas são mais levadas pelos sentidos do que pelo bom senso, se me está a entender.

Richard sempre atraiu as prostitutas; e como qualquer rapaz novo, cheio de vigor e de boa saúde, esperar que ele não se entregue seria como colocar doces flores diante de uma abelha e depois ordenar-lhe que não as sugue.

— Então um tal comportamento deve ser desculpado? Aceite?

— Desculpado, não, de modo nenhum. Digo apenas que só um jovem estranho e virtuoso se encaminharia para o altar no dia do

casamento tão puro como no dia em que nasceu. Talvez seja esse o comportamento… esperado. A tristeza aqui é que descobriu tudo e ficou magoada com isso. É muito melhor que uma jovem senhora continue, no casamento, alegremente inconsciente dessas transgressões do passado.

— Quer dizer que a ignorância é uma bênção? — disse Rachel, com amargura.

— Por vezes, sim, é.

— Então, a contenção e a virtude nos homens não passam de uma ilusão.

— Não uma ilusão, mas uma realidade, minha querida. Requer apenas, agora que sabe das suas loucuras, um ajustamento do que entende por virtude. Digo de novo, ele cumpriu os votos em relação a si.

Isso não será algo de que, certamente, retira consolo?

— Talvez — disse Rachel, sem entusiasmo. Ergueu os olhos, e Duncan Weekes sorriu com remorso. — Não lhe deveria ter trazido esta queixa. É o pai dele. Foi errado da minha parte, e peço desculpa.

— Não, não foi errado. Venha ter comigo sempre que precisar.

— Nada está a sair como eu tinha previsto — murmurou ela.

— Ah, minha querida menina, isso acontece sempre! Tente apenas perdoar ao meu rapaz. O que está feito está feito, e não pode ser alterado.

Ele ama-a, tenho a certeza disso. — Rachel considerou isto, mas não

disse nada.

Ficaram durante algum tempo sentados num silêncio amistoso, enquanto na lareira as brasas começavam a fervilhar e a fumegar — o *brandy* aquecia mais Rachel do que o débil lume. Uma doce e distante canção, repetida vezes sem conta, e o choramigar ténue de um infeliz bebé soavam através do teto e das paredes. Rachel tateou o interior do bolso e tirou dele a sua bolsa. Havia lá dinheiro para comprar o jantar, e ela passou-o a Duncan.

— O que é isto? — disse ele, surpreso.

— Fique com ele, por favor. Fique com ele e compre alimento para o seu lume.

— Não precisa de me prover, minha querida. Obrigado, mas eu…

— Por favor, fique com ele, ou ver-me-ei obrigada a ir eu mesma comprar o carvão, e depois ficarei com o vestido cheio de fuligem. Fique com ele. Não está certo que Richard e eu jantemos junto a uma boa lareira, enquanto o senhor fica aqui sozinho a tremer; e eu já tive a minha conta de coisas erradas por hoje.

— Tem um bom coração, Sra. Weekes.

— Por favor, trate-me por Rachel. Somos família, não somos? — O

rosto de Duncan Weekes deixou transparecer o seu contentamento, apesar de remexer as moedas com embaraço.

— Não acho que Richard lhe vá agradecer por me dar isto, Rachel.

— Não vai ouvir falar nesse assunto. — *Com sorte, nem dará conta.* — Dir-lhe-ei que comprei fitas com ele. Fitas confundem sempre um homem, costumava dizer a minha mãe. Sabem que as mulheres devem tê-las, mas não conseguem perceber porquê. — Sorriu, e Duncan riu-se baixinho. Rachel acabou de beber o *brandy* e ergueu-se para sair, depois ocorreu-lhe uma outra ideia.

— Posso perguntar-lhe mais uma coisa? A Sra. Alleyn disse uma coisa que não me sai da cabeça. Ela disse que Richard lhe tinha sido excecionalmente leal, durante uma época de conflito. Compreendi que se referia a alguma coisa do passado, quando ambos estavam ainda ao serviço dela. Talvez não seja da minha conta, mas estou curiosa…

perguntei-me se sabia a que tempo se poderia estar a referir?

Ela ajustou as saias e o xaile, e apenas então tomou consciência de que o velho não tinha respondido. Levantou os olhos, e ficou espantada com a expressão do rosto dele. O queixo de Duncan pendia, sem energia, entreabrindo-lhe a boca; os olhos estavam muito abertos e apreensivos.

— O que é? — disse Rachel, surpreendida. Duncan abanou a cabeça ligeiramente, e fechou a boca.

— Não consigo dizer — referiu ele, com voz rude. Aclarou nervosamente a garganta e esfregou as palmas das mãos na camisa.

Rachel fitou-o.

— Sr. Weekes? — disse ela. — Sabe de que tempo ela estava a falar?

— Não, menina, não sei. O que quer que seja, foi já há muito tempo. Eu não me daria ao trabalho de magicar nisso. — Ele não a conseguiu olhar nos olhos. Apalpou os bolsos como se procurasse alguma coisa, e depois passou a língua pelos lábios gretados.

— Talvez tenha razão — disse ela com suavidade. *O que o assusta na minha indagação?* — Foi apenas uma curiosidade passageira. —

Duncan Weekes descontraiu, visivelmente aliviado, e assentiu. Ela deixou-o e voltou para a rua morta, onde a escuridão era total, o céu de um negro insondável. Regressou a Abbeygate Street com um

sentimento de apreensão que raiava o medo. Pensou no vergão na cara de Starling; pensou nos dois juntos na cama, durante todo o tempo em que Richard lhe fizera a corte. Não fazia ideia de como reagiria a próxima vez que pusesse os olhos no marido. A casa estava às escuras, e Rachel esperou um pouco na cozinha, com o jantar preparado e a mesa posta. Descobriu que não lhe apetecia comê-lo, à medida que a noite avançava e Richard não aparecia. O seu próprio alívio pela sua ausência era demasiado inquietante. *Estou ligada a ele para sempre. O que será a minha vida, se já estou contente quando ele se mantém longe?* Subiu as escadas para ir para a cama e sentou-se um pouco com a caixa de joias no colo, desprendendo cuidadosamente a madeixa de cabelo da sua mãe do forro e levando-a aos lábios. O cabelo era macio e fresco; inodoro, insensível.

Fechou os olhos e tentou convocar Anne Crofton ao quarto; tentou ouvir que conselho daria à sua filha. *Tenho de aprender a amá-lo, não tenho outra opção.* Sabia que a mãe teria dito alguma coisa semelhante, se pudesse. Em vez disso, ela articulou uma oração diferente. *É possível que a tenha encontrado, mãe. Diga ao papá — eu sei que está com ele. É*

possível que a tenha encontrado. E ela vai lançar-me uma âncora, agora que estou à deriva.

Por um segundo, Rachel quase poderia ouvir a mãe — o suave ranger do soalho debaixo dos seus pés pequeninos, de chinelos; o sibilar das suas saias e o suave ruído da sua respiração. Mas quando abriu os

olhos, o quarto estava, é claro, vazio, e ela sentiu a dor do desespero, como uma ferida que não sarava, e que cada vez ficava mais funda.

Então, inesperadamente, veio-lhe à cabeça uma recordação — a voz da sua mãe a elevar-se de medo. Rachel concentrou-se, encolhendo-se, tentando torná-la mais clara. Um dia de sol, e de água a cintilar; excitação, risos. As mãos do pai em volta das suas

costelas, erguendo-a; e depois aquele grito da sua mãe, alto e apavorado, e no rasto dele o vazio. Nada mais viria a não ser o brilho das cores do verão sobre a água: azul, verde e branco.

Rachel queria dormir com a madeixa de cabelo na mão, mas não se atreveu para não se dar o caso de a poder estragar. Para não se dar o caso de a fita se desatar, e o precioso material se espalhar. Voltou a prendê-la ao veludo, guardou a caixa na gaveta, e foi para a cama. Quando Richard chegou, era noite, Rachel não soube a hora. O quarto estava gelado, e negro como breu. Ele veio sem nenhuma vela, a tropeçar e a fazer ruído, e caiu pesadamente sobre a cama. Rachel deixou-se ficar perfeitamente imóvel, com os joelhos dobrados à sua frente e os cotovelos colados às costelas. Lutou contra o impulso de se arrastar para longe dele, e tentou respirar regularmente, para que ele pensasse que estava a dormir.

— Rachel — disse ele, num sussurro suficientemente sonoro para agitar a escuridão. Tresandava a álcool. O colchão cedeu quando ele se inclinou sobre ela; ela continuou sem se mexer, nem falar. — Rachel. —

Ele puxou-lhe o ombro, tentando fazê-la rolar para o lado dele. Resistiu por um segundo, mas depois percebeu que não o poderia fazer e, ao mesmo tempo, fingir estar a dormir. Assim, deixou que ele a virasse de costas para baixo, e não conseguiu manter a respiração regular.

Trepidava-lhe sobre o peito. Sentiu os lábios dele nos seus, a sua pele gélida da noite glacial; sentiu as mãos dele passarem-lhe desajeitadamente pelos seios, empinando cada um deles e apertando, com excessiva rudeza; baixou a mão até às entrepernas, e meteu os dedos dentro dela, e a forma casual, irrefletida, como o fez, estarreceu-a.

Continuou, porém, sem se mexer; mal respirava, agora paralisada pelo pavor do que ele poderia fazer a seguir, estivesse ela a dormir ou acordada. Sentiu-se completamente impotente para o parar, para

o dissuadir. Estava inteiramente impotente para isso, e está-lo-ia sempre.

Mas, depois, ele descaiu molemente sobre ela, pousando-lhe pesadamente a cabeça no peito. — Oh, *porquê*? — murmurou ele indistintamente. — Porque não me consegue amar?

Rachel susteve a respiração e não respondeu. Afinal, não tinha qualquer resposta para lhe dar; apenas que casara na esperança de o vir a conhecer e amar, mas quanto mais o conhecia, menos o amava. Em breve, ele adormeceu, ainda pesadamente atravessado sobre ela, tornando impossível escapar ou descansar.

Depois de se ter encontrado com Starling na igreja, e de ouvir o que ela tinha para dizer, Rachel sentiu ainda mais a ausência de Alice. Como se o espaço que ela deixara fosse uma coisa tangível, um espaço com bordos, profundidade e ecos; tão impenetrável como a forma como desaparecera, tão completamente — como uma palavra murmurada numa sala cheia de gente. Rachel sentiu-a onde quer que fosse, mas em nenhum lado tão fortemente como em Lansdown Crescent, onde os residentes teciam as suas vidas, de um modo ou de outro, em redor desse buraco. Pisando cautelosamente tão perigoso terreno. Mas Rachel sentia-a também na sua própria casa, onde Alice nunca estivera. Estranhamente, sentia a falta da rapariga do seu próprio lado; sentia a falta de Alice nas suas recordações, e nos seus sonhos de futuro.

Rachel visitava Jonathan Alleyn duas vezes por semana, fazendo depois o ponto da situação com a mãe, quando a conseguia encontrar. A velha senhora estava com frequência afastada nalguma parte da casa que Rachel não conhecia. Tinha a sensação de que a Sra. Alleyn estava só e poderia talvez acolher bem alguém com quem falar; mas, ao mesmo tempo, não fora posta suficientemente à vontade para se sentir confortável a bater às portas em busca da senhora. O tempo ficou ainda mais frio e tempestuoso. Rachel começou a ter pavor do vento, rolando pela encosta abaixo enquanto ela subia para Lansdown Crescent, tornando a cansativa caminhada ainda mais difícil; cegando-a e repuxando-lhe as roupas.

Usava o tempo como uma peça de vestuário quando finalmente chegava — manchada e a pingar da chuva; corada e a fungar por causa do frio; desgrenhada e ofegante por causa do vento.

Rachel via Starling com mais frequência do que via a Sra. Alleyn. A criada ruiva parecia poder circular livremente na casa, embora fosse criada da cozinha. Era uma presença quase constante; surgindo no canto do olho de Rachel, voando por umas escadas acima, ou chamando-a da porta de serviço para trocarem uma palavra. E uma vez que havia muito mais para dizer e fazer em casa dos Alleyn do que na sua própria, Rachel começou a antecipar as suas visitas com uma espécie de avidez ansiosa.

Pensava neles sempre que não estava lá; no que acontecera

recentemente, e no que faria na visita seguinte.

Richard estava cada vez mais ausente de Abbeygate Street e, quando estava em casa, não parecia dar conta da sua crescente preocupação. Raramente perguntava o que fazia em Lansdown Crescent; apenas pegava no dinheiro e o metia ao bolso com um sorriso distraído, e mandava-a sempre dar os seus calorosos cumprimentos à Sra. Alleyn.

As visitas de Rachel eram por vezes muito curtas; de longe mais curtas do que o tempo que demorava a chegar até lá. Numa ocasião, Jonathan estava a dormir quando ela bateu suavemente à porta e entrou; encontrava-se tombado sobre a secretária com uma pena na mão, nódoas de tinta nos dedos. Os braços cruzados escondiam o que estivera a escrever; uma garrafa de vinho vazia estava pousada junto dele, e um copo cheio de manchas. Rachel pensou em procurar nesse momento a caixa com as cartas de Alice, mas a ideia de ser apanhada a fazê-lo arrepiou-a toda. *Além disso, Starling disse que já procurara. Tenho de arranjar maneira de lhe perguntar a ele.* Muitas vezes, ele ficava sentado num estupor enquanto ela lia, olhando pela janela ou diretamente para ela com uma intensidade alarmante, sem dizer nada. Quando ele o fazia, Rachel descobria que o seu coração batia com tal frenesim que lhe

fazia tremer a voz e estragar a leitura. Por vezes, dava por si a lançar-lhe olhares furtivos quando a atenção dele estava centrada noutro ponto qualquer; ao seu rosto, às suas mãos, ao corpo que existia por dentro das suas roupas. Que ele fosse um assassino e que ela pudesse sentar-se tão perto dele, parecia irreal. De cada vez que pensava nisso, era trespassada por um sobressalto de medo e de espanto.

Numa suave tarde de quarta-feira, Rachel entrou quando Jonathan estava tomado por uma das suas dores de cabeça. Estava sentado no escuro, com as portadas trancadas, e quando ela abriu a porta, a luz do corredor fê-lo encolher-se. Estava à secretária, agarrado à cabeça com as mãos, a tremer; a sua pele estava pálida e brilhante do suor. Quando Rachel perguntou, chocada, se deveria deixá-lo, ele apenas fez um breve aceno de assentimento, mantendo a boca e os olhos firmemente fechados. Uma outra vez, ela entrou a meio de um dos seus pesadelos.

Ele estava no quarto de dormir, e Rachel hesitou em aproximar-se dele, por uma questão de decência; mas o ruído que ele fazia era horrível de se ouvir, e ficou preocupada por ele poder estar de novo com febre.

Acendeu uma lanterna e, retesando-se, foi para a sua cabeceira. Ele estava estendido em cima da cama completamente vestido, e não havia

qualquer prova de que tivesse estado a beber. Ofegava e o seu corpo fazia movimentos apavorados — sacudindo os braços e as pernas como se estivesse a tentar fugir de alguma coisa. A cabeça rodava de um lado para o outro, e falava entre dentes, cuspindo palavras estranhas que não faziam sentido.

— Sr. Alleyn — disse Rachel, baixinho e com temor. Aclarou a garganta e articulou de novo o seu nome, mais fortemente. — Sr. Alleyn, acorde. Está a ter um sonho mau… — Ao som da voz dela, o corpo imobilizou-se, mas continuou a respirar rapidamente e gemeu, como se estivesse em sofrimento. Com hesitação, Rachel colocou-

lhe uma mão no braço e apertou suavemente. — Tem de acordar — disse ela. E, de um momento para o outro, ele fez isso mesmo.

Abriu os olhos e lançou-se em direção a ela, apanhando-lhe a mão quando ela tentava retirá-la.

— Está morta? Está morta? — disse ele, numa voz arranhada. Um medo gelado inundou Rachel. Lembrou-se das mãos dele em volta do seu pescoço, no primeiro encontro, e a forma como sentira a sua própria morte invadi-la como um enxame de moscas.

— Sr. Alleyn, por favor, solte-me. Sou apenas eu. A Sra. Weekes…

o senhor estava a ter um pesadelo.

— Tentei corrigir tudo — sussurrou ele, ainda a apertar-lhe o braço.

Os seus olhos trespassavam-na, torturados e medrosos. O seu corpo foi sacudido por um repentino soluço e Rachel ajoelhou-se, tentando desprender-lhe os dedos do seu braço.

— Tentou corrigir o quê, Sr. Alleyn? — Ele apanhou-lhe também a outra mão, apertando-lhe os dedos. Escorriam-lhe lágrimas pela cara.

Apesar do seu medo, o coração de Rachel suavizou-se perante uma tal angústia, e parou de lutar contra ele.

— Foi só um pesadelo, Sr. Alleyn. Agora descanse. Aqui está seguro. — *E eu estou? Este homem é um assassino*. Mas naquele momento não parecia um assassino; parecia um miúdo assustado.

Gradualmente, Jonathan deixou-se sossegar, e adormeceu outra vez em poucos minutos. Na visita seguinte de Rachel, pareceu não ter qualquer recordação do incidente.

Starling parecia impaciente, como se esperasse alguma revelação iminente. Muitas vezes, a rapariga surgia ao lado de Rachel quando esta saía da casa dos Alleyn, e descia parte da encosta com ela,

preferindo sempre levá-la por um caminho escondido ao longo de uma pequena

alameda em vez de ser vista na rua principal. Caminhava energicamente para acompanhar as passadas mais longas de Rachel, e enfiava as mãos nas axilas para se aquecer. Rachel pedia sempre para ouvir alguma coisa acerca de Alice; queria sempre conhecê-la melhor. Starling parecia gostar de falar dela, como se quisesse há muito tempo ter oportunidade de o fazer. O rosto iluminava-se-lhe quando o fazia; um calor e uma animação que descontraíam a sua habitual expressão de suspeita e descontentamento. Assim, Rachel ficou a saber da inclinação de Alice por massapão, e da sua aversão às ostras; da sua habilidade ao piano e da sua voz desafinada e monótona quando cantava; da sua graça e inteligência. De como tinha educado Starling, do mesmo modo que a sua própria precetora a educara a ela.

— Sra. Bouchante, era como se chamava. Uma viúva, de França.

Ensinou Alice até ela fazer dezasseis anos e depois partiu, por isso nunca a conheci. Alice dizia que ela cheirava a amêndoas amargas, e que a sua pele era seca como a de um lagarto — disse Starling com um sorriso.

Rachel ouviu acerca da cegueira de Alice em relação às cores, e do seu coração que estremecia e batia ao seu próprio ritmo; acerca do seu amor pelos animais, e dos pequenos desenhos que ela fazia de insetos e flores que ambas viam ao longo da margem. — Quem dera que tivesse um para guardar. Para me lembrar dela. Ela enviava a maior parte deles ao Lorde Faukes.

— Como era o Lorde Faukes? — perguntou Rachel, um dia. — A Sra. Alleyn diz que era um homem bom e um grande homem. — Starling estacou ao ouvir isto, terminando a conversa num instante.

— Tinha mais barriga do que coração; um homem que tirava sem pedir licença. Ele é bom agora que está morto, e não vou dizer mais nada sobre ele — ripostou ela. — Até à vista, Sra. Weekes — foi a

sua única despedida ao virar-se e regressar colina acima, deixando Rachel perplexa.

Quando Rachel viu Jonathan outra vez, ele estava inquieto e incapaz de se manter calmo. Tinha sombras profundas sob os olhos, enquanto andava para a frente e para trás, entre a cadeira e a secretária, entre a secretária e a janela, coxeando da sua perna manca. Rachel observou-o com apreensão. Os seus movimentos eram bruscos e imprevisíveis. Passou uma porção de tempo a revolver as gavetas da secretária, à procura de qualquer coisa, com uma expressão absorta.

— Do que está à procura? — perguntou ela por fim, exasperada.

Jonathan ergueu os olhos com um sobressalto, e depois imobilizou-se como se tivesse ficado confundido pela pergunta. Levantou-se lentamente, as mãos molemente penduradas ao longo do corpo.

— Não… não me lembro — disse ele, perturbado.

— Venha, por favor, sente-se. Não dormiu?

— Não, não. Eu não consigo dormir. Eu não durmo — disse ele entre dentes, e começou a folhear ao acaso os papéis que havia sobre a secretária. — A mensagem. A mensagem da árvore dos amantes — disse ele baixinho. — Estava à procura dela. Pensei… pensei que talvez a tivesse lido mal. Talvez houvesse alguma coisa nela, alguma pista em que não reparei.

— A árvore dos amantes? O que é isso? Que mensagem?

— A mensagem! Não escrita pela minha mão, nem pela dela… de quem, então? *Essa* é a questão! — O cabelo caía-lhe para a cara e ele penteava-o para trás, impacientemente, com os dedos trémulos. *Está exausto.* Sem pensar, Rachel avançou para ele. Pôs-lhe uma mão sobre o braço para o aquietar, depois deu-lhe a mão e arrastou-o para a cadeira, surpreendida pelo calor da sua pele.

— Sr. Alleyn, venha, por favor, e sente-se. Venha e sente-se comigo. Está extenuado — disse ela com suavidade. *E agora eu pego nesta mão que me teria sufocado a vida?,* pensou ela, interrogativamente. *Ele ter-me-ia matado, e dizem-me que matou mais alguém. Porque não consigo, então, senti-lo no meu coração? Porque não acredito que seja um assassino?* Como se apanhado de surpresa pelo toque dela, Jonathan deixou-se levar. Sentou-se na ponta da cadeira, ainda absortamente encolhido, e quando ela retirou a mão, sentiu os dedos dele apegarem-se aos dela, apenas por um segundo, como se tivesse gostado que o contacto continuasse. Tinha nos olhos uma lancinante expressão de dor e remorso, e Rachel sentiu a piedade roer-lhe o embaraço que ele lhe causava.

— Estava à procura de uma mensagem de Alice? Uma mensagem que ela lhe deixou? — perguntou Rachel. Com uma intumescência dos nervos, ela viu a sua oportunidade de perguntar. — Talvez ela esteja com todas as outras cartas? Eu procuro no meio delas, se me disser onde. —

As palavras soaram-lhe tão traiçoeiras aos seus próprios ouvidos que a boca secou-se-lhe, mas Jonathan não pareceu dar conta.

— Outras cartas? Que outras cartas? — Sacudiu a cabeça e, quando falou, a sua voz era pesada do desespero. — Não, não era uma

mensagem de Alice. Nem escrita por mim, mas deixada no nosso local secreto. Um local que apenas ela lhe poderia ter contado. A outra…

pessoa.

— A árvore dos amantes? Era o local onde costumavam encontrar-se? — perguntou ela, e Jonathan assentiu. — E esta… outra pessoa, que lhe deixou a ela uma mensagem. Acha que era um namorado? —

Starling jurou que não poderia ser isso. Mas, e se ele viu uma mensagem?

— Disseram-me… disseram-me que ela foi vista com outro. Não acreditei, nem por um segundo. Ainda não acredito… E no entanto… e no entanto… — Abanou a cabeça, perplexo. — Encontrei uma mensagem para ela, com a hora e o dia do encontro. Não estava assinada… mas não tinha a caligrafia dela. Com quem, então, ela se ia encontrar? — disse ele, com calmo desespero. Rachel pensou por um momento, a sua estranha mas sempre mais fortalecida lealdade a Alice Beckwith modelando a sua resposta.

— Poderia ter sido uma coisa completamente inocente, não poderia, Sr. Alleyn? As pessoas estão sempre prontas a contestar uma senhora pelo gesto mais inofensivo…

— Era por isso que queria lê-la outra vez! Mas não consigo encontrá-la… procurei em toda a parte… procurei durante a noite toda. E

se eu… e se eu nunca vi tal coisa? E se a minha mente está novamente a pregar-me partidas? — Mordeu selvaticamente o lábio inferior e Rachel viu uma fina linha de sangue brotar do sítio onde ele rasgara a pele.

— Pare. Pare de fazer isso. — Pegou-lhe de novo na mão, afastando-lha da boca. — O senhor está exausto, e precisa de comer alguma coisa…

— Não vou comer nada até…

— Vai comer, sim. Garantirei que o faz, ou não virei mais; não quero ficar aqui sentada a vê-lo adoecer.

— A ver-me adoecer? — Ele quase se riu. — Minha senhora, estou doente há anos e anos.

— Até aí consigo eu ver, e talvez seja tempo de parar de se deleitar com isso — disse Rachel, rispidamente. Jonathan franziu o sobrolho quando ela foi até à porta e chamou Dorcas para que trouxesse café, pão e queijo.

— Deixe-me beber vinho se tenho de tomar alguma coisa.

— Ainda nem é meio-dia. E já existem suficientes homens

encharcados em vinho na minha vida, sem isso. — Jonathan olhou-a fixamente quando ela voltou a sentar-se. — Não me olhe assim. Sei muito bem qual a opinião que tem do meu marido; estou certa de que não preciso de lhe explicar mais nada.

— Hoje está diferente, Sra. Weekes. Está mais ousada.

— Também estou cansada, Sr. Alleyn.

— O género de cansaço que o sono não cura?

— Sim. Esse género. — Por um momento entreolharam-se, e nenhum deles pestanejou.

— Então talvez nos comecemos a compreender um ao outro —

murmurou Jonathan por fim. Rachel desviou o olhar, subitamente constrangida.

Quando a bandeja foi trazida para cima, Rachel também tomou um café. Cortou uma fina fatia de pão e sobre ela colocou queijo para Jonathan, e observou-o enquanto ele comia. Pareceu recuperar o apetite à medida que comia, indo buscar mais sem a insistência dela. A bebida quente embaciou o vidro da janela, obscurecendo a vista sobre as árvores castanhas do outono e os telhados da cidade. Dava a impressão de o quarto se fechar em redor deles, isolando-os do resto da casa, do resto do mundo. Rachel ficou surpreendida por achar isso reconfortante.

— Disse-me anteriormente que desejava deixar de ver coisas que tinha visto e desfazer coisas que tinha feito — disse ela por fim. — Diz-me que coisas são essas? — Jonathan parou de comer de imediato, deixando cair dos dedos o último pedaço de pão.

— Porque haveria de desejar ouvir tais coisas?

— Porque… porque não o compreendo, Sr. Alleyn. Mas quero compreendê-lo. E porque talvez ache que longos anos a guardar essas coisas para si mesmo, e ficando em silêncio, não o ajudaram a esquecê-

las. Talvez se falasse delas, se as compartilhasse…

— Carregaria metade do meu fardo por mim? — disse ele, com amargura. Rachel observou-o em silêncio. Mastigou a última porção e engoliu-a laboriosamente. — Tais coisas não são adequadas para os ouvidos de uma mulher.

— Oh, o que é uma mulher senão um ser humano? — retorquiu Rachel, irritada. — Não tem suportado esse conhecimento com grande estoicismo, ou elegância. Por que razão haveria eu de passar pior que o senhor?

Jonathan fitou-a e, lentamente, o rosto encheu-se-lhe de qualquer

coisa como pavor, e ela compreendeu que uma parte dele queria falar, e no entanto temia fazê-lo.

— Não é o conhecimento que tenho de suportar, mas os atos —

disse ele. — Nunca falei deles.

— Tente. Tente apenas, e depois veremos — disse ela.

— Não sei por onde começar. — Rachel pensou rapidamente; perguntar-lhe diretamente acerca de Alice não a levaria a lado nenhum.

— Conte-me como foi ferido na perna. Conte-me coisas sobre essa batalha — sugeriu ela.

— Batalha? Não, realmente. Foi em B… *Badajoz*.

Faltou-lhe a voz, como se a palavra já fosse demasiado; foi pronunciada num sussurro enrouquecido, bruto e assustador. — Não foi uma batalha. Foi um inferno na terra, uma hedionda orgia de destruição e dor… Não. — Sacudiu a cabeça com veemência. — Não consigo começar a partir daí, porque isso é o fim, não o princípio.

— Conte-me acerca do princípio da guerra, então. Eu era ainda muito nova, nessa altura. O meu pai não me encorajava a ouvir muito sobre isso, mas vi as notícias das nossas vitórias penduradas na mala-posta. Também as decoravam com fitas.

— Era jovem ainda? Tal como eu, Sra. Weekes, tal como eu. Estava tão preocupado em reunir a minha bagagem e em transformar o meu cavalo numa peça dela, que quase não ocupei o meu pensamento com combates. Com a razão de irmos; com o que a guerra iria ser. Não teria sabido o que ela iria ser. Frascos de pó de coral para os dentes e de creme, com tampa de prata, foi a encontrar isso que dediquei os meus últimos dias. Não é uma perfeita loucura? Foi isso que achei que precisava. Um frasco de creme para o cabelo com tampa de prata. —

Abanou a cabeça com incredulidade.

— Então era oficial de cavalaria?

— Sim. Traças… isso foi a primeira coisa. Acredita em sinais, Sra.

Weekes? Prodígios, quero eu dizer? — disse ele atentamente, inclinando-se para a frente com um brilho de desespero nos olhos, como se, de algum modo, pudesse alterar alguma coisa do que se passara.

— Eu… — Ela estivera quase a dizer que não. — Não devia; porém, às vezes vejo-os. — *Na manhã do meu casamento, quando aquele tordo se esganou a cantar, fixando os olhos em mim. Tentando avisar-me.*

— Os esclarecidos dizem que são o produto de uma mente fraca e

supersticiosa. Mas talvez ainda não compreendamos tudo o que há para saber acerca deste mundo e desta vida. Acho que esses sinais deveriam ser atendidos. — Jonathan acenou gravemente com a cabeça. — O

primeiro sinal que vi foram as traças. Fiquei ferido… agora vai rir-se.

Algumas batalhas ferozes foram travadas naquele início de verão de 1808. Lutámos contra os Franceses em Portugal, antes mesmo de atravessarmos

para

Espanha.

Desembarcámos

como

heróis

conquistadores e dissemos aos Portugueses que o tempo de opressão estava no fim, apesar de já termos perdido homens e cavalos na rebentação, ao tentar atracar os barcos… Antes mesmo de termos posto os pés na península, perdemos homens. Mas continuámos a pensar que éramos invencíveis. Na primeira marcha, os homens caíam para o lado com o calor. Lembro-me de olhar para a nuvem de pó que havia por cima de nós e de pensar que iríamos todos ser esmagados por baixo dela. As tropas eram compostas por recrutas ainda verdes, enfraquecidos pela travessia marítima. Tinham-se alistado pelo salário, ou pelas refeições, ou pela glória

que os recrutadores lhes disseram que seria a deles; e eu era tão recruta e estava tão verde como qualquer um deles, apesar de ser oficial e montar um belo cavalo. O primeiro ferimento… o meu primeiro ferimento foi uma picada de escorpião.

Na altura, sabia que tinha de sacudir as botas antes de as calçar de manhã. A picada foi como a estocada de uma agulha incandescente, no arco do seu pé esquerdo; lançou a bota fora e viu, revoltado, como a criatura meio esmagada se afastava a coxear. Era amarelo-acastanhada, com quase o comprimento de um polegar. Examinou o ferimento, mas, de início, não havia muito para ver — um pequeno orifício que soltava um fluido transparente, em volta do qual a pele mais próxima ficara branca, e a zona mais exterior manchada de vermelho. A dor da picada inicial em breve desapareceu, deixando apenas um lento latejar. Jonathan passou o pé por água fria, depois calçou as botas e não pensou mais no assunto.

Havia uma batalha em preparação; estavam na vila do Vimeiro, e os Franceses estavam a chegar. O sangue subiu-lhe à cabeça — faltava-lhe ainda ser realmente testado contra o inimigo; estava excitado e com medo; estava ansioso por saber como se revelaria ele enquanto oficial.

Ao fim de dois dias, contudo, Jonathan não conseguia pensar em nada mais, senão nas dores no pé. Se fosse um homem de infantaria, e não estivesse montado sobre *Suleiman*, não teria sido capaz de marchar. Teria

sido deixado para trás, e sido substituído no comando da companhia. No final do segundo dia, dormiu com as botas calçadas. Tinha a certeza que, se alguma vez conseguisse descalçar a bota esquerda, nunca mais poderia voltar a calçá-la. A cabeça latejava-lhe, sentia-se fraco e atordoado. O pé com a picada estava tão quente, que ele temeu poder pegar fogo à meia. Sentia-o enorme, pesado, e muito mal. Conservou a bota calçada também por uma segunda razão — não queria olhar para o pé.

Depois veio o calor e a fúria da batalha do Vimeiro, e Jonathan ficaria a saber o que valia em combate — capaz, calmo por fora, enquanto por dentro o seu coração se arrepiava de indignação. Quando terminou, os Britânicos tinham vencido e os Franceses batiam em retirada, embora houvesse pesadas perdas de ambos os lados. Wellesley e diversos outros oficiais superiores queriam persegui-los até Lisboa. Isso foi-lhes negado pelo alto comando; os Franceses teriam autorização para tratar dos feridos e retirar sem serem incomodados. Poderiam mesmo acabar por ter de utilizar os navios ingleses para deixarem Portugal, uma decisão em relação à qual os comandantes britânicos seriam chamados a Londres para prestar contas. No rescaldo da batalha, os soldados franceses e britânicos saudavam-se mutuamente enquanto procuravam homens caídos que poderiam ser salvos. Trocavam algumas palavras, uma gargalhada, uma pitada de tabaco. Atordoado e exausto, Jonathan observava-os com uma crescente sensação de irrealidade; porque se os homens não se odiavam, como poderiam matar-se uns aos outros?

Porque o fariam? Sentia-se desconcertado por isto; sentia-se separado de todos os outros por ser incapaz de compreender. Essa foi a sua primeira experiência real de batalha, e deixou-o entorpecido, confuso e assustado.

Quando desmontou *Suleiman* ao final do dia, Jonathan não conseguiu sequer assentar o pé no chão. O Capitão Sutton, o segundo comandante da sua companhia, reparou na forma como ele fazia caretas e suspendia a perna. Obrigou o Major Alleyn a sentar-se nos restos desfeitos de uma casa de aldeia e, quando o fez gritar de agonia ao puxar-lhe a bota, Sutton cortou-a, utilizando um pequeno canivete afiado. O fedor que emanou do pé inchado fez com que ambos se esquivassem. O Capitão Sutton ajudou-o a ir até ao hospital de campanha, deu-lhe *brandy* a beber e depois deixou-o e regressou para junto dos homens.

Os cirurgiões trabalhavam em tendas abertas, sob grandes lanternas

amarelas. Trabalhavam pela quente noite adentro, empenhados no que muitas vezes era uma batalha vã para salvar homens gravemente feridos.

Uma vez que o seu pé não constituía uma ameaça para a sua vida, Jonathan sentou-se a um canto e esperou a sua vez, observando com horror crescente. Os cirurgiões serravam e cosiam; mergulhavam as mãos dentro dos homens para retirar estilhaços; pescavam balas de mosquete com longas pinças; colocavam emplastros em ferimentos na barriga, independentemente do estrago que tinha sido feito dentro do homem. Quando os emplastros se acabavam, ligavam os ferimentos com farrapos de algodão e as camisas dos mortos, e quando estas se esgotavam, não as ligavam de maneira nenhuma, mas deixavam-nas abertas sob o céu noturno e esperavam que os homens morressem. O que eles faziam, gritando lamentavelmente por Deus ou pelas suas mães, até as vozes os abandonarem. A noite clamava com os ruídos da sua agonia.

Jonathan, sentado, observava e esperava. Aprendeu que demorava cerca de vinte minutos a amputar uma perna pela articulação da anca. Apenas um pedaço de madeira impedia o homem de morder a sua própria língua.

Não havia nada para aliviar as dores a não ser rum aguado, que os homens vomitavam com o choque. Cheirava por todo o lado a sangue, a rum e a bílis, sendo impossível escapar — respirar era inspirar tudo isso.

O suor escorria das cabeças dos cirurgiões para os ferimentos que tentavam fechar.

Foi quase ao nascer do dia que Jonathan foi visto. Subiu para uma mesa, em cima da qual, momentos antes, tinha visto um homem passar os seus últimos momentos, vertendo sangue e urina do seu corpo despedaçado. Sentiu os fluidos do homem a serem absorvidos pela sua camisa e calças. O cirurgião deu uma olhadela ao seu pé inchado e depois olhou para Jonathan com aborrecimento

a despontar-lhe no rosto endurecido e exausto. Pareceu aborrecido por Jonathan o incomodar com um ferimento tão trivial, e Jonathan também estava aborrecido consigo mesmo. Aborrecido com a guerra, e o comportamento do homem, e com o mundo todo. Olhou fixamente enquanto o cirurgião lhe cortava a meia manchada. Por baixo dela, o seu pé estava arroxeado e escuro, enorme e a tresandar; uma camada de pus endurecido tinha gotejado da picada do escorpião e secado sobre a sua pele febril. Cheirava a carne podre e a decomposição. Calmamente, o cirurgião pegou no escapelo ensanguentado e cortou a pele em volta da picada para que o veneno e a porcaria que havia lá dentro pudessem escorrer. Um borrifo de sangue

espesso e apodrecido juntou-se à indizível confusão que havia no chão.

Jonathan estava demasiado exausto, demasiado abalado pela dor para emitir qualquer som. Levantou os olhos para as lanternas e foi então que reparou nas traças. Enormes traças pretas, as maiores que já vira — do tamanho da palma da sua mão. Voavam em volta das lanternas, atraídas pela luz, com asas negras como breu e tão macias e aveludadas que não produziam qualquer ruído. No seu quase delírio, Jonathan viu-as como as almas dos homens que tinham morrido nessa noite, a tentarem encontrar uma forma de regressarem à luz, à vida. Tomou-as como um sinal, um forte aviso de que estavam todos mortos.

— Devia ter seguido aquele aviso — disse Jonathan a Rachel. — Devia ter fugido. Era melhor, talvez, ser abertamente chamado cobarde do que ter continuado e ter tomado parte no que veio depois. Até hoje não consigo tolerar o cheiro a rum… Esse cheiro faz-me regressar lá, a essa noite, e é como um pesadelo de que não consigo acordar. — O rosto de Jonathan estava sem cor à luz pálida do dia; gotas de suor irrompiam-lhe da testa. Por um momento, Rachel temeu que ele pudesse desmaiar, mas não desmaiou; permaneceu curvado na cadeira. Ela engoliu, lutando por alguma coisa que dizer.

— Já ouvi dizer que a guerra transforma os homens; que eles são obrigados a fazer apelo à sua verdadeira natureza, à sua essência, pelo extremo da situação…

— A guerra transforma os homens, é verdade. Em grande parte, transforma-os de pessoas em carne. Carne e vísceras para serem consumidas pelas moscas e cães vadios. — Ergueu os olhos para ela. —

Vacila perante isto, Sra. Weekes? É a verdade, e a senhora quis ouvi-la.

— Eu sei que quis. E quero. A verdade é importante, pois nada apodrece mais do que a falsidade, isso eu sei. — Ela observou-o ao dizer-lhe isto, para o caso de ter algum efeito sobre ele, mas não teve nenhum. Apenas os olhos escuros e sofridos no seu rosto pálido, e a vasta maré de sentimentos reprimida por trás de ambos, neles provocando o caos.

— Algumas coisas são piores do que a falsidade, acho eu. Algumas falsidades podem ser bondosas — murmurou ele.

— Carrega dentro de si um grande peso de experiência. Um grande peso de más recordações.

— Tão grande que jamais poderei ver-me livre dele, e ele macula tudo o que fiz ou farei desde então. Agora, não posso fazer nada certo;

não depois das coisas erradas que fiz. Depois de Badajoz… depois de Badajoz, fiz uma coisa estimável. Uma coisa boa, acho eu, embora muitas mentiras tenham sido tecidas à volta dela. Foi a última coisa que fiz naquela guerra, o meu último ato, e com a qual esperava de algum modo começar a fazer as pazes. Mas não consigo pensar nela sem pensar em tudo o resto, no que me impeliu a fazê-la. Todas as coisas que fiz desde a guerra estão maculadas pela coisa que fiz durante a guerra. Está a ver? — Subitamente, agarrou a cabeça com as mãos como se ela lhe doesse. — Poderia

dar tudo o que possuía a um pobre da rua, e isso não seria generosidade. Seria um sintoma da minha culpa, da minha doença.

— Na guerra, um homem é compelido a lutar e a matar. É dever, não pecado — ousou Rachel dizer.

— Compelido a matar, sim. A matar em combate, quando debaixo de ataque, ou em defesa de outros. Gostaria que isso fosse tudo o que fiz, durante esses anos.

— Quer dizer que matou quando não deveria? Matou… inocentes?

— sussurrou ela.

Jonathan aguentou os olhos dela nos seus e, quando falou, a sua voz era fria e afiada como uma lâmina.

— Vi e fiz coisas que a fariam sair deste quarto aos gritos, Sra.

Weekes. — O coração de Rachel bateu mais depressa; a tensão nervosa dificultava-lhe a respiração.

— Na guerra…

— Na marcha em direção à fronteira espanhola, no outono de 1808, depois de termos permitido que os Franceses deixassem o campo, vencidos e enfraquecidos, ou assim o pensávamos nós, eles fugiram diante de nós, destruindo tudo pelo caminho. Todo o abastecimento de comida e de água, todos os abrigos. Chegámos a uma aldeia onde todas as almas tinham sido passadas a fio de espada pelo crime de nós termos ido em seu auxílio. Uma rapariga… uma rapariga, com não mais de catorze ou quinze anos, jazia no meio da rua. O seu rosto era gracioso, mesmo na morte. Tinha sido esmagada por uma pedra enorme que eles tinham colocado sobre o seu peito para que não pudesse respirar nem mexer-se enquanto a violavam. Quem sabe quantas vezes… as partes baixas do seu corpo eram uma ruína. Por perto jaziam os corpos de um homem e uma mulher, e três ou quatro crianças mais

pequenas. Os seus pais e irmãos, ao que parecia, tinham sido obrigados a assistir àquele espetáculo brutal antes de eles próprios serem mortos. — Ele fez uma

pausa e engoliu convulsivamente, e Rachel debateu-se para evitar mostrar o seu horror.

— Pouco tempo depois, a três ou quatro quilómetros da aldeia, deparámos com um soldado de infantaria francês que fora deixado para trás pelos seus camaradas. Estava ferido em ambas as pernas, não gravemente, mas tinha ficado demasiado fraco para continuar. Mas conservava ainda uma boa porção de vida. Viveu ainda por um bom bocado. — Jonathan fitou Rachel, e os seus olhos estavam agora bastante vazios. — Havia um homem entre os nossos soldados a pé, um irlandês chamado McInerney. A rapariga violada era parecida com a sua filha, disse ele. O francês ferido viveu o tempo suficiente para implorar misericórdia enquanto McInerney lhe arrancava a pele, tira por tira.

Muitos de nós, incluindo eu, ficámos a vê-lo; não fizemos nada para o impedir. Mas esta vingança sangrenta não chegou para aplacar a fúria dos homens. O que aconteceu foi que ficaram ainda mais furiosos.

Aquele lado de besta acordara em cada um de nós, e todas as coisas vis que fizemos e vimos daí em diante apenas o tornou mais forte. Isto é o que a guerra faz aos homens, Sra. Weekes. Foi isto que me fez a mim.

— Basta! — arquejou Rachel. As mãos voaram a tapar-lhe a boca.

Tentara não mostrar nenhuma reação, mas aquilo era demasiado, e o quarto rodopiava. Jonathan lançou-lhe um olhar de piedade.

— Agora deseja que não me tivesse instado a falar. Eu deveria pedir desculpa, porque a senhora não fazia ideia do que estava a pedir, mas não posso. Eu vivo com estas coisas. Isto é o que sei sobre

como o mundo é, e se compreender isso, compreenderá porque não quero tomar parte nele.

Houve uma pausa durante a qual nenhum deles falou. Rachel lutou para se recompor.

— Não chore, Sra. Weekes — disse Jonathan baixinho. Estendeu a mão como se para cobrir a dela com a sua, mas ela retirou-a arrebatadamente e viu-o retroceder, voltando a ser ele próprio.

— Perdoe-me… é só que… — Abanou a cabeça, desamparada.

— Só que agora me acha repelente, mais do que da primeira vez que nos encontrámos, embora o meu quarto tresandasse a morte nesse momento, uma das pequenas partidas de Starling, e eu quase a tivesse matado.

— Não! É só que… quando a luta é para permanecer no comando de si mesmo, a mais pequena gentileza de outro pode… pode ser a ruína da compostura. Não é assim? — Ela semicerrou os olhos e ergueu a

cabeça, descobrindo o espectro de um sorriso no rosto de Jonathan.

— E pergunta-se porque resisto a contar-lhe tudo. Pergunta-se porque recuso essa gentileza — disse ele, em tom amargo.

— Estou bastante bem, Sr. Alleyn. Apenas não estou acostumada a ouvir… coisas dessas. — Respirou fundo. Jonathan afundara-se na cadeira e roía de novo o lábio. — Precisa de descansar. O senhor precisa de descansar — disse ela.

— Agora tem alguma noção do que vejo quando fecho os olhos —

replicou ele.

— Talvez um qualquer tipo de tónico… um soporífero? — Jonathan abanou a cabeça.

— Esse género de esquecimento é perigosamente irresistível, Sra.

Weekes. Durante… durante anos dependi de tintura de ópio para me libertar disto. Provoca uma espécie maravilhosa de morte viva… uma libertação de todos os pensamentos e cuidados. Uma só vez quase morri por causa disso. Só a minha mãe me salvou, nesse momento, retirando-me a substância e deixando-me sofrer pela sua ausência. Salvou-me a vida, acho eu, embora não lho tenha agradecido na altura. Não estou certo de lho agradecer agora. Seria mais simples morrer, penso muitas vezes.

— As nossas vidas são-nos dadas por Deus — disse Rachel suavemente. Encolheu os ombros. — Não nos cabe a nós decidir quando renunciar a elas, e o que seria mais simples não é pertinente.

— Acha mesmo isso? — disse ele, torcendo a boca com aversão.

Olhou-a fixamente por um instante, e depois irrompeu da cadeira.

— Diz então que compete a Deus decidir? Será que Deus coloca armas nas mãos dos homens? Será que Deus faz os homens violarem raparigas até à morte? Será que faz pontaria com estilhaços voadores e fogo de artilharia? Será que põe um dedo fatal em cada homem no campo de batalha e diz “febre, gangrena, disenteria”? Não! — A sua voz elevara-se até se tornar um grito, e Rachel não se atreveu a ripostar. Ele parecia avolumar-se sobre ela, por isso manteve-se de pé, entrelaçando os dedos para os manter quietos, e viu como Jonathan foi até à estante e pegou num dos grandes frascos de vidro que guardava lá. Precisou de fazer algum esforço para o erguer; o líquido do interior agitou-se e esparrinhou. Rachel conseguiu aperceber-se do peso daquilo, e lá dentro havia uma coisa enrugada e nodosa, arrastando tentáculos da sua parte inferior. — Sabe o que é isto? — disse ele.

— Não — sussurrou Rachel.

— Isto é o cérebro de um homem. Era um criminoso, um assassino, na realidade. — Rachel olhou, horrorizada.

— Como… como conseguiu ter uma coisa dessas?

— Fiz amizade com um dos médicos que a minha mãe me enviou.

Um anatomista. Ele pensou que poderia curar-me das dores de cabeça fazendo-me um orifício na cabeça do tamanho de um soberano, para aliviar a pressão. Curar-me-ia, expondo o meu cérebro ao sol e ao céu, proclamou ele. O que acha? Deveria tê-lo deixado?

— Senhor misericordioso, não, tê-lo-ia matado certamente — disse Rachel. Dentro do frasco, o cérebro movia-se, os cordões da parte inferior a flutuarem como as gavinhas sensíveis de uma criatura qualquer. Começou a sentir-se maldisposta.

— Ele dizia que não. Dizia que experimentara fazê-lo, em Londres, a uma mulher que ficara completamente louca com a morte dos seus seis filhos. Pensou que o procedimento libertaria os humores insanos da sua mente, e fá-la-ia recuperar a razão.

— E recuperou? — A voz de Rachel era quase estrangulada.

— Bem, ela já não tresvaria. Também já não fala, nem anda, nem come. Alimentam-na através de um tubo, e quando pararem, ela morrerá.

— Porque me conta isto?

— Gostaria de a fazer *ver*, Sra. Weekes. Fiz amizade com este médico, embora não o tivesse deixado trinchar-me o crânio. Fui com ele ver a autópsia de cadáveres trazidos das galés; eu… queria aprender como o corpo funcionava. Queria encontrar o lugar onde reside a alma, no interior do corpo de um homem; queria ter a certeza, de novo, da sua existência. Porque de outro modo somos apenas máquinas, não somos?

Como o pato digestor — como aquele rato de cobre? Então, vi, e estudei, e isto foi o que descobri: somos apenas máquinas, Sra. Weekes!

Comemos, dormimos e defecamos, e depois fazemos isso tudo novamente, tal como os outros animais que caminham sobre esta terra. E

quando morremos, é porque outro homem quebrou alguma parte de nós, removeu uma roda dentada da máquina para que não pudesse rodar. E

isto, *isto*… — Sacudiu o cérebro no frasco para que o fluido esparrinhasse e a tampa chocalhasse; deu um passo lento em direção a ela, depois outro. — Isto é o que decide tudo. Não Deus. Não o destino.

Por isso lhe pergunto, Sra. Weekes, se outro homem pode decidir quando devo morrer, então porque não posso eu decidi-lo por mim próprio?

Jonathan Alleyn erguia-se diante dela, de olhos a estourar: segurando o frasco à frente dele como se se tratasse de um presente macabro. As mãos estavam brancas com o esforço de agarrar a sua superfície lisa; os seus braços eram percorridos por estremeções.

— Não somos meras máquinas. Estou certa disso. O homem foi feito para um propósito mais alto… à imagem de Deus… — disse Rachel, tremulamente, lutando contra o impulso para fugir dele. Não conseguia tirar os olhos daquela coisa cinzenta, daquela coisa morta, no frasco. *Será realmente aquilo que guardo dentro do crânio?* Parecia desesperadamente errado que tivesse sido arrancado ao seu proprietário e mantido de forma tão medonha para ser visto pelos olhos dos vivos.

Estas coisas são feitas para permanecerem ocultas.

— À imagem de Deus? — Jonathan riu-se, então; um som sem qualquer alegria. — Então, Deus é um sacana assassino, Sra. Weekes, e a senhora é uma mulher deliberadamente *estúpida.* — Rachel vacilou, golpeada pelo insulto.

— E então o amor? — disse ela, desesperadamente. — Onde é que habita o amor nessa máquina de carne e osso, Sr. Alleyn?

— *O amor?* — atirou ele como se cuspisse. Fixou-a inexpressivamente como se desconhecesse a palavra, e depois os seus olhos chamejaram de novo. A raiva desfigurou-lhe o rosto, tornando-lhe os lábios finos e lívidos, colocou-lhe fundos sulcos entre as sobrancelhas.

Na verdade, fê-lo parecer bestial. — O amor é uma ilusão. O amor é um mito. O amor é uma história que contamos a nós próprios para tornar a vida mais suportável! E é uma *mentira*! — atroou ele, elevando o frasco acima da cabeça. Rachel ficou paralisada. A súbita fúria de Jonathan acometeu-a como um clarão de agonia, tão intenso que abrandou o tempo, e, por comparação, tornou tudo o resto oco e irreal. Nesse momento, ela vislumbrou o seu negro coração devastado; a expressão nos olhos de Jonathan gelou-a. *Ele já nem sequer me consegue ver.*

Depois desceu abruptamente os braços, oscilando com tremenda força.

No último segundo, Rachel conseguiu dar um passo atrás, e o frasco explodiu em cacos a seus pés, não em cima da sua cabeça.

O silêncio retiniu-lhe nos ouvidos. O intenso odor a álcool invadiu o quarto, fazendo-lhe arder os olhos e o nariz, trazendo-lhe lágrimas que lhe enevoaram a visão. Também sentiu ardor numa perna — brotava sangue de um corte acima do seu tornozelo, um corte nítido nas meias e na pele. O cérebro do assassino viera parar sobre a ponta do seu pé

direito. Quando Rachel mexeu o pé, sentiu o seu peso empapado. Rolou molemente, luzidio e parecendo mais vivo do que deveria. O estômago subiu-lhe pela garganta; estremeceu e apertou as mãos sobre a boca.

Jonathan respirava com dificuldade, olhando fixamente a direito sem pestanejar; as mãos vazias suspendiam-se ao lado do corpo. Um fragmento de vidro voara e lascara-lhe a face, e um fino fio de sangue escorria-lhe da ferida, como uma lágrima escarlate. Gradualmente, Rachel viu regressar alguma consciência à sua expressão; piscou os olhos, e depois os olhos arregalaram-se, engolindo em seco. Como se libertada por isto, ela passou por ele à pressa, esmigalhando um fragmento de vidro partido com o salto do sapato. O seu passo transformou-se em corrida, deixando-o ali, de pé e em silêncio, enquanto abria a porta e fugia.

Ao fundo das escadas, duas figuras esperavam-na — Starling irrompendo da porta da parede apainelada e Josephine Alleyn, vinda da sala da frente. Rachel parou e encostou-se ao pilar das escadas para recuperar o fôlego.

— Sra. Weekes! Ouvi um barulho horrível, temi… — A Sra. Alleyn optou por não dizer o que tinha temido. No seu rosto transparecera pânico, mas em breve se recompôs.

— Ele… o frasco… acho que… — Rachel debatia-se para encontrar palavras. — Não estou ferida — disse ela.

— Mas está. O seu tornozelo… venha… venha imediatamente e sente-se. Starling, de que estás à espera? Manda chá para cima, água quente e panos.

— Minha senhora — disse Starling entre dentes, desaparecendo com ar carrancudo. Josephine conduziu Rachel através da sala e sentou-a no sofá.

— Espero bem que o meu filho não tenha… Que cheiro horroroso é este? — A Sra. Alleyn recuou, pondo os dedos sob o nariz.

— Oh, nem lhe sei explicar! — lamentou-se Rachel. Sentiu o líquido esparrinhar no interior dos seus sapatos, entre os dedos dos pés, e foi invadida novamente pela náusea. — Foi um dos seus… frascos com espécimes. O cérebro humano. Ele deixou-o cair. — A Sra. Alleyn inclinou-se para mais longe de Rachel, revoltada.

— Por favor — murmurou ela. — Tire os sapatos e meias imediatamente. Falmouth! Leve daqui estas coisas. Limpe e seque os sapatos, se conseguir, mas não se incomode com as meias, queime-as. E

mande Dorcas ao meu quarto procurar um par limpo para a Sra. Weekes.

— Os meus agradecimentos, Sra. Alleyn — disse Rachel, num tom fatigado.

As meias que Dorcas trouxe eram de malha de seda, de muito melhor qualidade do que as de Rachel, que eram de lã. Josephine Alleyn ficou a vê-la lavar os pés e calçar as meias, com uma expressão que alternava entre a compaixão e a frieza.

— Diga-me, Sra. Weekes, isto foi um ataque deliberado da parte do meu filho? — perguntou ela, por fim.

— Acho que não. Isto é… ele teve intenção de esmagar a coisa, na sua fúria… mas não penso que tivesse intenção de me ferir. — *Mas tê-lo-ia feito, talvez, se eu não tivesse recuado. E fê-lo, sem sequer o saber.*

Este pensamento provocou-lhe um arrepio.

— O que o enfureceu assim?

— Eu… a culpa foi minha. Falei em amor. Pensei que… o acalmasse, que o tranquilizasse, quando ficou agitado. Mas o efeito foi o oposto.

— Sim. Deve ter sido — disse a Sra. Alleyn. Quando Rachel ergueu os olhos, descobriu que a senhora mais velha a estudava. — Mas a senhora deve saber, Sra. Weekes, também perdeu pessoas, que o amor pode ser tão cruel como qualquer outra coisa que existe sob o Sol.

— Sim, suponho que pode ser.

— Quando inicialmente a convidei para a apresentar a Jonathan, disse-lhe, não disse, que sentia alguma força em si?

— Disse, sim, Sra. Alleyn.

— Essa foi a força que pressenti, pois também a possuo. É a força que vem do sofrimento, e de lhe sobreviver. O meu filho não a tem, e por isso as suas feridas não saram.

— Fala da sua própria dor de perder o seu marido, e o seu pai? — A isto, o rosto da Sra. Alleyn abandonou por uma vez a compostura. As pálpebras cerraram-se-lhe com uma tremura, o lábio inferior abanou, apenas por um instante.

— Só estive dois anos casada com o Sr. Robert Alleyn, antes da sua morte prematura que me obrigou a voltar para o meu pai. Foram os dois anos mais felizes da minha vida — disse ela com palavras pesadas e frias com a tristeza. Nesse momento, Rachel viu a Sra. Alleyn de forma diferente. Viu uma mulher, sozinha e com medo, mais do que uma senhora importante e poderosa. Impulsivamente, tomou a mão dela nas

suas e apertou-lha, tanto para seu próprio consolo como para o da Sra.

Alleyn.

— Temo nunca vir a ser tão feliz assim — disse Rachel, com serena ansiedade. — Porque nunca conheci esse amor… um amor apaixonado.

Como se uma porta se tivesse fechado, Josephine Alleyn distanciou-se dela.

— Não deseje conhecer — disse ela. — Um amor desses far-lhe-á mal, queira ou não. A mim fez-me mal. Fez mal ao meu filho. — Olhou para as mãos entrelaçadas de ambas tão vincadamente que Rachel, confusa, a soltou.

— Mas certamente não desejaria nunca o ter sentido? — disse ela.

A Sra. Alleyn não respondeu imediatamente, e desfilaram pensamentos por trás dos seus olhos.

— Talvez, talvez não. Talvez eu valorize as lições que ele me ensinou, mais do que qualquer outra coisa. A força que me adveio de o perder. Uma mulher precisa dessa força para sobreviver às provações que este mundo engendra para nós. As provações que os homens engendram para nós. — Ela disse isto de modo tão sombrio que Rachel não soube como responder.

Quando Falmouth lhe devolveu os sapatos, Rachel imediatamente sentiu neles ainda o cheiro do líquido conservante. Não queria voltar nunca a enfiar neles os seus pés, mas não teve outro remédio. A Sra.

Alleyn franziu o nariz e carregou o cenho.

— Bem. Terá de os usar para ir para casa, Sra. Weekes, não lhe posso emprestar nenhuns dos meus. Sempre tive pés muito pequenos, mas os seus… Mas queime-os, e veja se encontra outros. Isto deve cobrir a despesa, e pode ficar com as meias. — Foi buscar moedas a uma gaveta e entregou-lhas.

— É muito generosa, Sra. Alleyn.

— E a senhora é, Sra. Weekes? É suficientemente generosa?

— Não compreendo.

— Virá de novo falar com o meu filho, apesar deste… último revés?

— A pergunta foi abrupta, quase impaciente. *Se disser que não, ela não perderá mais tempo comigo.*

— Eu… tenho de ter oportunidade para descansar, e para pensar, Sra. Alleyn.

— Para pensar? — ecoou ela, e depois fez um aceno com a mão. —

Muito bem. Demore o que quiser, Sra. Weekes.

Quando Rachel chegou a casa, deu os sapatos a um pedinte, e descobriu que o mau cheiro passara para as meias que a Sra. Alleyn lhe dera. Largou-as, pegando-lhes entre o polegar e o dedo indicador, numa selha com água e sabão; depois sentou-se junto da janela da frente e esperou por Richard, absorta nos seus pensamentos. Jonathan Alleyn enchia-lhe a cabeça: as coisas que ele lhe contara sobre a guerra; a forma como a fúria lhe fizera perder o controlo. *Terá Starling razão acerca dele? Poderia ele ter feito mal a Alice, mesmo sem intenção, e não se lembrar?* A ideia era, de algum modo, mais perturbante agora do que fora a princípio. *Mas não matá-la,* disse o eco, esperançoso. *Isso não.* Se fosse verdade que havia uma carta para Alice de uma outra pessoa desconhecida… poderia essa pessoa tê-la feito desaparecer, também? Ou tê-la ajudado a desaparecer? *Poderia estar viva.*

Um toque na porta sobressaltou-a. Era um miúdo de cara suja com uma mensagem para ela; deu-lhe uma moeda e ele saiu a correr. A mensagem estava escrita num pequeno pedaço de papel, o canto rasgado de uma folha maior. A tinta era negra como fuligem, a letra bem inclinada e escrita com arabescos extravagantes, desmazeladamente, como se tivesse sido feita à pressa. *Perdoe-me. Jon.a Alleyn.* Rachel dobrou a minúscula mensagem até o papel ficar tão quente e macio como pele. *A outra mensagem é a chave de tudo isto — a mensagem para Alice na árvore dos amantes. Tê-*

lo-á ela traído por outro? É a guerra que o flagela, ou a sua culpa secreta? Tenho de saber.

Durante vários dias, ela não voltou a Lansdown Crescent. Precisava de se deixar acalmar, respirar fundo, para compreender o que pensava e sentir-se um pouco melhor; para compreender porque manteve a mensagem de Jonathan Alleyn enfiada na sua caixa de joias e a releu como se contivesse alguma instrução importante e complicada que ela precisava de saber de cor. Passara muito tempo desde que visitara Duncan Weekes, pelo lhe levou uma tarte de carne de vaca, ainda quente do forno. Sentaram-se cada um do seu lado da lareira e comeram-na com os pratos no colo, com uma caneca de *brandy* quente misturado com água para cada um, falando sobre pequenas coisas e boas recordações. O

velho parecia estar animado, e Rachel estava ansiosa por espairecer um pouco, por isso não se referiu aos Alleyn, nem ao seu difícil envolvimento com eles.

Foi com Harriet Sutton e Cassandra comprar uns sapatos novos com o dinheiro que a Sra. Alleyn lhe dera, numa dia de frio tão penetrante que

o principal tema de conversa foi o sonho longínquo da chegada da primavera e do verão; os piqueniques e as viagens de barco que fariam juntas; os vestidos de manga curta que iriam usar, com flores presas na fita do chapéu.

— Com as moedas que ela lhe deu, poderia comprar um par de sapatos de muito melhor qualidade — disse Harriet enquanto o vendedor media os pés de Rachel, e ela escolhia um modelo do catálogo.

— Eu sei. Mas desta forma podemos ir todas tomar chá depois, e poderei obsequiar-nos com bolos para o acompanhar. Não vos agradaria?

— Oh, podemos? — disse Cassandra, de rosto iluminado.

— Aqueles meus velhos sapatos eram demasiado leves para atravessar a cidade duas vez por semana, como agora tenho de fazer. Um par de sapatos simples e robustos como este fará muito melhor serviço.

— E o Sr. Weekes não se importará? Que gaste dinheiro connosco?

— Harriet perguntou isto em voz baixa, apenas para ser ouvida por Rachel.

— Nâo saberá de nada — retorquiu ela. — E se souber, porque haveria ele de ter inveja do raro prazer de estar com amigas? Eu sei que, na verdade, ele deseja que eu saia mais para estar em sociedade.

— Oh, tenho a certeza que não teria inveja disto. — Harriet sorriu de novo, mas os seus olhos mostraram alguma apreensão. — Mas talvez nós não sejamos bem o género de sociedade que ele a encoraja a frequentar. — *Ela está a pensar no dinheiro que ele perdeu ao jogo, e sabe que não foi a primeira vez. Sabe como ele esperava que eu o tornasse rico.* Rachel deu conta de que não estava embaraçada por isto, mas sim grata pela compreensão da amiga. — É apenas um ajuste, não é? — continuou Harriet, bondosamente. — A mesada que o meu pai me costumava dar era de longe mais do que tive de gastar durante os meus primeiros anos como esposa do Capitão Sutton.

— Bem, talvez isso também seja verdade em relação a mim. Mas já passaram muitos anos desde que tive algum dinheiro para gastar seja no que fosse. Não me desencoraje de usufruir de um bónus tão pequeno quanto este — disse Rachel, com um sorriso.

— Oh, não faça isso, mamã! Não a desencoraje — disse Cassandra em tom de súplica. Virou-se, tirando os olhos das amostras multicoloridas de tecido e de pele sobre o balcão, fazendo oscilar o seu cabelo negro como um estandarte sombrio.

— Ouça como ela implora! Nunca conheci uma rapariga mais

enamorada de bolo do que esta — disse Harriet. — Ou tão mimada pelos pais que se tornou assim. — Cassandra abriu mais os olhos, astuciosamente, a sua atitude solenemente fútil. — Veja como ela me engana! — Harriet riu-se.

— Cassandra, minha querida, não consigo pensar em melhor razão para iludir a tua mãe do que por um bolo — disse Rachel maliciosamente. — Mas neste caso estás inteiramente a salvo, essa tática não é necessária. Haverá bolo. — A rapariguinha voltou às amostras, e Rachel sorriu à mãe. — Deixe-me, querida Sra. Sutton, agradecer-lhe por todas as suas muitas pequenas gentilezas desde que nos conhecemos —

disse ela.

Mas Rachel não poderia ficar longe de Lansdown Crescent para sempre.

Jonathan Alleyn respirou fundo quando a viu.

— Pensei que não voltaria — disse ele, com rigidez.

— Bem — disse Rachel ao entrar no escritório. Franziu o nariz. —

O fedor daquele… líquido ainda se sente.

— O etanol… eu sei. Starling tem esfregado e voltado a esfregar, muito para seu desgosto. Mas sem resultado.

— Ouso dizer que desaparecerá com o tempo.

— Como acontecerá com a recordação do que o causou, espero.

Sra. Weekes — disse ele, olhando para a mancha ofensiva no chão. —

Sra. Weekes, perdoe-me. Comportar-me daquela maneira foi…

— Imperdoável? — sugeriu ela. Jonathan ergueu os olhos com consternação, mas descontraiu um pouco quando captou o humor nos olhos de Rachel.

— Sim. Imperdoável. Mas eis que está aqui. E eu estou… contente.

— O seu temperamento é um inimigo. Não pode deixar que ele mande em si.

— Sim. Nem sempre foi assim, mas… — Esfregou a cara, depois bocejou descontroladamente.

— Ainda não dormiu desde a última vez que o vi? — disse Rachel com incredulidade.

— Talvez tenha dormido… um pouco. Não me recordo. — Ergueu de novo os olhos com um sorriso amargo. — O sono é o sossego da alma, lembre-se, e eu não tenho nenhuma.

— Não recomecemos. Não acredito que possamos perder as nossas almas, ou mesmo que elas possam mudar. Como a vida, elas são uma graça de Deus, e imutáveis, e se me arriscar a mais das suas fúrias por o

dizer, então que assim seja. Mas talvez a alma possa ser ferida; talvez possa adoecer, e retirar-se para o fundo de nós mesmos — disse Rachel.

Jonathan sucumbiu, como se as palavras dela o tivessem deixado exausto.

— Algumas coisas são fáceis de dizer, mas difíceis de provar. —

Ele virou-se e foi sentar-se na cadeira por trás da secretária, fixando apaticamente a desordem que a cobria. Rachel pensou por um momento, e depois foi até às prateleiras da estante. — Tenciona atirar-me algum dos meus espécimes como vingança? — disse Jonathan.

— Não. Tenciono dar-lhe provas. — Estendeu a mão para ele, e colocou na sua palma o rato mecânico de cobre. — Contou-me que andou a meditar sobre o que torna as pessoas, e os animais, diferentes dos autómatos. Era realmente necessário fabricar um brinquedo tão primoroso nesse processo? Ou fê-lo pelo prazer de o fazer?

— N… não sei. — Encolheu os ombros.

— Isto é uma bela coisa, Sr. Alleyn. Sinceramente, uma bela coisa, e veio de dentro de si. Do seu coração e da sua alma para a sua mão. —

Rachel rodou a chave e observou o pequeno rato a correr. Jonathan também o observou.

— Estava a pensar em Alice, quando o fiz — disse ele. — Ela amava… todas as criaturas. Coisas pequenas, peludas; coisas desamparadas. Teve um rato de estimação durante uns tempos, quando era miúda. Ficara sem uma perna apanhada pela gadanha de um agricultor, e cuidou dele. Guardava-o numa caixa de mechas, e chamou-lhe *Harold.* — Fez uma pausa, olhando para o rato a correr como se nunca o tivesse visto antes. — Alguma vez ouviu um nome mais ridículo para um rato? — Sorriu com a recordação. Rachel engoliu em seco, sempre pouco à vontade com a inconstância das emoções dele. Elas pareciam percorrê-lo como nuvens num céu tempestuoso.

— Aí está — disse ela com suavidade. — É tal como eu disse. A sua alma está intacta. É apenas o seu coração que está partido. —

Jonathan Alleyn olhou-a longamente, e quando o rato de cobre acabou de correr, tirou-lho da mão e segurou-o entre a concha das suas mãos.

— O senhor… uma vez adormeceu enquanto eu lia para si, Sr.

Alleyn. Pergunto-me se poderia acontecer outra vez? — disse ela.

— Não estou com disposição para poesia, Sra. Weekes — disse Jonathan. — E dormir nesta cadeira faz-me doer o corpo.

— Trouxe uma coisa que não é poesia para ler hoje. Uma coisa para

levar os seus pensamentos para longe dos problemas, e fixá-los sobre tempos e lugares muito distantes. Porque não se reclina, enquanto leio?

— Tenciona enfiar-me na cama como a uma criança?

— Não tenho tal intenção. Mas se dormir é o que ambiciona, então pode ir para a cama sem receio de me embaraçar.

Jonathan olhou-a fixamente durante algum tempo, e depois esfregou os olhos tão ferozmente que ficaram vermelhos. Ergueu-se, vacilante, e atravessou a sala até à passagem que levava ao escurecido quarto de dormir. Aí, parou.

— Quando pensei que não voltaria, isso não… não me agradou. Virá…

voltará em breve, Sra. Weekes? — disse ele. Rachel vacilou, ouvindo-o tão vulnerável. *Agora precisa de mim?*

— Assim que o senhor quiser, Sr. Alleyn — disse ela. Jonathan assentiu, e afastou-se. Rachel ouviu a cama ranger quando ele se estendeu sobre ela.

— Seja o que for que planeie ler-me, vou ouvir muito pouco se continuar aí desse lado — disse-lhe ele em voz alta. Rachel aproximou-se do escuro limiar, e sabia que não devia transpô-lo. Foi buscar uma cadeira e colocou-a junto da porta, depois tirou o livro que trouxera com ela, novo em folha, de lombada intocada.

— Eu própria não li ainda esta obra, por isso começaremos juntos.

É um romance de *Sir* Walter Scott, e o título é *Ivanhoe*.

— Um romance? Não quero saber de romances.

— Quantos já leu? — contrapôs ela, e ouviu o silêncio em resposta.

— Tal como pensei. Um certo número de cavalheiros afirma não ter qualquer interesse e não reconhece qualquer mérito a uma história ficcional, quando não proporcionaram a si mesmos a oportunidade de experimentarem ler uma — disse ela.

— As mentes dos homens têm maiores cuidados e responsabilidades do que as das mulheres. O que se pode ganhar com a perda de tempo a ler as fantasias dos outros? Essas coisas são divertimento para rapazes novos.

— Ouça, e talvez descubra o que há para ganhar — replicou Rachel, acidamente. Seguiu-se um silêncio pesado no quarto escuro e, então, ela começou a ler.

Leu durante uma hora ou mais, até ficar com a boca seca e ter atingido aquele estado de tranquilidade profunda que ocorria quando se deixava transportar por uma peça literária. Procurando uma pausa natural do

texto, pôs-se à escuta. Da escuridão, o único ruído que se ouvia era o de uma respiração pesada e regular. *Dorme*. Rachel fechou os olhos por um momento, cheia de uma poderosa sensação de satisfação. Antes de sair, sentou-se um pouco em silêncio e deu por si a desejar que pudesse vê-lo enquanto dormia, e observar, por uma vez, o seu rosto em repouso, livre de ira, medo e tormento.

Starling estava à espera que a Sra. Weekes abandonasse a casa havia já uma boa porção de tempo. As suas visitas a Jonathan pareciam demorar cada vez mais tempo, e Starling esforçava-se por encontrar boas razões para ficar atenta ao fechar da porta da frente. Quando, por fim, o ouvia, disparava rapidamente pela escada de serviço acima e chamava a atenção da mulher com um silvo abafado. A Sra. Weekes virava-se rapidamente, com uma expressão de surpresa que era quase de culpa. Starling ficava

imediatamente cheia de suspeitas, e percebia quão frágil a sua confiança era ainda. Incomodava-a não saber o que se passava entre Jonathan e a Sra. Weekes, nos aposentos dele. *Esconder-me-á coisas?* A Sra. Weekes era tão pálida; andava com as costas tão direitas e ombros tão imóveis.

Anda como poderia andar uma estátua. Como uma efígie de Alice. Junto dela, Starling sentia-se baixa e sebenta. Sentia-se novamente como a vadia que um dia fora, e isso provocava-lhe formigueiros, punha-a na defensiva.

Juntas, percorrendo uma curta distância, afastaram-se da casa, mantendo-se perto dos altos muros do jardim para que não fossem avistadas do interior, depois viravam-se para se encararem uma à outra.

— Bom, e então? — disse Starling, por falta de um melhor início.

— Bom. A tua cara sarou, finalmente; fico contente por ver — disse a Sra. Weekes.

— Já curei feridas muito piores na minha vida. Não disse nada a Richard Weekes? Ótimo — disse ela, quando Rachel Weekes abanou negativamente a cabeça. — E o que descobriu hoje sobre o Sr. Alleyn?

Encontrou as cartas de Alice?

— Não. Mencionei-lhas há dias, mas ele… não sabia do que eu estava a falar. Starling, acho que ele não as tem. Embora estivesse à procura de uma coisa em particular, uma mensagem que ele diz ter encontrado na árvore dos amantes. Conheces algum local assim? Ele disse que havia uma mensagem a combinar um encontro, deixada nesse tal sítio, mas não escrita por ele ou por Alice… embora fosse dirigida *a* Alice.

— Mente — disse Starling, de imediato, embora a notícia lhe tivesse dado a volta ao estômago. *Não pode ter havido.*

— Ele estava confuso… parecia pensar que pudesse ser uma carta enviada a Alice pelo homem com quem fugiu. Estivera a revolver o quarto à procura dela; queria voltar a lê-la, para o caso de descobrir nela alguma coisa de novo. Mas como poderia isso acontecer, após tantos anos?

— É a *senhora*, Sra. Weekes. O modo como se parece tanto com ela… A senhora está a trazer-lhe tudo de volta. — *Tal como me está a trazer tudo de volta a mim.*

— Mas porque não mencionou ele esta mensagem antes? A ninguém?

— É uma invenção. Essa mensagem não existe, e Alice não tinha nenhum outro amante. Ele tenta iludi-la, Sra. Weekes!

— Não pareceu ter essa intenção. Não estava a ser calculista. Estava agitado… confuso…

— Confuso de que forma? — inquiriu Starling. A Sra. Weekes pareceu abalada pelo tom dela; era sempre tão sensível, porém tão contida. Aquilo irritou Starling ainda mais, e a impaciência corroía todos os seus pensamentos.

— Ele… ele disse que não tinha verdadeiramente a certeza de ter visto essa carta. Mas a mim pareceu-me que sim. — Rachel pareceu incerta.

— Bem, como pode ter a certeza de que viu, se ele não tem a certeza e a mensagem não consegue ser encontrada? — elaborou Starling, concisamente. Ao ver que a Sra. Weekes não respondia, respirou fundo para se acalmar, cerrando os dentes. *Não deveria ter encorajado esta mulher a interferir.* A mulher de Dick estava a perturbar as coisas — a perturbar o frágil equilíbrio que ela forjara entre a sanidade de Jonathan e a sua loucura, inclinando-o para o lado errado.

Rachel Weekes exibiu um olhar de censura no seu rosto pálido e sério.

— Ele falou das tuas partidas. «Uma das pequenas partidas de Starling», disse ele, quando se referiu ao mau cheiro que havia nos seus aposentos da primeira vez que lá fui. Que achas que ele quis dizer com isto?

— Como haveria eu de saber o que ele quis dizer? Nos seus melhores momentos, está apenas meio são de espírito, e mal tem noção do que diz. — A culpa aguilhou-a. De algum modo, o facto de saber que

Jonathan tinha consciência da sua perseguição fê-la sentir-se quase envergonhada; como uma criança apanhada.

— A mim não me parece louco. Apenas perturbado — disse Rachel Weekes com obstinação. — Doente do espírito.

— Não são uma e a mesma coisa? Tem uma alma muito indulgente, Sra. Weekes, ou talvez seja apenas memória curta.

— Não esqueci como ele me atacou; acredita que não. Mas ele não estava em si naquele dia. À medida que o conheço um pouco melhor, vejo que estava fora de si.

— E então mais recentemente, e o frasco esmigalhado? Não estava bêbedo nessa altura; porque a atacou ele?

— Eu… nós estávamos a falar de amor e destino, e de… suicídio.

— Condena esse ato? — disse Starling.

— Claro que condeno — disse Rachel Weekes. Starling resmungou.

— Bem, isso explica tudo. — Ergueu os olhos perante a incompreensão da mulher, e respirou fundo. — Ele tentou acabar com a sua própria vida. Há uns anos.

Foi depois de a sua mãe ter mandado retirar todo o abastecimento de ópio dos seus aposentos, e foi trancado lá dentro a protestar e a amaldiçoá-la, a ela, a Deus e ao mundo. Durante dias, a porta permaneceu trancada e ninguém subiu para o ver. Ouviam-se selváticos ruídos de destruição; torpes pragas eram rogadas no meio da dor e da raiva. Starling viu Josephine Alleyn encostada à porta dele, ouvindo em silêncio, cinzenta e fria de angústia. Quando a paz regressou, abriram a porta o tempo suficiente para empurrar um tabuleiro com comida e água.

E assim continuou a ser.

Passaram semanas antes que Jonathan estivesse suficientemente bem para que a vida continuasse, tal como ela era naquela casa. Ele era apenas pele e ossos quando Starling o viu de novo, pavorosamente magro. A cabeça da Morte sobre um pau de vassoura. O rosto encovado era o de um estranho, e quando ele vira o seu choque, sorrira amargamente.

— O que foi, Starling? Não gostas de me ver sofrer? — O sorriso desfez-se; a cabeça pendeu-lhe. — Se Alice me pudesse ver agora —

sussurrou ele. — Se ela pudesse…

— Se ela o pudesse ver, desprezá-lo-ia — disse Starling, sabendo que não era verdade. Fugiu para o seu quarto de dormir, ficando no escuro a recuperar o fôlego. O estrondo de vidros a partirem-se fê-la

voltar lá. Jonathan era soldado; sabia quais os ferimentos que mais sangravam. Espetara a garrafa no cimo da coxa, junto à virilha, e a perna estava já lustrosa de sangue. Por um segundo, Starling não fez nada. Por um segundo, teve nas suas mãos o poder da vida e da morte, e isso encheu-lhe a mente de fogo, e atroou-lhe aos ouvidos. *Não. Não descansarás.* Correra para diante, espalmara a mão sobre a ferida, e gritara tão alto por socorro que lhe fizera doer a garganta.

Rachel Weekes arquejou; uma inspiração de ar como se tivesse levado uma estalada.

— Ele disse que eu era deliberadamente estúpida — disse ela baixinho. — Talvez tivesse razão. — Abanou a cabeça. — Como deve ter sido grande o seu tormento, para fazer uma tal coisa? Como devem ser ainda fundas as suas feridas? — As palavras dela fizeram Starling regressar ao presente, com a recordação daquele momento de novo a fazer-lhe doer a garganta.

— As feridas que tem, fê-las ele a si mesmo. É a culpa que o atormenta; e essa violência é o seu verdadeiro eu… qualquer gentileza não é senão uma máscara.

— Talvez seja. — A Sra. Weekes, com ar triste, pareceu pensar por um momento. — Ele próprio discutiria essa conclusão, acho eu.

— Pois então… ele não tinha obrigação de saber? — disse Starling.

Houve uma pausa.

— O Sr. Alleyn começou a falar comigo, pelo menos. A confiar em mim. Começou a contar-me coisas acerca da guerra — disse apressadamente a Sra. Weekes, como se não pudesse suportar o vazio.

— Acerca da guerra? Para que serve isso? Tem de o fazer confiar em si acerca de Alice. A guerra não combina bem com ele, até aí todos nós sabemos. Voltou louco e violento, até aí todos nós sabemos.

Inúmeros homens voltaram e conseguiram continuar as suas vidas sem recorrer ao assassínio de inocentes!

— Conseguiram?

— Sim! Homens melhores e mais fortes do que ele, acho eu.

— Ou com menos moral, alguns deles; menos impressionáveis.

— O que é isto? Porque tenta fazer dele um pobre cordeiro perdido?

Conheci-o durante quase toda a minha vida, Sra. Weekes, por isso não procure dizer-me o que ele é! — disse Starling, sentindo-se terrivelmente enervada de cada vez que a mulher falava. Era como olhar para baixo de um lugar muito alto, uma sensação de perda de equilíbrio, de oscilação.

Não conseguindo identificar a causa disto, reuniu raiva para a reduzir a cinzas, e teve a satisfação de ver Rachel Weekes vacilar. *Ela virar-me-ia a cabeça, se pudesse. Far-me-ia duvidar das coisas que sei.*

— Não esqueço isso. Apenas estou… apenas lhe digo o que acho dele — disse ela, com serenidade.

— Então, talvez nãos seja boa a avaliar o caráter, e a situação, e não deveria fingir que me pode ajudar; ou à Alice. — Starling fitou-a intensamente e a Sra. Weekes puxou os ombros para trás, inspirando fundo.

— Eu posso ajudar. Quero saber o que aconteceu à Alice. —

Starling pensou por um momento antes de voltar a falar, olhando para o muro do jardim.

— Li uma carta dele, enviada a Alice de Espanha, antes de ter voltado da guerra a primeira vez. Antes de ter voltado e tê-la… matado.

— E não encontraste as outras cartas, juntamente com essa?

— Não, estava em cima da secretária, sozinha. Deve ter sido a última carta que ele lhe escreveu. Nela, ele falava da vergonha que sentia, que tinha feito coisas más, e que se ela as conhecesse, não o amaria mais.

— Sim. Acredito que ele tenha visto e feito muita coisa que o assombra.

— Espero bem que sim! Espero que veja o fantasma dela em todos os cantos escuros do quarto! — *E eu também gostaria. Eu também gostaria de a ver.* — Se ele fala consigo da guerra, tente descobrir isso.

Tente descobrir o que fez ele que o envergonha tanto, naquele primeiro ano de guerra. Acho que ele disse à Alice, e ela não conseguiu aceitar.

— Vou tentar. Ele… — Rachel Weekes interrompeu-se, engolindo com dificuldade. — Ultimamente, contou-me coisas que me gelaram o sangue. Coisas que viu; a forma como a guerra foi travada contra a gente comum da península, bem como entre os exércitos inimigos.

— Nunca é uma coisa bonita, ouvi dizer. — Starling assentiu. —

Conheci soldados, velhos e novo, e quando bebem, bebem para esquecer.

— A quem levaste comida, há duas semanas? — lançou subitamente Rachel Weekes pela boca fora.

— O quê? — disse Starling, surpreendida. Um rubor rosado irrompeu do pescoço da Sra. Weekes.

— Eu… vi-te, na cidade. Quer dizer…

— Oh, sim. — Starling fixou-a com um olhar desinteressado. —

Não me esqueci de que contou coisas sobre mim a Sol Bradbury. Foi mexericar que eu roubei.

— Não roubaste? — retorquiu Rachel Weekes, enervada. — Eu…

achei que contar era a coisa certa a fazer — disse ela.

— Mostra o que a senhora sabe acerca do certo e do errado, não é verdade? E Dick disse que me tinha visto apanhar um barco. Porque me seguiu?

— Só queria… vi-te na rua por acaso, e fiquei curiosa. Vi-te subir para bordo de uma barcaça e sair da cidade, e eu…

— E a senhora o quê?

— Invejei-te. — As palavras não eram mais do que um sussurro, e de algum modo fizeram toda a raiva de Starling dissolver-se. Sorriu, embora não soubesse bem o que lhe agradava.

— *Invejou-me?* — ecoou ela, e abanou a cabeça. — Não diria isso se tivesse cheirado de perto o bafo de Dan Smithers.

— Talvez não — disse Rachel Weekes, com um sorriso cauteloso.

Eu assusto-a?

— Levei o saco a alguém há muito conhecido que passa tempos difíceis. — Starling interrompeu-se, em ponderação, antes de acrescentar: — Alguém que conhecia Alice de há muito. Talvez a única outra pessoa, sem ser eu, que a recorda com afeto. Que simplesmente a recorda, fora desta casa.

— Voltarás a ir ter com essa pessoa?

— Ouso dizer que voltarei, na devida altura.

— Poderia ir contigo? — Aí estava de novo aquela urgência da mulher, aquela ansiedade que Starling não compreendia bem, nem confiava.

— Porque haveria de querer ir? Isso faria cair sobre si a ira do seu marido, se descobrisse.

— Não descobrirá… — Isto foi dito com menos certeza. — Serei cuidadosa.

— Mas porque quereria ir? É uma viagem gelada nesta altura do ano.

— Quero… libertar-me da cidade durante um tempo. E quero falar com outra pessoa que conhecia Alice. Isso poderia ajudar-me a compreendê-la melhor — disse ela. Starling encarou-a por um momento.

Subitamente viu que a Sra. Weekes precisava de qualquer coisa, com muita urgência, mas Starling tinha ainda de adivinhar que coisa poderia

ser. Abanou a cabeça.

— Quer compreendê-la? Ela morreu, Sra. Weekes. Temo que agora não a possa conhecer. Chegou demasiado tarde. — As suas próprias palavras fizeram Starling parar; elas rasparam no bordo vivo da sua dor.

— Fala como se estivesse enamorada dela, e no entanto nunca a viu, nunca falou com ela.

— Esqueces-te de que a vejo no espelho. E vejo-a nas tuas palavras, e… nas palavras dos outros.

— Imagens diferentes, certamente.

— Sem dúvida. E eu tenho de saber a verdade, se a puder descobrir.

— Com que finalidade? — pressionou Starling, obstinadamente.

Mas pareceu que Rachel Weekes não tinha resposta para esta pergunta.

Após uma pausa, e com uma expressão de súplica no olhar, ela disse:

— Poderia levar comida. Poderia levar carne e pão, para pagar a minha presença na visita.

— Muito bem — concedeu Starling. *De certeza que daqui não me pode vir nenhum mal! Ela arrisca mais.* — Irei de novo na próxima segunda-feira à noite, por volta das cinco horas.

— Na Noite das Bruxas?

— Tem medo de fantasmas, Sra. Weekes?

— Acho que seria prudente ter.

— É esta a data combinada. Encontramo-nos do outro lado da ponte, no molhe sul. E não se atrase, porque não vou ficar à espera se Smithers estiver pronto para sair. É uma caminhada extenuante no escuro, se o barco tiver partido. — Isto pareceu agradar suficientemente à Sra. Weekes, e embora Starling conservasse uma expressão dura no rosto quando ela se afastou, deu conta de que não lhe desagradava a ideia de ter a companhia daquela mulher alta na viagem escura e tristonha ao longo do canal.

1808

Na cozinha da quinta, houve um momento vibrante de suspensão depois de Starling ter atirado pela boca fora o segredo de Alice e Jonathan. Quando terminou, ela foi mandada para cima, mas não fez o caminho todo. Afundou-se no mesmo local, junto da balaustrada, de onde vira pela primeira vez Jonathan e o Lorde Faukes, embora fosse mais difícil agora caber lá, e todos os membros estavam em tal desassossego que era quase impossível permanecer calada e imóvel. Durante muito tempo, Alice apenas chorou, e isso foi o mais difícil de suportar de tudo. Chorou com uma espécie de necessidade frenética que impediu Bridget de dizer o que quer que fosse. Starling ouviu o arrastar de cadeiras pelo chão da cozinha e, pelo meio, a chaleira começar a ferver.

— Alice, menina, já chega — disse Bridget, após longos minutos.

— Respire fundo, devagar. Acalme-se, acalme-se. Beba um gole de chá.

— Ouviu o chocalhar trémulo da chávena contra o pires.

— Bridget, não lhe podes contar! Promete-me! Por favor, imploro-te, pois, se o fizeres, ele vai impedir que nos vejamos um ao outro, e é provável que nos expulse e não teremos nada e ficaremos arruinadas! E

eu nunca mais voltarei a vê-lo! — disse Alice precipitadamente.

— Sabia tudo isso, e mesmo assim continuou a sua ligação…

tolerou os seus sentimentos e encorajou-os a crescer. Sabia tudo isso, e também que sou empregada do Lorde Faukes, e devo obedecer às suas ordens. — Bridget falava pesadamente, com cansaço.

— Tolerei os meus sentimentos, e encorajei-os a crescer? Não, sou *compelida* pelos meus sentimentos, Bridget! Deves saber, deves compreender… nunca estiveste apaixonada? — A voz de Alice era trémula. Starling sabia que ela estaria pálida, de olhos arregalados. *Não deixes que ela te dê a volta por causa do que eu disse.*

— Fantasiei que estava, uma vez, e não foi mais prudente do que este amor que tem pelo jovem Sr. Alleyn. O meu pai interveio e impediu que ficássemos demasiado ligados um ao outro, e antes que eu fosse envergonhada publicamente. Foi uma separação dolorosa, não vou negar.

Mas agora vejo a sensatez dela, e a Alice tem de ver a sensatez de afastar a sua afeição pelo Sr. Alleyn.

— A sensatez? Não, não vejo nenhuma sensatez nisso! Não vejo nenhuma sensatez em separar-nos, ou manter-nos separados, quando as

nossas almas estão firmemente ligadas e têm estado desde há tantos anos! Deves ter visto isso, não? Deves ter sabido como nos sentíamos um em relação ao outro?

— Sabia, sim. Qualquer pessoa com olhos na cara teria sabido, ao vê-los juntos na mesma sala. Até o Lorde Faukes o sabe, embora não saiba que haveria de lhe desobedecer desta forma, e encontrar-se com o neto dele em segredo… tal como eu não sabia. Alice, o que tinha na cabeça? Ele está prometido a outra! E mesmo que não estivesse, ele está destinado a fazer um excelente casamento, numa família nobre.

— Eu não daria uma excelente esposa para ele? — disse Alice, num tom de tal tristeza que Starling não conseguiu suportar.

— Para mim, e para todos os que a conhecem, a Alice é tão excelente como qualquer senhora nascida em berço de ouro, mas não é assim que o mundo funciona, e nenhuma porção de amor ou de boas intenções vai alguma vez mudar isso. Não tem um nome. Não tem uma família, e não tem qualquer fortuna. Jonathan é filho de uma senhora ilustre.

— Ele não ama realmente Beatrice Fallonbrooke! E não vai casar com ela; ele jurou-mo. Durante os últimos três anos, tem tentado afastar-se do compromisso. Apenas a sua honra e a obrigação para com a senhora o impediram de renunciar a ela publicamente.

— A sua honra? Quão honrado é levá-la numa dança como esta, e partir-lhe o coração, quando ele sabe que não pode casar consigo? Será deserdado se o fizer. Ficariam sem nada, e sem lugar para onde ir. Todas as portas vos seriam fechadas.

— Se fôssemos casados, eu viveria alegremente debaixo de uma sebe com ele!

— Menina tola! Pense! *Pense* no que aconteceria!

Seguiu-se um longo silêncio. Starling não se atrevia a respirar e o peito ardia-lhe. O coração pulsava-lhe dolorosamente na cabeça; tentou fechar os olhos, mas apenas ficou pior.

— Por favor, não lhe conte — sussurrou Alice então.

— Estou obrigada a fazê-lo. Receio que ele os vá separar. Seremos enviadas para outro sítio, suficientemente longe para que não tenham lugar quaisquer encontros secretos. — A voz de Bridget era monótona, infeliz.

— Enviadas para outro sítio? Não! *Por favor*, Bridget… Não vou sobreviver a isso.

— Vai sobreviver porque tem de sobreviver. Que escolha tem?

Agradeça que Starling a tenha denunciado a mim, e não ao Lorde Faukes… Não sei o que aconteceria se ele descobrisse a história toda. —

A voz de Bridget estava tingida de aviso. No silêncio que de novo se fez, Starling ouviu Alice engolir ar profundamente. Pensou então em correr à cozinha, lançar-se diante delas e dizer alguma coisa, *qualquer coisa,* para desfazer o que fizera, para que as suas vidas não fossem viradas do avesso e Alice não ficasse de coração partido. Deu-se conta que nem um único músculo do seu corpo responderia à chamada. Um torpor de puro pânico deteve-a, e a sua vergonha era como um peso imenso que se abatia sobre ela.

— Acredite, preferiria não ter de deixar esta casa. Temos estado confortáveis aqui, ao longo destes vinte anos… — disse então Bridget, entre dentes. Alice arfou.

— Não contes, então, querida Bridget! Finge que nada mudou!

Como se Starling não tivesse dito nada, ou que eu tivesse negado tudo e tu tivesses acreditado!

— Não posso fazer isso… se fosse descoberto…

— Não vai ser! Como poderia ser? — A voz de Alice resplandecia de desesperada esperança. — Não abanes a cabeça, Bridget, diz-me que vais ficar em silêncio, e podemos ficar aqui em Bathampton e tudo voltará a ser como dantes!

— Alice! Isto não é um jogo! — gritou Bridget. — O Lorde Faukes ama-te, e tem sido sempre gentil contigo. Mas não te iludas, ele é um homem poderoso, e fará as coisas a seu modo. Vi como ele lida com quem o desafia… E na questão não insignificante do casamento do seu neto? A menina não conseguiria atirar-se para o colo dele e chorar para escapar desta, note bem o que lhe digo.

— Ele não ouvirá falar disto, Bridget. — Alice pareceu mais calma, e decidida.

— E tem de me jurar que nunca mais vê Jonathan em segredo. Tem de se separar dele. Jure, Alice; porque mais cedo ou mais tarde as coisas são descobertas. São sempre.

— Eu… eu…

— Jure-me, Alice, ou vou ter de contar tudo agora. Não me deixaria outra alternativa. Jonathan Alleyn não é para si, por mais que goste dele.

— Muito bem, então. Juro. — Isto foi dito numa voz pequena e estrangulada.

— Tem de falar com Starling. Pensei que ela lhe era leal a si, a nós as duas. — Bridget suspirou. — Provou o contrário.

Ao ouvir isto, os membros de Starling despertaram. Gatinhou para se levantar e voou escadas abaixo, correndo para fora da casa tão depressa quanto os seus pés lhe permitiam, porque não conseguia suportar ouvir o que as duas diriam dela.

Deambulou sem destino ao longo do canal, durante bastante tempo, subindo depois até à crista da serra sobranceira à orla ocidental de Bathampton, de onde a loucura de Ralph Allen espreitava — os torreões e ameias da muralha de um falso castelo, recentemente construída para embelezar a vista da casa de um cavalheiro da cidade. Starling fitou-a e interrogou-se sobre o poder que alguns homens tinham, para mudar o mundo a bel-prazer. *Quando nós, os outros, apenas devemos fazer o que nos é oferecido, e ser dóceis e maleáveis.* Pensou no que Bridget dissera do Lorde Faukes — *ele fará as coisas a seu modo.* Recordou-se do súbito aviso que sentira, sem nome e sem palavras, penetrando-lhe até aos ossos, durante uma das suas visitas um ano ou perto disso antes.

Ela fora-lhe buscar um copo de Porto, quando ele estava sozinho, junto da lareira, na sala, e agarrara-a pelo pulso para impedir que se fosse embora. Normalmente, ela ficava fora da sua vista o mais que podia; tentava chamar o menos possível atenção sobre si.

— Espera um momento, rapariga. Starling — disse ele, sorrindo de tal modo que as suas bochechas lhe transformavam os olhos em quartos-crescentes. Starling fez o que lhe mandavam. Experimentou puxar o braço, mas o aperto dele, embora suave, era inquebrantável. Deixou pender a mão flacidamente da extremidade do pulso. Nalgum local oculto do seu cérebro, separou-se dele completamente; se tivesse de deixar o braço para trás para se libertar, fá-lo-ia. Olhou-o em silêncio, enquanto o polegar dele se movia em volta para comprimir o vulnerável lado inferior do pulso, onde o sangue estava quente e à flor da pele.

Massajou-a em pequenos círculos, ponderando, e a sensação de ardor que isso lhe deu transmitiu-se diretamente àquela parte oculta da sua mente que sabia morder, pontapear e correr. Repartiu o seu peso por ambos os pés, equilibrou-se, pronta. Começou a tremer.

— Não tenhas medo de mim, rapariga. Porque tens medo de mim?

— disse ele, soltando um risinho. *Não tenho medo de si,* percebeu Starling. *Odeio-o.* — Que idade tens agora?

— A chegar aos doze, achamos nós — disse ela com relutância.

— Uma pequena donzela sem dúvida — disse ele alegremente, e riu-se de novo, embora os seus olhos não a tivessem largado, e não era alegria o que os enchia, mas sim uma espécie de fome. Então, Starling olhou-o fixamente e deixou transparecer no seu rosto tudo o que estava a sentir. O Lorde Faukes recuou, embora não lhe tivesse soltado a mão. —

Cuidado com os modos, virgenzinha. Uma vez tive um cavalo que olhou para mim da mesma forma que tu. Fui obrigado a bater naquela égua até fazer sangue, pois fui.

— Sim, senhor. — Starling pôs os olhos em baixo porque não conseguiria impedir o ódio de transparecer.

— Assim é melhor. — O Lorde Faukes soltou-lhe o pulso e cruzou as mãos sobre a barriga, ajeitando o peso. A cadeira rangeu. — Não esqueças a quem pertences, rapariga. Não esqueças a quem estás obrigada. — Nesse instante, Alice entrou, vinda dos estábulos, com a face reluzente e o cabelo em desalinho, e foi abraçar o velho com um sorriso. Por um segundo, Starling quis pôr-se de permeio entre eles —

Alice não fazia ideia de como morder, dar pontapés ou correr. Mas não podia, uma vez que não havia qualquer pretexto para isso a não ser o instinto que lho ordenava.

Alice acabou por a encontrar, quando o céu tomava um aspeto claro e leitoso e ascendia um fragmento de Lua. Starling rumara à árvore dos amantes e estava sentada à sombra sobre a raiz saliente, calada, entorpecida e angustiada. Começou a chorar quando viu Alice aproximar-se, porque a vergonha era intolerável. Alice sentou-se a seu lado, com um ar sério e calmo. O seu cabelo claro captava a última luz, mas os seus olhos estavam mergulhados na escuridão.

— Não chores, Starling. Eu sei porque contaste à Bridget — disse ela. — Sei porque estavas zangada. Querias magoar-me um pouco,

porque eu te tinha magoado a ti, não foi, queridinha? — Starling apenas chorou mais, numa confusão; ranho e lágrimas escorriam-lhe pelo queixo. Alice envolveu-a pelos ombros com o seu braço e apertou. — És tão esperta e viva; é fácil esquecer como és novinha. — Bocejou suavemente e tirou um lenço para limpar o rosto de Starling. — Tu e eu temos sido tão chegadas, desde que vieste viver connosco. Deve ser impossível para ti compreenderes porque me encontrei em segredo com Jonathan, bem como as vezes em que me encontrei com ele sem ti, e em casa. Tem a ver com a espécie de amor que sentimos, e a minha…

situação particular. Talvez agora compreendas um pouco mais disso,

depois de teres ouvido o que a Bridget disse. — Starling levantou os olhos e viu que o facto de ter ficado à escuta não era segredo. Dissolveu-se em novas lágrimas de angústia; durante um bocado, Alice deixou-a chorar. Uma brisa fraca fazia remexer os ramos do chorão.

— Agora preciso de saber quão chegadas somos, Starling — disse Alice, passado um momento. Ela sussurrou as palavras, para que parecessem ditas, em parte, para a escuridão e para o silencioso rio que deslizava. Starling engoliu em seco, fungou e tentou ler-lhe a expressão.

— Que queres dizer com isso, Alice?

— Jurei à Bridget que me vou afastar de Jonathan. Não tive outra alternativa senão jurar. Mas não devo fazê-lo. Não o *farei*! — Alice agarrou Starling pelos braços e olhou-a nos olhos. — Traíste-me porque estavas magoada e zangada. Mas denunciaste-me à única pessoa que tinha boas razões para que eu guardasse o segredo para mim. Talvez fosse deliberado, talvez não, mas denunciar-me a mim e a Jonathan à Bridget não foi realmente uma traição. — Starling esperava, quase sem respirar. Nunca ouvira Alice parecer tão séria. — *Não* me irei afastar de Jonathan, e ele não se irá afastar de mim. Seria absolutamente impossível. Por isso vou

quebrar o juramento que acabei de fazer a Bridget, e vou quebrá-lo de bom grado, e se vier um tempo em que Jonathan e eu tivermos de fugir das nossas famílias para casarmos, irei cheia de vontade, embora fique desgraçada para sempre. Digo-te isto porque tê-lo-ias adivinhado, eu sei. Se não já, mas mais cedo ou mais tarde. Então, agora pergunto-te, Starling, vais trair-nos outra vez?

— Nunca! — arquejou Starling.

— Pensa bem antes de responderes, queridinha. Agora vai ser mais difícil guardar este segredo. Bridget estará alerta… vai sem dúvida fazer-te prometer que lhe contarás se eu não mantiver a minha palavra. — Os dedos de Alice apertaram os ombros de Starling, suave mas insistentemente.

— Mentir-lhe-ei também, não me interessa! Mas tem de me prometer uma coisa — disse Starling desesperadamente.

— O que é? — A voz de Alice soou cansada, preocupada.

— Quando for… quando se for embora com Jonathan, tem de me levar consigo. Não me pode deixar!

— Starling, queridinha…

— Não me pode deixar! Prometa! — Alice puxou-a para si, e beijou-a na cabeça.

— Prometo; e esta é uma promessa que vou manter.

Esperaram até que ambas estivessem calmas, recompostas e decididas, antes de regressarem à quinta, e à desconfortável sisudez de Bridget. Quando iam a entrar, Alice virou-se para sorrir a Starling, e foi aquele sorriso que a tranquilizou, e lhe disse que estava perdoada e que era amada. Foi aquele sorriso que fez com que o chão debaixo dos seus pés se transformasse de areia movediça em pedra sólida, e a convenceu a ignorar aquela centelha de instinto que regressou, quando a sombra do Lorde Faukes

assomou à sua mente; o impulso que sentiu de agarrar na mão de Alice e correr, naquele momento, imediatamente e para muito longe.

1821

Da noite para o dia, o gelo assentou sobre todas e cada uma das pedras da cidade, sobre todas as folhas e lâminas de erva de Barton Fields, onde Rachel e Richard se encontraram com o Capitão e a Sra. Sutton para passear. Uma densa névoa cobria Bath, serpenteando ao longo do rio como se fosse o bafo da respiração da água.

Subia pelos declives mais baixos da cidade, fazendo com que apenas as ruas e praças mais acima se elevassem nitidamente sobre ela; um porto elegante ao longo de uma praia branca e móvel. Cassandra Sutton estava enfaixada em casaco e xailes de lã, mãos enluvadas e botas altas de couro. Caminhava diante deles, mas depois voltava atrás, para lhes mostrar alguma coisa que tivesse encontrado — bolotas de carvalho e pinhas; uma vez uma enorme folha de castanheiro-da-índia, castanha-dourada e coberta de gelo. O exercício punha-lhe rosetas na face e brilho nos olhos, e a criança parecia tão vibrante quanto o ramo de bagas vermelhas de espinheiro que lhes levou a seguir para mostrar.

— Cassandra, não corras assim por aí, peço-te. Já estás uma senhora

— disse Harriet Sutton.

— Mas, se correr, mantenho-me quente — salientou a rapariguinha, e sorriu-lhes triunfantemente ao mesmo tempo que se virava e se afastava a correr uma vez mais. Os seus dentes eram um clarão branco em contraste com a compleição mais escura da cara.

— Cassandra! — chamou Harriet, mas o seu tom era divertido, não de censura.

— Correr faz bem às crianças, e enche-lhes o peito de ar puro —

disse Rachel.

— É verdade. Mas Cassandra está a chegar àquela idade em que eu acho que devo, talvez, inculcar-lhe um pouco mais de decoro.

— Oh, mas ela só tem nove anos, não tem? Acho que poderia ter licença para correr livremente e em segurança durante mais um par de anos. — Rachel sorriu. — Quando eu tinha a idade dela, o meu pai ainda me levava a pescar girinos. Ficávamos de pé durante horas na orla lamacenta de algum riacho, à espera de apanhar as pobres criaturas.

Acho que ele ansiava por um rapaz para levar nesses passeios! Assim que Christopher nasceu, fui autorizada a tornar-me sua filha em vez de seu filho. Era mais ou menos da idade de Cassandra quando isso aconteceu, e eu não me saí muito mal, suponho.

— Tem toda a razão. Saiu-se muito bem, realmente.

Harriet enlaçou o seu braço no de Rachel enquanto caminhavam; Richard seguia mais atrás, com o Capitão Sutton.

— Harriet, posso perguntar-lhe uma coisa? — disse Rachel.

— Com certeza.

— O seu marido alguma vez fala sobre quando esteve na guerra? A guerra com os Franceses, quero eu dizer.

— Muito pouco, na verdade. — Harriet Sutton suspirou. — Não o pressiono, uma vez que parece que lhe é doloroso falar disso.

— Acha que isso… o perturba? As coisas que viu e fez?

— O meu marido é um homem bom e gentil; tenho a certeza que tais violências o perturbam. Mas cumpre o seu dever para com o rei e o país. O seu dever como soldado. — Harriet virou a cabeça para olhar para o marido. — O exército precisa de homens como o meu

marido para colocar uma medida de decência no grotesco do campo de batalha.

— Certamente.

— O que a faz perguntar?

— O Sr. Alleyn começou recentemente a falar comigo sobre o tempo em que esteve na guerra. Das coisas que viu e fez — disse Rachel.

E são coisas que me dão a volta ao estômago. — Não consigo imaginar como qualquer homem poderia passar pelo mesmo e permanecer de coração puro.

— Sim. Ouvi falar de outros soldados para quem é impossível regressar às suas antigas vidas, quando voltam para casa. Acham a sociedade sem sentido; os seus dias inúteis; as suas esposas e famílias…

frívolas.

— E o que acontece a esses homens?

— Gradualmente, voltam a assentar, e a encontra a paz. — Harriet encolheu os ombros. — Ou não encontram, e entregam-se à bebida e à dissolução, ou retiram-se do mundo.

— Ou retiram-se para a bebida e a dissolução, as três coisas —

murmurou Rachel. Harriet sorriu com tristeza.

— O que lhe conta ele?

— Coisas tais… — Rachel abanou a cabeça. — Coisas tais que eu começo a compreender a razão de as suas recordações o atormentarem tanto. A razão de ter perdido a fé na humanidade. — *E depois leio-lhe uma história de aventura e coragem, e ele dorme, como uma criança.*

Por um momento, caminharam em silêncio, observando Cassandra

enquanto ela disparava nesta e naquela direção, por baixo dos ramos nus de um castanheiro-da-índia, enchendo os bolsos do casaco de lustrosas nozes.

— Estou contente — disse então Harriet. Rachel virou-se para olhar para a sua amiga baixinha, confusa. — O coração de Jonathan Alleyn é bom. *Sei* que isto é verdade. E a guerra pode mudar a mente de um homem, mudar a sua perspetiva e o seu comportamento, talvez mudar a própria forma como pensa. Mas não pode mudar o seu coração.

— Mas talvez se eles se comportarem suficientemente mal, não interessa se o seu coração permanece o que sempre foi. Afinal, nem tudo, nem todos os atos podem ser perdoados.

— Não podem? Não é isso que o Cristianismo ensina?

— Não sei. — Rachel pensou em Alice, e na forma como ela desaparecera do mundo. Pensou na rapariga portuguesa de que Jonathan falara, esmagada debaixo de uma rocha e violada. — Não sei — disse ela outra vez. Harriet apertou-lhe a mão.

— Não desista dele, Sra. Weekes — disse ela suavemente. —

Ninguém esteve tão perto dele desde que regressou da guerra como a senhora agora está. Está a fazer-lhe bem, eu sei. E a senhora está a *fazer* bem, pelo seu tempo e pela sua… vontade de ver para lá do muro que ele construiu à volta dele.

Rachel assentiu vagamente.

— Ouço dizer tais coisas acerca dele, de… outros, que já nem sei o que pensar — disse ela.

— Pode confiar na minha própria avaliação, espero eu. Eu sei que ele é bom.

— Mas *como* é que sabe, Sra. Sutton? Como tem tanta certeza?

— Eu… não sei dizer. Perdoe-me. Diga-me, qual é a reação do seu marido em relação aos seus progressos?

— Não tem qualquer reação. Não sabe nada disto — disse Rachel.

— Só se interessa pelo salário que a Sra. Alleyn me paga. Nunca me pergunta o que faço lá, ou como passo. — Mesmo que tentasse, Rachel não conseguiria manter a infelicidade afastada da sua voz, e juntamente com isso havia qualquer coisa de novo; qualquer coisa parecida com desprezo. Esperou que Harriet Sutton não notasse nada, mas o olhar que a amiga lhe lançou era de perturbação, e ela não falou durante alguns instantes.

— O primeiro ano de casamento é uma viagem de descoberta —

acabou Harriet por dizer. — E talvez seja inevitável que nem todas as coisas que descobrimos sejam do nosso agrado. — Sorriu, com simpatia, e Rachel desviou o olhar. Subitamente, a sua própria aversão pelo marido envergonhou-a.

Tinham atingido o fim do trilho que atravessava Barton Fields, e esperaram pelos homens junto do caminho que os levaria de volta à cidade, e a um café, onde se poderiam aquecer. Rachel sorriu calorosamente a Richard para disfarçar os seus verdadeiros sentimentos.

Ele retribuiu com um sorriso esquálido e assimétrico, como se tivesse provado alguma coisa azeda, e o coração de Rachel afundou-se ainda mais.

— Bem, acho que merecemos alguma coisa quente para beber, e talvez alguma doce para comer, para nos aquecermos, hmm? — disse o Capitão Sutton, arrebatando a filha nos braços e tocando com a ponta do nariz no dela. — Cassie! O teu nariz está um gelo!

— Não há nada tão caloroso como ter a nossa família por perto, acho eu — observou Harriet a Rachel e Richard, que estavam de braço dado sem falarem um com o outro.

— Isso mesmo — disse Rachel, mas Richard falou ao mesmo tempo e em voz mais alta.

— Tenho encontrado pouco calor na minha, ultimamente — disse ele, e depois cerrou firmemente os lábios, deixando os olhos deslizarem com ira pelo rosto de Rachel antes de desviar o olhar em direção à névoa.

Rachel ficou mortificada, sem saber para onde olhar. Ficou ali, de braço dado com o marido, de caras viradas e uma parede de mudos ressentimentos entre eles.

À noite, já tarde, Rachel deu por si a interrogar-se acerca de Richard, e as suas longas ausências noturnas. A princípio, assumira que estava com clientes, em estalagens ou casas privadas, ou com negociantes; que a sua embriaguez frequente era o resultado de brindes e provas, da celebração de transações, ou qualquer outra coisa de algum modo ligada ao seu negócio. Mas depois do seu comentário aos Sutton, já não estava tão segura. Duncan Weekes aconselhara-a a ficar contente por o filho não ter quebrado os votos matrimoniais, e a esquecer qualquer indiscrição anterior. *Mas e se ele realmente os quebrar?* Ela não se deteve na questão, uma vez que a resposta era na verdade *e se realmente* — ela não poderia fazer nada para o impedir, a não ser denunciá-lo e tentar envergonhá-lo para se comportar melhor. Mas mesmo isso, descobriu

ela, não lhe interessava. Não estava interessada em torná-lo melhor. A súbita compreensão disto surpreendeu-a como um choque, e se era verdade, então também não deveria estar interessada no que ele fazia quando não estava em casa. Ele diria que não era da conta dela, e teria provavelmente razão. *Mas ainda assim Hei de saber,* decidiu ela. *hei de saber a história toda acerca de com quem casei.*

Rachel tapou-se contra os chuviscos, apenas com força para polir o pavimento empedrado. Foi de sítio para sítio de sobrolho vincado e o capuz puxado para a frente para ocultar o rosto o mais possível dos transeuntes. Não conseguiu convencer-se a entrar sozinha na estalagem, mas espreitou por janelas e portas quando estas se abriam para deixar entrar ou sair pessoas. Uma nuvem de conversa e risos, de calor e cheiro desagradável desprendia-se lá de dentro, causando-lhe um misto curioso de repulsa e solidão. Viu rostos corados, e olhos sorridentes; viu discussões e lágrimas, amantes mergulhando as cabeças juntas em recantos reservados que a luz das velas mal alcançava; viu homens a beber sozinhos, olhando para o nada, engolindo quantidades de álcool como se fosse comida. Mas não viu Richard Weekes em nenhum dos sítios onde foi, e após duas horas de busca, desistiu, cheia de frio e estranhamente desapontada. *Será que quero, então, que ele seja um réprobo? Arranjar uma desculpa para não o amar?* Na rua, quase pisou um homem sentado com os pés na valeta.

— Peço desculpa, senhor — murmurou ela, quando a ponta do sapato se enredou nas abas do seu casaco. O homem gingou, mas não respondeu, e Rachel parou. — Sr. Weekes? É o senhor? — Ela curvou-se para lhe ver o rosto. Duncan Weekes tinha um golpe por cima do olho direito, de onde lhe escorrera um fio de sangue, agora seco, até ao queixo; estava sentado com os olhos fechados e a boca mole, tresandando a *brandy* e a urina. — Sr. Weekes… está bem? Consegue ouvir-me? — disse Rachel, num tom de voz mais instante. Sacudiu-lhe o braço e ele ergueu a cabeça, lentamente, entreabrindo os olhos para ver qual era o sarilho em que estava metido.

— Rachel! Que encantador vê-la, minha querida menina. Entre, entre. Sente-se ao pé do lume e aqueça-se. — A sua voz era indistinta, difícil de perceber. Rachel mordeu o lábio, com ansiedade.

— Não estamos em casa. Estamos na rua, junto do Unicorn. Que aconteceu ao seu olho? Foi atacado?

— O meu olho? — balbuciou o homem. — O meu olho?

— Venha… tem de se levantar daí. Está uma noite demasiado fria para estar assim sentado cá fora, e não quereríamos que fosse preso por isso. Venha, não consigo levantá-lo, vai ter de me ajudar. — Rachel agarrou-o debaixo do braço e instou-o a levantar-se; tinha a manga do casaco empapada, e imunda. Por uns momentos, Duncan não se mexeu, e Rachel não teve outra alternativa senão puxá-lo em vão, mas então dois jovens que passavam viram a sua dificuldade; puseram Duncan de pé facilmente, sorriram e levaram os dedos aos chapéus quando Rachel lhes agradeceu. Lentamente, persuadiu Duncan Weekes a andar. — Vamos lá embora para um sítio mais quente e mais simpático — murmurou ela, enquanto cambaleavam pelo caminho.

— Perdoe-me, minha menina. Perdoe este velho tonto e bêbedo —

disse Duncan com voz espessa, e depois tossiu: o seu peito parecia entupido e doente. Rachel tinha a garganta demasiado apertada para responder.

Não estavam muito longe do sítio onde ele morava e, quando chegaram à porta, Rachel apalpou-lhe os bolsos até encontrar a chave. O

quarto estava completamente negro e pouco mais quente do que lá fora.

Ela orientou Duncan para cima da cama e depois tentou acender o lume, mas não encontrou carvão nem lenha com que o fazer.

— Não comprou carvão, Sr. Weekes? Não comprou nenhum combustível com o dinheiro que lhe dei? — Ele apenas a olhou fixamente, num pedido de perdão abjeto, e Rachel percebeu em que é que o seu dinheiro fora gasto. — Bem, então — disse ela, com desamparo. — Bem. Nesse caso, cobertores. — Acendeu algumas velas, que davam a ilusão de calor, com a sua luz amarela; amontoou quantos cobertores conseguiu encontrar sobre o velho, e foi buscar água e o pano do lavatório para lhe limpar o ferimento do rosto.

— Perdi uma mão ao trinta-e-um em que tinha apostado um *shilling*. Não tinha o *shilling* — confessou ele, tentando sorrir. — Sorte que ele só me tenha feito este pequeno corte e não um rasgão maior, hein? — Um hematoma alargava-se em volta do ferimento, e ele retraiu-se quando ela lho limpou com o pano. — De manhã, isso vai fazer-me latejar a cabeça ainda mais.

— Oh, porque faz isto? Porque se arruína com bebida? — exclamou subitamente Rachel. O rosto de Duncan Weekes sumiu-se.

— É como uma ordem a que se tem de obedecer, embora sabendo que quem ordena é um vil bandido — disse ele, suavemente.

— O senhor, o meu marido, e Jonathan Alleyn… isso faz de todos vós tolos e incendiários! — Espremeu o pano para a bacia. A água estava gelada.

— Tolos e desgraçados, sim. Faz-nos perder as coisas que mais amamos. — Os olhos aguados de Duncan Weekes brilharam. A chama das velas refletia-se neles como pequenas centelhas de vida. Rachel sondou-as.

— O que aconteceu à sua mulher, Sr. Weekes?

O velho suspirou; fechou os olhos por um momento antes de lhe responder.

— Um Natal, ela foi para fora visitar o sobrinho. Eu era para ir a Marlborough, onde ele a deixaria, e acompanhá-la durante a última parte da viagem, na diligência. Mas eu… bebi o dinheiro do bilhete, e caí num estupor. Então, ela veio sozinha, e tendo sido a última a subir, pois esperara pela minha chegada o mais que lhe foi possível, não teve outra alternativa senão fazer a viagem no telhado. Amargámos, nessa altura, uma implacável vaga de tempo invernoso. Implacável. Quando a diligência chegou a Chippenham, descobriram… descobriram que ela tinha sucumbido ao frio.

— Oh, Sr. Weekes — disse Rachel num sopro.

— A bebida é o próprio Diabo. Foi a bebida e a minha fraqueza o que a matou, certamente. Por isso, veja, não posso censurar o meu rapaz por me odiar — disse Duncan, com amargura. — Mas, pensando melhor, talvez o Diabo esteja em nós, para começar, e a bebida apenas lhe dê rédea livre. Sim, talvez seja isso! Está na família Alleyn. Eu vi-o. Vi o demónio deles com os meus olhos! — Os olhos do velho arregalaram-se, agarrando-lhe a mão com que ela cuidava dele. — Oh, tenha cuidado, minha querida! Preocupa-me profundamente que se tenha aproximado daquele homem, que o tenha metido na sua vida.

— Tenho vindo a conhecer melhor Jonathan Alleyn. Não o receio como já receei.

— Jonathan Alleyn… talvez não, talvez não. Mas os outros…

— Mas, só resta ele e a mãe — disse ela, confusa. Duncan abanou a cabeça.

— Têm todos o sangue dele. E ela é filha do seu pai — disse ele, numa voz que se tornou pequena e assustada. — Richard dir-lhe-á… ele dir-lhe-á que fui dispensado por causa da minha embriaguez. Será isso que ele lhe dirá. Mas não foi por isso. Não foi por isso!

— Então porque foi, Sr. Weekes? — Rachel sussurrava, apertando-lhe firmemente a mão.

— Porque eu *vi*! Eu vi-os! E o que eu vi não poderia ser confundido. E ambos sabiam… ambos sabiam o que eu vira… E eu contei-lhe a ela. Contei-lhe.

— Contar a quem o quê? O que viu?

— Eu compreendi então… compreendi-os, então, e fiquei contente por me vir embora, depois daquilo. Sabia quanto o meu rapaz queria ficar, mas fiquei contente por me vir embora depois do que vi… — O

esquecimento chamava-o, puxava-o, fechava-lhe os olhos, fazia as suas palavras perderem a forma e o sentido.

— Mas o que foi, Sr. Weekes? — Rachel sacudiu-o levemente, desesperada para saber. Abriu de novo os olhos, debatendo-se para focar o rosto dela.

— Oh! Pobre menina, temo que tenha caído em mãos obscuras…

mãos obscuras. Aquela família tem segredos diabólicos, e os seus corações são negros… eu *vi*! — Afundou-se de novo, e a sua respiração chocalhou de encontro aos dentes, asmática e espessa. O odor fez Rachel recuar; fedia como um bafo infeto. Sentiu o coração a bater com força.

Pegou na mão de Duncan e tentou aquecê-la, mas no fim foi a dela que ficou mais fria, e o velho começou a dormitar, inquieta mas tenazmente, pelo que ela o deixou.

A véspera de Halloween foi luminosa e cristalina; o Sol baixo derreteu a geada matinal para deixar tudo resplandecente com água. De mil chaminés, mil colunas de fumo elevavam-se para o céu azul e imóvel.

Rachel passou as curtas horas com luz do Sol a escrever uma carta para os Trevelyan, costurando uma velha écharpe para lhe tentar dar um aspeto mais de acordo com a moda, e tentando fazer massa que não ficasse nem dura nem grossa, nem demasiado leve para levedar.

Enquanto isso, ouvia Richard lá em baixo na adega. Uma corrente regular de clientes entrou e saiu; ouviu risos e discussões abafadas; o atroar de barris a rolarem, o ranger do carrinho de mão quando uma certa quantidade de material era trazida para ou levada da loja. Nesse dia, entre todos os outros, Rachel inquietava-se. Pensou em meia dúzia de desculpas que poderia dar a Richard para sair tão perto do cair da noite, e magicou até em escapulir-se sem sequer o ver; estava tão nervosa que, à medida que as cinco da tarde se

aproximavam, acabou por andar de um lado para o outro na cozinha e na sala, indo de uma janela até à outra,

olhando lá para fora em busca de respostas.

Suspirou intimamente de alívio quando, às quatro e meia, Richard subiu para anunciar que ia sair.

— Onde vai? — perguntou Rachel, apesar de tudo. Richard pareceu impaciente, por um momento, e beijou-lhe a face, erguendo a mão para lhe acariciar o cabelo.

— Tenho negócios para tratar — disse ele, e Rachel abafou a resposta de que não acreditava nisso. Seria para uma estalagem, ou para uma mesa de jogo, algures. Lembrou-se do que Richard dissera uma vez do seu pai — que ele não seria metade do pobre que era se não bebesse o que ganhava. *Hipócrita. E parece aumentar essas despesas a toda a hora.* Com uma pontada de angústia, perguntou-se se era dela a culpa de Richard procurar com que se entreter noutro sítio, mas, afinal, ela queria que ele saísse, e não disse mais nada.

— Virá tarde?

— Virei tão tarde quanto precisar de vir, Rachel — disse ele, irritado. — Não espere por mim, se tiver fome.

— Muito bem. — *Só espero que o seu negócio o mantenha por fora até mais tarde do que o meu me manterá.* Richard calçou as luvas e saiu sem outra palavra. Rachel contou até cem depois de a porta ter batido, depois apressou-se a vestir o casaco e a calçar as luvas e dirigiu-se ao rio.

Do outro lado da ponte, olhou para a esquerda e para a direita, tentando vislumbrar a pequena figura de Starling entre a multidão de gentes do rio e negociantes, miúdos esfarrapados e aprendizes. À luz evanescente, as tochas ofuscavam-na e tornavam difícil ver. Por trás dela, os sinos da cidade começaram a dar as badaladas das

cinco e ela sentiu um adejar de pânico, até que uma mão lhe agarrou o braço e ela olhou para o rosto em forma de coração de Starling.

— Pensei que tinha mudado de ideias — disse ela, conduzindo Rachel pelo cotovelo através da multidão.

— Não, eu…

— Apresse-se… ele não vai ficar à espera. Trouxe comida?

— O quê?

— Disse que traria alguma comida. — Starling parou, e olhou acusadoramente para Rachel.

— Eu… peço desculpa. Richard esteve em casa até ao último minuto… Não consegui. Estava preocupada em sair sem ele saber.

— Deixe lá. — Starling retomou a marcha através do esterco e do lixo da margem. Chegaram à mesma barcaça que Rachel vira Starling tomar anteriormente, e a rapariga saltou agilmente para bordo. Rachel espreitou o abismo de água escura entre o barco e o pontão de madeira.

— Venha, então — disse Starling, sentando-se sobre as sacas de carvão.

Rachel olhou para Dan Smithers, que lhe fez um sorriso de esguelha, exibindo os seus dentes castanhos; de um dos lados da boca, os caninos superiores e inferiores estavam limados de modo a formar um perfeito e redondo buraco para a cana do cachimbo.

— Dê um salto, m'nha senhora, se quiser ir de boleia — disse ele, ainda a sorrir. Endireitando os ombros, Rachel recolheu as saias e atravessou a abertura com uma única longa passada. Perdeu o equilíbrio, sem a noção de como a barcaça iria oscilar, e cambaleou

para diante, caindo sobre as sacas de carvão. Dan Smithers gargalhou em voz baixa.

— Um cavalheiro ter-me-ia oferecido a mão para me ajudar —

salientou Rachel, friamente, mas o barqueiro só se riu.

— Sissenhora, m'nha senhora. Sem dúvida c'um cavalheiro o t'ria feito.

Starling sorriu perante a indignação dela, embora não sem simpatia.

Quando ela era assim, desprevenida, no seu elemento, tinha uma espécie de confiança vívida que Rachel admirava, e invejava. Havia nela qualquer coisa de resiliente e infatigável. Em breve estavam a deslizar por baixo das pontes de ferro ornamentadas de Sydney Gardens, entre íngremes muros de pedra. As vozes dos transeuntes e vendedores e namorados ecoavam neles; palavras desencarnadas que flutuavam como fantasmas ao longo da água. Rachel teve um arrepio e aconchegou o casaco à sua volta. Pouco depois, tinham saído da cidade e estavam rodeados de escuridão, exceto pelas lanternas à proa e à popa da barcaça

— duas únicas chamas trémulas para suster a noite. Não havia qualquer ruído, senão o do bater da água no casco, e o cloque-cloque abafado dos cascos do cavalo. Rachel avistou as primeiras estrelas da noite a aparecerem, e foi invadida pela excitação; sentia-se como, de algum modo, estivesse a escapar. *Mas vais ter de voltar para trás outra vez.*

— Vai ser outra noite de gelo — disse Starling, e as suas palavras produziam fiapos brancos de névoa que lhe obscureciam o rosto. Estava sentada de pernas cruzadas, o rosto meio iluminado pela lanterna da proa, a brincar com um fio solto das mitenes. *Metade dela parece uma jovem senhora, a outra metade uma rameira de taberna*.

— Quantos anos tens, Starling?

— Provavelmente vinte e quatro. — Starling encolheu os ombros.

— Provavelmente?

— Nunca soube ao certo. Sempre utilizámos a minha altura para fazer suposições, mas era alta enquanto criança e agora não sou tanto.

Por isso, talvez as nossas suposições estivessem erradas.

— A tua mãe não sabe? — disse Rachel, confusa.

— Ousaria dizer que sim, mas uma vez que nunca a conheci, isso não ajuda muito.

— És órfã?

— Não sei. — Starling inclinou a cabeça para um lado de modo a olhar para Rachel, e continuou: — Cheguei à quinta a pé, num dia de inverno, vestida apenas com farrapos. Era pequena, seis ou sete anos.

Alice ficou comigo, e cuidou de mim.

— Mas se tinhas seis ou sete anos, deves lembrar-te da tua vida antes disso, certo?

— Não me lembro. — Starling voltou a encolher os ombros. —

Acho que optei por esquecer; e esqueci-me. Tenho por vezes sensações esquisitas, como avisos. Intuições, era o que a senhora lhes chamaria.

Sobre pessoas, ou acontecimentos. Acho que devem ser lições que a vida de antes me ensinou, mas foi tudo o que conservei. As intuições, e as cicatrizes.

— As cicatrizes?

— Parece que fui espancada muitas vezes.

— Oh, isso é horrível.

— Não tenho qualquer recordação, por isso não me perturba.

— E Alice decidiu ficar contigo? Tentou descobrir de onde vinhas?

— Se o fez, não foi muito arduamente. — Starling fez um breve sorriso. — Pelo menos, depois de ter visto como tinha sido tratada. Se me quisessem de volta, teriam vindo à minha procura, não teriam? Eu era muito pequena. Não poderia ter ido para muito longe no inverno, sem sapatos nos pés. Devem ter estado ali por perto, e tão contentes por se verem livres de mim como eu fiquei por ter caído nos braços de Alice.

— Então é por isso que tens um nome tão singular?

— Alice costumava dizer que os estorninhos me tinham levado a ela. Estavam a vir num ruidoso turbilhão, para fazer ninho, e depois apareci eu, descalça, no quintal cheio de lama e penas na cabeça. —

Starling sorria enquanto falava, e Rachel viu quanto ela gostava desta

lenda acerca das suas origens.

— Então ela criou-te como se fosses dela?

— Como irmã, mais ou menos. Alice tinha apenas dezassete anos quando eu apareci. Foi uma educação divertida. Alice tratava-me como igual, e Bridget ensinava-me a ser uma boa criada.

— Quem é Bridget?

— Era a governanta de Alice, mas também a sua guardiã, e a sua carcereira. Estava ao serviço do Lorde Faukes… — Starling interrompeu-se, engolindo em seco. — Foi empregada pelo

benfeitor de Alice para a servir, mas também para a manter confinada à casa e à aldeia de Bathampton. Alice nunca foi além desse limite em toda a sua vida. — Starling virou a cara, com tristeza, ao mesmo tempo que o grito rouco de uma raposa ecoou pela água. — Com exceção de uma vez —

acrescentou ela, tão suavemente que Rachel quase não a ouviu. — É

Bridget que vamos ver esta noite; está velha, agora, e fraca, e muito diminuída em relação a quando a conheci.

O frio fazia Rachel arfar; dilacerava-lhe as mãos e os pés. Fazia-lhe bater os dentes. Um súbito movimento na luz da lanterna assustou-a, mas era apenas uma coruja. Permaneceu como um fantasma diante deles durante algum tempo, tão silenciosamente branca como um floco de neve, depois desapareceu na escuridão como um segredo. Rachel olhou para o outro lado e descobriu que Starling a observava de olhos esbugalhados, na luz escassa.

— Não falta muito — disse ela, à medida que se começavam a ver as formas amarelas de janelas iluminadas muito para cima. — Consegue ver a casa? — Ela apontou, e Rachel distinguiu algumas chaminés altas e a linha reta de um telhado, talvez a uns cem metros do canal. — Aquela foi a casa onde eu cresci. Foi a casa onde vivemos, as três. A jovem, a criada e a velha.

— Bridget ainda é governanta?

— Não, está demasiado doente para trabalhar; vive da caridade.

Não tem qualquer família. Apenas eu.

— Tem sorte, então, que tires algum tempo para a visitar.

— Que outra coisa poderia fazer? Por vezes, nem sempre foi tudo amor entre nós, mas… ela faz parte das minhas recordações mais

antigas, e foi boa para mim, à sua maneira. Ela também é família. A única família que agora tenho.

— Poderias casar, e formar a tua própria família — disse Rachel.

— Talvez o faça, um dia. — Starling baixou os olhos e brincou de novo com a luva. — Os devassos que conheci não são o género de homens com quem me interessaria casar. — Olhou para Rachel com ar de remorso, e esta ficou contente de se poder esconder na escuridão.

Quando chegaram, Rachel desembarcou mais destramente do que embarcara, e seguiu Starling até uma ponte sobre um canal, enquanto a barcaça desaparecia para este, as suas lanternas parecendo pequeníssimos fogos-fátuos a dançarem sobre as escuras águas.

— Como iremos voltar? — perguntou Rachel, subitamente receosa.

— Se tivermos sorte, haverá algum barco que vá para oeste e nos deixe embarcar. Se não, é uma bela caminhada, pouco mais de uma hora.

Poderemos ficar mais quentes se formos a pé. A que horas tem de voltar?

— Não sei. Às vezes, o meu marido… — Rachel interrompeu-se.

Era muito fácil esquecer-se de que Starling conhecia bem o seu marido; talvez melhor do que ela. — O Sr. Weekes normalmente fica fora até tarde — terminou ela, numa voz atrofiada.

— Sim. Parece bem Dick Weekes. Sempre por aí a miar — disse Starling, sem qualquer expressão. Avançaram pela rua deserta da aldeia.

Havia luz nas janelas, mas não se ouvia qualquer música ou vozes no seu interior; Rachel achou a quietude misteriosa.

— Onde estão todos? — sussurrou ela.

— Os que não estão no bar, estão enfiados em casa. É noite das bruxas, afinal. Não têm vontade nenhuma de ver os seus mortos andarem por aí. — À luz que se escapava de uma porta, Rachel viu o clarão do sorriso feroz de Starling.

— Eu haveria de gostar bastante de ver alguns dos meus, outra vez.

Mesmo que fosse sob a forma de espírito — disse Rachel suavemente. O

sorriso de Starling evaporou-se.

— Sim. Eu também.

Ao cimo da rua, viraram para um caminho lamacento, esburacado com poças geladas, formando galerias por entre sebes de teixos enormes.

No fim dele, aninhava-se uma fiada de três pequenas casas campestres, de um só piso, cada uma com duas pequenas janelas quadradas de cada lado da porta estreita, e uma chaminé atarracada que saía do meio do telhado. Captaram o bafo de uma fossa e a exalação de cinzas velhas.

Starling dirigiu-se a passos largos, com determinação, para a casa do meio e bateu com os nós dos dedos na madeira. Levantou o ferrolho sem esperar pela resposta.

— Bridget, sou eu! E trago uma amiga comigo. — Olhou de relance para Rachel ao entrarem, como se estivesse embaraçada por ter de usar a palavra *amiga*. Rachel seguiu-a de perto, na expectativa de calor, mas, como nos aposentos de Duncan Weekes, a temperatura dentro de casa pouco mais alta era. O ar estava estagnado; a única luz vinha de uma única vela sobre a cornija, por cima de um fogareiro, no qual as últimas brasas de um lume começavam a esfriar.

— Bridget? — Starling chamou novamente, passando através de uma porta à direita. Rachel esperou na pequena sala anterior. O chão era despido, e a única mobília existente era uma mesa torta com um banco enfiado por baixo, um aparador de madeira e uma cadeira de balouço virada para o fogareiro. Tudo parecia inteiriçado com o frio, desde a ossatura da casa ao próprio ar. Ouviu, no outro quarto, o restolhar de um colchão de palha, e palavras murmuradas.

— Pode entrar agora e trazer a vela — chamou Starling.

Suspender a vela diante de si fez com que tudo o mais desaparecesse na sombra, mas Rachel viu Starling empoleirada num banco de três pernas junto de uma cama estreita, e nessa cama estava estendida uma figura minguada, de ossos faciais que mais pareciam gumes de faca e de fundas olheiras; envolta em tantas camadas de cobertores e xailes que era difícil dizer onde acabava a cama e a pessoa começava.

— Bridget, esta é Rachel Weekes, recentemente casada com Dick Weekes, o homem do vinho. Sra. Weekes, esta é Bridget Barnes.

Aproxime-se para que ela a possa ver. — Rachel fez o que ela disse, notando quão ansiosamente Starling observava o rosto de Bridget. *Claro.*

Espera a reação dela ao ver-me. Ao ver este rosto que é apenas metade meu. Mas se Starling esperava por algo tão dramático como a reação da Sra. Alleyn, ficou desapontada. Bridget simplesmente fitou-a, sem pestanejar, durante tanto tempo que Rachel deu por si a devolver o olhar fixo, perscrutando os olhos fundos da mulher. Estes registavam reconhecimento, mas não surpresa; apenas uma funda tristeza, girando lentamente.

— Bem. Suponho que havia tantas caras para Deus criar, que mais cedo ou mais tarde tinha de fazer a mesma duas vezes — disse Bridget.

Parecia sem fôlego; a sua voz era sumida e o ar parecia penetrar apenas na parte mais de cima dos seus pulmões, de forma que tinha de inspirar constantemente pequenas porções dele. — Seja bem-vinda aqui, Sra.

Weekes. Embora a sua presença possa causar alguma agitação, nesta noite em especial.

— Obrigada, Sra. Barnes — disse Rachel.

— Não vimos ninguém, quando viemos para cá. Ninguém que a pudesse tomar por um fantasma — disse Starling.

— É Menina Barnes — salientou Bridget. — Nunca casei. Talvez, se tivesse casado, agora estivesse confortável e quente em casa do meu filho ou filha, em vez de nesta pocilga; embora não me devesse queixar de ter o asilo quando há tanta gente que não tem. — Ela interrompeu-se e inspirou várias vezes para poder continuar, produzindo um silvo ao tossir. — A humidade nas paredes atrapalha-me o peito — disse ela para ninguém em particular.

— Bem, eu posso não ter uma casa quente e confortável para onde te possa levar, mas tenho algumas coisas para ti. Vê: cotos de velas, mais cerveja, um osso de presunto, algum peixe seco e ervilhas e… —

Starling puxou um frasco de louça do saco com um ligeiro floreado. —

Mel! Nem sequer o roubei. Comprei-o para ti, Bridget — disse ela orgulhosamente à velha senhora.

— Bem, então, tenho a certeza que não precisavas de gastar o teu dinheiro comigo, rapariga — murmurou Bridget, mas Rachel podia ver como ela ficou contente.

— Não, não precisava — disse Starling altivamente. — Por isso dá-

te por feliz que eu o tenha feito, hein! — Na falta de lugar onde o pousar, Starling continuava a embalar o mel no colo. Estendeu uma mão para esticar as roupas da cama e, ao virar o rosto, Rachel viu como estava carregado de preocupação. *Aquela mulher é a sua única família, e é uma coisa frágil e expectante*.

Sob a orientação de Starling, Rachel ajudou a levar mais lenha para dentro, de uma pilha por trás das casas. A misteriosa quietude das sombras por baixo das árvores geladas fê-las apressarem-se a voltar para dentro.

— Não há nenhum carvão? — disse Rachel, e Starling abanou a cabeça negativamente.

— Nunca há. Pensei em surripiar algum ao Dan Smithers, mas achei que, sendo meu amigo, não voltaria a trazer-me se pensasse que o andava a roubar.

— Eu tenho algum dinheiro. Devíamos comprar-lhe algum —

salientou Rachel, abrindo o fogareiro e metendo lá dentro alguns

gravetos mais pequenos para atiçar o lume de novo.

— Abram os dois respiradores nesse fogão, ou vai demorar uma hora ou mais a pegar! — bradou Bridget do quarto. Não havia água na chaleira, e, com um suspiro, Starling saiu de novo para a escuridão, até à bomba da rua, e Rachel ficou sozinha com Bridget, sentindo-se subitamente embaraçada.

Pairou pela sala da frente por uns instantes, até que Bridget a chamou de novo para a cabeceira da cama.

— Senhor, odeio esta escuridão — resmungou ela. — É ainda cedo, mas poderia ser a calada da noite. Os meus olhos não conseguem ver nada depois das quatro da tarde! E agora vai ser assim até abril. —

Rachel tomou o lugar de Starling sobre o banco de três pés.

— De facto, parece faltar muito para a primavera — disse ela.

Bridget resmungou.

— Tem de me perdoar por não me levantar. Não estou tão inválida como pareço, mas hoje o meu peito pesa-me e não tenho forças. Isto vai e vem, uns dias melhores do que outros. Talvez este seja o meu último inverno; talvez não. — Falava com um sentido prático; sem medos nem pena de si própria. — A sua cara acorda velhos sofrimentos. Velhos desgostos. Porque veio?

— Sou… estou ao serviço da casa dos Alleyn, em Lansdown Crescent. Como leitora e… a fazer companhia ao Sr. Jonathan Alleyn…

— Ao Jonathan Alleyn? Então, Starling ainda não o envenenou, ou lhe pôs uma víbora dentro da cama. — Bridget falou com sarcasmo.

— Não. Ainda não.

— Bom. Não fico surpreendida. Apesar de todo o seu barulho e despeito, ela é uma rapariga sensível. Tem um bom emprego lá, e ela sabe disso. Para onde iria ela, por amor de Deus, se saísse dos Alleyn?

— Eu… não sei. Embora ela pareça odiá-lo. O patrão. E odiar igualmente a patroa.

— Tem de o odiar; que mais pode ela fazer? Culpa-o por Alice nos ter deixado. É mais fácil pensar que ele é um assassino do que aceitar a outra ideia.

— Acha que ele não o fez?

— Acho. Mas quem pode saber, especialmente depois deste tempo todo? Havia tantos segredos, tantos encontros de que eu não sabia nada.

Fechei os olhos tanto quanto podia. Quem era eu para contrariar os planos deles? O Lorde Faukes ter-nos-ia expulsado se tivesse descoberto,

mas Alice amava Jonathan tão puramente, amava-o como respirava. E eu amava Alice. — Encolheu os ombros; tossiu um pouco.

— Parece que a maior parte dos que conheciam Alice a amavam.

Todos menos Josephine Alleyn.

— Todos os que a conheciam a amavam. Josephine Alleyn apenas se encontrou com ela uma vez; o seu ódio era pelo que Alice *era*, pelo que ela representava, não por Alice em si mesma.

— E o que era Alice para ela?

— Um escândalo, claro. A filha ilegítima de um homem rico, sem nome que fosse seu, nascida na vergonha. — O coração de Rachel apertou-se dentro do peito.

— Conhece as circunstâncias do nascimento de Alice? — disse ela de garganta cada vez mais entupida por um medo inominável.

— Não é preciso ser um génio para o perceber. Ela foi-me um dia colocada nos braços, uma menina com um sorriso radioso e cabelos de seda. O Lorde Faukes trouxe-a, e pôs-ma nos braços, e vi a forma como ele a protegia. Que homem tem ternura por uma criança, a não ser que seja do seu próprio sangue?

— Diz que Alice era filha do Lorde Faukes?

— Não o posso provar, e nunca ninguém o disse. Mas que outra razão existe para que homens ricos e poderosos patrocinem crianças tão pequenas? E as mantenham escondidas, fora da vista e do espírito?

— Que idade tinha ela quando ele lha levou? Que idade tinha ela quando a viu pela primeira vez? — pressionou Rachel, inclinando-se para diante e trespassando Bridget com o seu olhar. A velha franziu o cenho, pensativa.

— Pequena, ainda. Com não mais de três anos de idade. Nunca soube onde tinha estado antes disso, sabia que era melhor não perguntar.

— Subitamente, os olhos de Bridget inundaram-se-lhe e a sua boca contorceu-se e, quando falou, as lágrimas atrapalharam-lhe as palavras.

— Fui mais mãe daquela menina do que quem quer que a tenha dado à luz. Mãe e ama e criada. Alguma vez Starling pensa nisso? Comporta-se como se fosse a única que sente a falta dela.

Rachel fechou os olhos. *Três anos de idade. Abi… serias tu?* Lutou para manter a compostura.

— Acha… acha que Alice morreu? — Bridget ergueu os olhos penetrantemente perante o tom estrangulado da sua voz, depois abanou a cabeça. — Ela fugiu. Tinha mais do que razões para isso, se por fim

aceitou que não poderia casar com o Sr. Alleyn. Nunca mais soube nada dela depois daquela manhã em que se foi embora. Ela adorava passear…

não era estranho que saísse. Ouvi a porta abrir-se logo depois de o Sol nascer, antes de o céu estar completamente iluminado. Pensei para mim própria, «Não preciso de me levantar já, Alice saiu, trará os ovos quando voltar. Starling acenderá as lareiras». Foi isso que pensei, fiquei ali deitada, preguiçosa e quente. E foi essa a última coisa que ouvi Alice fazer. Deveria… deveria ter-nos dado notícias! Devia saber como estaríamos preocupadas, e que teríamos guardado todos os segredos que ela nos pedisse para guardar.

Deveria ter-nos dado notícias. — Bridget empinou o queixo quando falou, mas havia mais dor do que censura na sua voz.

— Surpreende-a que não o tenha feito?

— Sim. Mas, afinal… — Bridget encolheu os ombros. — As cartas extraviam-se.

— Os Alleyn estão certos de que ela se envolveu com outro, mas Starling insiste que Alice não tinha outro namorado senão Jonathan. Que ela nunca lhe foi infiel…

— Ela engana-se a si mesma — disse Bridget, abruptamente.

— O que quer dizer com isso?

— Não gosto disto mais do que ela, mas sei o que vi com os meus próprios olhos. Vi Alice. Eu vi Alice com outro homem.

— Que outro homem? — perguntou Rachel, com o coração a bater com mais força. *Oxalá ela esteja viva.*

— Não acha que o teria procurado se soubesse? Fiquei… contente.

Só o vi uma vez, de costas. Estavam a falar na ponte, junto da estalagem, e depois ele partiu em direção à portagem. A conversa foi longa e…

arrebatada. Quase uma discussão. Vi-o de muito longe enquanto se afastava, e apenas de costas, mas fiquei contente. Surpreendida, é claro, mas contente. Ela não poderia ficar com Jonathan, compreende? Eles devem ter-lhe contado, não? Josephine Alleyn deve ter-lhe contado, não?

Jonathan foi proibido de se casar com ela; ela não era ninguém. Poderia mesmo ter sido do seu sangue… mas ainda que não o fosse, estava demasiado abaixo dele. Ouso dizer que eles fizeram planos para fugir, ou para casar em segredo, mas estavam apaixonados desde que eram garotos. Ele já o teria feito, se fosse

para fazer. Não teria? Foi isso que lhe tentei dizer a ela, embora ela não me tivesse ouvido. Se ele realmente queria casar com ela, tê-lo-ia feito há muito tempo. Amá-lo iria apenas

partir-lhe o coração, sempre. Por isso, quando a vi a falar com este outro, fiquei contente.

— Quem era? Qual o aspeto dele?

— Não era *ninguém*! Era um estranho que lhe perguntou as horas, nada mais! — A voz de Starling era tensa. Perfilava-se à entrada da porta com a chaleira cheia numa mão e um balde a esparrinhar na outra, com os nós dos dedos vermelhos do frio e os olhos a cintilarem de fúria.

— Eu sei o que vi, Starling! Havia mais alguma coisa!

— Não sabes tal coisa! O que haverias de saber?

— O que haveria eu de saber, que a criei e sei tudo o que fez, até mesmo as coisas que pensavas serem segredos?

— Eles estavam a planear fugir! Ela e Jonathan! E iam levar-me com eles… Se a viste a falar com um homem, então talvez ele estivesse a ajudá-los, de alguma forma. Talvez fosse um amigo de Jonathan que lhe veio trazer notícia de algum plano que ele não ousou pôr por escrito.

— Se acreditas nisso, não és mais do que uma idiota, rapariga! —

vociferou Bridget, e depois tossiu, e falou com mais suavidade. —

Porquê procurar uma resposta complicada, quando há uma simples mesmo à frente do teu nariz?

— Porque… — disse Starling, e depois interrompeu-se, engolindo.

— Porque Alice *amava-me*. Chamava-me sua irmã. Não me teria apenas deixado aqui, não me teria deixado ao Lorde Faukes. Ela

prometeu.

— Ela amava-te, isso é certo. E amava-me a mim, à sua maneira.

Mas todas pensámos que ela amava mais Jonathan Alleyn, Starling, e, contudo, ela traiu-o. Eu *vi*-a, e sei o que vi.

As duas fitaram-se. A discussão entre elas tinha o tom fatigado e marcado de uma discussão que fora tida muitas vezes anteriormente, e que as magoava a ambas de cada vez que a tinham. Starling virou-se para pousar o balde no chão e pôr a chaleira sobre o fogão. Rachel estava sentada em silêncio, aninhando-se nas sombras junto à cama, ainda eletrizada pela notícia de que Alice entrara na vida delas com três anos, não acabada de nascer. O seu coração batia com tanta força que parecia sacudir-lhe o corpo todo; Bridget virou para ela um olho lustroso, e pareceu ver isso mesmo.

— Mas não respondeu à minha pergunta, Sra. Weekes — disse ela.

Rachel levantou os olhos para ela, sentindo-se absurdamente culpada. —

Porque veio cá, Sra. Weekes? — No silêncio que se seguiu à pergunta, Rachel pressentiu a atenção dos ouvidos de Starling. Subitamente, ela

quis contar-lhes. Quis contar a alguém o que ela ousava esperar, mas essa esperança era uma pequena coisa tão frágil — um castelo de cartas que poderia tombar se alguém andasse mais pesadamente perto dele. Mas se o dissesse em voz alta, ele poderia também amalgamar-se. Poderia igualmente torná-lo verdade. Rachel engoliu, humedeceu os lábios, e falou.

— Tive uma irmã. Chamava-se Abigail. Uma irmã gémea, idêntica a mim — disse ela. No outro compartimento, o silêncio tornou-se ainda mais aguçado. — A sua cor preferida era o azul; lembro-me disso bastante bem. Azul-lavanda; e a minha era o amarelo. No

último dia que passámos juntas, a mamã prendeu-nos o cabelo com fitas a condizer com os nossos vestidos preferidos, lavanda para Abi, junquilho para mim…

— Aquele dia quente e soalheiro; um dia de luz e ar tão suaves como uma carícia na pele; um dia de sussurros e risos secretos, apanhado atrás das pequenas mãos. O irmão de ambas, Christopher, não tinha nascido ainda; as duas meninas eram o seu próprio mundo inteiro, e os pais eram as estrelas à volta das quais elas giravam. Tinham duas linguagens —

uma entre elas, e outra para as outras pessoas. A linguagem da intuição e das sílabas esquisitas e aflautadas; na verdade quase não precisavam de falar, uma vez que uma sabia instantaneamente o que a outra queria dizer. Tinham idade suficiente para andar e correr, de subir para cima das cadeiras e descer pelos degraus. Tinham idade suficiente para gostarem de histórias e canções, e de fazer jogos com bonecas e cavalos de brincar.

Tinham idade suficiente para terem uma cor preferida, ou uma comida preferida, mas não tinham idade para mais do que isso. Nesse dia iam visitar os avós, um destino não tão excitante quanto a viagem de carruagem que os levaria até lá.

As meninas adoravam viajar na carruagem. Não paravam quietas, nem ficavam direitas nos assentos de couro, como lhes mandavam.

Impacientavam-se e saltavam daqui para ali, e rodavam a cabeça para ver da janela; ajoelhavam-se sobre os bancos, e jogavam no chão enquanto ele abanava e chocalhava. A mãe delas, Anne, apenas sorria e deleitava-se com a alegria delas; disse à ama delas para não as repreender com excessiva severidade pelas suas patetices. As meninas também adoravam os cavalos. Antes de partirem, cada uma delas dava uma volta, uma de cada vez, nos braços do pai; ele segurava-as junto das cabeças antolhadas dos animais e deixava-as acariciar as ásperas volutas de pelo entre os seus olhos.

— Tem cuidado e não lhe ponhas os dedos perto da boca, Abi —

avisou o pai delas, John Crofton. Adoravam o odor acre dos cavalos, particularmente quando tinham andado a correr um bocado e o suor espumava nas suas espáduas. Os cavalos tinham pelo castanho-avermelhado com pernas brancas e crinas e caudas de cor creme. O pai comprara-os por bom preço, porque se dizia que os cavalos vermelhos com as quatro pernas brancas não tinham sorte. *Tolices e conversa fiada,* disse John Crofton. As meninas sonharam com terem permissão para andar lá fora, no lugar do cocheiro, sentadas perto do chicote. Então poderiam observar as crinas a esvoaçar e ouvir os cascos bater e as rodas atroarem; sentiriam o vento soprar-lhes por entre os cabelos e veriam o mundo passar por elas, veloz, como se voassem.

Mas mesmo a mãe delas, apesar de libertária, era inflexível — não podiam andar no lugar do cocheiro, e não tinham autorização para se debruçarem da janela a menos que a carruagem estivesse parada ou a rodar muito devagar, sem árvores nem sebes por perto que as arranhassem ou se lhes espetassem nos olhos. No vau era um bom lugar, uma vez que a travessia era sempre feita muito cautelosamente. A estrada deslizava para dentro do By Brook, desaparecendo ao longo do fundo rochoso para emergir do outro lado, lamacenta e esburacada, a uns dez metros adiante. O verão estava ainda no início e a primavera tinha sido cheia de chuvadas; havia ainda dias de chuva torrencial, após os quais a paisagem sossegava suavemente quando o Sol regressava, fumegando à medida que aquecia e secava. Então, o By Brook ia cheio; estava mais fundo do que habitualmente no vau, e mais rápido. A água brilhava; uma contínua pele verde ondulando sobre o leito pedregoso, refletindo a cor vibrante dos jovens ramos de faia. Ouviram o cocheiro, Lenton, gritar para os cavalos, um prolongado “de-va-gar” que abrandou a carruagem. Ouviram o espadanar inicial quando os cavalos entraram na água.

— Eu! — gritaram imediatamente as meninas, cada uma delas desesperada para ser a primeira a ver. O pai sorriu-lhes com

indulgência.

— Rachel primeiro, uma vez que foi a primeira a mimar os cavalos antes de partirmos, Abi.

John Crofton baixou a janela o mais que era possível, e segurou o pequeno corpo de Rachel sobre o seu joelho para que ela pudesse enrolar os dedos sobre o peitoril e pôr a cabeça de fora. Pequenas gotas de água vieram pousar-lhe no rosto, como se fosse chuva, levantadas pelos

cavalos. Ela olhou para as plumas brancas no sítio onde as pernas deles faziam espumar o rio, e sentiu o odor da transpiração e o perfume do rio transparente; o couro pegajoso da cabeçada. A água subia bem até aos joelhos dos cavalos, cobrindo-lhes as canelas brancas. As caudas arrastavam-se nela, puxadas pela corrente. A carruagem abrandou convenientemente, e oscilou para ambos os lados sobre as pedras invisíveis. Rachel olhou para a parte de trás da cabeça cinzenta de Lenton. Este sentava-se muito direito, de joelhos bem separados; puxando as rédeas, mantendo o freio apertado. Então a carruagem inclinou-se lentamente quando a roda esquerda se elevou bastante ao passar por cima de um obstáculo no leito do rio. Subiu até um ponto alto e depois parou por completo. Rachel agarrou o parapeito ainda com mais força quando foi puxada para o outro lado da carruagem. Sentiu as mãos do pai apertarem-se em volta da sua cintura. Ficou cheia de emoção, mas sentiu-se a salvo.

— Alto lá. Devagar, devagar. — A voz do cocheiro permaneceu grave e calma; os cavalos foram empurrados contra as cabeçadas, mas a carruagem ficou imóvel.

— A roda deve ter ficado entalada numa fenda — disse Anne Crofton. — Consegue ver alguma coisa?

— Salta daqui, menina, e deixa-me ver — disse o pai delas. Mas Rachel não queria renunciar ao seu lugar privilegiado, e não saiu.

— Quero ver! É a minha vez! — gritou subitamente Abi. Estendeu a mão e agarrou a borda da janela. Saltou, puxando os braços para se içar. Pôs todo o seu peso contra a porta. Nesse momento, a carruagem deu um solavanco para diante, e endireitou-se abruptamente, a porta abriu-se por completo, e Abi desapareceu.

— *Abigail.* — A voz da sua mãe era um guincho lancinante e incrédulo. Por um momento de náusea, Rachel foi também levada pelos ares; as mãos do pai apertaram-na convulsivamente, agarrando-lhe as costelas com tanta força que lhe doeram. Viu água e a parte lateral da carruagem, molhada, abaixo e acima dela, e depois estava de novo do lado de dentro, atirada para um assento de trás e deixada ali.

— Abigail… apanha-a! Lenton, apanha-a, homem, *apanha-a*! —

John Crofton estava no rio, sobre os joelhos, a debater-se contra a corrente. Oscilou, sem conseguir encontrar um ponto firme onde pôr os pés; teve de manter uma mão agarrada à roda para se apoiar. Os cavalos sacudiam as cabeças e atiravam-se para a frente com o súbito ruído e o

movimento; Lenton foi apanhado por eles, lutando com as rédeas.

— Abigail! Oh, o meu bebé! O meu bebé! — Anne Crofton estava descontrolada; Rachel não era capaz de reconhecer os sons que saíam da boca da sua mãe. Ela debruçava-se para fora da carruagem, com um braço lançado para diante e os dedos abertos como se, de algum modo, pudesse alcançar Abi e puxá-la para a pôr a salvo.

Mas o rio era rápido, e bastante fundo, e as meninas apenas tinham idade para subirem para cadeiras e descerem degraus, não para saírem de rios estouvados. Rachel ficou atrás da mãe na carruagem instável, a olhar. Ao fundo, no rio, onde este curvava e se perdia de vista por baixo do verde matizado das árvores, um fragmento de azul-lavanda desaparecia velozmente.

— Afogou-se? — A voz de Starling fez Rachel saltar; sentia-se nela toda a sombria inevitabilidade da história.

— Tivemos de pensar que sim. Afligimo-nos como se ela tivesse…

mas nunca a encontrámos, percebem? Nunca encontrámos o seu…

corpo. O meu pai e o nosso homem percorreram toda a extensão do By Brook, até onde ele se junta com o Avon, aqui, em Bathampton, perguntando em todas as aldeias e casas pelo caminho. Mas ninguém tinha encontrado uma menina, viva ou morta, na água.Éramos tão novas; lembro-me desse dia apenas como fragmentos de cor e de som e de cheiro. Não me lembro de ela cair, pelo menos não exatamente, mas lembro-me da cor do seu vestido, e de como parecia bonito na água. E

tenho tido sempre a sensação… — Rachel interrompeu-se, e respirou convulsivamente. — Sempre tive a sensação de que ela não morreu.

— Então, quando lhe contaram acerca de Alice Beckwith, com quem tanto se parece, pensou que poderia ser ela? A sua irmã? — disse Bridget.

— O acidente aconteceu nem a quinze quilómetros daqui, no vale do By Brook, e o rio corre para cá, para se juntar ao Avon! E agora a senhora diz-me que Alice lhe foi trazida com três anos de idade, ou cerca disso… não está a ver? Tem de ser ela!

— Pobre menina. — Bridget abanava a cabeça. — Estou a perceber porque haveria de querer acreditar nisso. Mas tem um aspeto parecido com o dela, não idêntico, e Alice era uma emanação do Lorde Faukes, estou convencida disso.

— Mas não *sabe*.

— Não, não sei pela certa. Mas não fique assim tão agitada com

isso, Sra. Weekes!

— Não fico tão agitada, quando posso ter encontrado a minha irmã, que esteve perdida para mim nos últimos vinte e seis anos? — Rachel sentiu-se a entrar em pânico, desesperada; sentiu Abi a desvanecer-se, a deslizar para longe de si. *Fica, querida.*

— Mas a senhora não a encontrou — disse Starling, uma sombria silhueta à entrada da porta. A sua voz era dura, e desprovida de expressão. — Alice está morta há muito. Não a encontrou.

Rachel ficou sentada em silêncio o resto da visita. Saiu da cabeceira da cama e foi sentar-se junto do fogão, que estava finalmente a dar algum calor, enquanto Starling fazia uma sopa com peixe seco e alguma cevada que encontrou no armário, e levou uma tigela a Bridget. Ficou a observar enquanto Starling punha um pedaço de pedra sobre o lume e varria o chão, embrulhando depois a pedra em panos e fazendo-a deslizar sob os cobertores, perto dos pés da velha senhora; depois preparou um bule de chá e adoçou uma chávena com mel para cada uma delas. Entretanto, ela e Bridget trocaram comentários sobre o seu trabalho e a casa dos Alleyn, sobre que provisões e beneficências poderiam dar entrada antes da próxima visita de Starling, e sobre quem tinha sido apanhado a namoriscar com quem, atrás da igreja. Não houve mais conversas sobre Alice e Jonathan, ou sobre o outro homem na vida de Alice; como se tivesse sido pedida uma trégua até à vez seguinte. Não houve mais conversa sobre Abigail, e Rachel teve a sensação de o assunto ser evitado do mesmo modo que a corrente de um ribeiro rodeia um ramo caído; como se ela tivesse trazido para a casa alguma coisa de vergonhoso, de embaraçoso. Não disse nada, sentindo-se intimidada e zangada, e idiota também. *E se não fosse loucura acreditar naquilo?*

Jonathan encontrou uma mensagem… e Bridget viu outro homem. E se ela fugiu, e está viva, algures? A ideia era tão doce que era quase insuportável, e Rachel engoliu com dificuldade. *Mesmo que ela não se lembre de mim, saberia quem sou assim que me visse*.

Não havia barcos em direção a oeste, pelo que Starling e Rachel regressaram a Bath pelo caminho usado pelos rebocadores, lado a lado.

A Lua no céu gélido tornava tudo estranho e cinzento; o canal, a paisagem, a pele e os olhos — mesmo os cabelos de cor viva de Starling.

Durante bastante tempo, nenhuma delas falou. Caminhavam depressa, com o frio a fechar-se-lhes sobre o peito.

— Vamos passar pela árvore dos amantes? — perguntou Rachel,

por fim. Starling abanou a cabeça.

— Não. Fica para trás no outro sentido, na direção do rio. E seria uma loucura ir para tão perto da margem do rio na escuridão. Se se tropeça, nesta altura do ano… Podemos ir noutro dia, à luz do Sol, se quiser.

— Gostaria de ir. — Houve um silêncio antes de ela falar novamente. — Deve ter sido horrível, não saber o que aconteceu a Alice.

Horrível então, e horrível agora.

— Sim — disse Starling, com uma nota de suspeita no seu tom. —

Mas eu sei o que lhe aconteceu.

— Mas não tens a certeza. Isso… pode ser uma forma de sofrer, acho eu. Ou melhor, uma forma de adiar o sofrimento, e de o afastar.

Depois de o meu irmão pequeno morrer, o meu pai andou atrás de todos os médicos de Inglaterra em busca de uma explicação. De uma resposta definitiva; que doença o levou, como atuava ela, onde a tinha ele adquirido, como poderia ter sido prevenida. Isso… isso

desviou-lhe a atenção durante algum tempo, mas não trouxe Christopher de volta.

— Eu sei que ela não vai voltar — sussurrou Starling sumariamente. — Só quero que seja feita justiça.

— Se ela está morta, a justiça não lhe interessa. É apenas por ti que tu a procuras.

— Então, quem a matou deve continuar impune? Deve o crime ficar oculto?

— Não. Apenas quero dizer que… que talvez não devesses deixar que a tua dor te cegue. Não devesses deixar que ela insista numa resposta, quando talvez não haja nenhuma. Ou talvez na verdade já a tenhas.

Por um momento, Starling não deu qualquer resposta e, quando falou, fê-lo numa baixa e zangada.

— Que resposta?

— Porque não me contaste que Bridget viu Alice a falar com outro homem?

— Porque isso não significa nada! Foi uma coisa inocente! Alice era bonita… os homens tentavam com frequência chamar a sua atenção.

— Mas Bridget conhecia-a tão bem como tu… não saberia ela o que viu? E a mensagem de que o Sr. Alleyn falou, na árvores dos amantes?

As duas coisas juntas não sugerem que…

— Não! Não, não sugerem! Tudo isso é um véu, não está a ver? A

senhora quer que ela tenha fugido porque quer que ela seja a sua irmã, e esteja viva. Mas não está; e não é! — A voz de Starling soou

bem alto.

Apressou o passo como se quisesse deixar Rachel para trás.

— Tu… não podes ter as duas coisas, sabes? — disse Rachel, estugando o passo para a acompanhar. Era uma ideia a que não quisera inteiramente dar voz, mas não havia forma de voltar atrás. Preparou-se para a reação de Starling.

— O que quer dizer com isso?

— Não podes ter uma Alice perfeita, e contudo assassinada por Jonathan Alleyn. Ele não pode levar com toda a culpa pelo desaparecimento dela.

— Fale claramente.

— Eles amavam-se um ao outro, isso é sabido. Estavam apaixonados há anos. Queres dizer-me que Alice rejeitaria Jonathan quando ele voltasse da guerra, porque estava perturbado? Não me contaste que ela era uma mulher muitíssimo inclinada a perdoar, e bondosa em relação a toda a gente?

— Sim, era.

— Então ela rejeitá-lo-ia se ele voltasse num estado lastimável?

Mesmo que tivesse feito coisas más na guerra? — Seguiu-se um silêncio.

— Faria uma coisa assim? — pressionou Rachel.

— Não. — A palavra era pequena, e de má vontade.

— Nesse caso, que razão teria ele para a matar? — Silêncio, de novo. — A única razão possível seria ela ter realmente tentado deixá-lo por outro.

— Não! O Faukes deve tê-la assustado e levado, de alguma forma, a isso.

— Mas disseste-me que ela estava bastante determinada a desafiar Faukes e fugir com Jonathan. Não queres que seja assim, e eu compreendo. Mas Bridget viu-a a falar com outro homem, e Jonathan encontrou uma mensagem, a marcação de um encontro, escrito para Alice numa letra que ele não conhecia.

— Isso não prova nada! Onde está essa mensagem, então?

— Se ele não a encontrou, Starling — disse Rachel suavemente —, que outra razão poderia ele ter para lhe fazer mal?

Andaram durante algum tempo, com passadas firmes e regulares, pela escuridão. Rachel sentia-se estranhamente calma, estranhamente distante do cenário que a rodeava. Sentia-se como se deslizasse para fora

do mundo, flutuando ao longo de um dos seus lados, impotente. Um par de olhos vigilantes. *Tal como no dia do meu casamento. Apenas existo nos limites disto.*

— Há uma outra explicação.

— O quê? — Starling saltou perante esta pequena oferenda.

— *Ele* não a matou.

— Então quem o fez? Este outro homem com quem ela se encontrou?

— Então consegues admitir que ela se estava a encontrar com outro? Que amava outro? Então consegues admitir que ela, na verdade, fugiu com outro? Que estava demasiado envergonhada para te enfrentar a ti e a Bridget, por causa disso; demasiado envergonhada para enfrentar Jonathan? Ela escreveu-lhe a romper.

O Capitão Sutton estava lá, em Brighton, quando ele recebeu essa carta.

— Ela não nos deixaria. Não me deixaria. Jonathan matou-a!

— Apenas se ela não lhe foi leal. Essa poderia ser a única razão.

Não vês, Starling? Não podes ter as duas coisas!

— E esta é a sua forma de honrar aquela que espera seja a sua irmã perdida?

— Preferiria tê-la desleal e cobarde do que morta — disse Rachel com suavidade.

— Alice não era nenhuma dessas coisas!

— Então preferes que esteja morta? — As palavras soaram impiedosas aos próprios ouvidos de Rachel, e ficou à espera de uma réplica irritada, que não chegou. Após cerca de um minuto, Starling assoou-se e Rachel viu-lhe o rosto completamente molhado.

— Quem me dera que não tivesse vindo — disse Starling, baixinho.

Rachel não saberia dizer se ela se estava a referir à visita a Bridget nessa noite, ou a Bath, e à vida de Starling. Ouviu um eco da sua própria solidão naquelas palavras; quis passar um braço em volta da rapariga, mas não se atreveu.

— Que querias dizer quando referiste que Alice te deixou ao Lorde Faukes? — perguntou ela em vez disso. Starling não respondeu, mas Rachel reparou na forma como ela se contraiu, curvando um pouco os ombros, para dentro, apenas uma fração, como se para absorver um soco.

Pararam na base da ponte que as levaria para as ruas mais interiores de Bath, como se tivessem pouca vontade de voltar às

suas vidas apesar da hora tardia, do frio e do mal-estar entre elas. Rachel pensou em

Richard, e no que lhe diria se o encontrasse em casa, à espera dela. *Esta é a minha vida, apesar da minha relutância. Escolhi-a e não a posso mudar.* Era uma verdade incontornável. *A menos que… A menos que consiga encontrar Abi.* Seguiu o olhar de Starling até Lansdown Crescent, na sua altaneira distância, e soube então onde preferiria ir. A compreensão disso atingiu-a como uma estalada, um sobressalto que a trespassou. *Deveríamos trocar de lugar?* Mas se Starling quisera um dia Richard Weekes, Rachel sabia que já não queria. Era suficientemente esperta para isso. *A sua vontade está dedicada a provar que Jonathan é o assassino de Alice. Agora tenho de me dedicar a provar que não é.* O

olhar de despedida entre ambas estava cheio de coisas não ditas, e Rachel não perguntou, embora quisesse fazê-lo, quando ou se voltariam a encontrar-se em privado. Tentou não se deter no quanto preferiria ter continuado ao lado de Starling até Lansdown Crescent, até aos aposentos obscuros e desordenados do segundo andar, e ao seu obscuro e desordenado habitante. *Que estejas viva, Abi! Que estejas viva, e tenhas fugido, como crê Bridget. Como todos os outros creem. Que Jonathan não seja o teu assassino, e que eu não esteja destinada a perder-te duas vezes.*

A casa por cima da loja do vinho estava vazia e sem luz. Aliviada, Rachel deixou que a exaustão lhe inundasse o corpo; do frio, e da fatigante intensidade de tudo o que tinha ouvido e dito nessa noite. Subiu devagar para o quarto com um círio para acender a lanterna, despir-se e escovar o cabelo. Sentia o estômago vazio, mas não quis comer. Fechou as portadas e foi ao toucador, onde a sua caixa de joias estava guardada.

Ansiou, como nunca, pelos conselhos da mãe. Segundos depois, o coração caiu-lhe aos pés, como uma pedra. A caixa não estava no lugar habitual. Procurou por entre luvas e meias, pentes e colares; em cada uma das gavetas e depois pelo resto do quarto, embora soubesse que não tinha posto a caixa noutro lado. Mas não havia

muitos sítios onde procurar, e em breve foi forçada a parar, a sentar-se na cama, e a admitir que a caixa, com a madeixa de cabelos da mão presa lá dentro, desaparecera. Adivinhou imediatamente o seu destino certo, e então desejou ainda mais ser Starling, e livre; em vez de ser Rachel, e presa.

Quando Richard regressou, os sinos da igreja tinham badalado as onze e as ruas lá fora estavam silenciosas; a raiva de Rachel era fria e dura, não se parecia com nada que já sentira, e por baixo era um botão de medo que ameaçava florescer — o medo de que onde quer que o seu

tesouro estivesse, não fosse recuperável. Isso tornou-a incauta; não deu conta de que Richard já entrara no quarto todo encolhido, rosto corado, pele húmida apesar do frio que estava lá fora. Não deu conta de que tinha as fraldas da camisa de fora do cinto, que os nós dos dedos estavam raspados e vermelhos. Ela levantou-se e foi ao encontro dele com um arrazoado de palavras tensas.

— Onde está ela? A minha caixa das joias?

— A sua quê? — disse Richard, mas o ar culpado que o seu cenho franzido tomou disse-lhe a verdade.

— Era da minha mãe. Se a vendeu, tem de a trazer de volta.

— Deixe-me em paz, pode ser? Já tive que chegue de momentos difíceis por esta noite.

— Ouso dizer que sim. Deve ser um negócio difícil, esse de ficar sempre fora até tão tarde, e beber tanto. Onde está? Não tinha o direito de…

— Não tinha o direito? É a minha *esposa*, Rachel. Ou esqueceu-se?

Tudo o que um dia foi seu, pertence-me.

— Aquela caixa era preciosa para mim! Foi da minha mãe antes de ser minha! Sabia quanto ela significava para mim.

— Era apenas uma coisa, Rachel! Um objeto cuja finalidade era em si mesma escassa, mas que pagou um certo número de contas.

— As suas contas, não minhas! As suas dívidas das mesas de jogo, não duvido.

— Cuidado com a língua, Rachel. Não estarei casado com uma megera, e não consinto que me fale desse modo na minha própria casa.

Ou fora dela. Nem a si, nem a ninguém. — O rosto de Richard tornou-se mais sombrio ainda. Uma veia atravessava-lhe o meio da testa, posta em relevo pela luz da lanterna; o sinal de qualquer coisa a crescer dentro dele.

— O que fez com o que estava lá dentro? — Rachel tremia de fúria; tinha a boca seca.

— Não havia nada lá dentro… nada a não ser um pedaço de papel, e aqueles brincos, que deram mais algum extra.

— Mais algum extra? Eram bastante valiosos, seu estúpido! E a madeixa de cabelo? Diga-me, por favor, que guardou isso. Por favor.

Rachel fechou os olhos para esperar pela resposta — não conseguiria suportar vê-la escrita em letras grandes na cara dele. Por isso não viu o punho antes de este a atingir com força na boca e no maxilar.

Sentou-se abruptamente, levando as mãos ao rosto, em estado de choque.

Houve um momento de torpor ressonante e depois a dor tomou-lhe conta da cabeça, apertando-a como um gigantesco punho até ao ponto de lhe parecer que poderia quebrar os ossos. Quando tirou as

mãos, havia nelas sangue, tal como nos dentes e na língua; um sabor metálico a ferro e sal.

Levantou os olhos ao ouvir o som de passos. Richard avolumou-se sobre ela. Pensou que ele fosse estender a mão para a ajudar, mas não o fez.

— Nunca fale comigo desse modo — disse ele, numa voz dificilmente reconhecível. Tremia agora — o tremor da violência mal contida. Retorcia os dedos, e Rachel ficou à espera de um segundo golpe.

Não veio. Richard afastou-se dela, foi buscar um lenço à cómoda e atirou-lho. O sangue do lábio deixou marcas vermelhas no linho como se fossem de beijos. Nunca se sentira tão sozinha.

De forma hesitante, Rachel pôs-se de pé.

— Se me insultar outra vez, eu… — A voz de Richard sumiu-se, olhando-a, e ela viu a tensão começar a esvair-se, e a vergonha a tomar o seu lugar.

— Você o quê? — disse ela. *Bates-me com mais força, como bateste em Starling?* Uma onda de angústia abateu-se sobre ela, porque percebeu que não estava surpreendida por se ter chegado àquilo, nem por ter sido tão cedo. Não estava surpreendida por Richard lhe ter batido. *E*

vai bater-me novamente, isso é certo. Sentiu-se completamente vencida.

— É minha *mulher*. Deve mostrar-me o devido respeito, Rachel!

Não é meu desejo que as coisas entre nós sejam desta forma.

— O respeito não se impõe à força a uma pessoa.

— Não concordo, e peço-lhe para não me obrigar a prová-lo —

disse ele, friamente. Rachel estremeceu, sentindo um súbito aperto de medo a contorcer-se dentro dela.

— Havia uma madeixa de cabelos na caixa. Preso ao forro. Uma madeixa de cabelos da minha mãe, e o último pedaço da minha família na minha posse. Foi-se, então, com o resto?

— Não vi nada lá dentro, a não ser os brincos. — Perante isto, Rachel começou realmente a chorar. As lágrimas, que eram quentes, cegavam-na. — Essas recordações não servem para nada, na verdade —

disse Richard, com rudeza.

— Para mim eram valiosas!

— Se fosse melhor esposa, mais calorosa, e mais afetuosa, não teria

chegado tão longe. Se tivesse alargado o nosso círculo, como era seu papel ter feito, eu não teria necessidade de pagar tanto pela minha diversão. Em vez disso, as únicas amizades que tem feito é com loucos, ou antigos conhecimentos meus que não têm posses para mais do que uma garrafa de *sherry* pelo Natal!

— E isso é culpa minha? É culpa minha que seja dissoluto e bêbedo, e que esbanje o seu dinheiro nas mesas de jogo?

— *Sim!* — O súbito berro de Richard foi um choque. Rachel sentiu um fio de sangue escorrer-lhe pelo queixo. — Venha cá e faça as pazes.

Venha e seja a minha *mulher.* — Estendeu-lhe a mão, virando-se para a cama.

Prefiro morrer a deixar que me toque esta noite. Rachel avançou para ele, para mais perto da luz. Deixou o sangue no queixo, e manteve a boca aberta de modo a mostrar os dentes

ensanguentados. Sentia o lábio inferior a inchar, o corte ardia-lhe como uma queimadura. Fitou-o, firme e fria como um túmulo, e não lhe deu a mão. Após um momento, Richard baixou a sua mão e afastou-se, como se não conseguisse aguentar olhar para ela.

Alice nunca me teria deixado ao Lorde Faukes. Mas, claro, Alice não tinha sabido como era esse homem — o seu ostensivamente bondoso benfeitor. *Ele fará as coisas a seu modo*. Starling perguntou-se, enquanto se erguia da sua cama fria e insone na manhã seguinte, se Bridget tinha sabido como estava certa quando fizera aquele aviso a Alice; como o Lorde Faukes era um homem vil e corrupto, a quem Alice tratava como um avô, e beijava e abraçava sempre que ele a ia visitar. Aos doze anos, Starling começara a pensar nele como um fruto que se tinha estragado, conservando ainda a sua casca grossa e lustrosa para dar uma aparência de integridade, quando no interior havia apenas uma polpa apodrecida, coberta de vermes, devorada pela decomposição. Esta ideia fez com que um vómito lhe ardesse na garganta. Nunca um homem mereceu menos os beijos de Alice. *E Rachel Weekes pergunta-me o que queria eu dizer com aquilo. Ela ouve as coisas com demasiada clareza.* Starling lembrou-se de todas as vezes que Bridget lhe ordenou para se manter fora do caminho do Lorde Faukes, de todas as vezes que ela apressadamente a mandou fazer algum recado quando o velho tinha tentado falar com ela, ou pegar-lhe na mão, ou dar-lhe alguma guloseima. Recordou a forma como Bridget pairara por ali a olhar fixamente quando Alice abraçava o velho; pronta, alerta, lutando contra

o impulso de tirar Alice dali. *Ela sabia. Mas se ela pensava que Alice era filha do Lorde Faukes, que perigo poderia ter imaginado que ela corria por estar à frente dele?* Starling decidiu não pensar sobre isso; não pensar sobre Lorde Faukes. Fechou até os olhos para banir as imagens, mas as suas recordações continuaram a rodopiar, apesar disso.

Tropeçou nas escadas; agarrou-se à parede para se apoiar.

Nove dias depois de Alice ter sido vista pela última vez, o Lorde Faukes foi à casa de Bathampton e Starling descobriu até que ponto o seu mundo tinha terminado completamente. A atmosfera dentro de casa era insuportável, como ar sustido durante tanto tempo que ameaçava rebentar. Bridget estava silenciosa e sombria como uma sepultura; já em luto, já desligada do mundo — de Starling, que ainda estava à espera, num terror crescente, que Alice entrasse pela porta adentro, de volta.

Porque tinha de voltar, seguramente; tinha de voltar. Quando ouviram o ruído de um cavalo a aproximar-se, ambas sabiam que haveria notícias.

Starling correu para o pátio, tão excitada de alívio que achou que poderia gritar. Pensou que era Alice que regressava, e quando viu que era o Lorde Faukes, achou que ele devia trazer algum recado dela; alguma notícia sobre quando ela ia voltar. Bridget permaneceu sentada à mesa da cozinha, apenas erguendo o rosto para mostrar as novas e profundas rugas que lhe cruzavam a pele, como se a dor fosse um chicote que se tivesse abatido sobre ela.

Antes que o amo delas tivesse sequer desmontado, Starling já estava a seu lado, mais perto do que normalmente ficaria, tornando-se descuidada por necessidade. Mas não lhe tomou a mão para implorar, nem mesmo lhe tocou na manga. O podre por baixo da casca; conseguia ainda sentir-lhe o cheiro, por mais distraída que estivesse.

— Tem notícias de Alice? — disse ela, e não se curvou nem lhe desejou bom-dia, ou esperou que ele falasse primeiro. O Lorde Faukes fitou-a com fúria, longa e firmemente, ao mesmo tempo que entregava as rédeas do cavalo ao moço de estrebaria. Caminhou em direção à porta, e ela trotou ao lado dele.

— Então, ela não conseguiu tornar-te nem um pouco menos descarada, hein? — disse ele entre dentes, distraidamente. Uma vez lá dentro, deu a Starling o chapéu e as luvas e atravessou a

sala para se sentar. — Traz-me *brandy*, rapariga; Bridget, gostaria de falar contigo.

— A sua voz era grave, mas sem emoção. As mulheres, a velha e a nova, entreolharam-se. Não tiraram nada das suas palavras, por isso fizeram o

que ele lhes mandava. Quando Starling trouxe o *brandy*, Bridget estava já perfilada diante dele com as mãos enlaçadas, imóvel e resignada.

Starling quis ficar, mas o Lorde Faukes disse bruscamente:

— Desaparece-me daqui, miúda sem vergonha.

Durante dez minutos, Starling esperou sozinha na cozinha, e tal como da primeira vez em que esperara notícias da sala, o tempo avolumou-se, lento e pegajoso, estendendo-se até quase ao ponto de rutura, como um cordão de breu. Pareceram insuportavelmente longos, aqueles últimos momentos da vida em que Starling teve esperança; a possibilidade da alegria. Quando Bridget saiu, o seu rosto era severo e calmo, sem denunciar nada. Starling correu ao seu encontro.

— Bridget, diga-me. Que novidades há? Onde está Alice?

— Não sei onde ela está, miúda. — Bridget apertou os lábios por um breve momento, marcando bem as palavras. — Mas foi-se embora, e eu acho… que temos de estar preparadas para não a voltar a ver.

— O quê? O que quer dizer com isso? Há notícias, então? Conte-me! — Starling agarrou com toda a força as mãos da velha mulher, sentindo como estavam frias e secas. Como se não tivesse nenhum sangue sob a pele.

— Entra para aqui, Starling, e para de fazer tanto barulho. Vou dizer-te tudo o que precisas de saber — chamou Lorde Faukes da sua cadeira, a mesma poltrona da sala que sempre escolhia, embora

forçasse as ancas apertadamente para caber, afeiçoando a carne à madeira e ao estofo. Agora meio relutante, Starling foi postar-se diante dele. —

Bridget. Apetece-me comer vitela ao jantar. Vai à aldeia e vê se há alguma carne que se possa comprar.

— Meu senhor, duvido que a esta hora tão tardia haja alguma coisa…

— Vai e procura, estou a dizer-te! — A sua súbita explosão rebentou a bolha de decoro que se empoleirara, frágil, sobre a casa.

Starling sentiu de novo um aviso, a arranhar-lhe o fundo da mente como se quisesse sair. Mas ela tinha de saber o que ele iria dizer acerca de Alice. Estava presa, como um peixe apanhado num anzol. Bridget alternou o olhar entre o amo e Starling, de um para o outro, os nós dos dedos cerrados e mais brancos ainda, o rosto com manchas vermelhas e os olhos cheios de uma ânsia desesperada que nada poderia fazer para satisfazer. Encaminhou-se para a porta com passos rígidos e saiu de casa, sem sequer parar para agarrar no casaco ou no chapéu, ou ir buscar

moedas para pagar ao carniceiro.

Apenas quando ficaram sós, o Lorde Faukes levantou os olhos para Starling e aclarou a garganta.

— Alice desgraçou-se para lá de qualquer possibilidade de redenção. Nunca mais será bem-vinda aqui; não terei mais nada a ver com ela. — Falava sem raiva, mas também sem dúvida.

— Como desgraçou-se? O que quer dizer com isso? Onde está Alice? — argumentou Starling.

— Não voltarás a vê-la. — As suas palavras assentaram como socos, cada uma delas abalando-a mais do que a precedente.

— O quê?

— Ela fugiu com um homem; um amante. Rapariga fraca e ingrata.

Fugiu para se casar, uma vez que sabia que eu não lho permitiria. Aí está.

É tão doloroso para mim como é para ti, espero que percebas. Enganou-nos a todos quanto à sua verdadeira natureza. Ou talvez tivesse sido corrompida pela bárbara influência de outro. Ou outros. — Dito isto, olhou-a com firmeza, dura e meditativamente. — Diz-me com honestidade. Sabias desta ligação? Dos seus planos para agir tão desgraçadamente?

— Não compreendo. — Starling abanou a cabeça. — Ela fugiu com Jonathan? Mas… ele esteve aqui depois de termos dado pela falta dela; veio à procura dela…

— Que disparate é esse, com Jonathan? Claro que não foi com o meu neto! Ele não agiria de forma tão incorreta! Não sei o nome do homem com quem ela se foi embora. Se soubesse, acredita que os encontraria num ápice. Jonathan está em Box neste preciso momento, profundamente perturbado com tudo isto. Não nego que sabia haver alguma… ligação entre eles. Uma afeição entre primos. Mas a ideia de que os dois andassem a conspirar desta forma é… absurda.

— Mas eles planeavam casar! Escreviam-se e falavam e não pensavam em mais nada desde que os conheci!

— Escreviam-se, dizes tu? — disse Faukes, fitando-a muito severamente.

— E… e ela não levou nada… nem roupas, nem nenhum dos seus pertences… ainda está tudo aqui!

— Claro que não levou nada; vocês partilhavam o quarto, não era?

Ela não conseguiria fazer uma mala sem tu dares por isso, pois não? Seja com quem for que ela tenha partido, deve pensar que ele tem os meios de

a vestir de novo.

— Mas Jonathan… Alice… — Starling lutou para pôr as suas ideias em ordem. Levou as mãos à cabeça para as guardar bem guardadas no seu interior. — Alice amava Jonathan! Nunca fugiria com mais ninguém!

— Não me contradigas, desavergonhada! — gritou Faukes, o rosto cheio de manchas sanguíneas. — Perder tempo a explicar-te a situação é mais do que tu mereces! — Bateu com as mãos nos braços da cadeira, fazendo estremecer toda a sua estrutura. Ele era sólido e forte como a própria madeira, pensou Starling. Ergueu-se na ponta dos pés, pronta.

Nada disto é verdade. Ela estava certa disso como estava certa do bater do seu próprio coração.

— Perdoe-me, meu senhor. Mas eu… eu…

— Não queres acreditar nisto, nem mais um pouco do que Bridget acreditou, ou Jonathan, ou eu. Mas não é bom negar os factos quando nos são claramente postos diante dos olhos. A rapariga escarneceu de tudo o que foi oferecido, e não vai ter mais nada de mim ou da minha família. Esta casa será arrendada. Zelarei para que tu e Bridget sejam colocadas algures, se aceitarem a minha ajuda com a devida gratidão, e forem boas e obedientes, as duas. E não mais falarás de Alice Beckwith.

Essa rapariga para mim morreu; não voltarei a ouvir o seu nome.

— Como é que o senhor sabe? — sussurrou Starling, com a garganta demasiado apertada para falar. — Como é que sabe acerca desta fuga?

— Ela escreveu uma carta, entregue na minha casa, em Box.

— Posso ver a carta?

— Então, ela ensinou-te a ler? Não, não podes. Atirei-a para o lume, tanto ela me enfureceu. Aí tens. Fica-te com a má notícia e reconcilia-te com ela, pois não pode ser alterada. Talvez possa encontrar espaço para ti na minha própria casa. Ahn? Que dizes a isso? — O Lorde Faukes arrancou-se à cadeira enquanto falava e ergueu-se diante dela, cabeça e ombros mais altos. Starling deu um passo atrás. — Não me importaria de ver esses lindos caracóis flamejantes todos os dias. — Estendeu a mão como se para lhe apanhar uma madeixa de cabelo e Starling deu de novo um passo atrás.

— Não! — conseguiu ela gritar.

O passo para trás fez com que o calcanhar ficasse preso no canto do sofá. Enquanto ela se debatia para se equilibrar, ele aplicou-lhe uma estalada com as costas da mão na parte lateral da cabeça que lhe fez

retinir os ouvidos, e, contorcendo-se ao cair, bateu com força com o estômago no braço do sofá, o que lhe fez expelir todo o ar dos pulmões numa só exalação apressada. Antes de ela conseguir pensar ou tentar erguer-se, sentiu o peso dele a abater-se sobre ela. Tinha a mão sobre a sua nuca, apertando-a com força, empurrando-lhe a cara contra o assento, pelo que dificilmente conseguia respirar, nem muito menos lutar contra ele. Estendeu o braço sobre o ombro, arranhando-lhe a manga com as unhas, em busca de pele. Não conseguia alcançar nenhuma, não conseguia dobrar os braços para trás de si para tentar encontrar-lhe o queixo, os olhos ou a boca, qualquer parte mole que ela pudesse ferir.

Não tinha nada que morder, senão o tecido poeirento diante dos olhos. A sua própria respiração era quente e sufocante, apertando-se sobre o nariz e a boca como uma ligadura.

— Já domestiquei coisas mais bravias, rapariga — disse o Lorde Faukes, numa voz tensa de luxúria e divertimento. — Mas continua a lutar, se te agrada. A vitória mais duramente obtida é a mais doce. —

Starling sentiu o ar tocar-lhe a barriga das pernas quando a saia foi levantada; sentiu a pele magoada quando as ceroulas lhe foram rasgadas; sentiu aquele alarme, que lhe tocava os ossos, aquele conhecimento que não deveria ter tido sobre o que estava para vir. Conhecê-lo não lhe fazia doer menos, e não o tornava menos vergonhoso. A sua vulnerabilidade, a sua incapacidade de impedir o que estava a acontecer encheu-a de uma raiva terrível, tão incandescente quanto fútil. Soltou-a num guincho abafado contra os coxins — todas as pragas, ameaças e insultos que conhecia, depois gritos inarticulados quando o movimento de penetração começou, rasgando-a. Não terminou rapidamente. O Lorde Faukes não era um jovem; levou tempo a ter o seu prazer.

Algum tempo depois, Bridget irrompeu apressadamente, olhos arregalados e boca aberta, encontrando Starling ainda debruçada sobre o braço do sofá, fitando o vazio, de maxilar cerrado enquanto rilhava os dentes.

— Eu sabia… soube assim que ele passou por mim, de cara toda vermelha, frouxo de pernas e braços! O *filho da mãe* do velho devasso!

Bem pode apodrecer! — gritou Bridget; a primeira e única vez que Starling a ouviu amaldiçoar alguém. — Que *apodreça*! Estás ferida?

Consegues levantar-te?

— Não me toque — remoeu Starling com um resmungo, e sentiu Bridget hesitar, surpreendida pelo seu tom. Houve uma pausa, um

silêncio calculado no qual Bridget mudou de abordagem, subtil e eficazmente.

— Bem, não podes ficar aí o dia todo, de rabo para o ar e a sangrar para cima do tapete. Sobe, anda lá, e vamos ver se te limpamos.

— Não ficarei limpa nunca mais. E deixe que o tapete vá para o inferno. Deixe que os próximos se preocupem com as manchas, pois não ficaremos aqui por muito mais tempo, diz ele.

— Aqui não ficaremos. Mas limpa ficarás, Starling. Os vestígios que eles deixam podem sempre ser lavados.

— Nem sempre. Esta não foi a primeira vez.

— Foi o que eu calculei. — Lentamente, Starling descolou-se do sofá, erguendo-se cuidadosamente. Sangue e sémen escorriam-lhe pela perna, e ela estremeceu com repugnância. Cruzou o olhar com o de Bridget, vendo que a mulher de idade estava quase tão ofendida quanto ela pelo que acontecera.

— Só Alice o impediu até agora — disse ela, e Bridget assentiu

— Perdoa-me. Não podias saber o perigo que corrias. Lamento ter saído.

— Sabia. E a Bridget não tinha outra alternativa senão sair.

— Tinha uma alternativa, mas fui demasiado cobarde para a escolher. — A respiração de Bridget ficou subitamente presa no seu peito; pousou um dedo entre as costelas e gemeu. — Mas acabou-se!

Nunca mais! Nunca mais lhe chamarei meu amo, *nunca mais*! —

chorou-se ela, depois fez um ruído parecido com o de um soluço, mas seco, oco.

— Não chore, Bridget. Em vez disso, ajude-me a lavar-me. Tem razão, não consigo suportar o fedor dele em mim.

— Como soas muito mais velha do que a idade que tens, Starling.

— Bridget esfregou as mãos na cara e depois deixou-as cair ao longo do corpo. — Sempre soaste. Vamos, então. Vou pôr água a aquecer, e buscar a banheira.

Starling sentou-se na banheira com o corpo a arder-lhe, a água demasiado quente sobre as lesões e os ferimentos; sentia-se calma, quase morta.

— Como vai ser sem ela, Bridget? — murmurou.

— Não temos outra hipótese senão descobrir, minha querida —

disse Bridget; um termo que sempre reservara para Alice, até agora. —

Ainda não sangras todos os meses, pois não? Então, pelo menos não

deverá haver nenhuma criança. E tu já não és uma criança, Starling. Tens de escolher para onde queres ir, o que farás. Esta não será a única vez, isso posso eu garantir-te. Se continuares a aceitar salário daquele homem, esta não será a única vez.

— Então, seguirá o seu próprio caminho, Bridget?

— Seguirei. E levo-te comigo, se quiseres ir.

— E Alice? Como saberá ela onde nos encontrar?

— Alice foi-se embora, rapariga. De uma forma ou de outra.

Embora me despedace o coração dizê-lo.

— Ela voltará, eu sei que sim. Não se iria embora assim, não nos deixaria. E Jonathan? Ela *nunca* o deixaria por outro! Sabe isso tão bem como eu! — A isto ela viu a hesitação de Bridget, decidindo não lhe dizer qualquer coisa. Estava sem energia para exigir que ela dissesse o que tinha para dizer. Mas decidiu, ali e agora, que permaneceria ao serviço do Lorde Faukes. Que iria ficar perto de

Jonathan, num lugar a que Alice regressasse. Bridget também pareceu sabê-lo.

— Preferiria manter-te comigo. Manter-te a salvo e encontrar-te trabalho. Lembra-te disso, nos tempos que aí vêm — disse a mulher de idade, gravemente.

— Não me consegue manter a salvo. Só Alice poderia fazer isso. —

Não quis ser cruel, mas viu a observação atingir o alvo. Bridget contraiu o rosto, e não disse mais nada, indo buscar em silêncio mais água quente e toalhas limpas. Starling sentou-se, pensou e esperou. Esperou para descobrir como seria a vida dali para a frente.

Tenho de encontrar a última carta dela. Starling continuou a subir as escadas, sem pensar, até ao segundo andar da casa de Lansdown Crescent. Não parou para verificar onde estava a Sra. Alleyn, ou a Sra.

Hatton, ou Dorcas. Pairava nas escadas um cheiro a cinza e a peixe assado. Nunca acreditara, nem por um segundo, que Alice tinha escrito uma carta ao Lorde Faukes a contar-lhe da sua fuga; sabia distinguir uma mentira descarada quando ouvia alguma. Tinha as ideias baralhadas, virando-se para um lado e para o outro, tentando assentar nalguma coisa clara. *Maldita Sra. Weekes mais as suas teorias.* Poderia ela ser irmã de Alice? Quando a Sra. Weekes descrevera a forma como a sua pequena irmã morrera, Starling recordara-se do súbito medo de Alice no dia em que tinham ido nadar no rio, em Bathampton. Recordara-se de como ela quase ficara em pânico quando Jonathan sugerira irem nadar e deixarem-se levar pela corrente. Poderia isso ser uma recordação antiga, a emergir?

Um inominável alarme, como aqueles que os primeiros anos de Starling lhe tinham deixado? Starling abanou a cabeça, murmurando refutações entre dentes. *Alice era minha irmã. Rachel Weekes não faz mais do que turvar as águas. É uma fantasista!* A razão pela

qual Jonathan matara Alice estava na última carta que ela lhe enviara, para Brighton, e não fora a dizer que se apaixonara por outro. Teve de ser alguma outra coisa, alguma coisa que o levara a regressar à pressa a Bathampton; alguma coisa que o deixara ferozmente enlouquecido.

Estava à porta dele e a respirar com dificuldade, e depois entrou sem bater. Ao ouvir ruído, Jonathan saiu do quarto de dormir com a camisa fora das calças e amarrotada, o cabelo numa confusão diante dos olhos.

— Starling? O que aconteceu? — disse ele, inclinando a cabeça para ela; o seu tom era tão normal, tão discreto que Starling retrocedeu um passo. Tempo e realidade derraparam à sua volta. *Eis o homem que eu odeio. Ele não sabe que eu o odeio?* — Estás bem? Estás tão pálida.

— Se estou bem? — Cambaleou ligeiramente, estendendo as mãos para se equilibrar. — Isto está tudo mal — murmurou ela, confusa. Para lá da sua figura em desalinho, sobre a secretária atulhada, estava uma faca. Uma lâmina de estanho, amorfa àquela luz mortiça; um instrumento pouco afiado, destinado a abrir cartas e descascar figos. Pouco afiada, então, mas ainda assim letal, se utilizada com força suficiente. Starling fixou o olhar nela enquanto Jonathan, confundido, a observava. Três passos rápidos eram tudo o que seria necessário, calculou ela. Três passos rápidos, uma volta e um golpe, e quaisquer que fossem as verdades que ele soubesse haveriam de lhe sangrar do corpo e gotejar através do complicado trabalho de estuque do teto que havia por baixo.

Pôs-se na ponta dos pés, tomando balanço.

— Starling — disse Jonathan, beliscando a cana do nariz com o polegar e o indicador. Suspirou. — Às vezes, fazes-me lembrar dela.

Sabias disso? Apenas pelos teus… gestos. Pelas expressões do teu rosto.

Só às vezes. — Starling pestanejou, e perdeu de vista a faca coberta por uma névoa de lágrimas. Abanou a cabeça veementemente.

— Quem me dera que o senhor tivesse morrido em vez dela! —

disse ela e Jonathan não vacilou.

— Também a mim — disse ele.

A coisa adequada a fazer seria ficar dentro de casa até que o corte e o inchaço do lábio estivessem completamente sarados, mas Rachel

descobriu que se importava cada vez menos com o que era adequado. O

queixo de um dos lados tinha um hematoma verde-acinzentado, e o corte unira-se numa linha negra e dura. Enquanto se vestia, Richard manteve os olhos afastados dela, e exibia um ar carrancudo e culpado.

— Não vai ao Alleyn nessa figura — disse ele, calçando as botas.

— Tenho um compromisso, vou mantê-lo.

— Mas, a sua cara…

— O que tem ela?

— Devia enviar uma mensagem e dizer que não está bem —

sugeriu ele, amuado como uma criança. Nesse momento, Rachel sentiu toda uma nova emoção, de um tipo que nunca antes tivera — uma mistura esgotante de medo e desprezo.

— Mas estou muito bem, Sr. Weekes. E tenho a certeza que o meu aspeto não vai causar uma particular excitação naquela casa — disse ela com rigidez. Richard não viu forma de argumentar mais;

desceu para a loja sem dizer mais nada e Rachel ficou a perguntar-se se era assim que as coisas se iriam passar entre eles para o resto das suas vidas. *Fúria, violência, desapontamento. Para ambos, ao que parece.*

Quando Rachel tinha acabado de subir até Lansdown Crescent, o Sol pintara o céu leitoso de um branco ofuscante, e por trás dele um toque de azul começava a luzir. O gelo cobria os vidros de todas as janelas de Bath; o ar estava completamente parado. Novembro prometia ser frio e cortante.

Jonathan ergueu-se por trás da secretária quando Dorcas introduziu Rachel nos seus aposentos; sorriu, mas o sorriso desvaneceu-se-lhe do rosto quando a viu.

— O que aconteceu aí? — disse ele muito sério.

— Um pequeno percalço, nada mais.

— Ele bate-lhe?

— Esta foi a primeira vez, e por minha culpa, em parte. Discuti com ele.

— A primeira vez raramente é a última. Sobre o que foi a discussão?

— Eu… — Rachel interrompeu-se, insegura sobre se aquilo lhe iria parecer insignificante e sentimental. — Foi por uma coisa sem importância, é certo. Eu tinha uma caixa de prata que pertenceu à minha mãe. E, lá dentro, guardava uma madeixa dos seus cabelos, presa ao forro. A caixa foi… vendida. — Isso ainda a entristecia, e de alguma

forma a deixava mais sozinha.

— Vendida pelo seu marido, sem o seu conhecimento?

— Sim. É uma coisa infantil para ser chorada, eu sei. Mas chorá-la é o que faço.

— Talvez, mas ter um pedaço da criança que um dia foi pode ser uma coisa preciosa — disse Jonathan, suavemente. — Eu mal me consigo lembrar do que foi ser uma criança. De quem eu era então, antes de tudo isto…

— Talvez isso não faça bem. A tentação é sempre imaginar que ideia essa criança faria de mim agora. Da vida que escolhi para mim.

— Ninguém pode saber o resultado das coisas, antes de elas começarem. Não se deve culpar — disse Jonathan em voz baixa. Rachel virou-se para olhar pela janela, onde o céu resplandecia agora, azul. Os aposentos que a rodeavam pareceram-lhe asfixiantes em comparação.

— Venha. Vamos dar um passeio lá fora. Hoje, não aguento ficar enfiada aqui dentro.

— Eu não vou lá fora. — Jonathan abanou a cabeça, encolhendo-se.

— Eu sei, e é mais do que altura de o fazer. Venha. O ar puro e o exercício irá fazer-nos bem a ambos.

— Não gosto de ser visto. A minha perna, e todas essas mexeriquices… E não suporto corvos — disse ele. Rachel pensou por um momento.

— E ovelhas? Consegue suportar ovelhas? Ouso dizer que elas não terão muito que dizer acerca de si, ou da sua perna. Venha. Insisto.

Dorcas e o mordomo, Falmouth, viram com indisfarçável espanto Jonathan descer as escadas e pedir o casaco e o chapéu. Viram ainda com maior espanto que ele saía de casa, semicerrando os olhos por causa do sol, com Rachel de braço dado.

— Irão a correr dizer à minha mãe que eu estou curado — disse ele secamente. Manteve o braço, e a mão de Rachel sobre ele, firmemente apertado contra as costelas, e Rachel sentiu a tensão que o percorria.

— É apenas um passeio — disse ela cautelosamente. — Uma coisa vulgaríssima. — Jonathan mantinha os olhos fitos no chão à sua frente, ignorando os olhares de que eram alvo da parte dos transeuntes — tanto pessoas de posição, como criados sem pressa.

— As pessoas estão a olhar — disse ele, entre dentes. — Malditos sejam os seus olhos! — A sua perna fraca contorcia-se e cedia ligeiramente ao andar, dando-lhe uma passada saltitante e irregular.

— Deixe-os olhar. É mais provável que estejam a olhar para o meu lábio e a perguntarem-se se eu lhe dei um pontapé na perna em retaliação

— disse Rachel. Jonathan riu-se. Era a primeira vez que ela o ouvia fazer tal coisa e desde logo adorou o som, e a forma como ele ficou a ressaltar.

À luz do Sol, a sua pele era horrivelmente pálida, mas as sombras sob os seus olhos e maçãs do rosto pareceram menos intensas. Ela pôde ver mais claramente como o grisalho lhe corria por entre os cabelos escuros, embora ao mesmo tempo parecesse mais novo, tão inseguro como um jovem.

Alcançaram a outra extremidade da meia-lua e passaram por uma cancela para o pasto comum. A erva chegava-lhes aos tornozelos, formando tufos, encharcadas de orvalho e gelo derretido, refulgindo à luz do Sol. Caminharam durante vinte minutos ou mais, sempre a subir, até a cidade ficar para trás e por baixo deles, e os únicos ruídos serem um ocasional balir de ovelhas e piar de pássaros.

O solo irregular obrigava Jonathan a um esforço árduo, e ele estivera tanto tempo sem fazer exercício que estava ofegante quando pararam e se viraram para olhar para trás. O orvalho

ensopara-lhes os pés e as bainhas das roupas. Os dedos dos pés de Rachel estavam húmidos e entorpecidos, mas não se importou nada mesmo. O sangue latejava-lhe nas veias; sentia-se aquecida, e sentia-se bem. Ficaram lado a lado a recuperar o fôlego, e semicerraram os olhos para conseguirem ver o emaranhado das ruas lá em baixo, na cidade, onde os últimos fiapos de névoa pairavam como fantasmas.

— Acho que isto é o mais longe que estive dos meus aposentos em nove anos ou mais — disse Jonathan.

— Não admira que tenha estado tão infeliz — disse Rachel.

Jonathan fitou-a, mas não disse nada. — Eu prefiro olhar para o outro lado, para longe da cidade. Olhar para o horizonte distante. Isso, de algum modo, faz sempre com que os problemas pareçam mais pequenos

— disse Rachel. Jonathan virou-se obedientemente para oeste, onde o rio Avon brilhava como uma faixa de prata lançada fora, serpenteando através de campos e árvores ainda cobertas com restos das suas cores outonais.

— Vim para Bath com a minha mãe porque não sabia aonde mais poderia ir, ou que outra coisa fazer — murmurou Jonathan. — Agora parece que nunca daqui sairei.

— Claro que poderá sair, se quiser.

— E ir para onde, e fazer o quê?

— O que escolher… o que escolher. Arranje uma esposa, comece uma família. Tem essa liberdade, tem essa escolha. Não está a ver? Pode fazê-lo. Não precisa de ficar preso aqui, como eu. — *Se for suficientemente persuasiva, ele fá-lo-á, e não mais o verei*. A ideia sobressaltou-lhe o coração. *É melhor isso, porém, do que continuar neste tormento.*

— As regras são mais severas para as mulheres do que para os homens. — Jonathan semicerrou os olhos contra a luminosidade, e eles eram indecifráveis. — Mas poderia deixá-lo, se for suficientemente forte para o fazer.

— E ir para onde? Fazer o quê? — Ela sorriu, com tristeza. — Seria uma indigente, reduzida à mendicidade, ou à prostituição. Não teria emprego, nem vida em sociedade. Não. Não tenho outra escolha senão permanecer ao lado do meu marido. — Qualquer leveza de disposição que tivesse sentido antes desvaneceu-se subitamente, e ela respirou fundo.

— Então também vou ficar — disse ele. — Quem mais se iria sentar a ler-me histórias de aventuras e bravura, a mim, um estropiado louco? — Sorriu, e Rachel retribuiu-lhe o sorriso.

— Não é nenhum louco, nem estropiado — disse ela.

— Então o que sou? — perguntou ele.

Ferido. Assombrado. Um assassino. A pessoa que mais anseio ver.

— É um homem bom, ferido pela guerra e muito perturbado pelo passado.

— E a senhora é a alma do tato e da diplomacia — disse Jonathan.

— Acha que não consigo ver os outros pensamentos que lhe sussurram por trás dos olhos?

— Que sussurram eles? — perguntou ela. *Ele vê-me?* Em resposta, Jonathan apenas sorriu de novo, pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios, imprimindo um beijo na sua pele gelada. Rachel sentiu o toque da sua boca chegar-lhe aos ossos, como uma queimadura ou uma contusão, mas mais doce. Por alguns instantes, não conseguiu recordar-se de como respirar. *Porque há pouco mais de uma semana me poderia ter matado, e agora me beija?,* perguntou-se ela. *Não,* disse o eco, *apenas porque te beija.* Subitamente pensou

em como Starling reagiria ao gesto dele, e sentiu-se um pouco maldisposta. Como se pressentisse isso mesmo, Jonathan soltou-lhe imediatamente a mão. Fitou-a durante mais um

segundo, alterando a expressão, ambígua. Depois voltou-se de novo para o horizonte.

— Posso fazer-lhe uma pergunta algo delicada, Sr. Alleyn? — disse Rachel, numa voz débil.

— Acho que conquistou o direito a isso.

— O que o faz ficar tão zangado com a sua mãe? Quer dizer, viverem tantos anos juntos em… circunstâncias difíceis pode bem alimentar a discórdia, eu sei, mas tenho a impressão de que não é só isso.

Que o senhor a culpa de qualquer coisa — disse Rachel. Jonathan cruzou os braços, formando um escudo de proteção. Continuou a olhar, sem quebra, para ocidente.

— Sim, é verdade que a culpo. Ela é a razão… acho eu. Quer dizer, não consigo saber porque sei que ela mente, e não me diz toda a verdade, mesmo quando se digna dizer-me alguma coisa sobre isso. Mas ela foi a razão de Alice me escrever.

— Não compreendo.

— A última carta que Alice me escreveu. Ela escreveu-me uma carta que recebi em Brighton.

Eu sei. Rachel só no último instante conseguiu não dizer isto em voz alta.

— Ela disse… ela disse que nos tínhamos de separar. Que não poderíamos nunca ficar juntos, ou casar. Que isso seria uma *abominação*.

Foi essa a palavra que ela usou. Abominação. Para descrever o nosso amor, que tinha sido tão forte e inocente como o Sol desde que éramos apenas crianças. Ela disse… que as coisas entre nós não poderiam voltar a ser como antes tinham sido. Que não nos deveríamos voltar a encontrar.

Bridget estava certa, Rachel soube isso naquele momento. *Por que outra razão homens ricos e poderosos patrocinam crianças sem nome?* E

se Alice fosse filha do Lorde Faukes, seria tia de Jonathan. *Oh, pobre rapariga, se descobriu isso*. Rachel engoliu em seco, fechou os olhos por um segundo e Abigail tremeluziu num recanto distante da sua mente, cada vez mais ténue. Rachel tentou alcançá-la. *Josephine poderia ter estado errada. Talvez o Lorde Faukes apenas a tivesse adotado.*

Encontrou-a e adotou-a, pensou ela desesperadamente.

— E havia mais… eu sei que havia! Se apenas me conseguisse lembrar…

— Já não tem a carta?

— Mal me consigo lembrar desse dia. Acabara de voltar para Brighton… Estava ferido, exausto, meio louco, meio morto de fome. Mal me consigo recordar da minha viagem de regresso a Bathampton. É

como um sonho estranho e obscuro. E quando voltei a mim, não tinha a carta na minha posse. Devo tê-la deixado cair, ou deitado fora. Mas…

abominação. Recordo-me dessa palavra; não sonhei com ela. — Abanou a cabeça. — Foi na retirada para a Corunha, percebe… a partir do momento em que fomos para Espanha, era quase impossível escrever, e quando realmente escrevia, não havia ninguém para levar as cartas. Ela não teve carta minha durante

semanas e semanas, por isso foi a Box para ver se tinham notícias — disse Jonathan, abanando lentamente a cabeça.

— *Oh, Alice!* Porque fizeste isso? Pudesses não o ter feito. Deve ter pensado que a acolheriam bem, deve ter pensado que poderiam encontrar terreno comum no amor e receio por mim. Não tinha maneira de saber que a minha mãe e o meu avô tinham regras que ela não poderia esperar conhecer.

— Então a sua mãe disse-lhe alguma coisa que a fez fugir? —

Quanto é que ele adivinhara?

— Sim. Quando voltei e descobri que se tinha ido embora, inculcaram-me a história de que ela fugira com outro, e me tinha abandonado. A mãe disse-me que deixara uma mensagem, para o meu avô, a explicar e a desculpar-se. Disseram que ela era uma desgraçada, uma parasita, e que eu deveria esquecê-la.

— Mas não acreditou neles.

— Quando a minha mãe mente, eu consigo saber. Tem mentido a sua vida toda, e, embora não possa descobrir a verdade, ainda assim *eu sei* quando mente. — A sua voz ficara dura e zangada.

Rachel pôs-se a pensar arduamente, à procura de sentido no emaranhado contraditório de tudo o que ouvira dizer.

— Mas o senhor disse-me a mim, há algum tempo, que encontrou uma mensagem do… novo companheiro de Alice. Uma mensagem para ela, a combinar um encontro.

— Sim, eu… — Interrompeu-se, encolhendo os ombros. — *Tenho a certeza* que sim. Mas eu estava… eu não estava em mim nessa altura.

Esqueci muita coisa… há períodos de tempo que não consigo explicar.

Intervalos de sombra. Eles são uma das coisas que trouxe comigo de Espanha. — Ele sacudiu de novo a cabeça e Rachel sentiu um arrepio perpassar-lhe o corpo. *A primeira vez que vim ler para ele, disse-me*

estas palavras — intervalos de sombra. Quando não se conseguia lembrar de que me tentou estrangular. Pensou no cérebro dentro do pesado frasco a balançar acima da sua cabeça, e a expressão vazia, cega, nos seus olhos. — Mas a mensagem desapareceu, se é verdade que a encontrei. Foi-se. Talvez eu a tenha destruído. Talvez… nunca a tenha visto. Tudo poderá ter sido um pesadelo. Criado pelas mentiras que a minha mãe e o meu avô contaram.

— Starling sugeriu uma coisa assim.

— O quê?

— Eu… — Rachel hesitou, relutante em revelar a extensão do seu contacto com Starling. — Temos falado, Starling e eu. Ela estava curiosa acerca da minha cara… da minha parecença com Alice. — Susteve a respiração, mas Jonathan soou mais triste do que zangado.

— Sim. Ela amava Alice tanto quanto eu.

— Ela não acredita que Alice mantivesse outro como companhia.

Que ela fugiu com outra pessoa.

— Eu sei. Ela acha que eu a matei. — Ele olhou para Rachel e sorriu à expressão chocada do seu rosto. — Tivemos muitos anos para nos arremessarmos coisas violentas um ao outro, Starling e eu.

— Mas ela também me contou… — Rachel fez uma nova pausa, sem saber se era certo ou errado falar no assunto. — Tinham uma governanta. Bridget Barnes.

— Bridget viu Alice a falar com outro homem, muito pouco tempo antes de ela desaparecer — disse Jonathan.

— Já sabe disso? — disse Rachel. Jonathan continuava a inspirar profundamente, com o peito a subir e a descer enfaticamente.

— Sim. O meu avô soube por ela, e contou-me. Ainda assim, eu…

não vou condená-la. *Sei* quando a minha mãe está a mentir. Quem quer que fosse esse homem, e fosse qual fosse a razão de Alice se ter ido embora com ele, só pode ter pensado que era o melhor a fazer. Eles devem-na ter enganado de alguma forma. Ou talvez a tenham levado contra a sua vontade.

— Mas sempre pareceu tão zangado com ela… parecia culpar Alice por o ter abandonado!

— E culpei, durante algum tempo. Talvez ainda o faça, nas horas mais sombrias; pois não consigo pensar na razão por que haveria de partir, e por que ficaria longe todo este tempo. O que poderia ter sido tão horrível, que não pudéssemos ter ultrapassado em conjunto? Por isso,

penso de novo; devem-na ter, de alguma forma, obrigado a afastar-se.

— Porque o fariam, se ela tinha sido preparada para romper consigo? A sua família não queria que os dois se casassem. Alice foi falar com eles e revelou-lhes as suas intenções, e alguma coisa foi dita para a assustar. Ela escreveu-lhe a romper. Porque iriam mais longe?

— Não sei! Acha que não fiz essas perguntas a mim mesmo vezes sem conta? As únicas pessoas que sabem são Alice e a minha mãe. Uma não me pode dizer, a outra recusa-se a fazê-lo.

— Então, acha… — Rachel sentiu dificuldade em falar. A voz ficou-lhe presa na garganta, asfixiada pelo coração. — Acha que Alice

ainda está viva?

— Sim, claro. Rezo para que esteja. Eu preferiria… preferiria que estivesse viva algures, amando outro, não me dedicando um único pensamento… preferiria isso a que tivesse morrido. Só Starling é que pensa sempre que isso seria melhor.

— Também eu — disse Rachel, mas baixinho, e Jonathan não pareceu ouvir. Ficaram ali, cada um absorto nos seus pensamentos, com o Sol a brilhar-lhes nos olhos e um besouro a sobrevoá-los em círculos, à boleia do ar quente que se elevava da encosta. Rachel deixou que os seus braços ficassem suspensos ao longo do corpo e tentou não desejar que ele descruzasse os seus e lhe pegasse na mão outra vez. Sentiu-se infantil, tola, por pensar isto. *O que ganharia eu com um tal gesto?* De novo, o eco respondeu-lhe, tão suavemente como um suspiro enclausurado ao ser suavemente libertado. *Tudo*.

1808

No início de novembro, tinham passado mais de seis semanas desde que tinham chegado à quinta de Bathampton as últimas notícias de Jonathan. Quando ele fora contar-lhes, naquele verão, que ia para Portugal combater os Franceses, Starling não fazia a menor ideia de onde ficava Portugal, ou porque os Franceses lá estariam em vez de estarem em França, e tinham passado algum tempo à procura do atlas e a examinarem atentamente mapas da Europa. A sua traição a Alice, depois da descoberta da árvore dos amantes, parecia esquecida, tal como os planos de fuga. A guerra com França adiara tudo, e, como se fosse adivinha, Bridget recebera a notícia da partida de Jonathan para a Península com uma espécie de melancólico alívio. Jonathan estava dividido; num fôlego falava de glória e dever, e no seguinte de como sentiria saudades de todas, e ansiaria pelo regresso. Sempre que ele fazia referência a isso, os olhos de Alice marejavam-se de lágrimas, que ela se recusava a verter na sua presença. Mas assim que ele partiu, por fim, elas caíam-lhe como chuva.

Recebia cartas de Jonathan todas as semanas, por vezes às duas ou três de cada vez. Ele escrevia quase todos os dias, mas as cartas eram enviadas em grupos, como e quando podia ser. Enchia cada centímetro de papel disponível com uma escrita tão apertada que era mais difícil de decifrar do que nunca. Vinham manchadas e borradas por vezes; vinham a cheirar a fumo, ou a pólvora, ou com o odor pungente do pó. Uma delas veio queimada, como um anel negro irregular no meio e a tresandar a cinza, e as palavras no interior do círculo perdidas para sempre. Alice arrebatava-as todas e devorava-as, e assim que tivesse lido uma para si mesma várias vezes, lia-a em voz alta a Bridget e Starling; mas sempre com pausas, silêncios que correspondiam à omissão de palavras, levantando os olhos para Bridget com uma expressão ao mesmo tempo de desculpas e de desafio. E depois as cartas pararam, e a única coisa que podiam fazer era esperar. Após duas semanas sem notícias, Starling aborrecia-se e voltava a sua atenção para outras coisas. Mas, para Alice, o fardo da espera tornava-se cada vez mais pesado, todos os dias.

Uma noite, acordou Starling, com o quarto escuro e frio. Não tinha acendido uma vela, e as suas mãos tateavam, parecendo sair do nada, como se a própria escuridão tivesse adquirido vida. Starling arrastara-se para trás, tentando escapar.

— Chiu, chiu! Sou eu! — murmurou Alice, tensa e instante. Parecia ter a garganta apertada.

— O que se passa? O que aconteceu? Não consigo ver nada!

— Tive uma ideia horrível, queridinha. — A sua voz era um sussurro desamparado. — E se Jonathan foi morto? Se o Lorde Faukes teve notícia de que ele… talvez não pensasse em informar-nos. Afinal, ele não sabe da nossa… ligação, pois não? E se for isso, Starling? E se ele morreu e não me contaram? — Starling não conseguia pensar em nada que pudesse dizer, e as mãos invisíveis agarraram-lhe os pulsos ainda com mais força, enterrando-lhe as unhas na carne. — Vou ter de ir lá. Vou ter de ir a Box e perguntar.

— Não, Alice! Não tem autorização! — disse Starling.

— Mas tenho de saber — disse Alice, e depois não disse mais nada.

Veio a manhã, Starling e Bridget acordaram e descobriram que Alice não estava em casa. Com nervos que lhe faziam doer a barriga, Starling contou a Bridget onde é que ela provavelmente fora. Esta ficou de lábios exangues e sem cor. Eram cerca de oito quilómetros a pé até Box, mas eram íngremes, e Alice poderia levar uma hora e meia, se não tivesse arranjado outro meio de transporte. Três horas depois, Starling começou a esperá-la, mantendo a janela mais próxima debaixo de olho, qualquer que fosse a divisão em que estivesse. Bridget estava sombria e silenciosa, e trabalhava com uma intensidade obstinada que traía a ansiedade em que se encontrava.

— O Lorde Faukes ama Alice — disse-lhe Starling a certa altura.

— Vai ser bondoso com ela, acho eu. — Mas Bridget apenas resmungou.

— Sabes pouco acerca dos homens, ou do mundo, Starling sem-nome. — O que fez amuar Starling, pelo que resolveu não falar a Bridget até Alice regressar. Apenas meia hora depois, Starling estava a olhar pela janela da cozinha quando viu a familiar figura esbelta de Alice a aproximar-se.

— Voltou! — gritou ela excitadamente, esquecendo a sua promessa de imediato. Alice atravessou o pátio e a porta, de ombros cabisbaixos e queixo enterrado no peito. Virou-se e bateu com a porta ao fechá-la, depois ficou a oscilar, inclinando-se para diante até a testa tocar a madeira.

— O que é? Então ele está morto? — inquiriu Bridget.

— Bridget! Não diga isso! — gritou Starling.

— É melhor saber. Bem, Alice? Que notícias há? — Mas Alice

apenas ficou ali, com o rosto contra a porta, e não respondeu. Quando Bridget e Starling a viraram, ficaram chocadas. O seu rosto estava pálido, quase cinzento; os lábios tinham um toque azulado, olhos arregalados e fixos. Tremia tanto que as tremuras mais pareciam convulsões, sacudindo-lhe todo o corpo.

— Alice! — Starling lançou-lhe os braços em volta.

— Sai daqui, rapariga! Se ela desmaia, isso não vai ajudar! — disse Bridget. Com o ouvido encostado ao peito de Alice, Starling ouviu-lhe os batimentos do coração, acelerando e engasgando-se, tal como na primeira noite em que Starling a vira. Saltava batidas, depois disparava em explosões curtas, *staccato*; uma pausa logo seguida de uma agitação, sem qualquer ritmo, sem qualquer padrão; era como se um pequeno animal desesperado estivesse preso por trás das suas costelas. Depois houve uma pausa longa entre batimentos, mais longa do que as outras, e Starling ergueu os olhos enquanto Alice revirava os olhos ao mesmo tempo que se desmoronava no chão.

O médico veio e sangrou Alice para uma taça branca de porcelana; disse-lhes que ela tinha de descansar e beber cerveja escura para a fortalecer. Alice dormiu profundamente durante vinte e quatro horas, de rosto tão branco e o corpo tão imóvel que poderia ter morrido. Starling esgueirava-se para o quarto de vez em quando, para se certificar do suave bafo da respiração de Alice na sua face. Quando acordou, alimentaram-na e fizeram-na beber caldo de carne. Lavaram-na, escovaram-lhe o cabelo, mas Alice não disse nada durante dois dias, e apenas olhava fixamente para diante. Havia sombras sob os seus olhos, como nódoas negras, borrões violáceos; pequeníssimas veias azuis rastejavam-lhe sob a pele. Starling fez um lume na lareira, mas este nada fez para expulsar o frio gelado e a tristeza da sala. Ao fim do terceiro dia, subiu para a cama e estendeu-se ao lado de Alice.

— Ele morreu, não morreu? — sussurrou ela. Não conseguia pensar em nada mais que pudesse ter deixado Alice tão em baixo. — Bridget acredita que sim. É verdade? — Não conseguia imaginar;

não conseguia imaginar que Jonathan não mais existisse. As pessoas reais não morriam; pelo menos, não as pessoas reais que ela vira, em quem tocara, com quem falara. Não conseguia avaliar-lhe o peso, mas dava-lhe aquela mesma sensação aquosa, de náusea, que se agitava dentro de si. — Ele morreu, Alice? Foi isso que o Lorde Faukes lhe disse? — Na verdade, ela não esperava uma resposta, mas obteve-a, embora a voz de Alice

fosse um débil murmúrio.

— Não, Starling. Jonathan não morreu. Pelo menos que eles tenham sabido.

— Oh, *Alice*! — gritou Starling, alegremente, virando-se para a abraçar. — Então, porque está tão triste? Ele castigou-a? O Lorde Faukes? Foi cruel? Mesmo que tenha sido, mesmo que tenhamos de deixar Bathampton… bem, isso não importa porque Jonathan vai voltar e casar consigo e tomar conta de nós. Tudo vai ficar bem, Alice! —

Dirigiu um sorriso irradiante à irmã mais velha. — Tudo vai ficar bem.

— Mas Alice abanou meticulosamente a cabeça, e duas lágrimas gordas, inchadas, saltaram-lhe para a face, uma de cada olho, em perfeita concordância.

— Não. Nada vai ficar bem. Eu sou… — Pestanejou, à procura das palavras. — Não posso casar com ele. Nunca poderei casar com Jonathan.

1821

Starling esperou enquanto Rachel Weekes ia à Sra. Alleyn fazer o seu habitual relatório da visita a Jonathan. Os relatórios estavam a ficar cada vez mais curtos, embora as visitas estivessem a ficar cada vez mais longas. Starling tinha uma sensação estranha acerca disso.

Um cerne de desconfiança nas suas entranhas; duro e amargo como uma semente de maçã. *E agora passeiam juntos, de braço dado. Eu queria que ela o atormentasse com aquela cara, mas ela cura-o.* A frustração tornava-a inquieta. Todos aqueles anos de trabalho árduo, todos os pequenos castigos que ela distribuíra; tudo isso estava a ser desfeito por uma coisa que ela pusera em movimento. Quando ouviu a porta da frente fechar-se, disparou pelas escadas de serviço acima, olhando fixamente para Rachel Weekes à medida que se afastavam juntas ao longo do muro do jardim.

— O que anda a fazer? Agora está do lado dele? — vociferou Starling, surpreendendo-se com as suas próprias palavras. Não tivera consciência de as ter pensado.

— O quê?

— A passear pelos terrenos lá de cima como… como…

— Como o quê? — disse Rachel Weekes. Parecia distraída, e Starling reparou no seu lábio aberto, a contusão no maxilar.

— Por que razão lhe bateu ele? — perguntou ela, cheia de curiosidade. Parecia que o casamento de Rachel Weekes tinha seguido o mesmo curso que a sua própria ligação com Dick, apenas mais rapidamente. Ainda se sentia zangada com a mulher por se ter casado com ele, mas agora era porque fora suficientemente estúpida para carregar com ele. A atenção de Rachel concentrou-se nela de uma forma mais firme.

— O que se passa, Starling? — disse ela, sem qualquer ênfase.

— O que quer dizer com isso? — Starling ficou desconcertada com o tom dela, ofendida. — Sabe muito bem o que se passa. Pensei que queria a mesma coisa que eu, descobrir a razão de ele ter feito mal a Alice, e prová-lo. Mas, agora, acho que pode ter mudado o que quer, não pode? Não me diga que está *apaixonada* por Jonathan Alleyn!

— Não — disse Rachel, com o género de ultraje alarmado que falava por si mesmo.

— Pouca sorte, se estiver. Está casada com Dick Weekes, até que

Deus os separe. E Jonathan ama *Alice*, não a si. — Houve um silêncio, e Rachel olhou para Starling fixamente até ela não conseguir aguentar. O

peso do olhar da outra mulher parecia esmagá-la.

— O que fiz eu para tentares magoar-me dessa maneira? — disse ela.

— Deveria estar do *meu* lado! — Starling pareceu infantil aos seus próprios ouvidos. Cruzou os braços, zangada, para esconder o trémulo e infeliz sentimento que crescia dentro de si. — Conte-me o que descobriu hoje.

— Perguntei-lhe acerca da última carta que Alice lhe escreveu. Ele disse que ela chamou *abominação* ao amor entre eles. Disse que não deveriam voltar a ver-se nunca mais.

— Abominação… não sei bem o que isso quer dizer.

— Quer dizer que talvez Bridget esteja certa acerca de Alice ser filha do Lorde Faukes. Se o amor entre ela e Jonathan era incestuoso…

— Não. — Starling abanou a cabeça. A ideia deixava-a enjoada. —

Alice não poderia ter sido filha de Faukes. Nenhum homem tão vil poderia gerar uma menina tão doce.

— O que te fez ele? Quero dizer, o Lorde Faukes.

— O que acha que ele fez? O que fazem todos os homens com poder? Tomam sem perguntar. — Starling deu conta da amargura contida na sua voz; a fealdade. O rosto de Rachel Weekes refletia a

sua piedade, e a sua repugnância. Starling continuou a falar para as desviar. — E a sua irmã perdida… então e isso? Agora diz que não era ela?

— Eu… eu quero que seja. Quero que Alice seja Abi…

— Mas poderia ser… poderia ser, não poderia? Se ela fosse do Lorde Faukes, não a teria tido ele desde que nasceu? Não a teria ele trazido a Bridget mais cedo? — *Que estás a dizer, idiota sem cabeça?*

Alice era a tua própria irmã, não a dela.

Starling suspirou, vivamente, pelo nariz.

— De qualquer modo, isso não interessa, e nunca se poderá saber com certeza. Mas acredita agora que o Sr. Alleyn a matou? Que tinha razões para o fazer?

— Eu… não sei. — Rachel franziu o cenho e olhou para as suas mãos. Pôs uma sobre a outra e esfregou o polegar sobre a sua superfície como se esperasse sentir uma ferida ou um sinal. — Ele falou de…

intervalos de sombra. Intervalos de sombra na sua memória. — As palavras, ditas com relutância, fizeram palpitar Starling.

— É como eu disse… vê como ele começa a construir a história de que não estava em si e não consegue lembrar-se de que o fez? É por trás disso que ele se esconde, e assim acabará por se perdoar a si mesmo.

— Não. Não acho que alguma vez se perdoe a si mesmo. Ele já não tem a certeza de que viu uma mensagem para Alice. Aquela que disse ter encontrado na árvore dos amantes. Ele diz que poderia… ter sido um pesadelo.

— Eu sabia! *Eu sabia!* — A garganta de Starling doía-lhe de tão apertada; pensou que poderia gritar, ou rir.

— E o homem com quem Bridget a viu falar?

— Que tem ele? Nunca saberemos quem era. E, de qualquer modo, estava inocente. Isso não foi nada.

— Porque haveria Alice de discutir com um homem, na rua?

— Isso não interessa! Ele está quase pronto a confessar-lhe! Estou certa disso. Tem de o pressionar mais. Quando virá novamente? —

Agarrou o braço de Rachel para a obrigar a concentrar-se, fazendo tombar as palavras com ansiedade, tremendo de excitação.

— E depois?

— Quando ele confessar? Então, eu vou… — A voz de Starling sumiu-se. Um vazio de tal modo súbito retiniu no interior da sua cabeça que ela se deu conta do odor húmido e saibroso da pedra em redor de si; deu-se conta do ar gelado que a fazia pingar do nariz, e do ardor sob as unhas de ter descascado laranjas nessa manhã. Não fazia ideia do que responder à pergunta de Rachel Weekes.

— Já tentaste perguntar-lhe?

— O quê? — sussurrou Starling, distraída.

— As coisas que queres saber… tentaste perguntar-lhe, numa qualquer altura, durante estes doze anos desde que ambos a perderam?

— Sim, claro que perguntei! Perguntei repetidamente, vezes sem conta, no princípio. Mas ele ficou sempre em silêncio acerca do assunto, acerca dela. Acerca de tudo!

— Acabado de regressar da guerra, não seria? Cheio de angústia, de culpa e de horror… E pergunto-me quão gentilmente lho perguntaste, Starling. E foram perguntas, o que fizeste, ou acusações? — Rachel Weekes tornou a reprimenda tão suave que Starling mal deu conta da ferroada. — Voltaste a perguntar, desde essa altura, ou procuraste apenas mantê-lo tão atolado em desespero quanto possível?

— Ele não merece qualquer gentileza da minha parte. Ou de

qualquer outra pessoa.

— Tens a certeza? — Starling pensou naquilo durante algum tempo.

Sabia a resposta; sempre soubera a resposta. Ele não merecia quaisquer gentilezas — e não tinha aquela pálida mensagem de Alice praticamente confirmado a sua culpa, mesmo agora? Ainda assim, Starling permaneceu em silêncio, e assim ficou tão longamente que passou o tempo de responder. A Sra. Weekes pegou-lhe na mão e apertou-lha como despedida, e, enquanto se afastava, Starling ficou apenas com o fantasma do seu calor nos dedos.

Desde que ambos a perderam. As palavras de Rachel Weekes esvoaçaram-lhe em redor da cabeça como flocos de neve, pousando sobre ela com um toque gélido, vezes sem conta. *Não.* Eu *perdi-a*. Ele *levou-a.* Starling subiu aos aposentos de Jonathan com queijo e uvas para o almoço, sem sequer lho terem pedido, e deu por si de pé diante dele.

Estava sentado na cadeira junto à janela, onde ultimamente o encontrava com mais frequência; de costas voltadas para o escuro e desordenado recheio dos seus aposentos, de modo a poder observar o mundo, com a luz no rosto e os olhos distantes. Um rasto de pegadas conduzia até ele, manchas de erva e de húmidas folhas outonais que tinham entrado agarradas à sola das suas botas, vindas do terreno comum. Quando ergueu os olhos para ela, o seu rosto estava calmo e quase sorriu ao vê-

la. Starling cerrou os punhos e o incipiente sorriso desapareceu. Pareceu contrair-se, pronto para o que quer que fosse que ela lhe atirasse.

Tentaste perguntar-lhe? Tantas perguntas lhe vinham à cabeça e cada uma delas lhe dava uma sensação de pressão por trás dos olhos. Piscou furiosamente os olhos. *Porque a matou? Como a matou? Onde a escondeu depois? Como pode suportar encher os pulmões de ar? Porque não haveria eu de o matar a si também?*

— Porque… — começou ela a dizer, com uma voz tão constrangida que teve de tentar novamente. Estava confundida por tudo o que poderia perguntar. Jonathan agarrou-se aos braços da cadeira como se pudesse saltar e fugir, mas os seus olhos estavam límpidos. *Está sóbrio. Quando foi a última vez que o olhei nos olhos e os vi sóbrios?* — O que… O que fez, a caminho da Corunha, que o envergonhou assim tanto? O que fez lá que o obriga a odiar-se a si próprio?

Jonathan fitou-a em silêncio. Se deduziu que ela tinha lido a sua carta, não mostrou qualquer sinal disso.

— Disseste-me muitas vezes que eu arderei no Inferno — acabou

ele por dizer. Starling susteve a respiração. — Mas eu já o vi. Eu vi o inferno, e ele não é quente. É frio. Frio como carne morta.

— O que quer dizer com isso? — sussurrou Starling.

— Nunca antes me fizeste perguntas sobre a guerra.

— Eu… o senhor não queria falar comigo.

— Não queria falar com ninguém. Pelo menos até que a Sra.

Weekes me obrigou.

— Ela… — Starling engoliu em seco; não conseguiria dizer o que sentia. — Ela disse que eu deveria perguntar-lhe as coisas que

quero saber.

— E é isto que tu queres saber? Então irás ouvir — disse Jonathan.

Subitamente, a expressão do seu rosto fez Starling querer que ele parasse, fê-la querer não ouvir, mas era demasiado tarde. Ele respirou fundo; começou implacavelmente. — Antes da retirada foi o avanço, é claro; no outono de 1808. Avançámos para Espanha divididos, sem quaisquer mapas, linhas de abastecimento fracas e com apenas alguns guias portugueses mal informados para nos orientar. Era uma loucura, antes mesmo de ter começado. — Fez uma pausa, abanou a cabeça. —

Mas tinham chegado ordens de Londres, e elas tinham de ser obedecidas.

O exército deveria ser dividido em três partes para poderem viajar mais dissimuladamente; essas três partes deveriam tomar diferentes percursos, e reunirem-se em Salamanca. — O homem que comandava, *Sir* John Moore, foi ouvido a murmurar sobre a imprudência de tudo aquilo. O

céu e a terra estavam ainda secos, e uma densa mortalha de pó pairava sobre o exército, mas Jonathan sentiu um fundo pressentimento.

Percebeu que seria um milagre se todos acabassem por chegar a Salamanca antes do inverno, e sem morrerem à fome. Na sua mente, enormes traças negras batiam as suas silenciosas asas.

Levou *Suleiman* para um penhasco alto e sentou-se por uns momentos com o Capitão Sutton a seu lado, observando as longas colunas de homens, carroças e cavalos em movimento. A maioria dos homens ia animada, contente por estar a avançar. Ouviu fragmentos de canções e risos; o rufar e a batida dos tambores; o silvo estridente dos flautins — doces sons por cima da algazarra de fundo formada por cacarejos de galinhas, graves mugidos de bois, ranger de rodas de madeira. Às mulheres — esposas que tinham

tirado à sorte, em Londres, a autorização para seguirem os seus maridos; prostitutas, lavadeiras, vendedores de gin e misteriosos mirones — tinha-lhes sido dito para

ficarem em Portugal. Tinham sido avisadas das dificuldades que havia pela frente — as colunas viajavam depressa; não haveria carroças para serem transportadas, teriam de seguir a pé, tão teimosa e obstinadamente quanto as mulas de carga que muitas delas conduziam. Jonathan viu-as passar atrás dos homens, de saias já imundas até aos joelhos, e temeu por elas.

— Porque vêm? Porque não escutam o que lhes dizem? — disse ele ao Capitão Sutton, e este encolheu os ombros.

— Viajam estes quilómetros todos para estarem com os seus maridos. Que razão têm elas para ficar em Portugal? É uma terra estranha, e se não ficarem com o exército, não há nenhuma razão para estarem aqui.

— Nunca conseguiremos alimentar todas.

— Temos de ter esperança de encontrar comida pelo caminho. Não tema, major; estou certo de que conseguiremos que aguentem até ao fim.

Mas o capitão não parecia seguro; parecia estar cheio das mesmas dúvidas que Jonathan sentia. Quando o tempo mudou e a chuva começou, o próprio ar tornou-se cinzento e o chão rapidamente num atoleiro. A lama era um obstáculo para os que estavam nas linhas mais dianteiras. Para os que seguiam atrás, quando muitos cascos e pés a tinham batido já, era um pesadelo de exaustão, debilitante. Jonathan verificava as patas de *Suleiman* todas as noites, limpava-as e secava-as o melhor que podia; mas sentia, ainda assim, o cheiro rançoso das úlceras a apoderar-se delas, e o calor e o inchaço da febre da lama no calcanhar do animal. Era o mesmo em relação aos homens — nem secava de um dia para o outro, de uma semana para a outra. Era impossível manter as tendas ou a mochila, ou a pele, ou as botas limpas; a lama invadia tudo.

Deixaram de cantar; os gaiteiros deixaram de tocar. Os pés inchavam, enchiam-se de bolhas e gretas. Num intervalo de tempo surpreendentemente rápido, as galinhas foram todas mortas e comidas.

Não havia alimento que pudesse ser encontrado na paisagem árida, e quaisquer quintas e aldeias por que passavam, com frequência tinham sido esventradas e devastadas pelos Franceses em retirada. A única coisa deixada pelo inimigo tinha sido horror e cadáveres. No final de cada dia de marcha, quando Jonathan tentava cuidar das patas de *Suleiman*, sussurrava ao cavalo palavras sobre os estábulos quentes que os esperavam em Salamanca; sobre o doce feno do prado que se amontoaria na manjedoura; a cevada que teria no embornal, fresca e saborosa em vez

de bafienta devido à humidade constante. *Suleiman* estremecia e soltava um suspiro enquanto ouvia isto, como se não acreditasse, e o próprio estômago de Jonathan roncava ao mesmo tempo que ele falava.

A secção do exército comandada por Moore, que integrava Jonathan, o Capitão Sutton e a sua respetiva companhia, foi a primeira a chegar a Salamanca, no final de novembro de 1808. Estavam fracos, exaustos, subalimentados. Estavam infestados de disenteria, má disposição e piolhos, e disseram-lhes para estarem prontos a pôr-se de novo em movimento imediatamente, porque uma força francesa, dez vezes maior, estava em Valladolid, a três ou quatro dias de marcha de distância. A quantidade de Franceses em Espanha aumentava a todo o instante; o próprio Napoleão tinha chegado para chefiar no Centro e no Sul — o Imperador estava bastante determinado a que Espanha permanecesse como parte integrante do seu império. Quando Jonathan ouviu esta notícia, sentiu um punho frio de medo no buraco do estômago.

Ficou envergonhado por esta reação e tentou ocultá-la quando colocou a sua companhia em alerta, embora a visse espelhada nalguns dos rostos.

Outros mostraram excitação perante a perspetiva do combate; alguns estavam claramente furiosos, embora Jonathan não conseguisse perceber com o quê; outros não mostraram mais do que uma aceitação resignada.

A sua persistente expressão esvaziada fazia com que parecessem mortos.

— Será um alívio, não é verdade, finalmente lutar em vez de marchar? — disse o Capitão Sutton cautelosamente, quando, mais tarde, ele e Jonathan compartilhavam um frasco de vinho no boleto do capitão.

As chamas de velas desguarnecidas trepidavam e agitavam-se na fria divisão, projetando sombras que se inclinavam pelas paredes acima.

Jonathan olhou Sutton nos olhos e soube que o capitão via o seu medo.

Sabia, mas não o desprezava por isso. Porém, Jonathan corou de vergonha quando ergueu o seu copo.

— Um alívio, na verdade — disse ele, depois tragou a bebida de uma só vez. Onde quer que fora descoberta uma adega na cidade, tinha sido invadida. Enormes barris foram rolados até às ruas e esvaziados, e depois empinados, vazios, com alguns caídos, e homens inconscientes ao lado de cada um deles. Mais do que um se tinha já embebedado até à morte. E a chuva fria continuava a cair.

— Sem medo não pode existir bravura — disse suavemente o Capitão Sutton. Era mais velho do que Jonathan quinze anos, e tinha visto batalhas e guerras antes desta. Era um bom homem, e gentil;

ajudava o seu inexperiente oficial superior no que pudesse, e Jonathan estava-lhe grato, apesar de estes cuidados o fazerem

sentir-se como uma criança a nadar fora de pé.

A meio de dezembro abandonaram Salamanca novamente. *Sir* John Moore resistira o mais tempo possível, na esperança de que os outros contingentes do exército alcançassem a cidade; na expectativa da chegada de aliados de Espanha para os reforçar. Mas, então, chegou a notícia de que os Franceses tinham ido para sul; que pensaram que Salamanca estava abandonada, e não faziam ideia que uma força britânica a ocupava. Havia uma possibilidade de desferir um golpe inesperado; uma possibilidade de desviar os Franceses de saquearem os Espanhóis cercados no Sul, e Moore aproveitou-a. Fê-los marchar de norte para oeste, em direção a Saldaña, onde um comandante famoso chamado Soult, alcunhado pelos homens como Duque da Maldição, chefiava uma grande força francesa. Depois de passarem um mês estacionados, com pouco conforto e escassez de comida, os homens quase estavam contentes por marchar de novo, especialmente se, no fim da marcha, os esperava uma batalha — a espera esgotava-os; queriam combater. Jonathan pensou na violência e morte que tinham visto até ali, e não conseguia compreender a sua ansiedade. Mas conservou isto para si, bem guardado; tal como guardou as dúvidas e todas as suas apreensões acerca da carreira que tinha escolhido.

— Homens, em breve chegará o momento de dar ao inimigo uma amostra do nosso ímpeto, e do nosso aço! — gritou ele para a companhia, e eles responderam com uma retumbante exclamação enquanto marchavam. As palavras amargaram-lhe na boca, e soaram-lhe ocas aos ouvidos. Por baixo da sela, as costelas de *Suleiman* arqueavam-se, salientes, perfeitamente visíveis sob a pele demasiado fina. Quando o vento soprou, o cavalo estremeceu, mas não fraquejou. Jonathan sentiu o estremeção perpassar pelo seu próprio corpo, como se ele e o cavalo fossem um único ser. *Empresta-me a tua coragem, bravo amigo.*

Jonathan escrevia a Alice constantemente, e conseguiu resistir a contar-lhe o medo que sentia, e a sua repugnância pela sede de

sangue dos seus compatriotas. Conseguiu não lhe descrever o modo como todos eles pareciam ser cada vez menos humanos à medida que as semanas passavam. Eram cada vez mais bestiais, mais abrutalhados e cruéis —

mesmo nas suas características mais elementares: estavam mais hirsutos, mais esfarrapados, e tresandavam. A guerra moldava-os aos seus

próprios fins. Não escreveu nada disto, e, em vez disso, escreveu sobre a ânsia de regressar para junto dela que lhe ocupava todos os momentos em que estava acordado, e lhe assombrava igualmente os sonhos. Então, a marcha sub-reptícia foi abruptamente interrompida — encontraram uma companhia de cerca de setecentos soldados da cavalaria francesa, e envolveram-se num combate, curto e brutal, que acabou quando os Franceses foram todos mortos. Assim, Soult foi alertado para a marcha sobre Saldaña, e para o paradeiro deles.

Foi passada palavra para sul; a principal força francesa fez alto, deu meia-volta e regressou em busca deles. Quando Jonathan recebeu o despacho com a notícia, sentiu as entranhas aguarem-se e as pernas amolecerem com pânico. Engoliu tudo isso e esperou ordens, mas não tiveram outra alternativa senão sair dali. Dentro de dias poderiam estar rodeados por tantos milhares de Franceses que qualquer batalha seria um massacre. Não havia outra hipótese senão retroceder para a costa, a oeste. Na véspera de Natal de 1808, os Britânicos viraram em direção às montanhas. Os oficiais tiveram de arrebanhar os homens, relutantes. As tropas queriam ficar e lutar contra o Duque da Maldição, ou contra o próprio Napoleão — lutar contra *qualquer um*, em vez de subir uma cordilheira montanhosa com tempo de inverno, e sem quaisquer provisões. Sabiam que as montanhas seriam exatamente tão letais como qualquer batalha poderia ser.

Jonathan estava certo de que conseguia sentir os Franceses atrás deles. Pressentia-os como uma enorme nuvem negra, ou como uma onda prestes a rebentar sobre as suas cabeças. Tinha a sensação

constante, enervante, de ser observado, de alguma coisa se insinuar sobre ele. Dava pouca atenção aos homens desobedientes, embora tivesse parado de os mandar chicotear. Os homens sob as ordens de outros oficiais não tinham tanta sorte. Alguns levavam cem chicotadas por uma queixa resmungada entre dentes; duzentas por se desprenderem das colunas; trezentas por incitamento à insubordinação. Ficavam com as costas esfarrapadas, com poucas probabilidades de sobreviverem, e não gostavam dos seus comandantes mais do que antes. *Fujam!,* era o que Jonathan queria gritar-lhes. *O que se passa convosco? Fujam enquanto podem!* As palavras ficavam-lhe presas na boca, fazendo pressão para saírem, enquanto a chuva se transformava em neve e o vento em dentes e garras.

Os seus homens tomavam o seu óbvio conflito interior como sinal de que odiava retirar tanto como eles. Fazia com que o amassem mais, e se

ainda lhe restasse algum riso, ter-se-ia rido desta ironia.

Estava frio suficiente para lhes gelar o sangue nas veias. Todas as noites a neve solidificava como gelo, tornando-se dura e afiada como uma lâmina. Os homens que tinham perdido as botas na lama peganhenta das planícies agora caminhavam descalços, os pés negros, queimados pelo gelo, deformados com inchaços. Um deles tinha desfeito o seu pé esquerdo até ao osso. Ajoelhado sobre a neve, olhava por um declive rochoso para os Franceses que marchavam, trituradores, não muito abaixo, quando Jonathan surgiu por trás dele. As extremidades macias e cinzentas dos ossos do calcanhar projetavam-se através das solas dilaceradas dos seus pés. A visão deu uma sensação de vertigem a Jonathan, como se oscilasse à beira de um precipício e estivesse prestes a cair. Quando o homem o viu a olhar, sorriu a Jonathan.

— Uma boa visão dos *franciús*, ahn, meu major? — coaxou ele, numa voz tão esfarrapada quanto o seu corpo. — Não se aflija comigo; não me doem nada. — Havia uma luz baça e febril nos seus olhos, e Jonathan afastou-se sem falar com o homem, com

medo dele, pois estava nitidamente morto, embora ainda a marchar; morto, mas ainda sem ter consciência disso.

Para começar, a retaguarda da força britânica era constantemente atormentada. Tinham repetidamente de virar, dispor as linhas e repelir a perseguição francesa. *Preparar! Apontar! Fogo!,* gritado uma e outra vez, incessantemente. Jonathan ouvia as três palavras durante o sono, e acordava com a mão em volta do cabo de um sabre em que não estava a agarrar, de braço erguido, pronto a baixar ao respetivo atroar do fogo dos mosquetes. Comandou um combate, curto e cruel, para proteger uma passagem sobre o rio, depois do qual a estreita corrente foi deixada apinhada de cadáveres, tanto franceses como britânicos. Jonathan examinou a cena ainda com os ouvidos a retinir dos disparos; a água borbulhante soou-lhe como música, como sinos de prata. Tinha fumo nos olhos e na boca; a garganta estava tão seca que não conseguia engolir, e o cantil vazio. Foi até à beira da água e ajoelhou na lama gelada, e, com a mão em concha, ergueu água mais fria do que gelo, e tinta de sangue.

Bebeu-a, apesar disso. Acalmou-lhe a garganta, e soube-lhe a ferro. Na outra margem jazia um jovem soldado francês, ainda só uma criança.

Alimentava a vermelhidão das águas com um ferimento no rosto — de que só lhe restava metade. Mas o rapaz viveu ainda um pouco mais de tempo; Jonathan cruzou o seu olhar com o dele e descobriu que não o

conseguia desviar. Sentou-se sobre a imundície e ficou com aquele rapaz moribundo, cujo sangue bebera com a água. Não havia rancor em nenhum deles, nem raiva ou desprezo, nem censura. Apenas uma aceitação compartilhada do que fora feito e não poderia ser desfeito.

Quando o Capitão Sutton o içou, pondo-o de pé, Jonathan piscou os olhos, e viu que o rapaz estava morto.

Nas semanas que se seguiram, a morte esteve sempre com eles.

Houve ferimentos, velhos e novos, houve fome, houve doenças e enfermidades, houve escaramuças, e houve o frio que tudo consumia.

Então, a morte, como se estivesse entediada, começou a encontrar novas formas, criativas, de os levar. Houve uma estranha reação a algumas provisões de peixe salgado e rum que finalmente lhes chegara — quando consumidos em quantidade, explodiam através dos sistemas famintos com resultados devastadores. Um dia houve uma espiral de nevoeiro, tão denso e branco que os olhos não conseguiam perceber o que era chão e o que não era. Escondeu o precipício num desfiladeiro, e mais do que um homem caminhou involuntariamente para fora da sua beira. Duas mulas tombaram igualmente, levando com elas uma carroça cheia de feridos.

Estavam todos demasiado fracos para gritarem ao cair — incluindo as mulas. O parto levou uma rapariga, que ficou sentada na neve envolta no seu próprio sangue, embalando o bebé enquanto esperava a morte. A criança nascera demasiado cedo; mexeu-se debilmente durante um minuto ou dois antes de morrer. Jonathan parou ao lado da rapariga por um momento. Estava sentada, muda e imóvel, sem tentar levantar-se; parecia muito bela no contraste com o chão coberto de neve, com o seu cabelo muito escuro e olhos prateados. Jonathan ficou e esperou com ela, mas não conseguiu pensar em nada para dizer ou fazer por ela, e a morte parecia não ter pressa de a reclamar. Assim, ele continuou a caminhar, enfiando o rosto no sobretudo.

Da vez seguinte que o caminho os levou ao longo de um cavernoso vazio, um abismo no qual o vento gemia e a neve uivava, Jonathan viu um homem dar um passo deliberadamente para fora da borda. Os cavalos cediam sob os homens que transportavam e eram esquartejados e comidos, se o andamento da marcha o permitisse. Os cãos sofriam a mesma sorte. Se assim não acontecesse, os homens mascavam as correias de couro das mochilas e dos uniformes como sustento. Por meados de janeiro de 1809, quando o

caminho que levavam começou a descer em direção às planícies férteis que os levaria até ao mar, a retirada

através das montanhas tinha vitimado cinco mil homens. Jonathan caminhava ao lado de *Suleiman* com os braços à volta do pescoço do cavalo. Estava demasiado fraco para andar sem ajuda, mas Suleiman mancava de ambas as pernas dianteiras, e retraía-se a cada passo, e Jonathan não conseguia suportar montá-lo, por mais que o Capitão Sutton o instasse a fazê-lo. Assim, ele meio andava, meio era arrastado pelo cavalo, e quando tentou verificar as patas da frente de *Suleiman* para descobrir o problema, elas estavam tão cobertas de gelo endurecido que não havia modo de saber. O pelo do animal estava emaranhado e enlameado; agarrava-se aos ossos, endurecido com lama e gelo. Jonathan tentou murmurar-lhe encorajamento à medida que caminhavam, mas ao fim de algum tempo as palavras tornavam-se desprovidas de sentido, e os lábios estalavam-lhe e sangravam quando os mexia, pelo que apenas pensava o que queria dizer. *Continua, meu bravo amigo, porque eu vou perecer aqui sem ti. Lamento. Lamento muito. Lamento ter-te trazido para aqui, valente criatura.*

Quando atingiram as planícies baixas, o ar mais brando assemelhava-se aos beijos de um amante, suave no rosto e nas mãos, e nos pulmões. Havia pasto de inverno para os cavalos e mulas que tinham sobrevivido, mas para os homens continuava a não haver nada. A fome tornara-os a todos um pouco loucos; pusera-lhes uma cintilação nos olhos que lembrava cães ferozes. E *Suleiman* não comia. Não mostrava qualquer interesse na erva acastanhada que estava subitamente à sua volta; sem o gelo entorpecedor nas patas, estava num tal sofrimento que tremia todo, ao longo do dia. Despedaçava o coração de Jonathan vê-lo sofrer assim. Não havia censura nos olhos do cavalo, não havia acusação, mas também não havia luta, nem centelha. Num dia ameno e húmido, no qual os homens finalmente tinham sentido o cheiro a mar, o passo arrastado de *Suleiman* deteve-se, os joelhos dobraram-se e ficou estendido no chão. Os homens que marchavam

penosamente atrás deles dividiram-se à passagem pelo cavalo caído sem uma pausa ou um pensamento.

Jonathan ajoelhou junto à cabeça do cavalo. Tentou erguê-la e pô-la no colo, mas era demasiado pesada e os seus braços demasiado fracos.

Por um momento, contentou-se em deixar o cavalo repousar. Verteu alguma água na boca de *Suleiman*, mas ela escorreu de novo para fora.

Apenas passada uma hora, quando o Capitão Sutton foi à sua procura, é que Jonathan começou a ver o perigo.

— Major Alleyn, temos de prosseguir. Acamparemos no cimo da próxima elevação, se conseguirmos lá chegar ao pôr do sol — disse o capitão, animando Jonathan com uma mão no ombro. — Venha, encontraremos outro cavalo nas linhas.

— O quê? Não preciso de nenhum outro cavalo. Tenho *Suleiman* —

disse ele, sacudindo a cabeça.

— Um bravo animal, na verdade, Major Alleyn, mas temo que ele esteja esgotado. Venha, acabemos com ele o mais rapidamente possível, e ponhamo-nos a caminho.

— Não fará tal coisa! — Jonathan debateu-se para se pôr de pé e cambaleou quando uma tontura de exaustão o atravessou. —

Conseguiremos. Ele não está esgotado. Anda, *Suleiman*, para cima! Para cima, valente! Estamos quase no acampamento! — Puxou-o pelas rédeas, falando cada vez mais alto. Inclinou-se com todo o seu peso, mas *Suleiman* nem mesmo levantou a cabeça.

— Meu major…

— Não! Não quero ouvir nada disso! Para cima, *Suleiman*, upa! Vá-

me buscar um pouco de *brandy*, capitão. É do que ele precisa, de um pouco de *brandy* para lhe dar força!

O Capitão Sutton foi buscar um pouco de *brandy* num copo de latão e entregou-o, obedientemente, embora os seus olhos dissessem que sabia ver quando uma causa estava perdida. Num frenesim, Jonathan ergueu o maxilar de *Suleiman*, abriu-lhe os lábios e verteu-lhe o *brandy* na língua.

As gengivas do cavalo estavam cinzento-esbranquiçadas, e o *brandy* não produziu qualquer efeito.

— Para cima, *Suleiman*! Upa!

— Deixe-o, homem, o pobre animal está acabado — observou um outro oficial, que passava por eles com o andar de pernas arqueadas de uma vida inteira passada sobre a sela. Freneticamente, Jonathan foi buscar a chibata à parte de trás da sela e aplicou-lhe uma chibatada na garupa. Deixou-lhe um vergão na pele, mas os músculos sob esta nem sequer estremeceram. Jonathan mal conseguia ver com as lágrimas que lhe faziam arder os olhos. Nunca se odiara mais. Com um arquejo, bateu de novo em *Suleiman*.

— *Tens* de te levantar! — gritou ele. Com lenta resignação, *Suleiman* piscou o olho mais elevado. Jonathan largou a chibata e tombou a seu lado, chorando incontrolavelmente. Alisou-lhe o pelo fino em volta dos olhos e ouvidos; um afago suave para compensar os golpes

que lhe aplicara. — Desculpa, meu amigo. Lamento muito — murmurou ele, repetidamente. Sentiu as mãos do Capitão Sutton sobre os seus ombros, persuadindo-o a afastar-se.

— Não há mais nada que se possa fazer, meu major. Não há mais nada que possa fazer por ele. Venha. Agora venha. — Jonathan levantou-se, instavelmente, e consentiu em ser levado.

— Isso mesmo, meu major. É melhor deixá-lo, agora. Não há mais nada a fazer e os homens ficam agitados por vê-lo tão perturbado. É

melhor deixá-lo, vou garantir que cuidam dele. — Tinham andado apenas uns quinze ou vinte passos quando um tiro atroou os ares, e Jonathan virou-se para ver um homem erguido sobre o seu amigo caído com uma pistola fumegante na mão.

— Se consegui descer a montanha, foi por causa dele. Meu amigo.

E veja como é recompensado por toda a sua energia e bravura. —

Jonathan abominou as lágrimas que lhe corriam no rosto, e limpou-as furiosamente.

— Nunca houve um cavalo melhor, Major Alleyn. Mas não havia mais nada a fazer.

Nessa noite, Jonathan sentou-se na sua tenda na mesa desmontável de campanha, de aparo suspenso sobre uma folha de papel em branco.

Tentara datilografar uma carta para Alice, a primeira em semanas, mas parecia não haver nada que pudesse escrever. Dizer-lhe alguma coisa era convidá-la a entrar no inferno no qual ele descobrira que se encontrava.

Dizer-lhe alguma coisa era dizer-lhe no que ele se tornara, e arriscar-se a que ela não o amasse mais. Ele era o homem que via bebés acabados de nascer morrerem na neve; o homem que bebia o sangue de camaradas mortos. Era o homem que temia a batalha; um homem sem bravura, que injuriava a violência apaixonada que o seu país lhe pedia. Era o homem que deixara *Suleiman* a morrer estendido numa pastagem — aquele belo e poderoso animal a que ela chamara magnificente, na margem do rio em Bathampton, no verão anterior. Era um homem que queria ir para casa, e não ver guerra, nunca mais.

O Natal chegara e partira. Bathampton e tudo nela pareciam pertencer inteiramente a um outro mundo; um mundo no qual coisas tão doces e inúteis como o Natal podiam existir. A página continuava vazia enquanto os minutos se arrastavam, e quando o Capitão Sutton entrou, Jonathan ficou contente pela interrupção. O capitão levava consigo um prato com um grosso bife de carne assada e uma fatia de pão; o cheiro

que dele emanava fez o estômago contorcer-se com dolorosa antecipação. Mas o capitão não falou quando colocou o prato à frente de Jonathan. Ele abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas depois não disse nada, e não olhou Jonathan nos olhos. Então, de súbito, Jonathan soube exatamente de onde viera aquela carne, e ficou a olhar fixamente para ele com perfeito horror. Ficou aliviado quando o Capitão Sutton se retirou de imediato, e não ficou a vê-lo comer. A vê-lo comer o seu próprio cavalo. Mas comeu-o, na verdade, embora o fizesse sabendo com toda a certeza que jamais seria o mesmo, jamais seria quem tinha sido antes, jamais.

— Chegámos à Corunha no dia seguinte. Foi quanto *Suleiman* esteve perto de terminar a marcha. Mas uma parte de mim está contente por ele não ter conseguido chegar ao fim… os cavalos mancos… os mancos e os fracos eram mortos em vez de lhes ser permitido ocupar espaço valioso e consumir provisões no caminho para casa. Ele teria sido abatido mesmo que tivesse terminado a viagem. É assim que os homens compensam os seus leais servidores e companheiros. — Jonathan ficou em silêncio, e na esteira das suas palavras o ar ficou mais frio, e mais difícil de respirar.

— E escreveu a Alice de lá. Nesse dia em que chegou à Corunha, escreveu-lhe a contar a sua vergonha. — A voz de Starling era pequena e fraca na sequência do seu discurso brutal.

— Sim. Escrevi-lhe de lá. Sonhava com ela. Pensava nela como um homem a morrer de sede pensa em água. Era a única coisa que me impelia a sobreviver.

— E depois ela escreveu-lhe para Brighton, e disse-lhe que deviam separar-se para sempre.

— Atracaram os barcos de noite, para que o povo de Inglaterra não visse o nosso estado assustador. Para que não andassem nas ruas e não sentissem o cheiro a morte e a derrota que exalávamos — murmurou Jonathan.

— E veio imediatamente a Bathampton. E matou-a — recitou Starling.

— Não!

— Mas como sabe? Veio imediatamente, e eu vi como estava transtornado. Diz que não se lembra com nitidez desse tempo, que há espaços de sombra na sua memória desses dias, de quando ela desapareceu, por isso, como é que sabe? *Como é que sabe que não o fez?*

— A voz de Starling elevara-se e transformara-se num grito, mas Jonathan não vacilou. Olhou-a de olhos bem abertos.

— Porque, primeiro, teria arrancado o meu próprio coração do corpo — disse ele.

— Tem a *certeza* disso? A mesma certeza com que ela o amava? —

Starling tremia ao fixar os olhos nele, sem os desviar. O rosto de Jonathan estava, de algum modo, desnudado; sem vinho ou ópio, estava completamente aberto ao escrutínio dela, e embora não tenha dito nada, Starling viu dúvida nos seus olhos — indisfarçável, erguendo-se como chamas que o fossem consumir.

Eu sei quando a minha mãe mente. Josephine Alleyn estava sentada na sala quando Rachel foi anunciada. A mãe de Jonathan não tinha qualquer livro na mão, nem qualquer bordado. Nada que a ocupasse enquanto esperava. Um relógio dourado na cornija tiquetaqueava sonoramente, e Rachel reparou que a gaiola dourada

do canário estava vazia. Decidiu não perguntar o que acontecera ao pássaro. Havia qualquer coisa na imobilidade absoluta da velha senhora que a inquietava. Os seus olhos azuis eram transparentes e firmes, e mais jovens do que a sua idade real, mas Rachel não conseguia decifrar neles nada para além de uma intensidade inabitual. Não havia quaisquer velas acesas, e a luz pálida do dia filtrava as cores da divisão. O sofá do mesmo azul dos ovos de pisco; as cortinas cereja nas janelas; os verdes e dourados do tapete. Tudo se apresentava mais acinzentado, mais fraco. *A minha mãe mente.* Rachel tentou sorrir ao entrar, indo-se postar diante da Sra. Alleyn, mas ela não a convidou a sentar-se.

— Na sua última visita, creio que passeou lá fora com o meu filho.

— Falou sem expressão, sem nenhuma emoção particular. Rachel sentiu, de novo, uma espécie de alarme. *É só por causa do que Jonathan disse, e há anos de amargura no que diz.*

— Sim, Sra. Alleyn. Pensei que seria benéfico…

— Então a ideia foi sua, e não de Jonathan?

— Sim, minha senhora.

— Compreendo. E acha apropriado sugerir uma coisa dessas? O

meu filho não é casado…

— Mas eu sou uma mulher casada, Sra. Alleyn, e mantida como companhia do seu filho.

— Para lhe ler, e dentro desta casa, se bem me lembro do nosso acordo.

— Perdoe-me, Sra. Alleyn. Não tive intenção de a desrespeitar.

Apenas esperei animar o seu filho com o ar puro, e uma mudança de…

paisagem. Entendi que o meu papel era animá-lo.

— Animá-lo, talvez. Não namoriscar com ele, e expô-lo à chacota pública.

— A que chacota o expus eu, Sra. Alleyn? — Rachel estava desorientada. A acusação deixava-a ainda mais nervosa.

— Convencendo-o a sair de casa, pois não consigo imaginá-lo a ir de boa vontade, com um aspeto tão desalinhado e uma saúde tão debilitada. E levando pelo braço a mulher do vendedor de vinho! Para não falar do seu atual… estado. — Indicou com o queixo o corte no lábio de Rachel, ainda visível embora o hematoma tivesse desaparecido. —

Estou surpreendida com a sua ousadia, andando por aí tão abertamente com a cara nesse estado. E se ele tivesse caído, ou apanhado uma constipação? Faz alguma ideia de como isso poderia ser desastroso para o meu filho? — Rachel permaneceu, por um momento, num silêncio estupefacto. Sem elevar a voz ou alterar o tom, Josephine Alleyn passara-lhe um raspanete tremendo, arrasando-a por completo. A mulher do vendedor de vinho. A face ardeu-lhe de humilhação, mas sentiu igualmente uma centelha de rebeldia.

— Perdoe-me, Sra. Alleyn. Se eu… excedi a minha função, lamento sinceramente. Mas pareceu-me, de facto tenho a certeza, que o passeio fez imensamente bem ao Sr. Alleyn. Saímos da cidade para o terreno comum, de modo a não ser alvo de atenções indesejadas.

— Contudo, foram até ao fim da meia-lua antes de chegarem ao campo. Faz alguma ideia de como os vizinhos me olham? *Nos* olham, ao meu filho e a mim? Não *param* de olhar e de dar à língua.

— Esses… rumores e falsidades que se espalharam acerca do seu filho apenas podem ser destruídos quando o virem em carne e osso, e suficientemente bem para passear, não é verdade, Sra. Alleyn?

— A sua função é ler para ele, Sra. Weekes. Mais nada.

— Sim, Sra. Alleyn. — Josephine Alleyn observou-a tranquilamente por mais um prolongado momento, depois pestanejou lentamente e virou a cabeça. De imediato, a tensão na sala pareceu diminuir, e Rachel respirou um pouco mais à vontade.

— Se for verdade o que diz, e o meu filho se sentiu revitalizado por esse passeio, será encorajado a passear com mais frequência.

Adequadamente vestido, é claro. Mas não será a senhora a acompanhá-

lo, Sra. Weekes — disse Josephine.

— Não me parece que ele gostasse de passear sozinho —

murmurou Rachel. O olhar de Josephine voltou de imediato a pousar nela.

— Então, passearei eu com ele. Ou convidarei um dos seus amigos homens para o fazer.

— Sim, Sra. Alleyn.

— Percebo pelo seu tom que não acha que ele vá com eles. Acha que tem poderes especiais sobre ele, Sra. Weekes?

— Não, Sra. Alleyn. Nenhuns poderes especiais; ou poderes de qualquer espécie. Apenas… os princípios da confiança e da amizade.

— Confiança? E ele não tem confiança em mim, é isso que quer dizer? Na sua própria mãe?

— Tenho a certeza que sim, minha senhora — apressou-se Rachel a dizer. *A minha mãe mente.*

— E como é que essa confiança lhe é mostrada? Conte-me. Ele abre-se consigo? De que lhe fala ele, se não têm andado a ler ao longo de todas estas semanas, mas sim a fazer amizade?

— Fala de tudo por que passou na guerra… da natureza terrível de tudo isso. Fala do seu crescimento, e do avô. — Rachel cruzou o olhar frio de Josephine Alleyn e hesitou antes de continuar. — Fala de Alice Beckwith, e de a ter perdido.

Josephine Alleyn recuou ligeiramente, como se Rachel a tivesse atingido, mas rapidamente se recompôs.

— Como poderia não o fazer, se a senhora se parece tanto com essa desgraçada? — disse ela, lapidarmente.

— Perdoe-me, Sra. Alleyn, mas tinha entendido que foi, em primeiro lugar, a minha parecença com Abi que a levou a empregar-me aqui.

— Abi? Quem é essa Abi?

— Abi? — Rachel pestanejou, surpreendida. — Alice. Queria dizer Alice.

— E foi assim. Mas agora acho… agora acho que talvez isso tenha sido um erro. — Observou Rachel atentamente, à espera da sua reação, e esta debateu-se para manter a compostura do rosto quando o medo a trespassou com um silvo, tão rápido e surpreendente que os cabelos da nuca se eriçaram.

— Creio que é em parte o facto de não saber exatamente o que…

aconteceu a Alice que impede a sua recuperação, e lhe mantém o espírito aprisionado em… círculos de interrogações e cismas — disse ela.

— O que quer dizer com isso de não saber exatamente o que lhe aconteceu? Ela fugiu. Desgraçou-se e insultou a minha família. Que

mais há para saber? — Josephine franziu a testa, com consternação.

— A Menina Beckwith escreveu-lhe antes de desaparecer. Uma carta que o apanhou em Brighton, logo depois de ter desembarcado, no regresso de Espanha…

— Uma carta? Impossível! — Pela primeira vez, a voz de Josephine Alleyn elevou-se, e a sua face ruborizou-se. — Desculpe, Sra. Weekes.

É-me doloroso falar… dessa rapariga. Depois do que ela fez. E depois de sabermos das suas intenções em relação a Jonathan, foi proibida de o contactar. Tinha assumido que ela tivesse suficiente respeito pelo meu pai para obedecer aos seus desejos.

— Sabia, é claro, da profunda afeição que existia entre o seu filho e a Menina Beckwith.

— Ele era jovem. Ela… transtornou-lhe a cabeça. Foi tudo o que aconteceu. Ele nunca poderia ter casado com a rapariga, isso tê-lo-ia transformado em objeto de escárnio. — Josephine ajeitou as saias, embora estivessem perfeitamente ordenadas. — Diga-me, por favor, o que dizia a rapariga nessa carta para Brighton? — A pergunta foi cuidadosamente articulada, e uma vez mais a sua atitude era impenetrável.

— Não sei exatamente, Sra. Alleyn, apenas sei que escreveu a romper qualquer ligação ao seu filho.

— Bem. É estranho que tenha tido a decência de o fazer, antes de agir tão abominavelmente.

— É estranho, realmente — disse Rachel, tentando imitar a inexpressividade de Josephine. Não o conseguiu por completo. A Sra.

Alleyn fitou-a por um instante, como se estivesse a remoer qualquer coisa. Depois, para surpresa de Rachel, a velha senhora sorriu benignamente.

— Minha querida Sra. Weekes, perdoe-me por esta conversa ter parecido… tão severa. Mas tomo muito a sério o bem-estar do meu filho e o bom nome da minha família. Será muito melhor para todos se a partir de hoje me consultar previamente sobre todas as questões relacionadas com quaisquer atividades… extra. Restrinja-se à leitura, Sra. Weekes. Eu sei o que é melhor para o meu filho. E talvez mostrasse mais… tato se

não o encorajasse a falar tão abertamente acerca de assuntos privados, familiares.

— Sim, Sra. Alleyn — disse Rachel, quando se tornou claro que ela não seria libertada sem ter concordado.

— Pode ir ter com ele, agora. — A Sra. Alleyn sacudiu a ponta dos dedos num elegante gesto de despedida. Rachel virou-se e deixou-a, de pernas trémulas após o encontro. Não conseguia dizer se era raiva, medo ou embaraço o que sentia.

Subiu as escadas, através da coluna de ar velho que corria pela casa dos Alleyn como um sangue vagaroso e moribundo. Apanhou-lhe o peito, e arquejava quando chegou aos aposentos de Jonathan. Ele estava lá, pronto para lhe abrir a porta ao seu toque. Sorriu, mas depois empinou a cabeça comicamente perante a sua falta de fôlego.

— Posso descer, da próxima vez, para me encontrar consigo. Não precisamos de ficar sempre nos meus aposentos. Embora eu realmente prefira estar longe de olhos… bisbilhoteiros — disse ele, e Rachel abanou a cabeça. — Qual é o problema? — perguntou-lhe.

— Abi! Eu disse Abi em vez de Alice… agora mesmo, à sua mãe…

— Rachel falava quase para si mesma, e abanou de novo a cabeça, incrédula. Engoliu em seco. Tinha um grande nó na garganta; sentia o rosto quente e feio.

— Abi? Quem é Abi? — Ouvir o nome da sua irmã nos lábios de Jonathan pareceu uma coisa tão doce que Rachel não aguentou. O peito arfou, e as lágrimas humedeceram-lhe o rosto.

— Porque chora? Venha. — Ele pegou-lhe nas mãos e levou-a até à cadeira de braços junto à janela. — Sente-se. Conte-me o que aconteceu.

— Rachel sentou-se e premiu os olhos com a ponta dos dedos.

— A sua mãe… — começou ela a dizer, mas não conseguiu decidir o que dizer.

— A minha mãe o quê? — disse Jonathan, desoladamente. Rachel olhou para os longos dedos das mãos, embalando as suas, e tentou acalmar-se. Lá fora, o vento sacudia as árvores e fervilhava através das fendas e cantos da cidade, soando como um oceano faminto. A casa rangia e estremecia em volta deles, correntes de ar infiltravam-se através de portas e janelas, sob as telhas, e desciam pelas chaminés.

— Não… não é nada. É só que… ela interrogou-me agora mesmo acerca da prudência do nosso… recente passeio…

— E esse interrogatório deixou-a em lágrimas? — Falou

iradamente, sempre pronto a inflamar-se contra a mãe.

— Não! Não, não foi isso… eu cometi um erro, é tudo. Estávamos a falar sobre Alice. E eu troquei o nome pelo da minha irmã.

— A sua irmã? Não fazia ideia de que tinha uma irmã, nunca a mencionou.

— Ela… desapareceu. Afogada. Toda a gente pensa, toda a gente menos eu, que morreu há vinte e seis anos…

— Então, devia ser uma criança muito pequena quando a perdeu.

— Sim. Ainda não tinha três anos, e foi arrebatada pela enchente do rio.

— Mas isso é uma dolorosa crueldade, ter perdido uma irmã e um irmão. E chamava-se Abi?

— Sim. Abigail. Mas não está a ver? — Rachel fitou o rosto de Jonathan, perscrutando-o, na esperança de que ele fizesse a ligação. *Se ele pensar que poderia ser verdade, então é porque poderia. Poderia ser.*

Mas Jonathan apenas pareceu intrigado. — Abigail era minha irmã gémea; idêntica a mim. Ninguém sabe ao certo… detalhes sobre o nascimento de Alice. Foi entregue ao cuidado de Bridget como uma criança de cerca de três anos, *não* como bebé. Abi foi levada pelo By Brook, que corre até se juntar ao Avon, em Bathampton. E… e… as nossas *caras*, Jonathan! Temos a mesma cara!

Por longos instantes, nenhum deles falou. As lágrimas de Rachel ficaram frias e viscosas ao secarem. Mal se atrevia a respirar, e, então, Jonathan levantou-se e virou-se para a janela, cruzando os braços. Os seus ombros eram largas saliências penetrantes sob o azul desbotado do casaco; atara o cabelo atrás, na base da nuca, com uma fina fita preta.

— Não sei… — disse ele por fim, em voz baixa. — É uma ideia estranha, que Alice pudesse ter tido uma irmã, e que você seja ela. —

Virou-se para a encarar de novo. — Posso compreender a razão por que quereria que fosse assim.

— Sempre tive o sentimento de que ela não morreu… Durante toda a minha vida, sempre senti a presença de Abigail no fundo da minha mente, e ouvi a sua voz, como uma sombra, mas uma voz que me conforta…

— Talvez a sombra dela, realmente. Muitas pessoas acreditam que os nossos entes queridos nunca verdadeiramente nos deixam.

— Não, é mais do que isso… não consigo explicar muito bem.

Havia um laço entre nós, qualquer coisa especial e estranha. E nunca

realmente senti que esse laço se tivesse quebrado, embora mal me lembre de a ter comigo; mal me lembro desses tempos. Apesar disso, nunca verdadeiramente *senti* que ela tivesse desaparecido. — Ergueu os olhos implorativamente para Jonathan, desejando que ele também acreditasse.

Quando viu dúvida nos seus olhos, a garganta doeu-lhe.

Ele sentou-se de novo junto dela, pegou-lhe nas mãos e levou-lhe os dedos aos lábios, e de novo o seu beijo a fez sentir-se ao mesmo tempo fraca e forte, e aquietou todos os seus pensamentos.

— Tem o mesmo coração bondoso de Alice. E tem uma cara idêntica, mas existem muitas diferenças entre vós. Você é mais alta, e tem uma estrutura mais forte. Também é mais forte de outros modos… é mais determinada. É mais corajosa… — disse ele.

— Tudo isso poderia ser, certamente, o resultado do crescimento; de ficar mais velha?

— E porque haveria o meu avô de meter dentro de casa e proteger uma criança abandonada, de pais desconhecidos? Ele era generoso com os seus, mas não era grande filantropo…

— Abigail… Abigail era a mais doce de nós as duas. A minha mãe sempre disse isso. Era a mais radiosa, a mais pronta para se rir. Talvez ela o tenha encantado, e ele tenha tido pena dela…

— Se alguém poderia ter encantado o avô, era Alice — concedeu Jonathan. — Mas isso não chega para lhe dar razão, minha cara Sra.

Weekes. Como é que ele se aproximou dela?

— Pela força do acaso! Por aquela mesma força que faz com que eu possa encontrá-la agora, após tantos anos, e após eu pensar que estava separada da minha família para o resto dos meus dias. Por essa mesma força! Porque tem de haver algum equilíbrio, alguma justiça, não tem?

Não podemos sentir sempre apenas perda, e nunca sentir também a benevolência de Deus, pois não?

— A benevolência de Deus? — ecoou Jonathan, com um sorriso amargo. — Cara jovem, eu não acredito em nada disso. Algum equilíbrio? Alguma justiça? Não. Não há nenhuma dessas coisas. —

Rachel deixou pender a cabeça, mas depois sentiu os dedos dele erguerem-lhe o queixo na sua direção. O seu rosto estava apenas a alguns centímetros de distância e, à luz que vinha da janela, ela viu manchas acobreadas nas suas íris, até então ocultas.

— Veja esta injustiça que agora se passa, por exemplo. Durante anos tenho-me punido pelas coisas que fiz. E como é isto equilibrado?

Pelo facto de me ter procurado, e me ter encontrado, e ter chegado a mim já casada com o homem menos digno em que consigo pensar. E fala da benevolência de Deus?

Rachel abriu a boca para responder, mas estava vazia de palavras.

Apenas existia o brilho luminoso dos olhos e a sensação da pele dele contra a sua. Toda a sensação, toda a consciência pareceu aglomerar-se nos sítios onde ele lhe tocava, pelo que nada se perdia, nada escapava à atenção. *Ele lamenta que eu seja casada.* Como por magia, a sua mente esvaziou-se de todas as outras esperanças e medos, deixando uma súbita e perfeita claridade, que, enquanto durou, pareceu a resposta para tudo.

Se ele me beijasse agora, eu seria sua. Uma parte dela ansiava por que ele o fizesse, mas por trás disso havia o alívio de ele não o fazer. Este alívio reclamava ser ouvido; cresceu na perfeita serenidade do momento como filamentos de gelo na água. Era um alívio temeroso, cheio de dúvidas; fazia-a recordar-se da ideia, negra e assustadora, de que a mão que agora pegava na sua era a mesma que tirara a vida à sua irmã. *Se isso for verdade, ficarei a saber que ele tem razão — não há qualquer bondade neste mundo. Mas tenho de saber.*

A Sala das Bombas estava tão quente que os amontoados de granizo nas roupas de Rachel derreteram imediatamente, ensopando-as. Estava tão distraída que mal deu conta disso. A sala comprida e elegante estava apinhada de gente, a andar, sentada e a beberricar dos seus recipientes com água quente. Era a mesma água quente que enchia os banhos quentes; fumegante, acabada de emanar da terra e cheirando vagamente a ovos. Houve uma aglomeração de cadeiras de rodas junto das portas, enquanto os inválidos eram trazidos para a sua dose. Rachel fez um circuito pela sala cheia de gente até que viu Harriet Sutton com um copo na mão a falar com um grupo de mulheres de meia-idade. Rachel cortou por entre a multidão para chegar perto dela.

— Ah, Sra. Weekes! Que bom ter podido juntar-se a nós. Deixe-me apresentá-la ao nosso pequeno círculo de amantes da saúde. — Rachel ardia de impaciência enquanto as boas maneiras a mantinham ali a fazer mesuras e a trocar amabilidades e até ter passado tempo suficiente para poder arrastar Harriet para o lado. A minúscula senhora bebeu um gole da sua água e fez uma careta. —

Sabe, estou bastante convencida de que beber isto deve ser verdadeiramente benéfico, embora nunca tenha notado quaisquer efeitos em particular, de uma forma ou de outra, pois por que outra razão haveria de ser aconselhável beber uma coisa com um

gosto tão peculiar?

— Não sei, Sra. Sutton. Queria fazer-lhe uma pergunta, se me der licença, sobre… sobre quando o Sr. Alleyn partiu de Brighton para Bathampton. Quando recebeu a carta de Alice. A senhora disse-me que o seu marido estava presente quando ele a leu?

— Sim, estava. — O rosto de Harriet tornou-se grave. — A senhora está bem, Sra. Weekes? Parece… angustiada.

— Perdoe-me. — *Há espaços de sombra na sua memória.* De todas as coisas que Jonathan lhe dissera, eram estas duas palavras que mais a perturbavam. *Espaços de sombra.* — Sinto que estou… talvez esteja perto de descobrir o que aconteceu a Alice Beckwith. E preciso de saber… preciso de saber se ela está viva ou morta.

— Viva ou morta? — sussurrou Harriet. — Mas o que é isto? O que está a insinuar?

— Não lhe posso explicar aqui… mas explicarei muito em breve.

Eu…

— Não pode estar a querer dizer que Jonathan lhe fez algum mal?

— Eu sei que o acha incapaz disso, mas ele próprio me contou as coisas terríveis que viu e fez em Espanha e Portugal, e que as suas recordações do regresso a Brighton, e depois a Bathampton, não são…

fidedignas. — *Espaços de sombra, nos quais coisas obscuras poderiam ter acontecido.* Harriet fitava-a com estranheza, com algo parecido com medo, ou advertência. — O seu marido estava

presente quando ele recebeu a carta, e quando partiu. Queria perguntar… ele ficou agressivo?

Quando leu a carta, ficou num estado de fúria?

Harriet olhou em redor, apreensiva, como se temesse ser ouvida sem querer.

— Quando leu a carta, chorou — disse ela. Rachel fechou os olhos por um instante, enquanto uma onda de alívio a percorria. — Mas num homem a dor e a violência muitas vezes andam de mãos dadas.

— Sim — disse Rachel, suavemente. *E se ele a matou, a minha irmã? Se ele a matou, nunca serei capaz de lhe perdoar.* — Ela fala de tentar corrigir as coisas. De expiação.

— Escute-me, Sra. Weekes. Jonathan Alleyn é um homem bom.

Vivo com a prova disso, diariamente. Peço desculpa de fazer uma tal declaração, sem me explicar inteiramente, mas houve coisas que aconteceram na guerra, com o meu marido e o Sr. Alleyn, sobre as quais jurei nunca falar. Ele é um homem bom, e não havia nada na carta que o

pudesse levar a atacar a rapariga…

— Viu a carta? — interrompeu Rachel, confusa.

— Sim, eu… — A amiga calou-se e baixou os olhos para as suas mãos. — Ainda a tenho.

— Tem a última carta que Alice escreveu a Jonathan? Como é isso possível?

— Ele deixou-a cair, depois de a ler. Ficou abandonada no chão enquanto se precipitava de imediato para apanhar a mala-posta. O meu marido ficou intrigado sobre o que poderia ter causado uma tal reação.

Apanhou a carta, tencionando devolvê-la ao Sr. Alleyn quando ele voltasse. Mas o Sr. Alleyn não voltou a juntar-se ao regimento durante bastante tempo, e com tudo o que aconteceu com a fuga da rapariga, o meu marido achou melhor…

— Ser ele a guardá-la?

— Não quis reabrir uma ferida tão recente e dolorosa. Jonathan Alleyn foi sempre inclinado a cismar… e a ficar absorto nos seus pensamentos. O meu marido achou que se ele tivesse a carta para se debruçar, isso apenas poderia servir para o atormentar. Eu disse que se ele não tencionava devolvê-la, deveria destruí-la, mas ele disse que poderia chegar o momento certo para lha devolver. — Harriet franziu o sobrolho numa expressão culpada. — Não há nada nela para o tornar agressivo… — sussurrou ela. — Apenas para o fazer sofrer.

— Poderá dar-ma, para eu lha devolver? — disse Rachel, com gravidade. *Num homem, a dor e a violência muitas vezes andam de mãos dadas… é isso que se oculta nos espaços de sombra?* A ideia fez-lhe o estômago dar uma volta, e por um segundo pensou que poderia estar doente. Cerrou os dentes ao mesmo tempo que Harriet anuía sem contentamento.

Percorreram a pé o caminho até ao apartamento dos Sutton, e Harriet foi buscar a carta a uma pequena gaveta da sua escrivaninha.

Hesitou ao estendê-la a Rachel, que sentiu um arrepio de antecipação quando viu o pequeno quadrado de papel dobrado.

— Compreende, não compreende? A razão de o meu marido nunca ter devolvido esta mensagem? — disse Harriet. Os seus olhos arregalados exprimiam preocupação.

— As suas intenções foram boas. Mas chegou a altura de pôr uma pedra sobre o assunto — disse Rachel. Harriet assentiu.

— Fique mais um pouco, se quiser. Deve querer lê-la — disse ela.

Rachel levantou os olhos com uma expressão culpada, e Harriet fitou-a mansamente e com ar sabedor. — Creio que também a senhora tem a melhor das intenções. E é de longe mais fácil lê-la aqui do que lá fora ao vento frio. — Rachel pegou na carta, sentou-se à beirinha da cadeira e abriu-a.

Quando deixou o apartamento dos Sutton, minutos depois, Rachel foi direita aos aposentos de Duncan Weekes, mas encontrou-os vazios.

Tinha a carta no bolso e a mão não parava de tocar no papel através do tecido, para se assegurar de que estava a salvo. A sua mente clamava enquanto o seu passo rápido a levava através da cidade. Caía chuva e gelo do céu baixo, fazendo-lhe arder os olhos e formando pequenas correntezas nas valetas. Sentia-se como se tivesse de se apressar, como se tivesse de correr para salvar Alice, embora o que lhe tinham feito, ou o que ela própria fizera, pertencia ao passado distante, e não poderia ser alterado. O nome do seu sogro estava na carta, e também a insinuação de que sabia mais do que sempre dissera, pelo que o seu caminho a levou, inevitavelmente, até à Moor's Head. Rachel espreitou pela janela. O

vidro ondulado deformava os rostos dos financiadores da estalagem, mas, uma vez que não viu sinal do seu marido, inteiriçou-se e entrou.

A transgressão fê-la sentir-se nua; os olhos voltaram-se para ela, descarados e especulativos. Mantendo o rosto para baixo, Rachel foi até ao bar, onde Sadie, que reconheceu do dia do casamento, estava debruçada sobre os cotovelos, com ar entediado.

— Ando à procura do Sr. Duncan Weekes — disse ela à rapariga.

— Está acolá. — Sadie curvou o polegar, apontando para o canto mais distante da sala. — Mas duvido que consiga tirar grande coisa dele.

Ele esta tarde está todo torcido…

— Está o quê?

— Está grosso. Está bêbedo. Está a dormir naquela mesa há três horas — disse Sadie. Rachel seguiu o gesto dela até ao fundo da estalagem, onde o sogro repousava a cabeça sobre a mesa, uma caneca de estanho tombada junto dela enquanto uma poça de bebida escorria lentamente para perto do seu couro cabeludo. Apesar de todo o ruído, Rachel ouviu o raspar abafado dentro do seu peito quando se sentou junto dele. Abanou-lhe o braço suavemente.

— Sr. Weekes? Pai? Acorde, por favor. — O velho balbuciou qualquer coisa e ergueu lentamente a cabeça. Tinha os olhos raiados de sangue e exaustos. Quando a viu, não se abriu num sorriso. Se é possível,

o seu rosto ficou ainda mais triste. — Como está, Sr. Weekes? —

perguntou Rachel, inutilmente.

— Hoje parece que não consigo encontrar os pés — coaxou ele, e Rachel lutou consigo mesma para não recuar perante o fedor do seu bafo.

Isto não é deboche, mas um sinal de declínio. Ele tem de ser visto por um médico. Com uma pontada de angústia, ela percebeu que ele não estava nada embriagado, apenas enfraquecido pela doença, e incapaz de se erguer.

— Preciso de lhe perguntar uma coisa. Tenho na minha posse a última carta de Alice Beckwith a Jonathan Alleyn. Ela diz… ela diz que o senhor lhe contou a verdade sobre a família dele, e sobre o Lorde Faukes. Ela diz que o senhor lhe disse o que eles temiam, e que ela era uma abominação. Sr. Weekes? Está a ouvir?

— Todos têm o sangue dele — balbuciou Duncan, com uma expressão assombrada.

— Quer dizer que… Alice era filha do Lorde Faukes? Foi isso que lhe contou?

— Não apenas dele. Não está a perceber? Eu vi-os… eu vi-os. —

Duncan limpou a boca com a mão trémula. Abanou a cabeça, aturdido.

— Que carta é essa que tem, minha querida? Ela não podia enviar cartas.

Eu ouvi-os a dizerem-no. Qualquer carta que ela escrevesse deveria ser intercetada, e não enviada.

— Intercetada por quem?

— Por quem a recebesse das mãos dela. — Encolheu os ombros e abanou a cabeça novamente. — Aquela pobre rapariga. Aquela pobre, pobre rapariga. Nunca lhe deveria ter contado. Foi a bebida, minha querida; a bebida é o próprio diabo.

— Então as outras cartas dela foram entregues ao Lorde Faukes?

Ela escreve nesta… — Rachel retirou o papel do bolso. — Ela escreve que enviou muitas cartas, e que está desesperada por ter notícias dele.

— Foram todas parar a Box. Estou certo de que não devem ter sabido dessa que aí tem.

— Sr. Weekes. — Rachel prendeu-lhe ambas as mãos nas suas; fitou-o nos olhos. — Por favor, diga-me o que contou a Alice. Conte-me o que viu.

Duncan Weekes pegou na caneca tombada e espreitou para dentro dela, com pouca esperança ou expectativa.

— Nunca contei ao meu rapaz. Talvez isso tenha sido uma coisa

boa no meio de toda esta cruel podridão. Ele amava-a, compreende?

— Richard? Amava quem?

— Amava Josephine Alleyn. Com toda a fogosidade e fúria com que um jovem se apaixona. — Rachel imobilizou-se. Pensou na tremura que percorrera Richard quando a apresentara à mãe de Jonathan, e a sua vénia, longa e profunda. *Ele ainda a ama.*

— Mas… ela é vinte anos mais velha!

— Que importa isso? Ela era bela, nobre, refinada. Era a mais bela das senhoras, e ele tornou-se seu escravo. Teria feito qualquer coisa que ela lhe pedisse. Por isso ficou muito zangado quando fomos despedidos.

Ficou deprimido durante meses. Por isso nunca lhe contei o que se passava dentro daquela casa. Isso foi uma bondade, não foi? — Duncan dirigiu-lhe um olhar implorativo, mas Rachel estava demasiado chocada para responder. Esperava pelo que iria dizer a seguir, e quando a única coisa que se seguiu foi silêncio, ela engoliu em seco.

— Eu… tenho de o ouvir dizer, Sr. Weekes — disse ela.

Duncan Weekes tentou aclarar a garganta, mas acabou a tossir, o que o fez vacilar.

— Por esta altura já deve ter ouvido alguma coisa acerca do Lorde Faukes, da parte dos Alleyn? — disse ele.

— Boas palavras da parte deles, e… uma história diferente da parte de Starling.

— Quem é Starling?

— Uma criada da casa — disse Rachel. Duncan assentiu.

— Pois, não duvido que não deva ter muitas palavras boas acerca dele. Pobre rapariguinha. — Falava lenta e pesadamente. — As criadas de servir na casa do Faukes, em Box, sabiam todas manter-se afastadas do seu caminho. Da criada da senhora sua mulher até à mais obscura encarregada dos despejos. Se eram novas e graciosas, sabiam que o seu dia haveria de chegar. E quanto mais graciosas eram, e quanto mais novas eram, mais cuidadosas tinham de ser. Mas nem todo o cuidado do mundo as poderia proteger a todo o momento e para sempre. Se o patrão as mandasse buscar, ou descesse aos seus alojamentos, não poderiam negar-se. — Duncan Weekes engoliu com esforço, e o seu rosto ostentava repugnância. — Na verdade, negarem-se apenas parecia aumentar o prazer que obtinha com elas. Algumas acabaram por aceitar, e ficaram. O patrão era generoso com os salários e os dias de folga: mais generoso que qualquer outro senhorio das redondezas. Por isso, as

raparigas sopesavam bem as coisas, e algumas achavam que valia a pena sofrerem os seus ataques ocasionais. Outras não tinham essa fortaleza de espírito.

A própria irmã de Duncan instara com ele para dar uma palavra à encarregada e pedir um lugar dentro de casa para a filha de uma prima.

Duncan adiara tanto quanto pudera, mas a irmã era uma mulher astuciosa, com olhos penetrantes e uma língua ainda mais afiada, e não seria ludibriada durante muito tempo. Assim, Duncan procurara suprimir os seus pressentimentos, e falara à encarregada. A rapariga foi contratada como segunda criada da despensa e copa, e, no dia em que chegou, o coração de Duncan caiu-lhe aos pés ao vê-la. Era uma coisinha pequena, com não mais de treze anos, magricelas e escura, mas com enormes olhos verdes que lhe iluminavam o rosto; vítreo, vazio e com medo. *Oh, porque não és gorda e peluda e com mau hálito?,* pensara Duncan. Disse à rapariga, cujo nome era Dolores — disse-lho duas, três vezes —

para se manter fora da vista do patrão. Mas o Lorde Faukes desceu para ver que nova dádiva lhe fora trazida, e sorriu encantado quando a viu.

Duncan seguiu obstinadamente os passos da rapariga tanto quanto podia. Tinha a vaga ideia de a proteger, pelo menos até ser um pouco mais velha, mas quando o momento chegou, é claro, não pôde fazer absolutamente nada. Os seus gritos aterrados ecoaram através do piso inferior da casa. Duncan apenas conseguiu sentar-se e ouvir, e beber. E

se bebeu. Tanto que, nessa noite, quando Dolores saiu, trôpega, para a escuridão, de lábios ensanguentados e hematomas no pescoço, vagueando em busca da sua antiga casa, ele nem sequer conseguiu pôr-se de pé para a seguir. Perguntou mais tarde à irmã se a rapariga conseguira encontrar o caminho de volta à sua mãe, mas recebeu apenas, como resposta, um olhar duro e carrancudo. Dolores não voltou a ser vista em Box.

Uma rapariga chamada Sue, de nariz achatado e belicoso, imediatamente apalpou o terreno — tinha o aspeto de ser uma rapariga esperta e calculista, que conhecia bem o mundo. Depois das primeiras duas cambalhotas com o Lorde Faukes, passara a intitular-se sua amante, e procurara elevar-se às posições superiores do serviço. Ia com ele de boa vontade, sacudindo as saias e saracoteando-se como uma concubina; chamando-lhe *Lorde Gordalhufo* quando falava com as outras criadas. A cozinheira chamava-lhe putéfia, mas Sue não se arrependia. Não serviu de muito, contudo, uma vez que o Lorde Faukes gostava de tirar, não que

lhe oferecessem. Foi despedida quando a sua barriga começou a inchar, e Duncan viu-a uma última vez, nos degraus das traseiras, carrancuda, com um bebé a chorar sobre a anca, quando a encarregada lhe dava algumas moedas para a criança. Havia também outros bastardos — nascidos de rameiras de taberna, de criadas e de filhas de agricultores. Gente sem importância. Eram mandadas embora com dinheiro, se tivessem sorte, e ainda

graciosas; mandadas embora com pragas rogadas e avisos feitos, se não tivessem sorte. Apenas uma criança bastarda era prodigamente rodeada de todo o amor e carinho do Lorde Faukes. Apenas uma.

Quando o genro do patrão morreu e a sua filha Josephine foi novamente viver para Box com o seu jovem filho, Jonathan, Duncan Weekes e todo o pessoal da casa ficaram contentes. O apetite do Lorde Faukes piorara desde que a *Lady* Faukes morrera, e eles esperavam que a presença da filha ajudasse a acalmá-lo e a moderá-lo. Duncan estava ao lado do seu próprio filho, Richard, quando Josephine Alleyn chegou numa elegante carruagem puxada por quatro cavalos cinzentos. Ouviu o filho encher o peito de ar quando Josephine desceu. Richard era ainda apenas uma criança, mas Josephine era tão agradável de se olhar como qualquer rainha de copas. Vestia uma longa peliça de veludo escuro sobre um vestido verde-escuro, com um chapéu a condizer sobre os cabelos cor de mogno. Os seus olhos eram de um azul mais profundo e mais rico do que quaisquer outros que ele vira. *Nada de bom virá de a amares,* avisou Duncan o seu filho, em silêncio. Assim, a casa foi animada pela chegada de Josephine, embora a senhora se mostrasse fria e reservada e, pensou Duncan, triste até aos ossos. Mas era uma viúva, recordou ele a si mesmo; isso era certamente a razão de ser assim. E, durante algum tempo, as visitas do Lorde Faukes ao piso de baixo, e as escapadelas para os armários e recantos escuros da casa, diminuíram realmente. Não foi preciso passar muito tempo para que Duncan descobrisse porquê.

Num belo dia de maio, o Lorde Faukes e a filha foram visitar amigos em Bowden Hill. Duncan esperava no banco do cocheiro enquanto Richard segurava a porta. Era demasiado jovem para ser lacaio, mas Josephine gostava da sua cara e parecia divertir-se amenamente com a forma orgulhosa como ele espetava o peito para compensar a falta de altura. O trajeto levava-os pelo meio da vila de Lacock, e depois através de uma série de pontes estreitas que atravessavam uma zona plana e pantanosa de correntes e canaviais. Uma das pontes estava bloqueada por

ovelhas a andarem sem rumo e Duncan foi obrigado a parar a carruagem.

— Deixa passar! — gritou ele ao velho pastor, que assentiu e acenou o cajado, sem pressa, para os animais. Os cavalos bufaram, irrequietos, enquanto o rebanho andava por ali às voltas. O fedor dos seus excrementos e da sua lã oleosa era intenso. — Salta lá para fora, rapaz, e fica junto da cabeça da *Santi*. Mantém-na quieta e os outros farão o mesmo — foi como Duncan instruiu o filho. — Eu vou ficar junto da carruagem para os manter separados.

— Espalhem-se, carneiros miseráveis — murmurou Duncan ao mesmo tempo que descia, sentindo a bota escorregar nalguma coisa mole e recente sobre a estrada. Tomou posição junto à porta da carruagem e acenou os braços para impelir as ovelhas para longe dela. As cortinas tinham sido fechadas por trás das janelas, pelo que não bateu para explicar a demora, não se desse o caso de o Lorde Faukes ou a filha estarem a dormitar. Mas quando as últimas retardatárias passaram a trotar, e Duncan Weekes se virou, algum movimento lhe chamou a atenção. A carruagem balançava ligeiramente, como se alguma coisa acontecesse lá dentro, e as cortinas abriram-se um pouco, apenas uma fenda. Sem sequer ter essa intenção, Duncan viu lá para dentro. Foi apenas por um segundo, mas foi o tempo suficiente — a cena entrou-lhe pelos olhos dentro com toda a terrível claridade com que o céu noturno é repentinamente iluminado por um relâmpago. Josephine Alleyn estava sentada com a cabeça inclinada para trás, de olhos brilhantes fixados no tejadilho. A boca do seu pai estava sobre o seu pescoço, demandando-o famintamente, uma mão apertava-lhe um seio, a outra estendia-se sob as suas saias, fora de vista. Havia um esticar de tecido entre as pernas do Lorde Faukes, e uma expressão de perfeito esvaziamento no rosto de Josephine; onde quer que os seus pensamentos estivessem, estavam longe, muito longe. Era uma expressão de aceitação, de desligamento; uma expressão de entorpecido esquecimento. Não era uma expressão de surpresa.

O momento em que Duncan ficou ali, paralisado pelo choque, pareceu durar horas. Afastou-se assim que conseguiu; obrigou as suas pernas hirtas e insensíveis a subirem, e estalou o chicote tão vivamente que os cavalos se lançaram contra os arreios, e o pastor foi obrigado a saltar decididamente para fora do caminho.

— O que é que lhe deu? — disse Richard, agarrando-se à cercadura do assento para não cair. Duncan piscou os olhos na direção do filho.

Nem sequer verificara se o rapaz tinha voltado antes de ter arrancado.

Olhou por cima do ombro para a carruagem e percebeu que a velocidade não o levaria para mais longe do que tinha visto, ou de quem servia. Por isso, fez regressar os cavalos a um ritmo mais regular e procurou debaixo do assento a garrafa de *brandy* que guardava lá para as viagens frias durante a noite. Bebeu metade dela de uma só vez, e baixou-a, tossindo, para ver desgosto estampado no rosto do filho.

— Mama nisso como nas tetas da sua mãe — censurou Richard, copiando a linguagem que ouvia nos estábulos. — Isso vai fazer com que seja posto na rua, um dia, velho. É melhor esperar que eu esteja completamente treinado como cocheiro no dia em que isso acontecer, ou para onde iremos nós? — Quando chegaram a Bowden Hill, Duncan esvaziara a garrafa de *brandy*, mas isso não fizera nada para apagar a cena do relâmpago da sua mente.

Duncan tinha, pois, já as suas suspeitas, quando soube de Alice Beckwith. Um criado aprende os segredos de uma casa, por mais bem guardados que sejam — isso já ele sabia, e não se poderia esquecer por mais bêbedo que estivesse. Ouviu o Lorde Faukes a falar ao neto, quando foram buscar os cavalos aos estábulos. Ouviu Faukes dizer ao rapaz que a Menina Beckwith, que iriam visitar a cavalo, era fruto dos amores de um bom amigo seu, e que ele concordara em cuidar da rapariga, mas, uma vez que era uma filha

bastarda, a Sra. Alleyn não iria aprovar, e não deixaria que a visitassem, e por isso Jonathan não lhe podia contar.

Duncan Weekes ouviu o garoto, que adorava o avô, jurar, na sua voz estridente, que guardaria segredo.

Outras coisas ouvidas involuntariamente deram-lhe a conhecer que Alice Beckwith era mantida em Bathampton, com uma criada e uma governanta. Ficou a saber que Faukes providenciara um dote à rapariga, e que planeava acabar por casá-la o melhor que fosse possível, quando chegasse o momento certo. Quando, cerca de duas vezes por mês, o Lorde Faukes ia buscar a sua montada e cavalgava sozinho, ou com o neto, pela tarde fora, Duncan adivinhava onde eles iam. Sabia de Alice Beckwith, e tinha as suas suspeitas; porque nenhum outro homem, no condado, tinha mais probabilidades de ter gerado um bastardo como Lorde Faukes. Ele tinha muitas outras crianças ilegítimas, e nenhuma delas nem de longe era tratada com o mesmo carinho e atenção; porque haveria ele de ser tão pródigo com a bastarda de um amigo? Um amigo que nunca era nomeado, nem visitado? Alice Beckwith era especial, isso

era muito claro. Duncan não poderia apagar dos olhos o que vira na carruagem; não poderia apagar dos ouvidos o Lorde Faukes a proibir o neto de falar à mãe acerca da rapariga. Não poderia desfazer as conclusões a que chegara. Apenas poderia beber; e muito bebeu, sabendo muito bem que ele e pelo menos outro naquela casa iriam parar ao Inferno.

Assim, quando a jovem de rosto pouco habitual e cabelos muito claros chegou à porta principal da casa, num dia ventoso do outono de 1808, e de lá saiu a correr nem dez minutos depois, Duncan adivinhou quem ela era. Passava do meio-dia, e ele bebera já o *brandy* suficiente para pôr a maioria dos homens fora de combate, mas o Lorde Faukes não estava em casa, e se Josephine fosse a algum lado, pediria a Richard para a levar, pelo que sabia que não seria chamado a conduzir nessa tarde.

Vinha ele a tricotar o seu caminho da estrebaria para a estalagem na aldeia quando Alice Beckwith irrompeu pela porta e desceu os degraus, correndo depois em direção ao portão e caindo-lhe nos braços. Tinha o rosto húmido e tremia como um pequeno pássaro em choque.

— Calma aí, minha linda donzela — sussurrou ele indistintamente numa voz arrastada. — E quem poderá ser esta menina?

— Sou A-Alice Beckwith. — Depois de falar, caiu num novo ataque de soluços.

— Pronto, pronto, jovem. Nada é tão mau como isso. Alice Beckwith, sim, eu conheço-a. A que é mantida em Bathampton, a que é especial. Porquê esses olhos sumarentos, se tem tão nobres pais? Quando tem uma existência tão adulada? Ficou com a cara bem vermelha, jovem

— disse ele, pegando-lhe na mão e tentando sossegá-la. Pestanejou como uma coruja, lutando para focar a sua mente vagarosa, a sua visão enevoada.

— Adulada? Nobre? Como pode o senhor… O que sabe sobre mim? O que sabe sobre os meus pais?

— Veio à procura do senhor seu pai, não duvido. E agora chora por descobrir que ele não está em casa? Não chore, doce jovem. Ele vai voltar não tarda… — Fez uma pausa depois de dizer isto, e franziu o sobrolho, confundido. Por um momento, não conseguiu imaginar porque haveria qualquer rapariga nova de querer ver o Lorde Faukes.

— O senhor meu pai? — repetiu ela, fitando-o em estado de choque. — Sabe-se quem é, então? Esse segredo tem sido mantido apenas para mim, e não para o resto do mundo? Que cruel piada é esta?

— arquejou ela, respirando tão rapidamente que a fazia atropelar as palavras.

— Cruel… ah, sim! Cruel, na verdade. Ele é um homem cruel —

balbuciou Duncan, ainda sem ter encontrado o fio à meada. Diante dele, a rapariga tremia e chorava. Levou as mãos trémulas à cara, e pareceu concentrar-se a pensar.

— O senhor falou dos… meus pais — disse ela, prolongando a frase. — Sabe… alguma coisa, então, da minha mãe?

— A sua mãe? Hmm? Uma excelente senhora, sim, e de uma grande beleza, não é? O meu filho está profundamente apaixonado por ela, embora seja mais novo do que a menina, diria eu. Mas haverá poucos que não a achem adorável.

— Sabe quem ela é, a minha mãe? Como é que sabe? — Alice agarrou-lhe as mãos numa súplica. — Chamava-se Beckwith?

— Beckwith? Beckwith… não, realmente não. Não sei onde foram buscar esse nome… talvez à ama de leite. — Duncan abanou a cabeça e sorriu à rapariga, porque ela pareceu-lhe muito querida, e em aflição.

Deu-lhe palmadinhas sobre a mão. — Pronto, pronto. Seque essas lágrimas, jovem menina — disse ele, esquecido da razão pela qual ela poderia estar a chorar.

— Tenho muitas mais para verter, meu senhor — sussurrou Alice.

— Mal consigo suportar pensar em quantas.

— Oh, ora, ora… mas porquê? É jovem e bonita, e os seus pais são ricos. E embora seja um segredo e uma vergonha, veja como é formosa!

A menina não tem culpa nenhuma, mesmo nenhuma.

— Sou razão de vergonha? Sabe disso? Sou uma vergonha para a senhora minha mãe… e é por isso que ela me desconhece?

— Em boa verdade, como pode não ser? Pois nenhuma mulher na história se deita de boa vontade com o seu próprio gerador, e eu afirmo que a Sra. Alleyn não é diferente… porque eu *vi-os*, menina, e como desejo que não tivesse visto! Eu vi-o a praticar a blasfémia, e vi como ela estava verdadeiramente desgostosa. — Duncan abanou a cabeça, mas isso fez o chão oscilar e o seu estômago agitar-se, pelo que parou. A rapariga ficara muito calada, completamente imóvel.

— Eu… não compreendo — disse ela, mas pela forma como ela arquejou ao articular as palavras, com falta de fôlego, pareceu que começava a compreender. Duncan teve a vaga e inquietante sensação de ter falado de mais.

— Cale-se e não conte a ninguém! — disse ele ansiosamente. —

Boa menina, boa menina. É um grande segredo. Mesmo para os outros criados, para quem normalmente uma casa não tem qualquer segredo.

Apenas eu descobri. — Tentou bater num dos lados do nariz, mas falhou; tentou sorrir, mas não conseguiu. — Mas, anime-se, jovem. Ainda não chegou ao ponto de lhe igualar a beleza, mas ainda pode, e quem poderia supor que uma donzela tão linda vem de tão imunda união? Tem os olhos azuis dela, e embora o cabelo dela seja escuro e brilhe tanto, tenho ouvido dizer que há muitos homens que preferem uma cabeça loura como a sua. Por isso, não chore, querida menina, não chore. — Agitou os braços num gesto magnânimo e com isso perdeu o equilíbrio, cambaleando. Alice Beckwith olhava fixamente a direito, com uma expressão miserável, o rosto a imagem do perfeito horror. Duncan não conseguiu compreender a sua angústia, mas de algum modo sentiu que fora a causa dela. — Posso ajudá-la nalguma coisa, minha jovem senhora? — disse ele com hesitação.

— Não, senhor. Já me ajudou bastante — disse ela, num tom baixo e abafado.

Duncan Weekes observava Rachel, de olhar turvo e curvado sobre si mesmo. O estômago de Rachel agitava-se com os nervos e a repugnância.

— Quer dizer então que acredita que Alice era filha de Josephine Alleyn… gerada pelo Lorde Faukes, o seu próprio pai? — Engoliu, sentindo um gosto amargo no fundo da garganta.

— Ela era *especial*, para ele. Era-lhe muito cara.

— Isso não é prova — disse Rachel com voz asfixiada. *Eu sou uma abominação*. — Josephine Alleyn fala dele com grande respeito. Ela venera a sua memória, e o bom nome da família. — *A minha mãe tem mentido a vida toda.*

— Eu conduzi-a à igreja quando ele morreu, Sra. Weekes — disse Duncan, gravemente. — Não derramou uma única lágrima por ele, e quando a levei para casa, quando ele já estava seguro na sepultura, sorria por trás do véu. Sorria e estava menos triste do que alguma vez a tinha visto antes. — *Ele tomava sem perguntar. E esta é a família de Jonathan.*

— Oh, meu Deus. Mas… não consigo acreditar, não com a Sra.

Alleyn! E o senhor contou isto a Alice.

— Não precisa de acreditar em nada em relação à Sra. Alleyn. Ela era inocente e desamparada. Só precisa de acreditar nisto em relação a

Faukes, e não faltarão mulheres que atestem o seu caráter; pois, o que ele queria, tomava. E sim, Deus me perdoe, contei, contei à Menina Beckwith. — Duncan enterrou o queixo no peito, com a boca contorcida nos cantos pelo tormento. *Ele é bom agora que está morto.* Rachel recordou-se das palavras de Starling. *Alice nunca me*

deixaria ao Lorde Faukes. Duncan tossiu dolorosamente; limpou a boca com um lenço imundo.

— Ouvi dizer que ela fugiu, pouco tempo depois. Ouvi dizer que fugiu para sabe-se lá que destino, e pela expressão do rosto dela quando lhe falei… pergunto-lhe, quem poderia censurá-la? Pobre rapariga.

Durante um bom bocado, os dois ficaram sentados em silêncio.

Rachel mal podia acreditar em tudo o que ele lhe tinha dito, mas uma ideia obscura despontava na sua mente, espontânea e irresistível. *Dor e violência muitas vezes andam de mãos dadas. E se ela lhe contou isto acerca da família dele — e dela —, quão forte a sua dor teria sido?*

Estava quente e abafado na estalagem, mas Rachel sentiu um arrepio. *Se isto for verdade, ela teria sido ao mesmo tempo sua tia e sua irmã. Mas que prova existe, que não seja a suposição deste velho?* Não poderia existir outra prova, percebeu ela então, que não fosse ouvi-lo da boca da própria Josephine Alleyn. *Não há nenhuma prova porque é tudo um erro e uma suposição, não é assim? Não há prova porque Alice era uma criança abandonada? E eu sei, sim, eu sei quem a perdeu.*

— Onde estava Alice antes de Faukes a trazer para Bathampton? E

como poderia Josephine ter tido uma filha antes de ser casada, e ser mantida em segredo? — disse ela. Duncan ergueu os ombros com cansaço.

— Quem pode dizer onde estava a bebé? Algures, com uma ama de leite, paga para manter o bico calado. No ano anterior… no ano anterior a Josephine ter casado, Faukes levou-a para a Escócia durante meio ano.

Foi dito que o retiro era para ajudar ambos a recuperarem da dor interminável de ter perdido *Lady* Faukes. Mas poderia ter havido

também outra razão. A oportunidade, pela idade que a rapariga Beckwith me pareceu ter, teria sido conveniente. Quando regressaram a Box, ela casou rapidamente e realizou a sua fuga.

— Ela disse-me… — Rachel engoliu com dificuldade. — A Sra.

Alleyn disse-me que esses dois anos em que esteve casada, e longe de Box, foram os dois anos mais felizes de toda a sua vida.

— E bem podem ter sido, pobre e amaldiçoada senhora.

— Mas porque teria ela regressado para o pai, nesse momento, quando enviuvou?

— O que queria, tinha — disse Duncan, suavemente. — Ela esteve sempre na mão dele. Sempre.

Nesse preciso momento, uma voz por trás dela deixou Rachel mais chocada do que a história de que estava a tomar conhecimento. Soou alta e incrédula.

— Mas que raio de coisa se passa aqui?

— Sr. Weekes, eu… — arquejou Rachel. Debateu-se para se conseguir pôr de pé; as pernas da cadeira, a saia e a mesa pareciam enredá-la.

— Você o quê? — Os olhos de Richard faiscavam de fúria.

— Então, meu rapaz, não deves repreender… — começou Duncan a dizer. Tentou erguer-se, mas não conseguiu. Richard prendeu o braço de Rachel com um aperto férreo e arrastou-a em direção à porta.

— Largue-me! — disse Rachel.

— Richard, não deves ser azedo com ela! — gritou debilmente Duncan nas costas deles. Richard virou-se para trás para apontar um dedo tremente ao pai.

— Trato de si mais tarde — disse ele, e Duncan caiu num silêncio temeroso.

Irromperam da estalagem para a rua cinzenta e fria. Já não chovia gelo, mas o nevoeiro, que mal levantara durante o dia inteiro, era como um manto húmido e gélido.

— Que tem andado a fazer? — Rachel prendeu ambos os braços de Rachel e puxou-a com força para junto de si. — Eu *proibi-a* de travar conhecimento com aquele homem, e ainda assim ei-los aqui como amigos do peito!

— Ele agora também é meu pai, Sr. Weekes. E é pobre, e doente, e eu gosto dele! Precisamos de mandar um médico vê-lo, e em breve. Ele não é mau homem — disse Rachel, fazendo da indignação valentia.

Sentia o aperto de Richard magoar-lhe os braços, esmagando-lhe a carne até ao osso.

— Que quer dizer com isso? — Deu-lhe um abanão, de lábios arreganhados, rosnando como um cão.

— Ele bebe, mas, ao que parece, todos os homens em Bath o fazem.

Mas não passa a vida com prostitutas, nem mente, nem bate nas mulheres!

— *O quê?* — Por um instante, Richard pareceu estupefacto, e Rachel sentiu o medo a instalar-se, vindo sufocar o desafio.

— Sei sobre Starling; acerca de vocês os dois. E estou certa que têm havido outras — disse ela. Richard esbugalhou os olhos.

— Por Deus, vou matar aquela putinha!

— Foi a sua violência sobre ela que me levou a saber a verdade sobre si! — Richard soltou-a e correu as mãos pelo cabelo. Depois

ficou meio virado de costas para ela, com uma mão sobre a boca, fitando-a de soslaio. — Sei tudo sobre si. Sei que amou também uma outra…

Josephine Alleyn! Não admira que ela tenha sido tão grande ajuda para si. Foram amantes também? Conte-me. — Richard levantou a mão para lhe bater, e Rachel fechou os olhos. O nevoeiro rodopiava em redor deles. — Força, então. Porquê deixar essas coisas dentro de portas?

Porque não açoitar-me na rua, onde toda a gente pode ver?

Por um instante, Richard permaneceu naquela pose, braço puxado para trás para descarregar o golpe, todo o seu corpo mais duro que a rocha. Depois, deixou cair o braço e virou-se para a encarar de novo, ainda zangado, mas de algum modo vencido.

— Rachel, devia supostamente amar-me — disse ele. — Devia supostamente tornar as coisas melhores.

— Não me dá nada para eu amar — disse ela.

— Nenhuma mulher jamais me amou verdadeiramente — disse ele terminantemente. — Que destino estranho este… ser-me dada uma cara bonita, e depois não deixar que mulher alguma me ame.

— Creio que Starling o amou, a certa altura.

— Starling? — Richard abanou a cabeça. — Ela ama apenas a maldita Alice Beckwith. E Jonathan Alleyn.

— Jonathan? Ela *odeia* Jonathan.

— Ódio, amor. Não são, muitas vezes, a mesma coisa? — Ele fitou-a, e ela já não era capaz de decifrar o que havia nos seus olhos. — Talvez com o tempo também eu venha a odiá-la.

— O que quer dizer com isso? — disse Rachel, tremendo tanto que não conseguia manter a voz firme.

— Temos muito tempo para estar juntos, Sra. Weekes. As nossas vidas todas. Se não houver amor agora, haverá muito espaço para aquele outro sentimento crescer. — O seu olhar era frio e inflexível, e Rachel sentiu as suas palavras pesarem sobre ela; um fardo de verdade que ela não tinha outra alternativa senão carregar. — Vá para casa e espere por

mim — disse ele. A névoa fria que caía sobre as suas roupas gelava Rachel. Abanou a cabeça. — *Fará* o que lhe digo.

— Onde vai? — disse ela.

— Não é da sua conta.

— Vai lá dentro repreender o seu pobre pai. Não é isso?

— Aquele velho? — Richard sacudiu a cabeça. — Tenho coisas mais importantes para fazer. O meu pai morrerá em breve, a julgar pelo aspeto dele. Não despenderei o mínimo esforço com ele. — Richard deu um passo na direção de Rachel e sorriu cruelmente. — Vou poupar-me para si, querida esposa. — Virou-se e foi-se embora. As palavras foram como um soco no estômago, e Rachel sentiu as forças esvaírem-se-lhe. *Ele pode fazê-lo, e vai fazê-lo. Pertenço-lhe.* Oscilou, e sentiu o desespero avançar sobre si como uma sombra.

Starling sonhou com cavalos com ferimentos de balas, de olhos inchados e protuberantes, em agonia, enquanto o sangue jorrava dos ferimentos negros na pele. Acordou pegajosa do suor, fraca e a tremer. A descrição da guerra em Espanha que Jonathan lhe fizera não lhe saía da cabeça, embora dissesse para si própria, decididamente, que isso não mudava nada. Não conseguia evitar pensar que ter vivido por entre tais horrores tornaria qualquer um indiferente à violência, e mais inclinado a ela, e que deveria — e era um facto — convencê-la ainda mais de que Jonathan tinha matado Alice. Mas, ao mesmo tempo, inexplicavelmente, descobria que parte do seu ódio se esbatia. *Não o desculpa pelo que fez. Isso não*

pode ser perdoado. Ela parecia ter o fantasma do seu fedor nas narinas.

O cheiro a metal e a podridão que ele tivera quando aparecera em Bathampton, no seu arruinado uniforme, acabado de chegar da Corunha.

Ela sabia agora que era o cheiro de uma pessoa que caminhara longos quilómetros com a morte pousada no ombro como um diabrete maligno, todo ele dentes como agulhas e garras envenenadas. Soprou o nariz uma dúzia de vezes, e inspirou ingredientes de cheiro forte na cozinha —

canela, cravinho, beterraba em vinagre e óleo de hortelã-pimenta.

— O que és tu, criada de cozinha ou uma porca à procura de trufas?

— disse Sol Bradbury, perplexa, mas Starling apenas encolheu os ombros. *Se ele o fez e eu finalmente souber que é verdade, o que deverei então fazer?* Estava a fazer rodopiar grãos de café numa frigideira, sobre o lume, à espera de ficarem torrados, quando percebeu. *Não faz diferença nenhuma.* Imobilizou-se, e ficou assim até que o fumo acre dos grãos queimados chamou a atenção de Sol, que veio a praguejar para

sacudir um pano contra a frigideira. *Não faz diferença nenhuma.*

Pelo meio da tarde, saiu e internou-se nas ruas, embrulhando-se contra o nevoeiro com o vago mas persistente desejo de ir para casa.

Desceu até ao molhe, mas não havia qualquer sinal de Dan Smithers, e nenhum dos outros barcos ancorados planeava sair para leste dentro da próxima hora, pelo que Starling partiu a pé ao longo do caminho do reboque. Era o caminho mais comprido para sair da cidade, mas ela não queria esperar. Estava num beco sem saída, depois de se debater durante anos num labirinto de dúvida,

investigação e convicção. Subitamente, a energia esgotara-se-lhe; a sua fúria consumiu-se como um coto de vela.

De que serve? É como a Sra. Weekes diz — nada disto ma vai trazer de volta. Nada disto mudará as coisas para mim. Quando alcançou o limite de Bathampton, com a cara dormente e os pés baralhados, fez uma pausa. O seu trajeto tomara automaticamente o rumo da casa de Bridget, mas agora parava, virava para norte, em direção àquela casa que fora o primeiro lar de que se recordava.

Starling subiu até ao portão do pátio e ficou ali, olhando fixamente para o exato lugar no chão lamacento onde, pela primeira vez, pusera os olhos em Alice. *Minha salvadora. Minha irmã.* As árvores tinham crescido, despidas, exceto por umas quantas folhas esfarrapadas que permaneciam. Gralhas, mais do que estorninhos, tinham vindo alojar-se nelas; lá de cima, crocitavam e tagarelavam na sua direção, e as suas vozes ecoavam de forma peculiar. Corcovada no nevoeiro, a casa parecia o fantasma do local que ela conhecia. Havia uma luz amarelada a brilhar na janela da cozinha, tal como então houvera; e fumo a elevar-se silenciosamente da chaminé, de um cinzento mais escuro do que o negrume da névoa. As galinhas continuavam a debicar e esgaravatar o solo; havia o cheiro fedorento dos porcos na pocilga; um monte de feno no celeiro aberto; a cabeça de um cavalo castanho, de olhos sonolentos, debruçando-se sobre a porta do estábulo. Starling examinou tudo aquilo e fingiu que poderia subir até lá, abrir a porta da frente com um empurrão e que Bridget estaria de pé ao fogão, de rosto corado do calor, e Alice junto do lume com as pernas dobradas e os pés debaixo do corpo, a ler poemas ou um romance ou uma das cartas de Jonathan. A ideia formou-lhe um engulho na garganta que lhe doeu como uma articulação torcida, e vacilou, à beira de avançar como se tudo isso fosse verdade.

Não sou diferente, agora, depois de tudo o que se passou, do que era daquela primeira vez. Continuo a não ter nada. Continuo a não ser

nada.

Passou pela estalagem O George e depois virou para a ponte com portagem. Passou por uns quantos agricultores e aldeões ao longo do caminho, sem reconhecer nenhum deles, nem eles mostrarem qualquer interesse por ela. A névoa e o frio tornavam as pessoas mais metidas consigo próprias; mantinham os olhos baixos e as vozes mudas. Starling parou sobre a ponte e debruçou-se, olhando para a água calma e cinzenta.

Não lhe sentiu o odor húmido — o ar saturado e o cheiro do fumo de madeira impregnavam tudo. A pedra do parapeito absorveu-lhe os restos de calor da pele, mas ela deixou. Conseguia ver a árvore dos amantes; uma massa esquelética e pendente à beira do rio, quase obscurecida pela luz sombria, parecendo uma figura corcovada. Havia geada sobre as ervas partidas da pastagem; geada sobre os frutos vermelhos das roseiras, nas bagas de espinheiro, no emaranhado das sebes, ao longo do caminho.

Nos lentos remoinhos junto da margem, uma fina crosta de gelo viajava sobre o movimento da água sobre si mesma. Starling ficou a olhar para a árvore dos amantes até lhe doerem os olhos e estes começarem a lacrimejar. E, então, viu algo a mexer-se nas sombras debaixo dela.

Sem ousar pestanejar, esperou para ver novamente, pensando que devia ter sonhado. Mas algo se mexeu outra vez, pouco depois, e ela não estava enganada. Havia uma figura, de pé, debaixo dos ramos. Starling encheu os pulmões de ar, sentindo uma espécie de esperança desesperada. *Se ela fugiu, e se vive… haveria de voltar ali. Haveria de voltar.* Sem hesitação, Starling abriu caminho através da sebe, arranhando os braços e as pernas no espinheiro-negro, e desceu até ao prado. Correu através das ervas altas com as saias arrepanhadas nas mãos, respirando com dificuldade e fungando, para suster o pingo que lhe escorria da ponta do nariz.

— Alice! — gritou ela, quando se aproximou. O nevoeiro engoliu-lhe a voz. Atrás das ramagens do chorão, conseguia ver a forma escura de uma pessoa. Não reagiu ao seu chamamento, não se mexeu. Starling saltou para a lama endurecida da beira de água, escorregou

e debateu-se para manter o equilíbrio. — Alice, és tu? — De novo se lançou apressadamente para diante, mas ficou subitamente apreensiva. Um formigueiro de aviso, na base do crânio; tal como tinha tido muitas vezes, anteriormente. A forma enegrecida era demasiado grande para ser Alice. Demasiado grande mesmo para ser de uma mulher. Starling abrandou até parar por completo no limite do perímetro da árvore. —

Quem está aí? — disse ela, tentando manter a voz normal, forte. *Vai ser difícil correr em cima deste gelo. Mas eu sou mais pequena, mais leve.*

Mas quem quer que estivesse ali à espera continuou a ignorá-la. Starling respirou fundo; o sangue latejava-lhe nos ouvidos. Apartou os ramos com as mãos e entrou na zona de maior sombra. E, finalmente, a figura ergueu-se do assento sobre a raiz protuberante; ergueu-se e virou-se de frente para ela, e Starling gritou com alarme: — *Tu!* — disse ela, soltando o ar dos pulmões com o espanto.

Rachel parou diante da porta principal do número um de Lansdown Crescent, a mão a meio caminho de puxar a sineta. Dorcas viria abrir a porta, ou o criado Falmouth, e levá-la-iam à Sra. Alleyn. *Não é ela quem eu desejo ver.* Retrocedeu e desceu as escadas de serviço, em vez disso, entrando no corredor do lado de fora da cozinha. Deslizou pela frente da porta da cozinha, verificando a copa e a despensa antes de chegar ao quarto de Starling; todas as divisões estavam vazias. Na cozinha, Sol Bradbury cabeceava, a dormitar, numa cadeira a um canto junto da lareira; uma maçã enorme, meio descascada, estava a ficar castanha no seu regaço, embalada como um animal de estimação. Não havia qualquer sinal de Starling, e Rachel praguejou silenciosamente para dentro, ansiosa. *Durante meses foi a minha sombra dentro desta casa, agora que preciso dela, quando tenho esta carta para lhe mostrar, desaparece.*

— Sra. Weekes. Que estranho encontrá-la por aqui. Perdeu-se? —

Rachel deu meia-volta para encarar a Sra. Alleyn ao fundo das escadas, de mãos dadas serenamente diante de si, o rosto como uma máscara de ferro. Ao som da sua voz, Sol Bradbury despertou abruptamente e retomou laboriosamente o trabalho, piscando os olhos para afastar a sonolência.

— Eu… eu… — gaguejou Rachel.

— Vi-a vir ao longo da rua e perguntei-me onde se teria metido.

Não tinha noção de que tinha um encontro com o meu filho, hoje.

— Na verdade não tenho, minha senhora. Eu apenas…

— Apenas o quê? — disse Josephine, naquela sua forma inexpressiva de falar. A mente de Rachel esvaziou-se, o silêncio atroou.

— Talvez me tenha querido ver acerca de alguma coisa? Não consigo imaginar que haja alguma coisa que possa precisar de discutir com os meus criados.

— Sim, Sra. Alleyn. É isso mesmo — disse Rachel, ainda a tentar freneticamente pensar no que dizer.

— Venha, então. Este não é o lugar adequado para uma conversa, e também tenho uma coisa que desejo dizer-lhe. — A senhora idosa virou-se com um elegante volteio do vestido, e voltou a subir as escadas. Com o horror a espalhar-se sobre ela, Rachel seguiu-a. A Sra. Alleyn levou-a para a sala da frente, e instalou-se no sofá. — Agora, conte-me, o que a trouxe cá, hoje?

— Eu queria… — Rachel fez uma pausa, e olhou para o rosto adorável de Josephine. *Seja o que for que tenha acontecido a Alice, tu sabes tudo sobre isso, não sabes?* Chamou a si toda a sua coragem. —

Tenho falado muito, ultimamente, com o meu sogro acerca do tempo em que ele esteve ao seu serviço.

— O Sr. Duncan Weekes? — Josephine pestanejou, parecendo reajustar-se minuciosamente. — Era um bom cocheiro. Tinha um jeito maravilhoso para tratar com os cavalos. Foi uma pena que o seu…

padecimento tivesse levado à sua dispensa. Na verdade, o meu pai gostava bastante dele.

— Sim. Tenho ouvido falar muito da afeição do seu pai pelo pessoal

— disse Rachel. Os lábios de Josephine Alleyn comprimiram-se num pequeníssimo sorriso; os olhos cintilaram. — Ele também me falou acerca de quando Alice Beckwith foi visitar o Lorde Faukes a Box.

— Sra. Weekes, não consigo discernir, pela minha vida, que possível interesse poderá ter em Alice Beckwith, uma rapariga vulgar que se tornou uma proscrita há doze anos.

— Tornou-se? Foi ela que se tornou ou foi obrigada a isso? — *Ela nunca mais me vai querer aqui,* soube Rachel nesse instante.

— Tenho a certeza que não compreendo o que quer dizer. — A voz de Josephine Alleyn era semelhante a gelo. — Tratemos agora do que eu lhe desejava dizer a si, Sra. Weekes. É para mim claro que o seu…

emprego com o meu filho a está a deixar cansada, extenuada. Era o que se esperaria, depois de tantas semanas de contacto próximo com um inválido…

— O seu filho não é um inválido, minha senhora!

— Por favor, não me interrompa. Quando eu disse que as boas maneiras nos tinham abandonado, não esperava ser tomada tão à

letra. A tarefa é claramente excessiva para si, e não quero ouvir nada acerca de continuar com ela, pondo em risco a sua própria saúde ao fazê-lo.

— E essa é a sua última palavra sobre o assunto? — disse Rachel, após uma pausa constrangida.

— Nunca mudo de ideias, Sra. Weekes.

— Posso… — Rachel inspirou. — Posso subir para explicar ao seu filho a minha ausência futura?

— Já o informei. É tudo. — A Sra. Alleyn levantou-se, de costas impecavelmente direitas.

— Mas… eu estou a *ajudá-lo*! Ele está a ficar tão melhor!

— Certamente que lhe agradeço por isso. Mas continuar está totalmente fora de questão. Eu enganei-me acerca da sua… adequação ao desempenho do papel. Não me deixe retê-la por mais tempo.

— Agrada-lhe mantê-lo fechado, não agrada? Assim tem menos problemas, menos escândalo. Muito menos hipóteses de ele ficar a saber a verdade acerca de Alice, e acerca do seu nobre pai! — O rosto de Josephine ficou rígido de raiva.

— Não diga mais nada, Sra. Weekes, sobre assuntos que não são da sua conta. Seria uma pena que o seu mau comportamento significasse que eu tivesse de deixar de apoiar o seu marido no negócio dele. Entrou por si própria; agora se fizer o favor, saia por si própria. — Rachel não tinha outra alternativa senão obedecer-lhe. Falmouth abriu-lhe a porta da frente, um *golem* sem o mínimo vestígio de expressão no rosto. Mas Rachel hesitou no limiar da porta. *Nunca mais vão permitir que eu o veja.*

— Exijo ser autorizada a despedir-me do Sr. Alleyn — disse ela, virando-se com o coração na boca. Josephine perfilou-se na entrada

da sala, de braços suspensos ao lado do corpo.

— Pensei que tinha sido bastante clara…

— Ele haveria de me querer ver. Se recusar, far-lhe-ei saber que…

me mandou embora.

— Oh? E como exatamente…

— Far-lhe-ei saber. — Rachel falou com tal serenidade e determinação que Josephine não replicou. Por um momento, ficaram simplesmente a olhar uma para a outra, uma guerra silenciosa que Rachel venceu. Sem outra palavra, começou a subir as escadas. Sentiu-se perseguida como uma presa de caça; sentiu o olhar duro, furioso, de Josephine a segui-la degrau a degrau. Quando chegou aos aposentos de Jonathan, ia quase a correr. Bateu e entrou, fechando rapidamente a porta atrás de si. As tábuas do soalho rangeram sob os seus pés como o convés de um navio. *E, abaixo de nós, a tempestade está apenas a começar.*

Jonathan ergueu-se da secretária. Tinha os dedos sujos de tinta; o seu

cabelo estava lavado e fora cortado de modo a roçar apenas o colarinho, atrás. Tinha a face bem escanhoada. Parecia tão diferente que Rachel hesitou.

— Sra. Weekes, não a esperava hoje, embora esteja encantado por ter vindo. Veja como limpei… — A voz sumiu-se-lhe, pelo que ficou a saber que devia parecer desesperada.

— A sua mãe disse-me que não devo voltar. Que não mais voltarei a ser admitida — disse ela, sem respirar. — Disse-me que já lhe tinha comunicado a sua decisão, mas eu quis… quis ter a certeza.

— Mente. Não me disse nada — disse Jonathan.

— Foi o que eu receei.

— O que aconteceu entre vocês? A senhora parece como se ela lhe tivesse soltado os cães pelas escadas acima!

— Senti-me como se ela o tivesse feito! — Rachel quase sorriu, mas o sorriso não compareceu. — Vim cá falar… falar consigo, mas ela encontrou-me primeiro e eu… disse-lhe algumas coisas sobre… sobre Alice. E sobre o seu avô. Deixei que se soubesse que tinha começado a suspeitar… Que tinha desenvolvido mais interesse no desaparecimento de Alice do que talvez devesse. — Interrompeu-se, abanou a cabeça e tentou pôr as ideias em ordem. *Será que o vou acusar imediatamente? —*

Mas temo que se nos quisermos ver um ao outro daqui em diante, terá de ser nalgum outro lugar.

— Que coisas sobre o meu avô? — Jonathan franziu o cenho. —

Não… não pode deixar que ela impeça a sua vinda, Sra. Weekes!

— Ela é quem manda aqui, e se diz aos criados para não me deixarem entrar… Seria impossível vir em tais circunstâncias.

— Sou eu o dono desta casa, e dos criados, não a minha mãe. *Farei* com que a deixem entrar. — O olhar de Jonathan era decidido, a sua voz elevou-se com indignação. Rachel abanou a cabeça.

— Não. Não, eu não conseguiria. Pelo menos sabendo que isso a enfurecia, que ela o proibira. O meu marido… o meu marido não o permitiria. Ela continua a ter poder sobre ele, um poder muito forte. Ele esteve apaixonado por ela, compreende? Talvez ainda esteja.

— Quem? Richard Weekes apaixonado pela minha mãe? Quem diz tal coisa?

— O pai dele, Duncan Weekes. Sabe disso há muito. Desde que Richard era um garoto, diz ele… — Rachel sacudiu a cabeça, ainda confundida pelo facto. *Josephine Alleyn, e Starling, e outras sem*

dúvida… todas elas o chamaram seu antes de mim; algumas podem talvez continuar a chamar-lhe seu. É tão certo como eu não o amar.

Jonathan pensou durante um momento, e depois indicou com um gesto as cadeiras junto da janela.

— Venha. Sente-se — disse ele, mais gentilmente. — Vamos discutir isto, por favor.

— É inútil. Não posso cá vir mais, tem de compreender, seria impossível! Se o meu marido me proibir, e fá-lo-á, se a sua mãe o decretar, então não poderemos esperar manter secretos os nossos encontros.

— Contudo, tem de concordar em continuar a visitar-me. *Tem*.

— Como posso eu? — Rachel fitou-o, desamparadamente. — Não sou senhora do meu próprio destino… está ligado a ele. A ele. Ele já descobriu que me encontro com o pai contra a sua vontade… e eu ainda descobri plenamente quais serão as consequências disso. E descobriria num instante se eu fosse contra ele em relação a si, e à sua mãe. Ele pode espancar-me. Pode, na verdade, fazer alguma coisa pior.

— Sra. Weekes… — Jonathan fez uma pausa desconfortável. —

Não pode deixá-lo fazer isso. Não pode abandonar-me tão facilmente.

Suplico-lhe. Eu… não consigo sobreviver sem a sua amizade. Isto é, não quereria.

— Não quereria? — disse ela, num sopro. Sentaram-se separados, sem se tocarem, mas Jonathan não desviou os olhos dela, nem por um segundo.

— As suas visitas são a única coisa que torna a vida suportável, Sra.

Weekes. Em todos estes longos anos desde a guerra, ninguém mais conseguiu… devolver-me um fragmento do meu antigo eu. Tenho tido tanto medo, todos estes anos, dos… espaços de sombra, perdidos, na minha mente. Na minha memória. Só a senhora me dá força para os sondar. Por favor. Não me abandone agora, por ordem de duas pessoas que não podem compreender. Pelo menos quando me mostrou que o perdão é possível. — Depois disto, caiu no silêncio, e o seu rosto obscureceu-se, e Rachel pensou na carta que tinha no bolso. Parecia pesar mais do que um pedaço de papel; as mãos começaram a tremer-lhe.

Porque não lha entrego? Será que ainda o receio a ele? Receio o efeito que ela possa ter? Por um momento, desejou não a ter; desejou não saber nada, que o seu rosto fosse seu e só seu, e que nenhuma rapariga desaparecida ou assassinada pudesse surgir entre os dois. Estar com

Jonathan, ali naquele quarto, e ouvi-lo dizer tais coisas, bastaria para tornar a vida feliz. *Porque não poderia ter sido assim?*

Rachel virou a cara. Lá fora, um homem veio acender, com um círio preso numa vara comprida, o candeeiro da rua, na esquina; o nevoeiro devorou o seu débil brilho a apenas alguns centímetros da chama. *Eu ia mostrar a carta a Starling, não a Jonathan.* Rachel não estava certa de que a carta traria qualquer alegria a Starling. Combinado com o que Duncan Weekes lhe contara, ela sabia que Starling ficaria ainda mais convencida de que Jonathan tinha um motivo para matar Alice. *Ela poderia tê-los levado à ruína com o que Duncan lhe contou. Não admira que tivessem intercetado todas as suas cartas. Ainda assim, a coragem quase me faltou quando me disseram que não o poderia voltar a ver.* Por isso ficou em silêncio durante um pouco mais de tempo, com a carta a pesar-lhe no bolso, e um outro peso a agrilhoar-lhe o coração. Jonathan aclarou suavemente a garganta.

— Sra. Weekes, tenho de lhe dizer uma coisa — disse ele. Olhava atentamente para Rachel, que imediatamente pressentiu más notícias.

— O que é?

— Tenho pensado muito acerca do que me contou… sobre a sua irmã perdida, e sobre a possibilidade de ela poder ter vivido uma segunda vida como Alice.

— Sim? — Subitamente, os nervos revivificaram Rachel; o sangue parecia inchar-lhe nas veias.

— Uma coisa tem-me importunado acerca disso. Sra. Weekes, que idade tem?

— Tenho vinte e nove anos. Farei trinta na próxima primavera.

— Então é como eu pensei. Temo que… Alice não fosse a sua irmã gémea; não poderia ser. Se estiver viva, tem agora trinta e cinco. A senhora é demasiado nova.

E, assim, tão simplesmente como isto, as esperanças de Rachel foram destruídas. Fez-se silêncio depois de Jonathan ter falado. As palavras caíram, mortas, dos seus lábios, e aterraram aos pés de Rachel, frias e duras como pequenos ossos. Alguma coisa se contorceu dentro do seu peito, e ela arquejou. Os olhos arderam-lhe com lágrimas. *Abi, não.*

Não te vás. Mas ela não conseguia ajustar ou joeirar o seu caminho em redor disto; não conseguia argumentar que *poderia não ser assim*.

Mesmo depois de tudo o que ouvira de Duncan Weekes, e de Bridget, e depois de tudo o que viera a saber sobre o Lorde Faukes e Josephine

Alleyn, a sua mente continuava apegada à ideia de que poderiam estar todos a mentir, ou enganados; que tudo não passava de conversa e de rumores, sem qualquer prova; que a menina que o Lorde Faukes depositara nos braços de Bridget e protegera durante toda a vida tinha na verdade sido Abigail. Nunca lhe ocorrera

verificar essa coisa fundamental que ela e a sua irmã gémea tinham em comum — o dia do aniversário. Rachel deixou a cabeça pender e chorou de puro desapontamento; sentiu-se gelada, e muito cansada.

Do lado de fora da janela, o mundo parecia estender-se infinitamente cinzento e vazio. *Diz-me qualquer coisa,* implorou ela, mas a voz dentro da sua mente permaneceu em silêncio. *Então, estou sozinha.*

Sentiu-se desolada, como se nunca mais conseguisse voltar a erguer-se da cadeira onde estava sentada, porque nunca teria a energia necessária para isso, nunca teria motivo para isso. *Era por isto que o meu coração estava dormente. Para me proteger de alguma vez voltar a sentir-me assim.*

— Não chore, por favor, Sra. Weekes. Teria sido uma casualidade assombrosa, eu sei, mas… mas as coisas assombrosas raramente se revelam verdadeiras — disse Jonathan, gentilmente.

— Assombrosa? Talvez. — Rachel abanou a cabeça. — Mas era uma coisa em relação à qual eu tinha esperança. O senhor parte-me o coração.

— Perder a sua irmão parte-lhe o coração, e lamento-o. Mas eu tinha de lhe dizer, não acha?

— Oh, mas porquê? Porque não poderia ter-me deixado na ignorância, e com esperança? — lamentou-se ela.

— Porque eram mentiras, Sra. Weekes — disse ele, sombriamente.

— Perderam-se duas raparigas, não uma.

— Mas eu tinha esperança que fosse de outro modo, Sr. Alleyn.

Tinha tanta esperança — disse Rachel, despedaçada. — Era a única coisa que poderia ter dado a Alice um final feliz.

— O que quer dizer?

— Se ela fosse Abi, e não filha do Lorde Faukes, não haveria motivo para ninguém lhe fazer mal. Se ela fosse Abi, vocês os dois poderiam tê-los desafiado, e casado. E se ela fosse Abi, poderia ter realmente fugido com outro, e talvez estivesse viva algures. Mas não posso acreditar em nada disso se ela for Alice. Não posso imaginar um final feliz para Alice.

— O que está a dizer? O que quer dizer com se ela fosse filha do Lorde Faukes? — Jonathan tinha agora os sobrolhos franzidos, aquele olhar carregado que ela tão bem aprendera a conhecer, e a evitar. Mas ela estava demasiado triste e lamentosa para ser cautelosa. Puxou da carta e entregou-lha. — O que é isto? — Ele olhou para a carta como se ela lhe estivesse a oferecer uma serpente viva.

— É a última carta que Alice lhe escreveu. Aquela que recebeu em Brighton.

Jonathan ficou paralisado. Ainda suspensa no ar, a carta começou a tremer. Cerrando os dentes, Jonathan arrebatou-lha da mão e Rachel viu um tremor perpassar através dele. Fechou a mão, amarfanhando o papel firmemente dentro dela.

— Como é que isto lhe chegou às mãos? — disse ele, marcando bem as palavras.

— Foi-me dada, para lhe ser devolvida, por… Harriet Sutton.

— Sutton? Então ele… — Jonathan engoliu, sentindo um aperto na garganta. — Ele teve-a durante o tempo todo, e manteve-a escondida de mim? O meu *amigo*… porquê?

— Ele… ele não quis que ficasse agarrado a ela, acho eu… a Alice.

Logo que regressasse ao exército, e se preparasse de novo para combater…

— Não lhe competia a ele decidir isso.

— Não. Não competia. Mas poderia tê-la deixado onde o senhor a largou, e ter-se-ia perdido…

— *Maldito* seja! — explodiu Jonathan. Ergueu-se violentamente da cadeira e começou a andar de um lado para o outro ao lado dela, de rosto contorcido pela fúria. — E assumo que a tenha lido? — disparou ele.

Rachel desviou os olhos, envergonhada.

— Pensava que ela era minha irmã…

— Mesmo que fosse, não tinha o direito!

— Não. Não tinha nenhum direito — disse ela.

— Mas achou que era assunto seu meter-se no meu. Você e o resto do mundo, juntamente consigo. — Jonathan parou de andar e fitou-a com aquele olhar vazio que ela vira anteriormente. *Até onde vai ele, quando está muito zangado ou com medo?* Lentamente, Jonathan alisou a carta e fê-la deslizar para dentro do bolso.

— Não a vai ler? — disse Rachel, limpando a cara com os dedos enluvados.

— Não aqui — disse ele friamente. — Não agora.

— Ela fala do outro homem…

— Não diga mais *nada*!

Jonathan afastou-se apenas um pouco e cobriu a boca com uma mão, e Rachel lembrou-se súbita e horrivelmente de Richard, e da pose a partir da qual ele erguera o braço para lhe bater, apenas umas horas antes. *Quando conheci este homem, ter-me-ia asfixiado até à morte, se não fosse Starling.*

— Há quanto tempo tem esta carta? Como pôde ocultar-ma? Eu confiava em si! — disse ele, selvaticamente. Rachel perfilou-se e afastou-se um pouco dele. Pensou no pesado frasco de vidro, atirado para os seus pés, e do seu olhar cego, vazio, quando o fizera. *Tanta coisa que é boa, e tanta coisa que é má, dentro desta sala.* Subitamente, ela não conseguiu suportar estar fechada entre aquelas quatro paredes nem por mais um segundo. O rosto de Jonathan estava horrível; deu dois passos em direção a ela, e Rachel fugiu.

Saiu da casa de Lansdown Crescent, sabendo que seria pela última vez. Não o visitaria mais; nunca mais veria Jonathan. *Quem é ele, na verdade? O homem que eu pensei que conhecia, ou o homem que Starling conhece?* Apressou-se a descer os degraus e virou para oeste, ao longo da meia-lua, para longe do centro da cidade. Queria deixar Bath, também, percebeu ela então. Queria deixar Richard, e a sua casa, e tudo o que ela descobrira desde a sua chegada. *Não quero nada disto*. *Estou sozinha; por isso, deixem-me estar sozinha*. Rachel começou de novo a chorar; a dor que sentia no peito era aflitiva, e tornava a respiração difícil. Ouviu um grito atrás dela.

— Espere! — Virou-se e viu Jonathan a segui-la, enfiado num casaco preto. Era uma figura monocromática: pele branca, cabelo escuro, roupas escuras, como se a vida e a dor lhe tivessem roubado as cores. Na sua pressa, coxeava mais do que nunca; curvava os ombros e virava a cara aos transeuntes.

— Deixe-me em paz! — gritou-lhe Rachel. Virou-se e continuou a andar, passando todos aqueles edifícios lúgubres com a sua pedra riscada e as janelas vigilantes, vazias. Estava junto do portão para o terreno comum quando Jonathan surgiu por trás dela. Prendeu-lhe o braço quando ela desprendia o ferrolho.

— Espere, Rachel. Aonde vai?

— Para longe daqui! Para longe de… — Rachel tossiu e fungou;

tinha o rosto húmido, gelado.

— Para longe de mim? — disse ele, sombriamente. — Acha… acha sinceramente que eu a matei?

— Não matou? — gritou ela. — Não me teria matado a mim duas vezes seguidas, se Starling não o tivesse impedido, de uma vez, e eu não me tivesse escapado, da outra? — Ela torceu o braço e ele soltou-a.

Rápidos pensamentos se moveram detrás dos seus olhos.

— Mas eu amava-a — murmurou ele, despedaçado. — Amava-a.

Como, então, poderia eu ter-lhe feito mal? — O pulso de Rachel acelerou, fazendo com que a sua cabeça se sentisse contundida.

— Por causa do que ela lhe contou! Por causa daquilo a que ela alude naquela carta, e do que depois lhe disse quando a viu, quando regressou a Bathampton, louco e perdido! — disse ela. — Pode afirmar que tem uma recordação diferente?

— Eu… eu… — Ele abanou a cabeça. Rachel sentiu os últimos pedaços de esperança a esfarelarem-se aos seus pés, até não restar nada.

— Eu disse a Starling que ela devia ter amado outro, que isso seria a única razão pela qual você poderia ter-lhe feito mal, mas estava enganada, não estava? Ela esteve sempre inocente. Ela estava inocente.

— Jonathan não disse nada, mas assentiu. — Uma vez disse-me que tinha matado inocentes — disse Rachel, suavemente, cheia de horror. —

Disse-me que tinha feito coisas que me fariam sair da sala aos gritos.

Disse que tinha tentado emendar as coisas, mas que não o conseguiria fazer. — Jonathan continuou a olhar apenas, e permaneceu em silêncio.

Rachel mal conseguia arranjar fôlego para falar; parecia que não havia ar para respirar. — Matou inocentes — disse ela novamente.

— Sim! — disse ele.

— Não se esquive da recordação disso, que direito tem de o fazer?

Recorde, e diga-me o que vê!

— Não posso.

— *Tem de poder!* Está aí, nos… nos espaços de sombra dos seus pensamentos, eu sei. O senhor matou-a? — gritou Rachel. Jonathan não olhava para ela. Os seus olhos estavam fixos no nevoeiro movediço, à procura. — *Matou-a?* — disse Rachel novamente. Gradualmente, operou-se uma mudança em Jonathan. Os olhos arregalaram-se e perderam o foco, tão inundados de culpa e horror que pareceu que o iriam afogar. Inspirou lenta e tremulamente. — Matou? — inquiriu Rachel. — *O senhor assassinou-a?* — As palavras ficaram a ressoar

entre eles.

— Sim — disse ele então, num sopro, a palavra soando como um veneno, matando tudo em que tocava. Um soluço forçou o caminho através do peito de Rachel e fê-la gemer.

— Oh, meu Deus, como foi capaz? Eu não acreditei! Eu acreditei que ela vivia! Eu acreditei… eu *defendi-o*! Quando, durante todo este tempo, Starling o acusou, eu argumentei contra, mas ela estava *certa*!

Eram tudo mentiras malignas, e o senhor é a mais maligna de todas!

Como foi capaz? — Ela esbofeteou-o; uma débil palmada, insignificante comparada com a dor que ela sentia, mas pareceu despertá-lo. Ele procurou agarrar-lhe as mãos, e ela defendeu-se, lutando.

— Espere, Rachel, eu…

— Não! Solte-me! — Contorceu-se e conseguiu libertar-se, fugindo pelo portão para a extensão branca e expectante do terreno comum.

Escorregou, debatendo-se para subir a encosta, não querendo mais nada senão ficar longe dele, longe de todos eles e de tudo o que conhecia. A erva gelada e branca como o ar deslizava sob os seus pés.

Rachel respirava por tragos irregulares, e estava meio cega pelas lágrimas. *Então, não tenho nada, apenas um marido que começa a odiar-me, tal como eu o odeio a ele.* A dor que sentia era como a de perder novamente o pai e a mãe; como a de perder Christopher.

Recordou a sensação fria e irreal da face do irmão nos seus lábios, quando o beijou na urna. Era lancinante. *Abigail!* Procurou o eco dela na sua mente e ele estava lá, mais fraco, mais indistinto, mas lá. *A sua sombra então, apenas a sua sombra para sempre. Uma recordação, nada mais; ou apenas a minha própria mente a tentar consolar-se.*

Quando ficou completamente sem fôlego para correr, parou, dobrando-se para a frente, o corpo arfante.

— Rachel, espere! — Ela ouviu o grito, não muito longe, e ele fê-la sentir um sobressalto dentro de si. *Ele vem atrás de mim.* Rodopiou, incapaz de dizer de que direção a sua voz viera. Não havia nada visível no meio da névoa a não ser o chão irregular, e, para a sua esquerda, um grupo de espinheiros emaranhados na base de uma depressão íngreme da encosta. Lutando para respirar, Rachel arrepanhou as saias e continuou a subir a encosta. A cabeça

latejava-lhe. *Não havia, na verdade, qualquer justiça, qualquer bondade. Sobre isso ele não mentiu*.

— Rachel, volte! — A sua voz soou ainda mais perto, como se estivesse quase a apanhá-la, e Rachel soluçou de pânico ao mesmo

tempo que avançava laboriosamente.

Chegara a um ponto em que a terra parecia aplanar-se e já não conseguia prosseguir. Sentou-se sobre as ervas frígidas, pousou a cabeça sobre os joelhos e deixou os pulmões encherem-se e esvaziarem-se como um fole. Ao cabo de alguns minutos, sentiu o suor na nuca e ao longo da coluna vertebral começar a esfriar, e depois gelar; sentiu a humidade esgueirar-se através das saias. Por longos momentos, não sentiu mais nada. Pensou ouvir outro grito, talvez de Jonathan. Mas era um grito inarticulado, e pareceu muito distante dali, pelo que não lhe prestou nenhuma atenção. *De qualquer modo, que importa que ele venha e que desta vez me mate?* A única pessoa que se poderia interessar era Duncan Weekes. Talvez Starling se interessasse? Talvez não. *Ela nunca verá a carta de Alice, não agora que a dei a Jonathan. E ela procurou-a durante tanto tempo.* Rachel fechou os olhos e tentou não pensar em nada. Uma recordação do By Brook, reluzente e glorioso na luz estival, introduziu-se nesse espaço vazio. O pequeno corpo de Abi chocando contra o dela, lutando pelo espaço junto à janela da carruagem; o cabelo claro, tão claro, mais fino que seda fiada; um vestido azul-lavanda; o rosto da sua mãe, cheio de felicidade pela última vez. Depois desse dia, haveria sempre uma sombra por trás dos olhos de Anne Crofton, ainda mais profunda quando Christopher morreu também. Rachel ouviu o grito assustado, viu o clarão distante do azul nas águas vigorosas, precipitando-se muito rapidamente para longe. Rachel interrompeu-se, franzindo o cenho. Rebobinou os pensamentos, concentrando-se mais na recordação daquele pequeno corpo junto ao seu; o vestido azul, os cabelos claros. *Abi. Como posso eu conseguir viver sem ti, queridinha?*

Deixou-se flutuar por um momento, assaltada por cintilantes vislumbres da memória e acerados fragmentos de dor. Quando abriu os olhos, foi porque os arrepios lhe faziam o corpo soçobrar, todos os seus músculos se contraíam com frio. A luz estava a desaparecer, todo o cinzento em redor se tornava mais profundo minuto a minuto; não conseguia ver nada à sua volta, nem mesmo a própria sombra, e um medo novo apoderou-se dela. *Que loucura me deu para fugir para aqui, longe de qualquer ajuda?* Levantou-se e girou em círculo, numa busca desesperada por alguma coisa familiar, algum ponto de referência ou caminho que a conduzisse de regresso a Bath. A única coisa que tinha eram as suas próprias pegadas, imprimidas no gelo; não eram facilmente visíveis, mas estavam lá para as poder seguir. Tinha dado dois passos

com os olhos fixados nelas quando percebeu que Jonathan poderia também estar a segui-las, vindo por trás dela; mais devagar com a perna manca, mas ainda assim a vir. *Quanto tempo terei descansado? Será que ainda me segue?* Sobre pernas fracas da fadiga, virou para atravessar a colina, o chão inclinando-se traiçoeiramente sob os seus pés. Tencionava fazer a descida por um percurso paralelo àquele que tomara anteriormente, para o caso de Jonathan ainda vir atrás dela. A escuridão aumentava a cada segundo que passava; os seus olhos desfocavam-se com o esforço para ver. A certa altura, um tornozelo dobrou-se para o lado, torcendo-se dolorosamente e fazendo-a gritar. *Tenho de voltar para a cidade.* A ideia de estar perdida no terreno comum à noite era aterradora. *Pelo menos, ele não me consegue ver.* Sentiu um frio ainda mais profundo ao pensar nisto. *Nem mais ninguém consegue.*

Um casal de perdizes levantou voo junto aos seus pés e ela uivou uma exclamação de medo, parando rapidamente e sustendo a respiração para se pôr à escuta. Não ouviu mais nenhum ruído. O silêncio parecia avolumar-se em torno dela, amplificando o clamor do sangue que lhe zumbia nos ouvidos. Inutilmente, virou-se para todos os lados, olhando cegamente para a escuridão crescente. *Para baixo. É a única opção, o único caminho para a segurança. A segurança da minha casa,* pensou ela, amargamente . Depois, com

um sobressalto de alívio, viu a funda depressão que rodeara na subida — aquela concavidade arredondada na terra com árvores atrofiadas, dispersas e enredadas no fundo. Apressava-se para passar por ela quando alguma coisa lhe chamou a atenção. Uma cor, quando tudo o resto era branco, cinzento ou negro. Cautelosamente, aproximou-se da borda, semicerrando os olhos para ver. E então viu.

Uma forma amarrotada no fundo, junto dos espinheiros; torcida e estendida, estendida de forma estranha. *Jonathan*. Tinha caído pelo declive e jazia, salpicado de gotas vermelhas e brilhantes em volta da cabeça como pétalas arrancadas a uma flor macabra; imóvel e silencioso como gelo. Rachel caiu sobre os joelhos; um emaranhado sufocante de horror elevou-se, envolvendo-a por completo.

— O que estás aqui a fazer? — disse Starling, tornada estúpida e lerda pelo espanto. A respiração formava uma coluna de vapor diante da sua cara; havia um cheiro a pele mal lavada e a álcool.

— O que estou a fazer aqui? Aqui é o meu sítio. — Dick Weekes oscilou ebriamente ao mesmo tempo que bebia um trago ganancioso de uma garrafa de *brandy*. Starling recuou até sentir o toque rugoso dos

ramos do chorão nos ombros.

— O teu sítio? — Ela abanou a cabeça. — Este é o sítio de Alice, de Alice e Jonathan — Lançou um olhar às suas iniciais na árvore e viu que a gravação fora apagada; escavada por uma massa furiosa de marcas feitas com uma lâmina.

— Venho aqui às vezes. Ultimamente, venho muito. Venho aqui visitar o fantasma dela, e ver se ela ainda me perdoa. — Dick sorriu turvamente, mas nos seus olhos não havia alegria, apenas angústia.

— O fantasma de quem? O que *fazes* aqui? — Para Starling, a cena não fazia sentido: Dick Weekes no local secreto de Alice.

— De Alice, claro, maldita imbecil! — ripostou ele, voltando a sentar-se na raiz. Afundou a cabeça nas mãos, com os cotovelos nos joelhos, e Starling olhou-o fixamente.

— Conhecias Alice? Mas tu… não a conhecias! Como poderias conhecê-la? Todo este tempo, desde que te conheço, nunca me disseste…

— Todo este tempo. — Riu-se entre dentes, produzindo um ruído torpe; levantou os olhos para ela com ferocidade. — Todas aquelas vezes que me montaste e te enterraste no meu pau até às bolas, estavas a fornicar com o homem que matou a tua preciosa Alice Beckwith. Não é uma bela loucura? — Agitou a garrafa de *brandy* no ar como se a fazer um brinde. Starling fitava-o; muda, estupefacta. — E ela deveria endireitar as coisas. Aquela outra, aquela com quem casei — balbuciou ele. — Ela deveria amar-me e perdoar-me, e endireitar as coisas.

— Foi a ti que Bridget viu na ponte a falar com Alice, daquela vez.

Foi contigo que ela foi ter quando saiu; quem lhe escreveu uma mensagem e a deixou ali na árvore…

— Fomos vistos? Tentei evitar isso. Mas, por Deus, ela era uma tipa teimosa! Não me queria amar.

— O que fez… porquê… — Starling abanou a cabeça. Apertou o estômago, sentindo subitamente que iria vomitar.

— Eu deveria fazer-lhe a corte. Deveria seduzi-la. Deveria tentá-la a amar-me, e a desgraçar-se. Deveria fazer com que Jonathan Alleyn a largasse.

— Por quem? Por quem foste mandado fazer essas coisas?

— Pela senhora sua mãe, é claro. Por Josephine Alleyn, outra que também não me amava. — Bebeu outro trago, a voz pesava-lhe,

cheia de autocomiseração, arrastando as palavras pela língua entaramelada. —

Com a minha cara maravilhosa, disse ela, não poderia falhar. Com a

minha *maravilhosa* cara.

Com um baque, Starling sentou-se na lama. Os músculos não respondiam; lutou por assimilar o que Dick estava a dizer.

— Depois de Alice ter ido a Box, depois de ter ido falar com o Lorde Faukes… Quando ela recuperou… ficou silenciosa e reservada.

Estava triste… escreveu cartas, mas não recebeu nenhuma.

— As cartas não foram enviadas. Nem uma única. Foram todas intercetadas e levadas a sua senhoria. Eu deveria causar a sua perdição de modo a que abandonasse o Sr. Alleyn antes de ele regressar do estrangeiro. Ela não lhe deveria dizer nada, e não fazer nada que apressasse o seu regresso.

— Uma carta chegou ao destino — disse Starling, inexpressiva.

Seguira num dia de fevereiro, não muito antes da morte de Alice, em que o céu era uma massa de nuvens ameaçadora, e a brisa trazia minúsculos pingos de chuva. Naquela altura, Alice ainda saía sozinha, e a horas estranhas, mas raramente com Starling ou Bridget. Starling sabia que ela tinha um segredo — provavelmente, mais do que um; o género de segredo que, gradual e inexoravelmente, consumia uma pessoa por completo. Estava sempre com olheiras e nunca sorria. Até no Natal, que Alice adorava, ela estivera sombria e triste, depenicando o ganso assado no prato e sem opinar acerca das decorações.

— Não me vai dizer, Alice? Não me vai dizer porque não pode casar com Jonathan? — sussurrou Starling a Alice, deitadas na cama frente a frente, uma noite. Ela puxou os cobertores por cima da

cabeça de ambas, de modo a que Alice se sentisse segura e a que Bridget não ouvisse.

— Não posso.

— Então prometa que não me deixa!

— Eu já…

— Prometa outra vez!

— Prometo… — Alice interrompeu-se, e hesitou. — Prometo não te deixar, Starling — terminou ela. Mas, de algum modo, esta promessa, arrancada na escuridão, não serviu para tranquilizar Starling. Ela sabia que havia mudanças a caminho, apenas não conseguia dizer sob que forma.

Desde a árvore dos amantes que Starling estava determinada a provar que era firme e sincera com a sua irmã, pelo que não estava sempre a tentar que falasse, mas tentava apenas animá-la. Voltou a cair

na artimanha infantil de fingir que estava tudo bem com a esperança de tornar isso verdade; implorando para que Alice lesse com ela, que lhe ensinasse poemas, que a levasse nos seus passeios e recados — tudo isso sem sucesso, até àquele dia nublado, quando finalmente ela concordou em sair. Foram à aldeia, e Starling reparou que Alice perscrutava os rostos de quem viam, como se estivesse a avaliar ou a procurar alguma coisa. No caminho de regresso, Starling acenou e gritou para uma barcaça familiar que viajava para oeste, e Alice agarrou-lhe o braço.

— Conheces aquele homem? — disse ela, ao mesmo tempo que recuavam para deixar passar o cavalo que se arrastava lentamente.

— Sim, aquele é Dan Smithers — disse Starling.

— Ele faria um pequeno favor, se lhe pedisses? Ele é honesto?

— Acho que sim. Acho que é.

— Então manda-o levar esta carta por mim, e enviá-la de Bath —

disse Alice, imperativamente, metendo-lhe o papel na mão.

Starling correu alguns metros e chamou.

— Sr. Smithers! Leva esta carta por nós até Bath, e envia-a de lá?

— Quanto é que me pagas, gaiata? — respondeu Dan, tirando o cachimbo de entre os dentes.

— Tenho um quarto de *penny*… e posso cantar-te uma canção, se quiseres. — Ao ouvir isto, o barqueiro riu-se e aproximou-se da beira do convés, estendendo a mão para pegar na carta.

— Fica com a tua moeda, miúda. Só um tolo atiraria dinheiro por cima da água. — Enfiou a carta de Alice na camisa e continuou a deslizar tranquilamente.

— Será que o vai fazer? — disse Alice, vendo o barqueiro recolher-se de novo com uma expressão estranha, zangada. — Será que vai enviá-

la?

— Com certeza. — Starling encolheu os ombros. Alice suspirou, então, e apertou com força a mão que pegava na de Starling, como se para lhe dar coragem.

— Então, em breve vamos ver — disse ela; palavras tão desesperadas e inúteis como uma oração sem fé.

— Jonathan Alleyn recebeu essa carta, foi isso que o fez regressar de Brighton para aqui a correr — disse Starling. O chão gelado em que estava sentada mordia-lhe a pele, mas mal dava por isso.

— Bem, não fez qualquer diferença — disse Dick.

— Para ele fez. Para o Sr. Alleyn fez diferença.

— Para a Menina Beckwith não fez diferença nenhuma.

— Porque a mataste? *Porquê?* Ela era boa… apenas e sempre boa!

Ela era a minha irmã. — Starling mal conseguia falar com a dor que a esmagava.

— Nunca tive essa intenção! Achas que tinha essa intenção? —

Dick ergueu-se como uma mola. A garrafa de *brandy* voou-lhe da mão e aterrou diante de Starling, espirrando as últimas gotas. — Achas que *tinha essa intenção*? Não tinha. Eu… ela era boa, como tu dizias. Queria que ela me amasse. — Riu-se novamente, estranha e estridentemente.

— És doido.

— Era para fazer com que ela me amasse, e a cabra fez-me *querer* que ela me amasse! Que tal isto como reviravolta do destino? — Guinou para um lado e, com um violento arranco, projetou um vómito de *brandy* rançoso para a margem do rio. — Mas, meu Deus, ela era teimosa. —

Tossiu, cuspiu e limpou o queixo com a mão.

— Ela não o trairia. Ela não trairia Jonathan Alleyn,

— Mantinha-se agarrada à ideia desse Egídio Saltitão2 como uma freira à maldita cruz de Cristo. Ela só concordou em encontrar-se comigo porque jurei que cortaria as minhas próprias veias se recusasse. Tentou convencer-me a não o fazer, tudo pela devoção e amor sem fim que lhe declarei, tão ardorosamente como qualquer poeta sofredor. Sentou-se pacientemente e ouviu-me dar-lhe música, e depois disse-me docemente que não poderia ser; que o seu coração pertencia a outro para sempre, mesmo se não pudessem casar. Quando eu disse que me afogaria no rio se ela

não consentisse em fugir, apenas me fitou, grave e tranquilamente, e disse: «Não faça isso, caro senhor, suplico-lhe. Tente apenas esquecer-me, e encontrar outra para amar.» — Distorceu a voz numa imitação grotesca de Alice.

— Ela era-lhe fiel — sussurrou Starling. — A Sra. Alleyn mandou que a matasses se ela não o traísse?

— Não! Pelo menos… não tão claramente dito, nada disso. Embora soubesse que ela o desejava. Mas eu nunca tive essa intenção. Eu só…

pensei em assustá-la. Em meter-lhe medo para que me obedecesse, e me aceitasse…

— Meter-lhe medo para que te amasse? És um idiota lamentável, Dick Weekes.

— E tu eras a minha puta, Starling — disse ele sarcasticamente.

— O que lhe fizeste?

— Só lhe bati. Só um murro naquela linda cara. Primeiro, sacudi-a um pouco, e fiz ameaças… Ela disse que, se eu a amasse, a deixaria em paz, por isso dei-lhe um murro nas costelas, e ela caiu, e… e… isso não bastava para a *matar*. Não era suficiente para isso! Mas ficou tão pálida como a própria morte, ali estendida no chão, a arquejar como um peixe fora de água. A única cor que tinha era a do sangue nos dentes. Pensei que ela me estava a tomar por idiota… pensei que estava a fingir que estava mal. Mas depois… parou de arquejar. — Abanou a cabeça como se estivesse confuso. — Meu Deus, desde aí já a vi arquejar assim, e aqueles dentes vermelhos, em mil sonhos. — Estremeceu. — Mas não era suficiente para a matar… não era! Já bati em mulheres vezes suficientes para saber que força utilizar.

— Cão. — Starling mal conseguia falar. — *Cão!* O coração dela era fraco… não conseguia aguentar um choque, ou demasiada

agitação.

— A culpa não foi minha. Não era para ela morrer.

— Onde? — A palavra não era mais do que um gemido dificilmente inteligível. — *Onde?* — tentou Starling outra vez.

— Aí. Mesmo aí. Ficou estendida mais ou menos onde estás agora

— disse ele, inexpressivamente. Abanou de novo a cabeça, e as lágrimas brotaram-lhe dos olhos. Por algum motivo, vê-las fez Starling ficar mais furiosa do que jamais ficara na sua vida.

— Não, onde é que ela está *agora*?

Lentamente, tremulamente, Starling pôs-se de joelhos e, depois, de pé. Cerrou os punhos, embora isso parecesse tirar-lhe toda a sua energia.

Dick ignorou-a, ainda a fixar o ponto onde Starling estivera sentada.

Oscilou; cambaleou para se manter de pé.

— Pelo menos, pensava eu, a Sr. Alleyn haveria de me amar por isso. Que melhor forma de lhe tirar a rapariga de debaixo dos pés? Mas não aconteceu nada disso. — Baixou-se para apanhar a garrafa de *brandy*, quase se lançando para diante quando o fez; espreitou para dentro dela e depois arremessou-a para a água com um débil movimento do braço quando descobriu que estava vazia. — Aqui é o meu sítio —

balbuciou ele. — Fomos despedidos pouco depois. O pai, e eu juntamente com ele. Fiz de mim um assassino aos dezoito anos de idade, mas ela nem sequer me quis ver depois disso. Nem sequer voltou a deixar-me beijá-la, ou apalpar-lhe as mamas, como antes. Ela tinha-me feito pensar… ela tinha-me feito pensar que a poderia *ter toda*, se fizesse o que ela me pedia. Fez-me pensar isso.

— Durante este tempo todo… durante este tempo todo… Onde está ela agora, grande sacana nojento? — gritou Starling, descobrindo uma tempestade de raiva para lhe dar energia. Com um rosnido, lançou-se a ele, esgatanhando-lhe os olhos com as suas lágrimas falsas. Confundido e lento, Dick repeliu-a desajeitadamente, tentando agarrar-lhe as mãos e bater-lhe ao mesmo tempo.

— Durante este tempo todo tens andado a chatear Jonathan Alleyn para *nada*, Starling! Para *nada*! Não posso dizer que isso não me tenha animado de vez em quando. — Rasgou um sorriso, numa expressão cruel e doentia.

— *Filho da puta!* — gritou Starling, e empurrou-lhe o peito com toda a sua força, querendo apenas que ele desaparecesse; que deixasse de existir. Dick cambaleou para trás, bateu com o calcanhar numa raiz e foi estatelar-se ao comprido dentro do rio.

O chape foi uma imensa asa branca na escuridão que se adensava; o ruído soou impossivelmente alto. Starling perfilou-se na margem, de peito a arfar, a ver Dick voltar à superfície, tossindo e cuspindo e sacudindo água dos olhos. A água não era suficientemente funda para o afogar. *É uma pena. Mas eu devia desatar a correr. Devia desatar a correr antes que ele saia dali*. Mas Starling estava colada ao sítio. Dick pôs-se de pé, e parecia ter engolido a água negra; parecia ter dificuldade em respirar.

— Vou apertar-te o pescoço até a vida te sair pelos olhos, grande cabra! — disse ele, mas a sua voz soou espessa e estranha, e quando começou a arrastar-se em direção à margem, os seus movimentos eram sacudidos e lentos; como se estivesse a andar sobre uma grande altura de neve em vez de água.

— Onde é que ela está agora? O que fizeste com ela? — disse Starling. Dick não respondeu. A sua atenção parecia ter-se virado para dentro de si, para o seu próprio corpo. Espasmos abanavam-lhe o corpo; franziu o rosto, confuso.

— Frio — murmurou ele, batendo os dentes. — Está demasiado frio. As minhas pernas… tenho cãibras nas pernas… — Nesse momento, tropeçou e a água cobriu-lhe a cabeça novamente. — Starling, ajuda-me!

— gritou ele quando emergiu, a voz tomada de pânico. — Não tenho forças!

— A mim parece-me que um homem no auge da vida, que sabe exatamente que força utilizar quando bate numa mulher, não deve ter

problemas para subir para a margem de um rio — disse Starling, num tom gélido. — A menos que, é claro, tenha bebido tanto que tivesse ficado mais fraco que uma cria de gato. — Olhou para Dick sem se mexer, sem pestanejar.

— Ajuda-me!

— Não. — O rosto de Dick ficara branco como o nevoeiro; respirava por arrancos, silvando por entre os maxilares cerrados. Voltou a tentar chegar à margem e, desta vez, alcançou-a, batendo com os dedos no gelo fino, onde a terra tocava a água. Esgatanhou a margem, encontrou uma raiz e cerrou os dedos à volta dela, mas quando a puxou, a mão resvalou e soltou-se. Olhou para as mãos como se estas já não lhe pertencessem.

— Starling, ajuda-me. Por favor. Puxa-me, pois eu não consigo.

Não consigo. — As pernas elevavam-se na água, por trás dele, flutuando por sua livre vontade. Rodou a cabeça para trás para manter a cara acima da superfície. O sopro da sua respiração fazia pequenas pregas sobre a água.

— Diz-me onde é que ela repousa. — Starling fitou-o, agora sentindo-se calma, sentindo-se a salvo.

— Se me ajudares, vou dizer. Juro — disse ele. A corrente tomou conta das pernas de Dick, puxando-as, virando-lhe os pés em direção a Bath. Os olhos esbugalharam-se-lhe de medo e bateu na raiz com dedos que já não se dobravam. — Puxa-me! Tira-me daqui e vou mostrar-te o sítio exato! Senão nunca saberás, Starling! Nunca saberás!

— Não, diz-me agora! — *Restam apenas segundos.* A corrente afastara Dick da margem. Olhou fixamente para a raiz que o poderia salvar, espadanou e remou sem qualquer resultado.

— St-Starling, por favor — coaxou gele roucamente. *Dentro de segundos ficará fora de alcance.* Starling olhou em volta em busca de um ramo caído com o qual pudesse pescá-lo, mas não viu nenhum. Deu um passo na direção da beira, para mais perto dele, e hesitou, encolhendo-se de indecisão.

O Capitão e Harriet Sutton estavam à mesa quando Rachel foi introduzida no átrio pelo velho criado deles. Já não conseguia sentir as mãos nem os pés, nem o coração. A cabeça retinia e não conseguia pôr as ideias em ordem, ou escolher uma que não estivesse enredada nas outras. Harriet foi a correr ter com ela, alarmada, ainda a engolir uma garfada de comida; o seu marido, o capitão, não vinha muito atrás,

mantendo uma distância diplomática; e na sua peugada Cassandra espreitava, utilizando a sombra do pai como segurança.

— Minha querida, o que foi que aconteceu? Está com um ar horrivelmente pálido; venha e sente-se junto à lareira, tem as mãos que parecem gelo — disse Harriet, ao mesmo tempo que conduzia Rachel ao longo da sala.

— Uma coisa terrível… que eu lamento muito. — Rachel sentou-se, insegura quanto ao que dizer, agora que a oportunidade lhe era dada. Os acontecimentos anteriores, no terreno comum, tinham uma tonalidade irreal na sua memória, como se realmente não pudessem ter-se desenrolado daquela forma. — Peço desculpa pela intrusão

de uma forma tão inesperada, Sra. Sutton — conseguiu ela dizer. — É que eu…

não sabia bem onde mais ir.

— Mas aconteceu alguma coisa em sua casa, minha querida?

Aconteceu alguma coisa ao Sr. Weekes?

— Em casa? Não. — Rachel abanou a cabeça em negação. — Não, é o Sr. Alleyn.

— Jonathan Alleyn? — interrompeu, bruscamente, o capitão. — O

que lhe aconteceu?

— Ele… está… — Rachel engoliu, mas a sua garganta estava seca e apertada. — Ele… acho que está morto.

— *O quê?* — disse Harriet num sopro. Rachel agarrou as mãos da sua amiga, quando pareceu que ela as poderia afastar.

— Ele matou Alice Beckwith! Não pensei uma tal coisa… pelo menos não sinceramente…

Houve um momento de suspensão; o Capitão Sutton foi o primeiro a quebrá-lo.

— Cassie, a menina vai para a cama. Maggie — chamou ele, por cima do ombro, a outra criada. — Leve esta jovem para a cama, se fizer o favor.

— Mas, papá, e então a sobremesa? — protestou suavemente Cassandra. Rachel ergueu os olhos quando ouviu a sua voz, e viu os olhos escuros e líquidos da rapriguinha a fitá-la com curiosidade e um toque de medo. *Devo parecer louca.*

— Podes levar um prato contigo para cima. Agora, vai. —

Obedientemente, Cassandra virou-se e deixou-os com os longos cabelos a balançarem atrás dela. O Capitão Sutton foi mais para dentro da sala e fechou a porta. — Ele matou a Menina Beckwith? Tem a certeza disso?

— O seu tom era pesado com alguma coisa parecida com horror.

— Ele confessou-mo! Ele disse… disse… — Rachel lutou para recordar as palavras exatas. — Estávamos a falar de Alice… tinha-lhe devolvido a última carta dela, compreende? E ele ficou… muito perturbado… Caiu… — Rachel fechou os olhos, pois subitamente a sua cabeça foi trespassada pela dor. — Estávamos lá em cima no terreno comum e ele… escorregou, e caiu num buraco fundo. Acho que deve ter batido com a cabeça. Harriet… havia tanto sangue!

— Mas não sabe se vive? Como é isso? Não ficou lá para saber? —

Harriet já não segurava as mãos de Rachel, mas apertava-as, com tanta força que ela sentia os ossos da mão esmigalhados uns contra os outros.

— Eu… vinha a fugir dele. No nevoeiro… Harriet, eu… estava assustada! Ele estava tão furioso, e fora de si… achei que me poderia fazer mal, se lhe fizesse frente. Depois de ele ter caído, dei com o caminho para voltar pela encosta, e mandei os primeiros homens que encontrei ao sítio onde o Sr. Alleyn estava, para o trazerem para baixo.

E… depois vim aqui.

Subitamente, Harriet Sutton soltou as mãos de Rachel e levou a sua própria mão à boca, abrindo muito os olhos. O marido deu um passo para diante e pôs-lhe a mão no ombro para a equilibrar.

— Ele estava a tentar levá-la de volta, num terreno difícil, com um tempo gélido e ao pôr do sol… levou-o até lá acima e deixou-o a debater-se atrás de si… um homem que ficou coxo numa batalha?

Vai congelar, se não lhe acontecer mais nada! — disse o Capitão Sutton, com serena intensidade.

— O quê? Não… eu… não foi dessa forma que as coisas se passaram, sinceramente! Não tive nunca a intenção de que me seguisse.

Nem sequer tencionava subir ao terreno comum. Eu apenas… fugi, e não pensei, até lá estar. Mas… mas, ele é um assassino! Não acreditam em mim?

— Vou mandar saber notícias imediatamente — disse o capitão, abandonando a sala por um momento.

— Claro que pretendia pô-lo em perigo — disse Harriet, num tom tranquilizador. Quando o marido voltou, os dois trocaram um longo olhar. — Mas ele disse mesmo que matou Alice Beckwith? Ele disse mesmo essas palavras? — perguntou Harriet, com suavidade.

Pestanejou, e as lágrimas correram-lhe pela cara abaixo; virou-se de novo para o marido. — Oh, meu querido, e se ele está morto? Pobre Sr.

Alleyn!

— Não compreendo. — Rachel olhou, desorientada, da sua amiga para o capitão e de novo para a amiga. Os Sutton pareceram comunicar em silêncio por um momento, e depois Harriet fez um pequeno aceno de assentimento.

— Temos de lhe contar, meu querido — sussurrou ela, e o capitão olhou para os pés de cenho franzido.

— Contar o quê? — disse Rachel. O Capitão Sutton soltou o ar contido num sopro, descaindo os ombros em sinal de derrota.

— O Sr. Alleyn matou realmente uma mulher, Sra. Weekes. Mas não foi Alice Beckwith. Foi a mãe de Cassandra.

Rachel carregou os sobrolhos, ainda sem compreender.

— Cassandra? A vossa filha, Cassandra? O que quer dizer com isso, que o Sr. Alleyn matou a mãe dela?

— A sua mãe verdadeira, Sra. Weekes — disse Harriet, suavemente. — Tornara-se claro, muito tempo antes de ele no-la trazer, que o meu marido e eu não seríamos abençoados com filhos próprios.

— Cassandra é filha de outra mulher? Mas… de quem? Quem era ela? Por que razão haveria Jonathan de a matar?

— Vou contar-lhe — disse o capitão. — Mas tenho de lhe implorar, Sra. Weekes. Tenho de lhe implorar para não divulgar isto a ninguém, nem mesmo ao seu marido, embora deteste introduzir segredos num casamento.

— Não tema. — A voz de Rachel era pesada como chumbo. — Já temos muitos.

— Ninguém a não ser a minha mulher, eu e Jonathan Alleyn sabemos esta verdade. Nem mesmo a boa senhora sua mãe.

— Não falarei disto a ninguém.

— Fico-lhe muito grato, por isso se por mais nada. — O capitão afundou-se numa cadeira do lado oposto às duas mulheres; de mãos nos joelhos, parecendo subitamente um rapazinho. — Aconteceu em Badajoz. Depois de cerco, e da… loucura que se lhe seguiu.

— Badajoz? — O nome retiniu na memória de Rachel. — Já ouvi falar desse sítio. Jonathan… isto é, o Sr. Alleyn falou dele uma vez. Não foi lá que a sua perna foi ferida? A última batalha em que combateu, antes de ser obrigado a vir para casa?

— É verdade. Estou surpreendido por saber que ele falou disso. A maior parte de nós, que lá estivemos, preferimos esquecê-la, acho eu. Foi

um massacre. Um massacre como nunca tinha visto antes, nem depois…

facto pelo qual estou profundamente agradecido. Não entrarei em detalhes de descrição. Pelo menos, não com senhoras. — O capitão interrompeu-se e aclarou a garganta, embora esta parecesse seca e limpa.

Rachel viu à volta dos seus olhos uma tensão semelhante à que vira nos olhos de Jonathan quando o persuadira a falar da guerra. — Pagámos muitíssimo caro a nossa entrada na cidade, e… quando ela foi tomada…

— Fez uma pausa, cerrando os maxilares com um audível estalido dos dentes. — Quando a cidade foi tomada, houve uma quantidade de motins. Pilhagens e… violência, quer em relação aos soldados vencidos, quer em relação aos residentes da cidade. Foi indiscriminado e foi…

infernal. Foi um verdadeiro inferno.

— Basta, meu querido. Não continue se lhe for doloroso — disse Harriet.

— O Major Alleyn manteve a cabeça fria, apesar de já ter sido ferido na perna por essa altura, e fez com que eu mantivesse a minha.

Fomos a uma igreja para… — Lançou um olhar inquieto à sua mulher.

— Para impedir uma profanação. Houve luta, um confronto. Eu saí em perseguição de alguns dos nossos próprios homens, de longe os piores com o vinho. E então, uns minutos depois, o Major Alleyn saiu, trazendo uma criança recém-nascida.

— A nossa Cassandra — disse Harriet, com um minúsculo sorriso.

Olhou para Rachel e pegou-lhe novamente na mão. — Ele salvou-a. No meio daquilo tudo. — O Capitão Sutton assentiu.

— Nunca perguntei o que acontecera lá dentro. O Major Alleyn estava banhado em sangue, e nem todo era seu. Estava fora de si. Disse, vezes sem conta, que a tinha matado. Que ele a tinha matado. — O

Capitão Sutton entrelaçou os dedos, apertando-os com tanta força que a pele ficou esbranquiçada. — Dei uma olhadela no interior e desejei não o ter feito. Mas uma mulher, que deve ter sido a mãe da criança, estava lá dentro, entre os mortos. O Major Alleyn não quis largar a bebé.

Embalava-a nos braços como se fosse sua. Mas, é claro, um soldado não consegue manter uma criança na guerra. Sugeri que descobríssemos uma espanhola que tomasse conta dela, mas ele não quis ouvir falar nisso.

Disse que o país estava amaldiçoado, e que se ele a deixasse ali, certamente morreria. E, provavelmente, tinha razão. Então, lembrei-me da minha querida mulher, e da nossa condição de pais sem filhos.

— E ele trouxe-a consigo, quando veio. Para lha dar — disse

Rachel. A sua voz soava estranha aos seus próprios ouvidos. *Depois de Badajoz fiz uma coisa boa… assim disse Jonathan, uma vez.*

— Sim.

— Ele disse-me… ele disse-me que tentara endireitar as coisas. Que a última coisa que tinha feito na guerra tinha sido uma coisa boa, mas que não conseguiria endireitar o que se passara

anteriormente. Estava a falar disto. Do assassínio de um inocente, e da preservação de outro —

disse ela.

— Sim, devia estar a falar disto — disse Harriet. O capitão ergueu-se e começou a andar sobre o tapete diante da lareira.

— Não pode chamar assassínio a isto. Não com o Major Alleyn. Ele estava a tentar restaurar a *ordem* entre os seus homens! Estava a tentar impedir o seu comportamento animalesco… Se realmente a matou, certamente foi sem essa intenção.

— Nunca lhe perguntámos. E, agora, receio que nunca o faremos —

murmurou Harriet.

— Mas… mas estávamos a falar de *Alice* quando ele me disse que a tinha matado! Não estávamos a falar da guerra, estávamos a falar de *Alice*…

— A mãe de Cassandra assombra-o constantemente. Isso, pelo menos, eu sei. Ela e a guerra nunca o largam — disse o Capitão Sutton.

— Mas talvez agora ele esteja em paz — acrescentou ele, numa voz dura que atingiu Rachel como um soco.

Fez-se um firme e prolongado silêncio. O lume crepitava suavemente, e lá de cima vinha um som abafado de passos — o leve e rápido tamborilar dos pés de Cassandra; e o pisar mais grave da criada.

Rachel tentou pensar retrospetivamente em tudo o que Jonathan tinha dito acerca de Alice, e acerca da guerra, em tudo o que Jonathan lhe contara acerca dele, e acerca da sua irmã perdida. Tentou, com pouco sucesso, ordenar tudo isso, e, com maior sucesso, manter a sua convicção sobre a culpa de Jonathan. Ela

tinha de continuar a acreditar nisso, porque a alternativa era impensável. *Terei acreditado no pior a respeito dele? Terei causado a morte de um homem inocente?*

— Mas ele é um assassino — disse ela, quase para si mesma.

Harriet largou-lhe a mão.

— Ele é um homem bom. Salvou uma vida inocente quando tudo em redor era caos e morte. Deu-nos a maior dádiva que uma pessoa poderia dar — disse ela, com paixão.

— E se ele matou mesmo Alice? Ele não se recorda desse dia —

disse Rachel. — Ter salvado Cassandra desculpa-o disso? Até mesmo ele pensava que não… ele próprio mo disse!

— Se ele fez algum mal à Menina Beckwith… — Harriet interrompeu-se, e olhou para o marido. — Se ele o fez, então não. Nada o absolve disso.

— Exceto talvez a morte, pois nesse caso o Senhor será o seu juiz.

Pelos seus atos podemos nunca saber a verdade. Eu, por mim, não acredito. Nunca. Mas é verdade que eu lutei ao lado dele. É meu irmão de armas, e por isso conheço-o melhor do que qualquer um de vós. — O

Capitão Sutton falou num tom inflexível, e depois levantou-se e abandonou a sala sem olhar para Rachel, nem invocar qualquer desculpa.

Harriet Sutton convidou Rachel a ficar mais tempo, e passar lá a noite. Não lhe perguntou porque estava tão relutante para regressar a Abbeygate Street — pareceu-lhe desnecessário. Mas quando Rachel recusou a oferta, Harriet não a pressionou, e Rachel viu alívio nos seus olhos. Não poderia censurar a amiga, embora a tivesse magoado na mesma. Tinha irrompido na família dela e abrira

uma brecha através da qual tudo o que eles tinham de mais querido poderia ser ameaçado. *Não direi a ninguém.* Lentamente, caminhou em direção a Abbeygate Street, ao longo de ruas escuras como túneis através do seu mundo em ruínas.

Teria de enfrentar Richard, e contar-lhe o que acontecera naquele dia; e ele bater-lhe-ia pela sua ligação com Starling, e por espiar as vidas dos Alleyn, e por acusar Jonathan e depois deixá-lo estendido no chão gelado, envolto em sangue. *Por ter feito alguma coisa que tinha perturbado Josephine Alleyn, que ele amou muito. Ama muito?*

Estaria eu enganada? Jonathan não me disse que matou Alice?

Imobilizou-se sobre o empedrado de Abbey Green, onde as folhas caídas do plátano tinham apanhado chuva e apodrecido, transformando-se numa pasta viscosa nas sarjetas. O clarão das tochas na escuridão lançava linhas vertiginosas na sua visão, e, subitamente, o esforço de pensar tornou-se extremamente debilitante. Não queria mais nada senão deitar-se no sítio onde estava e deixar que tudo continuasse sem ela. *Tê-lo-ei conduzido à morte?* Continuou, com um tropeção, e ao virar a esquina para Abbeygate Street, viu uma figura que se comprimia sobre os degraus da loja do vinho.

Rachel parou, pensando que, pela forma como a figura se curvava, inclinando-se contra o gradeamento, seria o seu marido ou o seu sogro,

com mais bebida do que a conta. Mas a pessoa era demasiado pequena para ser qualquer um deles e, ao aproximar-se, reconheceu Starling, enrolada, com os braços em volta dos joelhos, tremendo debaixo de um xaile.

— Starling, o que estás aqui a fazer? Se o meu marido te vê, vai malhar em ambas. — Rachel levantou os olhos para as janelas, alarmada, e relaxou um pouco quando as viu sem luz. Starling ergueu para ela um rosto pálido.

— Nenhuma de nós precisa já de se preocupar com isso — disse ela.

— O que queres dizer? Onde quer que esteja, pode voltar a qualquer momento… é tarde. — Ao dizer isto, Rachel compreendeu que não fazia ideia de que horas eram. A tarde e a noite tinham-se transformado num borrão sem sentido. Sacudiu a cabeça, confusa.

— Estou a dizer-lhe, não precisa de se preocupar mais acerca dele

— disse Starling, com maior firmeza. Fitou Rachel com olhos duros, e o estômago desta deu uma volta.

— Oh, misericórdia… o que fizeste? — sussurrou ela.

— Eu? Nada de nada. O idiota caiu ao rio. Estava bêbedo como de costume.

— Caiu? Como sabes disso?

— Aconteceu que eu ia a passar. Foi… foi junto da árvore dos amantes.

— Em Bathampton? Não percebo… porque estava ele em Bathampton? E porque estavas tu lá? — Starling pôs-se de pé, inteiriçada.

— Podemos entrar? Conto-lhe tudo, mas não consigo aguentar mais este frio.

— O Sr. Weekes poderá voltar, e encontrar-nos às duas…

— Não vai voltar.

Rachel abriu a porta e levou-a para dentro. Starling foi direita ao fogão, e o guincho de protesto do metal, quando ela abriu a portinhola, foi lancinante. Foi buscar gravetos e carvão ao balde, e soprou as brasas velhas para as reacender. As suas mãos sabiam exatamente onde ir buscar aquelas coisas, e os suportes de metal, e

Rachel percebeu que esta não era a primeira vez que Starling estava em sua casa. À luz de tudo o que acontecera, descobriu que não se importava com isso nem um bocadinho. Ajoelhou-se ao lado de Starling enquanto o carvão começava

a cintilar, e as duas ficaram assim, aquecendo as mãos em silêncio durante algum tempo. Quando Rachel olhou para a rapariga de cabelo ruivo, viu que ela tinha um olhar transfixo, desfocado, longínquo.

— Tu… tu estavas certa — disse Rachel, com hesitação. — Estavas certa quanto a Jonathan Alleyn. Ele matou Alice, e agora… e agora acho que está morto. Ele… O que aconteceu realmente ao meu marido? —

Lentamente, Starling virou o rosto para ela e o carvão cintilou nos seus olhos muito abertos, numa expressão peculiar, e perdida.

— Foi o seu marido que matou Alice. Ouvi-o dos seus próprios lábios — disse ela.

Rachel apenas conseguiu olhá-la fixamente, obtusamente, à medida que toda a história do que tinha acontecido na árvore dos amantes surgia; ficou contente por estar já de joelhos pois, assim, não tombaria.

— Josephine Alleyn disse-me a mim… — A voz de Rachel era pequena, minguada pelo espanto. — Ela disse-me a mim que o meu marido lhe tinha mostrado uma grande lealdade. Foi isso, então. Não achas? Ela quis esse pretenso namoro com Alice; quis ver-se livre dela.

— Sim. Acho que sim. — Starling continuou a olhar fixamente, sem nunca pestanejar. — Está a ver, Sra. Weekes? Está a ver o que eles me fizeram? As mesmíssimas pessoas que servi, e junto de quem vivi, e amei… essas mesmíssimas pessoas foram exatamente as mesmas que ma tiraram. A minha irmã. Está a ver? — disse ela, e Rachel percebeu que ela se referia à crueldade de tudo aquilo, à

injustiça. Assentiu com um aceno. — Fui enganada. Estive tão errada — disse Starling.

— Ambas estávamos erradas, acerca de uma grande quantidade de coisas. — Rachel fez uma pausa, engolindo com dificuldade. —

Jonathan Alleyn não teve absolutamente nada a ver com aquilo — disse ela, entorpecida. Detrás do entorpecimento, a dor começava a avolumar-se, inchando como uma bolha negra.

— Nada. Ele amava-a e nunca lhe fez nenhum mal, e durante estes últimos nove anos, desde que ele regressou de Espanha, eu fiz tudo o que pude para o atormentar, e para o fazer sofrer! Amaldiçoei-o de todos os modos que conheço! — O peito de Starling sacudia-se de tal modo que as palavras lhe saíam desigualmente. — Mas ele *disse-o*… Eu ouvi-o dizer que a tinha matado… ele disse que tinha o sangue dela nas suas mãos…

— Mas ao dizer isso, ele não se referia a Alice — murmurou Rachel. A expressão de Starling era de confusão, mas, nesse preciso

momento, Rachel lembrou-se de uma coisa que a atingiu em cheio. —

Oh! Quando nos conhecemos… quando eu vi Richard Weekes pela primeira vez, ele reagiu visceralmente. Eu… eu pensei que era *amor*! Ele disse-me que era amor, e tomei a sua reação como uma prova disso. Mas era *reconhecimento*. Ele viu Alice! Tal como tu viste; tal como a Sra.

Alleyn e Jonathan viram.

— Isso mesmo — assentiu Starling. — Eu sabia que ele tinha começado ao serviço do Lorde Faukes; não fazia ideia de que ele conhecesse Alice, ou mesmo que soubesse da sua existência. Ele disse que o rosto dela o assombrava; a sua culpa, mais provavelmente. Disse que esperava encontrar paz ao…

— Ao casar-se comigo? — sussurrou Rachel. Starling disse que sim com a cabeça.

— Mas, não compreendo… não compreendo por que razão a Sra.

Alleyn se deu a tanto trabalho para se ver livre dela! Não era suficiente fazer com que se fosse embora, sabendo que eles nunca consentiriam no casamento? — continuou Starling.

— Não, não era suficiente. — *Porque não vi eu isso? Porque não vi eu que, se a origem de Alice dava a Jonathan motivo para lhe fazer mal, ela dava à sua mãe um motivo ainda maior?* — Ela era tia dele, e ao mesmo tempo sua irmã. Era uma abominação, sem que tivesse disso qualquer culpa — disse Rachel, com um sentimento de amargura.

Starling apenas olhava, boquiaberta, quando chegou a vez de Rachel lhe contar tudo o que acontecera desde o dia em que tinha lido a carta que os Sutton guardavam há muito em segredo.

Starling virou-se, fixando de novo as brasas ardentes.

— Talvez devesse ter pena dela, então — acabou ela por dizer. —

Talvez devesse ter pena de Josephine Alleyn, por ter tido aquela reles doninha fedorenta como pai, e no entanto ser vítima dele… Mas *não consigo* ter pena dela. Não consigo, se fez Alice pagar quando ela não tinha culpa de nada. E se Alice era a sua própria filha… Como pôde?

— Pela reputação do nome de família? — disse Rachel.

— Reputação? Que reputação deixou ela? — replicou Starling, amargamente.

— Muito pouca, na verdade. Suficientemente pouca para tornar o que sobrou ainda mais valioso, e para fazer com que ela o guardasse como se fossem joias, e fazer tudo o que estivesse ao

seu alcance para impedir que aquilo que Alice descobrira jamais chegasse aos ouvidos de

Jonathan. Foi bastante mau que Alice tivesse de lhe contar que era uma consequência do Lorde Faukes; foi pior, e muito para além do tolerável, que tivesse de saber toda a verdade por Duncan Weekes, e que também tivesse participado disso.

— Então, esse velho matou-a, tão certeiramente quanto o seu filho.

— O rosto de Starling nublou-se enquanto pensava. — Mas Josephine não pode ter sabido, pois não, o que o velho Weekes contou a Alice naquele dia?

— Duncan Weekes não tinha intenção de fazer mal — disse Rachel, com firmeza. — Alice… Alice deve ter escrito acerca disso. Em todas aquelas cartas que foram intercetadas, e levadas para Box em vez de seguirem o seu caminho. Se o Lorde Faukes as leu, então podemos estar certas de que Josephine Alleyn terá ficado a saber o que diziam.

— Tenho estado ao serviço dela sempre, desde que Alice desapareceu. Estive ao serviço dessa mulher quase metade da minha vida. — Starling inspirou muito fundo, estremecendo, e Rachel olhou para ela, alarmada.

— O que vais fazer? — disse ela.

— Vou terminar o que a senhora começou?

— O que queres dizer com isso?

— Hoje matou Jonathan Alleyn, diz a senhora…

— Não matei. Eu…

— E eu fiz com que ficássemos livres do Sr. Weekes. Isso deixa apenas aquela que esteve por detrás de tudo. Porque… — Subitamente, o seu rosto murchou de angústia. — Porque se Alice

está morta, e Jonathan também… Dick Weekes… E Bridget está às portas da morte… então, eu não tenho ninguém. Não deixarei Josephine Alleyn em paz nem mais um segundo.

— Não podes querer dizer que tencionas atacar a Sra. Alleyn… ou fazer-lhe mal? — Rachel estava chocada.

— Mal? Não estou com qualquer ideia de lhe fazer mal. Mas, e então, porque não o deveria fazer?

— Porque… se o fizeres, comprometes a tua própria vida!

— Eu… não me importo. — Starling pôs-se de pé, de punhos cerrados, rosto resoluto. Rachel ergueu-se também, ficando junto dela.

— Tens de te importar! Não podes atacá-la! Promete-me! — gritou Rachel.

— Porquê? Não escutou as suas próprias palavras ao longo desta

última hora? Porque se haveria de importar com ela?

— Não me importo com ela! Importo-me *contigo.* — Rachel agarrou o braço de Starling para a impedir de sair. Starling fitou-a intensamente, suspicaz.

— O quê?

— Se… se vais e fazes isso, se lhe fizeres algum mal e fores para as galés por causa disso, então… então também eu vou ficar sem ninguém.

Não nos temos uma à outra? Não sou tua amiga?

Rachel soltou o braço de Starling e deixou a sua mão pender-lhe ao longo do corpo. O ferro forjado do fogão tiniu e estourou à medida que aquecia. Então, Starling desviou o olhar e virou-se novamente para a porta.

— Talvez seja. Mas tenho de ir, mesmo assim — disse ela.

— O que devo fazer? — perguntou Rachel. Starling hesitou, fitando-a por cima do ombro.

— Só pode esperar. Nem tudo o que cai ao rio é encontrado. Acho que foi onde Dick pôs Alice, uma vez morta; o mais provável é ela ter sido levada para o mar, sem ninguém ter dado por isso. Alimento para os peixes e para… as gaivotas. — Engoliu convulsivamente. — Se Dick for encontrado, e reconhecido, virão informá-la. Deve mostrar-se surpreendida pela notícia e atingida pela dor. Consegue fazer isso? —

disse ela. Rachel assentiu. — Acontecerá nos próximos dias, se chegar a acontecer. A única coisa que pode fazer é esperar.

— E depois, o quê?

— A sua vida é só sua, Sra. Weekes. — Starling olhou em volta da sala. — Tem uma casa, e um negócio para gerir, ou para vender, ou tem de procurar quem se encarregue dele. Agora vou para Lansdown Crescent. — Fitou uma vez mais Rachel, com firmeza, e com tristeza. —

Mandarei notícias.

Starling fechou a porta atrás de si e, quando o ruído dos seus passos desapareceu das escadas, Rachel ficou sozinha. Permaneceu durante bastante tempo na sala vazia. *O meu marido morreu. Estou novamente livre. Não sou ninguém outra vez. Contudo, ele apenas se casou comigo porque eu lhe fazia lembrar Alice; nunca fui alguém, desde o início.*

Ficou de pé até as pernas ficarem firmes, como se o sangue corresse demasiado devagar por elas. Então, porque havia pouco mais que pudesse fazer, foi para a cama. Estava exausta e o sono arrastou-a consigo antes sequer de ela ter fechado os olhos. O seu último

pensamento acordado estava carregado de culpa, traição e alívio —

sabedor de que o seu sono não seria perturbado pelo regresso tardio de Richard e por um contacto não desejado. Mas sonhou com Jonathan, e com o rato de cobre. Sonhou que era o rato de cobre, que o rato era uma figuração dela que ele fizera; todos os seus mais ínfimos pormenores representados em metal brilhante com meticuloso cuidado. Sentiu-se embalada na palma da sua mão, e, lá, sentiu-se a salvo pela primeira vez desde que os pais tinham morrido. Soube-se amada. Depois acordou estremunhada na escuridão, e recordou a sua última visão de Jonathan, amontoado e cheio de sangue no chão gelado.

Starling mandara-a esperar, e esperar foi o que Rachel fez. A princípio, ficou dentro de casa, e quando alguém batia à porta, erguia-se de um salto, com o medo a suster-lhe a respiração. Mas não havia qualquer notícia de Richard; o homem que batera à porta era um seu cliente, tentando encontrá-lo em casa ao deparar com a loja vazia e fechada.

— Gostaria de trocar algumas palavras com o seu marido, minha senhora, peço-lhe que o vá chamar — disse o homem. Tinha uma cara cor de clarete e usava tacões altos; todo ele veemência e indignação.

— O Sr. Weekes não… está em casa, caro senhor.

— Peço-lhe então que me diga onde posso encontrá-lo, pois tem muito por que responder. O último barril de *sherry* que me entregou deveria ser um aveludado de Lisboa, doce e envelhecido, por isso tolerei o seu elevado preço. Em vez disso, é novo, e ardente, e imprestável para beber, embora consiga saborear o mel com o qual tentou melhorá-lo… E

o tonel de rum que lhe comprei está tão bem batizado que uma *criança* poderia bebê-lo e achá-lo fraco! — O homem ergueu um dedo e apontou-o firmemente à cara de Rachel. — Não vai *funcionar*, minha senhora; que nunca se diga que eu, Cornelius

Gibson, me deixei ser vigarizado desta maneira! Tenciono chamá-lo a prestar contas, e pode dizer-lhe isso, minha senhora, será chamado a prestar contas, e vou espalhar que é um vendedor de conversa fiada e que não é um homem honesto. — Com isto, Cornelius Gibson desceu os degraus muito direito, batendo elegantemente uma bengala de ébano junto a si. Rachel fechou a porta e encostou-se a ela para recuperar o fôlego. *Agora que estou viúva dele, será que vou ficar arruinada outra vez pelas suas dívidas, fraudes e desonestidade?*

À tarde, saiu em demanda de Duncan Weekes, mas não o encontrou em casa, nem na Moor's Head, nem em qualquer outra estalagem por

onde ela passou. Foi novamente para casa, para a sua solitária vigília, mas não foi por muito tempo. Pouco depois de ter fechado a porta, alguém bateu, e alguma coisa no ritmo lento e grave das pancadas provocou-lhe um presciente arrepio. *Isto não é nenhum cliente furioso.*

Encontraram-no. Os nervos fizeram-lhe comichão no estômago quando abriu a porta a um homem alto e magro, com um casaco castanho e um oleoso chapéu preto. Tinha um nariz curvo e bochechas repuxadas, e olhos como pepitas de carvão.

— Sra. Weekes? — A sua voz era suave e estranhamente melada.

Rachel assentiu. — Minha senhora, sou Roger Cadwaller, o polícia do molhe. É meu triste dever informá-la de que foi, hoje, retirado um cadáver do rio, e que alguns de entre os que fazem comércio no rio o reconheceram como Richard Weekes, seu marido. — O homem magro falou sem emoção, e fez uma pausa como se esperasse que Rachel dissesse alguma coisa ou chorasse. *Então ele está realmente morto.*

Tenho de parecer surpreendida e atingida pela dor.

— Ele… ele não voltou para casa — conseguiu ela dizer numa voz minúscula.

— Não, minha senhora. E não voltará, temo.

— Onde está ele?

— Está num cangalheiro, atrás de Horse Street. Pode vir?

— Ir? Porquê? — Rachel sentiu uma guinada no coração. *Será que pensam que eu o matei?*

— Sim, minha senhora. Tem de olhar para ele, se puder, e reconhecê-lo como sendo o seu marido para que não haja dúvida de que é ele. — O homem não tinha pestanejado desde que ela abrira a porta.

Rachel não conseguia manter os olhos quietos.

— Muito bem — sussurrou ela.

Seguiu Roger Cadwaller durante alguns minutos, descendo Stall Street, virando para Horse Street, e chegando depois a uma pequena ruela. O dia estava cinzento e frio; chuviscos escoavam-se com regularidade das nuvens baixas. O polícia parou junto de um conjunto de degraus estreitos e guiou-a na descida, por entre os altos edifícios dos lados, até um pátio húmido e sombrio. A partir daí, conduziu-a para uma porta que pendia, empenada, com a sua tinta preta a descascar e a cair. O

polícia bateu, e foram imediatamente recebidos. *Tenho de parecer surpreendida e atingida pela dor.* Rachel levou uma mão à boca sentindo um súbito ultraje pelo seu próprio desapego. O seu passo vacilou, e

lançou o braço à parede para se amparar. Nem Roger Cadwaller, nem o velho cangalheiro encarquilhado, que habitava o local, despenderam mais do que uma olhadela a um tal comportamento.

Não estou surpreendida. Não estou atingida pela dor. Estou horrorizada. Rachel sentiu o estômago e as pernas a desfazerem-se de fraqueza. Ela não queria, em absoluto, olhar para o corpo morto de Richard, mas os dois homens guiaram-na inexoravelmente. Para baixo, descendo mais alguns degraus, havia uma cave abobadada, fria, debilmente iluminada por um único painel de vidro fosco num buraco alto que servia de janela. Ali, sobre uma mesa de madeira, despido até às bragas, jazia Richard Weekes. Havia um estranho zumbido nos ouvidos de Rachel, e a divisão, e tudo dentro dela, pareceu afastar-se para longe dela. *Não, eu é que me estou a afastar.* Caminhou sem firmeza para se perfilar junto dele.

O cabelo de Richard estava coberto de lodo do rio e fiapos de erva, mas a pele estava impecável e pálida, sem quaisquer sinais de lesão.

Porém, mesmo não apresentando qualquer ferimento, não havia hipótese de fazer crer que ainda estava vivo. Havia algo na sua imobilidade, no modo como parecia mais pequeno do que um dia fora, na maciez marmórea do rosto — tudo isso anunciava gritantemente a ausência de vida. Não tinha mais cheiro do que as paredes de pedra que o rodeavam.

Rachel sabia que, se lhe tocasse, ele estaria frio, e excessivamente sólido; a carne ficara densa e pesada sem o espírito para a animar. Os pelos do peito e nos braços pareciam demasiado escuros, demasiado duros. Tinha a boca fechada, mas o maxilar estava flacidamente descaído, retirando-lhe a linha firme que o seu queixo normalmente mostrava; as pálpebras estavam inchadas e violáceas. Mas, mesmo assim, mesmo sem vida, o seu rosto era belo. Rachel olhou-o fixamente por muito tempo, e não conseguiria dizer o que sentia. *Tu não me amavas, mas amaste. Foste violento, mas não tinhas intenção de matar. Nunca perdoaste o teu pai pela perda da tua mãe, mas ele também não teve intenção de a matar.*

Havia alguma bondade em ti, ou apenas maldade? Estas e outras perguntas surgiram-lhe, mas não houve respostas; tinha o coração vazio

— não havia nela dor que pudesse sentir por ele.

— É ele — disse ela, longos momentos depois, quando o cangalheiro tinha começado já a agitar-se com impaciência.

— Os meus agradecimentos, minha senhora — disse o polícia, na sua voz macia e indiferente.

— Como é que ele foi… parar ao rio?

— Não podemos saber, minha senhora. Não teve nenhuma briga que alguém tivesse visto ou sabido. Os homens que o puxaram, carregaram bem em cima dele, para obrigar a água a sair, na esperança de o fazer reviver. As borras que lhe saíram tresandavam a fita vermelha.

— A fita vermelha?

— A *brandy*, minha senhora — disse o polícia. Rachel pestanejou, e acenou com a cabeça para mostrar que tinha compreendido.

— A auga ‘stá fria com’o beijo duma bruxa, ‘nhassenhora — disse o cangalheiro. — Deve ter tropeçado já grosso e com a cabeça feita num oito, e ficou logo ali mordido por ela, antes sequer de ver que tinha-se afogado. — O polícia retraiu-se perante o rude discurso do homem.

— Estou a ver — sussurrou Rachel.

— Os homens do rio que o conheciam disseram que ele era um homem muito acostumado… a provar demasiado dos seus próprios produtos — disse o agente.

— Ele era um beberolas, tal como o pai antes dele — disse Rachel terminantemente. *Não te vou arranjar desculpas, Richard.* — Era mais raro vê-lo sóbrio do que de outro modo. — Ficaram em silêncio por algum tempo mais, cada um deles olhando para o branco cadáver de Richard como se ele se pudesse sentar e confirmar com

um aceno de cabeça pesaroso a sua fatalidade. *Se estão à espera que lhe dê um beijo de despedida, bem podem esperar sentados.* — Comunicaram ao pai dele esta desventura?

— Não, minha senhora. A senhora sabe do seu paradeiro?

— Sim. — Rachel voltou as costas ao seu defunto marido. — Eu comunicar-lhe-ei o que aconteceu. E voltarei cá para tomar providências quanto ao enterro — disse ela ao cangalheiro.

— Como lh'aprouver, 'nhassenhora — disse o velho, anuindo. Com isto, Rachel voou dali, apressando-se a sair da cave, percorrendo a ruela e subindo até Horse Street, onde encheu os pulmões de ar sujo para dissipar o véu inodoro e insensível da morte.

Caminhou lentamente até aos alojamentos de Duncan Weekes, levando consigo a pior das notícias que se pode dar a um pai. Bateu à porta da rua até os nós dos dedos e as palmas das mãos lhe arderem, e, por fim, uma mulher com ar carrancudo de cabelos grisalhos com um vestido imundo, olhos raiados de sangue e lábios descorados, acabou por a deixar entrar. Rachel desceu as escadas e bateu à porta de Duncan durante alguns minutos; não ouvia nenhum ruído nem movimento lá

dentro, pelo que experimentou o ferrolho. A porta não estava trancada; oscilou, abrindo-se com um rangido.

Lá dentro estava tão frígido como sempre, e assomavam sombras de todos os cantos. Não havia lume na lareira, nem velas ou lanternas acesas. Um cheiro azedo subiu-lhe ao nariz, e junto de uma cadeira tombada viu um esguicho de vómito no chão. Rachel olhou para a cama com uma crescente e sufocante sensação de inevitabilidade. Duncan Weekes jazia sobre ela, aconchegado debaixo dos cobertores, de tal modo que apenas a cara estava à vista. Estava tão imóvel e sem vida como o filho. Rachel agachou-se junto dele.

— Sr. Weekes? Pai? — disse ela, embora soubesse que era inútil.

Os olhos do velho estavam firmemente aferrolhados, sobrolhos salientes e juntos; a boca encontrava-se ligeiramente aberta, lábios enegrecidos. A velha que abrira a porta a Rachel surgiu por trás dela e espreitou o cadáver por cima do seu ombro.

— A febre do álcool, sem dúvida — disse ela, fungando. — Ou talvez a amiga do velho. Ouvi-lhe uma tosse de cemitério, nestas últimas noites.

Distraidamente, Rachel aconchegou melhor os cobertores em volta do queixo de Duncan . *Eu sabia que ele estava doente, e no entanto não fiz nada, e deixei que isso me escapasse da mente*. — Lamento muito, Sr.

Weekes — sussurrou ela, contrita. *Não há benevolência.*

— Tenho um rapaz que pode mandar ao cangalheiro, se tiver uma moeda para lhe dar — disse a velha.

— Muito bem. — Rachel encontrou uma moeda no bolso. — Ele chama-se Duncan Weekes, e o filho dele, Richard Weekes, jaz no cangalheiro que há por trás de Horse Street.

— Sei qual é.

— Traga o mesmo homem, se faz favor. Pai e filho podem jazer juntos durante algum tempo. Sempre tive a esperança de os reconciliar.

— O destino é capaz de nos pregar partidas dessas — disse a mulher, assentindo. A moeda desapareceu na palma da sua mão ossuda e Rachel saiu, afastando-se com a sensação de que a sua cabeça estava a inchar; sentia-a leve e estranha. *Como falei verdade quando disse que não tinha ninguém.*

Mais do que nunca, Rachel sentiu-se distante de tudo e de todos.

Andou durante uma porção de tempo, e sentiu-se invisível; como se ela fosse menos real no mundo do que as pessoas pelas quais passava.

Poderia desaparecer sem deixar qualquer vestígio, tal como Abi. Tal como Alice. Sentia-se como um barco cuja amarra fora cortada e sem nada que impedisse a corrente de o arrastar para longe. Estava carregada e pesada com culpa e remorso, tanto que dificilmente conseguia sentir alguma coisa. Apenas o ressoar do eco de tudo aquilo no grande espaço vazio dentro de si.

A cidade fechava-se sobre si própria para passar a noite. As lanternas eram acesas e as portadas fechadas; as portas das estalagens abriam-se e fechavam-se de encontro ao tempo que fazia, e as pessoas corriam para as suas casas, sem se demorarem nas ruas com os chuviscos e o frio que se infiltrava. *Estes três dias foram os mais longos que jamais vivi.*

Rachel tentou imaginar como seria a sua vida a partir daquele momento; sem marido, sem família, sem as visitas a Jonathan e sem motivos para ter esperança. *Continuarão os Sutton a ser meus amigos? Sou uma ameaça para eles, e o capitão culpa-me pela queda de Jonathan.* Parecia impossível que esperassem que ela continuasse, que suportasse tudo.

Esgotada e a tremer, chegou a Abbey Street e subiu as escadas. Lá dentro não haveria calor ou luz que a acolhessem; contudo, por mais triste que o local fosse, era o seu único lar. Ao empurrar a porta, um pedaço de papel branco chamou-lhe a atenção, esvoaçando pelo soalho como um pequeno fantasma. Curvou-se e apanhou a mensagem, voltando ao candeeiro da rua de modo a ter luz suficiente para a ler. Leu-a duas vezes e depois fechou os olhos, afundando-se num degrau próximo quando um turbilhão de alegria e alívio a fez perder o equilíbrio. *O Sr. Alleyn pergunta por si.*

Venha imediatamente. Starling.

A casa em Lansdown Crescent zumbia de atividade quando Starling a ela regressou. Tinham passado apenas algumas horas desde que saíra para ir à árvore dos amantes, desde que tinha visto Dick e sabido a verdade, indo depois dividir esse fardo com Rachel Weekes; no entanto pareciam semanas. Na súbita azáfama e rumor de mexericos, a sua ausência parecia ter passado despercebida, e ela voltou a deslizar para dentro da corrente sem fazer ondas.

— Aí estás tu! Escolheste uma rica altura para sair… passa-me aí esse osso de vitela, e vai moer uma porção de sal, fazes o favor? — disse Sol Bradbury quando Starling apareceu na cozinha. Starling empinou a cabeça com curiosidade para a cozinheira. Não parecia mostrar grande perturbação, para ter recebido a notícia da morte de Jonathan.

Obedientemente, Starling pegou no pesado osso da pá, ainda com alguns

fiapos de carne assada, e levou-o à cozinheira. Sol deitou-o para uma enorme panela com água sobre o fogão, recuando para não ficar salpicada.

— Porquê? — disse Starling. — O que se passa?

— O que se passa! O patrão rachou a cabeça e está estendido na cama sem dar acordo, e a senhora está a ficar meia louca, e jura que, se voltar a ver a Sra. Weekes, lhe arranca as tripas para fazer ligas. Dorcas continua a desmaiar quando vê sangue… O médico está com o Sr.

Alleyn, agora, e eu estou a preparar um caldo de carne para quando ele acordar…

— Ele não está morto? — O coração de Starling deu um pulo que a deixou sem fôlego.

— Morto? Não, céus! Vê lá, rapariga, isto não é já problema que chegue para andares a pedir mais?

— Não. Eu só… — Irrefletidamente, Starling voltou-se para as escadas e subiu.

Mal dispensou um olhar de relance para o homem rotundo que estava a sair dos aposentos de Jonathan; reconheceu-o vagamente como um dos muitos médicos que, ao longos dos anos, tinha ido e vindo, sem nada ter feito para ajudar Jonathan quanto às dores de cabeça. Lá dentro, o quarto estava mais reluzente do que alguma vez o vira — tinham sido acesas velas em todos os nichos da parede; sobre a secretária e à cabeceira. O quarto estava impregnado da luz dourada de todas elas, e as sombras tinham sido banidas; e como se um feitiço tivesse sido quebrado, os aposentos que tinham feito fugir de medo uma sucessão de criadas eram agora um lugar como os outros. Sujos, atulhados de coisas pouco usuais, mas já não ameaçadores. *Apenas os segredos nos assustam. Não é saber, são as coisas que não conseguimos ver.* Jonathan jazia no centro desta inundação de luz, na câmara mais interior, de pele branca e cabelo escuro, recortado contra as almofadas, com uma mancha vermelha a coar-se lentamente através de uma ligadura em volta da sua cabeça. Starling foi postar-se aos pés da cama, e então deu por Josephine, sentada numa cadeira baixa do outro lado. Sentiu o ódio queimá-la por dentro, e depois a sua patroa falou.

— Não vai morrer, diz o médico. Partiu o pulso, mas o golpe na cabeça não foi grave, apenas sangra muito. Não vai morrer. E vai acordar. — Josephine falava para ninguém; falava para o quarto e para os deuses, para todos e nenhum. Falava para dizer ao destino como se iriam

passar as coisas, e desafiá-lo a ousar operar de outra forma. Os olhos de Josephine estavam bem abertos no rosto impassível. Olhava para o filho com uma intensidade inalterável. *Ela ama-o, e, no entanto, foram os seus atos o que mais o afligiu durante a maior parte da sua vida. E ela sabe-o.* Starling esperava sentir-se furiosa, mas não. *Foi ela que me levou Alice. Fê-lo com plena consciência, e escondeu-o desde então. Deixou-me servi-la, e sofrer as luxúrias do pai enquanto esperava por notícias de Alice. Alimentou-me com*

mentiras. Tudo isto, ela recordou a si própria, mas, ainda assim, a ira não chegava, e não lhe restou mais nada senão procurar as razões disso. *Porque o monstro era o pai e ele tirou-lhe tanto quanto me tirou a mim. Porque é mãe de Jonathan, e neste momento está tão cheia de medo como qualquer outra pessoa.*

— Posso ter pena de si, mas também a odeio — murmurou ela.

Josephine Alleyn pestanejou e virou-se para a fitar.

— O que disseste?

Starling ficou em silêncio por um momento. Recordou-se do temor por ela manifestado por Rachel Weekes, e do seu próprio desejo de vir e de saciar a sua vontade de vingança naquela mulher. Mas Jonathan não estava morto, e, desse modo, tudo se alterara. *Deixei de não ter ninguém.*

Tenho-o a ele. Voltou o seu olhar para o homem que estava sobre a cama e sondou o seu coração para ver o que restava, agora que o seu ódio deslocado explodira como fumo. Recordou-o a rir-se das suas palhaçadas no dia em que tinham ido nadar no rio, em Bathampton, antes de ele ir para Espanha e tudo ter mudado. Um fragmento de dor atravessou-a, então, por tudo o que tinham perdido desde esse dia — os dois.

— Estou contente por ele recuperar — disse ela. Josephine Alleyn olhou de novo para o filho e pareceu esquecer o que Starling tinha dito antes. Esticou-se e tocou-lhe na mão, ternamente, suavemente.

— Ele é tudo o que tenho — murmurou ela, e Starling compreendeu então que Alice seria vingada, e toda a dor pela sua morte seria finalmente paga. *Porque eu tenho muito que lhe contar, quando ele acordar. E, depois, a senhora perderá o seu filho, Sra. Alleyn.*

Jonathan não apresentava quaisquer sinais de acordar. Josephine ficou com ele durante muito tempo, antes de se retirar para o quarto, exigindo que a fossem chamar se houvesse qualquer alteração.

Starling ofereceu-se então para ficar com ele, enquanto a longa noite se arrastava, uma inspiração de cada vez. Assentou vigília, e esperou, e não dormiu.

Indistintamente, ouviu o relógio de pé, no corredor, bater as duas horas,

e, nesse preciso momento, lembrou-se de que Rachel Weekes devolvera a Jonathan a última carta de Alice. Ergueu-se tão depressa que a cadeira tombou no chão com ruído, e ela imobilizou-se, apurando os ouvidos, à escuta de qualquer sinal de que o barulho despertara Josephine. Não deu por nenhum. O casaco preto comprido de Jonathan estava pendurado a um canto do armário, e ela foi silenciosamente até lá, tentando sentir a dureza do papel nos bolsos. Quando o encontrou, regressou pé ante pé à cabeceira da cama, endireitou a cadeira e observou o rosto de Jonathan durante longo tempo. Não conseguia sacudir a suspeita de que ele conseguiria adivinhar o que ela estava prestes a fazer, acordaria e arrebatar-lhe-ia o papel das mãos ou persegui-la-ia pelo quarto, rogando-lhe pragas; como de todas aquelas vezes em que ela andara à procura daquele mesmíssimo pedaço de papel. *Não. Ele está inocente. Tenho de continuar a recordar isto a mim mesma.* Com uma lenta inspiração para serenar, abriu a carta.

Meu queridíssimo Jonathan

Oh, mas por que razão não me escreve? Tenho uma suspeita em relação a isso. Escrevi tantas vezes, nestas semanas que passaram, e continuo desesperada por ter notícias suas. Pode estar morto, ferido, perdido; ou pode ter recebido instruções da sua mãe, e me tenha rejeitado. Não tenho forma de saber, meu amor! É cruel. Aqui está o que suspeito — por mais que me angustie escrevê-lo. Desde sempre que entregámos as nossas cartas ao jardineiro aqui da quinta para que as levasse à mala-posta e as enviasse por nós. Ontem, fui dar um passeio até à ponte e vi o nosso jardineiro entregar o que me pareceu ser a minha carta a um rapaz sebento, que se foi embora com ela.

Tenho a certeza que o rapaz não tinha qualquer ligação com a mala-posta. Será possível que nenhuma das minhas cartas lhe tenha chegado, Jonathan? Mas esta irá chegar — tenho um plano para isso.

Fui a Box e encontrei a sua mãe. Eu sei que não deveria ter ido, não fui convidada. Não pensei encontrá-la, procurei apenas o Lorde Faukes, para saber se havia alguma notícia sua. Mas foi a sua mãe que encontrei, a Sra. Josephine Alleyn, pelo que lhe confessei as razões por que me dirigia a ela. Ela disse-me tais coisas, Jonathan! Estava tão zangada, e foi tão cruel. Odeia-me,

e contou-me coisas sobre a minha ascendência que me horrorizaram. E como se isto não fosse suficiente, logo a seguir foi-me dado compreender a razão de ela me poder odiar ainda mais — o cocheiro contou-me coisas. Coisas muito sombrias, negras. Não lhas vou relatar nesta carta, para o caso de também ela se extraviar. Estava nas minhas cartas anteriores — aquelas que não obtiveram resposta. Perdoe-me por elas, querido Jonathan. Na minha aflição, não parei para pensar. As palavras começaram a transbordar da caneta, e agora essas notícias andam pelo mundo, algures, e poderiam fazer-lhe mal. Perdoe-me. O cocheiro estava com os copos, e, ainda assim… ainda assim, pareceu tão seguro do que estava a dizer. Contou-me o que até a Sra. Alleyn temeu contar. Oh, eu sou uma abominação! Sou amaldiçoada. Não regresse para casa deles, Jonathan — são mentirosos, e não são aquilo que pensa; e se tiver de regressar, não venha procurar-me. A dor de o ver seria demasiado grande.

Há outra coisa. Apareceu um homem, com modos grosseiros, mas de índole encantadora. Corteja-me como se a sua própria vida dependesse disso. Conheço-lhe a cara — já a vi antes, tenho a certeza. Mas não consigo pensar onde; não é de Bathampton.

Implora para se casar comigo, para me levar para Bristol ou outro qualquer sítio onde eu queira viver. Tenho feito tudo o que posso para o dissuadir, mas ele insiste em vir visitar-me, uma e outra vez, e diz que, sem mim, morrerá. Pensei — meu querido, devo

confessá-lo —, pensei por um instante, num dia sombrio, que deveria ir com ele — que deveria desaparecer, e garantir que não mais voltaria a pôr-me os olhos em cima. Por um instante, pensei nisso. O Lorde Faukes não me visita desde que fui a Box.

Sinto que algum julgamento se aproxima, pairando sobre mim como a espada de Dâmocles. Assim, por um instante, pensei que deveria ir com este charlatão encantador. Pois trata-se de um charlatão. Mas nunca o conseguiria fazer, meu amor. Não poderia jamais deixá-lo pensar que o abandonara, pois assim que eu me fosse embora, eles iriam certamente contar-lhe mentiras acerca de mim. Oh, como posso escrever tais coisas acerca da sua família e do homem que conheci e amei durante toda a minha vida como meu benfeitor? Agora, tudo isso parece um gracejo cruel. A minha vida tem sido um gracejo cruel, desde o princípio.

Sou uma abominação, meu amor. Mas não posso voltar a chamar-lhe assim. O nosso amor é uma abominação. Sinto o coração despedaçar-se, Jonathan. Está a partir-se em dois, e eu não sei se sobreviverei a isso. Mas o Jonathan e eu temos de nos manter afastados, agora e para sempre. Ficarei aqui e aguardarei o meu destino, assim que eles o tenham decidido. E se nunca mais nos voltarmos a ver, deixe-me jurar-lhe agora — amei-o sinceramente, e amá-lo-ei sempre.

A que é sempre, mas nunca pode ser, sua

Alice B

Starling leu a carta toda duas vezes; levou o papel aos lábios, e aspirou quaisquer vestígios remanescentes da sua irmã que lá houvesse.

Ela sabia de todas estas coisas terríveis, e nunca me contou. Tudo isto ela aguentou sozinha. Depois da árvore dos amantes, Alice prometera não guardar mais segredos, mas este ela guardara. *Terá pensado que eu a amaria menos? Se me tivesse pedido para fugir com ela e viver numa gruta, eu tê-lo-ia feito.* Starling sentou-se na

cadeira e chorou silenciosamente durante algum tempo. Depois, quando a luz cinzenta da madrugada começou a infiltrar-se no interior do quarto, sentiu uma centelha de urgência. Ele tinha de acordar, de modo a que pudesse falar com ele antes de Josephine regressar. Ele tinha de ouvir o que ela lhe diria sem interrupção, ou negação. A casa estava silenciosa; nem Dorcas se encontrava ainda a pé, abrindo ruidosamente as portadas ou separando as brasas das cinzas. Starling debruçou-se sobre a cama, e estendeu a mão para tocar no braço ileso de Jonathan.

— Sr. Alleyn… — disse ela, a sua voz não mais do que um seco sussurro. — Sr. Alleyn, tem de acordar. — Sacudiu-lhe o braço suavemente. Estava quente e flácido. *E se eles não estiverem certos, e ele não acordar?* Agarrou-lhe na mão e sacudiu com mais força, depois inclinou-se para diante e bateu-lhe na face com os dedos, o medo fazendo com que fosse bruta. — Acorde, Jonathan! Alice precisa de si!

Eu preciso de si!

Os sobrolhos de Jonathan uniram-se. Sem abrir os olhos, falou.

— Paz, Starling! A tua voz parece um martelo no meu crânio. —

Ele estava atordoado e rouco, mas não pareceu confuso; conheceu-a.

Starling suspirou de alívio.

— Magoou-se na cabeça, Sr. Alleyn — disse ela, tão suavemente

quanto possível. — E no pulso. Caiu, lá em cima nos terrenos.

— Nos terrenos? — As pálpebras de Jonathan piscaram e abriram-se, e olhou para as cortinas do dossel da cama, pensativamente. — Sim.

Recordo-me. Estava a tentar encontrar a Sra. Weekes. Ela… eu disse uma coisa, e só depois percebi como lhe deve ter soado. Ela fugiu para o meio do nevoeiro…

— Eu sei. Ela está bem. Isto é… bem, há muita coisa para lhe contar.

— Sabes? Como é que sabes? — Virou a cabeça para a encarar e retraiu-se com a dor que o movimento lhe provocou.

— Tornámo-nos amigas, ela e eu. Creio. Mas agora ouça, consegue ouvir? Está desperto? Há coisas que tenho de lhe contar. — Ela endireitou-se e baixou os olhos sobre ele, e Jonathan correspondeu, fitando-a com olhos cheios de apreensão.

— Estou desperto — disse ele, cautelosamente.

Assim, em voz baixa, Starling contou-lhe tudo. Contou-lhe acerca de Dick Weekes e da árvore dos amantes; acerca de Duncan Weekes e do que ele vira e contara a Alice, no dia em que ela fora a Box; acerca de Rachel Weekes e a razão por que Dick se casara com ela; e, depois, tudo o que Dick dissera antes de ser levado pelo rio. Jonathan ouviu tudo sem mexer um só músculo ou produzir um só som; quase sem nenhuma reação que não fosse uma expressão de dor, que se avolumava como uma aglomeração de nuvens. Quando ela terminou, susteve a respiração e esperou.

— Devo ficar feliz com estas notícias, Starling? — disse ele, por fim.

— Quem poderia ficar? Falo apenas como alguém que a chorou e ansiou por saber qual o seu destino, como também o senhor chorou e ansiou. Mas esta é a verdade; agora sabemo-la, por mais negra e amarga que possa ser.

— E o homem que a matou? O marido de Rachel Weekes. Morreu?

Tens a certeza disso?

— Morreu. Como o miserável inútil que era.

— Miserável inútil, talvez, mas alguém que também a chorou, ao que parece, à sua maneira, embora imprópria. Uma marioneta da minha mãe. Eu deveria descrer de ti imediatamente, e expulsar-te.

— Sabe que estou a dizer a verdade.

— Durante anos, acusaste-me, e estavas inteiramente convencida da

minha culpa.

— Eu sei… e peço desculpa por isso.

— E agora, em vez disso, estás convencida de que a minha mãe esteve por trás de tudo.

— A sua mãe e o seu avô… que eu *sei* que era um homem mau, e nada daquilo que parecia visto de fora; embora o senhor o amasse, e Alice também.

— Sabes que ele era mau? Como é que sabes? — disse Jonathan com voz zangada.

— Porque… porque me conheceu, contra a minha vontade. No dia em que veio dizer-me que nunca mais voltaria a ver Alice, e muitas vezes depois disso, antes de morrer. Juro-lhe pelo ar que respiro, esta é a verdade. — Jonathan virou-se como se não conseguisse suportar olhar para ela; Starling viu uma lágrima escorrer-lhe do olho e desaparecer na almofada. — Não sabe a história toda acerca de como ele morreu, pois não?

— Morreu de apoplexia — recitou Jonathan. — Um ataque repentino, indolor.

— Ele morreu em cima da Lynette, a nova criada cá de cima. Ela resistiu fortemente, e o coração cedeu, dentro do peito. E, Deus o proteja, o senhor foi a única pessoa nesta casa que o chorou. — *Se*

não acredita em mim, ir-me-ei daqui embora e nunca mais o vejo. — E… teríamos sabido de tudo muito mais cedo, teríamos sabido que Alice era filha do Faukes, se o Capitão Sutton lhe tivesse devolvido logo esta carta. —

Entregou-lhe a carta que Alice lhe tinha enviado e, quando ele lhe pegou, havia um tremor na sua mão. — Ela confirma tudo o que ficámos a saber.

Ela esperou enquanto ele lia a carta, e observou os músculos do maxilar mexerem-se sob a pele, vivos, dando corpo à luta dos seus sentimentos.

— A minha mãe tem mentido durante toda a sua vida; isso eu já sabia. — A sua voz saiu, forçada, por entre os dentes cerrados.

— Senhor Alleyn… — sussurrou Starling. — Posso ficar com uma das outras? Com uma das outras cartas dela?

— O quê?

— Adoraria poder ter uma das cartas de Alice, para guardar. Apenas para ter alguma coisa dela, compreende, uma lembrança, uma coisa que tivesse sido tocada pela sua mão.

— Não tenho quaisquer outras cartas dela. — Jonathan franziu-lhe o sobrolho. — Que cartas achas tu que eu tenho?

— Todas as dela, aquelas que o senhor lhe escreveu, e que ela lhe escreveu a si. As suas, ela guardava numa caixa de pau-rosa, no quarto, e desapareceram depois de ela ter desaparecido. Achei que as tinha levado.

Não as levou?

— Não. — Jonathan abanou a cabeça. — Não as levei. E as dela para mim, eu… destruí-as. — A voz sumiu-se-lhe por um instante.

Fechou os olhos. — Todas elas. Quando regressei e pensei que ela…

quando acreditei, a princípio, no que me era dito sobre a sua conduta.

Quem me dera que não o tivesse feito. Quem me dera… que não as tivesse destruído.

— Mas se o senhor não as tem, quem tem? E que é feito da carta que eu lhe tirei, uma que o senhor lhe escreveu, a última que lhe escreveu de Espanha, da Corunha, pouco antes de ela ter morrido?

— Não sei quem as tirou. O meu avô, ouso dizer. E essa carta da Corunha… eu nunca a enviei. Ela nunca a viu. Ficou no meu bolso durante todo o caminho de regresso a Brighton, e depois veio comigo para Bathampton, depois de eu ter recebido a carta dela. Nunca tive a oportunidade de lha enviar. Esteve sempre comigo.

— Oh. — Starling sentiu aquela pequena esperança a desvanecer-se. — Então, esta carta, recentemente devolvida pelos Sutton, é a única coisa que existe dela; a única coisa que existe para provar que ela alguma vez existiu, tirando o que recordamos.

— Sim. Entre eles, realmente trataram de a apagar. — Jonathan desceu os olhos enquanto falava, ensombrados pelos sobrolhos carregados, a boca apenas uma linha de amargura. — Vai buscar a minha mãe, agora. — Silenciosamente, Starling obedeceu.

Bateu suavemente à porta da Sra. Alleyn e foi convidada a entrar de imediato. O rosto da senhora de idade estava escavado pela fadiga, mas os olhos animaram-se-lhe com esperança e felicidade quando Starling disse que o filho pedira para a ver. *Desfrute o momento, minha senhora*

— *é o seu último momento sem culpa.* Starling seguiu-a de volta ao quarto de Jonathan e, à porta, a Sra. Alleyn voltou-se, franzindo o sobrolho.

— Porque não me largas os calcanhares como um leitão recém-nascido? Vai à cozinha e traz o caldo de carne, e chá. E talvez um pouco de *brandy*.

— Não, minha senhora. Deixei de ser sua criada — disse Starling, e as palavras deram-lhe um baque no coração, de medo e de exaltação ao mesmo tempo. Um arrepio de excitação que a fez sentir picadas nas pontas dos dedos. *Aí tem. Expulsei-me a mim mesma.*

— O quê? Como dizes que *não*? Vai imediatamente, e… — Alguma coisa no modo como Starling se perfilava, resoluta, com o rosto cheio de vivacidade, fez com que Josephine se calasse. — Muito bem, então —

acabou ela por dizer, incrédula, mas quase resignada. Tinha nos olhos as primeiras faíscas de uma fúria terrível. — Vai-te embora, se é assim —

disse ela. Starling abanou negativamente a cabeça.

— Agora sirvo o seu filho, minha senhora. Só ele me pode mandar embora. — Josephine fitou-a penetrantemente por mais um instante e ficou um pouco mais pálida. *Deve estar a perguntar a si mesma o que me dá força para lhe falar deste modo. Deve perguntar-se, e deve saber.*

Não era fúria o que a fazia empalidecer, viu então Starling. Era medo.

Apiedou-se de Josephine novamente, pelo que estava para vir, e pelo que ela tinha sofrido, pela mão com que fora manejada. *Mas nada disso era culpa de Alice. As galinhas voltam sempre para o seu poleiro, costumava dizer Bridget.* Com uma expressão altiva que parecia uma máscara, Josephine continuou o seu caminho até à cabeceira da cama do filho, e Starling foi atrás dela como uma sombra vingadora.

Jonathan empurrara-se para cima, na cama, de modo a sentar-se mais direito. Tinha um brilho de transpiração na cara e respirava com intensidade, alargando as narinas.

— Jonathan! Meu querido rapaz, alegra-me o coração ver-te acordado, e bem de saúde — disse Josephine.

— A sério? — O seu olhar era duro.

— Claro… porque haverias de pensar que não?

— Porque a mãe mente. Mentiu a toda a gente durante toda a sua vida. Mentiu ao meu pai, e mentiu ao mundo, e mente-me a mim. Matou Alice Beckwith com uma mentira.

Houve um momento de suspensão gelada e depois Josephine disparou um olhar sobre Starling, penetrante como uma facada.

— O que é que esta miserável te disse? Que mentiras te contou?

Não passa de uma ratazana intrujona, de um verme de estrume… Só fiquei com ela porque o teu avô me deu instruções para…

— O avô disse-lhe para ficar com ela? — disse Jonathan. Olhou para Starling, e ela não precisou de dizer mais nada. — Ora, e eu que

pensava que o tinha feito por bondade. Que idiota sou.

— Jonathan, qual é o problema? Porque me atacas, a mim que apenas te amei sempre e sempre cuidei de ti…

— Não acho que seja capaz de amar — disse Jonathan. E continuou antes de Josephine conseguir responder. — Richard Weekes contou-me tudo.

— O quê?

— Disse que Richard Weekes me contou tudo. O seu pequeno fantoche, aquele rapaz idiota que pensou estar apaixonado por si, todos esses anos. Ele contou-me que o mandou seduzir Alice. Fazê-la trair-me da forma que pudesse. Incitá-la a fugir… e quando isso falhou, ele matou-a. Instruído *por si*.

— Mentiras. — A voz de Josephine estava quase sumida; era apenas um fio, um sussurro, esmagado pelo medo e pela ira. — São mentiras. Como se atreve ele… como se *atreve* ele!

— Nega?

— Sim, nego! São vis mentiras, cada palavra!

— Alice veio visitá-la um dia, a pedir notícias minhas. Disse-lhe que ela era bastarda do meu avô. Não disse? Disse-lhe isso e depois mandou-a embora. Pensou que isso acabaria com o nosso relacionamento para sempre. Mas Duncan Weekes também a encontrou nesse dia e ele contou-lhe mais alguma coisa. Sabe o que lhe contou ele mais? — disse Jonathan. Josephine apenas o fitava, agora, de rosto imóvel como uma pedra. — Sabe o que o seu cocheiro viu um dia, ao espreitar através das cortinas?

— Basta! Não ouvirei mais nada! — explodiu Josephine. Lançou as mãos para cima como se para cobrir os ouvidos; afastou-se da cama e dirigiu-se para a porta.

— Fique! — gritou Jonathan. — Mãe, vai ficar *aqui*! — A ordem foi como o estalar de um chicote a que ninguém poderia desobedecer.

Starling encolheu-se, afastando-se da cama, procurando uma sombra amistosa na qual se esconder. Não havia nenhuma. *Isto pode quebrá-lo.*

Josephine voltou o rosto para o filho, mas desta vez não se aproximou da cama.

— Nega? — disse Jonathan. — Há muito que eu sabia que era mentirosa. Sempre soube. Mas nunca soube sobre o que mentia, até agora. E posso perdoar-lhe por isso… com certeza que sim. Uma tal malignidade… uma tal mancha pecaminosa sobre a nossa família, sobre

todas as minhas recordações, dá-me a volta ao estômago só de pensar nisso! Mas não foram os seus atos. Não nessa parte.

— Suplico-te para não ires mais longe com isto — sussurrou Josephine.

— É demasiado tarde para isso. Eu sei. Nega? — intimou ele. Em resposta, Josephine olhou para ele fixamente, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Inspirou longamente, com um estremecimento.

— Não deverias saber nunca acerca do teu avô! Durante a minha vida inteira preservei-te de *alguma vez* saberes! — O seu rosto estava distorcido pelo horror.

— Eu compreendo. Compreendo que procurasse… proteger-me. De uma tal vileza. Mas agora tenho de saber a verdade. Porque me tenho torturado a mim próprio, mãe. Compreende? Tenho-me torturado pela perda de Alice desde há doze longos anos, tentando pensar no que aconteceu para fazer com que me deixasse. Pensei até, em momentos mais sombrios… pensei até que a tinha matado! Quando regressei da Corunha, e a minha mente estava num caos… fiquei aqui estendido a pensar que era um assassino, e um louco, e, durante todo esse tempo, a mãe sabia! A mãe *sabia*!

— Ela era uma *abominação.* — Isto pareceu mais um rosnido do que uma frase articulada; grave e brutal, envenenado de ódio. O coração de Starling agitou-se ao ouvi-lo. — Quando ela veio a Box e perguntou pelo meu pai, soube imediatamente que ela fruto da ação dele. Mas quanto mais olhava para ela, mais pensava… — A voz sumiu-se-lhe e ela abanou a cabeça. — Eu soube. Soube quem ela era, então, embora pensasse que essa criança tinha sido enviada, após o nascimento, para algum sítio longínquo do Norte. Confrontei

o meu pai. Obriguei-o a dizer-me… Oh, Jonathan! Saber que ela ainda caminhava sobre a terra paralisou-me o próprio sangue! Ela era uma *abominação*!

— Ela era *inocente*! E vou saber a verdade, por ela e por mim, porque esta casa, toda a nossa fortuna, é minha, e se achar que me está a mentir, mais alguma vez, juro que a ponho na rua e acabará os seus dias como lavadeira, ou a mendigar nas sebes.

— Não o farias! Que *vergonha*!

— Não me resta mais vergonha, mãe; fico surpreendido por ouvir que ainda lhe resta alguma. Por isso, diga a verdade, agora, e permita que saibamos tudo. Eu sou filho do meu pai?

— Sim. És… perfeito. És a minha salvação…

— Alice era sua filha. Sua… e do meu avô. — A isto, Josephine apenas respondeu com mais silêncio, como se não conseguisse suportar dizê-lo.

As lágrimas rebentaram nos olhos de Jonathan e caíram-lhe pela face.

— Mas eu amava-a, mãe. Eu amava-a tanto. A mãe sabia disso.

— Ela não deveria existir! Eu era… eu era tão nova quando ela nasceu. Foi levada imediatamente; só olhar para ela me repugnava, ou ouvi-la chorar. Oh, quis afogá-la naquele preciso momento! Mas o meu pai disse-me que seria levada para ser adotada e nunca saberia nada sobre os pais. Disse-me isto, e eu acreditei nele, como uma idiota.

Depois, casei-me com o teu pai, e afastei-me dele, e… foi como acordar de um sonho mau. Foi como se a vida tivesse começado de novo, e toda a antiga tirania poderia ser esquecida. Mas o meu pai, ele… ele *manteve-a*; criou-a com conforto, e conservou-a bem perto de si. Ele *amava-a.* —

Ao dizer *amava-a*, os lábios de Josephine distenderam-se para diante; transformou a palavra num palavrão.

— Durante todos estes anos, não sabia que ela estava aqui tão perto? Em Bathampton? Não sabia que o Avô ia regularmente vê-la, e que me levou para a conhecer?

— Claro que não sabia! Nunca teria permitido que isso continuasse, nunca! E ele sabia-o… fui mantida na ignorância exatamente por essa razão. Mas quando ela… quando ela apareceu em Box, a perguntar por ti, e pelo seu *benfeitor*, Lorde Faukes… então, soube. Soube. A minha tia Margaret tinha aquele cabelo claro, esbranquiçado, mesmo igual ao dela.

— Josephine arregalou os olhos. — Olha para a miniatura que existe lá em baixo, na sala, e verás.

— O meu avô não estava em casa quando Alice lá foi. A mãe foi cruel para ela. Foi perversa.

— Ela pediu-me notícias tuas, do seu amado… foi como ela te chamou. *Ele é o meu amado, e este silêncio está para além do que consigo suportar.* Quando percebi o que o meu pai tinha feito… que ele te tinha deixado conhecê-la… que ele tinha deixado que aquela *criatura* se apaixonasse por ti… — Josephine interrompeu-se e colocou as mãos à altura do diafragma, cerrando firmemente os maxilares. Tinha o ar de quem poderia vomitar; escarrando aquelas verdades que tanto a revoltavam. — Não havia maneira mais rápida de me ver livre dela, e de garantir que ela renunciaria a ti, do que dizer-lhe. Metade da verdade, se

não mesmo toda.

— Mas porque não parou por aí? Ela escreveu-me a dizer que nunca se poderia casar, escreveu-me com o coração despedaçado. Por que razão isso não foi o ponto final? Porquê enviar Richard Weekes atrás dela, porquê matá-la? — As lágrimas corriam livremente pela face de Jonathan; ele parecia não dar por elas.

— Não pensei… não *pensei*, quando lhe contei. O teu avô ficou furioso comigo… porque, é claro, ela ir-te-ia contar. Ela ir-te-ia contar.

Não poderíamos permiti-lo. Eu queria mandá-la para longe, para muito longe. Queria reduzi-la a uma rameira de rua, onde ninguém lhe daria ouvidos!

— Ela era uma *inocente*! — A voz de Jonathan estava crua.

— Ela era uma *abominação*! Mas o teu avô…— Josephine abanou a cabeça, com incredulidade. — Ele amava-a demasiado. Que idiotas e demónios são os homens! Ele adorava-a, e não queria ouvir falar em advir-lhe algum mal. Mas garantiu que não te pudesse enviar cartas, enquanto pensava no que fazer em relação a ela. Mas deve ter percebido, imediatamente, que não havia solução. Nenhuma, a não ser a minha. E

pelas suas cartas, ficámos a saber o que Duncan Weekes lhe tinha contado — esse velho traiçoeiro e idiota. E ficámos a saber que ela te iria contar tudo na primeira oportunidade que tivesse.

— Então, mandou Richard Weekes destruí-la.

— E se não ficasse destruída voluntariamente, ele teria de a levar contra a sua vontade, levá-la para qualquer lado e manchá-la para sempre. Mas ele fez melhor do que isso, devasso como é. Fez melhor do que isso.

— *Ele fez melhor.* — Starling repetiu, como um eco, as palavras no silêncio que se seguiu, inicialmente sem ter a noção de que falara em voz alta. Jonathan e a mãe viraram-se para ela, abruptamente, como se ambos se tivessem esquecido de que ela estava presente.
— Até mesmo Dick Weekes queria agradar-lhe, no fim. Sabia disso? O que ele fez à Alice atormentou-o, e acho que não conseguiu perdoar-se. Esse era o tipo de pessoa que ela era. Bridget sempre costumava dizer que dois errados não fazem um certo, mas foi isso que aconteceu com Alice. A senhora e o Lorde Faukes são tão

errados, e Alice saiu tão certa. Deus deve ter tido piedade de um nascimento tão amaldiçoado e decidiu abençoá-la de todas as formas possíveis. Até Dick Weekes queria o seu coração, quando a matou — disse ela.

— Pouco me importa se ele a amava ou odiava. O que ele fez naquele dia foi a única coisa boa e útil que jamais fez — disse Josephine.

— Uma coisa boa? — sussurrou Jonathan. — Diz que ele fez uma coisa boa?

— Foi tudo pelo melhor! Jonathan, meu querido filho, que vida poderias ter tido com ela, sabendo que eram parentes tão chegados?

Sabendo que fossem quais fossem os sentimentos que tivesses, eram um pecado?

— Fossem quais fossem os meus sentimentos? Deixe-me dizer-lhe quais eram eles, mãe, embora sempre se tenha recusado a ouvir: *eu amava-a.* Amava-a como se fosse uma parte da minha própria alma. Ou talvez o seu todo… talvez ela fosse toda a minha alma, pois senti como se a tivesse levado com ela, quando desapareceu.

— Não deves dizer tais coisas, essas palavras escandalizam-me! Ela era uma *abominação*. Nunca deveria ter existido, e não fez nada melhor do que morrer!

— Poderíamos ter vivido com este conhecimento, doloroso como era! Poder-nos-íamos ter tratado por primos, e suprimido toda a ideia de paixão, e ficado contentes por saber que o outro estava a salvo. Mesmo agora, mesmo tendo visto a minha angústia durante todos estes anos, mesmo depois de eu ter transviado a minha mente a supor o seu destino, mesmo agora exulta com a sua morte? — Os olhos de Jonathan perfuraram os da mãe, mas Josephine nunca vacilou.

— Ela nunca deveria ter nascido. Morrer foi o que ela fez de melhor na vida.

— Então, não mais a verei. A abominação é a mãe, e o facto de não o conseguir ver é um sintoma da sua miséria. Vá-se para longe de mim.

— O que queres dizer? Jonathan, meu filho, eu…

— *Vá-se para longe de mim!* — O seu rugido cortou o ar como o estalar de um trovão. Um tremor apoderou-se de Josephine; cambaleou ligeiramente, erguendo um braço para se equilibrar. Depois, com o extremo cuidado de alguém à beira de um penhasco, virou-se e dirigiu-se para a porta.

— Voltaremos a falar — disse ela, mal se ouvindo, no limiar da porta. Depois saiu.

Durante muito tempo, Starling não ousou mexer-se ou fazer barulho. Nunca tinha visto tanta raiva. Ficou onde estava, num canto do quarto, encostada à parede, a sentir o sangue latejar-lhe nos ouvidos. Por

trás, ouviam-se os ruídos tranquilos do despertar da casa; portas a serem abertas ou fechadas, o raspar de um ferro na lareira. De fora, chegavam os gritos das gaivotas enquanto proclamavam os seus direitos sobre o lixo da cidade. As suas vozes eram sonoras e desoladas. Gradualmente, o ofegar do peito de Jonathan diminuiu; ficou mais calmo e sentou-se sob uma mortalha de uma tristeza tão grande, que era quase tangível. *Se Alice estivesse aqui, embalar-lhe-ia a cabeça no regaço, e afagar-lhe-ia o cabelo, e dir-lhe-ia ao ouvido coisas boas até o seu coração ficar menos aflito.* Mas Starling não se atreveu. Após uns dez minutos, Jonathan levou os dedos aos olhos e esfregou-os com força.

— Starling — disse ele, baixinho.

— Sim? — Ela sentiu-se subitamente embaraçada, com vergonha de tudo o que se passara entre eles desde que Alice tinha desaparecido.

Jonathan fitou-a com olhos avermelhados.

— Sinto como se a minha cabeça fosse explodir — murmurou ele.

— Está ferido — disse ela.

— Sim. Mas não é isso. Poderás… — Fez uma pausa, e por um instante pareceu quase tão envergonhado quanto ela. — Se lhe mandares dizer que é meu desejo, achas que Rachel Weekes viria ver-me?

— Tenho a certeza que sim — retorquiu Starling.

Não houve resposta ao seu toque na porta da frente da casa dos Alleyn, pelo que Rachel entrou pela porta de serviço, decidida e confiante, e fez toda a travessia pelas escadas das traseiras até ao segundo andar. Sentia-se como uma ladra, uma transgressora a intrometer-se no que não lhe pertencia, mas agarrava firmemente na mão a mensagem de Starling.

Transportava-a como um talismã que emanasse esperança e coragem.

Quando penetrou pela porta no painel para o patamar, ficou paralisada. A Sra. Alleyn estava diante da janela nua ao fundo do corredor, imóvel como uma estatueta, de costas para Rachel e o rosto virado para o vidro negro. Deve ter ouvido Rachel aproximar-se, mas não deu qualquer mostra disso, e a exclamação de surpresa de Rachel morreu-lhe nos lábios. Ainda estava suficientemente escuro lá fora para que Josephine não tivesse conseguido ter visto mais do que o seu próprio reflexo, a devolver-lhe o olhar. Rachel viu o fantasma de si mesma ecoar no vidro.

A minha própria imagem, pensou ela, com tristeza, *nada mais*.

Subitamente, sentiu o coração no estômago. A mãe de Jonathan perfilava-se excessivamente imóvel, estava excessivamente remota. *Terá ele morrido afinal?*

— Sra. Alleyn! — gritou ela, antes de poder impedir-se. Josephine virou-se lentamente. O seu rosto estava vazio de expressão; não parecia surpreendida por ver Rachel, e não lhe disse nada. Após este instante de frio exame, virou-se novamente de costas. Rachel aproximou-se alguns passos e parou precisamente do lado de fora dos aposentos de Jonathan.

— O seu filho pediu para vir, Sra. Alleyn — disse ela. — Ele está lá dentro? Sra. Alleyn?

— Se ele a mandou chamar, vá ter com ele e deixe-me em paz. — A voz de Josephine era fria e crua como um vento invernal. Com um arrepio, Rachel bateu à porta de Jonathan e entrou de imediato por ela.

As portadas dos aposentos de Jonathan estavam fechadas, a lareira ardia alegremente e todas as paredes estavam iluminadas por velas.

Rachel ficou temporariamente confundida pela abundância de luz e calor onde antes apenas houvera escuridão e um frio empedernido. Havia um cheiro a cera de abelhas, fumo e vinho aromático.

— Starling? És tu? Ainda não há notícias? — A voz de Jonathan vinha do quarto de dormir. Rachel tentou responder-lhe, mas a alegria roubou-lhe as palavras. Foi em silêncio até à entrada, de onde o viu, sentado na cama com uma camisa branca amarrotada e um braço ligado e com uma tala. Tinha um corte na testa, cosido, que se alongava entre hematomas. Ele ergueu os olhos e viu-a, e durante muito tempo não disse nada. Inspirou com lentidão, e os olhos cintilaram-lhe.

— Sra. Weekes — disse ele, por fim. — Veio.

— Poderia duvidar que viesse? — disse ela.

— Da última vez que a vi estava a fugir de mim.

— Eu… estava perturbada. Com tudo o que me tinha dito… a minha irmã, e Alice. Pensei… pensei…

— Eu sei o que pensou.

— E sabe o que eu agora sei?

— Sim. Starling contou-me tudo.

— Então os dois estão reconciliados, fico contente. — Rachel engoliu dolorosamente.

— Reconciliados? Suponho que estamos. Ambos deveríamos ter estado unidos em tudo isto, ao longo de todos estes anos. Foi tudo enganos e suspeitas; tudo mentiras e silêncio, o que ergueu uma barreira entre nós. Mas, para Alice, ela era uma irmã. Talvez para mim devesse ter sido o mesmo. Na minha própria dor e perturbação, nunca considerei o empenho de Starling, mas ela precisava da minha proteção. Foi errado

da minha parte. Fui egoísta.

— Em tempo de provações, omissões como essa podem ser perdoadas. Sei que ela lhe perdoará. Que o Jonathan tenha amado Alice, e que nunca lhe tenha feito mal, será suficiente para ela.

— E para si, Sra. Weekes? Consegue perdoar?

— Não tenho nada por que lhe perdoar. Acusei-o erradamente, pu-lo em perigo, e fui a causa dos seus ferimentos. Deveria ser eu a pedir-lhe para me perdoar.

— Mas eu sou um assassino. Nesse ponto, estava certa. — A voz de Jonathan era sombria, enojada. Rachel aproximou-se mais da cabeceira da cama, e ele não tirou os olhos de cima dela.

— Como está? A ferida na cabeça parece bastante… má — disse ela. Jonathan fez uma careta.

— Não é grave. Deveria estar ainda com ligaduras, mas o calor e a pressão que faziam era demasiado, e rasguei-as. Na verdade, a minha cabeça lateja como se alguém estivesse a martelar dentro dela.

— Devo sair e deixá-lo repousar. Durma, e ponha-se bom.

— Vê-la faz-me bem — disse Jonathan. — Não se vá, ainda. —

Rachel sorriu, mas depois o sorriso desvaneceu-se-lhe.

— Foi o meu marido. Todo este tempo, foi ele que matou a sua Alice — disse Rachel. Jonathan baixou os olhos para as mãos.

— Eu sei. Mas não foi o único. Eu… o coração dela. Sabia que Alice não conseguia ver as cores? Pelo menos, não todas as cores. Ela tentava esconder-me isso, mas eu sabia. Como se fosse uma imperfeição que poderia ter feito com que pensasse menos nela. Era cega em relação às cores, e tinha um coração fraco. Frequentemente, enfraquecia ao ponto de desmaiar quando ficava sobreexcitada, ou chocada com qualquer coisa. Starling disse… Starling disse que foi isso que a matou, afinal de contas. Dick Weekes apenas lhe bateu, e o coração não conseguiu lidar com o medo. — A raiva fez-lhe estremecer a voz.

— Sim. Ela diz que o Sr. Weekes afirmou não ter tido intenção de lhe tirar a vida.

— Porém, foi isso que aconteceu, mas ele não é o único a quem apontar a culpa. Viu os livros que tenho nas estantes, Sra. Weekes. Disse-lhe uma vez que estudei medicina, e anatomia, com o objetivo de…

compreender como funcionam os seres humanos. O que nos move, onde reside a alma, e se ela se pode perder.

— Sim, eu lembro-me.

— Li que nas uniões em que as pessoas são… parentes excessivamente próximos, os seus descendentes muitas vezes morrem antes do nascimento, ou nascem fracos, e imperfeitos. E morrem jovens.

É a mesma coisa com o acasalamento dos animais. Devem guardar-se livros de registo, para garantir que se verifique esta consanguinidade. —

Interrompeu-se, sacudindo a cabeça.

— Quer dizer que… que a compleição de Alice era o resultado da sua… origem pouco comum?

— Tal como eu lhe disse um dia, Sra. Weekes, Somos meramente animais, afinal, sujeitos às mesmas regras que governam todas as criaturas de Deus.

— Então sabe qual a relação entre o seu avô… e Alice. — Ela fitou-o, perscrutando-o. Ele levantou os olhos, de rosto contraído.

— A dele e a da minha mãe. E por isso também a minha. Starling contou-me tudo. — As sobrancelhas uniram-se-lhe, com crispação.

— *Tudo?* Isso não foi nada gentil da parte dela! — bradou Rachel.

— Não havia necessidade de ter…

— Sim, havia necessidade. É melhor que eu saiba — interrompeu Jonathan.

— O que vai fazer? — sussurrou Rachel.

— Fazer? Acerca deste crime contra Alice? Não vejo que possa fazer muita coisa. Starling diz que o único que poderia ter declarado qual a parte da minha mãe em tudo isto está morto. Afogado no rio.

Ele hesitou, então, parecendo lembrar-se de que era do marido de Rachel que ele falava de forma tão indiferente.

— Desculpe a minha insensibilidade — disse ele.

— Não há nada para desculpar. Ele está morto. Eu… vi-o com os meus próprios olhos.

— Lamento muito, Sra. Weekes — disse Jonathan, cautelosamente.

Rachel pensou por um instante.

— Eu… eu não lamento — confessou ela, em voz baixa. *Fui posta em liberdade.*

— O pai dele, Duncan Weekes, poderia falar contra a minha mãe, se eu lho pedisse. Se lhe fosse instaurado um processo. Ele sabe coisas acerca da… minha família… que mais ninguém sabia até há muito poucos dias. A senhora e ele ficaram bastante chegados, não é verdade?

Acha que ele poderia… — Jonathan franziu o cenho. — Mas, por outro lado, quem acreditaria na sua palavra, pobre e bêbedo como é, contra a

da minha mãe?

— Duncan Weekes jaz ao lado do filho. A doença e a pobreza levaram-no. — Enquanto Rachel falava, lágrimas de culpa toldaram-lhe a visão.

— E por ele a senhora chora. Pobre criatura — murmurou Jonathan.

— Era bom homem, por baixo das suas fraquezas e pecados. Pobre criatura, realmente.

— Então — disse Jonathan, fazendo uma pausa para pensar. —

Então, não há nada que possa ser feito. Não verei mais a minha mãe. Isso terá de ser punição que chegue para ela.

— Ela está à espera, lá fora. Assombra a sua porta como uma sentinela.

— Não a verei.

— O que ela fez… o que ela fez, fê-lo para o proteger.

— E para se proteger a ela. Para esconder os seus pecados. Não pode pedir-me para lhe perdoar.

— Não peço nada. Apenas digo… apenas digo que ter família é uma bênção, e uma bênção que não deve ser desprezada sem ponderação.

— Uma bênção confusa, na melhor das hipóteses, Sra. Weekes. E

hoje a minha parece-se mais com uma maldição. A senhora tem uma índole profundamente inclinada ao perdão, Sra. Weekes, isso tenho vindo a aprender. Mas não deveria perdoar indiscriminadamente. As pessoas devem pagar pelos seus crimes.

— Assim é, na verdade. — Rachel estudou-o por um momento. —

Já pagou pelos seus, Sr. Alleyn. Conheci Cassandra Sutton.

Jonathan cerrou os olhos por um instante, parecendo doente.

— Starling… Starling disse-me isso mesmo — disse ele. — Mas a senhora não me pode perdoar. A senhora não sabe o que eu fiz.

— Sei o resultado! Uma criança, viva, saudável…

— A filha de uma mulher assassinada! Uma criança privada da mãe.

— Cassandra Sutton tem uma mãe e um pai. Não… tem de escutar.

Ela tem uma mãe e um pai que a amam muito. É inteligente, doce, bem tratada. Não foi privada de *nada*. A sua felicidade atual é toda ela obra sua, e deveria estar orgulhoso.

— *Orgulhoso?* — Jonathan riu-se então, produzindo um som tenso e vazio. — Não há nada desse tempo, do tempo da guerra, de que me

possa orgulhar.

— Sei como foi resgatar Cassandra. O Capitão Sutton disse…

— O Capitão Sutton não sabe. O Capitão Sutton não estava lá, naquela igreja. O que se passou foi entre a mãe da criança e eu. E não pode perdoar-me, porque *não pode* saber.

— Então… conte-me, Sr. Alleyn. Conte-me. — Jonathan fitou-a, e por algum tempo ela pensou que ele não iria falar. *Tem de o fazer. É a única maneira.* Subitamente, ela percebeu que este era o último degrau de uma longa e esgotante subida; que ao subir este último degrau, dali em diante o caminho tornar-se-ia mais fácil. *Que assim seja.* Sentou-se na cadeira que havia à cabeceira e inclinou-se para a frente, procurando-lhe a mão. — Tem de me contar tudo sobre Badajoz — disse ela.

— Badajoz. — O ar fluiu do peito de Jonathan, saindo dele como uma rendição. Cerrou os olhos novamente, e depois falou. Falou dos três anos de guerra depois de ter regressado de Bathampton, de coração pesado por Alice se ter ido embora. Três anos em que viveu mecanicamente, e combateu silenciosa e sombriamente distraído. Após a fuga da Corunha, os Franceses tinham retrocedido em massa para reconquistar Portugal, mas, em abril de 1809, *Sir* Arthur Wellesley regressou a Lisboa para assumir o comando, e os Franceses foram empurrados uma vez mais para a fronteira espanhola. Jonathan e os oficiais seus camaradas lutavam para manter a ordem nas fileiras; os homens estavam inquietos, e desobedeciam.

Depois da batalha, tornavam-se rufiões cruéis. Jonathan deu-se conta da expressão vazia dos seus olhos e sabia que também ele a tinha, a mesma brutalidade. Wellesley chamava escumalha e ralé aos homens.

Enforcava-os por pilharem, mas não conseguiu nada. Jonathan era popular entre os graduados e as fileiras da sua companhia; compreendia a raiva e o medo deles, a forma como se estavam a perder. Não os repreendia por agirem como animais, pois a guerra requeria que eles fossem animais.

E, contudo, o seu coração olhava e recuava de horror perante o derramamento de sangue, a dor e a destruição deliberada. Em Talavera, depois de terem perseguido os Franceses até ao interior de Espanha, através da paisagem queimada e destruída, estava com a brigada de cavalaria ligeira, que carregava impetuosamente sobre um canal oculto.

Foi catapultado do cavalo, quando este caiu, e ouviu um ruído seco de esmagamento quando as duas pernas dianteiras do animal estalaram. Não

tinha dado nome ao animal — não tinha dado nome a nenhum dos seus cavalos desde *Suleiman* — mas ainda assim os seus brados continuaram a trespassar a névoa da batalha como facas. Não pestanejou quando colocou a sua pistola na cabeça do cavalo e puxou o gatilho. O número de Britânicos e Portugueses era inferior, numa proporção de quase dois para um, em Talavera, mas venceram no que seria proclamado como uma vitória gloriosa, em casa, na lateral dos coches da mala-posta. O

campo de batalha tinha uma frente de quase sete quilómetros e uma profundidade de três. Para o final, deflagrou um incêndio que, descontrolado, varreu o solo ressequido e queimou muitos dos caídos que estavam ainda vivos. Grandes quantidades dos que não morreram queimados, morreram à sede, sob o impiedoso sol dos Espanhóis.

Jonathan correu os campos de cadáveres de boca entreaberta e língua negra, à procura do Capitão Sutton, que tombara sem sentidos, atingido por uma massa de terra que o fogo de artilharia fizera explodir. Jonathan arrastou-o para a sombra de um sobreiro, e sentou-se ao seu lado até ele recuperar a consciência. Um atirador francês ferido arrastou-se também para compartilhar a sombra; dividiu de igual modo a sua água e o seu tabaco com Jonathan, e fez observações acerca do calor e da procura de comida, enquanto se sentavam com os olhos a arderem devido ao fumo dos seus companheiros em chamas.

Após essa grande batalha, Wellesley foi feito Lorde Wellington. As tropas francesas chegavam a França em quantidades sempre crescentes, mas a guerrilha espanhola e a resistência portuguesa estavam por toda a parte, cortando a garganta de sentinelas e atormentando movimentos de tropas de menor dimensão. A vantagem balançou de um lado para o outro; um fluir e um refluir de homens a atravessar a fronteira espanhola como o mar em volta da marca média da maré. Pelo final do ano, os homens tinham mais medo da refeição seguinte do que da batalha. Os saques e as pilhagens continuaram, tal como os enforcamentos. À

medida que o outono chegava ao fim, a fome cercou-os como gralhas negras. Jonathan fez novos furos no cinto com a ponta do sabre quando ele deixou de ficar apertado em volta da sua cintura cada vez mais minguada. Os dois lados em guerra enviavam grupos de pilhagem à procura de comida. Estes homens encontravam-se com frequência, e cumprimentavam-se mutuamente de forma cortês, partilhando pistas e conhecimentos sobre o terreno, sobre abastecimento de água e plantas comestíveis. Jonathan perguntava-se sobre o que aconteceria se todos

eles, de ambos os lados, resolvessem declarar a paz e se recusassem a combater mais. A ideia era tão agridoce que o Capitão Sutton encontrou-o, um dia, a chorar como uma criança, sentado de pernas cruzadas no chão lamacento da chuva outonal, que o ensopava.

— Ponha-se alerta, Major Alleyn — disse o capitão, simpaticamente. — Está tão ensopado que os homens poderão pensar que está a chorar. Não lhes faria bem pensar isso. — Pôs um braço à volta das ancas ossudas de Jonathan e quase o carregou para fora da vista dos soldados, que estavam a festejar — dançando ao som do violino e da gaita com uma espécie de leveza desesperada. Era dez de outubro de 1810; o dia do aniversário do Rei George III, no quinto ano do seu reinado. Tinham esquartejado um burro a que os Franceses em retirada tinham cortado o jarrete e deixado a morrer. Jonathan comeu a carne assada sozinho, na sua tenda, e pensou em Alice, e em *Suleiman*.

Na batalha de Fuentes de Oñoro, na primavera do ano seguinte, teve de ser estabelecida uma trégua ao final do dia para que ambos os lados pudessem retirar os corpos da aldeia destruída. Havia tantos que era quase impossível passar pelas ruas estreitas. Jonathan pisou sem querer uma mão perdida, olhou para baixo e viu que era pequena, do tamanho da mão de uma mulher ou de uma criança. O braço a que ela pertencia, e o resto do corpo, estava enterrado por baixo de outros, na quinta ou sexta camada, pelo que nunca teve de ver a quem pertencia aquela mão — com os delicados ossos dos dedos que esmagara sob o tacão da sua bota.

Avançaram para Badajoz, uma cidade fortificada, estrategicamente localizada junto da fronteira portuguesa. Traída pelo seu próprio governador, Badajoz tinha caído em mãos francesas, e fora pesadamente guarnecida. Os aliados montaram cerco, entrincheirando-se à medida que o inverno se aproximava. Caía uma chuva pesada e impiedosa. Jonathan tinha visto soldados feridos morrerem queimados depois da batalha, agora via-os afogarem-se na terra alagada e pantanosa. Os homens, duros e experientes, ficaram cada vez mais ociosos e inquietos ao longo desse inverno de 1811. Ocupavam-se a caçar escorpiões, a fazer lutas de galos e corridas de cavalos; a apanhar pulgas das roupas, da cama e do cabelo; com prostitutas, lutas e em caçar por diversão; com ver os amigos adoecerem e morrerem de feridas infetadas e surtos de uma enfermidade epidémica.

Jonathan foi-se abaixo com um acesso de febre, e ficou deitado, apático e a suar, na sua tenda, durante cinco dias. O Capitão Sutton

visitava-o muitas vezes, humedecia-lhe os lábios com vinho, e tentava animá-lo com histórias engraçadas sobre as tolices dos homens, mas Jonathan não conseguia esboçar um sorriso. Via a luxúria da violência nas suas brincadeiras, jogos e disputas, recolhida no interior de cada uma delas como uma loucura; como as brasas que podem inflamar-se num segundo, e consumir a derradeira humanidade do Homem. Eram estes os homens que tinham sido investidos da missão de reconquistar Badajoz no dia doze de março de 1812. Estes homens tornados brutais pelo medo e a dor, a fome e a violência; tornados valentes e ferozes pelo seu próprio sofrimento, e meio loucos por tudo o que tinham visto. Jonathan fitou-os à medida que se aproximavam da cidade, e temeu-os. O Lorde Wellington poderia ver uma multidão de gentalha, mas ele via uma alcateia de lobos, capazes de se virarem uns contra os outros, contra os seus oficiais, contra ele. O Capitão Sutton manteve-se perto dele enquanto o cerco era montado e o fogo de barragem começava. Jonathan sentiu os olhos do amigo sobre ele, calculando. Perguntou a si mesmo que loucura via o capitão nele; se via o medo e a tristeza e ânsia de se esconder de tudo aquilo, ou se via o impulso para matar e destruir, para dar livre expressão à sua fúria sobre tudo o que estava à sua volta. Havia nele as duas coisas, e quando imaginava o rosto de Alice, isso alimentava-lhe ambos os lados por igual — a capitulação e a fúria.

A barragem de artilharia conseguiu fazer três estreitas brechas nas muralhas da cidade. Os Franceses esperavam dentro delas aos milhares; qualquer tentativa de entrar pelas brechas resultaria numa carnificina.

Wellington conseguia ver isso mesmo; Jonathan conseguia ver isso mesmo; o mais inferior dos soldados de infantaria conseguia ver isso mesmo. Apesar disso, a ordem foi dada para começar o ataque às dez da noite, a coberto da escuridão e com os Franceses desprevenidos. Mas algum barulho foi ouvido; alguma inadvertida e

involuntária informação os traiu. Os Franceses pegaram fogo ao corpo de um soldado britânico e arremessaram-no das ameias para iluminar os homens que avançavam, e, assim, de forma muito fácil, o elemento surpresa perdeu-se. Os Britânicos carregaram, em direção a uma série de armadilhas que os Franceses tinham instalado. Foram feitos explodir por minas, afogados em canais inundados. Ficaram empalados em espigões de ferro, e em barreiras improvisadas com lâminas de espadas; a força dos homens que vinham atrás garantiu a morte da vanguarda. Aqueles que alcançavam as brechas eram chacinados às centenas, e durante todo o tempo, os

Franceses, lá dentro, atiravam insultos e chufas, espicaçando-os, e rindo-se.

— *Não podem rir-se de nós!* — vociferou Jonathan quando chegou suficientemente perto das muralhas para os ouvir. Erguia-se sobre os corpos dos caídos; salpicado com o sangue que espirrava, e encharcado em suor. Sabia que a besta que existia dentro de todos eles estava desperta, e que o riso dos inimigos corria como fogo por dentro das suas veias; um frenesim vermelho que os transformava em qualquer coisa, ao mesmo tempo mais e menos do que homens. Isso manteve vivo o ataque; isso invadiu as muralhas e forçou a entrada na cidade; isso abriu as brechas à investida dos homens; e, após duas horas, nas quais quase cinco mil dos aliados sitiantes foram chacinados, isso selou o destino da cidade de Badajoz.

Os lobos foram libertos, e nada os conseguiria refrear. Eles eram o resultado da soma de tudo o que tinham visto e sofrido, de tudo o que lhes tinham feito fazer e suportar. Constituíam uma visão da humanidade despida de qualquer decência e piedade, e estavam infernalmente inclinados à vingança. As mulheres eram violadas e, depois, violadas de novo. As crianças, mesmo as crianças de colo, eram pontapeadas de um lado para o outro por desporto, trespassadas por baionetas. Os homens eram torturados, mortos, feitos em pedaços, fossem eles invasores franceses ou residentes espanhóis. Os homens roubavam, profanavam, destruíam e

pilhavam; viravam-se uns contra os outros e lutavam até à morte por despojos tão triviais como um pedaço de comida ou uma garrafa de vinho. Pelo direito de violar uma mulher antes de ela morrer, ou depois. Os oficiais que os comandavam não podiam esperar controlá-

los. Os oficiais não se atreviam a tentar, com medo de serem eles próprios feitos em pedaços; os homens estavam cegamente embriagados pelo *brandy*, o vinho e o sangue.

Nas primeiras doze horas, ou coisa que o valha, Jonathan vagueou por entre tudo aquilo sem ver nada. Encontrou uma adega escura, completamente vazia; estendeu-se no chão de terra e dormiu um pouco.

Sentia-se como se não fosse dono do seu próprio corpo; sentia-se como um fantasma, flutuando invisível por entre tudo. Apenas quando acordou e se levantou, se deu conta de uma dor na perna, e da forma como ela não aguentava o seu peso. Olhou e descobriu um pedaço de madeira que lhe atravessava a barriga da perna. À saída, o ferimento era um caos de sangue negro coagulado e estilhaços cinzentos de osso. A visão não lhe

causou qualquer emoção. Saiu aos tombos para a transgressão que grassava nas ruas. O dia amanhecera muito nublado, mas a luz não trouxe nenhuma trégua à degradação de Badajoz. Os homens vagueavam em grupos, sem comando. Jonathan não falou a nenhum, nem interferiu nas coisas que viu. Não se atreveu, uma vez que interferir era ver, era interiorizar; e ver era correr o risco de se perder para sempre.

Mas o Capitão Sutton deu com ele e levou-o até um grupo de cinco homens, o escasso remanescente da sua companhia, que se tinham congregado para se defenderem das pilhagens.

— Graças a Deus que está vivo, major! Receei o pior. Se alguém pode restaurar alguma ordem aqui é o senhor, meu major. — O Capitão Sutton fez uma tala na perna despedaçada de Jonathan,

rasgando tiras do seu próprio uniforme para a ligar. — Mas primeiro tenho de o levar aos cirurgiões. Venha — disse ele.

— Não! — gritou Jonathan. Lembrava-se dos cirurgiões: o fedor a rum, a bílis e a vísceras abertas; os membros decepados que se amontoavam do lado de fora de um convento de Talavera, onde eles tinham instalado as suas mesas. Enormes traças negras voavam em redor das lanternas de campanha. A dor na perna vinha agora por ondas, uma pontada ascendente de sofrimento, mas ele não se iria submeter aos cirurgiões. — Não! Eu consigo aguentar. Eu consigo andar. Ponhamos um ponto final nesta loucura.

— Tem a certeza, meu major? — Sutton não estava convencido, mas Jonathan manteve-se firme, utilizando um mosquete abandonado como muleta.

Falar fizera Jonathan regressar a si próprio, embora com relutância.

A náusea borbulhava-lhe nas entranhas à medida que se moviam cautelosamente através das ruínas da cidade; o fumo de uma centena de diferentes incêndios voluteava em redor deles. Puseram fim a brigas e deram ordens que por vezes foram obedecidas, mas mais frequentemente ignoradas. Apressaram o fim a soldados e cidadãos que tinham sido deixados, deliberadamente, numa agonia medonha, sem esperança de sobreviverem. Puxaram um homem de dentro de um barril de *brandy*, para verificarem afinal que se tinha afogado nele, e era inútil repreendê-

lo. Dispararam as suas armas para dispersarem um grupo de homens a disputarem como pegas um tesouro em talha dourada retirado de uma igreja saqueada. E, à medida que as horas passavam, o coração de Jonathan ficava cada vez mais enojado com tudo aquilo. Sabia, com

inteira certeza, que nem um único homem de entre eles se voltaria a sentir integralmente dono da sua alma. Tinham de perder uma parte dela, ou arriscar que a corrupção se espalhasse por todos os

cantos. Em muitíssimos casos, era claro que isto já tinha acontecido.

Foram os gritos da mulher que os atraíram. Quando eram violadas, muitas mulheres choravam ruidosamente, ou rezavam, ou ficavam mudas ou perdiam os sentidos. Esta mulher gritava com tal fúria e ultraje que Jonathan se esquivou e se afastou. Não queria testemunhar a causa daqueles sons. De rostos sombrios, o seu pequeno grupo de homens precipitou-se em direção à igreja, do interior da qual a voz ecoava. Ela estava ao fundo da nave, perto do estrado onde o altar fora colocado. Era uma pequena igreja com uma bonita rosácea na parede, com o vidro miraculosamente intacto, iluminando a cena de tormento que se desenrolava em baixo em tons de azul e dourado. Um grupo de cerca de dez soldados britânicos rodeava-a e, ao que parecia, estava com ela havia já algum tempo. Ela fora despojada das roupas, e debatia-se para se erguer, apesar de o seu baixo-ventre estar inundado de sangue. De cada vez que se conseguia pôr de joelhos, era obrigada a deitar-se de novo, a pontapé e, quando Jonathan se aproximou, um homem subiu-lhe para cima, e recomeçou o seu trabalho. Ela gritava estridentemente, com uma raiva feroz, e Jonathan sentiu os pelos dos braços eriçarem-se.

— *Basta!* — bradou ele. Apontou a pistola ao homem com as calças em baixo. — Tu aí, vais acabar com isso. É uma ordem!

Por um momento de surpresa, os homens viraram-se todos para o olharem e ficaram em silêncio; e o coração de Jonathan, que batia tão desenfreadamente que ele não conseguia sentir a diferença entre os batimentos, estava cheio de esperança de que eles lhe obedecessem. Mas, então, aquele que parecia ser o líder, um homem grande com cabelo cortado à escovinha e um rosto mordido pelas bexigas, rosnou.

— Pode beijar-me as nalgas, *meu major*. Pagámos com o nosso sangue e agora vamos ter a nossa diversão. — Por trás dele, o rosto da mulher, que por um instante espelhara a esperança de Jonathan, foi de novo amarfanhado pelo desespero.

— Ordeno-te que a deixes em paz — disse Jonathan, mas a mão que segurava a pistola começara a tremer, e apesar de o Capitão Sutton e o seu pequeno grupo de homens leais estarem ao seu lado, sentiu que os farrapos da sua autoridade se evaporavam. Disparou uma bala para o cabecilha, mas a sua pontaria foi má; feriu-o no ombro, e não o abateu.

E, depois, os dois grupos caíram em cima um do outro como inimigos jurados e não como camaradas de armas que tinham sido até tão recentemente. Jonathan e o Capitão Sutton estavam em minoria, mas os soldados do pequeno grupo lutavam com a razão do lado deles, e, por uma vez, isso pareceu contar para alguma coisa. Apesar disso, a maior parte dos salvadores da mulher caíram às mãos dos seus algozes antes de tudo ter terminado. Um deles, um rapaz com não mais de dezassete anos, foi enxotado ao longo da nave com o seu inimigo a correr atrás dele, levando uma faca de caça bem agarrada na mão. Alguns momentos depois, o Capitão Sutton foi pelo mesmo caminho, perseguindo dois outros que tinham fugido diante dele. Jonathan foi deixado sozinho a lutar corpo a corpo com o cabecilha, o homem contra quem ele tinha disparado.

Lutaram desajeitadamente, agarrando-se mutuamente, a perna ferida de Jonathan compensada pelo ferimento de bala do outro homem, que salpicava sangue em cima de ambos. O seu oponente era maior e mais forte, mas também estava bêbedo, e a compleição esguia de Jonathan disfarçava a rijeza metálica dos seus músculos. O cabecilha pôs-lhe as mãos à volta do pescoço e ter-lhe-ia esmagado a traqueia se Jonathan não tivesse escavado, com o polegar, o buraco da bala que ele tinha no ombro, empurrando-o até encontrar o sítio onde a bala se tinha alojado, contra o osso, ainda a escaldar. O homem rugiu e arremessou-o para longe, tão violentamente que Jonathan cambaleou e caiu de joelhos.

Diante dele estava o mosquete de um outro homem, gasto, a baioneta manchada de sangue. Ao erguer-se, Jonathan agarrou-o pelo cano e rodopiou sobre si, dando o maior balanço que conseguiu. A coronha apanhou a cabeça do homem mordido pelas

bexigas, de lado, com uma pancada seca que produziu o ruído de algo a estilhaçar-se; caiu como um saco vazio, e não se mexeu. O súbito silêncio atroou nos ouvidos de Jonathan. Sentiu como se o sangue lhe fervesse nas veias, envenenado.

Ao virar-se para se ir embora, um ruído de arrastar atrás de si fez com que, com um sobressalto, ficasse pronto para entrar em ação outra vez.

De mãos bem fechadas sobre a arma, girou em volta, arremessando a baioneta cegamente para diante. Sentiu que ela encontrava resistência; sentiu essa parte resistente em volta do aço aguçado. Depois, desceu os olhos sobre o rosto da mulher espanhola e soube que se transformara num assassino.

Ela fez um estranho som de engolir, como se tentasse ingerir o ar

em vez de o respirar. Jonathan ajoelhou-se e tentou mantê-la direita quando ela mergulhou para diante, para impedir que ela se enterrasse mais fundo contra a lâmina. Não se atreveu a retirar-lha; vira fazerem-no vezes sem conta, e conhecia o jorro de sangue e a rápida morte que isso traria. No seu horror e vergonha, tentou desesperadamente pensar numa forma de a salvar, uma forma de desfazer o que fizera, quando sabia que não havia nenhuma. Virou-a de costas, com todo o cuidado, e ajoelhou-se com os braços à volta dela, embalando-lhe o corpo nu. Havia sangue nos seus seios; contusões no pescoço. Tinha um rosto comprido e ossudo, mas a sua boca era bela, sensual e cheia. Tentou falar, mas não conseguiu. Tentou engolir mais ar, fitando-o com tal intensidade que ele percebeu que procurava desesperadamente dizer-lhe alguma coisa.

— Lamento — murmurou ele, com ar desgraçado, repetidamente.

— *Lo siento, lo siento…* perdoe-me, suplico-lhe. — Embalou-a suavemente, mas isso fê-la gemer com dores, pelo que parou. Ela continuava a dirigir-lhe aquele olhar que o trespassava, de olhos negros a brilhar como joias à luz do vitral. Ergueu uma mão e

estendeu-a em direção aos bancos de madeira que ladeavam a nave; os dedos tentavam alcançar o nada. As suas mãos eram esguias e elegantes; tinha sangue debaixo das unhas, e o cheiro do seu suor e da sua pele internavam-se pelas narinas de Jonathan. Nesse momento, a única coisa de que ele tinha noção, em toda a existência, era da mulher a morrer nos seus braços. Ela voltou o rosto para a sua mão estendida, formando na garganta um som demasiado débil para serem palavras. Depois voltou a erguer os olhos para Jonathan, por um momento, e ele olhava-a nos olhos no preciso instante em que a vida a deixou. Uma pequeníssima mudança cataclísmica; tão simples e irreversível como a passagem do tempo.

O braço estendido caiu, a cabeça pendeu-lhe para o lado e Jonathan sentiu que estava a passar pelo momento pior, mais negro, da sua vida. E

quando seguiu o olhar e o gesto dela na direção dos bancos, e descobriu o seu bebé ali escondido, compreendeu a razão por que ela sangrara tanto, e a razão por que ficara tão afrontada pela ideia da sua própria morte. A criança não tinha mais de uns dias, pequenina e sem noção, embrulhada numa manta imunda; estava ilesa, intocada. Tinha os olhos fechados, orlados por pestanas negras; um rosto tranquilo por baixo de uma massa de cabelo escuro. A mulher recusara-se a aceitar o seu destino por amor desta criança, mas Jonathan tinha-a privado de tudo.

Ele ergueu o bebé nos braços e correu um dedo sujo suavemente pela sua

face. A sua pele era tão macia que ele não conseguiria dizer se estava ou não a tocar-lhe. Soube imediatamente que qualquer hipótese de se salvar a si próprio estava na salvação daquela pequena vida, pura e miraculosa entre toda a corrupção.

Nem a Sra. Weekes, nem Jonathan pareceram dar conta de que Starling tinha regressado ao quarto. Trouxera consigo um jarro de vinho aquecido, no qual uma laranja assada boiava, e perfilava-se

silenciosamente na passagem entre as duas divisões, de onde ouviu a última parte da narrativa de Jonathan e toda a angústia com que a relatou.

A Sra. Weekes ergueu-lhe a mão quando ele se calou; segurou-a de encontro à sua face, e o gesto impressionou Starling violentamente.

Rachel Weekes parecia-se tanto com Alice naquele momento, com o rosto curvado e o cabelo claro a brilhar, que isso lhe provocou uma sensação dolorosa. *É porque ela o ama. É isso que a torna parecida com Alice*. Com a compreensão disto, surgiu um fogacho de ciúme, que durou apenas um instante e foi seguido por um estranho vazio, como de perda.

— Ela perdoar-lhe-ia. Tem de ver isso — disse a Sra. Weekes.

— Perdoaria? Acho que não. Ela queria tanto viver, pela sua filha.

Estava *determinada* a viver, e sobreviveu ao tratamento brutal que lhe foi dado para vir a morrer às minhas mãos — disse Jonathan.

— Ela queria que a sua *filha* vivesse. Isso era o que ela queria mais do que qualquer outra coisa. A batalha não tinha nada a ver com ela, mas aquela mulher deu à luz o seu bebé no meio daquilo tudo, e, de algum modo, manteve-o a salvo até àquele momento. E o senhor fez o que ela queria… manteve Cassandra a salvo. Creio que ela o perdoaria. — Os dois fitaram-se mutuamente por um momento, e Starling viu que Jonathan mal se atrevia a acreditar.

— A Sra. Weekes tem razão, o que aconteceu foi um acidente. Não a violou, quis salvá-la… e salvou o bebé. Isto não foi crime nenhum —

disse Starling, e de imediato sentiu que se intrometera num momento de intimidade entre eles. Inteiriçou-se e um rubor subiu-lhe à face.

Depositou o jarro de vinho aquecido na mesa de cabeceira para disfarçar o desconforto.

— Tudo o que aconteceu lá foi um crime — disse Jonathan.

— Mas nada de que tenha sido o responsável — insistiu Rachel Weekes.

— Então, esta história não faz com que me despreze? — disse ele.

Rachel fitou-o com firmeza.

— Nada o poderia fazer — disse ela.

Starling viu quão facilmente as suas mãos permaneceram enlaçadas; como não ficaram embaraçados. O facto de se tocarem pareceu, de imediato, casual e essencial a ambos, e Starling era excluída. Os seus sentimentos erguiam uma barreira diante dela, tal como os sentimentos entre Alice e Jonathan tinham feito, anos antes. Ela era impotente para fazer qualquer coisa que fosse em relação a isso; sentiu-se diminuir, tornar-se menos substancial por causa disso. Poderia apenas olhar e tentar encontrar uma voz com que pudesse chegar até eles.

— O que vai fazer agora, Sra. Weekes? — disse ela, e ficou surpreendida por ouvir como a sua voz lhe pareceu dura. Rachel Weekes alternou o olhar entre Jonathan e Starling, e foi a sua vez de se mostrar confusa.

— Tenho… tenho de enterrar o meu marido, e o meu sogro. Tenho de vender o negócio, ou encontrar quem trate dele. Tenho… — Franziu o cenho, soltando a mão de Jonathan e alisando as saias no colo. — Tenho de encontrar uma situação, suponho — concluiu ela, depois olhou para Jonathan e no seu rosto havia perguntas. *Ela duvida dele, mas ousa ter esperança.*

— Sra. Weekes, tem algumas tarefas onerosas pela frente. Se eu a puder ajudar, de algum modo, em qualquer delas, tem de me dizer,

por favor — disse Jonathan. Rachel Weekes não disse nada, mas fez um pequeníssimo aceno de assentimento. — Planeio deixar Bath —

continuou Jonathan. — Já fiquei aqui demasiado tempo. Esta casa tem sido a minha prisão e ficarei livre dela. Deixarei que a minha mãe aqui fique, e reflita em tudo o que aconteceu. Poderia ir… poderia ir para a casa de Box. Há lá inquilinos, mas podem ser previamente avisados… —

Aqui, Jonathan interrompeu-se e olhou para Starling. — E daí, talvez não. Talvez aquele sítio tenha tantas más recordações como este —

murmurou ele. — Posso mesmo vendê-lo. Há imensos outros lugares para onde poderia ir.

— Acho que uma mudança de situação e de ambiente seria muito vantajosa para a continuação da sua recuperação, Sr. Alleyn — disse Rachel Weekes, numa voz constrangida, que tremia ligeiramente. Ele estudou-a por um instante, perplexo.

— Mas, Sra. Weekes… Rachel — disse ele. — Não irei para lado nenhum a menos que me acompanhe. — Por uma fração de segundo, Rachel não reagiu, depois um sorriso abriu-lhe o rosto como se fosse o

nascer do Sol.

A garganta de Starling apertou-se-lhe, doeu-lhe, enquanto observava esta troca, e ela sentiu-se deslizar para longe deles, solitariamente. Os olhos ardiam-lhe e virou-se, dirigindo-se aos tropeções, cegamente, para a porta e para o corredor, onde a Sra. Alleyn esperava — outra pessoa invisível, outro resto indesejado do passado, sem lugar no agora.

— Starling, espera! — A voz que a chamava de volta era a de Rachel Weekes. Starling girou desastradamente sobre os pés.

— O que vais fazer? — perguntou Rachel.

— Não sei — retorquiu Starling. — Não interessa.

— Certamente que não é tua intenção servir a Sra. Alleyn daqui por diante?

— Não, não vou servi-la.

— Então… virás connosco em vez disso? — *Connosco. Já se transformaram em "nós".* Mas eram ainda uma entidade demasiado nova; era demasiado cedo, e a Sra. Weekes pareceu debater-se depois de usar a palavra. — Isto é, virás comigo? — corrigiu-se ela. Starling fitou-a com a expressão mais dura que conseguiu encontrar; um olhar penetrante e o mais carregado possível.

— Sem dúvida que precisarão de uma criada. Embora eu me possa revelar talvez muito cara — disse ela. Rachel Weekes pestanejou, mostrando-se magoada.

— Não, eu… na verdade, não tenho muita necessidade de uma criada — disse ela. — Mas tenho muita necessidade de uma amiga. —

As duas olharam-se mutuamente, e, depois, Rachel Weekes sorriu; uma expressão fugaz, breve. *Ela não sabe se eu a aceitarei ou a desprezarei.*

Ela dá-me esse poder. Starling engoliu em seco. *Não pode substituir Alice.* Ela quis dizê-lo em voz alta, mas não foi capaz de o fazer. Como seria ela capaz, se esta criatura alta e pálida lutara a seu lado por Alice, como se a tivesse conhecido, como se também ela a tivesse amado? O

rosto de Starling estava paralisado; tinha medo de que, se mexesse um músculo, tudo se precipitasse para fora do seu controlo. — Virás, então?

Virás comigo?

— Irei — disse ela.

2 Expressão de escárnio para indicar aleijados ou coxos, de que Santo Egídio (em inglês St. Giles) é o padroeiro. [N. do T.]

1807

Depois da feira em Corsham, Jonathan deixou-as do lado de Batheaston na ponte do moleiro, segurando a mão de Alice enquanto a ajudava a descer. Depois sacudiu levemente as rédeas e Starling e Alice viram-no desvanecer-se no crepúsculo; a névoa do final do dia envolvendo-o suavemente, e abafando o toque metálico dos cascos do pónei. Alice pôs o braço em volta dos ombros de Starling e partiram em direção a casa com uma branda sensação de fadiga e de contentamento por um dia perfeitamente passado. O calor do Sol era relembrado nas pedras da ponte; Starling colocou a mão no parapeito e sentiu-o. O rio era baixo e indolente, fluindo sonolentamente entre as suas margens e reluzindo brandamente com a luz emprestada pela gorda e ameaçadora Lua que ascendera no céu.

Alice estava ainda a trautear a melodia que a miúda irlandesa cantara na feira, e Starling acompanhou-a.

— Como é que continuava? — disse Alice, sorrindo.

— *Depois ela pôs-se a caminho de casa, e uma única estrela estava acordada, enquanto o cisne deslizava à noite sobre o lago* — cantou Starling. — Só que isto é um rio, não um lago, e não consigo ver nenhum cisne.

— Acho que não precisamos de levar tudo tão à letra. — Alice riu-se.

— Não, mas teria sido perfeito se houvesse cisnes no rio, neste preciso momento.

— A tua voz é tão adorável quando cantas, irmãzinha. Mais adorável do que a de um estorninho verdadeiro. — Starling ficou radiante com o elogio. Inclinou o rosto para o céu azul enegrecido.

— Hoje há mais do que uma estrela no céu. Conto… sete, não, oito

— disse ela.

— Canta mais um pouco.

— *Colocou uma mão em cima de mim, e isto foi o que ela disse: não tardará muito, amor, até ao dia do nosso casamento…*

— Senti como se ela estivesse a cantar só para mim, quando ouvi esta canção hoje — disse Alice, com ar sonhador. — Senti que ela estava a cantar só para Jonathan e para mim. Viste como ele corou?

— Sim, mas não diga isso… a rapariga da canção morreu, lembra-se?

— Oh, estás a levar tudo à letra outra vez! Bem, talvez não essa parte. Mas o primeiro verso, e o refrão. — Alice suspirou, e depois abriu muito os braços, rindo-se de novo. Virou-se para Starling, agarrando-lhe as duas mãos e fazendo-a rodopiar até estarem ambas tontas e perdidas de riso. — Ele ama-me muito, não ama? — perguntou ela, sem fôlego.

— Sabe que sim — disse Starling, embaraçada. Alice ficou mais calma, com o rosto mais suavizado, mas ainda enfeitado de sorrisos.

— «Se tivesse de morrer agora, agora era o momento de ser mais feliz…» Oh, sinto-me na mesma situação de Othelo, Starling! Estou tão feliz que poderia morrer — disse ela. — Talvez, então, todas as palavras da canção fossem para mim, afinal.

Starling continuou de novo a caminhar, puxando Alice pela mão.

Não conseguia situar o aviso que sentiu naquele momento. Olhou para trás, por cima do ombro, mas não havia mais ninguém na ponte; ninguém, no caminho à frente delas.

— Talvez cante a canção a Bridget, quando ela chegar a casa —

disse ela.

— Tens de cantar, queridinha. Sabes como ela adora ouvir-te cantar, mesmo que não o diga. Só não te esqueças de dizer que a ouviste a um pedinte da aldeia.

— Direi que a ouvi a Dan Smithers, o barqueiro. Ele está sempre a gorjear canções antigas.

— Boa ideia. — As suas vozes fizeram um pássaro bater as asas, na folhagem por cima das suas cabeças. — Sabes, Starling, quando eu casar com Jonathan, ele vai ser teu irmão.

— Vai?

— Claro. Tu és minha irmã, por isso ele será teu irmão. Sabes o que isso significa? — Alice baixou os olhos para Starling, balançando o braço ao ritmo das suas langorosas passadas. — Significa que nada te acontecerá de mal, nunca. Significa que serás sempre protegida e mantida em segurança.

— Mas tê-la como irmã já significa isso, não é?

— Quem me dera que sim, queridinha. — Alice virou a cara para a Lua; banhada na sua luz, ficou em tons de cinza e prata. — Mas as mulheres sozinhas nunca estão a salvo. Não verdadeiramente a salvo.

São os homens que nos governam que decidem tudo.

— Então, não estamos seguras em Bathampton? A Alice, eu e Bridget? — Starling ficou perturbada com aquela novidade.

— Estamos seguras. Mas apenas por causa do Lorde Faukes, e das suas boas graças. Estás a ver? Mas quando me casar com Jonathan, ele vai ser a nossa *família*. E essa é a coisa mais segura de todas — disse Alice. Starling pensou nisto por um momento.

— Ter um irmão como ele seria uma coisa boa — decidiu ela. —

Quando se vai casar com ele?

Alice gargalhou baixinho.

— O mais cedo que puder.

Um cão ladrou na distância, e elas ouviram o ruído do trinco de um portão a fechar-se. Alice suspirou.

— Assim que ele for livre, e já possa não ser segredo, e em vez disso ser celebrado. As pessoas como ele são raras, creio eu; pessoas em quem a bondade corre nas veias. Pessoas assim deveriam ser acarinhadas

— disse ela. Starling sentiu-se um pouco culpada ao ouvi-la fazer estas considerações.

— *Eu não* sou assim — confessou ela, sombriamente.

— Nem eu. Mas nós, que não somos, podemos sempre esforçarmo-nos para ser. E tu e eu podemo-nos acarinhar uma à outra, independentemente disso, não podemos? — disse Alice pondo de novo um braço em volta dos ombros de Starling. Chegaram à estalagem O

George e viraram ao longo do trilho dos rebocadores para as levar até à quinta. Quanto mais Starling pensava sobre aquilo, mais o desejava.

Imaginava a vida depois de Alice se casar, e ela parecia-lhe um vasto espaço aberto, no qual havia liberdade, e paz, e não havia

mais alarmes nem avisos no fundo da sua nuca. Um lugar cheio dos sorrisos de Alice, e do riso agradável de Jonathan.

— Vou gostar muito de ter o Sr. Alleyn como meu irmão — disse ela, baixinho, enquanto continuavam a caminho de casa através da noite cálida e pouco apressada.

1822

Em fevereiro, os três estavam prontos para deixar Bath. O tempo ficara mais ameno, embora o ar fosse ainda gélido; o sol era mais abundante, mais suave, parecia finalmente conter a promessa de uma primavera não muito longínqua. Com a mobília da casa de Abbeygate Street vendida, Rachel viu o seu baú ser carregado numa carroça que rangia e chocalhava pelo caminho, apenas cinco meses após ter chegado. *Mas como parece ter sido mais tempo. Uma vida inteira.* A carroça iria adiante deles para a nova casa, perto de Shaftesbury, uma cidade mercantil aconchegada nas colinas ondulantes e arborizadas de Dorset. Levara tempo para encontrar uma casa para arrendar, e para Rachel arrumar os negócios do marido. Pouco restara para vender, uma vez que a parte principal tinha sido dada em troca das dívidas de Richard, contraídas aqui e ali por toda a cidade. Em estalagens e salões de jogo; no alfaiate; com o senhorio. O remanescente do seu armazém e os livros de contabilidade foram vendidos a um rival. Duncan e Richard Weekes foram sepultados lado a lado no pequeno e húmido cemitério, na orla sul da cidade. Rachel tinha lá ido algumas vezes ao longo do inverno, dizer uma oração e depositar flores nas campas. *Viria eu pelo filho se o pai não estivesse sepultado ao lado dele?* Talvez fosse, decidiu ela, impelida pelo coração culpado de uma esposa que não chorava, se mais razão não houvesse.

Assim que a carroça desapareceu de vista, Rachel subiu à cozinha com sala anexa e pôs-se à escuta por um momento. Através das paredes e dos tetos chegavam os habituais sons abafados de vozes e passos, arranhadelas e baques, fragmentos de canções. As portadas estavam fechadas, mas um feixe de luz do Sol infiltrou-se entre elas e recortou-se ao longo do chão. Rachel deixou-se ficar

sob a luz e sentiu o seu fraco calor. *Em breve não existirá nada aqui de nenhum dos dois, a não ser o pó que deixamos.* Estava contente por partir, mal podia esperar para ir; e, porém, sentiu a necessidade de notar o momento, e não o deixar passar despercebido. Fechou os olhos e imaginou como tudo teria sido diferente se ela não se parecesse, por puro acaso, com Alice Beckwith. *Teria ficado em Hartford, solteira durante toda a minha vida. Ou teria vivido aqui, casada com um homem tornado miserável pela sua própria culpa e pelos seus fracassos. E ele ter-me-ia espancado por isso, e ter-nos-ia arruinado com dívidas. Nunca teria conhecido Jonathan, nem Starling.*

Nem a felicidade. E a cidade de Bath continuaria como sempre acontecera, e os problemas e o riso das vidas que ali viviam continuariam a coar-se pelas paredes, e ela não faria parte de nada disso, a partir deste dia. O salto das suas botas ecoou sonoramente nas tábuas do soalho quando, por fim, deixou a casa, trancando-a e entregando a chave ao empregado do senhorio.

No número um de Lansdown Crescent, a carruagem estava à espera na alameda lateral, e Falmouth supervisionava um par de rapazes que carregavam e arrumavam uma quantidade de caixas e baús.

— Eu levo essa lá dentro comigo — disse Starling a Falmouth quando Rachel se aproximou. — Oh, deixa estar. Ponho-a eu — disse ela entre dentes, arrancando o seu saco de aparência pouco elegante das mãos do frígido mordomo e subindo para a carruagem.

— Devias deixá-los fazerem isso, Starling. Deixaste de ser criada

— disse Rachel, sorrindo. Starling revirou os olhos.

— Sou como sempre fui: a meio caminho entre a sarjeta e a fidalguia, e sem pertencer a nenhuma delas — disse ela, descendo de novo e pondo as mãos nas ancas. Trajava o vestido normal das criadas, mas o avental de trabalho que normalmente o cobria tinha desaparecido.

Os seus cabelos acobreados estavam escondidos sob o único chapéu bom que possuía, um chapéu de palha com uma fita lilás que tinha sido previamente guardado para ir à igreja. — As suas coisas já foram adiante? — disse ela.

— Foram. E o Sr. Alleyn?

— Algures por aí. — Enquanto Starling falava, Jonathan apareceu à porta, semicerrando os olhos contra a luz. O golpe da cabeça, da queda no terreno comum, era uma esbatida linha vermelha. *Uma lembrança que sempre terei de quão errado é possível estar-se.*

— Sra. Weekes — disse ele, descendo os degraus com todo o cuidado. A sua perna aleijada fortalecera-se à medida que ele a usava mais, mas as escadas eram ainda perigosas. Agarrava os corrimãos firmemente, mas recusava-se a usar bengala. Não sorria; tinha ainda olheiras, e estava tão pálido como sempre. *Venha o verão e isso mudará.*

— Sr. Alleyn, está bem?

— Sofrivelmente. — Pegou-lhe na mão e beijou-lha.

— Não dormiu — disse ela.

— Não. Mas esta noite dormirei, acho eu. Num quarto estranho e inocente. — Sorriu brevemente; manteve a mão dela na sua. — Está

preparada, minha cara Sra. Weekes? — disse ele em voz baixa.

— Estou sim. Fui ver o Capitão e a Sra. Sutton, para me despedir.

— Ao ouvir a menção, o rosto de Jonathan adensou-se. Rachel apertou-lhe o braço. — Disse-lhes que lhes escreveríamos em breve. E eu… eu queria falar com a sua mãe, se pudesse. Apenas uma palavra de adeus.

— Não encontrará uma pessoa amável.

— Não. Não espero encontrar.

Rachel encontrou Josephine Alleyn na grande sala da frente, no exato lugar onde estivera quando Rachel a viu pela primeira vez — de pé, à janela, junto da agora vazia gaiola do canário. *Por que razão não a tira, ou arranja outro pássaro?* Usava um vestido austero, azul-escuro, de mangas compridas e um decote alto que lhe subia até ao pescoço; sombriamente enfaixada para mostrar o seu descontentamento.

— Sra. Alleyn — disse Rachel, determinada a não se deixar intimidar pela sua atitude, ou pelo frio que ela irradiava.

— Oh, deixe-me em paz, não consegue? Assumo que veio regozijar-se. — A senhora de idade manteve-se virada para a janela, como se estivesse determinada a voltar as costas a tudo o que se passasse nesse dia.

— Não, minha senhora.

— Não? E quanto tempo esteve o seu marido debaixo da terra antes de ficar comprometida com o meu filho? — Falou brutalmente.

— Escassas semanas, é verdade — disse Rachel, num tom normal.

— Mas creio que não preciso de lhe responder a isso, a si que manteve Richard Weekes subjugado durante toda a vida dele. — A isto, Josephine virou-se por fim, com um sorriso gélido.

— Sim. Era eu que possuía o coração dele, não a senhora. Nunca foi seu.

— Que lhe faça bom proveito, minha senhora. — Rachel ouviu a voz tremer-lhe; respirou lentamente para se acalmar. — A recordação disso, de qualquer modo.

— O que *quer*, Sra. Weekes? Não fez já que chegue? Roubou-me o filho, isso não é suficiente?

— Não consegue ficar feliz por ele desejar continuar a viver? Por ter começado a esquecer a sua dor e ter agora uma hipótese de ser feliz?

— Nunca ficarei feliz por estar separada dele. Se isso é tudo o que veio aqui dizer, então deixe-me em paz e ponha-se a andar. Deixa-me infinitamente contente saber que nunca mais verei a sua cara outra vez.

Essa cara.

— Rezo para que fique — disse Rachel em voz baixa, e Josephine franziu os sobrolhos. — O que vim dizer é isto: conheço o sofrimento que é perder a família. Conheço a solidão de se crer separado dela para sempre. Sei como a senhor deve agora… sofrer.

— E deleita-se com isso? — sussurrou Josephine, tremendo de emoção apesar de tudo.

— Não. Jonathan… o seu filho também sabe o que é perda e sofrimento. A senhora disse-me que ele não tinha forças para os ultrapassar, e por isso é que não se curava, mas estava errada. Ele só precisava de alguma forma de assentar tudo, e romper com isso. Ele sempre se irá recordar, mas a sua angústia consumir-se-á a si própria.

Creio que, no final, ele perdoar-lhe-á; e eu farei o possível por interceder a seu favor. Tentarei recordá-lo de quanto sofreu e de quanto continua a sofrer.

Por muito tempo, Josephine apenas a olhou fixamente. Uma tremura perpassou por ela, um arrepio de dor, ou de asco, Rachel não saberia dizer.

— Deixe-me em paz — sussurrou Josephine.

— Levará tempo… ele precisa de tempo. Mas não me esquecerei, prometo-lhe. A família é uma coisa demasiado preciosa para se pôr

de lado.

— Quem me dera que nunca tivesse vindo aqui. Quem me dera que aquela miserável Starling nunca me tivesse convencido a deixá-la entrar aqui! — disse Josephine como quem cospe.

— Mas convenceu, e agora tudo pode andar para a frente. Espero…

espero que um dia a sua raiva também se consuma a si mesma, Sra.

Alleyn. Ou arrisca-se a que ela a consuma por completo. Eu… eu escrever-lhe-ei, se o desejar.

— Sra. Weekes, nunca, nem uma única vez, obtive qualquer das coisas que desejei. — Com isto, Josephine virou-se de novo para a janela, os ombros rígidos encimando-lhe as costas muito direitas, envolta nas suas vestes tingidas de escuridão. Era uma silhueta contra a luz do Sol; uma figura imóvel, como o desenho de uma mulher, completamente vazio por dentro.

— Adeus, Sra. Alleyn — murmurou Rachel, baixando-se numa cortesia que ninguém viu.

Lá fora, Jonathan estendeu uma mão para ela subir para a

carruagem. Franziu o sobrolho perante a expressão séria dela, mas não perguntou o que se tinha passado entre a sua noiva e a sua mãe. Starling, no interior da carruagem, estava empoleirada na beira do banco de couro, parecendo desesperadamente desconfortável, como se não devesse estar ali, de todo. Quando Sol Bradbury apareceu nas escadas de serviço, praguejou e desceu novamente, correndo para a cozinheira e abraçando-a. Assim que regressou e se sentou, o cocheiro incitou os cavalos e Starling virou-se para olhar para a casa, rodando a cabeça do lado de fora da janela. Jonathan não olhou para trás, e Rachel também não. Ele agarrou-lhe a mão com tanta força que era quase desconfortável, e manteve

os olhos virados para diante. Rachel sentiu o doloroso escrutínio de Josephine como uma sombra fria por trás deles.

— Temos de parar em Bathampton — disse Starling, quando Lansdown Crescent ficou para trás. — Tenho de ver Bridget.

A carruagem esperou ao lado da estrada de Batheaston. Jonathan e Rachel ficaram na ponte do moleiro, encostados ao parapeito; olhando para oeste, ao longo da corrente do rio. A luz do Sol sobre a água era ofuscante, o céu brilhava demasiado para distinguir o recorte de Bath.

Abaixo, ao longo da margem do rio, a árvore dos amantes erguia-se onde sempre estivera; um pouco mais velha, um pouco mais nodosa. Arrastava os seus longos dedos pela água, e não sentia o frio. Rachel imaginara-a como uma árvore mais graciosa, e mais distante da estrada, fora da vista de quem passava. Talvez nalgum pequeno vale secreto, algures. Enlaçou o braço no de Jonathan, e esperou que fosse ele a falar.

— Risquei as nossas iniciais. Quem me dera que não o tivesse feito

— disse ele, protegendo os olhos com uma mão. — Agora lembro-me disso.

— As vossas iniciais?

— As minhas e as de Alice. Um A e um J. Gravámo-las quando tínhamos dez anos de idade; custosamente, devo acrescentar. Levei horas a fazê-lo. Quando encontrei a mensagem lá, depois de ela ter desaparecido… peguei na minha faca e, no momento, destruí o entalhe.

— A mensagem de Richard Weekes, deve ter sido — disse Rachel suavemente. Jonathan fitou-a.

— Ficaria perturbada se a visse?

— Tem-na? Pensei que a tinha perdido.

— E perdi. Encontrei-a quando esvaziei os meus aposentos. Tinha caído através de uma fenda numa das gavetas da minha secretária, e

ficou presa debaixo dela todo este tempo. — Passou-lha; um pequeno quadrado de papel, amarelecido pelo tempo. Ela reconheceu a caligrafia de imediato, e pensou nas cartas que Richard lhe escrevera quando namoravam, todas elas cheias de amor e de promessas. Aquelas letras intrincadas, laboriosamente desenhadas em separado. Ela tinha-as queimado todas, num maço e sem emoção, quando empacotara os seus próprios parcos pertences. — É a letra dele? — perguntou Jonathan.

— Sim — assentiu Rachel. — Claro que é. — Ele voltou a pegar na mensagem e baixou os olhos sobre ela, franzindo a testa; ela esvoaçavalhe entre os dedos.

— Um dia, apenas — disse ele, suavemente. — Ela foi encontrar-se com ele pela última vez na manhã anterior ao meu regresso. Perdi-a apenas por um dia.

Leu a mensagem uma vez mais e depois deixou que a brisa a levasse. O papel desvaneceu-se na luz do Sol; vislumbraram-na mais adiante na corrente do rio — um fragmento amarelo, precipitando-se para longe. A brisa fazia chocalhar as árvores invernais ao lado da ponte; o rio deslizava com um ruído tranquilo. Por trás deles as portas da eclusa estavam fechadas, o curso seco, e a azenha imóvel e silenciosa.

— Amor, os seus olhos estão tristes. Diga-me em que está a pensar

— disse Jonathan. — Lamenta deixar Bath para trás?

— Não. Como poderia lamentar? — Rachel sorriu, apertando o seu braço em volta do dele. — Estava de novo a pensar, como já tinha

feito antes, como é estranho que Deus me tenha dado esta cara. Deu-o a Abi e a mim, e também a Alice.

— Mas não é o mesmo rosto. Semelhante, mas não o mesmo.

Quando a vi pela primeira vez, vi Alice, mas nessa altura estava louco e carcomido. Vi o que queria ver. Agora, quando olho para si, vejo apenas a Rachel. — Estendeu a mão, e passou levemente o polegar pela face dela. — É esta mulher que eu amo, e ela é muito diferente da rapariga que amei antes. E, além disso, gosto de pensar que foi o destino.

— O destino?

— Esse rosto foi a razão única pela qual nos conhecemos, não pode ter sido por acaso. Não pode, se é a única pessoa que me poderia fazer…

que me poderia ajudar a ser inteiro outra vez.

— Gosto da ideia. — Rachel sorriu, ironicamente. — Nesse caso, o meu primeiro casamento não foi uma catástrofe, mas um meio de atingir um fim melhor — disse ela. Jonathan fez uma careta.

— Não falemos disso. Não falemos dele — disse ele.

— Muito bem — anuiu Rachel. — Nunca mais, a partir de hoje. —

Olhou intensamente para a água reluzente, até a corrente a entontecer. —

Todos nós, os três, perdemos uma irmã neste rio — murmurou ela.

— O quê?

— O Jonathan, eu e Starling. Este rio levou Alice e Abi, e fê-las desaparecer sem deixar rasto; porém, cuspiu de volta Richard Weekes horas depois de ter entrado nele. Talvez o rio tenha um espírito que apenas acolhe os que têm bom coração, e rejeita os

outros. — Viu o rosto de Jonathan carregar-se, como sempre acontecia quando se mencionava a sua relação de sangue com Alice, ou quando Richard Weekes era referido. — Perdoe-me — apressou-se ela a dizer. — Pensei em voz alta, e deveria vigiar melhor as minhas palavras.

— Não, nunca faça isso — disse Jonathan. — Nunca vigie as suas palavras, prometa-me. Já tive disso que chegue na minha vida. Diga sempre o que pensa, e o que sente, e eu farei o mesmo. Mesmo que pense que gostaria mais de não o ouvir. Prometa-me.

— Muito bem. Prometo — disse Rachel. Olhou para a expressão séria de Jonathan; viu os cuidados que ainda o sobrecarregavam. — O

meu coração tem estado meio morto desde que a minha família morreu.

Durante anos, essa parte de mim esteve adormecida… mas o Jonathan acordou-a — murmurou ela. Pousou as pontas dos dedos sobre a boca dele e sentiu a respiração suspender-se; ele afastou-lhe a mão e beijou-lhe os lábios. Um beijo suave e silencioso que fez o céu abrir-se e o chão afundar-se; que fez com que o mundo ficasse mais distante, porque apenas era possível reconhecer o júbilo que ele causava. Quando se separaram, não foi para se afastarem. Jonathan curvou a mão em volta da parte de trás do pescoço de Rachel e encostou a sua testa à dela, com os olhos fechados, sereno.

Quando ouviu passos, Rachel levantou os olhos, com relutância.

— Olhe, ali vem ela — disse. Starling aproximava-se, apressando-se ao longo do caminho que vinha de Bathampton, trazendo o chapéu na mão, com as fitas lilases arrastadas atrás de si. O Sol brilhava nos seus cabelos vermelhos, fazendo-a semicerrar os olhos. Subitamente, pela primeira vez, Rachel via quão jovem ela ainda era. Sem a sua raiva, parecia menos resoluta, mais hesitante e ansiosa. O seu acanhamento em relação a Jonathan raiava a

vergonha. *Ela sabia como agir quando o podia odiar. Agora, não sabe.*

— Viste-a? Estava bem? — perguntou-lhe Rachel. Starling assentiu com um aceno e foi postar-se ao lado de Rachel, debruçando-se sobre o parapeito da ponte.

— Sim. Ela… chorou quando lhe contei o destino de Alice, mas também me agradeceu. Por lhe ter dito a verdade, de uma vez por todas.

Ela pediu até… desculpa. Por não acreditar em mim durante todos estes anos, quando eu dizia que Alice fora assassinada. — Starling lançou um olhar culpado a Jonathan.

— Achas que ela ficará bem? — disse Rachel.

— Vai sofrer, claro. A sua saúde não melhorou, mas a primavera está a chegar. Disse-lhe que lhe enviaria notícias quando chegássemos; disse-lhe que lhe enviaria dinheiro.

— Ela não deseja ir connosco para Dorsetshire? Algum alojamento se haveria de encontrar, tenho a certeza… — disse Jonathan, mas Starling abanou a cabeça.

— Diz que está demasiado velha para viagens. A sua casa é Bathampton. Ela… — Starling interrompeu-se, franzindo o sobrolho e examinando o trabalho de cantaria. Raspou uma tira de líquen de uma fenda com a unha, pelo que Rachel ficou a saber que ela não gostava do que tinha para dizer a seguir. — Foi Bridget que tirou as cartas de Alice.

A caixa de pau-rosa… Às ordens de Faukes, depois de eu me ter descaído com ele ao dizer que o senhor e Alice se escreviam. Ela tirou a caixa e deu-lha, pouco depois de Alice ter desaparecido. Ele não lhe deu qualquer razão para querer as cartas. Suponho que queriam destruir todas as provas do laço entre eles. Entre o senhor e Alice.

— Mas… ela sabia o tempo todo que tu andavas à procura delas! —

disse Rachel.

— Ela disse que teve medo de me dizer — disse Starling, parecendo perplexa. Rachel sorriu-lhe.

— Sim. No lugar dela, acho que também teria tido medo de te dizer.

— Não sou assim tão feroz — disse Starling.

— És. — Rachel e Jonathan falaram quase em uníssono. Rachel pousou a mão no braço de Starling, como quem se desculpa. — Isto é, eras.

Por um momento observaram a água, cada um deles absorto nos seus próprios pensamentos. Depois, Starling perguntou, com hesitação:

— Sr. Alleyn, alguma vez Alice lhe contou alguma coisa acerca de onde eu vim? Eu perguntei-lhe muitas vezes se ela tinha descoberto

alguma coisa ou se alguém tinha vindo à minha procura, mas ela sempre negou. Achava, talvez, que se ela tivesse descoberto alguma coisa, não quisesse que eu soubesse…

— Não. — Jonathan abanou a cabeça. — Não, nunca contou. Tanto quanto eu sei, ela nunca tentou descobrir nada. Tinha demasiado medo de poder pôr a descoberto qualquer razão para ter de desistir de ti.

— Então nunca vou saber — disse Starling.

— Lamento muito, Starling — disse Rachel.

— Não, não lamente. Eu… sou bastante feliz não sabendo. Era uma coisa que Alice e eu costumávamos partilhar, o mistério não revelado das nossas origens. Olhem para o sofrimento que descobrir a sua lhe acarretou. Prefiro que a minha história tenha

começado quando ela me apanhou da lama, na quinta, nesse dia. Essa é a única história de que preciso; a única família.

— Há aí sabedoria — disse Jonathan.

— E vejam… vejam o que a Bridget me deu. — Starling pegou num pequeno livro com lombada de pano. — Um dos livros de poesia de Alice, um que ela lia com frequência. Bridget escondeu-o quando fomos mandadas embora e a casa foi esvaziada. Ela também quis uma lembrança. Quando me contou acerca das cartas de Alice, e eu disse que tinha desejado muito ter alguma coisa dela… Sentiu-se mal acerca disso e deu-me este livro. — Passou-o para as mãos de Rachel, com a devida vénia. — Veja o outro lado da capa.

— *Este livro pertence a Alice Beckwith, e é o seu preferido — peço, por favor, que não o deixes à chuva, Starling* — leu Rachel, sorrindo. A caligrafia era pequena e precisa, inclinada com elegância para diante.

— Fiz isso mesmo com um outro livro dela, um romance com que ela me estivera a ensinar a ler. Ficou bastante estragado — disse Starling.

— Ora bem, aí tens uma espécie de carta dela, e logo uma que te é endereçada.

— E isto prova que ela viveu. Isto significa que nunca pode ser esquecida.

— Nunca o teria sido — disse Jonathan tranquilamente. — Então, nesse caso, posso deixar ir esta. Não se importam? — Tirou a última carta de Alice do bolso do casaco. — Eu… não quero guardá-la. As últimas palavras que me dirigiu não deveriam ser palavras de tanta tristeza e sofrimento. — Starling olhou desvairadamente para a carta por um instante, mas depois abanou a cabeça.

— Tem razão. Não deverá ser guardada para nos recordar — disse ela. Por um momento, Jonathan alisou o papel entre a ponta dos

dedos, como se para se lembrar da sensação. Depois largou-o para a água, sem mais palavras. Ficaram a vê-lo a rodopiar para longe, em silêncio.

Quando desapareceu da vista, Starling suspendeu os braços sobre o parapeito e olhou para baixo, para a árvore dos amantes. Jonathan e Rachel tinham-se já despedido do local, por isso esperaram que ela desse mostras de que estava pronta; e não a apressaram. Não precisaram de o dizer, mas tacitamente sabiam que nunca regressariam àquele sítio; que ele devia permanecer no passado, e não assombrar o futuro. Por isso esperaram, e a brisa fez esvoaçar as fitas lilases de Starling, e as madeixas vermelhas do seu cabelo; e nos cimos distantes das árvores, as gralhas tagarelavam e resmungavam umas com as outras. Depois, com um sibilante movimento do ar, um par de cisnes voou baixo, sob a ponte, e deslizaram para a água, projetando ondas deslumbrantes com as patas.

Estavam incandescentes com a luz. Calmamente, as aves arrecadaram as asas, curvaram o pescoço e deslocaram-se para a corrente mais suave junto à margem. Starling produziu uma exclamação e observou-os com muita atenção; depois virou-se para Rachel e Jonathan, sorrindo sem reservas.

— Vamos, não nos demoremos mais aqui — disse ela. Jonathan assentiu; afastaram-se em direção ao local onde a carruagem aguardava e não olharam para trás.

Agradecimentos

Como sempre, o meu profundo agradecimento a toda a equipa da Orion, por toda a sua perícia, apoio e trabalho duro; e especialmente a Eleanor Dryden e Genevieve Pegg pelo tratamento entusiástico, perspicaz e exigente do manuscrito.

Muito e muito obrigada à minha agente Nicola Barr por ser tão talentosa, hábil e paciente.

Um grande obrigada aos meus amigos e familiares, que estão sempre atrás de mim durante o tempo todo, distribuindo livros e apenas me fazendo chegar os comentários bons; e, desta vez, especialmente a Sarah Green, pelo seu entusiasmo contagiante em relação a Bath e pelos seus passeios guiados — mesmo com aquele joelho.



Biografia

KATHERINE WEBB cresceu numa zona rural em Hampshire, Inglaterra.

Residiu em Londres e em Veneza, e atualmente em Berskhire, Inglaterra.

Já trabalhou como empregada de café, *au-pair*, assistente pessoal, ceramista, encadernadora, bibliotecária e governanta de uma mansão, sendo que agora dedica os seus dias à escrita.

Mais informações em

.

.

Document Outline

- Epígrafe
- 1803
- 1821
- 1803
- 1821
- 1803
- 1821
- 1805
- 1821
- 1807
- 1821
- 1808
- 1821
- 1808
- 1821
- 1808
- 1821
- 1807
- 1822
- Agradecimentos
- Biografia